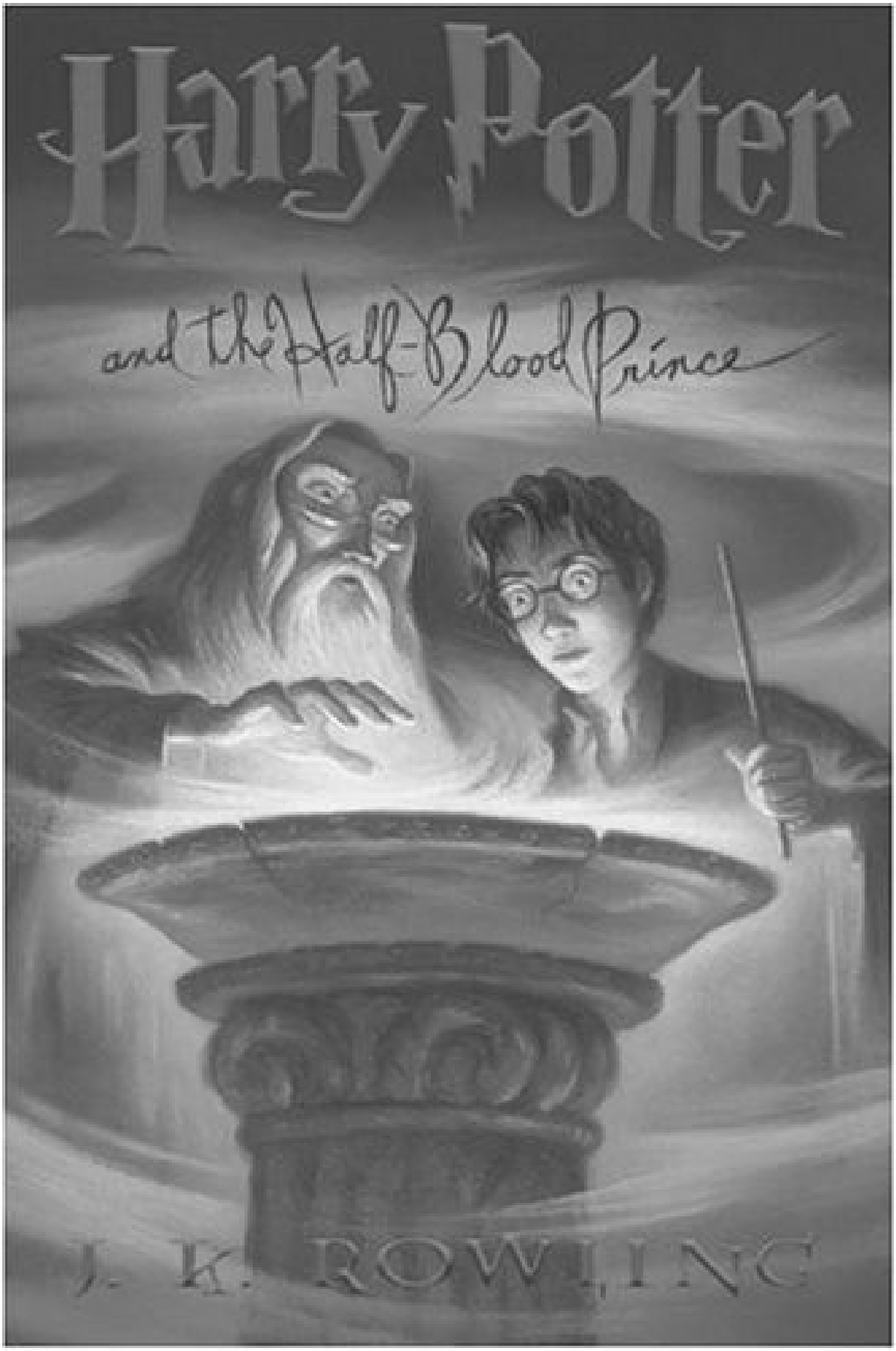


**[*] Traduzido pelo pessoal da “Travessa do Tranco”**

**[*] Revisto e corrigido por M°1$3$ T°n3ll1**

**E-mail para contato: moises.tonelli@gmail.com**

# ===== INDÍCE =====

**Capítulo 1** - O Outro Ministro....2

**Capítulo 2** - Spinner's End....6

**Capítulo 3** - Vai ou Não Vai?....11

**Capítulo 4** - Horace Slughorn....16

**Capítulo 5** - Um Excesso De Muco....22

**Capítulo 6** - O Desvio de Draco....28

**Capítulo 7** - O Clube do Slug....35

**Capítulo 8** - Snape Vitorioso....42

**Capítulo 9** - O Príncipe Mestiço....46

**Capítulo 10** - A Casa De Conta....52

**Capítulo 11** - A Hermione Está Ajudando....58

**Capítulo 12** - Silver & Opals....63

**Capítulo 13** - O segredo de Riddle....69

**Capítulo 14** - Felix Felicis....75

**Capítulo 15** - O Voto Inquebrável....81

**Capítulo 16** - Um Natal Muito Gelado....87

**Capítulo 17** - A Lembrança Adulterada....93

**Capítulo 18** - Surpresas de Aniversário....100

**Capítulo 19** - Rabo do Elfo....106

**Capítulo 20** - O Pedido de Lord Voldemort....113

**Capítulo 21** - A Sala Desconhecida....119

**Capítulo 22** – Após o Enterro....125

**Capítulo 23** – Horcruxes....131

**Capítulo 24** – Sectumsempra....136

**Capítulo 25** - A Vidente Que Ouviu Secretamente....142

**Capítulo 26** – A Caverna....148

**Capítulo 27** – Um Raio é Lançado na Torre....154

**Capítulo 28** - O Vôo do Príncipe....159

**Capítulo 29** - O Lamento da Fênix....162

**Capítulo 30** – O Túmulo Branco....168

## ===== CAPÍTULO 1 =====
## *O OUTRO MINISTRO*

Era quase meia-noite e o Primeiro Ministro estava sentado sozinho em seu escritório, lendo um longo memorando que percorria seu cérebro sem deixar vestígios de qualquer significado. Ele esperava por uma ligação do Presidente de um país bem distante e, entre o pensamento de quando aquele homem desprezível ligaria e a tentativa de esquecer as memórias desagradáveis do que tinha sido uma longa, cansativa e difícil semana, não havia mais espaço algum em sua mente para qualquer outra coisa. Quanto mais ele tentava concentrar-se no texto da página em sua frente, mais claramente o Primeiro Ministro podia ver o rosto triunfante de um dos seus oponentes políticos. Esse oponente em particular havia aparecido nas notícias naquele dia, não apenas para enumerar todas as coisas terríveis que haviam acontecido na última semana (como se alguém precisasse ser lembrado), mas também para explicar que toda e qualquer uma delas era culpa do governo. O pulso do Primeiro Ministro acelerou-se diante de todas aquelas acusações, que não eram nem justas nem verdadeiras.

Como podia seu governo deter o derrubamento daquela ponte? Era ultrajante para qualquer um sugerir que eles não estavam investindo o suficiente em pontes. A ponte tinha pouco menos de dez anos, e nem os especialistas conseguiam explicar como ela havia se partido em dois, lançando uma dúzia de carros às profundezas aquosas do rio abaixo. E como alguém poderia ter a ousadia de insinuar que a falta de policiais que havia resultado naqueles dois sórdidos e afamados assassinos? Ou que o governo havia de alguma maneira previsto o furacão anormal no Oeste que havia causado danos tanto às pessoas quanto às propriedades? Era sua culpa se um dos seus Jovens Ministros, Herbert Chorley, havia escolhido essa semana para agir tão peculiarmente que ia estar passando muito mais tempo com sua família?

- Um terrível estado de espírito assolou o país -, o oponente havia concluído, mal ocultando sua larga expressão. E, infelizmente, isso era perfeitamente verdade. O Primeiro Ministro mesmo sentia isso; as pessoas realmente pareciam mais miseráveis que o normal. Até o tempo estava sombrio; toda essa fria neblina no meio de Julho... Isso não estava certo... Isso não era normal... Ele acabou a segunda página do memorando, viu o quão longe tinha ido e desistiu de uma vez desse mau trabalho feito. Alongando seus braços acima de sua cabeça, olhou em torno do seu escritório desapontado. Era uma bonita sala, com uma fina lareira de granito em frente às longas janelas uniformes, fechadas firmemente contra neblina fora de estação. Com um leve tremor, o Primeiro Ministro levantou-se e seguiu em direção à janela, observando a fina neblina pressionando-se contra o vidro. Permanecendo de pé de costas para a sala, ele ouviu uma fraca tosse atrás de si. Ele já a tinha ouvido antes. Ele se virou, bem lentamente, encontrando com a sala vazia.

- Olá? - ele tentou soar mais bravo do que se sentia.

Por um curto momento ele se permitiu apegar-se a uma impossível esperança de que ninguém pudesse responder. Entretanto, uma voz respondeu primeiro, rápida, a voz decisiva soou apesar de estar lendo um relato preparado. Estava vindo - como o Primeiro Ministro já tinha conhecimento desde a primeira tosse - o pequeno homem froglike (sapo) vestindo uma longa peruca prata a qual estava pintada em uma pequena e suja imagem a óleo na outra extremidade do quarto. "Para o Primeiro Ministro dos trouxas. É urgente nosso encontro. Por gentileza responda imediatamente. Sinceramente. Fudge." O homem na pintura olhou investigando o Primeiro Ministro.

- Er... - disse o Primeiro Ministro - escute... Essa não é uma boa hora para mim... Eu estou esperando um telefonema, você entende... Do presidente do...

- Isso terá que ser remarcado.- Disse o quadro de uma vez.

O coração do Primeiro Ministro parou. Ele estava apavorado com aquilo.

- Mas eu realmente estava de preferência esperando falar...

- Que tal arranjarmos que o Presidente esqueça de telefonar? Ele ligará amanhã à noite ao invés de hoje.- Disse o pequeno homem. - Gentilmente responda imediatamente para o Sr. Fudge.

- Eu... Ah... Muito bem.- Disse o Primeiro Ministro fragilmente. - Sim. Eu verei Fudge.

Ele apressou-se de volta a sua mesa arrumando-a e então sentou. Ele tinha apenas retomado a sua cadeira, e arrumado em sua face o que ele esperava uma relaxada expressão, quando brilhantes chamas verdes explodiram dentro da lareira vazia, abaixo de sua abóbada de granito. Ele assistiu, tentando não denunciar a centelha de surpresa ou alarme, então um distinto homem apareceu por entre as chamas girando tão rápido até o topo. Segundos depois, ele tinha escalado para fora em cima de um fino tapete antigo, escovando a cinza e longa manga listrada de sua capa, um cal e verde chapéu amassado em suas mãos.

- Ah... Primeiro Ministro...- disse Cornélio Fudge, caminhando,com a mão estendida à frente - É bom, vê-lo de novo.

O Primeiro Ministro não poderia honestamente escapar satisfeito para ver Fudge, que em suas ocasionais aparições, indica problemas, geralmente tenciona que ele estava ouvindo algumas más notícias. Além disso, Fudge estava lançando um olhar distintamente ansioso. Ele estava mais magro, mais calvo e grisalho e sua face tinha uma enrugada expressão. O Primeiro Ministro tinha visto aquele tipo de expressão em políticos antes, e nunca é um bom sinal.

- Como eu posso ajudá-lo?- Ele disse, apertando a mão de Fudge brevemente gesticulando em direção a mais difícil das cadeiras em frente à mesa.

- Difícil saber por onde começar.- Murmurou Fudge, arrastando a cadeira, sentando e depositando o chapéu em seus joelhos. - Que semana, que semana...

- Tive uma péssima semana também, e você?- Perguntou o Primeiro Ministro com rigor, esperando conduzir a conversa que ele já entendia por encerrada e apanhou um objeto na mesa já sem nenhuma expectativa de ajudar Fudge.

- Sim, é claro... - disse Fudge, esfregando seus olhos cansadamente e olhou de forma impertinente para o Primeiro Ministro. - Eu tenho tido a mesma semana que você teve, Primeiro Ministro. A ponte de Broakdale... Os assassinos Bonés e Vance... Sem mencionar a desordem em West Country...

- Você... Er... Seu... Eu quero dizer, alguns do seu pessoal estiveram... Estiveram envolvidas com estes... Estes acontecimentos, não é?

Fudge fitou o Primeiro Ministro com um especial carrancudo olhar.

- Claro que eles estiveram.- Ele disse. - Certamente, você percebeu o que vem acontecendo!

- Eu...- Hesitou o Primeiro Ministro. Isso era precisamente um tipo de comportamento que o fazia apreciar muito menos, as visitas de Fudge. Ele era, apesar de tudo, o Primeiro Ministro e não apreciava ser feito de ignorante, como um garoto de escola. Mas claro, ele estava apreciando isso desde sua primeira visita com Fudge, em sua primeira noite como Primeiro Ministro. Ele lembrou-se como se fosse ontem e sabia que isso o amedrontaria até seus últimos dias. Ele permaneceu em pé sozinho em seu escritório, saboreando o triunfo que era seu depois de tantos anos de sonho e planejamento, quando ele tinha ouvido a fraca tosse as suas costas, apenas como hoje à noite, e virou-se para encontrar aquele pequeno e feio retrato falando com ele, anunciando que o Ministro da Magia tinha chegado e estava sendo introduzido. Naturalmente, ele tinha pensado que a longa campanha e tensão que as eleições tinham causado nele o levariam a loucura. Ele estava aterrorizado para encontrar o retrato falando com ele, apesar de este não ter sido nada comparado em como ele tinha se sentido quando um auto-proclamado bruxo saltou da lareira e apertou sua mão. Ele ficou mudo durante a amigável explicação de Fudge de que havia bruxas e bruxos ainda morando em secretas partes do mundo, e seu ato seguro de que ele não estava incomodando sua cabeça sobre eles o Ministro da Magia se sentiu na responsabilidade sobre toda a comunidade mágica e prevenir a população não-mágica de não ter consciência deles. Isso era, Fudge disse, um trabalho difícil que engloba todos os regulamentos de responsabilidade no uso de vassouras para manter a população de dragões sob controle (o Primeiro Ministro lembrou de ter agarrado com força o suporte da mesa nesse ponto). Fudge então deu um tapinha no ombro do ainda abismado Primeiro Ministro de uma maneira paternal.

- Não se preocupe.- Ele tinha dito. - Há chances de você nunca me ver de novo. Eu apenas o incomodarei caso alguma coisa realmente séria aconteça, algo que posso afetar os Trouxas. A população não-mágica, eu deveria dizer. De qualquer forma, viva e deixe viver. E eu devo dizer, você está aceitando isso muito melhor que seu antecessor. Ele tentou me jogar para fora da janela, pensou que era trote planejado pela oposição.

Neste ponto, o Primeiro Ministro havia encontrado a voz que se perdera.

- Você... Você não é um trote, então?- Isso tinha sido sua última desesperada esperança.

- Não.- Disse Fudge gentilmente. - Não. Eu receio que eu não sou. Veja...- E ele transformou a xícara de chá do Primeiro Ministro em um rato.

- Mas.- disse o Primeiro Ministro ofegante, assistindo a sua xícara de chá roer a ponta de seu discurso. - Mas, por que... Por que ninguém me disse...?

- O Ministro da Magia apenas se revela para o Primeiro Ministro Trouxa do Dia.- Disse Fudge, guardando sua varinha de volta em sua jaqueta. - Nós achamos que é o melhor jeito de se manter o segredo.

- Mas, então...- Balbuciou o Primeiro Ministro. - Mas por que não tem uma preparação para o Primeiro Ministro prevenir a mim?

Então, nesse ponto, Fudge realmente riu.

- Meu querido Primeiro Ministro, você vai contar a alguém?

Ainda gargalhando, Fudge jogou um pouco de pó na lareira, encaminhando-se para dentro das chamas esmeraldas e desapareceu com um forte som de um sopro. O Primeiro Ministro pôs-se de pé, permanecendo completamente imóvel, e percebeu que ele nunca, não importava o quanto vivesse, ousaria mencionar esse encontro a nenhuma alma viva, pois quem em todo esse vasto planeta acreditaria nele?

O choque o pegou de surpresa por um momento enquanto desaparecia. Por um tempo ele tentou se convencer de que Fudge tinha realmente sido uma alucinação provocada pela carência de sono devido à campanha de eleição. Em uma inútil tentativa de livrar-se das lembranças desse desconfortável encontro, ele deu o rato para sua alegre sobrinha e instruiu seu secretário pessoal de tirar aquele quadro do homem feio que anunciou a vinda de Fudge.

Para o pavor do Primeiro Ministro, entretanto, o quadro tornou-se impossível de ser retirado. Quando vários carpinteiros do tesouro público acabaram com suas tentativas, sem sucesso, de arrancar o quadro da parede, o Primeiro Ministro desistiu da idéia e simplesmente resolveu ter esperança de que a coisa permanecesse imóvel e em silêncio pelo resto de seus serviços naquele escritório. Ocasionalmente, ele poderia jurar que avistou, pelo canto do olho, o ocupante do quadro bocejar, ou coçar seu nariz; mesmo que, na primeira ou segunda vez, simplesmente andando pela sua imagem, e deixando nada, apenas uma esticada lona enlameada. Contudo, ele havia treinado a si mesmo, muito bem, para não olhar para a pintura, e sempre dizia firmemente para ele mesmo que seus olhos estavam brincando com ele, quando alguma coisa como essa acontecia. Então, três anos depois, em uma noite muito parecida com essa, o Primeiro Ministro estava sozinho em seu escritório quando o quadro mais uma vez, anunciou a iminente chegada de Fudge, que explodiu por entre a lareira, encharcado em um estado de considerável pânico. Antes que o Primeiro Ministro pudesse perguntar por que ele estava pingando por todo o seu Axminster, Fudge começou falando alto sobre uma prisão que o Primeiro Ministro nunca tinha ouvido falar, sobre um homem chamado "Serius" Black, algo que soou como Hogwarts e um menino chamado Harry Potter, sendo que nada disso fazia o menor sentido para o Primeiro Ministro.

- Eu acabo de vir de Azkaban...- Fudge ofegou, derramando um monte de água da borda de seu chapéu para dentro de seu bolso. - No meio do Oceano Norte, você sabe, vôo asqueroso... Os Dementadores estão em uma baderna.- Ele estremeceu. - Eles nunca tiveram uma fuga antes. De qualquer modo, eu tive que vir até você, Black é um conhecido assassino de trouxas e deve estar planejando a se reunir a Você-Sabe-Quem... Mas claro, você não sabe quem Você-Sabe-Quem é!- Ele observou esperançoso o Primeiro Ministro por um momento, então disse: - Bem, sente-se, sente-se, é melhor contar tudo a você...Tem um uísque...-

O Primeiro Ministro, particularmente, sentiu-se ofendido por ser mandado sentar-se em seu escritório, deixar de oferecer seu próprio uísque, mas ele sentou-se, no entanto. Fudge tinha puxado sua varinha, conjurando dois grandes copos cheios de um líquido âmbar que soltava uma fina fumaça, levou um deles as mãos do Primeiro Ministro e puxou uma cadeira.

Fudge falou por mais de uma hora. Em um ponto, ele se recusou a dizer um nome em voz alta, e o escreveu instantaneamente em um pedaço de papel, que ele empurrou para a mão livre do Primeiro Ministro. Quando por fim Fudge levantou-se prestes a partir, o Primeiro Ministro pôs-se de pé também.

- Então, você acha que...- Ele deu uma olhada para baixo e fitou o nome em sua mão esquerda. - Lord Vol...

- Aquele-que-não-deve-ser-nomeado!- Rangeu Fudge entre os dentes.

- Desculpe-me... Você acha que Aquele-que-não-deve-ser-nomeado continua vivo, então?

- Bem, Dumbledore diz que sim.- Disse Fudge enquanto puxava sua capa listrada para baixo do queixo. - Mas nunca o encontramos. Se você me perguntar, ele não é perigoso, a menos que, ele não tenha um suporte, então com o Black, nós devemos ter cuidado. Sinalizaremos o perigo, então? Excelente. Bom, eu espero que não nos vejamos novamente, Primeiro Ministro! Boa-noite.

Mas se encontrar novamente. Menos de um ano depois, com um olhar perturbado, Fudge apareceu no fino ar no Gabinete do Primeiro Ministro para informá-lo que houve um pequeno aborrecimento durante o "kadribol" (ou algo parecido) na Copa Mundial e que muitos trouxas estavam "envolvidos", mas que o Primeiro Ministro não precisava se preocupar, o fato de que a marca de Você-Sabe-Quem foi vista novamente não significa nada; Fudge estava certo de que estavam isolados e que a ligação com o escritório trouxa estava partindo-se, com todas as modificações que eles falaram.

- Oh, e eu quase me esqueci.- Fudge acrescentou. - Nós estamos importando três dragões estrangeiros e uma esfinge para o Torneio Tribruxo, apenas rotina, mas o Departamento de Regulamentação e Controle de Criaturas Mágicas me disse que está no livro de regras que eu devo notificar você caso nós trouxermos criaturas muito perigosas para dentro do país.

- Eu... O que? Dragões?- Balbuciou o Primeiro Ministro.

- Sim, três deles.- Disse Fudge. - E uma esfinge. Bom, tenha um bom dia.

O Primeiro Ministro apegou-se a um fio de esperança de que os dragões e a esfinge fossem o pior disso tudo, mas não. Menos de dois anos mais tarde, Fudge explodiu em sua lareira novamente, dessa vez com notícias sobre uma fuga em massa de Azkaban.

- Uma fuga em massa?- O Primeiro Ministro repetiu rouco.

- Mas não se preocupe, não precisa se preocupar!- Fudge gritou, já com um dos pés das chamas. - Nós iremos cuidar disso, eu apenas pensei que seria bom informá-lo!

E antes que o Primeiro Ministro pudesse dizer alguma coisa, - Agora, só espere um momento!- Fudge partiu por entre as chuvas de chamas verdes. Sem se importar com a pressão e tudo o que a oposição dizia, o Primeiro Ministro não era um tolo. Essas notícias não tinham escapado de sua sala, nem as maliciosas garantias de Fudge desde o primeiro encontro, eles estavam agora se vendo mais freqüentemente, nem o fato de que Fudge aparecia cada vez mais nervoso nas visitas posteriores. Apesar dele gostar de toda essa coisa sobre o Ministro da Magia (ou, como ele sempre chamada Fudge, o Outro Ministro), o Primeiro Ministro não poderia ajudar, mas sentia que da próxima vez que Fudge aparecesse às notícias seriam muito mais graves. A visão, então, de Fudge caminhando para fora do fogo uma vez mais, seu olhar confuso e nervoso e extremamente surpreso, fez com que o Primeiro Ministro não soubesse exatamente a razão dele estar ali, era sobre a pior coisa que poderia acontecer no curso dessa sombria semana.

- Como eu deveria saber o que anda acontecendo... Er... Comunidade bruxa?- Estourou o Primeiro Ministro agora. - Eu tenho um país para fazer andar e eu estou carregado de problemas agora, sem...

- Nós temos os mesmo problemas.- Fudge interrompeu. - A ponte de Brockdale ainda não apareceu. E aquela não foi somente uma tempestade. Aqueles assassinos não eram trabalhos para trouxas. E a família de Herbert Chorley seria salva sem ele. Nós estamos, no presente momento, fazendo acordos para que ele seja transferido para o Hospital St. Mungos para Doenças e Danos Mágicos. A transferência deve ser feita essa noite.

- O que você... Eu receio... Eu... O que?- Rosnou o Primeiro Ministro.

Fudge respirou longa e profundamente e disse: - Primeiro Ministro, eu sinto muito ter de lhe dizer que ele voltou. Aquele-que-não-deve-ser-nomeado.

- Voltou? Quando você diz "voltou"... Ele está vivo? Eu quero dizer...

O Primeiro Ministro buscou em sua memória por detalhes daquela horrível conversa de três anos atrás, quando Fudge lhe disse sobre o bruxo que estava acima de todos os outros, o bruxo que havia cometido milhares de terríveis crimes antes de seu misterioso desaparecimento há 15 anos.

- Sim, vivo.- Disse Fudge. - Isso é, eu não sei, há um homem que não pode ser morto? Eu não sei realmente explicar isso, e Dumbledore, provavelmente, não irá explicar isso. Mas de qualquer forma, ele certamente conseguiu seu corpo de volta e está andando, falando e matando, eu suponho, o motivo dessa nossa discussão, sim, ele está vivo.

O Primeiro Ministro não sabia o que dizer quanto a isso, mas um persistente hábito de querer se parecer bem-informado em qualquer assunto o obrigou a se lembrar de qualquer detalhes das conversas anteriores.

- "Serious" Black está com... Er... Aquele-que-não-deve-ser-nomeado?

- Black? Black?- Disse Fudge distraído, girando seu chapéu repetidas vezes em seus dedos. - Sirius Black, você quer dizer? Pelas barbas de Merlin, não. Black está morto. Digamos que nós... Ah... Estávamos enganados a respeito dele. Ele era inocente depois de tudo. E ele não era um partidário d'Aquele-que-não-deve-ser-nomeado também. Eu quero dizer... - Ele acrescentou defensivamente, girando o chapéu ainda mais rápido. - Todas as evidências apontavam... Nós tínhamos mais de 50 testemunhas oculares, mas de qualquer forma, como eu disse, ele está morto. Assassinado, se quer saber. Dentro do Ministério da Magia. Isso será investigado, evidentemente...

Para sua grande surpresa, o Primeiro Ministro sentiu-se apunhalado por Fudge neste momento. Isso foi, entretanto, quase escurecido por uma enorme bola de desapontamento enquanto pensava sobre isso, deficiente apesar de que ele deveria estar em uma das áreas de materialização de lareiras, nunca houve um assassino em qualquer departamento do governo acima das leis... Não ainda, de qualquer modo... Enquanto o Primeiro Ministro disfarçadamente tocava no tampo de madeira de sua mesa, Fudge continuou. - Mas esqueça Black por agora. O fato é, nós estamos em uma guerra, Primeiro Ministro, e ações têm que ser feitas.

- Uma Guerra? Repetiu o Primeiro Ministro nervoso. - Certamente, isso não é um exagero?

- Aquele-que-não-deve-ser-nomeado tem se unido aos seus seguidores que escaparam de Azkaban em Janeiro.- Disse Fudge, falando mais e mais rapidamente, e rodando seu chapéu tão rápido que ele transformara-se em um cinza e verde distorcido. - Desde de que eles tiveram a liberdade, eles têm trazido a destruição. A ponte de Broakdale - ele fez isso, Primeiro Ministro, ele pôs em risco uma grande parte dos Trouxas até eu tomar conhecimento dele e...

- Que sujeira, então isto tudo é sua culpa, todas essas pessoas estão sendo mortas e eu estou tendo que responder sobre cordames enferrujados e ligações corrompidas e eu não sei o que mais?- Disse o Primeiro Ministro furiosamente.

- Minha culpa!- Disse Fudge, ruborizado. - Você está dizendo que você teria pego um chantagista?

- Talvez não.- Disse o Primeiro Ministro, levantando-se e caminhando lentamente pela sala. - Mas eu teria colocado todo o meu poder para pegar o chantagista antes que ele cometesse qualquer outra atrocidade!

- Você realmente acha que eu não estou fazendo todo o possível?- Reclamou Fudge com o coração escapando pela boca. - Todo auror do Ministério estava, e está tentando encontrá-lo, além de todos os seus seguidores, mas nós estamos falando sobre um dos mais poderosos bruxos de todos os tempos, um bruxo, o qual, tem nos iludido sobre a sua posição por quase duas décadas!

- Então, eu suponho que você irá me dizer que ele causou o ciclone no West Country, também?- Disse o Primeiro Ministro, seu temperamento se elevando a cada vez que respirava. Isso o enfurecia, enquanto tentava descobrir a razão de todos aqueles terríveis desastres e não era certo dizer isso ao público; quase pior do que dizer que tudo isso era culpa do governo.

- Aquilo não foi um ciclone.- Disse Fudge miseravelmente.

- Desculpe-me!- Gritou o Primeiro Ministro, agora positivamente andando de um lado para o outro. - Três árvores desraigadas, pedra arrancadas, postes de rua quebrados, horríveis danos...

- Isso foi feito pelos Comensais da Morte.- Disse Fudge. - Os seguidores d'Aquele-que-não-deve-ser-nomeado. E... E nós suspeitamos de um enorme envolvimento.

O Primeiro ministro parou de caminhar como se houvesse colidido com uma parede invisível. - Que envolvimento?

Fudge fez uma careta. - Ele usou gigantes da última vez, quando ele queria causar um grande efeito. O Escritório do Departamento de Mistérios (talvez) está trabalhando contra o relógio, nós tivemos times de Obliviadores tentando modificar as memórias de todos os Trouxas que viram o que realmente aconteceu, nós tivemos todo o Departamento de Regulamentação e Controle de Criaturas Mágicas rondando Sumerset, mas nós não conseguimos encontrar o gigante, isso é um desastre!

- Não diga isso! - Falou o primeiro ministro furiosamente.

- Eu não direi que a ética está inabalada no Ministério. - disse Fudge - Que depois, depois de tudo isso, nós ainda perdemos Amélia Boones.

- Perderam quem?

- Amelia Boones. Chefe do Departamento de Aplicação das Leis Mágicas. Nós pensamos que aquele que não deve ser nomeado enfureceu-se com ela, porque ela era uma talentosa bruxa e todas as evidencias eram de que ela se meteu em uma terrível briga. - Fudge limpou sua garganta e, com um esforço, e pareceu parar de rodar seu chapéu.

- Mas os assassinos estavam nos noticiários. - Disse o Primeiro Ministro, momentaneamente divertindo-se com sua fúria. Nossos jornais. Amélia Boones... Apenas disse que ela era uma mulher de meia-idade que vivia sozinha. Como um, um asqueroso assassinato, não é? Isso tinha uma nota especial de publicidade. A polícia está perplexa, você pode ver.

Fudge suspirou. - Bem, claro que eles estão. Morta em uma sala que foi trancada por dentro, não é? Nós, por outro lado, sabemos exatamente quem fez isso, não que isso nos auxilie a pegá-lo. E então houve Emmeline Vancem talvez você não tenha ouvido sobre o que...

- Oh sim eu ouvi!- Disse o Primeiro Ministro. - Aconteceu apenas há uma quadra daqui, como você deve saber. Os papeis tinham um campo de data como esse: Quebra de Leis e Ordem no jardim do primeiro ministro.

- E como se não bastasse.- Disse Fudge, dificilmente ouvindo o primeiro ministro. - Nós temos Dementadores por todos os lados, atacando pessoas pela esquerda, direita e no centro...

Pela primeira feliz vez essa frase soou incompreensível para o primeiro ministro, mas ele não se alertou. - Eu pensei que os Dementadores guardavam a prisão de Azkaban.- Ele disse cuidadosamente.

- Eles guardavam.- Disse Fudge. - Mas não o fazem mais. Eles deixaram a prisão e se aliaram a Aquele-que-não-deve-ser-nomeado. Eu não pretendia levar essa bofetada.

- Mas...- Disse o primeiro ministro, com um senso de profundo horror. - Não lhe contei que eles são criaturas que sugam a esperança e a felicidade das pessoas?

- Está certo. E estão se proliferando. E é o que está causando toda essa neblina.

O primeiro ministro afundou-se, com os joelhos bambos, para a cadeira mais próxima. A idéia de invisíveis criaturas descendo pela cidade a caminho do campo, dispersando tristeza e desesperança em seus votos, o fizeram se sentir completamente fraco.

- Agora veja aqui, Fudge... Você fez tudo isso! Isso é sua responsabilidade como Ministro da Magia!

- Meu querido Primeiro Ministro, você não pode honestamente pensar que eu ainda sou Ministro da Magia depois de tudo isso. Eu fui demitido há três dias! Toda a comunidade bruxa gritou pela minha resignação por uma quinzena. Eu nunca os vi tão unidos em todo o meu período como Ministro!- Disse Fudge, sorrindo depois de um grande esforço.

O primeiro ministro ficou momentaneamente sem palavras. Despistada sua indignação a posição que lhe foi dada, ele ainda sentiu-se particularmente mal com o olhar contraído do homem sentado a sua frente.

- Eu sinto muito.- Ele disse finalizando. - Se houver algo que eu possa fazer?

- Isso é muito gentil da sua parte, Primeiro Ministro, mas não há nada. Eu fui enviado essa noite para contar-lhe sobre os recentes eventos e introduzi-lo a meu sucessor. Ele deveria estar aqui agora, mas é claro que ele está muito ocupado no momento com tudo o que vem acontecendo.

Fudge olhou a sua volta parando em direção ao quadro do pequenino homem feio vestindo uma longa peruca de cachos prata, que estava atrás de sua orelha em um ponto preso por uma pena. Capturando o olhar de Fudge o quadro disse: - Ele estará aqui em um momento, ele só está terminando uma carta para Dumbledore.

- Eu desejo-lhe sorte.- Disse Fudge, soando amargura, pela primeira vez. - Eu estou escrevendo a Dumbledore duas vezes por dia desde a última quinzena, mas ele não mudou sua opinião. Se ele apenas se preparou para persuadir o garoto, eu devo ainda ser... Bem, talvez Scrimgeour terá melhor sucesso.- Fudge afundou-se no que óbvio e ferido silêncio, mas ele foi quebrado quase imediatamente pelo quadro, que repentinamente falou rapidamente em sua voz oficial.

- Ao Primeiro Ministro dos Trouxas. Requerimento a uma reunião. Urgente. Por gentileza responda imediatamente. Rufus Scrimgeour, Ministro da Magia.

- Sim, sim, ótimo.- Disse o Primeiro Ministro distraído, e lentamente as chamas da lareira tornaram-se verde-esmeralda, levantaram-se e revelaram um segundo bruxo se dilatando em seus corações (?), arremessando de volta seus momentos depois de uma antiga corrida (?). Fudge juntou seus pés, e depois de alguns momentos de hesitação o Primeiro Ministro fez o mesmo, assistindo a nova entrada endireitada, afastou o pó de sua longa capa preta e olhou a sua volta. O primeiro tolo pensamento do Primeiro Ministro foi de que Rufus Scrimgeou parecia um velho leão. Havia mechas grisalhas em sua espécie de juba marrom-amarelada. Ele tinha olhos penetrantes e também amarelados por trás dos óculos de armação metálica, e uma certa maneira de se movimentar encorpada e galopada, mesmo sendo ligeiramente manco. Houve uma impressão imediata de tenacidade e resistência, o primeiro ministro pensou que ele entendia o porquê da comunidade bruxa preferir Scimgeour a Fudge como um líder, nesses tempos perigosos.

- Como vai você?- Disse o Primeiro Ministro polidamente estendendo sua mão.

Scrimgeour a agarrou brevemente, seus olhos varrendo a sala até puxar a varinha de dentro de sua capa.

- Fudge lhe contou tudo?- Ele perguntou, encaminhando-se até a porta e espremer sua varinha dentro do buraco da fechadura. O primeiro ministro ouviu um clique.

- Er... Sim.- Disse o Primeiro Ministro. - E se você não se importa, eu prefiro que a porta permaneça aberta.

- Eu prefiro não ser interrompido.- Disse Scrimgeour de imediato. - Ou observado.- Ele acrescentou, apontando para as janelas. Então as cortinas se fecharam.

- Certo, bom, eu sou um homem muito ocupado, então vamos aos negócios.

- Antes de tudo, nós precisamos discutir sua segurança.

O primeiro ministro afastou uma mecha de cabelo e respondeu: - Eu estou perfeitamente feliz com a segurança que eu já tenho, muito obrigado.

- Bom, nós não.- Scrimgeour o cortou. - Isso será uma pequena vigilância para os Trouxas se o Primeiro Ministro deles sofrer um feitiço Imperius pelo seu novo secretário no seu próprio escritório.

- Eu não me livrarei de Kingsley Shackebolt, se é isso que você está sugerindo!- Disse o primeiro ministro estrondoso. - Ele é muito eficiente, faz duas vezes o trabalho que fazem os outros.

- Isso porque ele é um bruxo.- Disse Scrimgeour, sem uma única faísca de um sorriso. - Vários aurores treinados, estão determinando-se a protegê-lo.

- Agora, espero um momento!- Declarou o Primeiro Ministro. - Você não pode colocar o seu pessoal no meu escritório. Eu (...)

- Eu pensei que você estivesse satisfeito com Shackebolt?- Disse Scrimgeour sem cordialidade.

- Eu estou... Eu quero dizer, estava...

- Então há um problema, não há?- Disse Scrimgeour.

- Eu... Bem, se o trabalho de Shacklebolt continuar a ser... Er... Excelente.- Disse o Primeiro Ministro lamentando, mas Scrimgeour dificilmente pareceu ouvi-lo.

- Agora, sobre Herbert Chortley, seu acessor Junior.- Ele continuou. - Aquele que vem entretendo o público como um impressionante pato.

O que tem sobre ele?- Perguntou o Primeiro Ministro.

- Ele tem evidentemente uma medíocre performance de um Imperious.- Disse Scrimgeour. - Estragaram seu cérebro, mas ele ainda poderia ser perigoso.

- Ele só está grasnindo!- Disse o Primeiro Ministro fracamente.

- Certamente uma parte de todo o resto... Talvez aconteça facilmente pela bebida. Um time de Curandeiros do Hospital St. Mungus para Doenças e Danos Mágicos está examinando ele, enquanto conversamos. Uma pena, que ele tenha se esforçado para estrangular três deles.- Disse Scrimgeour. - Eu acho que é melhor, nós o removemos da sociedade Trouxa por um tempo.

- Eu... Bem... Ele ficará bem. Certo?- Disse o Primeiro Ministro ansioso. Scrimegeour somente deu de ombros, já movendo-se em direção a lareira.

- Bom, isso é tudo o que eu tinha para dizer. Eu manterei contato sobre o desenvolvimento, Primeiro ministro. Ou, por ultimo, e acho que, provavelmente, estarei muito ocupado para fazê-lo pessoalmente, e nesse caso eu pensei que mandei Fudge vir aqui. Ele consentiu em permanecer tendo uma capacidade consultiva.

Fudge forçou um sorriso, mas sem sucesso. Ele apenas olhou como se estivesse com dor de dente. Scrimgeour já estava procurando em seu bolso por algo de misterioso poder que atirou no fogo verde. O primeiro ministro contemplou esperançoso os dois por um momento, então as palavras lutaram com a surpresa de tudo explodiu nele por fim.

- Mas a propósito, vocês são bruxos! Vocês não podem fazer mágica! De repente você pode ordenar, bem, qualquer coisa!

Scimgeour virou lentamente até um ponto e trocou um olhar duvidoso com Fudge, que realmente obteve sucesso em um sorriso naquele momento e ele disse gentilmente: - O problema é o outro lado que pode fazer magia também, Primeiro Ministro.

E com isso, os dois bruxos caminharam um após o outro para dentro das chamas verdes e sumiram.

= = = =

manteve sua conduta por algum tempo, então se moveu com luz, passos largos, e sua longa capa se arrastando pelo chão. Com um segundo e mais alto estalido, outra pessoa coberta se materializou.

- Espere!- O grito alto assustou a raposa, agora se encolhendo quase plana no chão. Ela pulou de seu esconderijo para os montes. Ouve um lampejo de luz verde, um ganido, e a raposa caiu ao chão, morta. A outra figura encostou seu sapato na raposa.

- É só uma raposa.- Disse uma voz de mulher com tom de rejeição debaixo da capa.

- Pensei que talvez fosse um auror... Cissy, espere!

Mas sua caça, que havia parado e olhado de volta ao fleche de luz, já estava subindo o monte onde a raposa havia acabo de cair.

- Cissy... Narcisa... Me ouça.- A segunda mulher alcançou a primeira e agarrou o seu braço, mas a outra se esquivou.

- Volte, Bella! Você deve me ouvir!

- Eu já ouvi. Eu já tirei a minha conclusão. Deixe-me só!

A mulher chamada Narcisa alcançou o topo dos montes, onde uma linha de velhos trilhos separava o rio de uma estreita rua de pedras. A outra mulher, Bella, a seguiu. Lado a lado, elas ficaram olhando para as fileiras e fileiras de velhas casas de tijolos, suas janelas escuras e escondidas nas sombras.

- Ele mora aqui?- Perguntou Bella em uma voz de desdém.

- Aqui? Nessa imundice de trouxas? Nós devemos ser as primeiras do nosso tipo a pisar aqui.

Mas Narcisa não estava ouvindo; ela tinha passado por uma abertura nas grades enferrujadas e já estava do outro lado da rua.

- Cissy, espere!

Bella a seguiu, seu casaco ondeando atrás de si, e viu Narcisa correndo para uma ruela entra as casas em uma segunda, quase idêntica, rua. Algumas das lamparinas estavam quebradas. As duas mulheres estavam correndo entre pedaços iluminados e outros com profunda escuridão. A perseguidora atingiu seu objetivo assim que ela virou outra esquina, dando certo a tempo de agarrar o seu braço segurando-a oscilante para que uma ficasse de frente para a outra.

- Cissy, você não deve fazer isso... Você não pode confiar nele.

- O Lord Negro confia nele, não confia?

- O Lord Negro é... Eu creio... Enganado.- Bella ofegou, e seus olhos vislumbraram momentaneamente debaixo da capa enquanto ela olhava em volta para checar que estavam sozinhas. - De qualquer modo, nos mandaram não dizer do plano para ninguém. Isso é uma traição ao Lorde Negro.

- Esqueça, Bella!- Rosnou Narcisa e ela tirou uma varinha de sua capa, segurando-a ameaçadoramente na cara da outra. Bella quase deu risadas.

- Cissy, sua própria irmã? Você não...

- Não há nada mais que eu não faria!- Narcisa respirou, um tom de histeria na sua voz, e enquanto ela abaixou a varinha como uma faca, houve outro lampejo de luz. Bella largou o braço de sua irmã como se estivesse em chamas.

- Narcisa!

Mas Narcisa já havia corrido. Esfregando as mãos, a perseguidora a seguia mais uma vez, mantendo certa distancia agora, enquanto elas entravam no deserto labirinto das casas de tijolos. Ao fim, Narcisa correu até uma rua chamada Spinner's End, sobre a qual a chaminé da usina parecia flutuar como um gigante dedo repreensivo. Seus passos ecoavam na pavimentação enquanto ela passava por janelas de madeira quebradas, até que ela atingiu a última casa, de onde emanava uma luz fraca pela cortina de um aposento da parte de baixo. Ela bateu na porta antes que Bella, praguejando sua respiração, tivesse alcançado-a. Juntas elas esperaram, ofegando fracamente, sentindo o cheiro do rio imundo que era levado até elas pela brisa da noite. Após alguns segundos, elas ouviram movimentação atrás da porta e ela se abriu com um estalo. Uma parte de um homem pode ser vista olhando para elas, um homem com longos cabelos pretos cobrindo um rosto pálido e olhos negros. Narcisa tirou seu capuz. Ela estava tão pálida que parecia brilhar na escuridão, o longo cabelo loiro descendo por suas costas dava a ela a aparência de uma pessoa afogada.

- Narcisa!- Disse o homem, abrindo um pouco mais a porta, para que a luz caísse sobre ela e sua irmã. - Que doce surpresa!

- Severus.- Ela disse em um suspiro cansado. - Posso falar com você? É urgente.

- Mas é claro.

Ele deu um passo atrás para que ela pudesse entrar na casa. Sua irmã ainda encapuzada a seguiu sem ser convidada.

- Snape.- Disse curtamente quando passou.

- Bellatrix.- Ele respondeu, sua boca fina se ondulando em um sorriso zombeteiro enquanto ele fechava a porta com um estalo atrás deles.

Eles foram direto a uma minúscula sala de estar, que dava a sensação de ser uma cela escura para loucos. As paredes eram completamente cobertas de livros, a maioria deles encadernados com um velho couro preto ou marrom; um sofá surrado, uma velha poltrona e uma mesa raquítica ficavam agrupadas juntas em um ponto de luz fraca vinda de uma lâmpada cheia de velas pendurada no teto. O lugar tinha um ar de negligência, mesmo que não estivesse sempre desabitado. Snape indicou o sofá para Narcisa. Ela tirou a sua capa, a colocou de lado e se sentou, olhando para suas mãos brancas e tremidas no seu colo. Bellatrix tirou sua capa mais vagarosamente. Em dúvidas com a honestidade de sua irmã, com olhos pesarosos e o queixo firme, ela não desviou o olhar de Snape enquanto ele se movia para ficar atrás de Narcisa.

- Então, o que eu posso fazer por você?- Snape perguntou, se sentando na poltrona de frente para as duas irmãs.

- Nós... Nós estamos sozinhos, não estamos?- Nascisa perguntou em voz baixa.

- Sim, é claro. Bem, Rabicho está aqui, mas nós não estamos contando os vermes, estamos?

Ele apontou sua varinha para a parede de livros atrás de si e, com um estalo, uma porta escondida se abriu, revelando uma estreita escadaria na qual um pequeno homem jazia congelado.

- Como você já deve ter notado, Rabicho, nós temos visitas.- Disse Snape vagarosamente.

O homem rastejou de um modo corcunda os últimos degraus e se moveu pela sala. Ele tinha os olhos pequenos e aquosos, nariz pontudo e tinha um sorriso desagradável. Sua mão esquerda estava acariciando a sua direita, que parecia estar em uma luva prateada.

- Narcisa!- Ele disse, em uma voz guinchante. - E Bellatrix! Que encantador...

- Rabicho vai nos preparar drinques.- Disse Snape. - E depois volte para o seu quarto.

Rabicho se assustou como se Snape tivesse jogado algo nele.

- Eu não sou seu criado!- Ele chiou, desviando o olhar de Snape.

- Mesmo? Eu tive a impressão que o Lord o colocou aqui para me auxiliar.

- Auxiliar, sim. Mas não para preparar as suas bebidas e... E limpar sua casa!

- Eu não tinha idéia, Rabicho, que você desejava serviços mais perigosos.- Disse Snape com uma voz suave. - Isso pode ser facilmente arrumado; eu posso falar com o Lord das Trevas...

- Eu mesmo posso falar com ele se eu quiser!

- É claro que pode.- Disse Snape, zombeteiro. - Mas enquanto isso, nos traga drinques. Um pouco de vinho feito por elfos deve servir.

Rabicho hesitou por um momento, olhando como se quisesse argumentar, mas depois se virou e foi em direção a uma segunda porta secreta. Eles ouviram barulhos e batidas de copos. Em segundos ele estava de volta, carregando uma garrafa empoeirada e três taças em uma bandeja. Ele as colocou na mesinha instável e correu da presença deles, batendo a porta coberta de livros atrás de si. Snape despejou duas taças de vinho vermelho-sangue e entregou duas delas às irmãs. Narcisa murmurou uma palavra de agradecimento, enquanto Bellatrix não disse nada, mas continuou a encarar Snape. Isso não pareceu o perturbar; pelo contrário, ele parecia entretido.

- Ao Lord Negro.- Ele disse, tirando os óculos e secando-os.

As irmãs o copiaram. Snape encheu suas taças. Assim que Narcisa tomou seu Segundo copo. Ela disse depressa:

- Severus, me desculpe vir aqui assim, mas eu tinha que ver você. Eu acho que você é o único que pode me ajudar.

Snape levantou a mão para fazê-la parar, então apontou sua varinha para a porta oculta das escadas. Houve um estalido alto e um guincho, seguido do som de Rabicho subindo as escadas correndo. - Meus perdões.- Disse Snape. - Ele ultimamente tem ouvido atrás das portas, eu não sei o que deu nele... Você dizia, Narcisa?

Ela tomou fôlego e começou novamente. - Severus, eu sei que eu não deveria estar aqui, me foi dito para não dizer para ninguém mas...

- Então você mantém sua boca fechada!- Rosnou Bellatrix. - Ainda mais na presente companhia!

- Presente companhia?- Repetiu Snape ironicamente. - E o que eu devo entender por isso, Bellatrix?

- Que eu não confio em você, Snape, como você bem sabe!

Narcisa deixou escapar um som que soou como um soluço molhado e cobriu seu rosto com as mãos. Snape colocou seu copo na mesa e se recostou novamente, suas mãos sobre os braços da poltrona, sorrindo ao olhar furioso de Bellatrix.

- Narcisa, eu acho que nós devemos ouvir o que Bellatrix tem a dizer, isso vai nos poupar algumas interrupções tediosas. Bem, continue, Bellatrix.- Disse Snape. - Porque é que você não confia em mim?

- Por cem motivos!- Ela disse em voz alta, dando um passo largo de trás do sofá para colocar seu copo sob a mesa. - Por onde começar? Onde você estava quando o Lord Negro caiu? Porque você nunca tentou achá-lo quando ele desapareceu? O que você tem feito durante todos esses anos em que você ficou no bolso de Dumbledore? Porque você impediu o Lord Negro de alcançar a Pedra Filosofal? Porque você não retornou depois que o Lord Negro renasceu? Onde você estava algumas semanas atrás, quando batalhamos para reaver a profecia para o Lord? E porque Snape, Harry Potter ainda está vivo, quando você o teve à sua mercê por cinco anos?- Ela pausou, seu tórax subindo alto e descendo rapidamente, a cor forte em suas bochechas. Atrás dela, Narcisa estava sem emoções, seu rosto ainda escondido entre suas mãos. Snape sorriu.

- Antes de eu te responder. Oh, sim, Bellatrix, eu vou responder! Você pode levar a minha palavra até os outros que sussurram às minhas costas, e carregam falsas histórias da minha dedicação ao Lord Negro. Eu te respondo, eu digo, deixe-me fazer uma pergunta antes. Você realmente acha que o Lord Negro não me fez cada uma dessas perguntas? E você realmente acha que, se eu não tivesse dado respostas satisfatórias, eu estaria aqui conversando com você?

Ela hesitou.

- Eu sei que ele acredita em você, mas...

- Você acha que ele está errado? Eu que o passei a perna de alguma forma? Enganar o Lord Negro, o grande bruxo, o maior praticante da Legilimância que o mundo já viu?

Bellatrix não disse nada, mas parecia, pela primeira vez, um pouco derrubada. Snape não pressionou. Ele pegou o seu drinque novamente, deu um gole, e continuou.

- Você me pergunta onde eu estava quando o Lord Negro caiu. Eu estava onde ele me ordenou que estivesse, na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, porque ele me queria espionando Albus Dumbledore. Você sabe, eu presumo, que foi por ordens do Lord Negro que eu assumi o posto?

Ela afirmou quase imperceptivelmente e então abriu a boca, mas Snape foi mais rápido que ela.

- Você me pergunta por que eu não tentei encontrá-lo quando ele sumiu. Pela mesma razão que Avery, Yaxley, os Carrows, Greyback, Lucius...- ele inclinou sua cabeça um pouco para Narcisa, - E muitos outros não tentaram achá-lo. Eu acreditei que ele estivesse morto. Não tenho orgulho disso, eu estava errado, mas é isso… Se ele não tivesse perdoado aqueles que perderam a fé naqueles tempos, ele teria muitos poucos seguidores agora.

- Ele teria a mim!- Disse Bellatrix com veemência. - Eu, que passei muitos anos em Azkaban por ele!

- Sim, de fato, muito admirável...- Disse Snape em uma voz entediada. - É claro, você não foi de muito uso para ele na prisão, mas o gesto foi sem dúvida admirável.

- Espere!- Ela riu. Na sua fúria ela parecia um pouco louca. - Enquanto eu suportava os Dementadores, você ficou em Hogwarts, confortavelmente brincando de ser o bichinho de estimação de Dumbledore!

- Não necessariamente.- Disse Snape calmamente. - Ele não iria me dar o cargo de professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, você sabe. Parecia pensar que, ah, me traria de volta aos meus velhos modos.

- Esse foi o seu sacrifício pelo Lord Negro? Não ensinar sua matéria favorita?- Ela zombou. - Porque você ficou lá todo esse tempo, Snape? Ainda espiando Dumbledore para um mestre que você acreditava estar morto?

- Quase.- Disse Snape. - Embora o Lord Negro esteja agradecido que eu não tenha deixado o meu posto; eu tinha dezesseis anos de informações sobre Dumbledore para dar a ele quando ele retornasse, um presente de boas vindas um pouco mais útil do que imensas lembranças de como horrível Azkaban é...

- Mas você ficou...

- Sim Bellatrix, eu fiquei.- Disse Snape, demonstrando um pouco de impaciência pela primeira vez. - Eu tinha um trabalho confortável. Eles estavam na cola dos Comensais da Morte, você sabe. A proteção de Dumbledore me manteve fora da cadeia, foi muito conveniente e eu usei isso. Eu repito: o Lord Negro não achou ruim de eu ter ficado, então eu não vejo porque você acha. Eu acho que a próxima coisa que você queria saber...- Ele continuou, um pouco mais alto, para que Bellatrix não demonstrasse sinais de o interromper. - ... Porque eu fiquei entre o Lord Negro e a Pedra Filosofal. Isso é facilmente respondido. Ele não sabia se podia confiar em mim. Ele pensou, como você, que eu tinha passado de um grande Comensal da Morte a servente de Dumbledore. Ele estava num estado lastimável, muito fraco, usando o corpo de um bruxo medíocre. Ele não se atreveria a se mostrar para seus aliados se esses aliados pudessem trocá-lo por Dumbledore ou pelo Ministério. Eu sinto muito que ele não confiasse em mim. Ele teria retornado ao poder três anos mais cedo. E como foi, eu só vi um voraz e indigno Quirell tentando roubar a Pedra e, eu admito, eu fiz tudo que eu pude para impedi-lo.

A boca de Bellatrix tremeu como se ela tivesse tomado uma indesejada dose de medicamentos.

- Mas você não voltou quando ele retornou, você não voou de volta a ele quando você sentiu a Marca Negra queimando.

- Correto. Eu retornei duas horas depois. Eu voltei sob as ordens de Dumbledore.

- Sob as ordens de Dumbledore?- Ela começou, em tons de ultraje.

- Pense!- Disse Snape, impaciente novamente. - Pense! Ao esperar duas horas, eu garanti que eu iria ficar em Hogwarts como um espião! Ao fazer Dumbledore acreditar que eu só estava voltando para o lado do Lord Negro porque ele me ordenou, eu fui capaz de passar informações sobre Dumbledore e a Ordem da Fênix desde sempre! Considere, Bellatrix: a Marca Negra vinha queimando há meses, eu sabia que ele iria retornar, todos os Comensais sabiam! Eu tinha muito tempo para pensar no que eu queria fazer, então planejar meu próximo passo, e então fugir como Karakaroff, não tive? O desgosto do Lord Nego ao meu atraso desapareceu completamente, eu lhe asseguro, quando eu lhe explique que eu continuava fiel, mesmo Dumbledore pensando que eu era o seu homem. Sim, o Lord Negro achou que eu o tinha deixado para sempre, mas ele estava enganado.

- Mas você foi de que uso?- Zombou Bellatrix. - Que informações úteis nós recebemos de você?

- Minhas informações tem sido entregue diretamente ao Lord.- Disse Snape. - Se ele decide não dividir com você...

- Ele divide tudo comigo!- Disse Bellatrix, pegando fogo de uma vez. - Ele me chama de sua mais leal, sua mais fiel...

- Ele chama?- Disse Snape, sua voz mudada delicadamente para mostrar sua desconfiança. - Ele ainda chama depois do fiasco no Ministério?

- Aquilo não foi minha culpa!- Disse Bellatrix, ficando vermelha. - O Lord Negro confiou em mim, no passado, seu mais precioso... Se Lucius não tivesse...

- Você não ouse, não ouse culpar meu marido!- Disse Narcisa, em uma voz baixa e apática, olhando para sua irmã.

- Não há porque culpar ninguém.- Disse Snape com calma. - O que está feito está feito.

- Mas não por você!- Disse Bellatrix furiosa. - Não, mais uma vez você estava ausente enquanto o resto de nós corria perigo, não estava, Snape?

- Minhas ordens foram para ficar atrás.- Disse Snape. - Talvez você discorde com o Lord Negro, talvez você ache que Dumbledore não teria notado se eu tivesse me unido aos Comensais da Morte para lutar contra a Ordem da Fênix? E, perdoe-me, você fala de perigo... Vocês estavam enfrentando seis adolescentes, não estavam?

- Eles estavam juntos, como você bem sabe, com metade da Ordem pra começar!- Rosnou Bellatrix. - E,enquanto você está falando da Ordem, você ainda diz que não pode revelar o paradeiro do quartel-general deles, não é?

- Eu não sou o Guardador do Segredo, eu não posso falar o nome do lugar. Você entende como o encantamento funciona, eu acho? O Lord Negro está satisfeito com as informações que eu passei para ele sobre a Ordem. Elas permitiram, como talvez você tenha adivinhado, a recente captura e assassinato de Emmeline Vance, e certamente ajudou a se livrar de Sirius Black, apesar de eu te dar todos os créditos por acabar com ele.

Ele inclinou sua cabeça e a encarou. Sua expressão não se amenizou.

- Você está fugindo da minha última pergunta, Snape. Harry Potter. Você podia tê-lo matado a qualquer momento nos últimos cinco anos. Você não o fez. Por quê?

- Você discutiu esse ponto com o Lord negro?- Perguntou Snape.

- Ele... Ultimamente, nós... Eu estou perguntando a você, Snape!

- Se eu tivesse assassinado Harry Potter, o Lord Negro não poderia ter usado o seu sangue para regenerar, fazendo-o invencível.

- Então você previu esse uso do garoto!- Ela zombou.

- Eu não previ; eu não tinha idéia de seus planos; eu já havia confessado que eu pensei que ele estava morto. Eu estou simplesmente tentando explicar porque o Lord Negro não está triste que Harry Potter tenha sobrevivido, pelo menos até um ano atrás...

- Mas porque você o manteve vivo?

- Você não me entendeu? Era somente a proteção de Dumbledore que estava me mantendo fora de Azkaban! Você discorda que assassinar o seu aluno predileto podia o ter colocado contra mim? Mas havia mais a fazer do que isso. Eu devo lembrá-la que quando Potter chegou a Hogwarts pela primeira vez, ainda haviam muitas histórias circulando sobre ele, rumores de que ele por ele mesmo era um bruxo do mal, que era o porquê dele ter sobrevivido ao ataque do Lord Negro. De fato, muitos dos antigo seguidores do Lord negro pensaram que Potter fosse um padrão no qual poderíamos nos apoiar mais uma vez. Eu estava

curioso, eu admito, eu não iria matá-lo no momento em que o vi colocar os pés no castelo. É claro, se tornou aparente para mim bem rapidamente que ele não tinha nenhum talento extraordinário. Ele se safou de grandes perigos por uma simples combinação de muita sorte e amigos talentosos. Ele é um medíocre do ultimo nível, tão odioso e desprezível quanto seu pai era. Eu fiz o meu máximo para jogá-lo para fora de Hogwarts, onde eu acredito que ele raramente ficará, mas matá-lo, ou permitir que ele fosse morto na minha frente? Eu teria sido um tolo de arriscar, com Dumbledore tão próximo.

- E nós devemos acreditar que Dumbledore nunca suspeitou de você?- Bellatrix perguntou. - Ele não tem idéia da sua verdadeira obediência, ele confia cegamente em você?

- Eu atuei bem.- Disse Snape. - E você negligencia a maior fraqueza de Dumbledore: ele sempre acredita no melhor das pessoas. Eu senti nele um toque de profundo remorso quando eu me juntei ao seu grupo, fresco dos dias de Comensal da Morte, e ele me recebeu de braços abertos, embora, como eu disse, me mantendo ao máximo afastado das Artes do Mal. Dumbledore tem sido um grande mago. Oh sim, ele tem (Bellatrix havia feito um barulho sarcástico), o Lord Negro reconhece isso. Eu tenho prazer em dizer, contanto, que Dumbledore está ficando velho. O duelo com o Lord Negro no ultimo mês mostrou isso. Ele tem ficado em grande prejuízo porque suas reações são mais lentas do que eram antes. Mas por todos esses anos, ele não deixou de acreditar em Severus Snape, e é nisso que está o meu grande valor para o Lorde Negro.

Bellatrix ainda parecia infeliz, embora ela aparecesse insegura de como atacar Snape agora. Tirando vantagem do seu silêncio, Snape se voltou para sua irmã.

- Agora... Você veio me pedir ajuda, Narcisa?

Narcisa olhou para ele, seu rosto demonstrando seu desespero.

- Sim, Severus. Eu. Eu acho que você é o único que pode me ajudar, eu não tenho mais para onde ir. Lucius está preso e...- Ela fechou seus olhos e duas grossas lágrimas desceram de suas pálpebras. - O Lord Negro me proibiu de falar disso.- Narcisa continuou, seus olhos ainda fechados. - Ele não quer que ninguém saiba do plano. Ele é... Muito secreto. Mas...

- Se ele proibiu, você não deve dizer.- Disse Snape de uma vez. - A palavra do Lord Negro é lei.

Narcisa ofegou como se ele lhe tivesse atirado água gelada.

Bellatrix parecia satisfeita pela primeira vez desde que ela tinha entrado na casa. - Isso!- Ela disse triunfante para sua irmã. - Até Snape concorda: te disseram para não falar, então não fale!

Mas Snape havia se levantado e ido até a pequena janela, olhou pelas cortinas para a rua deserta, então as fechou com um empurrão. Ele se virou para Narcisa, franzindo as sobrancelhas. - O que acontece é que eu já sei do plano.- Ele disse em voz baixa. - Eu sou um dos quais o Lord Negro contou. Entretanto, se eu não estivesse sabendo, Narcisa, você seria culpada de traição ao Lord Negro.

- Eu achei que você sabia!- Disse Narcisa, respirando mais livremente. - Ele confia tanto em você, Severus...

- Você sabe do plano?- Disse Bellatrix, sua rápida expressão de satisfação substituída por um ar de ultraje. - Você sabe?

- Certamente.- Disse Snape. - Mas de que ajuda você precisa, Narcisa? Se você imagina que eu posso persuadir o Lord Negro a mudar de opinião, eu receio que não haja esperança. Nenhuma mesmo.

- Severus.- Ela sussurrou, lágrimas descendo por seu rosto. - Meu filho... Meu único filho...

- Draco deveria estar orgulhoso.- Disse Bellatrix, indiferente.

- O Lord Negro está dando a ele uma grande honra. E eu digo isto por ele: ele não se retraindo do seu dever, ele parece feliz de ter a chance se mostrar capaz, exceto na idéia de...

Narcisa começou a chorar energeticamente, olhando suplicante para Snape.

- Isso é porque ele só tem dezesseis anos e não tem idéia do que o espera! Porque, Severus? Porque o meu filho? É muito perigoso! Isso é vingança pelo erro de Lucius. Eu sei disso!

Snape não disse nada. Ele desviava o olhar das lágrimas como se elas fossem indecentes, mas não podia fingir que não a ouvia. - É por isso que ele escolheu o Draco, não é?- Ela persistiu. - Para punir o Lucius?

- Se o Draco tiver sucesso...- Disse Snape, ainda desviando o olhar dela, - ele será honrado acima de todos os outros.

- Mas ele não vai conseguir!- Soluçou Narcisa. - Como ele poderia, quando o próprio Lord Negro...

Bellatrix ofegou; Narcisa pareceu perder a energia.

- Eu só quis dizer que... Que ninguém conseguiu ainda... Severus... Por favor... Você é, e sempre foi, o professor favorito do Draco... Você é um velho amigo do Lucius... Eu te imploro... Você é o favorito do Lord, seu aconselhador mais confiável... Você falará com ele, o convencerá?

- O Lord Negro não será convencido, e eu não sou burro o suficiente para tentar.- Disse Snape, vagamente. - Eu não poso fingir que o Lord Negro não está zangado com Lucius. Lucius deveria estar comandando. Ele se deixou ser capturado, junto com muitos outros, e falhou em recuperar a profecia. Sim, o Lord Negro está com raiva, Narcisa, realmente com muita raiva.

- Então eu estou certa, ele escolheu o Draco por vingança!- Ofegou Narcisa. - Ele não quer que ele consiga, ele quer que ele morra tentando!

Quando Snape não disse nada, Narcisa pareceu perder o pouco de autocontrole que ainda tinha. De pé, ela cambaleou até Snape e agarrou a frente de suas vestes. Seu rosto perto do dele, suas lágrimas caindo no seu peito, ela suspirou.

- Você poderia. Você poderia fazer no lugar do Draco, Severus. Você iria conseguir, é lógico que iria, e ele iria te recompensar por todos nós.

Snape segurou o seu pulso e retirou suas mãos apertadas. Olhando fundo em seu rosto cheio de lágrimas, ele disse vagarosamente. - Ele quer que eu tente no final, eu acho. Mas ele está determinado que Draco tente antes. Veja você, se Draco conseguir, eu vou ser capaz de ficar em Hogwarts por mais algum tempo, completando meu útil trabalho como espião.

- Em outras palavras, você não se importa se Draco vai ser morto!

- O Lorde Negro está muito furioso.- Repetiu Snape lentamente. - Ele falhou ao ouvir a profecia. Você sabe tão bem quanto eu, Narcisa, que ele não esquece tão facilmente.

Ela se dobrou, caindo a seus pés, chorando e gemendo no chão. - Meu único filho… Meu único filho...

- Você deveria estar orgulhosa!- Disse Bellatrix cruelmente. - Se eu tivesse filhos, eu estaria feliz em vê-los a serviço do Lord Negro!

Narcisa deu um pequeno grito de desespero e agarrou seus longos cabelos loiros. Snape parou, segurando seus braços, a levantou e a colocou de volta no sofá. Ele então a deu mais vinho e forçou o copo nas suas mãos.

- Narcisa, chega. Beba isso. Me ouça.

Ela se acalmou um pouco; derramando vinho nela mesma, ela tomou um gole tremido.

- Pode ser possível... Que você ajude Draco! Ela se levantou, seu rosto pálido, seus olhos enormes. - Severus... Oh, Severus. Você o ajudaria? Você tomaria conta dele, mantê-lo longe do perigo?

- Eu posso tentar.

Ela se jogou para longe do copo; passou pela mesinha até cair em uma confortável posição aos pés de Snape, pegou suas mão com as suas duas e apertou seus lápis nelas.

- Se você estiver lá para protegê-lo... Severus, você juraria? Você faria o Juramento Inquebrável?

- O Juramento Inquebrável?- A expressão de Snape era vaga, ilegível; Bellatrix, entretanto, deu uma risada triunfante.

- Você não está ouvindo, Narcisa? Oh, ele irá tentar, eu tenho certeza... As mesmas palavras vazias, a mesma deslizada fora do ar... Oh, sob as ordens do Lord Negro, com certeza!

Snape não olhou para Bellatrix. Seus olhos negros estavam fixados nos olhos azuis cheios de lágrimas de Narcisa, e ela continuava a segurar sua mão.

- Certamente, Narcisa, eu farei o Juramento Inquebrável.- Ele disse vagarosamente. - Talvez, sua irmã queira ser o nosso Elo de Ligação.

A boca de Bellatrix estava escancarada. Snape se abaixou para que ele estivesse ajoelhado ao contrário de Narcisa. Sob o olhar fixo atônito de Bellatrix, eles deram as mãos.

- Você vai precisar da sua varinha, Bellatrix.- Disse Snape friamente.

Ela a pegou, ainda parecendo atônita.

- E você vai precisar chegar um pouco mais perto.- Ele disse.

Ela deu alguns passados para que ficasse próxima a eles, e colocou a ponta de sua varinha nas suas mãos dadas. Narcisa falou.

- Irá você, Severus, cuidar do meu filho Draco ao satisfazer os pedidos do Lord Negro?

- Eu irei.- Disse Snape.

Uma fina labareda saiu da varinha e serpenteou-se envolta das mãos como um vinho vermelho-fogo.

- E irá você, com o melhor de suas habilidades, protegê-lo do perigo?

- Eu irei.- Disse Snape.

Uma segunda labareda de fogo saiu da varinha e se ligou à primeira, formando uma bela cadeira de lampejos.

- E, devo prová-lo necessário... Se você sentir que Draco irá falhar...- Sussurrou Narcisa (a mão de Snape repeliu-se da dela, mas elas não se separaram) - ... Irá você carregar o fardo que o Lord Negro ordenou a Draco cumprir?

Houve um momento de silêncio. Bellatrix assistiu, sua varinha sob suas mãos unidas, seus olhos bem abertos.

- Eu irei.- Disse Snape.

O rosto pasmo de Bellatrix ficou vermelho com a chama de uma terceira labareda, que saiu da varinha, se misturou com as outras e ricocheteou envolta de suas mãos unidas, como uma corda, como uma cobra cor de fogo.

= = = =

emprego, mas se recusaram comentar sobre os tópicos em discussão. Alvo Dumbledore é conhecido como... (cont.pág 3, coluna 2).

Na esquerda de outra página, a qual havia sido anexada uma reportagem com o título: "MINISTRO GARANTE A SEGURANÇA DOS ESTUDANTES". Novamente questionado, o Ministro da Magia, Rufus Scrimgeour, falou hoje sobre as novas medidas pelo ministério para garantir com segurança à volta dos alunos à Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts neste outono. "Por óbvias razões, o ministério não vai entrar em detalhes sobre os novos planos de segurança", disse o ministro, apesar de que uma pessoa de dentro do ministério confirmou que essas medidas incluem feitiços e magias defensivas, uma complexa disposição de "counter-curses" e uma pequena força-tarefa de aurores dedicados somente para a proteção de Hogwarts. A maioria parece tranqüilizada pelo discurso do novo ministro sobre a segurança dos alunos. A senhora Augusta Longbottom disse: "Meu neto, Neville, um grande amigo de Harry Potter, que lutou contra os Comensais da Morte ao lado de Harry no Ministério em Junho e..." Mas o resto da reportagem estava escondido embaixo de uma grande gaiola. Dentro tinha uma magnífica coruja nevada.

Seus olhos âmbares examinavam o quarto imperiosamente, sua cabeça girava sobre seu pescoço ocasionalmente para olhar seu dono roncar. Uma ou duas vezes ela bateu seu bico impacientemente, mas Harry está num sono muito profundo para ouvi-la. Um grande baú estava bem no meio do quarto. Sua tampa estava aberta: já estava quase vazio a não ser por roupas de baixo velhas, doces, frascos de tinta vazios e penas quebradas que revestiam o fundo. Próximo a isso, no chão, estava jogado um folheto brasonado com as palavras: EMITIDO EM NOME DO MINISTÉRIO DA MAGIA - Protegendo sua casa e sua família contra a arte das trevas A comunidade bruxa está atualmente sob a ameaça de uma organização chamada de Os Comensais da Morte. O seguinte guia irá ajudá-lo a proteger sua casa, sua famílias e as mesmo de um possível ataque.

1. Você é aconselhado a não sair sozinho de casa.
2. Cuidado nas horas de escuridão (da noite). Sempre que possível, completem suas viagens antes do anoitecer.
3. Revise as condições de segurança ao redor de sua casa, tendo certeza de que todos os membros de sua família estão cientes das medidas de segurança como feitiços escudo e de ilusão e, no caso de membros da família menores de idade, Side-Along-Apparitions.
4. Faça perguntas pessoais para seus amigos mais próximos e familiares para detectar comensais que possam estar mascarados pela poção polisuco (veja pág 2).
5. Caso você sinta que um membro da família, colega, amigo ou vizinho esta agindo de maneira estranha, avise o Esquadrão mágico de reforço à lei o mais rápido possível. Eles podem estar agindo sobre a maldição Imperius (veja pág 4).
6. Se a marca negra aparecer sobre qualquer moradia ou outra construção, NÃO ENTRE, mas avise o escritório dos aurores o mais rápido possível.
7. Boatos sugerem que os comensais podem estar usando agora "Inferi" (veja pág 10). Qualquer sinal de algum "Inferious", ou algo semelhante, deve ser comunicado ao ministro IMEDIATAMENTE.

Harry grunhiu em seu sono e sua cara escorregou na janela uma polegada, fazendo seu óculos ficar mais torto, mas ele não acordou. Um despertador, consertado por Harry alguns anos atrás, estava "tiquetaqueando" alto na cabeceira de sua cama, mostrando 10:59. Ao lado disso, preso no lugar por uma mão relaxada de Harry, estava um pedaço de pergaminho coberto por uma fina e inclinada escrita. Harry tinha lido este pergaminho tão repetidamente desde sua chegada há 3 dias, que apesar de o mesmo ter sido entregue firmemente enrolado, agora estava reto.

*Querido Harry,*

*Se isso for conveniente para você, eu estarei no número quatro, no estacionamento nessa sexta-feira às 11 horas para te escoltar até a toca, onde você está sendo convidado para passar o resto de suas férias. Se você aceitar, e devo também estar contente de ser o seu assistente numa matéria em que eu espero ajudar no caminho para a toca, explicarei melhor quando nos vermos. Envie sua resposta por essa coruja. Espero te ver na sexta.*

*Alvo Dumbledore*

Embora ele já a conhecesse de cor, Harry tinha estado lançando olhares a esta carta a cada poucos minutos desde as sete da noite, quando ele tinha se posicionado pela primeira vez ao lado da janela de seu quarto, onde tinha uma visão razoável da rua dos Alfeneiros. Ele sabia que era insensato reler novamente as palavras de Dumbledore; Harry tinha mandado de volta o seu "sim" com a coruja, como pedido, e tudo que ele poderia fazer agora era esperar: Ou Dumbledore estava vindo, ou ele não estava.

Mas Harry não tinha arrumado as malas. Apenas parecia muito bom para ser verdade que ele ia ser salvo dos Dursleys depois de uma mera quinzena na companhia deles. Ele não pôde ignorar o sentimento que algo ia sair errado - a sua resposta para a carta de Dumbledore poderia ter sido desviada; Dumbledore poderia ter sido impedido de recolhê-la; a carta poderia não se mostrar nada para Dumbledore, mas um truque ou piada ou armadilha. Harry não tinha se mostrado capaz de arrumar as malas e então ficar desapontado e desarrumá-las novamente. O único gesto que ele tinha feito à possibilidade de uma viagem foi fechar a sua coruja nevada, Edwiges, seguramente na gaiola dela.

O ponteiro dos minutos do despertador alcançou o número onze e, naquele momento preciso, as lâmpadas da rua lá fora, se apagaram. Harry despertou como se a escuridão súbita fosse um alarme. Endireitando rapidamente os seus óculos e descolando sua face do vidro, ele apertou seu nariz contra a janela e deu uma olhada para a calçada. Uma figura alta em uma longa, ondulada capa estava caminhando no jardim. Harry saltou como se ele tivesse recebido um choque elétrico, golpeado em cima de sua cadeira, começou arrebatando qualquer coisa dentro de alcance do chão e lançando dentro de seu baú. Até mesmo ele jogou um jogo de mantos, dois livros de feitiços, e um pacote de "crisps" pelo quarto, a campainha da porta tocou. Na escadaria da sala de estar o Tio Valter gritou:

- Quem, infernos, está tocando a campanhia a esta hora da noite?

Harry gelou com um telescópio de metal em uma mão e um par de "trainers" na outra. Ele tinha esquecido de avisar os Dursleys que Dumbledore poderia estar vindo. Sentindo se apavorado e ao mesmo tempo perto de rir, ele subiu em cima do baú e puxou-o aberto pelo seu quarto para ouvir uma voz profunda dizer:

- Boa noite. Você deve ser Sr. Dursley. Eu imagino que Harry lhes contou que eu estaria vindo para buscá-lo?

Harry correu descendo dois degraus por vez, parando repentinamente a alguns passos do piso, como sua experiência longa tinha lhe ensinado a permanecer fora do alcance dos braços do seu tio sempre que possível. Lá na entrada estava um homem alto, magro com cabelos compridos prateados até a cintura e barba. Tinha óculos meio-lua no seu nariz dobrado, e ele estava usando uma longa capa negra de viagem e chapéu pontiagudo. Valter Dursley, cujo bigode estava quase tão espesso quanto o de Dumbledore, entretanto negro, e que estava usando um roupão castanho-escuro, estava encarando a visita como se seus olhos minúsculos não pudessem acreditar no que viam.

- Julgando por seu olhar de impressionada descrença, Harry não o advertiu que eu estaria vindo. Dumbledore.- Disse agradavelmente. - Porém, deixe-me supor que você me convidou cordialmente para entrar em sua casa. Não é inteligente demorar demais no degrau de entrada da porta nestes tempos difíceis.- Ele pisou inteligentemente em cima do umbral e fechou a porta ás suas costas.

- Faz muito tempo desde minha ultima visita.- Disse Dumbledore, olhando sobre seu nariz curvo para o Tio Valter. - Eu tenho que dizer, seus agapanthus estão florescendo.

Valter Dursley não disse nada. Harry não duvidou que a fala retornasse a ele, e logo a veia que pulsava no pescoço de seu tio estava alcançando pontos de perigo, mas algo sobre Dumbledore parecia ter o roubado temporariamente o fôlego. Poderia ter sido o "wizardishness" grosseiro de sua aparência, mas talvez, também, o Tio Valter pudesse sentir que ali era um homem quem seria muito difícil ameaçar.

- Ah, boa noite Harry.- Disse Dumbledore, o olhando pelos seus óculos meia-lua com uma expressão mais satisfeita. - Excelente, excelente.

Estas palavras pareceram despertar Tio Valter. Estava claro que no que lhe diz respeito, qualquer homem que pudesse olhar Harry e dizer "Excelente" era um homem com quem ele nunca poderia olhar olho para olho.

- Eu não pretendo ser rude...- ele começou, em um tom que ameaçou grosseria em cada sílaba... Contudo, tristemente, grosseria acidental acontece inquietantemente com freqüência. Dumbledore terminou a oração gravemente. - Melhor não dizer nada, meu querido homem. Ah, e esta deve ser Petúnia.

A porta de cozinha tinha aberto, e lá estava a tia de Harry, usando luvas de borracha e um avental sobre sua camisola, claramente há meio tempo entre a hora de dormir e sua habitual limpeza de todas as superfícies de cozinha. Sua face "com traços de cavalo" não registrou nada mais que choque.

- Alvo Dumbledore.- Disse Dumbledore, quando Tio Valter não efetuou uma introdução. - Nos correspondemos, claro.

Harry pensou que este era um modo estranho de recordar Tia Petúnia, que ele tinha lhe enviado uma vez um berrador, mas Tia Petúnia não desafiou o termo.

- E este deve ser seu filho, Dudley.

Dudley tinha naquele momento espreitado em volta da porta de sala de estar. A sua cabeça grande, loira subindo fora do colarinho de "stripy" do seu pijama olhou desligado, boquiaberto de surpresa e "I car"??. Dumbledore esperou um momento ou dois, aparentemente para ver se qualquer dos Dursleys iria dizer qualquer coisa, mas como o "o.ilcncc"?? Estirou nele sorriu.

- Nós aceitamos o convite para irmos até a sua sala de estar.

Dudley se mexeu fora do normal à medida que Dumbledore passava por ele. Harry, ainda agarrando com força seu telescópio e trainers, saltou os últimos degraus e seguiu Dumbledore, que tinha se ajeitado na poltrona mais próxima ao fogo e estava olhando as coisas em volta com agradável interesse. Ele olhou totalmente e extraordinariamente fora de lugar.

- Nós não... Nós não estamos partindo, senhor?- Harry perguntou ansiosamente.

- Sim, realmente nós estamos, mas há algumas questões que nós precisamos discutir primeiro.- Disse Dumbledore.- E eu preferiria não fazer ao ar livre. Nós só aproveitaremos um pouco mais da hospitalidade dos seus tios.

- Você vai, você vai?

- Valter Dursley tinha entrado na sala, Petúnia ao encalço dele, e Duda escapando por trás dos dois.

- Sim.- Dumbledore disse simplesmente. - Eu devo.- Ele puxou sua varinha tão rapidamente que Harry custou a ver; com um estalido casual, o sofá zuniu adiante e bateu nos joelhos dos três do Dursleys de forma que eles desmoronaram sobre ele. Outro estalido da varinha e o sofá zuniu atrás a sua posição original.

- Nós podemos também estar confortáveis.- Disse Dumbledore agradavelmente.

À medida que ele recolocou sua varinha no bolso, Harry viu que a mão dele estava enegrecida e murcha; parecia como se a carne tivesse sido queimada.

- Senhor o que aconteceu com a sua...

- Depois, Harry.- Disse Dumbledore. - Por favor, sente-se.

Harry pegou a poltrona restante e escolhendo não olhar os Dursleys que pareciam atordoados em silêncio.

- Eu aceitaria que você me oferece-se um refresco.- Dumbledore disse ao Tio Valter. - Mas penso que não deveria ser otimista ao ponto dessa tolice que acabei de disser.

Um terceiro agito da varinha, e uma garrafa empoeirada e cinco copos apareceram à meia altura. A garrafa inclinou e derramou uma medida generosa de líquido mel-colorido em cada dos copos que então flutuaram para cada pessoa na sala.

- O mais fino Hidromel curtido em carvalho da Madame Rosmerta.- Disse Dumbledore, elevando seu copo para Harry, que pegou o seu próprio e bebericou. Ele nunca tinha tido experimentado qualquer coisa parecida antes, mas desfrutou imensamente. Os Dursleys, depois de olhares rápidos, assustados de um ao outro, tentaram ignorar os seus copos completamente, um feito difícil, como eles estavam os cutucando com suavidade nos lados de suas cabeças. Harry não pôde suprimir uma suspeita que Dumbledore estava se desfrutando bastante.

- Bem, Harry.- Dumbledore disse, dirigindo em direção a ele. - Uma dificuldade surgiu, a qual espero eu que você possa resolver para nós. Por nós, eu quero dizer a Ordem da Fênix. Mas em primeiro lugar eu lhe tenho que falar que o testamento de Sirius foi descoberto uma semana atrás e que ele deixou tudo que ele possuía para você.

Em cima do sofá, a cabeça do tio Valter virou, mas Harry não o olhou, nem ele poderia pensar qualquer coisa que diz: - Oh. Direito.

- Isto é, o principal, bastante direto.- Dumbledore continuou. - Você possui uma quantia razoável de ouro em sua conta no Gringotes, e você herda todas as posses pessoais de Sirius. A parte ligeiramente problemática do legado...

- O padrinho dele está morto?- Disse Tio Valter em voz alta do sofá. Dumbledore e Harry ambos viraram para o olhar. O copo de hidromel estava batendo agora bastante insistentemente ao lado da cabeça de Valter; ele tentou tirar fora. - Ele está morto? O padrinho dele?

- Sim.- Disse Dumbledore. Ele não perguntou para Harry por que ele não havia confiado nos Dursleys. - Nosso problema...- ele continuou a Harry, como se não tivesse havido nenhuma interrupção. "... É que Sirius deixou pra você o Largo Grimmauld, numero doze".

- Ele está ficando com uma casa?- Disse Tio Valter ambiciosamente, com seus pequenos olhos se estreitando, mas ninguém lhe respondeu.

- Vocês podem continuar usando-a como sede.- Harry disse. - Eu não me importo. Vocês podem ficar com ela, eu realmente não a quero.- Harry nunca quis botar os pés no Largo Grimmauld, número doze, novamente, se ele pudesse ajudar. Ele pensou que ele sempre seria assombrado pela memória de Sirius que ronda seus quartos bolorentos, escuros e solitários, encarcerado dentro do lugar que ele tinha querido partir tão desesperadamente.

- Isso é generoso.- Dumbledore disse. - Porém, nós desocupamos a casa temporariamente.

- Por que?

- Bem.- Dumbledore disse, ignorando o murmúrio do Tio Valter que estava sendo golpeado continuamente em sua cabeça pelo persistente copo de hidromel. - A tradição da família Black decretou que a casa fosse passada para as próximas gerações da linhagem direta, para o próximo homem com o nome de "Black". Sirius era o último da linhagem, mas o irmão mais jovem dele, Regulus faleceu e ambos, Sirius e Regulus não tiveram filhos. Enquanto o testamento de Sirius diz perfeitamente que você tenha a casa, é não obstante possível que algum feitiço ou encanto que foi feito no lugar para assegurar que não pode ser possuído por qualquer um diferente de um puro sangue.

Uma imagem vívida do grito, saindo do retrato da mãe de Sirius que se manteve o corredor do Largo Grimmauld, número doze, brilhou na mente de Harry.

- Eu aposto que lá tem.- Ele disse.

- Perfeitamente.- Disse Dumbledore. - E se um encanto existe, então a propriedade da casa terá que passar para o mais antigo parente de Sirius vivo, que seria a prima dele, Bellatrix Lestrange.

Sem perceber o que ele estava fazendo, Harry pulou sobre seus pés; o telescópio e trainers no seu colo rolaram pelo chão. Bellatrix Lestrange, a assassina de Sirius, herda a casa dele?

- Não.- Ele disse.

- Bem, obviamente nós preferiríamos que ela não a ganhe.- Disse Dumbledore calmamente. - A situação está carregada de complicações. Nós não sabemos se os encantos que nós mesmos colocamos lá, por exemplo, fazendo-a "Unplottable" (ilocalizável, talvez), se manterão agora que aquela propriedade passou das mãos de Sirius. Poderia ser que Bellatrix chegue no degrau de entrada a qualquer momento. Naturalmente nós tivemos que nos mudar até esclarecermos esta posição.

- Mas como você vai descobrir se me permitem possuí-la?

- Felizmente.- Disse Dumbledore. - Há um teste simples.

Ele colocou seu copo vazio em uma mesa pequena ao lado de sua cadeira, mas antes de ele pudesse fazer qualquer outra coisa, Tio Valter gritou.

- Você receberia estas coisas sem contar a nós?

Harry deu uma olhada; todos os três Dursleys estavam se encolhendo com seus braços em cima das suas cabeças com os copos saltando de cima para baixo nas suas cabeças, os conteúdos deles voando pra todos os lugares.

- Oh, desculpe-me. - Dumbledore disse educadamente, e ele elevou sua varinha novamente e todos os três copos desapareceram. - Mas teria sido de melhor agrado beber isto, você sabe.

Parecia como se o Tio Valter fosse explodir com qualquer número de respostas desagradáveis, mas ele somente se encolheu atrás nas almofadas com Tia Petúnia e Duda que não disse nada, mantendo seus pequenos olhos de porco na varinha de Dumbledore.

- Veja você.- Dumbledore disse, voltando a Harry e falando novamente como se o Tio Valter não tivesse se pronunciado. - Se você herdou a casa realmente, você também herdou...

Ele sacudiu sua varinha pela quinta vez. Houve um estalo alto, e um elfo doméstico apareceu, o nariz mais parecia um focinho, com orelhas de morcego gigante, e olhos sanguinolentos enormes, sobre o carpete felpudo dos Dursleys e coberto em trapos encardidos. Tia Petúnia deixou sair um grito agudo horrível; nada tão imundo havia entrado em sua casa em sua memória vivente. Duda puxou o seu grande, desnudo, pé rosa para fora do chão e se sentou com eles elevados quase sobre a cabeça dele, como se ele pensasse que a criatura poderia aumentar suas calças compridas de pijama, e Tio Valter berrou:

- Que infernos é isso?

- Monstro.- Finalizou Dumbledore.

- Monstro não, Monstro não, Monstro não!- Resmungava o elfo-doméstico, quase tão ruidosamente quanto o Tio Valter, estampando seus pés longos, nodosos e puxando as suas orelhas. - Mostro pertence à Senhorita Bellatrix, oh sim, Monstro pertence aos Black, Monstro querer sua nova mestra, Monstro não querer ir com Potter pirralho, Monstro não vai, não vai, não!

- Como você pode ver, Harry.- Dumbledore disse ruidosamente, por cima do resmungo do Monstro - Não, não irá, não irá...

- Monstro está mostrando uma certa relutância para passar para sua propriedade.

- Eu não me preocupo.- Disse Harry novamente, olhando com desgosto o elfo doméstico se retorcendo e esperneando. Eu não o quero.

- Não, não, não, não...

- Você preferiria que ele passasse para a propriedade de Bellatrix Lestrange? Levando em consideração que ele viveu na sede da Ordem da Fênix todo o ano passado?

- Não, não, não, não...

Harry encarou Dumbledore. Ele sabia que Monstro não poderia ser permitido ir e viver com Bellatrix Lestrange, mas a idéia de o possuir, de ter responsabilidade pela criatura que tinha traído Sirius, era repugnante.

- Dê a ele uma ordem.- Disse Dumbledore. - Se ele passou para sua propriedade, ele terá que obedecer. Se não, então nós teremos que pensar em alguns outros meios de mantê-lo em seu mestre legítimo.

- Não, não, não, não!-

A voz de Monstro tinha se elevado a um grito. Harry não conseguia pensar em nada para dizer a não ser:

- Monstro, cale-se.

Passou um momento como se Monstro fosse se sufocar. Ele agarrou sua garganta, sua boca ainda trabalhando furiosamente, seus olhos inchando. Depois de alguns segundos de tragar frenético, ele se lançou adiante sobre o tapete (Tia Petúnia choramingou) e bateu o chão com as mãos e pés para um violento, mas completamente silencioso acesso de raiva.

- Bem, isso simplifica as coisas.- Disse Dumbledore animadamente.

- Parece que Sirius sabia o que ele estava fazendo. Você é o dono legítimo do Largo Grimmauld número doze e de Monstro.

- Eu... Eu tenho que mantê-lo comigo?- Harry perguntou, espantado, enquanto Monstro batia ao redor de seus pés.

- Não se você não quer.- Disse Dumbledore. - Se eu poder dar sugestão, você poderia o enviar a Hogwarts para trabalhar lá na cozinha. Daquele modo, os outros elfos-domésticos poderiam ficar de olho nele.

- Yeah.- Disse Harry em alívio. - Yeah, eu farei isso. Er... Monstro... Eu quero que você vá para Hogwarts para trabalhar lá na cozinha com os outros elfos-domésticos.

Monstro que estava agora deitado de costas com seus braços e pernas deu a Harry um olhar de profunda abominação e, com outro estampido alto, desapareceu.

- Bom.- Dumbledore disse. - Há também a questão do hipogrifo, Bicuço. Hagrid tem cuidado dele desde que Sirius morreu, mas Bicuço agora é seu, assim se você preferisse fazer arranjos diferentes...

- Não.- Harry disse imediatamente. - Ele pode ficar com Hagrid. Eu penso que Bicuço preferiria isso.

- Hagrid ficará encantado.- Dumbledore disse, sorrindo. - Ele estava excitado para ver Bicuço novamente. Incidentemente, nós decidimos, pelos interesses da segurança de Bicuço, rebatizá-lo de "Witherwings" por enquanto, embora eu duvide que o Ministério adivinharia que ele é o hipogrifo que eles condenaram uma vez a morte. Agora, Harry, seu baú está arrumado?

- Er...

- Difícil de descobrir?- Disse Dumbledore com sagacidade.

- Eu apenas irei e... Er... Eu termino.- Disse Harry apressadamente, se apressando para apanhar o telescópio e os trainers caídos.

Levou um pouco mais de dez minutos para localizar tudo que ele precisava; afinal ele tinha conseguido tirar a Capa de Invisibilidade debaixo da cama, atarraxada ao topo de trás do seu jarro de tinta, forçou a tampa do seu baú e fechou seu caldeirão. Então, levantando seu baú em uma mão e contendo a gaiola de Edwiges em outra, ele retornou escada abaixo, Ele ficou desapontado ao descobrir que Dumbledore não estava esperando no corredor o que significou que ele teve que voltar à sala de estar. Ninguém estava falando. Dumbledore estava sussurrando calmamente, aparentemente totalmente com sua facilidade, mas a atmosfera era mais espessa que pudim frio, e Harry não ousou olhar para os Dursleys, ele apenas disse:

- Professor, eu estou pronto agora.

- Bom.- Disse Dumbledore. - Apenas uma última coisa, então.- E ele virou para falar mais uma vez aos Dursleys. - Como vocês devem estar sabendo, Harry chega na maioridade em um ano...

- Não.- Disse Tia Petúnia, falando pela primeira vez desde a chegada de Dumbledore.

- Como?- disse Dumbledore educadamente.

- Não, ele não chega. Ele é um mês mais jovem que Dudley, e Duda não terá dezoito até o ano depois do próximo ano.

- Ah.- Dumbledore disse agradavelmente. - Mas no mundo da Magia, nós chegamos à maioridade aos dezessete anos.

Tio Valter murmurou, "Absurdo", mas Dumbledore o ignorou.

- Agora, como vocês já sabem, o mago chamado Lord Voldemort retornou a este país. A comunidade mágica está atualmente em um estado de guerra aberta. Harry, a quem Lord Voldemort já tentou matar em várias ocasiões, está agora até em maior perigo que o dia em que eu o deixei quinze anos atrás em seu degrau da porta de entrada, com uma carta explicando sobre o assassinato dos pais dele e expressando a esperança que vocês tomariam conta dele; apesar de que ele já estaria entre os seus.- Dumbledore pausou, e embora a voz dele permanecesse clara e calma, e ele não desse nenhum sinal óbvio de raiva, Harry sentia um tipo de frio que emanava dele e notou que os Dursleys se juntaram muito ligeiramente uns aos outros.

- Vocês não fizeram como eu pedi. Vocês nunca o trataram Harry como um filho. Ele conheceu nada mais que negligência e freqüentemente crueldade sob suas mãos. E o melhor que pode ser dito é que ele pelo menos escapou do dano apavorante que você infligiu ao infeliz menino que está entre vocês.

Ambos Tia Petúnia e Tio Valter deram uma olhada instintivamente, como se esperando ver alguém diferente de Duda se apertando entre eles.

- Nós, maltratar Harry? Que você...- Começou Tio Valter furiosamente, mas Dumbledore elevou o seu tom para o silêncio, um silêncio que se caiu como se ele tivesse golpeado Tio Valter mudo.

- A magia que eu evoquei quinze anos atrás para que Harry tivesse poderosa proteção enquanto ele ainda pudesse chamar esta casa "de lar". Porém miseravelmente ele esteve aqui, indesejado e tratado mal. De qualquer forma, vocês tem pelo menos,

rancorosamente, lhe permitido morar aqui. Esta magia deixará de operar no momento que Harry atingir dezessete. Em outras palavras, no momento que ele se tornar um homem. Eu peço só isto: que vocês permitam a Harry voltar, uma vez mais, para esta casa, antes do décimo sétimo aniversário dele, que assegurará que a proteção continue até aquele tempo.

Nenhum dos Dursleys disse qualquer coisa. Duda estava franzindo as sobrancelhas ligeiramente, como se ele ainda estivesse tentando concluir quando ele fora alguma vez maltratado. Tio Valter olhou como se ele tivesse algo entalado em sua garganta; Tia Petúnia, porém, corou de forma estranha.

- Bem, Harry... É hora de darmos nos pé.- Dumbledore disse afinal, se levantando e endireitando a sua longa capa preta. - Até nos encontramos novamente.- Ele disse aos Dursleys, que pareceram como se aquele momento pudesse durar pra sempre até o ponto em que eles se preocuparam, e depois de tirar o seu chapéu, ele arrastou da sala.

- Adeus.- Disse Harry apressadamente para os Dursleys, e seguiu Dumbledore que parou ao lado do baú de Harry no qual a gaiola de Edwiges estava presa.

- Nós não queremos ficar sobrecarregados de peso isso justo agora.- Ele disse, tirando sua varinha novamente. - Eu os enviarei para A TOCA para esperar por nós lá. Porém, eu gostaria de você trouxesse sua Capa de Invisibilidade... Por via das dúvidas.

Harry extraiu a sua capa do baú com alguma dificuldade, tentando não mostrar a Dumbledore a bagunça dentro dele. Quando ele tinha colocado-a em um bolso interior da sua jaqueta, Dumbledore agitou sua varinha, o baú e a gaiola de Edwiges desapareceram. Dumbledore então agitou a varinha novamente e a porta da frente se abriu sobre escuridão fresca, nublada.

- E agora Harry, vamos sair na noite e seguir aquela excêntrica e sedutora aventura.

= = = =

Harry deu uma olhada em volta, todas as janelas eram escuras. Pensando nos dementadores, Harry segurou firme sua varinha no seu bolso.

- Professor, por que nós simplesmente não apartamos na casa de seu amigo?

- Isso seria tão rude quanto chutar a porta da frente e sentar em seu sofá, Harry, e também, a maioria dos bruxos tem feitiços anti-aparatamento em suas casas, Hogwarts por exemplo...

- ...Você não pode aparatar para os quartos ou salas, Mione me falou isso.

O relógio da Igreja marcava 8 horas atrás deles. Harry se perguntava por que Dumbledore não tinha simplesmente ligado para seu amigo, mais ele tinha perguntas mais urgentes para fazer.

- Professor, eu vi no Profeta diário que Fudge foi demitido...

- Verdade.- Falou Dumbledore. - Ele foi substituído, como eu tenho certeza que você também viu, por Rufus Scrimgeour, que costumava ser o chefe do Departamento dos Aurores no Ministério

- Ele é... Você acha que ele é bom?

- Pergunta interessante... Ele com certeza é mais forte e decidido que Cornelius.

- Sim, mais eu quero dizer...

- Eu sei o que você quer dizer, ele é um homem de atitude, lutou contra bruxos das trevas sua vida inteira e ele não subestima Voldemort.

Harry esperou, mas Dumbledore não disse nada sobre o desentendimento com Scrimgeor que o Profeta Diário havia reportado, e ele não teve coragem de puxar o assunto, então ele o mudou.

- E... Senhor... Eu vi sobre a Madame Bones.

- Sim.- Disse Dumbledore calmamente. - Uma perda terrível. Ela era uma grande bruxa. É por aqui. Eu acho... Ai.- Ele havia apontado com sua mão machucada.

- Professor, o que aconteceu com sua...?

- Eu não tenho tempo para explicar agora.- Disse Dumbledore. - É uma história interessante, Eu queria lhe fazer jus.- Ele sorriu para Harry, que entendeu que ele não estava ficando chateado, e que podia continuar a fazer perguntas.

- Senhor, eu recebi uma coruja do ministério sobre precauções que devemos ter contra os Comensais...

- Eu recebi uma também, você achou ela útil?

- Não!

- Não, eu achei que não mesmo, você não precisa me perguntar qual meu sabor favorito de geléia para saber se sou eu mesmo Harry.

- Não, eu não...- Harry não sabia se isso foi uma repressão ou não.

- Só pra garantir Harry, é framboesa, claro que se eu fosse um comensal eu não saberia isso e teria que pesquisar mais...

- Er... Ok... Bom, no folheto eles falaram alguma coisa sobre Inferi, o que é exatamente isso?

- São as pessoas mortas que o Voldemort enfeitiçou para ajudar ele. Claro, ele matou muita gente para conseguir isso. Esse é o lugar, Harry, por aqui.

Eles estavam se aproximando de uma casa de pedra pequena, limpa, que começava em seu próprio jardim. Harry estava muito ocupado digerindo a horrível idéia da aparência de um Inferi para prestar atenção em qualquer outra coisa, mas à medida que eles alcançaram o portão da frente, Dumbledore parou completamente e Harry bateu nele.

- Oh querido. Oh querido, querido, querido.

Harry desviou seu olhar para o caminho da frente, cuidadosamente tendido e sentiu seu coração partido. A porta dianteira estava pendurando pelas dobradiças. Dumbledore deu uma olhada pra cima e pra baixo na rua. Parecia totalmente deserta.

- Saque à varinha e me siga, Harry.- Ele disse quietamente.

Ele abriu o portão e caminhou rapidamente e silenciosamente no caminho do jardim, Harry aos seus calcanhares, então empurrou a porta da frente muito lentamente, a varinha dele elevou e pronto.

- Lumos.

A varinha de Dumbledore acendeu jorrando luz no corredor estreito. À esquerda, outra porta estava aberta. Segurando a sua varinha iluminada no alto, Dumbledore entrou na sala de estar com Harry bem atrás dele. Uma cena de devastação total se encontrou aos olhos deles. Um relógio de pêndulo estilhaçado aos pés deles, com sua parte frontal rachada, seu pêndulo caído um pouco mais distante como uma espada abandonada. Um piano estava em seu lado, com suas teclas espalhadas pelo chão. Os destroços de um candelabro caído figuravam ali perto. Almofadas esvaziadas, penas que escoam de golpes que elas tinham sofrido; fragmentos de vidro e porcelana estavam como pó em cima de tudo. Dumbledore elevou sua varinha um pouco mais alto, de forma que sua luz foi lançada nas paredes onde algo vermelho escuro e viscoso foi respingado sobre o papel de parede. A respiração de Harry fez Dumbledore dar uma olhada em volta.

- Nada legal, não é?- Ele disse pesadamente.

- Sim, algo horrível aconteceu aqui.

Dumbledore moveu-se cuidadosamente para o meio da sala, examinando os destroços aos seus pés. Harry o seguiu olhando ao redor, meio-assustado com o que ele poderia ver escondido atrás dos destroços do piano ou o sofá destruído, mas não havia nenhum sinal de um corpo.

- Talvez houve uma luta e, e eles o arrastaram para fora, Professor.- Harry sugeriu, tentando não imaginar quão gravemente ferido um homem ficaria para deixar essas manchas respingadas nas paredes.

- Eu não acho.- Disse Dumbledore quietamente, espreitando atrás de uma poltrona estufada caída ao seu lado.

- Você acha que ele está...?

- Ainda aqui em algum lugar? Sim.

E sem aviso, Dumbledore abaixou, mergulhando a ponta de sua varinha no assento da poltrona, que gritou: "Ai"!

- Boa noite, Horace.- Disse Dumbledore, se endireitando novamente para cima.

A mandíbula de Harry caiu. Onde em uma fração de segundo atrás havia uma poltrona, agora estava um encurvado um enormemente gordo, careca e velho homem que estava massageando sua barriga e piscando para Dumbledore com um olho entristecido e úmido.

- Não havia necessidade de cravar a varinha tão duramente.- Ele disse irritado, se endireitando. - Doeu.

A luz da varinha cintilou em sua cabeça brilhante, seus olhos salientes, o bigode enorme, prateado, "como uma morsa", e os botões altamente polidos na jaqueta aveludada castanha que ele estava usando em cima de um par de pijamas de seda lilás. O topo de sua cabeça alcançou apenas o queixo de Dumbledore.

- O que é isso?- Ele grunhiu à medida que cambaleou aos seus pés, ainda esfregando sua barriga. Ele parecia notavelmente imperturbável para um homem que tinha sido descoberto há pouco fingindo ser uma poltrona.

- Meu caro Horace.- Disse Dumbledore, olhando entretido. - Se os Comensais da Morte realmente tivessem sido chamados, a Marca Negra teria sido colocada sobre a casa.

O mago deu um tapa com uma mão gorducha na frente de sua vasta testa.

- A Marca Negra.- Ele murmurou. - Sabia que havia algo... Ah bem. Não teria tido tempo de qualquer maneira, eu apenas dei uns toques finais na minha tapeçaria quando você entrou na sala.- Ele inspirou um grande suspiro que fez as pontas do bigode dele tremularem.

- Você gostaria de minha ajuda?- Perguntou Dumbledore educadamente.

- Por favor.- Disse o outro.

Eles ficaram de pé, um de costas para o outro, o bruxo magro e alto e o baixo e gordo, e balançando suas varinhas em um idêntico e envolvente movimento. A mobília voou de volta para seus lugares originais; ornamentos se reformaram no ar, as penas zuniram para suas almofadas; livros rasgados se consertaram e aterrissaram nas estantes; lanternas de óleo planaram sobre mesas e reacenderam; uma coleção vasta de armações de quadro prateadas lascadas voou reluzindo pela sala, e desceu, inteira e limpa, em uma escrivaninha; rasgos, rachas, e buracos se regeneraram em todos os lugares, e as paredes se limparam.

- Que tipo de sangue era aquele?- Perguntou Dumbledore em voz alta para em cima do barulho do recentemente não-quebrado relógio de pêndulo.

- Nas paredes? Dragão.- Gritou o mago chamou Horace, a medida que, com um tilintar ensurdecedor, o candelabro se atarraxava no teto. Houve um som final do piano, e silêncio. - Sim, dragão.- Repetiu o bruxo na conversa. - Minha última garrafa, e os preços estão nas alturas atualmente. Ainda, poderia ser reutilizável.- Ele discursava sobre uma garrafa cristalina pequena que estava sobre um buffet e levantou-a em direção à luz, examinando o líquido espesso dentro. - Hmm. Um pouco empoeirada.- Ele colocou a garrafa de volta no buffet e suspirou. Foi então que o seu olhar caiu sobre Harry. - Oh.- Ele disse, com seus redondos e grandes olhos voando para testa de Harry e para a cicatriz em forma de raio. - Oh!

- Este.- Dumbledore disse, indo para frente pra fazer a introdução "... É Harry Potter. Harry, este é um velho amigo e meu colega, Horace Slughorn".

Slughorn virou-se para Dumbledore, com expressão sagaz.

- Então é dessa forma que você pensa em me persuadir, não é? Bem, a resposta é não, Alvo.

Ele empurrou Harry para trás, a sua face se virou decididamente com o ar de um homem que tenta resistir a tentação.

- Eu suponho que nós podemos ter uma bebida, ao menos?- Perguntou Dumbledore. - Pelos bons e velhos tempos?- Slughorn vacilou.

- Certo então, uma bebida.- Ele disse de forma descortês. Dumbledore sorriu a Harry e o dirigiu para uma cadeira bem distinta daquela que Slughorn tinha recentemente se personificado, ao lado direito do fogo que recentemente queimava e brilhava uma lamparina de óleo. Harry pegou o assento com a ligeira impressão de que Dumbledore, por alguma razão, o queria tão visível quanto fosse possível manter. Certamente quando Slughorn que tinha estado ocupado com garrafas e copos voltou-se para a sala novamente, seus olhos caíram imediatamente em Harry. "Hmpf", ele disse, olhando pra outro lugar rapidamente como se tivesse amedrontado ou ferido seus olhos. "Aqui". Ele deu uma bebida a Dumbledore que tinha se sentado sem nenhum convite, empurrou a bandeja a Harry, e então afundou nas almofadas do sofá consertado e um decepcionado silêncio. As pernas dele eram tão pequenas que elas não tocaram o chão.

- Bem, como você tem estado, Horace?- Dumbledore perguntou.

- Não tão bem.- Slughorn disse imediatamente. - Peito fraco. Ofegante. Reumatismo também. Não posso me mover como eu costumava. Bem, era o esperado. Velhice. Fadiga.

- E ainda você tem que se mover bastante depressa para preparar as boas-vindas para nós.- Dumbledore disse.

- Você não pode ter tido mais que três minutos de advertência?

Slughorn disse, de modo irritante, meio orgulhosamente:

- Dois. Não ouvi meu Feitiço de Intrusos explodir, eu estava tomando banho. Ainda.- Ele completou com severidade, com aparência de trazer de volta a si mesmo. - O fato que resta é que sou um homem velho, Alvo. Um homem velho cansado que conseguiu o direito de uma vida tranqüila e alguns confortos.- Ele certamente os tinha, pensou Harry, dando uma olhada ao redor da sala. Ela era sufocante e desordenada, contudo ninguém poderia dizer que era desconfortável; havia cadeiras suaves e banquetas, bebidas e livros, caixas de chocolates e almofadas rechonchudas. Se Harry não tivesse conhecido quem vivia lá, ele teria imaginado que seria uma exigente senhora, velha e rica.

- Você não está, contudo tão velho quanto eu estou, Horace.- Disse Dumbledore.

- Bem, talvez você deva pensar em sua aposentadoria.- Slughorn disse abruptamente. Seus pálidos olhos de framboesa haviam visto a mão ferida de Dumbledore. - Reações que eles não foram, eu vejo.

- Você está certo.- Disse Dumbledore serenamente, balançando sua manga para revelar as pontas daquelas argolas queimados e escurecidos; a visão deles fez a nuca de Harry espetar indesejavelmente. - Eu sou, sem dúvida, mas lento que eu era. Mas em compensação...- Ele encolheu os ombros e balançou as suas mãos, como para dizer que aquela idade tinha suas compensações, e Harry notou um anel na sua mão machucada que ele nunca havia visto Dumbledore usando antes; era largo, desajeitado e feito de algo que parecia ouro, e tinha uma pesada pedra preta que estava quebrada ao meio. O olho de Slughorn demorou-se um tempo no anel também, e Harry viu um pequeno franzir de sobrancelhas na sua testa.

- Então, todas essas precauções contra intrusos, Horace... Eles são para o benefício dos Comensais da Morte ou para o meu?- Perguntou Dumbledore.

- O que os Comensais da Morte iriam querer com um pobre velho decaído como eu?- Reclamou Slughorn.

- Eu imagino que eles fossem querer os seus consideráveis talentos em repreensão, tortura e assassinatos.- Disse Dumbledore. - Você está realmente me dizendo que eles ainda não vieram te recrutar?

Slughorn olhou para Dumbledore malignamente por um momento, então murmurou:

- Eu não os dei a chance. Eu estive me mudando por um ano. Nunca ficando em lugares por mais de uma semana. Mudando de casa de Trouxa para casa de Trouxa. Os donos desse lugar estão de férias nas Ilhas Canárias; tem sido bem legal, eu vou me sentir triste em sair. É bem simples quando você sabe como, um simples Feitiço do Congelamento nesses sistemas absurdos de alarmes para ladrões que eles usam em vez de Espioscópios e ter certeza que os vizinhos não te vejam trazendo o piano para dentro.

- Ingênuos.- Disse Dumbledore. - Mas parece um pouco cansativo para um pobre velho decaído em busca de uma vida sossegada. Agora, se você voltasse a Hogwarts...

- Se você vai me dizer que minha vida ia ter mais paz naquela escola incômoda, você pode ficar sem falar, Alvo! Eu posso ter estado escondido, mas alguns rumores engraçados me alcançaram desde que Dolores Umbridge saiu! Se for assim que você trata os professores atualmente...

- A professora Umbridge entrou em conflito com nosso bando de centauros.- Disse Dumbledore. - Eu acho que você, Horace, teria sabido melhor como entrar na floresta e chamar uma multidão de centauros furiosos de "bastardos imundos".

- Foi isso que ela disse, foi?- Disse Slughorn. - Mulher idiota. Nunca gostei dela.

Harry deu uma risada e tanto Dumbledore quanto Slughorn olharam para ele.

- Desculpa-me. - Harry disse apressadamente. - É que eu também não gostava dela.

Dumbledore se levantou repentinamente.

- Você vai embora?- Perguntou Slughorn de uma vez, parecendo esperançoso.

- Não, eu estava me perguntando se eu poderia usar o seu banheiro.- Disse Dumbledore.

- Oh.- Disse Slughorn, claramente desapontado. - Segunda à esquerda no hall.

Dumbledore saiu a passos largos da sala. Uma vez que a porta havia fechado atrás dele, houve silêncio. Após alguns momentos, Slughorn se levantou, mas parecia incerto de o que fazer. Ele olhou furtivamente para Harry, então saiu e se virou de costas para ele, aquecendo suas largas costas.

- Não pense que eu não sei por que ele trouxe você.- Ele disse abruptamente.

Harry simplesmente olhou para Slughorn. Seus olhos aguados Slughorn passaram pela cicatriz de Harry, dessa vez analisando o resto de seu rosto.

- Você parece muito com seu pai.

- É, já me disseram.- Disse Harry.

- Tirando seus olhos. Você tem...

- Os olhos da minha mãe, é. - Harry ouvia isso com tanta freqüência que achava um pouco inconveniente.

- Hump. Sim, bem. Eu não deveria ter favoritos sendo um professor, é claro, mas ela era uma das minhas. Sua mãe.- Slughorn acrescentou, em resposta ao olhar de questionamento de Harry. - Lílian Evans. Uma das mais brilhantes que eu já ensinei. Vivaz, você sabe. Garota encantadora. Eu costumava dizer que ela tinha que estar na minha Casa. Eu costumava receber respostas bem imprudentes.

- Qual era sua Casa?

- Era o Chefe da Sonserina.- Disse Slughorn. - Oh, agora.- Ele foi rápido, vendo a expressão no rosto de Harry e sacudindo uma dura argola nele. - Não vá usando isso contra mim! Você deve ser da Grifinória, como ela, creio eu? Sim, realmente vai de família em família. Nem sempre, entretanto. Já ouvir falar de Sirius Black? Deve ter. Esteve nos jornais nos últimos anos e, morreu há algumas semanas.- Foi como se uma mão invisível tivesse revirado o intestino de Harry e o apertado forte. - Bem, de qualquer forma, ele era um grande amigo de seu pai na escola. Toda a família Black esteve na minha casa, mas o Sirius acabou na Grifinória! Vergonha! Ele era um garoto talentoso. Eu peguei o irmão dele, Regulus, quando ele entrou, mas eu gostaria de ter tido todos.- Ele parecia um colecionador que tinha dado o lance mais alto em um leilão. Aparentemente perdido em memórias, ele olhou atentamente para a parede oposta, se perdendo no lugar para assegurar um ardor nas suas nádega. - Sua mãe era sangue-ruim, é claro. Não pude acreditar quando eu descobri. Achei que ela fosse puro-sangue, ela era tão boa.

- Uma das minhas melhores amigas é sangue-ruim.- Disse Harry. - E ela é a melhor do nosso ano.

- Engraçado como isso às vezes acontece, não é?- Disse Slughorn.

- Não realmente.- Disse Harry friamente.

Slughorn olhou para ele surpreso.

- Você deve pensar que eu sou preconceituoso!- Ele disse. - Não, não, não! Eu não acabei de dizer que sua mãe é uma das melhores alunas que eu já tive? E também havia Dirk Cresswell no ano seguinte também que agora chefe do Departamento de Ligação de Duendes, é claro; Outra sangue-ruim, uma aluna muito talentosa, e ainda me dá grandes informações do que ocorre no interior do Gringotes!- Ele deu um pulinho, sorrindo de um modo bem satisfeito, e apontou para as muitas fotos brilhantes na cômoda, cada uma com minúsculos ocupantes se mexendo. - Todos ex-alunos, todos autografados. Você verá Barnabas Cuffe, editor do Profeta Diário, ele está sempre interessado em ouvir a minha opinião sobre a edição do dia. E Ambrosius Flume, da Dedosmedel, uma grande cesta a cada aniversário, e tudo porque fui eu quem o apresentou para Ciceron Harkisss que lhe deu o seu primeiro emprego! E na parte de trás você poderá ver se estender o seu pescoço, aquela é Gwenog Jones, que, é claro, comanda o Holyhead Harpies... As pessoas estão sempre surpresas ao ouvir que eu estou nas listas dos primeiros dos Harpiers, e eu ganho ingressos de graça sempre que eu quero!

Esse pensamento pareceu alegrá-lo tremendamente.

- Todas essas pessoas sabem como te encontrar? Como te mandar coisas?- Perguntou Harry, que não podia deixar de pensar em como os Comensais da Morte ainda não haviam encontrado Slughorn com tantos cestos de doces, ingressos de Quadribol, e visitantes pedindo seus conselhos e opiniões.

O sorriso sumiu do rosto de Slughorn tão rapidamente quanto o sangue das suas paredes.

- É claro que não. Ele disse, olhando com desprezo para Harry. - Eu estive sem contato com ninguém por um ano.

Harry teve a impressão que as palavras chocaram até mesmo Slughorn ele parecia bem inseguro por um momento, e então ele abaixou os ombros.

- Mesmo assim... Bruxos prudentes tem que manter-se de cabeça baixa às vezes. É muito legal do Dumbledore me chamar, mas assumir um posto em Hogwarts agora seria igual a declarar publicamente que eu tenho alianças com a Ordem da Fênix! E enquanto eu tenho certeza que eles são bem admiráveis e bravos e todo o resto, eu não consigo imaginar a taxa de mortalidade.

- Você não tem que se juntar à Ordem para ser professor em Hogwarts.- Disse Harry, que não conseguia esconder um tom de ridículo na sua voz: era difícil se simpatizar com a existência mimada de Slughorn quando ele se lembrava de Sirius, agachado em uma caverna e vivendo com ratos. - A maioria dos professores não está nela, e nenhum deles jamais foi assassinado... Bem, a menos que você conte o Quirrell, mas ele recebeu o que ele merecia por se aliar a Voldemort.

Harry tinha certeza que Slughorn seria um daqueles bruxos que não agüentavam ouvir o nome de Voldemort em voz alta, e não se desapontou: Slughorn tremeu e deu um grito em protesto, o que Harry ignorou.

- Eu reconheço que os funcionários estão mais seguros que a maioria das pessoas enquanto Dumbledore for o diretor; ele parece ser o único que Voldemort jamais temeu, não é?- Harry continuou.

- Bem, sim, é verdade que Aquele-que-não-deve-ser-nomeado nunca travou uma luta com Dumbledore.- Ele murmurou de má vontade. - E eu suponho que alguém possa argumentar que como eu não me juntei aos Comensais da Morte, Aquele-que-não-deve-ser-nomeado pode dificilmente contar comigo como amigo... Nesse caso, eu devo estar mais a salvo perto de Alvo... Eu não posso fingir que a morte de Amelia Bones não balançou comigo... Se ela, com todo o contato com o Ministério e proteção...

Dumbledore entrou na sala e Slughorn pulou como se ele tivesse esquecido que ele estava em casa.

- Oh, aí está você, Alvo.- ele disse. - Você demorou muito. Dor de estômago?

- Não, eu estava só lendo algumas revistas de Trouxas.- Disse Dumbledore. - Eu adoro amostras de tricô. Bem, Harry, nós já abusamos da hospitalidade de Horace; eu acho que nós devemos ir embora.

Sem nenhuma relutância em desobedecer, Harry se pôs de pé. Slughorn surpreendeu-se com a ofensa.

- Você está indo?

- Sim, certamente. Eu reconheço uma causa perdida quando eu vejo uma.

- Perdida...?

Slughorn parecia agitado. Ele brincou com seus dedos gordos enquanto ele via Dumbledore apertar seu casaco de viajem, e Harry fechar sua jaqueta.

- Bem, eu sinto muito que você não queira o trabalho, Horace.- Disse Dumbledore, usando seu braço machucado para dar uma última despedida. - Hogwarts estaria feliz em ver você de volta novamente. Nossa grande segurança não obstante, você sempre será bem vindo para visitas, se você quiser.

- Sim... Bem... Muito gentil... Como eu digo...

- Adeus então.

- Tchau.- Disse Harry.

Eles estavam na porta da frente quando houve um grito alto bem atrás deles.

- Tudo bem, tudo bem, eu aceito!

Dumbledore virou para ver Slughorn na porta da sala se estar.

- Você vai sair do seu esconderijo?

- Sim, sim.- Disse Slughorn impaciente. - Eu devo estar louco, mas sim.

- Maravilhoso.- Disse Dumbledore, radiante. - Então, Horácio, nós nos veremos no dia primeiro de Setembro.

- Sim, eu suponho que nos veremos. Grunhiu Slughorn.

Assim que eles saíram do jardim, a voz de Slughorn veio atrás deles.

- Eu vou querer um aumento, Dumbledore!

Dumbledore riu. O portão do jardim se fechou atrás deles, assim que eles saíram para a rua pelas sombras e redemoinhos.

- Muito bem, Harry.- Disse Dumbledore.

- Eu não fiz nada.- Disse Harry surpreso.

- Oh sim você fez. Você mostrou a Horace exatamente o que ele tem a ganhar por voltar para Hogwarts. Você gosta dele?

- Er...- Harry não tinha certeza se ele gostava de Slughorn ou não. Ele achava que ele tinha sido agradecido de sua forma, mas ele também parecia convencido e, mesmo ele tendo dito o contrário, muito surpreso de que um sangue-ruim pudesse ser um bruxo exemplar.

- Horace...- Disse Dumbledore, tirando de Harry a responsabilidade de Harry de dizer qualquer uma dessas. -...Gosta do seu conforto. Ele também gosta da companhia dos famosos, aqueles que se deram bem, e os poderosos. Ele gosta do sentimento que ele influencia essas pessoas. Ele nunca quis ocupar o trono ele mesmo; ele prefere o banco de trás: mais espaço para se divulgar, você vê. Ele costumava escolher os seus preferidos em Hogwarts, alguns pela ambição de seus cérebros, às vezes por seu charme ou talento, ele tinha um gosto especial por aqueles que se tornariam destaques em seus vários campos. Horace formava um tipo de clube de seus favoritos com ele mesmo no centro, fazendo apresentações, realizando contatos úteis entre membros, e sempre colhendo algum tipo de benefício em troca, seja uma caixa de graça de seu abacaxi cristalizado favorito ou a chance de recomendar o próximo membro júnior do Departamento de Ligação de Duendes.

Harry teve uma rápida e vívida imagem de uma enorme aranha, fazendo uma teia em volta de si, fazendo uma troca aqui e ali para trazer seus fios um pouco mais pertos um do outro.

- Eu te digo isso.- Dumbledore continuou. - Para não se voltar contra Horace ou, como nós o devemos chamar agora, Professor Slughorn, mas se colocar na sua própria defesa. Ele vai sem dúvidas tentar colecionar você, Harry. Você seria a jóia da sua coleção; "o Garoto Que Sobreviveu"... Ou, como eles dizem agora, "o Escolhido".

Com essas palavras, um arrepio que nada tinha a ver com aquela névoa caiu sob Harry. Ele se lembrou de palavras que ele havia ouvido algumas semanas atrás, palavras que tinham em terrível e peculiar sentido para ele: Um não pode viver enquanto o outro sobrevive... Dumbledore parou de caminhar, perto da Igreja onde eles passaram mais cedo.

- Isso vai ser suficiente, Harry. Se você puder segurar no meu braço.- Segurando forte dessa vez, Harry estava pronto para Aparatar, mas ainda assim a achou desconfortável. Quando a pressão cessou e ele se viu capaz de respirar novamente, ele estava em uma alameda rural ao lado de Dumbledore e olhando adiante para a silhueta torta do seu segundo lugar favorito no mundo: a Toca. Ao contrário do espírito de medo que o havia pegado antes, ele não conseguia deixar de se sentir feliz com essa visão. Rony estava aqui... E também a Sra. Weasley, que cozinhava melhor que qualquer outra pessoa que ele conhecesse...

- Se você não se importar, Harry.- Disse Dumbledore, enquanto eles passaram pelo portão. - Eu gostaria de dar uma palavrinha com você antes de partir. Em particular. Aqui, talvez?- Dumbledore apontou uma um lugar em estado precário onde os Wealeys costumavam guardar suas vassouras. Um pouco confuso Harry seguiu Dumbledore pela porta rangida até um espaço menor que um guarda-roupas. Dumbledore iluminou a ponta de sua varinha, para que esta ficasse parecendo uma tocha, e sorriu para Harry. - Eu Espero que você me desculpe por falar isso, Harry, mas eu estou bem satisfeito e orgulhoso do modo como você parece estar lidando após tudo que aconteceu no Ministério. Me permita dizer que eu creio que Sirius estaria orgulhoso de você.

Harry engoliu em seco; sua voz parecia ter sido levada com ele. Ele não achava que seria capaz se falar sobre Sirius; já tinha sido doloroso demais ouvir seu tio Valter dizer "O padrinho dele morreu?" E ainda pior ouvir o nome de Sirius dito casualmente por Slughorn.

- Foi cruel.- Disse Dumbledore com a voz doce. - Que você e Sirius tenham tido um tempo tão curto juntos. Um fim brutal para o que deveria ter sido uma convivência longa e feliz.

Harry concordou com a cabeça, seus olhos fixos na aranha no chapéu de Dumbledore. Ele poderia dizer que Dumbledore entendia, ele poderia até suspeitar disso até sua carta chegar, Harry tinha gastado praticamente todo o seu tempo na casa dos Dursley, jogado na sua cama, recusando comida e olhando para a janela embaçada, cheio que névoa que eu aposto que ele associava com os Dementadores.

- É tão difícil.- Harry disse finalmente, em voz baixa. - Ter certeza que ele nunca mais vai escrever para mim.- Seus olhos arderam de repente e ele piscou. Ele se sentiu idiota por admitir isso, mas o fato dele ter alguém fora de Hogwarts que se importasse com o que acontecia com ele, quase um parente, foi uma das melhores coisas de descobrir o seu padrinho... E agora as corujas de correio nunca mais iriam lhe trazer aquele reconfortamento...

- Sirius representou para você muito do que você nunca havia tido antes.- Disse Dumbledore gentilmente. - Naturalmente, sua perda será devastadora...

- Mas enquanto eu estava nos Dursleys... Interrompeu Harry, sua voz ficando mais forte. - Eu percebi que eu não posso me abater ou desistir. Sirius não iria querer isso para mim, iria? E de qualquer forma, a vida é muito curta... Olhe para a Madame Bones, olhe para Emmeline Vance... Eu poderia ser o próximo, não poderia? Mas se for.- Ele disse violentamente. - Eu vou me assegurar de que eu leve quantos Comensais da Morte comigo eu conseguir e, se for possível, Voldemort também.

- Falou ao mesmo tempo como filho de seus pais e afilhado de Sirius!- Disse Dumbledore, com um tapinha de aprovação nas costas de Harry. - Eu tiro o meu chapéu para você, eu tiraria, se eu temesse lhe mostrar algumas aranhas. E agora, Harry, um acontecimento mais recente... Eu creio que você tenha lido o Profeta Diário nas duas últimas semanas?

- Sim.- Disse Harry, e seu coração bateu um pouco mais rápido.

- Então você deve ter visto que haviam muitas notas e comentários sobre você na sala da profecia?

- Sim.- Disse Harry novamente. - E agora todos sabem que eu sou o Escolhido.

- Não, eles não sabem.- Interrompeu Dumbledore. - Só existem duas pessoas em todo esse mundo que sabem do total conteúdo daquela profecia relacionando você e Lord Voldemort, e as duas estão aqui nesse armário fedorento e cheio de aranhas. É verdade, porém, que muitos já adivinharam, corretamente, que Voldemort mandou seus Comensais para roubar uma profecia, e essa profecia fala de Você. Agora, eu devo estar certo em dizer que você não contou para ninguém o conteúdo da profecia, contou?

- Não.- Disse Harry.

- Uma sábia decisão, no fim.- Disse Dumbledore. - Embora eu ache que você deva relaxar com os seus amigos, Sr. Ronald Weasley e Srta. Hermione Granger. Sim.- Ele continuou, quando Harry olhou para ele assustado. - Eu acho que eles devem saber. Você seria injusto se não confidenciasse algo importante com eles.

- Eu não queria...

- Assustá-los ou preocupá-los?- Disse Dumbledore, vislumbrando Harry pelo topo de seus óculos de meia-lua. - Ou talvez, confessar que você está assustado e preocupado? Você precisa de seus amigos, Harry. Como você mesmo disse, Sirius não iria querer que você se abatesse.

Harry não disse nada, mas Dumbledore não aprecia pedir uma resposta. Ele continuou. - Falando de outro assunto, eu gostaria que você tivesse algumas lições particulares comigo esse ano.

- Particulares, com você?- Disse Harry, surpreso com o seu silêncio preocupado.

- Sim, eu acho que é hora de investir mais na sua educação.

- O que você vai me ensinar, senhor?

- Oh, um pouco disso, um pouco daquilo.- Disse Dumbledore vagamente.

Harry esperou esperançoso, mas Dumbledore não continuou, então ele perguntou outra coisa que o vinha perturbando bastante.

- Se eu vou ter aulas com você, então eu não vou precisar das aulas de Oclumência com Snape, vou?

- Professor Snape, Harry. E não, você não vai.

- Bom.- Disse Harry, aliviado. Porque elas eram um pouco...- Ele parou, tomando cuidado para não dizer o que ele realmente pensava.

- Eu acho que a palavra "fiasco" se encaixaria bem aqui.- disse Dumbledore, concordando.

Harry riu.

- Bem, isso quer dizer que eu não devo ver tanto o Professor Snape agora.- Ele disse. - Porque ele não vai me deixar ter Poções se eu não tirar "Excepcional" no meu NOM, o que eu sei que eu não tirei.

- Não conte nas suas corujas antes delas serem entregues.- Disse Dumbledore gravemente. - O que agora, eu acho, eu estou um pouco atrasado. Agora, mais duas coisas Harry, antes de partirmos. Primeiramente, eu gostaria que de agora em diante você levasse sempre a sua Capa de Invisibilidade com você. Mesmo dentro de Hogwarts. Só no caso de... Você me entende?

Harry confirmou.

- E por fim, enquanto você fica aqui, a Toca recebeu a maior segurança que o Ministério da Magia pode oferecer. Essas mudanças causaram um pouco de inconveniência para Arthur e Molly. Todos os seus cargos, por enquanto, estão sendo vigiados no Ministério. Eles não se sentem desprezados, para eles o maior objetivo é a sua segurança. Mesmo assim, seria injusto você se meter em confusão enquanto está aqui com eles.

- Eu entendo.- Disse Harry rapidamente.

- Muito bem, então.- Disse Dumbledore, segurando a porta do lugar aberta para o jardim. - Eu vejo uma luz na cozinha. Não vamos privar mais a Molly de implicar com o quão magro você está.

= = = =

- Então você persuadiu Horace Slughorn para aceitar o trabalho?

Harry acenou com a cabeça, com a boca cheia de sopa quente ele não pôde falar.

- Ele ensinou a mim e ao Arthur.- Disse a Sra. Weasley. - Ele esteve em Hogwarts por anos, começou por volta da mesma época que Dumbledore, eu acho. Você gostou dele?

A boca dele agora estava cheia de pão, Harry então encolheu os ombros e fez um gesto reservado com a cabeça.

- Eu sei o que você quer dizer.- Disse a Sra. Weasley, enquanto acenava com a cabeça sabiamente. - Claro que ele pode encantar quando quer, mas o Arthur nunca gostou muito dele. O Ministério acabou com os velhos favorito de Slughorn, ele sempre foi bom em passar a perna , mas ele nunca teve bons olhos para o Arthur. Parecia pensar que ele era bastante aéreo. Bem, só estou lhe mostrando que Slughorn também comete erros. Eu não sei se o Rony lhe falou em quaisquer das cartas dele, aconteceu há pouco tempo, mas o Arthur foi promovido!- Não poderia ter estado mais claro que Sra. Weasley tinha estado estourando para dizer isto. Harry engoliu uma quantia grande de sopa muito quente e ele podia sentir a garganta dele empolando.

- Isso é ótimo!- Ele ofegou.

- Você é um doce.- Irradiou a Sra. Weasley, com seus olhos possivelmente molhados pela emoção da noticia. - Sim, Rufus Scrimgeour montou vários escritórios novos com respeito à situação presente, e o Arthur está indo para o Escritório de Descoberta e Confisco de Falsos Feitiços de Defensiva e Objetos Protetores. É um trabalho grande, ele adquiriu dez pessoas que informam agora a ele.

- O que exatamente...?

- Bem, você vê, em todo os lados há pânico sobre Você-sabe-quem, coisas estranhas têm estado à venda em todos lugares, coisas que dizem proteger contra Você-saber-quem e os Comensais da Morte. Você pode imaginar o tipo de coisa: poções protetoras que tem nomes chamativos mas que realmente são molho com um pouco de pus de Bobotuberas, ou instruções para fazer contra maldições que atualmente fazem sua orelha cair... Bem, na maioria das vezes os criadores são só pessoas como o Mundungus que nunca fez um trabalho honesto nem em um só dia de suas vidas, eles têm levado vantagem no medo das pessoas, mas de vez em quando aparece algo realmente sórdido. O outro dia o Arthur confiscou uma caixa de Sneakoscopes amaldiçoado que quase foi plantado, certamente por um Comensal da morte. Então você vê, é um trabalho muito importante, como lhe falei. Nesse tempo é tolo perder tempo com velas de ignição e carregadores e todo o resto daquele lixo de trouxas.- A Sra. Weasley terminou a fala dela com um olhar duro, como se tivesse sido Harry que sugerira que era natural perder tempo com velas de ignição.

- O Sr. Weasley ainda está no trabalho?- Harry perguntou.

- Sim, ele está. De fato, ele está um pouco atrasado... Ele disse que ele estaria de volta por volta de meia-noite...-

Ela virou o olhar para um relógio grande que foi empoleirado sem jeito em cima de uma pilha de folhas no cesto de lavagem ao término da mesa. Harry reconheceu ele imediatamente: Tinha nove ponteiros, em cada um estava inscrito o nome de um membro da família, normalmente ele ficava na parede da sala de estar dos Weasleys, sua atual posição indicava que a Sra. Weasley andara com ele por toda parte. No instante que Harry o observava todos os ponteiros indicavam perigo mortal.

- Tem estado assim durante todo tempo agora.- Disse Sra. Weasley, em uma inconveniente voz casual. - Desde que Você-sabe-quem voltou. Eu suponho que todo o mundo agora está em perigo mortal... Eu não acho que seja só com a nossa família... Mas eu não sei, pois não conheço qualquer outro que tenha tido um relógio assim,então eu não posso conferir. - Oh!- Com uma exclamação súbita ela apontou à face do relógio. O ponteiro do Sr. Weasley tinha trocado para "viajar." - Ele está vindo! Ela disse segura o bastante, um momento depois eles ouviram uma batida na porta dos fundos. A Sra. Weasley se levantou apressada, foi em direção a porta; com uma mão na maçaneta e a face apertada contra a madeira ela perguntou suavemente: - Arthur, é você?

- Sim.- Veio a voz cansada do Sr. Weasley. - Mas eu diria que era, até mesmo se eu fosse um Comensal da Morte, querida. Faça a pergunta!

- Oh, honestamente...

- Molly!

- Certo, certo... Qual a sua mais querida ambição?

- Descobrir como aviões ficam acordados.

- A Sra. Weasley segurou e girou a maçaneta, mas aparentemente o Sr. Weasley estava segurando a outra parte da maçaneta, a apertando, porque a porta permaneceu firmemente fechada.

- Molly! Eu tenho que lhe fazer primeiro a sua pergunta!

- Arthur, realmente, isto é pouco é tolo...

- Como você gosta que eu lhe chame quando estamos sozinhos?

Até mesmo pela luz fraca da lanterna, Harry poderia dizer que a Sra. Weasley tinha ficado vermelho luminoso; ele se sentiu repentinamente quente, principalmente ao redor das orelhas e no pescoço, e apressadamente tragou sua sopa, enquanto movia a sua colher ruidosamente quanto ele podia contra a tigela.

- Mollywobbles.- Sussurrou uma mortificada Sra. Weasley na rachadura na extremidade da porta.

- Certo.- Disse o Sr. Weasley. - Agora você pode me deixar entrar.

A Sra. Weasley abriu a porta para revelar o marido dela, um bruxo magro, calvo, ruivo que usava óculos com chifres nas bordas e uma capa de viajem longa e parda.

- Eu ainda não entendo o porquê de fazer isso toda vez que você chega em casa.- Disse Sra. Weasley, ainda cor-de-rosa na face, ajudando o marido a tirar a capa. - Eu quero dizer, um Comensal da Morte poderia ter forçado você a lhe dar a resposta antes de se personificar!

- Eu sei, querida, mas é procedimento de Ministério, e eu tenho que fixar um exemplo. Algo cheira bem, sopa de cebola?- O Sr. Weasley virou esperançosamente na direção da mesa. - Harry! Nós não o esperávamos até de manhã!- Eles deram um aperto de mão, e o Sr. Weasley se sentou na cadeira ao lado de Harry, enquanto a Sra. Weasley colocava uma tigela de sopa em frente a ele também.

- Obrigado, Molly! É, tem sido uma noite dura. Alguns idiotas começaram a vender as “Medalhas-Metamorfas, coloque-as ao redor do pescoço e você poderá mudar sua aparência à vontade. Cem mil disfarces, tudo por dez Galeões!”.

- E o que realmente acontece quando você os coloca?

- Geralmente você ganha uma tonalidade laranja bem desagradável, mas um par de pessoas também ganharam tentáculos e verrugas brotando por todo os seus corpos. Como se St. Mungo já não tivesse o bastante para fazer!

- Parece o tipo de coisa que o Fred e o George achariam engraçado.- Disse a Sra. Weasley indecisa. - Você está seguro?

- Claro que eu estou! Disse o Sr. Weasley. - Os meninos não fariam nada assim agora, não quando as pessoas estão desesperadas por proteção!

- Então é por isso que está atrasado, Medalhas-Metamorfas?

- Não, nós tivemos um monte de azarações sórdidas de explosão em Elefante e Castelo, mas afortunadamente a Esquadra de Execução de Lei Mágica tinha ordenado isto até a nossa chegada...

Harry abafou um bocejo atrás de sua mão.

- Cama.- Disse a Sra. Weasley imediatamente. - O quarto de Fred e Jorge está pronto para você, ele é só seu.

- Por que, onde eles estão?

- Oh, eles estão no Beco Diagonal, estão dormindo em um pequeno apartamento em cima da loja de logros deles, pois estão muito ocupados.- Disse a Sra. Weasley. - Eu tenho que dizer, eu não aprovei no princípio, mas eles parecem ter um pouco de talento para o negócio! Venha, querido, seu calção de banho já está lá em cima.

- Noite, Sr. Weasley.- Disse Harry, empurrando a cadeira dele para trás. Bichento saltou ligeiramente do colo dele e se esquivou para fora da sala.

- Boa Noite, Harry.- Disse o Sr. Weasley.

Harry viu a Sra. Weasley olhar o relógio quando eles deixaram a cozinha. Todos os ponteiros estavam, mais uma vez em "perigo mortal."

O quarto de Fred e Jorge era no segundo andar. A Sra. Weasley apontou a varinha dela a um abajur na mesa do lado da cama, que acendeu imediatamente, banhando o quarto com uma agradável luz dourada. Embora um grande vaso de flores tivesse sido colocado em uma escrivaninha em frente à janela pequena, o perfume delas não pôde disfarçar o cheiro prolongado do que Harry achava ser pólvora. Uma quantia considerável de espaço no chão foi dedicada a um número vasto de caixas de papelão sem marca, lacradas entre os quais estava de pé o malão escolar de Harry. O quarto parecia estar sendo usado como um armazém temporário. Edwiges piou felizmente para Harry do poleiro dela em cima de um guarda-roupa grande, então se foi pela janela; Harry soube que ela tinha estado esperando para o ver antes de ir caçar. Harry desejou a Sra. Weasley boa noite, vestiu seu pijama, e deitou em um das camas. Havia algo duro dentro da fronha. Ele procurou no escuro por dentro da fronha e tirou de lá um doce roxo-e-laranja pegajoso que ele reconheceu como uma Pastilha pra Vomitar. Sorrindo pra si mesmo, ele girou na cama e logo estava cochilando.

Segundos depois, ou assim parecia a Harry, ele foi despertado pelo que pareceu um tiro de canhão, enquanto a porta se abria num estouro. Sentando, ele ouviu a carrilha de cortinas ser retirada. A luz do sol deslumbrando, parecia cutucar-lhe duro em ambos os olhos. Os protegendo com uma mão, ele procurou no escuro desesperadamente os óculos dele com a outra mão.

- O que esta acontecendo.

- Nós não soubemos que você já estava aqui!- Disse uma voz alta e entusiasmada, e ele recebeu um soco ao topo da cabeça.

- Rony, não bata nele!- Disse a voz reprovadora de uma garota.

A mão de Harry achou os seus óculos e ele os colocou, entretanto a luz era tão clara que ele quase não poderia ver. Uma grande sombra tremeu em frente a ele por um momento; ele piscou e Rony Weasley entrou em foco, enquanto sorria abaixo a ele.

- Tudo Certo?

- Nunca tinha estado melhor.- Disse Harry, enquanto esfregava o topo da cabeça e caindo atrás de seus travesseiros. - E você?

- Nada ruim.- Disse Rony, enquanto tirava uma caixa de papelão e sentando nela. - Quando você chegou aqui? Mamãe não nos falou!

- Mais ou menos à 1 da manhã.

- Os trouxas fizeram tudo certo? Te trataram bem?

- Como sempre.- Disse Harry, enquanto Hermione se acomodava na ponta da cama. - Eles não falaram muito comigo , mas eu prefiro assim. Tudo bem com você Hermione?

- Ah, eu estou bem.- Disse Hermione, que estava olhando para Harry como se ele estivesse doente.

Ele sabia o que estava por trás disso; como ele não queria falar sobre a morte de Sirius nem sobre qualquer assunto triste, ele disse:

- Que horas são? Eu já perdi o café?

- Não se preocupe com isso, mamãe está subindo com a sua bandeja, ela acha que você está muito mal-alimentado.- Disse Rony, girando os olhos. - Então, o que me conta?

- Nada demais, eu estive preso com meu primo e meus tios, não fiquei?

- Se liga!- Disse Rony. - Você saiu de lá com o Dumbledore!

- Isso não foi muito excitante. Ele só quis minha ajuda para convencer um outro professor para sair da aposentadoria. Ele se chama Horace Slughorn.

- Oh.- Disse Rony, olhando desapontado. - Nós pensávamos...- Hermione laçou um olhar a Rony e ele mudou de assunto rapidamente. -... Nós pensávamos que seria algo desse tipo.

- Tem certeza?- Disse Harry, divertindo-se.

- Sim... Claro, agora que a Umbridge foi embora, obviamente nós precisamos de um novo professor de Defesa Contra Artes das Trevas, não é? Então, hum... Como ele é?

- Ele parece uma morsa e era o diretor da sonserina.- Disse Harry. - Algo errado, Hermione?

Ela estava olhando para ele como se esperasse que alguma coisa estranha fosse acontecer com ele a qualquer momento. Ela desfez a expressão rapidamente e abriu m sorriso pouco convincente.

- Não, claro que não! Então, hum... Slughorn parece ser um bom professor?

- Não sei.- Disse Harry. - Ele não pode ser pior que a Umbridge, pode?

- Eu conheço alguém pior que a Umbridge.- Disse uma voz na porta. A irmã mais nova de Rony entrou no quarto parecendo irritada. - Olá Harry!

- O que aconteceu com você?- Perguntou Rony.

- É ELA!!!- Disse Gina, se jogando na cama de Harry. - Ela está me deixando louca.

- O que ela fez agora?- Perguntou Hermione condecendentemente.

- É o jeito que ela fala comigo, ela pensa que eu tenho 3 anos!

- Eu sei.- Disse Hermione, abaixando o tom de voz. - Ela está cheia de si mesma.

Harry ficou impressionado de ouvir Hermione falando da Sra. Weasley daquele jeito e não pode culpar Rony de dizer, nervoso:

- Vocês não podem deixar ela em paz por 5 segundos?

- Oh, tudo bem, defenda ela.- Disse Gina. - Todos nós sabemos que você não pode com ela.

Isso pareceu um comentário desnecessário sobre a mãe de Rony; parecia que ele estava perdendo algo, Harry disse, "Quem é você?" Mas a pergunta foi respondida antes que ele pudesse acabá-la. A porta se abriu violentamente novamente e Harry instintivamente puxou seu edredom para perto do queixo tão forte que Hermione e Gina caíra no chão. Uma jovem mulher estava de pé na porta, uma mulher tão linda que o quarto parecia ter ficado abafado momentaneamente. Ela era alta e magra com um longo cabelo loiro que parecia emanar um brilho prateado reluzente. Para completar a visão de perfeição, ela estava carregando uma grande bandeja de café da manhã.

- Arry.- Ela disse com uma voz rouca. - Cuanto tempo!- Quando ela andou um pouco a Sra. Weasley apareceu, andando atrás da jovem, parecendo um pouco rabugenta.

- Não precisava trazer aqui, eu posso fazer isso sozinha!

- Non ttem prroblema.- Disse Fleur Delacour, colocando a bandeja sobre os joelhos de Harry e dando-lhe um beijo em cada bochecha: ele sentiu os lugares onde ela o beijou queimarem. - Eu stava há moito tempo dessejando te verr. Lembrra da minia irrmã, Gabrielle? Ela não parra de falarr sobrre Arry Potterr. Ela querrendo moito vê-lo de novo.

- Ah... Ela está aqui também?- Harry perguntou.

- Não, não, bobinho.- Disse Fleur com um leve sorriso. - Eu querro dizerr no prróximo verrão, cuando nós... Mas você não sabe?

Ela arregalou seus olhos azuis e olhou repreensivamente para a Sra. Weasley, que disse:

- Nós ainda não contamos à ele.

Fleur virou para Harry, balançando seu cabelo prateado, que bateu na cara da Sra. Weasley.

- Gui e eu vamos nos casarr!

- Oh.- Disse Harry inexpressivamente. Ele não pode dizer mais nada ao notar como a Sra. Weasley, Hermione e Gina estavam evitando outros olhares. - Wow, hum... Felicidades!- Ela abaixou sobre ele e lhe deu um beijo novamente.

- Guill estarr moito ocupado no momento, trrabalhando durro, e eu só trrabalho meio perríodo no Grringotes parra melhorrarr meu inglês, então ele me trrouxe para ca por alguns dias parra conhecer sua família. Eu fiquei moito feliz em saberr que você viria. Aqui não tem muita coisa parra fazerr, só se você gostar de cozinhar e de frangos! Bem, aproveite seu café da manhã Arry!- Com essas palavras ela se virou graciosamente e saiu do quarto, fechando a porta atrás dela. A Sra. Weasley fez um barulho parecido com "tchah!"

- Mamãe odeia ela,- Disse baixinho Gina.

- Eu não odeio ela!- Disse a Sra. Weasley cochichando. - Eu só acho que eles foram muito apressados em assumir este compromisso, só isso!

- Eles se conheceram há um ano.- Disse Rony, que parecia esquisitamente embriagado e ficava olhando para a porta fechada

- Bem, não faz muito tempo! Eu sei por que aconteceu, é claro. Isso aconteceu certamente por que Você-sabe-quem está voltando, as pessoas acham que podem morrer amanhã, então elas tomam algumas decisões que normalmente demorariam um bom tempo para tomar. É a mesma coisa que aconteceu da última vez que ele era poderoso, as pessoas fugiam com os namorados a torto e a direita.

- Incluindo você e o papai.- Disse Gina.

- Sim, bem, seu pai e eu fomos feitos um para o outro, para que esperar?- Disse a Sra. Weasley. - Quanto ao Gui e Fleur... Bem... O que eles tem realmente em comum? Ele é um trabalhador, uma pessoa humilde, enquanto ela...

- Uma vaca.- Disse Gina, concordando com a cabeça. - Mas Gui não é tão humilde quanto você fala, ele gosta de um pouco de aventura, de um pouco de glamour... Acho que foi por isso que ele foi para o Phlegm.

- Pare de chamar ela assim Gina.- Disse a Sra. Weasley, quando Hermione e Harry começaram a gargalhar. - Bem, é melhor eu ir... Harry, coma seus ovos enquanto eles estão quentes!

Parecendo aflita, ela saiu do quarto. Rony, ainda parecendo bêbado; sacudiu a cabeça como um cachorro tentando tirar água das orelhas.

- Você não se acostumou com ela morando na sua casa?- Harry perguntou.

- Bem, já...- Disse Rony. - Mas se ela pula inesperadamente em cima de você, como agora...

- Isso é ridículo.- Disse Hermione furiosa, se afastando de Rony o mais longe que podia e virando a cara para ele, se protegendo com os braços pois havia chegado na parede.

- Você não quer ela morando aqui para sempre, quer?- Gina perguntou incredulosamente para Rony. Quando ele gaguejou, ela disse: - Bem, mamãe vai acabar com ela assim que ela puder, aposto qualquer coisa.

- Como ela vai controlar isso?- Perguntou Harry.

- Ela continua tentando trazer Tonks para jantar. Eu acho que ela pensa que Gui vai se interessar em Tonks. Eu também espero que isso aconteça, eu prefiro ela na família.

- Sim, isso vai funcionar.- Disse Rony sarcasticamente. - Ouça, nenhum homem são iria olhar para Tonks enquanto Fleur está por perto. Quer dizer, Tonks é bonita quando não fica fazendo aquelas coisas estúpidas com o cabelo e com o nariz, mas...

- Ela com a aparência horrorosa é mais agradável que Fleur.- Disse Gina.

- E ela é mais inteligente, ela é uma Aurora!- Disse Hermione do canto do quarto.

- Fleur não é estúpida, ela foi boa o suficiente para entrar no torneio Tribruxo.- Disse Harry.

- Não tão boa quanto você!- Disse Hermione amargamente.

- Eu aposto que você gosta do jeito que Fleur diz "Arry", não gosta?- Perguntou Gina desdenhosa.

- Não.- Disse Harry, desejando não ter falado nada. - Eu só disse que, muco, quer dizer, Fleur...

- Eu preferiria ter Tonks na família.- Disse Gina. - Ao menos ela é engraçada!

- Ela não tem sido muito engraçada.- Disse Rony. - Toda hora que eu olho para ela, ela está parecendo mais a Murta que geme.

- Isso não é justo!- Disse Hermione. - Ela ainda não superou o que aconteceu... Você sabe... Quer dizer, ele era primo dela!

O coração de Harry bateu mais forte. Eles tinham chegado no assunto de Sirius. Ele pegou o garfo e começou a comer os ovos mexidos, esperando não receber nenhum convite para entrar na conversa.

- Tonks e Sirius souberam que eram parentes há pouco tempo!- Disse Rony. - Sirius estava em Azkaban durante metade da vida dela e antes disso as famílias deles nunca haviam se encontrado.

- Isso não tem nada a ver.- Disse Hermione. - Ela pensa que a morte dele foi culpa dela!

- Por que ela pensa isso?- Perguntou Harry.

- Bem, ela estava lutando com a Belatrix Lestrange, não estava? Eu acho que ela pensa que se ela tivesse acabado com a Belatrix, ela não teria matado o Sirius.

- Isso é estúpido.- Disse o Rony.

- É a culpa de sobrevivente.- Disse Hermione. - Eu sei que Lupin está tentando acalmá-la, mas ela está realmente triste. Agora ela está tendo problemas com sua metamorfose!

- Com a sua metamorfose?

- Ela não consegue mais mudar sua aparência como antes.- Explicou Hermione. - Eu acho que seus poderes devem ter sido afetados pelo choque, ou algo assim.

- Eu não acho que isso possa acontecer.- Disse Harry.

- Eu não tenho certeza...- Disse Hermione. -...Mas eu suponho que se você está realmente deprimido...

A porta se abriu novamente e a Sra. Weasley colocou sua cabeça para dentro.

- Gina.- Ela cochichou. - Desça aqui e me ajude com o almoço.

- Mas eu estou conversando!- Disse Gina enfurecida.

- Agora!- Disse a Sra. Weasley, e desapareceu.

- Ela só quer que eu desça para não ter que ficar sozinha com a muco!- Disse Gina. Ela jogou seus longos cabelos vermelhos para imitar a Fleur e atravessou o quarto com os braços cruzados como se fosse uma bailarina.

- Seria melhor se você descesse rápido também.- Disse a Sra. Weasley enquanto ia saindo.

Harry aproveitou o silêncio para comer. Hermione estava examinando as caixas de Fred e Jorge, olhando de vez em quando para Harry. Rony, que agora estava ajudando Harry a comer as torradas, estava olhando para a porta distraidamente.

- O que é isso?- Hermione perguntou, levantando o que parecia um pequeno telescópio.

- Não sei.- Disse Rony. - Mas Fred e Jorge deixaram isso aqui, talvez ainda não esteja pronto para vender, então cuidado!

- Sua mãe disse que a loja está indo bem.- Disse Harry. - Disse que Fred e Jorge levam jeito para negócios.

- Ela foi modesta.- Disse Rony. - Eles estão nadando em galeões! Eu mal poso esperar para ver o lugar. Nós ainda não fomos para o beco diagonal, pois mamãe disse que papai conseguiu segurança extra para ir para lá e agora ele está cheio de trabalho, mas isso é excelente! '

- E o Percy?- Perguntou Harry; o terceiro irmão mais velho dos Weasleys se separou do resto da família. - Ele voltou a falar com seus pais?

- Não.- Disse Rony.

- Mas ele sabe que seu pai estava certo sobre a volta de Voldemort.

- Dumbledore disse que as pessoas acham mais fácil as pessoas perdoarem quando o outro está errado do que quando está certo.- Disse Hermione. - Eu o ouvi falando isso para sua mãe Rony,

- Parece coisa da cabeça de Dumbledore.- Disse Rony.

- Ele me dará aulas particulares neste ano.- Disse Harry convencionalmente.

Rony engasgou com um pedaço de torrada e Hermione suspirou.

- E você nos escondeu isso?- Disse Rony.

- Acabei de me lembrar disso.- Disse Harry honestamente. - Ele me falou ontem à noite em seu abrigo de vassouras.

- Nossa... Aulas particulares com Dumbledore!- Disse Rony, parecendo impressionado. - Queria saber por que ele...?

Sua voz cessou. Harry viu ele e Hermione trocarem olhares. Harry abaixou seus talheres, seu coração batia mais rápido considerando que todos estavam sentados na cama. Dumbledore havia dito isso... Mas não havia explicado por que! Ele fixou seus olhos no garfo, que estava refletindo a luz do sol em seu colo, e disse. - Eu não sei exatamente por que ele vai me dar aulas, mas acho que deve ser por causa da profecia.

Nem Rony nem Hermione falaram. Harry teve a impressão de que os dois estavam congelados. Ele continuou, ainda conversando com seu garfo. - Vocês sabem, aquela que tentaram roubar no ministério.

- Ninguém sabe o que ela dizia, entretanto.- Disse Hermione rapidamente. - Ela foi esmagada.

- Mas o Profeta diz...- Rony começou, mas Hermione fez "Shhhhh!".

- O Profeta está certo.- disse Harry, olhando para os dois com grande esforço: Hermione pareceu assustada e Rony pasmou.

Aquela bola de vidro que foi destruída não era a única coisa que guardava a profecia. Eu ouvi tudo no escritório de Dumbledore, ele foi à pessoa que ouviu a profecia, então ele pode me dizer. Ele disse que...- Harry respirou fundo. -...Parece que eu sou o único que pode acabar com Voldemort... E então, ele disse que um não pode viver enquanto o outro estiver vivo.

Os três se olharam rapidamente em silêncio por um momento. Então surgiu um ruído alto e Hermione desapareceu atrás de uma fumaça negra. "Hermione!" gritou Harry e Rony; a bandeja de café da manhã escorregou e caiu no chão espatifando-se. Hermione surgiu, tossindo, fora da fumaça, segurando o telescópio e apresentando um reluzente olho roxo.

- Eu apertei isso e isso... isso me esmurrou! Ela disse indignada.

Eles puderam observar um pequeno punho em uma grande mola pulando na extremidade do telescópio

- Não se preocupe.- Disse Rony, que estava tentando claramente não rir, do reparo de curimentos pequenos mal-sucedido de sua mãe (?????).

- Bem, não se culpe agora!- Hermione disse sussurrando. - Harry, oh, Harry...- Sentou-se na borda de sua cama outra vez. - Nós quisemos saber, depois que voltamos... Claro, nós não quisemos dizer-lhe qualquer coisa, mas o que Lucio Malfoy disse sobre a profecia, sobre você e Voldemort, bem, nós pensamos que podia ser algo como isso... Oh, Harry...- Hermione Olhou fixamente para ele, a seguir disse sussurrado: - Você está assustado?

- Não mais que antes.- Disse Harry. - Quando eu ouvi da primeira vez eu era... Mas agora, parece que eu sempre soube que teria que enfrentá-lo no fim...

- Quando nós soubemos que Dumbledore foi buscá-lo pessoalmente, nós pensamos que ele iria dizer ou mostrar-lhe algo sobre o que fazer com a profecia.- Disse Rony ansiosamente. - E nós estávamos com você, não estávamos? Ele não estaria lhe dando lições se pensasse que você iria morrer, não desperdiçaria seu tempo. Deve pensar que você tem uma chance!

- O que é verdade.- Disse Hermione. - Será maravilhoso o que ele lhe ensinará, Harry! Mágica defensiva realmente avançada, provavelmente... contra-feitiços poderosos, contra azarações.

Harry não escutou realmente o que falavam. Um calor estava se espalhando através dele que não tinha nada a ver com a luz do sol; uma dor em seu peito pareceu dissolvê-lo. Soube que Rony e Hermione estavam mais chocados do que ele estava, mas o mero fato que ainda estavam lá ao seu lado, falando palavras de apoio e conforto, não se escondendo dele como se estivesse contaminado ou fosse perigoso, valeu pena mais do que ele poderia dizer-lhes.

-...e os encantamentos então.- concluiu Hermione. - Bem, ao menos você sabe uma lição que você estará tendo este ano, o que é uma mais do que eu e Rony. Eu quero saber quando as corujas com nossos resultados virão.

- Não pode faltar muito agora, foi há um mês.- Disse Rony.

- Espere um pouco.- Disse Harry, porque uma outra parte da conversa da última noite lhe voltou à mente. - Eu acho que Dumbledore disse que as corujas com nossos resultados estariam chegando hoje!

- Hoje?- Hermione gritou. - Hoje? Mas porque você não... Oh meu deus... Você devia ter dito.- Hermione agora pula de anciosidade. - Eu estou indo ver se alguma coruja chegou...

Mas quando Harry chegou ao andar de baixo dez minutos mais tarde, vestido inteiramente e carregando sua bandeja vazia do pequeno almoço, encontrou Hermione sentada à mesa da cozinha em uma grande agitação, e examinou a sra. Wesley que parecia uma joaninha.

- Apenas não se mova.- A Sra. Weasley estava dizendo ansiosamente, para Hermione que tinha sua varinha em uma das mãos e uma cópia da Curandeira do Lar na outra, aberta em "manchas roxas, em cortes e em abrasões." - Isto sempre esteve aqui antes, eu que apenas não consegui compreendê-la.

- Será que é essa a idéia que Fred e George tem de uma brincadeira, certificando-se que ela nunca sairá?- Disse Gina.

- Mas tem que sair!- Hermione rangiu. - Eu não posso ficar com o olho assim para sempre!

- Você não vai, claro, nós encontraremos um antídoto, não se preocupe. Disse a Sra. Weasley sorrindo.

- Guill me disse que Frred e Georrge estão se diverrttindo moito!- Fleur disse sorrindo serenamente.

- Sim, eu mal posso esperar para rir também.- Hermione falou. Saltou e começou a andar em círculos pela cozinha, torcendo seus dedos. - Sra. Weasley, a sra. tem certeza que nenhuma coruja chegou esta manhã?

- Sim, querida, eu teria notado.- Disse a Sra. Weasley paciente.

- Mas ele só tem nove anos, ainda há bastante tempo...

- Eu sei que devo ter mistura as Runas.- Murmurou Hermione freneticamente. - Eu definitivamente devo ter bagunçado tudo. Ainda tem Defesa contra as Artes das Trevas que não fui nada bem. Pensei que em transfigurações pelo menos estava tudo certo, mas olhando bem...

- Hermione, dá pra parar com isso? Você não é a única que estava nervosa!- Rangiu Rony. - Você ainda deve ter tido uns onze "Excede as Expectativas" nos N.O.M's.

- Não, não, não!- Disse Hermione, agitando suas mãos histericamente. - Eu fracassei em tudo, eu sei.

- E o que acontecerá se nós não conseguimos?- Perguntou Harry, e novamente foi Hermione quem respondeu.

- Nós vemos com a diretora da Grifinória, quais são nossas opções. Eu perguntei a Profª McGonagall no final do ano passado.- O estomago de Harry revirou. Desejou que tivesse comido menos.

- Em Beauxbatons.- Disse Fleur se queixando. - Temos um modo diferente de ver as coisas. Pensamos que é melhor prestar os exames depois do sexto ano e não no quinto, mas de qualquer forma... -As próximas palavras de Fleur foram abafadas por um grito. Hermione apontava para a janela da cozinha. Três pontos pretos eram visíveis no céu, ficando maior a cada segundo.

- São corujas, tenho certeza.- Disse Rony ansioso, pulando até a janela junto com Hermione.

- E são três, tem três delas.- Disse Harry correndo em direção a janela também.

- É deve ser uma para cada um de nós.- Disse Hermione num sussurro apavorado. - Oh Não...Não...Não...

Ela agarrou com força Rony e Harry. As corujas estavam voando para o três, bonitas corujas-das-torres, voando baixo agora em direção aos três, e todas elas seguravam um envelope.

- Ai não.- Guinchou Hermione.

A Sra. Weasley se espremeu entre eles e abriu a janela da cozinha. Um, dois, três... as corujas foram pousando em linha em frente seus pés, com os envelopes. Harry correu a apanhar seu envelope. A carta de Harry estava na coruja do meio, ele começou a tentar tirar a carta da coruja desastrosamente. A sua esquerda, Rony tentava pegar a sua também; e a sua direita às mãos de Hermione agitavam tanto que fazia com que sua coruja balança-se.A cozinha estava silenciosa, quando finalmente Harry conseguiu pegar sua carta. Abriu o Envelope e desenrolou o pergaminho.

**RESULTADO DO SEUS NÍVEIS EXTRAORDINÁRIOS EM MAGIA**.

***NOTAS PASSÁVEIS***:
Ótimo (O)
Excede as Expectativas (E)
Aceitável (A)
***NOTAS REPROVÁVEIS***:
Passável (P)
Deplorável (D)
Trasgo (T)

**HARRY TIAGO POTTER:**
Astronomia (A)
Trato de Criaturas Mágicas (E)
Feitiços (E)
Defesa contra as Artes das Trevas (O)
Adivinhação (P)
Herbologia (E)
História da Magia (D)
Poções (E)
Transfiguração (E)

Harry leu varias vezes seus notas, sua respiração agora voltava ao normal. "Eu consegui", pensou ele, sempre soube que iria mal em Adivinhação, e também sabia que não passaria em História da Magia já que ele tinha desmaiado na hora do exame, mas ele conseguiu passar em todo o resto! Tinha se dado bem em Transfiguração e Herbologia, tinha excedido as expectativas até em Poções! E o melhor de tudo, tinha conseguido um "Ótimo" em Defesa Contra as Artes das Trevas! Ele olhou ao seu redor. Hermione estava olhando pra trás, e o Rony estava com um brilho nos olhos.

- Falhamos somente em adivinhação e História da Magia, quem se importa com isso?- Disse feliz a Harry.

- Aqui... Deixa-me ver.

Harry olhou atentamente as notas de Rony: E não havia nenhum "Ótimo" lá...

- Sempre soube que você teria nota máxima em Defesa Contra as Artes das Trevas.- Disse Rony, dando um soco no ombro de Harry.

- Nós fizemos tudo certo afinal, não é?

- Muito bom!- Disse a Sra. Weasley cheia de orgulho, passando a mão nos cabelos de Rony. - Sete N.O.M's mais do que Fred e Jorge juntos!

- Hermione?- Perguntou Gina, já que Hermione ainda continua de costas. - Como você foi?

- Eu? nada mal.- falou Hermione com sua voz baixa.

- Ahh, para com isso.- disse Rony puxando o pergaminho da mão de Hermione. - É, Dez "Ótimos" e um "Excede as Expectativas" de Defesa contra as Artes das Trevas. Ele olhou pra ela, ela estava meio feliz, meio chatiada.

- Você não está desapontada, está?

Hermione balançou a cabeça, e Harry riu.

- É somos alunos de N.I.E.M's agora!- Disse Rony sorrindo. - Mãe, tem mais salsichas?

Harry no entendo olhou novamente para seus resultados. Eram tão bons quanto ele esperava. Sentiu-se apenas um pouco triste... Este era o fim de sua ambição de um dia se tornar Auror. Não conseguira a nota necessária em Poções. Ele já havia imaginado varias vezes que não conseguiria, mas agora que tinha certeza era pior, sentiu seu estomago se afundar quando olhou novamente para aquele pequeno (E) na frente das escritas POÇÕES. Era estranho mesmo sendo um Comensal da Morte disfarçado que havia dito a Harry para ele seguir a carreira de auror, ele havia gostado da idéia, não conseguia pensar em outra coisas para se tornar. Além disso, parece que este é o destino certo para ele desde que ele ouviu a profecia no mês passado... um não pode viver enquanto o outro estiver vivo... Ele não estaria cumprindo a profecia e se dando uma maior chance de sobrevivência se ele se unisse aos mais bem treinados bruxos que tem a missão de achar e matar Voldemort?

= = = =

boa, assim eles ficaram razoavelmente bem equilibrados) e as noites comendo o triplo de tudo que a Sra. Weasley colocava na frente dele. Teriam sido férias felizes e calmas, se não fossem pontuadas por desaparecimentos, acidentes estranhos, até mesmo de mortes que apareciam agora quase diariamente no Profeta Diário. Às vezes Gui e o Sr. Weasley traziam notícias para casa antes mesmo de saírem no jornal. Para desgosto da Sra. Weasley, as comemorações pelo décimo sexto aniversário de Harry foram arruinadas por novidades horríveis trazidas à festa por Remo Lupin que parecia mais magro e severo, que os cabelos castanhos dele estavam praticamente grisalhos, as roupas dele mais esfarrapadas e remendadas que nunca.

- Houve outro par de ataques de dementadores.- Ele anunciou, quando a Sra. Weasley passou uma fatia grande de bolo de aniversário para ele. - E eles acharam o corpo de Igor Karkaroff no norte em uma cabana. A Marca Negra estava acima da cabana... Bem, francamente, eu estou surpreso por ele ter ficado vivo durante um ano depois de abandonar os Comensais da Morte. O irmão de Sirius, Regulus, só sobreviveu alguns dias até onde eu posso me lembrar.

- Sim, bem...- Disse Sra. Weasley, carrancuda. -...Talvez nós devêssemos falar sobre outro assu...

- Você ouviu falar de Florean Fortescue, Remo?- Gui perguntou enquanto servia vinho para Fleur. - O homem que correu...

-...Da sorveteria no Beco Diagonal?- Harry interrompeu, com uma sensação desagradável, de vazio no estômago dele. - Ele me dava sorvetes grátis. O que aconteceu com ele?

- O expulsaram da sorveteria dele.

- Por que?- Rony perguntou, enquanto Sra. Weasley olhava sugestivamente para Gui.

- Quem sabe? Ele devia estar os incomodando de alguma maneira. Ele era um homem bom, Florean.

- Falando do Beco Diagonal.- Disse Sr. Weasley. - Parece que aconteceu o mesmo com o Olivaras.

- O vendedor de varinhas? - Perguntou Ginna, olhando assustada.

- É o que parece. A loja está vazia. Nenhum sinal de luta. Ninguém sabe se ele partiu voluntariamente ou se foi seqüestrado.

- Mas varinhas, como farão as pessoas para comprar varinhas?

- Eles sobreviverão com outros fabricantes.- Disse Lupin. - Mas Olivaras era o melhor e se o outro lado o tem, isso não é tão bom para nós.

No outro dia deste melancólico aniversário, as cartas e lista de livros deles chegaram de Hogwarts. Harry teve uma surpresa: ele tinha sido nomeado o Capitão de Quadribol.

- Isso lhe dá status igual aos monitores!- Hermione chorava feliz. - Agora, você pode usar nosso banheiro especial e tudo!

- Eu me lembro quando o Carlinhos usou um destes.- Disse o Rony, enquanto examinava o distintivo com alegria. - Harry, isto tão legal, você é meu Capitão... Se você me deixar continuar no time, eu suponho, ha ha...

- Bem, eu suponho que nós não podemos mais adiar uma viagem ao Beco Diagonal agora que vocês receberam isso.- Suspirou a Sra. Weasley, olhando para a lista de livros do Rony. - Nós iremos ao sábado contanto que seu pai não tenha que trabalhar novamente. Eu não vou sem ele.

- Mãe, vocês não pensam, honestamente, que Você-sabe-quem vai estar escondido atrás de uma estante na Floreios e Borrões?- Rony riu baixinho.

- Fortescue e Olivaras não saíram de férias, saíram?- Disse brava a Sra. Weasley. - Se você pensa que segurança é uma questão de brincadeira, você pode ficar aqui que eu mesma compro suas coisas.

- Não, eu quero ir, eu quero ver a loja do Fred e George!- Disse Rony apressadamente.

- Então você meça suas palavras, rapaz, antes que eu decidia que você é muito imaturo para vir conosco!- Disse furiosamente a Sra. Weasley, pegando o relógio dela, no qual todas as nove mãos ainda estavam apontando para "perigo mortal", e equilibrando em cima de uma pilha de toalhas sujas. - E isso também vale para quando voltar a Hogwarts!

Rony encarou Harry incrédulo enquanto a mãe dele pegava a cesta de roupa suja, o relógio balançando nos braços dela e reclamando furiosamente para fora do quarto.

- Cara, nem ouse fazer uma piada sobre isso.

Mas o Rony foi cuidadoso em não ser impertinente sobre Voldemort durante os próximos dias. Sábado amanheceu sem quaisquer explosões da Sra. Weasley, entretanto ela parecia muito tensa no café da manhã. Gui que ficaria em casa com Fleur (para o deleite de Hermione e Ginna), passou uma bolsa de dinheiro cheia pela mesa para Harry.

- Onde é a mina?- Rony quis saber imediatamente, com os olhos arregalados.

- Isso já é do Harry, idiota.- Disse Gui. - Eu retirei isso de seu cofre para você, Harry, porque está levando aproximadamente cinco horas para o público retirar o ouro deles no momento, os duendes aumentaram muito a segurança. Dois dias atrás Arkie Philpott teve uma Probity Probe aderida nele... Bem, confie em mim, deste modo é mais fácil.

- Obrigado Gui.- Disse Harry, guardando o ouro.

- Você é sempre tão prestativo.- Ronronou Fleur, acariciando o nariz de Gui. Ginna fingiu vomitar o cereal dela atrás de Fleur. Harry engasgou com os flocos de milho dele, e o Rony bateu em suas costas. Era um dia nublado e escuro. Um dos carros especiais do Ministério da Magia nos quais Harry tinha andado uma vez, estava os esperando na frente do jardim quando eles saíram da casa, arrumando as capas deles.

- Foi o bom Deus que os conseguiu novamente.- Disse Ron apreciativamente, se esticando luxuriosamente, enquanto o carro se movia suavemente para longe da Toca e Gui e Fleur acenavam da janela da cozinha. Ele, Harry, Hermione, e Ginna estavam todos sentados com conforto e espaço no assento largo.

- Não se acostume, isso é só por causa de Harry.- Disse o Sr. Weasley por cima do ombro. Ele e Sra. Weasley estavam na frente com o motorista do Ministério; o assento de passageiro dianteiro estava esticado e se parecia com um sofá de dois lugares. - Ele está com nível de segurança elevado. E nós também encontraremos com a segurança adicional no Caldeirão Furado.

Harry não disse nada; ele não se imaginava fazendo compras cercado por um batalhão de aurores. Ele tinha guardado a capa da Invisibilidade na mochila e acreditava que, se isso fosse bom o bastante para Dumbledore, deveria ser bom bastante para o Ministério, entretanto agora ele que ele pensava nisto, ele não estava certo se o Ministério sabia sobre a capa dele.

- Chegamos.- Disse o motorista, num tempo surpreendentemente curto, falando pela primeira vez quando ele reduziu a velocidade na Rua Charing Cross e parando no Caldeirão Furado. - Eu vou esperar por vocês. Vocês têm idéia de quanto tempo precisaram?

- Duas horas, eu imagino.- Disse o Sr. Weasley. - Ah, bom, ele está aqui!

Harry imitou o Sr. Weasley e olhou pela janela; o coração dele saltou. Não havia nenhum auror esperando por eles do lado de fora da hospedaria, mas ao invés disso, havia a forma gigantesca e barbuda de Rúbeo Hagrid, o guarda-caças de Hogwarts, usando um longo casaco de peles, olhando para o rosto de Harry e inconsciente aos olhares fixos e assustados dos trouxas.

- Harry!- Ele estrondou, apertando Harry em um abraço de esmagar os ossos no momento em que Harry saiu do carro. - Bicuço, ou melhor, Witherwings, eu quero dizer... Sim deveriam ver ele. Harry, ele está tão feliz ao ar livre .

- Fico feliz já que ele está contente. Disse Harry, sorrindo enquanto massageava as costelas. - Nós não sabíamos que a nossa segurança significava você!

- Eu sei, é como os velhos tempos, né? Veja, o Ministério queria enviar um grupo de aurores, mas Dumbledore disse que eu faria.- Disse Hagrid orgulhosamente, enquanto estufava o peito e comprimia os dedos polegares nos bolsos. - Eles permitiram, então... Depois de Molly, Arthur.

O Caldeirão Furado estava, pela primeira vez na memória de Harry, completamente vazio. Só Tom, o proprietário, seco e desdentado, permaneceu da antiga multidão. Ele observou esperançosamente quando entraram eles, mas antes de ele pudesse falar, Hagrid disse apressadamente:

- Só passando hoje, Tom, sim, segurança entende, negócio de Hogwarts, sabe?

Tom balançou a cabeça tristemente e voltou a lavar os copos; Harry, Hermione, Hagrid, e os Weasleys caminharam para o pequeno pátio frio na parte de trás, onde ficavam as latas de lixo. Hagrid elevou o guarda-chuva rosa dele e bateu em alguns tijolos na parede que abriu para formar um arco para uma sinuosa e remendada rua. Eles pisaram pela entrada e pararam, dando uma olhada. O Beco Diagonal tinha mudado. As coloridas e brilhantes vitrines de livros, ingredientes de poções e caldeirões para ver, estavam perdidos, escondido atrás de grandes cartazes do Ministério da Magia que tinham sido colados em cima deles. A maioria destes cartazes roxos e sombrios eram versões dos conselhos de segurança nos folhetos do Ministério que tinham sido enviados durante o verão, mas outros tinham fotografias preto e branco dos Comensais da Morte que estavam livres. Bellatrix Lestrange estava olhando com desprezo da frente de um herbário. Algumas janelas foram fechadas com tábuas, entre essas a sorveteria de Florean Fortescue. Por outro lado, várias baias tinham aparecido ao longo da rua. A mais próximo tinha sido erguida fora da Floreios e Borrões debaixo de um toldo listrado, manchado, com uma placa de papelão fixada a sua frente: AMULETOS: Efetivo Contra Lobisomens, Dementadores e Inferi!

Um pequeno bruxo ambulante estava balançando braçadas de símbolos prateados.

- Um para sua menininha, senhora?- Ele chamou a Sra. Weasley quando passaram por ele, olhando de soslaio a Ginna. - Não quer proteger o bonito pescoço dela?

- Se eu estivesse em serviço...- Disse o Sr. Weasley, olhando fixa e furiosamente para o vendedor de amuleto.

- Sim, mas você não vai prender qualquer um agora, querido, nós estamos com pressa, disse Sra. Weasley, consultando a lista nervosamente. - Eu penso que faríamos melhor indo a Madame Malkin, Hermione quer túnicas novas, e os tornozelos do Rony estão aparecendo nas roupas escolares dele, e você também deve precisar de algo novo, Harry, você cresceu tanto. Venha, todo mundo.

- Molly, não faz sentido nós todos irmos para Madame Malkin, disse o Sr. Weasley. - Por que esses três não vão com Hagrid, e nós podemos ir a Floreios e Borrões e comprar os livros escolares de todo mundo?

- Eu não sei.- Disse a Sra. Weasley ansiosa, claramente dividida entre o desejo de terminar a compra depressa e o desejo de ficarem todos juntos. - Hagrid, você acha...?

- Não se preocupe, eles estarão bem comigo, Molly.- Disse Hagrid ternamente, acenando uma mão do tamanho de uma tampa de lata de lixo. A Sra. Weasley não parecia completamente convencida, mas permitiu a separação, correndo para a Floreios e Borrões com o marido dela e Ginna enquanto o Harry, Ron, Hermione, e Hagrid iam para Madame Malkin.

Harry notou que muitas pessoas que passaram tinham o mesmo olhar aflito e ansioso da Sra. Weasley, e que ninguém estava parando para falar mais; os compradores ficavam juntos em grupos, enquanto faziam os negócio deles atentamente. Ninguém parecia estar fazendo compras sozinho.

- Talvez seja um pouco apertado lá dentro para todos nós.- Disse Hagrid, parando do lado da Madame Malkin e se curvando junto à janela. - Eu estarei em pé de guarda aqui fora, certo?

Assim Harry, Ron e Hermione entraram juntos na pequena loja. Que pareceu, à primeira vista, estar vazio, mas logo que a porta fechou atrás deles, eles ouviram uma voz familiar falando por detrás de uma prateleira de túnicas com lantejoulas verde e azul.

- ...Não sou uma criança, no caso de você não perceber, mãe. Eu sou perfeitamente capaz de fazer minhas compras sozinho.

Houve um barulho de cacarejo e uma voz que Harry reconheceu como sendo de Madame Malkin, a dona, dissendo:

- Agora, querido, sua mãe esta totalmente certa quando diz que nenhum de nós vai perambular sozinho, não é nada a ver com ser uma criança.

- Veja onde você está espetando este alfinete!

Um menino adolescente com uma face pálida, pontuda e cabelos loiros apareceu por detrás da prateleira, usando um jogo bonito de roupas verde escuro que brilharam com alfinetes ao redor da bainha e nas mangas. Ele escarranchou ao espelho e se examinou por alguns momentos antes de notar que Harry, Ron e Hermione estavam refletidos acima do ombro dele. Os olhos cinzas claros dele estreitaram.

- Se você está desejando saber que cheiro é, mãe, um sangue ruim entrou há pouco, disse Draco Malfoy.

- Eu não penso que há necessidade de falar assim!- Disse Madame Malkin, correndo detrás do monte de roupas segurando uma fita métrica e um varinha. - E eu não quero duelo de varinhas em minha loja!- Ela completou rapidamente, depois de um

olhar de relance para a porta onde Harry e Ron tinham se posicionado com a varinha, apontando para Malfoy. Hermione que estava ligeiramente parado atrás deles, sussurrou:

- Não, não faça, honestamente, não vale a pena.

- Sim, como você ousaria fazer magia fora da escola?- Zombou Malfoy. - Quem acertou seu olho, Granger? Eu quero lhes enviar flores.

- Já chega!- Disse nitidamente Madame Malkin, olhando pelo ombro dela em busca de apoio. - Senhora, por favor.

Narcissa Malfoy saiu detrás à prateleira de roupas.

- Guarde isso.- Ela disse friamente para Harry e Ron. - Se você azarar meu filho novamente, eu assegurarei que será a última coisa que você faça na vida.

- Realmente?- Disse Harry, dando um passo adiante e contemplando a face calmamente arrogante que, apesar de toda sua palidez, ainda se assemelhava à irmã. Ele era tão alto quanto ela era agora. - Irá conseguir que alguns amigos Comensais da Morte nos faça isso, não é?

Madame Malkin gritou e pôs a mão sobre o peito.

- Realmente, você não deveria acusar, é uma coisa perigosa para dizer... Varinhas guardadas, por favor!

Mas Harry não abaixou a varinha dele. Narcisa Malfoy sorriu desagradavelmente.

- Eu vejo que ser o favorito de Dumbledore lhe deu uma falsa sensação de segurança, Harry Potter. Mas Dumbledore não estará sempre lá para o proteger.

Harry deu uma olhada zombeteira ao redor da loja.

- Uau... Olhe para isso... Ele não está aqui agora! Assim por que não tenta? Eles poderiam achar uma cela dupla em Azkaban com o perdedor do seu marido!

Malfoy fez um movimento bravo para Harry, mas tropeçou em cima do roupão dele. Rony riu ruidosamente.

- Não ouse falar da minha mãe assim, Potter!- Malfoy rosnou.

- Está tudo bem, Draco.- Disse Narcisa, segurando com os dedos brancos magros os ombros dele. - Eu espero que Potter se reúna seu com querido Sirius antes que eu me reúna com Lucius.

Harry ergueu a varinha mais alto.

- Harry, não!- Gritou Hermione, agarrando o braço dele e tentando abaixá-lo. - Pense... Você não deve... Você estará em apuros...

Madame Malkin tremeu naquele mesmo lugar por um momento, então pareceu se decidir a agir como se nada estivesse acontecendo. Ela se curvou para Malfoy que ainda estava olhando fixamente para Harry.

- Eu acho que isso rasgou e abriu a manga um pouco mais, querido, me deixe só...

- Ai!- Malfoy gritou, esbofeteando a mão dela. - Veja onde você coloca seus alfinetes, mulher! Mãe, eu acho que eu não quero estas roupas mais.

Ele puxou as roupas por cima da cabeça e as lançou ao chão aos pés da Madame Malkin.

- Você tem razão, Draco.- Disse Narcisa, com um olhar depreciativo para Hermione. - Agora eu sei o tipo de pessoa que faz compras aqui... Nós faremos melhor na Twilfitt e Tatting.

E com isso, os dois saíram da loja, Malfoy esbarrou forte em Ron quando estava saindo.

- Bem, realmente...- Disse Madame Malkin, apanhando as roupas caídas no chão e a ponta da varinha como um aspirador de pó, limpando-as.

Ela estava distraída ajustando as túnicas novas de Ron e Harry, tentando vender um vestido de feiticeira em vez de um de bruxa para Hermione e quando ela, finalmente, os mandou para fora da loja, estava com um ar alegre de se ver livre deles.

- Compraram tudo?- Hagrid perguntou quando eles reapareceram ao lado dele.

- Quase.- Disse Harry. - Você viu o Malfoys?

- Sim.- Disse Hagrid, desinteressado. - Mas eles não criaram problemas no Beco Diagonal, Harry. Não se preocupe com eles.

Harry, Ron, e Hermione trocaram olhares, mas antes que eles pudessem alertar Hagrid sobre esta noção confortável, o Sr. e a Sra. Weasley e Ginna apareceram, segurando vários pacotes pesados de livros.

- Todo o mundo bem?- perguntou a Sra. Weasley. - Compraram as roupas? Certo, então, nós podemos ir a farmácia e ao Empório das Corujas a caminho da loja de Fred e George... Agora...

Nem Harry nem Ron compraram qualquer ingrediente do Farmacêutico, uma vez que eles já não estavam estudando Poções, mas ambas as caixas grandes compradas de coruja louco para Edwiges e Pitchinho (?????) no Empório das Corujas. Então, com a Sra. Weasley que conferia o relógio dela todos os minutos, eles andaram ao longo da rua à procura da "Gemialidades Weasleys", a loja de logros de Fred e George.

- Nós, realmente, não temos muito tempo. A Sra. Weasley disse. - Assim nós teremos que olhar rápido e ir para o carro. Nós devemos estar próximos, é o número noventa e dois... Noventa e quatro...

- O que!- Exclamou Ron, parando atrás deles.

Fixado contra a loja sombria, um cartaz na fachada deles, Fred e George bateram o olho como uma exibição de fogo de artifícios na vitrine. Um transeunte estava examinando pelos ombros deles através da vitrine, e alguns pessoas bastante atordoadas paravam. A janela à esquerda era cheio de um sortimento de bens que remexeram, estouraram, flamejaram, saltaram, e gritaram, os olhos de Harry lacrimejaram um pouco olhando para isto. A vitrine a direita estava coberta com um cartaz gigantesco, roxo como os do Ministério, mas pintado com letras amarelas brilhantes:

POR QUE É QUE VOCÊ ESTÁ PREOCUPADO COM VOCÊ-SABE-QUEM?

VOCÊ DEVERIA ESTAR PREOCUPADO COM U-NO-POO

A SENSAÇÃO DA CONSTIPAÇÃO, ISSO ESTÁ ACABANDO COM A NAÇÃO!

Harry começou a rir. Ele ouviu um tipo fraco de gemido ao lado dele e deu uma olhada para ver a Sra. Weasley contemplando, pasmada, o cartaz. Os lábios dela moveram silenciosamente, enquanto declamando o nome U-NO-POO

- Eles serão assassinados nas camas deles!- Ela sussurrou.

- Nenhum deles vai!- Disse o Rony que, como Harry, estava rindo. - Isto é brilhante!

E ele e Harry entraram na loja. Estava cheia de clientes; Harry não pôde chegar perto das estantes. Ele fitou ao redor, olhando para as caixas empilhadas até o teto: Aqui era o Kit mata aula que os gêmeos tinham aperfeiçoado durante o último ano inacabado deles, em Hogwarts, Harry notou que Nosebleed Nougat era muito popular, com somente uma caixa na estante. Havia caixas cheio de varinhas de truque, que se transformam em galinhas de borracha ou pares de sumários quando agitado, golpeia o usuário imprudente ao redor da cabeça e pescoço, e várias caixas de penas com Self-Inking, Spell-Checking e Smart-Answer. Um espaço abriu na multidão e Harry se atirou em direção onde um gago de dez anos assistia a um minúsculo homem de madeira que subia lentamente os degraus para um real jogo de forca, ambos empoleirados em uma caixa que se lia: carrasco reutilizável - soletre ou ele te enforcará!

"Patenteado Sonhos encantados"

Hermione tinha conseguido se apertar para ver um grande mostrador perto do balcão e estava lendo as informações na parte de trás da caixa com uma figura altamente colorida de um jovem bonito e uma menina desmaiando que estavam no convés de um navio de pirata.

"Um simples encantamento e vocês entrarão num sonho de alta qualidade, altamente realista, por trinta minutos, fácil de ajustar dentro da lição escolar comum e virtualmente indetectável (efeitos colaterais incluem baba e expressão vaga). Não é vendido para menores de 16 anos."

- Você sabe.- Disse Hermione, olhando para Harry. - Isto é uma magia realmente extraordinária!

- Este, Hermione...- Disse uma voz atrás deles. - ...Você pode ter de graça.

Um Fred radiante se levantou antes deles, usando roupas magenta que contrastavam magnificamente com os cabelos flamejantes dele.

- Como você está, Harry?- Eles deram um aperto de mão. - E o que é que aconteceu com o seu olho, Hermione?

- Seu telescópio perfurante.- Ela disse.

- Oh, eu me esqueci desses.- Fred disse. - Aqui...

Ele arrancou um tubo do bolso e deu a ela; ela abriu cautelosamente para revelar uma pasta amarela espessa.

- Passe levemente na contusão que ela sumirá dentro de uma hora. Fred disse. - Nós tivemos que achar um removedor de contusão decente. Nós testamos a maioria de nossos produtos em nós mesmos.

Hermione parecia nervosa.

- É seguro, não é?- Ela perguntou.

- Claro que é.- Fred disse. - Venha, Harry, eu lhe mostrarei a loja.

Harry deixou Hermione passando de leve a pasta no olho roxo e seguiu Fred para a parte de trás da loja, onde ele viu um posto de cartão e truques de corda.

- Trouxas truques mágicos!- Disse Fred feliz, apontando para eles. - Porque tem aberrações como Papai, você sabe, que amam coisas de trouxa. Não é muito lucrativo, mas nós firmamos um negócio razoável, eles são grandes novidades... Oh, aqui está o Jorge...

O gêmeo de Fred apertou a mão de Harry energicamente.

- Conhecendo a loja? Passe para a parte de trás, Harry, que é onde nós estamos ganhando o dinheiro de verdade e você, pegará em Galeões?- Ele acrescentou a um menino pequeno que apressadamente retirou a mão dele para fora da banheira e etiquetou "escuridão comestível".

MARCAS, ELES FARÃO QUALQUER UM DOENTE!

Jorge empurrou uma cortina atrás ao lado do trouxa falso e Harry viu um quarto mais escuro, menos abarrotado. Os pacotes dos produtos que enfileiram estas estantes eram mais disputadas.

- Nós desenvolvemos uma linha mais séria.- Fred disse. - Engraçado como aconteceu...

- Você não acreditaria quantas pessoas, até mesmo as pessoas que trabalham no Ministério, não podem fazer um Feitiço de Proteção decente.- Jorge disse. - Claro, eles não aprenderam com você, Harry.

- Isso é verdade... Bem, nós pensamos que Chapéus de Proteção eram engraçados, você sabe, desafia seu companheiro a te azarar e quando isso acontece você vê a cara dele quando a azaração ricochetear. Mas o Ministério comprou quinhentos para todo seu pessoal de apoio! E nós ainda estamos recebendo ordens de compras volumosas!

- Assim nós expandimos para uma gama de Capas de Proteção, Luvas de Proteção...

- ...Eu quero dizer, eles não ajudariam muito contra as Maldições Imperdoáveis, mas para feitiços mais fracos ou azarações...

- E então nós pensamos em entrar na área inteira de Defesa Contra as Artes das Trevas, porque é um filão de dinheiro.- Jorge continuado entusiasmado. - Isto está novo. Olhe, "Pó de Escuridão Instantânea", nós estamos importando isto do Peru. À mão se você quiser fazer uma fuga rápida.

- E nossos "Detonador Enganador" que estão a sair das estantes, olhe.- Disse Fred, apontando vários objetos estranhos de chifre pretos que estavam, realmente, tentando correr para longe da vista. - Você derruba um discretamente e ele escapará, fazendo um barulho alto agradável longe de você, enquanto lhe d a distração que precisa.

- À mão.- disse Harry, impressionado.

- Aqui.- Disse Jorge, pegando um par e lançando a Harry.

Uma jovem bruxa de cabelos loiro curto enfiou a cabeça pela cortina; Harry viu que ela também usava o uniforme magenta.

- Há um cliente aqui fora procurando um caldeirão de piada, Senhores. Weasley.- Ela disse.

Harry achou muito estranho ouvir Fred e George serem chamados de "Sr. Weasley", mas eles aceitaram isso sem dificuldades.

- Está bem, eu estou indo.- Disse Jorge prontamente. - Harry, você escolhe qualquer coisa que você quiser, certo? Sem custo.

- Eu não posso fazer isso!- Disse Harry que já tinha tirado a bolsa de dinheiro para pagar pelos "Detonadores Enganadores".

- Aqui você não paga.- Disse Fred firmemente, não aceitando ao ouro de Harry.

- Mas...

- Você nos deu nosso primeiro empréstimo, nós não esquecemos.- Disse Jorge. - Leve tudo que você gostar, e não se esqueça de falar para as pessoas onde você adquiriu tudo, se eles perguntam.

Jorge saiu pela cortina para ajudar com os clientes, e Fred levou Harry para a parte principal da loja para encontrar Hermione e Ginna que ainda se concentravam nos "Patenteado Sonhos Encantados".

- As meninas acharam nossos produtos de 'WonderWitch' especiais?- Fred perguntou. - Senhoras, sigam-me...

Aproximaram-se de um balcão onde todos os produtos ao redor eram violentamente rosas com um agrupamento de meninas entusiasmadas dando risada. Hermione e Ginna pareceram cautelosas.

- Lá você vai...- Disse Fred orgulhosamente. - ...achar a maior gama de filtros do amor que em qualquer lugar.

Ginna ergueu a sobrancelha.

- Eles funcionam?- Gina perguntou.

- Certamente, eles funcionam, por até vinte e quatro horas dependendo de quantas vezes, do peso do menino em questão...

- ...e a atratividade da menina.- Disse Jorge, reaparecendo de repente ao lado deles. - Mas nós não os estamos vendendo a nossa irmã.- Ele adicionou, ficando repentinamente sério. - Não quando ela já obteve mais atividade aproximadamente com cinco meninos do que nós temos .

- As notícias do Ron são uma mentira gorda e grande.- Disse Ginna calmamente, se apoiando para pegar um pote rosa pequeno na outra estante. - O que é isto?

- Removedor de espinhar. Em dez segundos garantidos.- Disse Fred. - Excelente em todo tipo de cravos, mas não muda o assunto. Você está ou você não está saindo atualmente com um menino chamado Dino Thomas?

- Sim, eu estou.- Disse Ginna. - E dá última vez que vi, ele definitivamente era um menino, não cinco. O que é isso?

Ela estava apontando para várias bolas de penugem em sombras cor-de-rosa e roxo, todas rolando ao redor do fundo de uma gaiola e emitindo gritos altos.

- Bolos folhados pigmeus.- Disse Jorge. - Puffskeins de miniatura, nós não os podemos criar rápido bastante. Assim o que me diz sobre Miguel Corner?

- Eu terminei, ele era um péssimo perdedor.- Disse Ginna, pondo um dedo pelas barras da gaiola e assistindo os "Bolos folhados Pigmeus" aglomeram ao redor. - Eles são realmente bonitinhos!

- Eles são razoavelmente bonitos, sim.- Fred concedeu. - Mas você tem trocando um pouco de namorado, não é?

Ginna virou para olhar para ele, as mãos nos quadris. Havia um tal olhar de Sra. Weasley no rosto dela que Harry ficou surpreso de Fred não recuar.

- Não é seu negócio. E eu lhe agradecerei...- Ela acrescentou furiosamente a Ron que há pouco tinha aparecido ao lado de Jorge carregado com mercadoria. -...se não contar sobre mim para estes dois!

- Isso são três Galeões, nove sicles e um Knut.- Disse Fred, examinando as muitas caixas nos braços de Ron.

- Eu sou seu irmão!

- E isso é no nosso negócio que você está comprando. Três Galeões, nove sicles. Eu dou um desconto no Knut.

- Mas eu não tenho três Galeões, nove sicles!

- Melhor você devolver isso então, e coloque nas estantes à direita.

Ron derrubou várias caixas, jurou, e fez um gesto de mão rude a Fred, infelizmente a Sra. Weasley tinha escolhido aquele momento para aparecer.

- Se eu o vejo fazer isso novamente eu lançarei uma azaração para deixar seus dedos colados.- Ela disse nitidamente.

- Mãe, eu posso ter um "Bolo folhado Pigmeu"?- Perguntou Ginna imediatamente.

- Um o que?- Disse a Sra. Weasley cautelosamente.

- Olhe, eles são tão lindos...

A Sra. Weasley se moveu para olhar para os "Bolos folhados Pigmeus", e Harry, Ron, e Hermione tiveram uma visão momentaneamente desimpedida do lado de fora da janela. Draco Malfoy estava sozinho e apressado. Quando ele passou pelas "Gemialiades's Weasley", ele olhou por cima do ombro. Alguns segundos depois, ele se moveu além da extensão da janela e eles o perderam de vista.

- Onde a mamãe dele está?- Perguntou Harry, carrancudo.

- Deve ter escapado dele. Respondeu Ron.

- Por que? Perguntou Mione.

Harry não disse nada; ele estava pensando muito. Narcisa Malfoy não teria deixado seu filho precioso sair, de boa vontade, da vista dela; Malfoy devia ter feito um esforço real para se livrar das amarras dela. Harry sabe que Malfoy é astuto e detestável, e estava seguro que a razão não podia ser inocente. Ele olhou ao redor, a Sra. Weasley e Gina estavam entretidas com os "Bolos folhados Pigmeus". O Sr. Weasley estava distraído examinando um pacote de trouxas jogando baralho. Fred e George estavam ajudando os clientes. No lado de fora da loja, Hagrid fazia sua parte, vigiando a rua.

- Chegue aqui debaixo, rápido.- Disse Harry, arrancando a capa da invisibilidade do bolso dele.

- Oh, eu não sei, Harry.- Disse Hermione, olhando com dúvida para a Sra. Weasley.

- Venha.- Disse Ron.

Ela hesitou durante um segundo mais longo, então entrou debaixo da capa com Harry e Ron. Ninguém notou que eles desaparecem; eles estavam todos muito interessados no Fred e os produtos do Jorge. Harry, Ron, e Hermione se apertaram para fora da porta tão depressa quanto puderam, mas até que eles ganhassem a rua, Malfoy tinha desaparecido tão completamente da mesma maneira como eles fizeram.

- Ele estava indo naquela direção.- Harry murmurou tão baixo quanto possível, de forma que o zumbido não seria ouvido por Hagrid “Vamos”.

Eles correram juntos, olhando para a esquerda e para a direita, por vitrines e portas, até que Hermione apontou à frente.

- Aquele lá não é ele?- Ela sussurrou. - Virando à esquerda?

- Grande surpresa.- Ron sussurrou.

Malfoy tinha olhado ao redor, então deslizou para a Travessa do Tranco, longe de vista.

- Rápido ou nós o perderemos.- Disse Harry, acelerando.

- Nossos pés serão vistos!- Disse Hermione ansiosa, quando a capa se enrolou nos tornozelos deles; hoje estava mais difícil escondê-los debaixo da capa.

- Não importa.- Disse Harry impaciente. - Se apressem!

Mas a Travessa do Tranco, a rua lateral dedicada às Artes das Trevas, estava completamente abandonado. Eles olharam pelas janelas que passavam por eles, mas nenhum das lojas parecia ter qualquer cliente. Harry supôs que era um pouco fora de propósito, nestes tempos perigosos e suspeitos, comprar artefatos das trevas, ou pelo menos, ser visto comprando. Hermione deu um beliscão forte no braço dele.

- Ai!

- Shh! Olha! Ele está lá!- Ela cochichou na orelha de Harry.

Eles tinham emparelhado com a única loja na Travessa do Tranco que Harry alguma vez tinha visitado, "Borgin e Burkes" que vendia uma grande variedade de objetos sinistros. Lá no meio das caixas cheias de crânios e garrafas velhas estava de pé Draco Malfoy de costas para eles, visível um pouco além do mesmo armário preto e grande no qual Harry tinha se escondido para evitar Malfoy e o pai dele uma vez. Julgando pelos movimentos das mãos de Malfoy, ele estava falando animadamente. O proprietário da loja, Sr. Borgin, um cabelo oleoso, meio inclinado, de frente para Malfoy. Ele tinha uma expressão curiosa de ressentimento e medo.

- Se nós pudéssemos ouvir o que eles estão dizendo!- Disse Hermione.

- Nós podemos!- Disse Ron excitado. - Agüente... Maldição...

Ele derrubou algumas caixas que ele estavam perto quando ele tateava.

- Olhe, orelhas extensíveis!

- Fantástico!- Exclamou Hermione, com Ron mostrando um longo fio cor de carne e começou a esticar para o fundo da porta. - Oh, eu espero que a porta não seja Imperturbável.

- Não!- Disse Ron. - Escute!

Eles se consultaram mutuamente e escutaram os fios pelos quais a voz de Malfoy poderia ser ouvida atentamente em voz alta e clara, como se um rádio tinha sido ligado.

- ...você sabe como resolver isto?

- Possivelmente.- Disse Borgin, em um tom que sugeriu que ele estava pouco disposto a fazer. - Entretanto, eu precisarei ver. Por que você não traz na loja?

- Eu não posso.- Disse Malfoy. - Eu preciso ficar a postos. Eu preciso que você me conte como fazer isto.

Harry viu Borgin lamber os lábios dele nervosamente.

- Bem, sem ver, tenho que dizer que será um trabalho muito difícil, talvez impossível. Eu não posso garantir nada.

- Não?- Disse Malfoy, e Harry soube, só pelo tom dele, que Malfoy estava zombando. - Talvez isto o fará mais confiante.

Ele se moveu para Borgin e a visão deles foi bloqueada pelo armário. Harry, Ron e Hermione tentaram se arrastar e manter a visão lateral, mas tudo que eles poderiam ver eram Borgin, olhando muito amedrontado.

- Conte para qualquer um.- Disse Maifoy. - E haverá retaliação. Você conhece Fenrir Greyback? Ele é um amigo da família. Ele estará derrubando de vez quando tiver certeza que você está prestando atenção ao problema com sua atenção completa.

- Não haverá nenhuma necessidade de...

- Eu decidirei isso.- Disse Malfoy. - Bem, eu iria fazer melhor. E não esquece de manter isso seguro, eu precisarei disto.

- Talvez você gostaria de levar isto agora?

- Não, claro que eu não vou, você é um homem estúpido, pequeno, como eu levaria isso rua abaixo? Só não venda.

- Claro que não... Senhor.

Borgin fez uma mesura tão funda quanto Harry tinha visto ele fazer para Lucius Malfoy uma vez.

- Nenhuma palavra para qualquer um, Borgin, e isso inclui minha mãe, entende?

- Naturalmente, naturalmente. Borgin murmurou, se curvando novamente.

Logo, o sino em cima da porta tilintou ruidosamente enquanto Malfoy espiava para fora da loja e parecia muito contente consigo mesmo. Ele passou tão perto de Harry, Ron e Hermione que eles sentiram, novamente, ao redor dos joelhos deles a agitação da capa. Dentro da loja, Borgin permaneceu parado; o sorriso insincero dele tinha desaparecido; ele parecia preocupado.

- Sobre o que eles conversaram?- Ron sussurrou, recolhendo as Orelhas Extensíveis.

- Não sei.- Disse Harry, pensando. - Ele quer algo consertado... e ele quer reservar algo lá... Você conseguiu ver o

que ele apontou quando ele disse "aquele"?

- Não, ele estava atrás daquele armário.

- Você dois permaneçam aqui.- Hermione sussurrou.

- O que você vai...?

Mas Hermione já tinha saído de debaixo da capa. Ela conferiu o cabelo no reflexo da vitrine, então marchando para loja, tocou o sino que tilintava novamente. Ron esticou apressadamente as Orelhas Extensíveis debaixo da porta e passou um dos fios a Harry.

- Oi, manhã horrível, não é?- Hermione disse a Borgin que não respondeu, mas lançou um olhar suspeito. Hermione passeou a mostra pela confusão de objetos.

- Este colar está à venda?- Ela perguntou, parando ao lado de um balcão.

- Se você tem um mil e quinhentos galeões.- Disse o Sr. Borgin friamente.

- Oh... Er... Não, eu não posso gastar tanto.- Disse Hermione, caminhando. - E... Este adorável... Hummm... Crânio?

- Dezesseis Galeões.

- Assim está à venda, então? Não está... Reservado para alguém?

O sr. Borgin piscou para ela. Harry teve um pressentimento que ele sabia exatamente o que Hermione queria. Aparentemente, Hermione sentia o mesmo porque ela lançou a precaução, de repente aos 4 ventos.

- A coisa é, que... Er... O menino que estava agora mesmo aqui, Draco Malfoy, bem, ele é um amigo meu, e eu quero comprar um presente de aniversário, mas se ele já estiver reservado alguma coisa, eu não quero comprar a mesma coisa, obviamente, assim... Hmmm...

Era uma história bem fraca na opinião de Harry e, aparentemente, Borgin também pensou.

- Fora.- Ele disse nitidamente. - Saia fora!

Hermione não esperou duas vezes, mas se apressou à porta com Borgin atrás dela. Quando o sino tilintou novamente, Borgin bateu a porta atrás dela e virou para cima a placa de fechado.

- Ah, bem.- Disse Ron, puxando a capa para cima da Hermione. - Boa tentativa, mas você foi um pouco óbvia demais.

- Bem, da próxima vez, você pode mostrar para mim como é que faz, Mestre do Mistério!. Ela falou.

Ron e Hermione brigaram todo tempo até a "Gemialidades Weasley", onde eles foram forçados a parar de forma que eles poderiam evitar o olhar anfioxo em volta da Sra. Weasley e Hagrid que tinham notado a ausência deles claramente. Uma vez na loja. Harry retirou a Capa da Invisibilidade, escondeu no bolso dele e se uniu com os outros dois quando eles insistiram, em resposta às acusações da Sra. Weasley, que eles estavam desde o princípio no quarto dos fundos e que ela não deveria ter olhado corretamente.

= = = =

- Eu terei cuidado.- Disse Harry sorrindo.

Quando Harry entrou na cozinha encontrou Fleur sentada, o lugar estava cheio de plantas para seu casamento, quando a Sra. Weasley colocou seu relógio sobre um pilha de Spruts Self, descascando-as olhando mau humorada.

- ...Gui e eu decidimos ter apenas duas damas de honra, Gina e Gabrielle ficarão muito bonitas juntas. Eu estou pensando em vesti-las com um tom de ouro claro. Rosa ficaria naturalmente horrível para Gina.

- Ah, Harry querido!- Disse a Sra. Weasley alto, cortando o tedioso discurso de Fleur. - Eu iria explicar sobre a segurança da viagem de amanhã para Hogwarts. Nós pegaremos carros do ministério novamente, e haverá aurores esperando na estação.

- É Tonks que vai estar lá?- Perguntou Harry entregando seu uniforme de Quadribol.

- Não, eu acho que não, ela tem andado muito ocupada pelo que Arthur me disse.

- Ela se meteu numa enrascada, aquela Tonks...- Disse Fleur concentrada, examinando seu reflexo fabuloso na parte de trás da colher de chá. - Um grande erro se você me...

- Sim, é isso, obrigada.- Disse a Sra. Weasley cortando o assunto de Fleur outra vez. - Você conversaria mais com o Harry, mas eu quero que ele suba para arrumar seu malão, por que depois do jantar não vai dar tempo e amanha partiremos bem cedo.

De fato, sua partida na manhã seguinte foi um tanto estranha, mais normal. Os carros do ministério chegaram até a frente da casa para esperá-los, as malas prontas, o gato de Hermione, Bichento, estava seguro em sua cesta; Edwiges, Pichí, e o pigmel novo de Gina, Arnold, nas gaiolas.

- Au revoir, gente.- Disse Fleur rouca, dando-lhe um beijo de despedida. Rony estava apressado, parecendo esperançoso, mas Gina colocou seu pé para fora e Rony caiu, enchendo de poeira os pés de Fleur. Furioso, envergonhado e respirando poeira, ele correu para o carro sem dizer ate logo.

Não havia ninguém parecido com o Hadrig na estação King Cross esperando por eles. No entanto, havia dois aurores com as barbas bem feitas dentro de ternos escuros de trouxas, vindo ao encontro do carro e depois marchando com eles até a estação sem dizer nada.

- Rápido, rápido, atravessem a barreira.- Disse a Sra. Weasley, que pareceu um pouco chateada com a pouca eficiência dos aurores.

- Harry, vá você primeiro, com...- Olhou indignada para um dos aurores, que correu e passou o braço pelo ombro de Harry, e dirigiu-o para a barreira que ficava entre as plataformas nove e dez.

- Eu sei andar, obrigado.- Disse Harry irritado, empurrando o braço do auror para fora de seu ombro. Empurrou suas coisas até a barreira e ignorando seu companheiro, que continua em silencio, um segundo depois, se viu na plataforma 9 3/4 onde o Expresso de Hogwarts soltava vapor por cima da multidão.

Hermione e os Weasley's juntaram-se a ele poucos segundos depois. Sem esperar e perguntar nada pro auror, Harry fez um sinal para Rony e a Hermione para segui-lo para frente da plataforma e procurar uma cabine vazia.

- Nós não podemos, Harry.- Disse Hermione, olhando apreensiva. - Rony e eu temos que ir para a cabine dos monitores, receber instruções e depois patrulhar os corredores, infelizmente.

- Ah, certo... Tinha me esquecido.- Disse Harry.

- Vamos logo para o trem, vocês têm que ir, falta só um minuto.- Disse a Sra. Weasley, consultando seu relógio. - Bem, tenha um ótimo ano, Rony...

- Sr. Weasley, tem um minuto?- Disse Harry, no momento em que se passava algo em sua mente.

- Naturalmente.- Disse o Sr. Weasley, que olhou surpreso, mas Harry andando não percebeu.

Harry havia tomado o devido cuidado, e tinha decidido não dizer há qualquer um, mas o Sr. Weasley era a pessoa ideal. Primeiro, porque trabalha no ministério e está conseqüentemente na melhor posição para fazer umas investigações a mais. E segundo, porque pensou que não existia o risco do Sr. Weasley ficar com raiva. Podia ver a Sra. Weasley e o Auror grã-fino olhando para eles lá de trás, enquanto se afastavam.

- Quando nós estávamos no Beco Diagonal.- Harry começou, mas o Sr. Weasley o fez parar com um sinal.

- Será que vou descobrir onde você, Rony e Hermione se meteram quando desaparecem e supostamente estavam na sala nos fundos da loja de Fred e de Jorge?

- Como sabe...?

- Harry, por favor. Você está falando com o homem que criou Fred e Jorge.

- Ok... Ta, está certo, nós não estávamos no quarto dos fundos. Muito bem, bom, agora ouça o pior. Bem, nós seguimos Draco Malfoy. Nós estávamos usando a minha Capa de Invisibilidade.

- Você planejou tudo isso, ou foi um equivoco?

- Eu pensei que Malfoy ia fazer algo importante.- Disse Harry, não olhando para o Sr. Weasley que parecia irritado. - Já que sua mãe não estava junto, e eu quis saber por que.

- Naturalmente você...- Disse o Sr. Weasley, calmamente. - Bom? E o encontrou, e então?

Ele entrou na Borgin e Burkes.- Disse Harry. - E começou a falar alto lá dentro, pedindo para Borgin lhe ajudar a concertar alguma coisa. E disse que tinha algo para ele. Ela pediu algo, algum tipo de coisas muito estranha e também disse que ele ia estar mal se não a entregasse. Um par de algo. E...- Harry respirou profundamente. - Há algo errado. Nós vimos o salto de Malfoy quando a Madame Malkin tentou tocar em seu braço esquerdo. Eu penso que ele tem a Marca Negra. Ele acha que poderá substituir o seu pai como um Comensal da Morte.

O Sr. Weasley ficou olhando para uma parte de trás. Depois de um tempo disse:

- Harry, eu duvido que Você-Sabe-Quem permitiria um... Garoto de apenas dezesseis anos se tornar um comensal.

- Mas todos sabem que Você-Sabe-Quem, é capaz de fazer ou não?- Perguntou Harry irritado. - Sr. Weasley, é difícil, mas o senhor devia investigar não acha? Se Malfoy quiser algo tanto que está determinado a ameaçar Borgin, é provável que seja algo das Artes das Trevas, não é?

- Pra ser honesto Harry, eu duvido.- Disse o Sr. Weasley lentamente. - Você vê, quando Lucio Malfoy foi preso, nós invadimos sua casa. Nós removemos tudo que pôde ter sido perigoso.

- Eu acho que faltou algo.- Disse Harry.

- Bem, talvez.- Disse o Sr Weasley, mas Harry podia ver que o Sr. Weasley não estava levando aquela conversa a sério.

- Havia um apito atrás deles; quase todos estavam em seus lugares e as portas estavam fechando.

- Vamos é melhor ir, depressa.- Disse Sr. Weasley, quando a Sra. Weasley gritou:

- Harry, o trem, rápido!

Harry se apressou, e o Sr. e a Sra. Weasley o ajudaram colocar seu malão no trem.

- Agora, talvez você venha para o natal... É, acho que Dumbledore vai deixar, nos veremos logo então.- Disse a Sra. Weasley pela janela, porque Harry bateu a porta e o trem começou a se mover. - Você pode ter certeza de que ficara bem e...- O trem agora atingia velocidade.-...Seja um bom menino e...- Ela estava movimentando-se de forma a ficar perto da janela de Harry. -...Boa sorte!

Harry acenou até o trem fazer uma curva e o Sr. E a Sra. Weasley sumirem por ela, depois olhou em volta procurando se acomodar. Supôs que Rony e Hermione já estavam na cabine dos monitores, mas Gina estava no corredor, falando com alguns amigos. Ele foi em sua direção arrastando seu malão.Todos olharam fixamente para ele quando se aproximou. Olharam para as portas ou janelas, mas não olharam para ele. Tinha pensado que teria de responder há uma enorme "Chuva" de perguntas, já que o Profeta Diário agora espalhava boatos sobre ele. Mas não apreciou essa nova sensação. Então bateu no ombro de Gina.

- Vamos tentar achar uma cabine?

- Eu não posso, Harry, eu disse que me encontraria com o Dino.- Disse Gina corando. - Te vejo depois.

- Certo.- Disse Harry que sentiu-se estranhamente perturbado. Enquanto Gina andava seu cabelo vermelho longo dançava atrás dela; tinha se tornado diferente, um só verão e ele tinha quase se esquecido de Gina, também ela não ficou muito ao redor dele, de Rony ou Hermione na escola. Então piscou e olhou ao seu redor. Quando ouviu algumas pessoas conversando.

- Oi, Harry!- Disse uma voz familiar atrás dele.

- Neville!- Disse Harry, girando para ver um menino tentando chegar até ele.

- Olá, Harry.- Disse uma menina com longos cabelos e misteriosos olhos grandes, que estava atrás de Neville.

- Luna, oi, como vai você?

- Muito bem, obrigada.- Disse Luna. Ela segurava uma caixa, com letras grandes que diziam que havia um par de Spectrespecs dentro.

- O pasquim está bem, então?- Perguntou Harry, que sentindo-se no dever já que, no ano anterior, o Pasquim havia lhe dado uma entrevista exclusiva.

- Oh sim, está circulando muito bem.- Disse Luna feliz.

- Vamos procurar lugares pra gente.- Disse Harry, e os três saíram procurando por todo o trem, passando por todos os estudantes que Olhavam-nos fixamente, mas nada diziam. No ultimo vagão encontraram uma cabine vazia, e Harry entrou sentindo-se grato por tê-la achado.

- Eles ficaram olhando fixamente para nós.- Disse Neville, que apontou para Luna e depois para si próprio. - Porque nós estamos com você!

- Estavam olhando para você porque você estava no Ministério também.- Disse harry, colocando seu malão no bagageiro. - Nossa pequena aventura até lá saiu no Profeta Diário, você deve ter visto.

- Sim, eu pensei que minha avó ficaria irritada com toda essa publicidade.- Disse Neville. - Mas isso realmente a agradou. Diz que eu estou começando a parecer com meu pai. Até me comprou uma varinha nova, olhe!- Ele a pegou e mostrou a Harry. - Feita de cerejeira com um pelo de unicórnio.- Disse orgulhoso. - Nós achamos que fomos um dos últimos a ver o Sr. Olivaras, já que ele desapareceu no dia seguinte... Ai, ai... Volta aqui, Trevo!- E mergulhou sob o assento para recuperá-lo, enquanto seu sapo tentava novamente escapar.

- Ainda teremos as reuniões da AD esse ano Harry? Perguntou Luna.

Tirou o pasquim descobrindo a caixa e apareceu algo muito colorido. Mas Harry não conseguiu ver o que era.

- Agora que não temos mais que nos livrar da Umbridge, não tem porque estarmos lá. Não é? Disse Harry olhando para baixo, enquanto Neville batia a cabeça no assento na hora em que foi levantar. Olhando decepcionado.

- Eu gostei da AD! Aprendi muitas coisas com você lá.

- Eu adorei muito as reuniões também.- Disse Luna serenamente. - Era como ter amigos.

Esta era uma daquelas coisas incômodas, Harry sentiu uma mistura, um pouco de piedade, e ao mesmo tempo ficava encabulado. Antes que pudesse responder, entretanto, houve uma bagunça do lado de fora da cabine; um grupo de meninas do quarto ano cochichando entre si olhando atrás do vidro da porta.

- Vai pergunta pra ele!

- Não, pergunta você!

- A ah... Ok eu pergunto então!

E uma delas, uma menina corajosa, o olhava com seus olhos escuros grandes, um queixo proeminente, e cabelo preto e longo, empurrou a porta e entrou.

- Oi, Harry, eu sou Romilda, Romilda Vane.- Disse alto e confiável. - Por que você não se junta com a gente na nossa cabine? Você não precisa se sentar com eles.- Ela falou num sussurro e indicou Neville que estava caído fora do assento outra vez procurando Trevo, e Luna que agora acabava com seu Spectrespecs, e olhava dementemente para um pequena coruja colorida.

- São meus amigos,.- Disse Harry friamente.

- Oh.- Disse a menina, surpresa. - Oh, Ok!

E se retirou passando através da porta que agora se encontrava novamente fechada.

- As pessoas esperam que você tenha amigos mais geniais que nós.- Disse Luna, parecendo estar encabulada.

- Vocês são bons.- Disse Harry logo. - Nenhum deles estava no ministério. Nenhum deles lutou junto comigo.

- Que é uma ótima coisa a se dizer.- Irradiou Luna. Então empurrou seu Spectrespecs longe e começou a ler O Pasquim.

- Nós não o enfrentamos.- Disse Neville, emergindo para cima do assento, com pó em seus cabelos, e um Trevo inquieto em sua mão. - Você. Você deve ouvir o que minha avó fala sobre você. Esse Harry Potter fazendo acontecer tudo isso com todo o Ministério da Magia contra. Daria qualquer coisa pra tê-lo como neto.

Harry sorriu encabulado e mudou o assunto para a coruja assim que pode. Quando Neville quis saber se estaria apto a fazer o N.I.E.M's de Transfiguração, com somente um "Aceitável", Harry prestava atenção, mas não estava realmente escutando. A infância de Neville tinha sido quase tão dura quanto à de Harry por causa de Voldemort, mas ele não tinha idéia de quão próximo ele ficou de ter o destino de Harry. A profecia servia para ambos, contudo, por suas próprias razões, Voldemort acabou escolhendo Harry. Se Voldemort tivesse escolhido Neville, seria ele que ia se sentar oposto a uma cicatriz em forma de raio? A mãe de Neville morreria para salvá-lo, assim como Lílian morreu por Harry? Certamente... Mas se ela não tivesse sido capaz de estar entre Voldemort e seu filho, não haveria nenhum escolhido agora? E então Harry seria beijado na estação pela sua própria mãe e não a mãe de Rony.

- Você está bem, Harry? Estava olhando engraçado.- Disse Neville.

Harry começou:

- Desculpa... Eu...

- Você... O que?

- Que bicho te mordeu?- Perguntou Luna de uma forma muito simpática, analisando Harry através de seus enorme óculos colorido.

Ela agitou as mãos no ar, como se fosse bater em algo invisível e muito grande. Harry e Neville, no entanto começaram a falar de Quadribol. O tempo lá fora era quente como havia sido todo o verão; com um pouco de nevoa, e alguns fracos raios de sol. Era durante o último tempo livre, quando o sol era quase não mais visível que Rony e Hermione entraram na cabine.

- Tomara que o carrinho passe logo para o almoço, estou faminto.- Disse Ron ansioso, sentando ao lado de Harry e apertando seu estômago. - Oi, Neville. Oi, Luna. Adivinhem?- Ele disse, voltando a Harry. - Malfoy não está fazendo seu trabalho como monitor. Ele está sentado na sua cabine com os outros Sonserinos, nós o vimos quando passamos.

Harry se sentou direito, interessado. Não é de Malfoy desperdiçar uma chance de demonstrar seu poder como monitor, poder do qual ele tinha abusado durante todo o ano passado.

- O que ele fez quando viu vocês?

- O de sempre.- Disse Rony indiferente, fazendo um gesto rude com as mãos. - Nada inteligente, não é? Bem, é isso.- Ele fez novamente um gesto rude com as mãos. - Mas por que ele parou de intimidar os primeiro-anistas?

- Não sei.- Disse Harry, mas sua mente estava girando muito rápido. Parecia-lhe que Malfoy não achava que existia coisa mais importante do que intimidar os alunos novatos.

- Talvez ele prefira o Esquadrão Inquisidor.- Disse Hermione. - Talvez ser um monitor pareça-lhe muito pouco depois daquilo.

- Eu não acho que seja isso.- Disse Harry. - Eu acho que eles está...- Mas antes que ele pudesse dar sua opinião, a porta da cabine foi aberta novamente e uma garota ofegante do terceiro ano caminhou para dentro.

- Eu devo entregar isso para Neville Longbottom e Harry P-Potter.- Ela gaguejou, quando seus olhos encontram os do Harry e ela corou. Ela estava segurando dois pedaços de pergaminho amarrados com fita violeta. Perplexos, Harry e Neville pegaram o pergaminho endereçado a cada um e a garota saiu tropeçando da cabine.

- O que é isso?- Rony perguntou, enquanto Harry desenrolava o papel.

- Um convite. Disse Harry.

Harry, eu estaria honrado se você se juntasse a mim na hora do almoço na cabine C. Sinceramente...

- Mas para que ele me quer lá?- Perguntou Neville nervoso, como se ele estivesse esperando por uma detenção.

- Não tenho a mínima idéia.- Disse Harry, que não estava totalmente convencido, pensando que ele não tinha nenhuma prova ainda que sua desconfiança estava certa.

- Ouça.- Ele disse, agarrado numa idéia repentina. - Vamos sob a Capa de Invisibilidade, então nós podemos dar uma boa olhada na maneira do Malfoy, ver o que ele está aprontando.

Esta idéia, entretanto, não deu em nada: Os corredores estavam cheios de gente que esperavam o carrinho de doces para o almoço e isso tornou impossível de passar enquanto vestiam a capa. Harry arrumou-o repentinamente atrás de sua bolsa, refletindo no que faria só para evitar todo aquele movimento, que parecia ter se intensificado incrivelmente desde a última vez que ele andou no trem. Todos os estudantes agora se empurravam em suas cabines para dar uma olhada melhor nele. A exceção foi Cho Chang, que lançou-se para sua cabine dela quando viu Harry vindo. Enquanto Harry passava pela janela, ele a viu concentrada numa conversa com sua amiga Marieta, que usava uma camada bastante grossa de maquiagem que não escondia completamente a estranha formação de espinhas através de seu rosto. Com um sorriso um pouco forçado, Harry continuou. Quando eles alcançaram cabine C, eles viram que não eram os únicos convidados de Slughorn, entretanto julgando pela entusiasmada boas vindas de Slughorn, Harry era o mais calorosamente esperado.

- Harry, meu garoto!- Disse Slughorn, pulando para seu campo de visão de modo que sua grande barriga coberta de veludo parecesse encher todo o espaço restante na cabine. Sua cabeça careca brilhante e o grande bigode prateado resplandeciam com tanto brilho na luz do sol quanto os botões de ouro de seu paletó. - Bom te ver, bom te ver! E você deve ser o Sr. Longbottom!

Neville assentiu, olhando assustado. Em um gesto de Slughorn, sentaram-se opostos um ao outro nos dois únicos assentos vazios, que eram os mais próximos à porta. Harry olhou de relance ao redor para os outros convidados. Ele reconheceu um Sonserino do mesmo ano que eles, um menino negro alto com olhos fundos, olhos inclinados; havia também dois meninos do sétimo ano que Harry não conhecia e, espremida no canto ao lado de Slughorn e com um olhar de como se não tivesse certeza como tinha chegado lá, Gina.

- Agora, vocês conhecem todo mundo?- Slughorn perguntou a Harry e Neville. - Blaise Zabini está no mesmo ano que vocês, naturalmente...

Zabini não fez nenhum sinal de reconhecimento ou cumprimento, nem Harry ou Neville: Os estudantes Grifinorianos e Sonserinos detestam-se no começo.

- Este é Cormac McLaggen, talvez vocês vieram através de...? Não?

McLaggen, um largo, forte e cabeludo jovem, acenou a mão, e Harry e Neville acenaram a cabeça de volta para ele.

- E este é Marcus Belby, eu não sei será...?

Belby, que era magro e tinha um olhar apreensivo, deu-lhes um sorriso estranho.

- E essa charmosa senhorita disse-me que os conhecem!- Slughorn terminou.

Gina fez caretas para Harry e Neville por trás de Slughorn.

- Bem agora, isto é o mais agradável.- Disse Slughorn comodamente. - Uma chance para conhecer vocês todos um pouco melhor. Aqui, pegue um guardanapo. Eu empacotei meu próprio almoço; o carrinho, como eu o recordo, é cheio de licorice (*substância produzida através do licopódio, tipo de erva rasteira, matéria-prima para fabricação de bebidas e certos comestíveis, também com funções medicinais), e o sistema digestivo de um pobre homem velho não são lá essas coisas. Faisão, Belby?

Belby começou e aceitou o que olhou como sendo a metade de um faisão frio.

- Eu estava justamente contando ao jovem Marcus aqui que eu tive o prazer de ensinar ao seu Tio Damocles.- Slughorn disse a Harry e Neville, passando agora em torno de uma cesta de rolos. - Um excelente bruxo, excelente, e sua Ordem de Merlim mais bem-merecida. Você vê muito seu tio, Marcus?

Desafortunadamente, Belby estava com a boca cheia de faisão; em sua pressa para responder Slughorn ele engoliu muito rápido, ficou roxo, e começou sufocar.

- Anapneo.- Disse calmamente Slughorn, apontando sua varinha para Belby, cujo caminho do ar na garganta pareceu se limpar de uma só vez.

- Não... Não muito, não.- Soluçou Belby, seus olhos lacrimejando.

- Bem, naturalmente, eu sei que ele é ocupado.- Disse Slughorn, olhando questionavelmente para Belby. - Eu duvido que ele inventou a Poção Wolfsbane sem um considerável trabalho duro!

- Eu suponho...- Disse Belby, que parecia ter medo de pegar um outro pedaço de faisão até estar certo de que Slughorn tinha terminado de falar com ele. - Er... Ele e meu pai não se dão muito bem, você vê, então eu não sei realmente muito sobre ele...

Sua voz enfraqueceu quando Slughorn deu-lhe um frio sorriso e em vez disso virou para McLaggen.

- Agora, você, Cormac.- Disse Slughorn. - Eu espero saber que você vê muito seu Tio Tiberius, porque ele tem uma foto esplêndida de vocês dois caçando em, eu acho, Norfolk?

- Oh, sim, aquilo foi divertido, se foi.- Disse McLaggen. - Nós fomos com Bertie Higgs e Rufus Scrimgeour... Isso foi antes dele se tornar Ministro, obviamente.

- Ah, você conhece Bertie e Rufus também?- Perguntou Slughorn irradiando, agora oferecendo uma pequena bandeja de tortas; de algum modo, Belby foi esquecido. - Agora diga-me...

Era como Harry suspeitava. Todos pareciam ter sido convidados porque tiveram conexões com alguém bem-sucedido ou influente, todos exceto Gina. Zabini, que foi interrogado depois de McLaggen, veio a ter uma celebridade belíssima como mãe (de quem Harry poderia desconfiar: tinha sido casada sete vezes, cada um de seus maridos morreram misteriosamente e deixou-lhe montes de ouro). Era Neville em seguida: foram dez minutos muito desconfortáveis. Os pais de Neville, Aurores bastante conhecidos, foram torturados até a insanidade por Bellatrix Lestrange e um par de Comensais da Morte colegas dela. No fim da entrevista de Neville, Harry teve a impressão que Slughorn reservava um julgamento de Neville, sobre se ele tinha algum do talento dos pais dele.

- E agora.- Disse Slughorn, deslocando-se pesadamente em seu lugar com o ar de que iria apresentar seu ato principal. - Harry Potter! De onde começar? Eu sinto que apenas risquei a superfície quando nós nos encontramos durante o verão!- Ele contemplou Harry por um momento como se ele fosse um grande e suculento pedaço de faisão, então disse. - O Escolido, eles estão chamando você assim agora!

Harry não disse nada. Belby, McLaggen e Zabini estavam fitando-o.

- Naturalmente.- Disse Slughorn, olhando Harry de perto. - Terá rumores por anos... Eu lembro quando, bem, depois daquela terrível noite... Lílian, Tiago e você, que sobreviveu... E a palavra era que você tinha poderes além do normal.- Zabini deu uma leve tossida que claramente quis indicar ceticismo. Uma voz nervosa surgiu por trás de Slughorn.

- É, Zabini, porque você é tão talentoso... Ao contrário...

- Oh querida!- Riu Slughorn confortavelmente, olhando a procura de Gina, que olhava reluzente para Zabini perto da grande barriga de Slughorn. - Você precisa ser cuidadoso, Blaise! Eu vi a performance dessa jovem senhorita para o mais malévolo Bat-Bogey Hex (* um feitiço) quando eu passava pela cabine dela! Eu não a desafiaria!- Zabini olhou meramente insolente. - De qualquer forma, disse Slughorn, voltando para Harry. - Semelhantes rumores neste verão. Naturalmente, não sabemos em que acreditar, o Profeta Diário tem imperfeições, comete erros... Mas parecia que havia um pouco de incerteza, dado ao número de testemunhas, que absolutamente havia uma perturbação no Ministério e que você estava lá no meio disso tudo!

Harry, que não poderia de qualquer forma se ver fora disso sem mentir um pouco, fez um pequeno gesto com a cabeça mas ainda não disse nada. Slughorn sorriu de alegria para ele.

- Muito modesto, muito modesto, não me espanto que Dumbledore goste tanto de você, você estava lá, então? Mas o resto das histórias, tão sensacionais, naturalmente, ninguém sabe exatamente o que é e em que acreditar, essa profecia fictícia, por exemplo...

- Nós nunca ouvimos a profecia.- Disse Neville, tornando-se rosa como um gerânio enquanto falava.

- Isso está certo.- Disse Gina com firmeza. - Neville e eu estávamos ambos lá também, e todo essa besteira de "Escolhido" é apenas o Profeta Diário dizendo coisas acima do normal.

- Vocês dois estavam lá também, eram vocês?- Perguntou Slughorn com grande interesse, olhando de Gina para Neville, mas ambos sentaram-se como um molusco (calados) antes do sorriso encorajador dele.

- Sim... Bem... É verdade que o Profeta freqüentemente exagera, naturalmente...- Slughorn disse, soando um pouco desapontado. - Eu lembro da cara de Gwenog contando-me (Gwenog Jones, eu digo, Capitão do Holyhead Harpies)...- Ele soltou

um longo giro de lembranças, mas Harry teve a impressão distinta que Slughorn não tinha terminado com ele, e que não tinha sido convencido por Neville e por Gina.

A tarde passou com mais anedotas sobre ilustríssimos bruxos que Slughorn conheceu, todos que participaram foram chamados para o que ele chamou de "O Clube do Slug" em Hogwarts. Harry não podia esperar para sair, mas não conseguia achar uma forma de fazer isso de forma educada. Finalmente o trem emergiu para uma paisagem nebulosa e distante de um vermelho pôr-do-sol, e Slughorn olhou, piscando no crepúsculo.

- Gracioso, já está começando a escurecer! Eu não observei que tinham ascendido as luzes! Seria melhor vocês irem e trocarem suas veste, todos vocês. McLaggen, você deve deixar cair e pedir emprestado aquele livro. Harry e Blaise, qualquer hora vocês devem passar. O mesmo vale para você, Senhorita.- Disse cintilante para Gina. - Bem, hora de vocês irem, hora de vocês irem!

Assim que Harry colocou os pés no escuro corredor, Zabini lançou-lhe um olhar penetrante que Harry retornou com interesse. Ele, Gina e Neville seguirem Zabini pelo trem.

- Estou feliz que isso tenha acabado.- murmurou Neville. - Homem estranho, não é?

- Sim, ele é um pouco.- Disse Harry, seus olhos em Zabini. - Como você chegou lá, Gina?

Ele viu-me enfeitiçar Zacharias Smith.- Disse Gina. - Você lembra daquele idiota da Lufa-Lufa que estava na Armada de Dumbledore? Ele ficou me perguntou o que aconteceu no Ministério e por fim ele me irritou tanto que eu o enfeiticei, quando Slughorn veio eu pensei que estava indo para a detenção, mas ele apenas pensou que era realmente um bom feitiço e me convidou para almoçar! Louco, né?

- A melhor razão para convidar alguém é que sua mãe é famosa.- Disse Harry, olhando de cara feia para a parte de trás da cabeça de Zabini. - Ou por causa de seu tio.

Mas ele parou. Uma idéia ocorreu a Harry, uma perigosa mas realmente incrível idéia... Em poucos minutos, Zabini estaria entrando na cabine dos Sonserinos do sexto ano e Malfoy estaria sentado lá, pensando que estará sendo ouvido apenas pelos Sonserinos... Se Harry pudesse apenas entrar, sem ser percebido, atrás dele, o que ele não poderia ver e ouvir? Verdade, havia pouco tempo até o fim da viagem, a Estação de Hogsmeade devia estar a menos de uma hora de distância, julgando pelas paisagens que passavam pela janela, mas ninguém mais parecia preparado para levar a suspeita de Harry a diante, então isso era difícil para ele de provar.

- Eu vejo vocês dois depois.- Disse Harry mal respirando, puxando sua Capa de Invisibilidade e cobrindo-se.

- Mas o que você...?- Perguntou Neville.

- Depois!- Respondeu Harry, aproximando-se de Zabini tão silencioso quanto foi possível, pensando que o agito do trem o ajudaria nesse trabalho.

Os corredores estavam quase completamente vazios agora. Quase todos haviam retornado as suas cabines para trocar suas vestes pelo uniforme da escola e empacotar suas coisas. Pensava que estava tão perto quando podia de Zabini, para não tocá-lo, mas Harry não foi rápido o suficiente para entrar na cabine quando Zabini moveu a porta. Zabini estava pronto para fechar a porta quando Harry colocou seu pé no caminho para evitar que ela fechasse.

- O que está errado com essa coisa?- Disse Zabini nervoso enquanto esmagava o pé de Harry na porta de trilho.

Harry agarrou a porta e empurrou-a para abrir, duramente; Zabini, que ainda segurava-a com seu punho, tropeço na bainha de Gregory Goyle, e no instante seguinte, Harry entrou na cabine, indo para o assento temporariamente vazio de Zabini, e subiu na prateleira de bagagens. Teve sorte que Goyle e Zabini estavam resmungando um com o outro, desviando todos os olhares para eles, porque Harry tinha quase certeza que seus pés e tornozelos ficaram visíveis quando a capa escapuliu; teve certeza, quando por um terrível momento ele pensou ver os olhos de Malfoy seguir seu corpo enquanto ia para cima, fora da vista de todos. Mas então Goyle bateu a porta fechando-a e arremessou Zabini para fora de seu caminho; Zabini desmoronou em seu próprio assento com um olhar confuso, Vincente Crabbe voltou para sua revista em quadrinhos, e Malfoy, abafando o riso, colocou Zabini para fora se seu assento, colocando sua cabeça nas pernas de Pansy Parkinson. Harry estava desconfortável demais sob a capa para assegurar que cada polegada dele ficasse escondida, e assistiu Pansy acariciar o liso cabelo loiro de Malfoy, sorrindo satisfeita como ela faz, quando pensa que ninguém teria amor para dar em seu lugar. As lanternas que balançam do teto da carruagem moldaram uma luz brilhante sobre a cena. Harry poderia ler cada palavra da história em quadrinhos de Crabbe, diretamente abaixo dele.

- Então, Zabini.- Disse Malfoy. - O que Slughorn queria?

- Só tentar fazer uma boa ligação com as pessoas.- Disse Zabini, que ainda estava irritado com Goyle. - Não que ele tenha conseguido muitas.- Esta informação não pareceu agradar Malfoy. - Quem mais ele convidou?- Ele exigiu.

- McLaggen da Grifinória.- Disse Zabini.

- Ah sim, seu tio tem um grande cargo no Ministério.- Disse Malfoy.

- Alguém mais, chamado Belby, da Corvinal.

- Ele não, ele é um burro!- Disse Pansy.

- E Longbottom, Potter e aquela garota Weasley.- Terminou Zabini.

Malfoy sentou-se muito rapidamente, jogando a mão de Pansy pro lado.

- Ele convidou Longbottom?

- Bem, eu supondo que sim, Longbottom estava lá.- Disse Zabini indiferente.

- Em que Longbottom interessaria Slughorn?

Zabini deu de ombros.

- Potter, precioso Potter, obviamente ele queria dar uma olhada no "Escolhido".- Zombou Malfoy, - Mas aquela garota Weasley! O que de especial ela tem?

- Muitos garotos gostam dela.- Disse Pansy, prestando atenção em Malfoy pelo canto dos olhos para sua reação. - Mesmo você acha que ela é bonita, não você, Blaise, nós todos sabemos o quanto você é difícil de agradar!

- Eu não tocaria numa traidora suja do sangue bruxo como ela independente de como quer que ela parecesse.- Disse Zabini frio, e Pansy olhou-o feliz. Malfoy deitou-se novamente e permitiu que Pansy recomeçasse a cariciar seu cabelo.

- Bem, eu tenho pena do gosto do Slughorn. Talvez ele esteja um pouco caduco. É uma vergonha, meu pai sempre diz que ele foi um bom bruxo no seu tempo. Meu pai sempre se mostrou um pouco favorável a ele. Slughorn provavelmente não sabia que eu estava no trem, ou...

- Eu não iria aceitar o convite.- Disse Zabini. - Ele me perguntou sobre o pai do Notts quando eu cheguei, fui o primeiro. Ele disse que eram velhos amigos, aparentemente, mas quando ele ouviu que Notts se complicou no Ministério ele não pareceu feliz, e Nott não foi convidado, foi? Eu não acho que o interesse de Slughorn seja os Comensais da Morte.

Malfoy olhou nervoso, mas forçou-se a dar um singular sorriso sem nenhum humor.

- Bem, quem se importa se ele está interessado? O que era ele, quando você foi lá pra baixo? Só um professor estúpido.- Malfoy bocejou ostensivamente. - Quer dizer, eu não estarei em Hogwarts no próximo ano, qual o problema para mim se um homem velho gosta de mim ou não?

- O que você quer dizer, com não estar em Hogwarts no próximo ano?- Disse Pansy indignada, parando de acariciar Malfoy.

- Bem, você nunca saberá.- Disse Malfoy com um sorriso como de um fantasma. - Meu poder será... Er, bem... Usado em coisas maiores e melhores.

Encolhendo-se na prateleira de bagagem sob a capa, o coração de Harry começou a bater mais rápido. O que Rony e Hermione diriam sobre isso? Crabbe e Goyle estavam bajulando Malfoy; aparentemente eles não tinham nenhuma suspeita de qualquer plano para essas coisas melhores e maiores. Mesmo Zabini tinha se permitido um olhar de curiosidade que estragava seu tom arrogante. Pansy recomeçou vagarosamente a carícia nos cabelos de Malfoy, olhando confusa.

- Você quer dizer...

Malfoy encolheu os ombros.

- Minha mãe quer que eu complete meus estudos, mas pessoalmente, eu não acho isso importante nessa altura. Quer dizer, pensar sobre isso... Quando o Lord das Trevas voltou, ele está ligando para quantos NOM's ou NIEM's nós temos? Naturalmente ele não está. Isso será um tipo de serviço que ele pediu, vou mostrar minha devoção a ele.

- E você acha que estará pronto para fazer algo para ele?- Perguntou Zabini ofensivo. - Dezesseis anos de idade e nem tem todo o aprendizado ainda!?

- Eu disse, não disse? Talvez ele nem liga para o meu aprendizado da escola. Talvez o trabalho que ele quer que eu faça não seja algo que precise estar qualificado assim.- Disse rapidamente Malfoy.

Crabbe e Goyle estavam ambos sentados com suas bocas abertas como gárgulas. Pansy estava olhando para Malfoy como se pensasse que nunca viu nada tão inspiradoramente medonho.

- Eu posso ver Hogwarts...- Disse Malfoy, saboreando claramente o efeito que ele criou enquanto olhava pela janela enegrecida. - Seria melhor nós trocarmos nossas vestes agora.

Harry estava muito ocupado olhando para Malfoy, que não percebeu Goyle procurando por sua mala. Enquanto ele a puxava para baixo, ele bateu muito forte na cabeça de Harry. Ele soutou um involuntário gemido de dor, e Malfoy olhou para cima da prateleira de bagagens, franzindo a testa. Harry não estava com medo de Malfoy, mas ele não gostava muito da idéia de ter que de se esconder sob sua Capa de Invisibilidade de um grupo de Sonserinos. Com os olhos lacrimejantes e a cabeça doendo, ele puxou sua varinha, tomando cuidado para não levantar a capa, e esperou, prendendo a respiração. Para sua sorte, Malfoy pareceu decidir que tinha imaginado o barulho; ele puxou suas vestes como os outros, fechou sua maleta, e enquanto o trem ia cada vez mais devagar para uma parada muito movimentada, pendurou uma capa de viagem nova ao redor de seu pescoço. Harry podia ver o corredor encher-se e esperava que Hermione e Ron levasse as coisas dele para a plataforma; ele ficaria parado onde estava até a cabine ter-se esvaziado completamente. Por último, com uma guinada final, o trem veio e parou completamente. Goyle abriu a porta e musculoso como era, empurrou para fora de seu caminho uma multidão de segundo anistas, ameaçando esmurrá-los; Crabbe e Zabini prosseguiram.

- Vá você.- Malfoy disse a Pansy, que estava esperando por ele com sua mão estendida como se esperasse que ele a pegasse. - Eu quero checar uma coisa.

Pansy foi. Agora Harry e Malfoy estavam sozinhos na cabine. Estudantes estavam se enfileirando na saída, indo para a plataforma escura. Malfoy moveu-se pela porta adentro e puxou as cortinas, então aquelas pessoas no corredor não puderam ser vistas. Então ele trancou sua mala e abriu-a novamente. Harry olhou de cima da prateleira de bagagens, seu coração bateu um pouco mais rápido. O que Malfoy queria fazer escondido de Pansy? Será que sua mala tinha alguma coisa quebrada para consertar?

- Petrificus Totalus!- Sem cuidado, Malfoy ergueu sua varinha para Harry, que foi paralisado instantaneamente. Enquanto pensava devagar, ele caiu da prateleira de bagagens e sentiu, agonizadoramente, um baque com o chão, no pé do Malfoy; a Capa de Invisibilidade caiu por baixo dele, seu corpo foi totalmente revelado com suas pernas ainda curvadas numa posição que lhe dava cãibras. Ele não podia mover um músculo; ele só podia olhar para Malfoy, que riu.

- Eu pensei...- Ele disse radiante. - ...Que eu tinha ouvido o estômago do Goyle roncar. E pensei ver um relampejo branco no ar depois de Zabini voltar...- Seus olhos pousaram sob Harry.

- Você não ouviu nada que possa me comprometer, Potter. Mas enquanto eu tiver você aqui...- E ele pisou, duramente, no rosto de Harry. Harry sentiu seu nariz quebrar; sangue jorrando para todos os lados. - Isso é por meu pai. Agora, vamos ver...- Malfoy tirou a capa de baixo do corpo de Harry e jogou sobre ele.

- Eu não acho que vão te encontrar antes de chegarem em Londres.- Disse rápido. - Vejo você por aí, Potter... Ou não.- E tomando cuidado para não encostar em Harry, Malfoy deixou a cabine.

= = = =

## ===== CAPÍTULO 8 =====
## *SNAPE VITORIOSO*

Harry não podia mover um músculo. Ele estava deitado ali, embaixo da Capa da Invisibilidade sentindo o sangue escorrer de seu nariz, quente e molhado, por cima de seu rosto, escutando as vozes e os passos no corredor além. Seu pensamento imediato foi que alguém, iria certamente, checar os compartimentos antes do trem partir novamente. Mas imediatamente veio a idéia de que, se alguém fosse mesmo revistar o compartimento, ele não poderia ser visto nem ouvido. Sua melhor esperança era que alguém entrasse e tropeçasse nele. Harry nunca havia odiado Malfoy como enquanto estava deitado ali, como uma tartaruga de costas, com o sangue escorrendo para dentro de sua boca aberta. Que estúpida situação ele havia se metido... E agora os últimos passos estavam morrendo lentamente; todos estavam desembarcando para o exterior da plataforma escura; ele podia ouvir o barulho das carruagens e balbucio alto de conversa.

Rony e Hermione iram pensar que ele havia deixado o trem sem eles. Uma vez que eles haviam chegado a Hogwarts e pegado seus lugares no Salão Principal, olhado de cima a baixo a mesa da Grifinória e finalmente perceber que ele não estava ali, ele, sem duvida, já estaria no meio do caminho para voltar para Londres. Ele tentou fazer um som, até um grunhido, mas era impossível. Então, ele se lembrou que alguns feiticeiros, como Dumbledore, podiam realizar feitiços sem falar, assim, ele tentou convocar sua varinha, que havia caído de sua mão, dizendo as palavras “Accio varinha” repetidamente em sua cabeça, mas nada aconteceu. Ele podia ouvir o sussurrar das árvores que circundaram o lago, e o barulho de uma coruja distante, mas nada como uma busca sendo feita ou talvez (e ele custava a acreditar) vozes em pânico se perguntando onde fora Harry Potter. Um sentimento de desespero se apoderou dele quando imaginou a escolta de carruagens guiadas por Testrals indo até a escola e os risos abafados vindos da carruagem de Malfoy, onde ele poderia relatar seu ataque a Harry para Crabbe, Goyle, Zabini, e Pansy Parkinson.

O trem balançou, fazendo Harry rolar para o lado. Agora ele estava olhando a parte empoeirada abaixo dos assentos em vez do teto. O chão começou a vibrar quando o motor foi ligado. O Expresso estava partindo e ninguém sabia que ele ainda estava lá. Então ele sentiu sua capa da Invisibilidade ser tirada de cima dele e uma voz por cima dizer: "Wotcher, Harry". Houve um relâmpago de uma luz vermelha e o corpo de Harry descongelou; ele pode se colocar em uma posição sentada mais digna, depressa ele limpou o sangue que escorria de seu machucado com as costas da mão, e levantou sua cabeça para olhar para Tonks, que estava segurando a capa da Invisibilidade que ela havia tirado dele.

- Seria melhor se saíssemos daqui rapidamente.- Ela disse, enquanto as janelas do trem ficavam ocultas com a névoa e eles começaram a sair da estação. - Vamos, nós vamos pular.

Harry saiu apressado atrás dela pelo corredor. Ela abriu a porta do trem e saltou para a plataforma, que parecia correr abaixo deles enquanto o trem ganhava velocidade. Ele a seguiu, um pouco surpreendida pelo resgate, então se endireitou a tempo de ver a máquina a vapor escarlate brilhante acelerar, virar a esquina, e desaparecer de vista. O ar frio da noite estava acalmando seu sangramento no nariz. Tonks estava olhando para ele; ele se sentiu zangado e o embaraçado por ele haver sido descoberto em uma posição tão ridícula. Silenciosamente ela devolveu a Capa da Invisibilidade.

- Quem fez isso?

- Draco Malfoy.- Disse Harry asperamente. - Obrigado por... Bem...

- Sem problema.- Disse Tonks, sem sorrir. Pelo que Harry podia ver na escuridão, ela estava mal penteada e parecendo acabada como quando ele a havia encontrado na Toca. - Eu posso concertar seu nariz se você ficar parado.

Harry não havia pensado muito nessa idéia; ele havia pretendido visitar Madame Pomfrey, a enfermeira-chefe, em quem ele tem um pouco mais confiança quando se trata de curar feitiços, mas pareceu rude dizer isto, assim ele ficou imóvel e fechou seus olhos, “Episkey" disse Tonks. O nariz de Harry ficou muito quente, e então muito frio. Ele colocou a mão e tocou cuidadosamente. Parecido estar consertado.

- Muito obrigado!

- Seria melhor colocar aquela capa novamente, e nós podemos andar até a escola.- Disse Tonks, ainda não sorrindo. Assim que Harry acabou de se cobrir com a capa, ela acenou sua varinha de condão; uma criatura de quatro patas prateada e imensa saiu da varinha e desapareceu na escuridão.

- Aquilo foi um o Patrono?- Perguntou Harry, que tinha visto Dumbledore enviar mensagens assim.

- Sim, eu estou enviando uma mensagem para o castelo que eu estou com você ou eles irão se preocupar. Vamos, é melhor não enrolarmos.

Eles partiram em direção ao caminho que conduzia à escola.

- Como você me achou?

- Eu reparei em você não tinha deixado o trem e sabia que você tinha aquela capa. Eu achei que você pudesse estar se escondendo por alguma razão. Quando eu vi as venezianas estavam descidas naquele compartimento eu pensei que devia checar.

- Mas o que você está fazendo aqui, de qualquer modo?- Harry perguntou.

- Eu estou ficando em Hogsmeade agora, para dar proteção extra para a escola.- Disse Tonks.

- É só você que está por aqui, ou...?

- Não, Proudfoot, Selvagem, e Dawlish estão aqui também.

- Dawlish, o auror que o Dumbledore atacou ano passado?

- Esse mesmo.

Eles seguiram pela escuridão, pelo caminho abandonado, seguindo as marcas recém feitas pelas carruagens. Harry olhava de lado para Tonks sob sua capa. Ano Passado ela havia sido curiosa (a ponto de um pouco enjoada às vezes), ela tinha rido facilmente, ela tinha feito piadas. Agora ela pareceu muito mais velha e mais séria e decidida. Seria esse efeito do que havia acontecido no Ministério? Ele refletiu desconfortavelmente que Hermione deveria teria sugerido que ele falasse alguma coisa para consolá-la acerca de Sirius, isso não tinha sido culpa dela, mas ele não conseguia se fazer a dizer isso. Ele estava longe de culpá-la pela morte de Sirius; não foi culpa dela e de ninguém (e muito menos sua), mas ele não gostava de falar sobre Sirius se ele podia evitar. E assim eles continuaram na noite fria em silencio, a comprida capa de Tonks se arrastando no chão atrás deles.

Tendo sempre viajado de carruagem, Harry nunca tinha antes percebido como Hogwarts era distante da estação de Hogsmeade. Com alívio ele finalmente viu os pilares altos de ambos os lados dos portões, com um javali encrapitado em cima de cada um. Ele estava com frio, ele estava com fome e ele estava ansioso para deixar esta nova e mal humorada Tonks. Mas quando ele empurrou os portões para abri-los os encontram trancado “Alohomora!" ele disse confiantemente, apontando sua varinha para o cadeado, mas nada aconteceu.

- Isso não servirá aqui.- Disse Tonks. - Foi o próprio Dumbledore que os enfeitiçou.

Harry deu uma olhada, Eu poderia escalar uma parede.- Ele sugeriu.

- Não, você não poderia.- Disse Tonks fatalmente. - Anti-Intruso trouxas em todas as paredes. A segurança foi melhorada este verão.

- Então...- Disse Harry, começando a ficar irritado pelas rejeições dela. - Eu suponho que eu apenas terei que dormir aqui fora e esperar pela manhã.

- Alguém está descendo.- Disse Tonks. - Olhe.

Um lanterna balançava nos pés do castelo. Harry estava tão contente em vê que sentiu que até poderia agüentar as broncas de Fitch pelo seu atraso e seu sermão sobre como seus modos de castigo iriam melhorar o comportamento deles. Foi somente quando o amarelo ardente da luz chegou a dez pés de distancia deles, e retirado à capa da Invisibilidade para que ele pudesse ser visto, que ele reconheceu, com uma pressa de ódio puro, o nariz de gancho e cabelo gordurento, longo e preto de Severus Snape.

- Bem, bem, bem.- Snape disse rindo com desdém, tirando sua varinha e tocando o cadeado uma vez, para que as correntes se soltassem e os portões se abrissem com um chiado. - Que gentileza sua aparecer, Potter, embora você tenha evidentemente decidido que as vestes da escola iram depreciar sua aparência.

- Eu não pude trocar, eu não tinha meu...- Harry começou, mas Snape o interrompeu.

- Não há necessidade de você esperar, Nymphadora, Potter está... Ah... Seguro em minhas mãos.

- Eu enviei uma mensagem para Hagrid.- Disse Tonks, franzindo as sobrancelhas.

- Hagrid estava atrasado para o banquete de começo do Ano, assim como Potter aqui, assim eu o recebi em vez dele. E a propósito...- Disse Snape, se afastando para permitir que Harry passasse. - Eu estava interessado em ver seu novo Patrono.

Ele fechou os portões em seu rosto com um ruído alto e tocou nas correntes com sua varinha outra vez, para que eles escorregassem, tinindo, de volta para lugar.

- Eu acho que você estava melhor do outro jeito.- Disse Snape, a inconfundível malícia em sua voz. - O novo visual parece fraco.

Como Snape balançou o lanterna, Harry pode ver, rapidamente, o olhar de choque e de raiva no rosto de Tonks. Então ela estava coberta pela escuridão mais uma vez.

- Boa noite.- Disse Harry por cima de seu ombro, enquanto começava a caminhar até a escola com Snape. - Obrigado por... Tudo.

- A gente se vê, Harry.

Snape não falou nem por um minuto. Harry sentiu como se seu corpo estivesse gerando ondas de ódio e lhe pareceu incrível que Snape não pudesse senti-las o queimando. Ele tinha detestado Snape desde seu primeiro encontro, mas Snape havia tornado impossível à possibilidade de Harry perdoá-lo por sua atitude em relação a Sirius. O que quer que Dumbledore tenha dito, Harry teve tempo para pensar durante o verão, que o sarcasmo de Snape fez com que Sirius deixasse de permanecer em segurança enquanto o resto da Ordem da Fênix lutava contra Voldemort provavelmente havia sido um fator poderoso para que Sirius fosse até o Ministério na noite em que ele morreu. Harry chegou a essa conclusão, porque o permitia culpar Snape, se sentia satisfeito, e também porque ele sabia que se havia alguém que não estava arrependido por Sirius estar morto, esta pessoa era o homem que agora estava andando a passos largos ao lado dele na escuridão.

- Cinqüenta pontos a menos para a Grifinória pelo atraso, eu imagino.- Disse Snape. - E, deixe-me ver, outros vinte pelo seu traje de trouxa. Sabe, eu acho que nenhuma Casa já esteve com tantos pontos a menos nessa altura do ano: Nós nem começamos a comer o pudim. Você pode ter estabelecido um recorde, Potter.

A fúria e o ódio borbulhavam dentro de Harry parecendo fogo incandescente, mas ele já havia ficado imobilizado todo o caminho desde Londres para dizer para Snape por que ele estava atrasado.

- Eu suponho que você queria fazer uma grande entrada, não queria? Snape continuou. - E sem nenhum carro voador disponível você decidiu que entrar pelo Salão Principal durante o banquete teria um efeito dramático.

Ainda que Harry permanecesse calado, na sua imaginação seu peito poderia explodir. Ele soube que Snape tinha ido buscá-lo por isto, pelos poucos minutos em que ele poderia provocar e atormentar Harry sem ninguém para escutar.

Eles finalmente alcançaram as escadarias do castelo e as portas se abriram para a vasta sala da entrada, um estouro de conversa e riso e do tilintar de pratos e copos alcançou eles pelas portas abertas do Salão Principal. Harry se perguntou se poderia colocar novamente a Capa da Invisibilidade, e assim se sentar na comprida mesa da Grifinória (que, inconvenientemente, era a mais distante do Salão de entrada) sem ser notado. Como se ele tivesse lido os pensamentos de Harry, Snape disse: - Nada de Capa. Você pode andar para que todo o mundo possa ver você, que é o que você queria, eu estou certo.

Harry começou a andar e atravessou as portas abertas: qualquer coisa para sair de perto de Snape. O Salão principal com suas quatro compridas mesas das Casas e os professores sentados acima de todos, estava decorado como de hábito com velas flutuantes que faziam os pratos brilharem. No entanto,tudo isso era um borrão para Harry, que estava andando tão rápido que somente enquanto ele passava pela mesa da Lufa-Lufa que as pessoas realmente começaram a olhar para ele, e quando começaram a se levantar para olhá-lo, ele já estava havia encontrado Rony e Hermione, e corria pelos bancos em direção a eles, sentando no meio deles.

- Onde você... O que fizeram com seu rosto?- Disse Rony, olhando com os olhos arregalados junto com todos os outros ao redor. - Eu...

- Por que, o que há errado nisso?- Disse Harry, pegando uma colher e olhando seu reflexo.

- Você está coberto de sangue.- Disse Hermione. - Venha cá.

Ela ergueu sua varinha, e disse “Tingiu” e fez desaparecer o sangue seco.

- Obrigado.- Disse Harry, sentindo agora seu rosto limpo. - Como o meu nariz está?

- Normal.- Disse Hermione ansiosamente. - Por que não deveria estar? Harry, o que aconteceu? Nós estávamos apavorados!

- Eu contarei para vocês mais tarde.- Disse Harry secamente. Ele estava muito consciente que Gina, Neville, Dino, e Cedas estavam escutando; até Nick-Quase-Sem-Cabeça, o fantasma da Grifinória, tinha vindo flutuando pelo banco para escutar as escondidas.

- Mas...- Disse Hermione.

- Agora não, Hermione.- Interrompeu Harry, com uma voz sombria. Ele esperava que todos supusessem que havia se metido em algo heróico, de preferência envolvendo um par de Comensais da Morte e uns Dementadores. Claro que, Malfoy iria espalhar a historia o mais rápido que pudesse, mas havia sempre a esperança de que isso mão alcançasse muito ouvidos da Grifinória.

Ele tentou alcançar o outro lado de Rony para pegar uma perna de galinha e um punhado de batatas frita, mas antes de ele pudesse pegá-las elas desapareceram, para serem repostas por pudins.

- Você perdeu a Seleção, de qualquer modo.- Disse Hermione, enquanto Rony devorava um bolo com creme, frutas e chocolate.

- O Chapéu disse algo interessante?- Perguntou Harry, pegando um pedaço de torta.

- O mesmo de sempre, sinceramente... Aconselhou-nos todo a nos unir contra o inimigo, você sabe...

- Dumbledore mencionou Voldemort?

- Ainda não, mas ele sempre deixa seu real discurso para depois do banquete, não? Não deve demorar muito agora.

- Snape disse que o Hagrid estava atrasado para o banquete.

- Você viu o Snape? Como assim?- Disse Rony no meio de um bocado de bolo com creme e frutas.

- Esbarrei com ele, disse Harry evasivamente.

- Hagrid estava somente uns minutos atrasado.- Disse Hermione. - Olhe, ele está acenando para você, Harry.

Harry olhou para a mesa principal e localizou Hagrid, que estava de fato acenando para ele. Hagrid nunca havia conseguido se comportar com a mesma dignidade da prof. McGonagall, Diretora da Casa da Grifinória, que batia em algum lugar entre o cotovelo e o ombro de Hagrid, e que estava olhando desaprovativamente pare este comprimento entusiástico. Harry estava surpreso em ver a Prof. De Adivinhação, a Prof. Trelawney, sentando do outro lado de Hagrid; ela raramente deixava seu quarto na torre, e ele nunca a tinha visto num banquete de Inicio do Ano antes. Ela parecia mais esquisita do que nunca, reluzindo com colares e arrastando seus xales, seus olhos aumentados pelo enorme óculos. Tendo sempre considerado-a um pouco como uma fraude, Harry ficou chocado ao descobrir, no fim do ano anterior, que havia sido ela que havia feito a previsão que fez com que Voldemort matasse os pais de Harry e o atacar. O conhecimento o fez ficar ainda menos ansioso em ficar em sua companhia, felizmente, este ano ele não teria mais Adivinhação. Seus olhos esbugalhados giraram em sua direção; ele depressa olhou em direção da mesa da Sonserina. Draco Malfoy estava imitando o sangramento de um nariz em volta de risos e aplausos. Harry deixou seu olhar cair para a torta, dentro dele tudo queimando novamente. O que ele não daria para brigar com Malfoy corpo-a-corpo.

- Então, o que o prof. Slughorn realmente queria?- Hermione perguntou.

- Saber o que realmente aconteceu no ministério.- Disse Harry.

- Ele e todos os outros aqui. Cochichou Hermione. - As pessoas estavam nos interrogando sobre isso no trem, não estavam, Rony?

- Sim.- Disse Rony. - Todos querendo saber se você é realmente “O Escolhido”.

- Teve muita conversa sobre isso, até mesmo entre os fantasmas.- Interrompeu Nick-Quase-Sem-Cabeça, inclinando sua cabeça meio decapitada em direção a Harry, oscilando perigosamente no rufo de sua veste. - Eu sou considerado alguma coisa como uma autoridade sobre Potter; todos sabem que somos amigos. Eu tenho assegurado a comunidade dos fantasmas que eu não incomodarei você para informações, no entanto. Harry Potter sabe que pode confiar em mim com completa confiança. Eu disse a eles. Eu preferiria morrer do que trair sua confiança.

- Isso não é grande coisa, estando você já morto.- Rony observou.

- De novo, você mostra toda a sensibilidade de um machado cego.- Disse Nick-Quase-Sem-Cabeça em tons afrontados, e ele subiu ao ar deslizado de volta para o fim da mesa da Grifinória, ao mesmo tempo em que Dumbledore se levantava. A conversa e o riso pela sala morreram quase que imediatamente.

- Uma ótima noite para vocês.- Ele disse, sorrindo em geral, seus braços abriram totalmente como se para abraçar todo o salão.

- O que aconteceu com a mão dele?- Sussurrou Hermione.

Ela não foi à única a reparar. A mão direita de Dumbledore estava preta e parecendo morta como estava na noite que ele foi buscar Harry na casa dos Dursley. Os sussurros encheram o salão; Dumbledore, interpretando eles corretamente, simplesmente sorriu e sacudiu sua manga roxa e ouro por cima de seu ferida.

- Nada para com que se preocupar.- Ele disse levianamente. - Agora... Para nossos novos estudantes, sejam bem vindos, para nossos estudantes velhos, bem vindos novamente! Outro ano cheio de educação mágica espera por vocês...

- A mão dele estava assim quando eu o vi no verão.- Harry sussurrou para Hermione. - Eu pensei que ele já havia curado isso, ou Madame Pomfrey teria feito.

- Parece como se estivesse morta.- Disse Hermione, com uma expressão de náuseas. - Mas há certas feridas que você não pode curar... maldições antigas... e há poções sem antídotos...

- ...E o Sr. Filch, nossos zelador, me pediu para dizer que há uma proibição para todos os itens comprados na loja dos Weasley. Aqueles que desejarem jogar nos times de suas casas no quadribol deverão dar seus nomes para os diretores de suas Casas como de hábito. Nós estamos também procurando um novo comentaristas de quadribol, quem dever ser igualmente bom. Nós estamos felizes em dar as boas-vindas a um novo membro este ano, o Prof. Slughorn.— Slughorn levantou-se, sua cabeça

calva brilhando na luz de vela, sua grande barriga lançado sombra sobre a mesa. - É um colega antigo meu que aceitou retomar seu velho cargo de Professor de Poções.

- Poções?

- Poções?

A palavra ecoou por todos os lados do Salão com as pessoas imaginando se eles haviam ouvido direito.

- Poções?- Disseram Rony e Hermione juntos, virando-se para olharem fixo para Harry. - Mas você disse...

- O Prof. Snape, enquanto isso.- Disse Dumbledore, aumentando a voz para se fazer escutar por cima dos murmúrios. - Estará tomando a vaga de professor de Defesa Contra o as Artes das Trevas.

- Não!- Gritou Harry, tão alto que muitas cabeças viraram em sua direção. Ele não se importava; ele estava fitando a mesa principal, exasperado. Como Snape poderia dar aula de Defesa Contra as Artes das Trevas depois de todo esse tempo? Não se sabia durante anos que Dumbledore não confiava nele para isto?

- Mas Harry, você disse que Slughorn daria as aulas de Defesa Contra as Artes das Trevas!- Disse Hermione.

- Eu pensei que fosse ele.- Disse Harry, tentando se lembrar de quando Dumbledore tinha lhe dito isto, mas agora que ele foi pensar sobre isto, ele não podia dizer nem se Dumbledore lhe havia dito o que Slughorn ensinaria.

Snape, que estava sentado à direita de Dumbledore, não havia se levantado na menção de seu nome; ele simplesmente levantou uma mão preguiçosamente para aceitar os aplausos vindos da mesa da Sonserina, ainda que Harry pudesse perceber o olhar de triunfo por ter conseguido o cargo que tanto almejava.

- Bem, pelo menos há uma coisa boa nisso.- Ele disse cruelmente. - Snape irá embora no fim do ano.

- O que você quer dizer?- Perguntou Rony.

- A maldição do emprego. Nenhum deles durou mais do que um ano... Quirrell na verdade morreu o fazendo... Pessoalmente, eu vou manter meus dedos cruzados para ocorrer outra morte...

- Harry.- Disse Hermione, chocada e repreensiva.

- Ele pode apenas voltar para as aulas de poções no fim do ano.- Disse Rony razoavelmente. - O Slughorn pode não querer ficar muito tempo. Moody não quis.

- Dumbledore limpou a garganta. Harry, Rony, e Hermione não eram os únicos que estiveram conversando; todo o salão disparou numa conversa sobre a notícias que Snape finalmente tinha alcançado o desejo do seu coração. Parecendo obviamente inconsciente da natureza sensacionalista das notícias que ele tinha dado, Dumbledore não disse nada mais acerca de encontros do pessoal, mas esperou alguns segundos para se garantir que o silencio era total.

- Agora, como todos nesta Sala sabem, Lord Voldemort e seus seguidores estão mais uma vez se reunindo e ganhando forças.

O silêncio parecia geral e cheio de tensão enquanto Dumbledore falava. Harry olhou de relance para Malfoy. Malfoy não estava olhando para Dumbledore, mas fazendo com que seu garfo ficasse pairando no ar com seu varinha, como se ele achasse as palavras do diretor palavras indignas de sua atenção.

- Eu não posso enfatizar o suficiente como é perigoso a presente situação, e quanto cuidado cada um de nós em Hogwarts deve ter para garantir que nós permanecemos em segurança. As fortificações mágicas do castelo foram fortalecidas este verão, nós somos protegidos por um novo e mais poderoso jeito, mas nós devemos ainda nos guardar escrupulosamente contra descuido na parte de estudantes ou professores. Eu suplico a vocês, portanto, para cumprir as medidas de segurança que qualquer um dos professores impor a vocês, no entanto vocês podem achá-las chatas, em particular, a regra para não sair após determinada hora. Eu imploro a vocês, que se acharem algo suspeito dentro ou fora do castelo, para relatá-lo para um dos professores imediatamente. Eu confio em vocês para conduzir vocês mesmos, sempre, com o máximo possível de seguranças para vocês mesmos e para os outros.

Os olhos azuis de Dumbledore varreram por cima dos estudantes antes que lhes sorrisse novamente.

- Mas agora, suas camas os esperam, tão quentes e confortáveis quanto vocês poderiam desejar, e eu sei que suas principais prioridades é estarem bem descansados para as aulas de amanhã. Deixe-nos portanto dizer boa noite. Pip, pip!

Com o usual barulho ensurdecedor, os bancos recuaram e as centenas de estudantes começaram a sair em fila da Salão principal em direção a seus dormitórios. Harry, que não estava com a menor vontade de sair junto com a multidão, nem chegar perto suficiente de Malfoy para permitir que ele contasse novamente a historia do nariz, ficou para trás com o pretexto de amarrar o tênis, permitindo que a maioria da Grifinória passasse por ele. Hermione tinha se precipitado para cumprir seu dever de monitora e guiar os alunos do primeiro ano, mas Rony permaneceu com Harry.

- O que realmente aconteceu com o seu nariz.- Ele perguntou, uma vez que eles estavam bem atrás da multidão, e fora de alcance do ouvido de alguém.

Harry contou. Foi uma amostra da amizade de Rony ele não ter rido.

- Eu vi Malfoy imitando alguma coisa com o nariz.- Ele disse sobriamente.

- Sim, bem, não se preocupe com isso.- Disse Harry asperamente. - Escuta o que ele estava dizendo antes de me encontrar lá...

Harry tinha esperado que Rony ficasse preocupado com a atitude de Malfoy. O que Harry havia considerado pura intenção de maldade, Rony não se sentiu nem um pouco impressionado.

- Vamos Harry, ele estava só se mostrando para Pansy... Que espécie de missão você acha que Você-Sabe-Quem teria dado a ele?

- Como você sabe que Voldemort não precisa de alguém em Hogwarts? Ele não seria o primeiro...

Eu gostaria que você parasse de dizer esse nome Harry.- Disse uma voz repreensiva atrás de eles. Harry deu uma olhada sobre seu ombro para ver Hagrid sacudindo a cabeça.

- Dumbledore o chama pelo nome.- Disse Harry teimosamente.

- Sim, bem, ele é Dumbledore, não?- Disse Hagrid misteriosamente.

- Então, por que você chegou atrasado, Harry?- Eu estava preocupado.

- Eu precisava de ajuda no trem.- Disse Harry. - Por que você chegou atrasado?

- Eu estava com Grawp.- Disse Hagrid alegremente. - Mas cheguei a tempo. Ele está morando em uma nova casa nas montanhas agora, Dumbledore arrumou, uma caverna grande e legal. Ele é muito mais feliz do que quando estava na floresta. Nós estávamos tendo uma boa conversa.

- Sério?- Disse Harry, tomando cuidado para não encontrar os olhos de Rony; da última vez que eles encontram com o meio-irmão de Hagrid, um gigante violento com um talento para arrancar as árvores pelas raízes, seu vocabulário tinha compreendido cinco palavras, duas das quais ele não podia pronunciar corretamente.

- Oh sim, ele está realmente avançando.- Disse Hagrid orgulhosamente. - Ele está maravilhoso. Eu estou pensando em treiná-lo como meu assistente.

Rony bufou ruidosamente, mas conseguiu fingir que era um espirro violento. Eles estavam agora parados junto das portas principais de carvalho.

- De qualquer modo, eu os verei amanhã, primeira aula depois do almoço. Venha cedo e nós podemos falar oi para o "ter Buck"... Eu quero dizer, Witherwings!

Esticando um braço de despedida, ele saiu pela porta para a escuridão. Harry e Rony olharam um para o outro. Harry poderia dizer que Rony estava sentindo o mesmo que ele...

- Você não está tendo Trato de Criaturas Mágicas, está?

Rony sacudiu a cabeça.

-E você também não, né?

Harry sacudiu a cabeça também.

- E Hermione?- Perguntou Rony. - Ela não está, está?

Harry sacudiu sua cabeça outra vez. Exatamente o que Hagrid iria dizer quando soubesse que seus três alunos favoritos haviam desistido da matéria, ele não queria saber.

= = = =

- Herbologia, tudo bem.- Ela disse. - Professora Sprout vai ficar satisfeita em ver você de volta com um "Excelente" no N.O.M., e você está qualificado para Defesa Contra as Artes das Trevas com um "Excede as Expectativas". Mas o problema é em Transfiguração. Me desculpe Longbottom, mas "Aceitável" não é o suficiente para continuar no N.I.E.M. Eu acho que você não será capaz de lidar com os trabalhos do curso.- Neville virou sua cabeça. A Professora McGonagall o observava pelos seus óculos quadrados.

- Por que você quer continuar com Transfiguração? Eu nunca tive a impressão de que você realmente gostasse da matéria?

Neville parecia miserável e murmurou algo como "minha avó quer".

- Humph.- Fez McGonagall. - É hora de sua avó aprender a ter orgulho do neto que tem, não do que ela acha que tem, principalmente depois do que aconteceu no Ministério.

Neville ficou vermelho e piscou confuso. McGonagall nunca lhe fez nenhum elogio antes.

- Me desculpe, Longbottom, mas eu não posso te deixar na minha classe para N.I.E.M. Porém, posso ver que você tem um "Excede as Expectativas" em Feitiços. Por que não tentar um N.I.E.M. nisso?

- Minha avó acha que Feitiços é uma opção fraca.- Murmurou Neville.

- Pegue Feitiços.- Disse McGonagall. - E falarei com a Augusta que só por que ela falhou o N.O.M. dela em Feitiços não quer dizer que a matéria é completamente inútil.- Sorrindo levemente para o olhar de feliz incredulidade no rosto de Neville, a Professora McGonagall virou para Parvati Patil, cuja primeira pergunta foi se Firenze, o centauro charmoso, ainda ensinava Adivinhação.

- Ele e a Professora Trelawney estão fazendo turnos.- Disse McGonagall, com uma mostra de desapontamento em sua voz. Era sabido que ela desprezava Adivinhação. - O sexto ano terá aulas com a Professora Trelawney.

Parvatti partiu para Divinação cinco minutos depois parecendo levemente deprimida.

- Então, Potter, Potter...- Disse McGonagall, observando suas anotações enquanto virava para Harry. - Feitiços, Defesa contra as Artes das Trevas, Herbologia, Transfiguração... Tudo certo. Devo dizer, estou satisfeita com sua nota em Transfiguração, Potter, muito satisfeita. Agora, por que você não se inscreveu para continuar em Poções? Pensava que fosse a sua ambição se tornar um Auror.

- E era, mas você me disse que eu precisava de um "Excelente" no meu N.O.M., Professora.

- E era isso que você precisava, quando Professor Snape ministrava essa aula. O Professor Slughorn, porém, estaria completamente satisfeito em aceitar estudantes N.I.E.M. com "Excede as Expectativas" em seus N.O.M.s. Você gostaria de continuar com Poções?

- Sim.- Disse Harry. - Mas eu não comprei o livro, nem os ingredientes, nem nada.

- Tenho certeza de que o Professor Slughorn será capaz de te emprestar o que for necessário.- Disse a Professora McGonagall. - Muito bem, Potter, aqui está o seu horário. Ah, e por sinal vinte esperançosos alunos já se inscreveram para o Time de Quadribol da Grifinória. Vou te entregar a lista e você poderá realizar os testes quando quiser.

Alguns minutos depois, Ron estava livre para fazer as mesmas matérias que Harry, e os dois deixaram a mesa juntos.

- Olha.- Disse Ron, satisfeito, olhando seu horário. - Nós tempos um tempo livre agora... E um outro depois do intervalo... E outro depois do almoço... Maravilha!

Eles voltaram ao Salão Comunal, que estava vazio à exceção de Katie Bell, a única remanescente do time original da Grifinória a qual Harry se juntou no primeiro ano.

- Achei que você iria consegui-lo, meus parabéns.- Ela lhe disse, apontando para o emblema de capitão no peito de Harry. - Me avise quando você for fazer os testes!

- Não seja burra.- Disse Harry. - Você não precisa fazer o teste, eu vi você jogar por cinco anos...

- Você não deve começar desse jeito.- Ela avisou. - Por tudo que você sabe, tem alguém bem melhor que eu lá fora. Bons times já se arruinaram porque seus capitães mantiveram somente os antigos rostos, ou chamando seus amigos...

Ron parecia um pouco desconfortável e começou a brincar com o Frisbee Dentado que Hermione tirou do quartanista. Ele girava pelo Salão Comunal, rugindo e tentando morder a tapeçaria. Os olhos amarelos de Bichento o seguiram e ele miou quando o Frisbee chegou muito perto. Uma hora mais tarde eles relutantemente saíram do Salão Comunal iluminado pelo sol para a sala de aula de Defesa Contra as Artes das Trevas, quatro andares abaixo. Hermione já estava fazendo fila na porta, carregando vários livros pesados e parecendo cansada.

- Nós temos tanto exercício para Runas.- Ela falou ansiosa, quando Harry e Ron se uniram a ela. - Um trabalho de 40 centímetros, duas traduções, e eu tenho que ler esses aqui para quarta!

- Que vergonha.- Disse Ron.

- Espera só.- Disse Hermione. - Aposto que Snape vai nos dar muito mais.

A porta da sala de aula abria quando ela falava e Snape foi para o corredor, sua face amarelada formada mais que nunca por duas cortinas de cabelo preto. O silêncio caiu sobre a fila imediatamente.

- Para dentro.- Ele falou.

Harry olhou a seu redor ao entrar. Snape já tinha imposto sua personalidade sobre a sala. Ela estava mais escura que de costume, pois cortinas tinham sido abaixadas sobre as janelas, e estava sendo iluminada por uma vela. Novas fotos estavam nas paredes, muitas das quais mostrando pessoas que pareciam estar sofrendo, portando horríveis ferimentos ou com partes dos corpos estranhamente torcidas. Ninguém falou enquanto estavam sentando, olhando ao redor para as escuras e repugnantes figuras.

- Eu não lhes pedi para pegarem seus livro.- Disse Snape, fechando a porta e se movendo para ver a sala por trás de sua mesa.

Hermione rapidamente guardou a sua cópia de "Enfrentando o Sem-Rosto" de volta em sua mala e a colocou em baixo da cadeira.

- Eu quero falar com vocês e quero toda sua atenção.- Seus olhos negros passaram por seus rostos, esperando uma fração de segundo a mais quando viu Harry do que para qualquer outro.

- Vocês tiveram cinco professores nessa matéria até agora, eu acredito.

Você acredita... Como se você não tivesse visto todos virem e irem, Snape, torcendo para que você fosse o próximo, Harry pensou.

- Naturalmente, esses professores todos tiveram seus próprios métodos e prioridades. Dada a confusão, estou surpreso que tantos de vocês conseguiram um N.O.M. nessa matéria. Estarei ainda mais surpreso se todos conseguirem fazer os trabalhos de N.I.E.M., que serão bem mais avançados.

Snape andou pela sala, falando agora numa voz mais baixa; a classe esticou seus pescoços para mantê-lo em vista.

- A Arte das Trevas...- Disse Snape. -...são muitas, variadas, sempre mudando e eternas. Enfrentá-las é como enfrentar um monstro de várias cabeças que, cada vez que um pescoço é separado, surge uma nova cabeça ainda mais violenta e astuta que antes. Você está lutando contra aquilo que é indefinido, mutante, indestrutível.

Harry olhou para Snape. Uma coisa era respeitar as Artes das Trevas como um inimigo perigoso, e outra era falar sobre elas, como Snape estava fazendo, com uma tonalidade fanática em sua voz.

- Suas defesas...- Disse Snape, um pouco mais alto. - ...devem então ser tão flexíveis e criativas como as artes que vocês querem destruir. Essas imagens.- Ele indicou algumas enquanto passava por elas. -...dão uma pequena representação do que acontece com aqueles que sofrem, por exemplo, a Maldição Cruciatos.- Ele apontou para uma bruxa que estava claramente tremendo de dor. -...recebem o Beijo do Dementador.- Um bruxo deitado no chão e com os olhos brancos, ombros contra a parede. - Ou provocam a agressão de um Inferius.- Uma massa sangrenta no chão.

- Um Inferius foi visto então?- Perguntou Parvati Patil num tom alto.- Está confirmado estão, ele está usando?

- O Lorde das Trevas já utilizou Inferi no passado.- Disse Snape. - o que significa que você deveria presumir que ele pode usar de novo. Agora...- Ele começou a andar novamente pelo outro lado da sala em direção à sua mesa, e de novo eles o olharam enquanto ele andava, sua roupa negra levantando pelas suas costas.

- Vocês são, eu acredito, novatos no uso de encantos não-verbais. Qual a vantagem de encantos não-verbais?

A mão de Hermione se atirou no ar. Snape levou um tempo olhando ao seu redor para todos, até ter certeza que não tinha outra opção, antes de falar.

- Muito bem... Senhorita Granger?

- Seu adversário não terá nenhum aviso sobre que tipo de magia você irá utilizar.- Disse Hermione. - O que lhe dará uma vantagem de uma fração de segundo.

- Uma resposta copiada quase palavra por palavra do "Livro de Feitiços-6ª série".- Disse Snape (Malfoy riu em um canto). -...mas correta na essência. Sim, aqueles que conseguem usar mágica sem falar os encantamentos ganham um elemento surpresa ao fazer feitiços. Nem todo bruxo pode fazê-lo, claro; é uma questão de concentração e poder mental que alguns...- Ele olhou profundamente para Harry mais uma vez. -...não possuem.- Harry sabia que Snape estava pensando nas aulas desastrosas de Oclumência do ano anterior. Ele se recusava a baixar seus olhos e olhava nos de Snape, até ele virar os seus.

- Vocês irão se dividir em pares.- Snape continuou. - Um irá tentar azarar o outro sem falar. E o outro irá tentar repelir a azaração, também em silêncio. Comecem!

Apesar de Snape não saber, Harry ensinou pelo menos metade da classe (todos que tinham sido membros da AD) como realizar um Feitiço de Escudo no ano anterior. Porém, nenhum tinha o realizado sem falar. Uma razoável quantidade de trapaça aconteceu; muitos estavam meramente sussurrando o encantamento ao invés de pronunciá-lo alto. Como sempre, dez minutos depois do início Hermione conseguiu repelir a azaração da "perna bamba" murmurado de Neville sem pronunciar o contra-feitiço, um feito que daria certamente vinte pontos para a Grifinória em qualquer professor razoável, pensou Harry amargamente, mas que Snape ignorou. Ele passava por eles enquanto praticavam, parecendo o morcego crescido de sempre, ansioso por ver Harry e Ron lutando pela tarefa. Ron, que deveria estar azarando Harry, estava roxo. Seus lábios apertados para tirar dele a tentação de murmurar o encantamento. Harry tinha sua varinha levantada, esperando inquieto para repelir a azaração que parecia improvável de aparecer.

- Patético, Weasley.- Disse Snape, depois de algum tempo. - Aqui, deixe eu te mostrar.- Ele virou sua varinha para Harry tão rapidamente que Harry agiu instintivamente; esqueceu todo pensamento de um encantamento não-verbal e gritou "Protergo"! Seu Feitiço de Escudo foi tão forte que Snape perdeu o equilíbrio e bateu numa mesa. A sala toda olhou e agora observava Snape se endireitar, irritado.

- Você se lembra de que nós estamos praticando feitiços não-verbais, Potter?

- Sim.- Disse Harry, rígido.

- Sim... Senhor.

- Não precisa me chamar de "senhor", Professor.- As palavras escaparam antes do que ele percebesse do que estava falando. Várias pessoas se engasgaram, inclusive Hermione. Atrás de Snape, porém, Ron, Dino e Simas riam apreciadamente. - Detenção, sábado à noite, no meu escritório.- Disse Snape. - Eu não aceito insulto de ninguém, Potter... Nem mesmo do "Escolhido".

- Brilhante, Harry!- Gargalhou Ron, quando estavam a salvo no intervalo, pouco depois.

- Você realmente não devia ter dito.- Disse Hermione, olhando nervosa para Ron. - O que fez você fazer aquilo?

- Ele tentou me azarar, caso vocês não tenham percebido.- Reclamou Harry. - Já tive demais daquilo nas aulas de Oclumência! Por que ele não usa outro porco da guinéia para mudar um pouco? O que Dumbledore está fazendo, deixando ele ensinar Defesa Contra as Artes das Trevas? Vocês o ouviram falando das Artes das Trevas? Ele as adora! Tudo aquilo de mutante, indestrutível...

- Bem...- Disse Hermione. -...achei que ele soava um pouco como você.

- Como eu?

- Sim, quando você estava nos contando como é enfrentar Voldemort. Você disse que não era só memorizar um punhado de encantamentos, você disse que era só você e seu cérebro e sua coragem. Bem, não era isso que Snape estava dizendo? Que realmente acaba sendo a bravura e a velocidade da mente?

Harry estava tão desarmado pelo fato de que ela considerou suas palavras tão preciosas para se memorizar quanto as do Livro de Feitiços, que ele não discutiu.

- Harry! Ei, Harry!

Harry olhou a seu redor; Jack Sloper, um dos batedores do Time de Quadribol da Grifinória do ano anterior estava correndo em sua direção segurando um rolo de pergaminho.

- Isso é para você.- Disse Sloper. - Escuta, eu ouvi dizer que você é o novo capitão. Quando é que ocorrerão os testes?

- Ainda não tenho certeza.- Disse Harry, pensando se Sloper teria a sorte de conseguir voltar para o time.

- Eu te aviso quando decidir.

- Ahh... Certo. Eu estava esperando que fosse nesse fim de semana.- Mas Harry não estava ouvindo; ele tinha acabado de reconhecer a fina, obliqua letra no pergaminho. Deixando Sloper no meio da frase, ele partiu com Ron e Hermione, abrindo o rolo ao caminhar.

*Querido Harry,*

*Eu gostaria de começar nossas aulas particulares nesse sábado. Por gentileza, venha ao meu escritório às 20 horas. Espero que você esteja se divertindo em seu primeiro dia de volta na Escola.*

*Sinceramente,*

*Alvos Dumbledore*

*PS.: Eu gosto de Acid Pops.*

- Ele gosta de Acid Pops?- Disse Ron, que leu a mensagem sobre o ombro de Harry e parecia perplexo.

- É a senha para passar pelo gárgula do lado de fora do seu escritório. Disse Harry baixo.

- Há! Snape não vai ficar nada feliz... Não vou poder ficar na detenção dele!

Ele, Ron e Hermione passaram o intervalo inteiro pensando no que Dumbledore iria ensinar para Harry. Ron achava que seriam azarações espetaculares e feitiços do tipo que Comensais não conheceriam. Hermione disse que tais coisas eram ilegais, e achava que era mais provável que ele ensinasse para Harry Mágica Avançada de Defesa. Após o intervalo, ela foi para Aritmancia enquanto Harry e Ron voltaram para o Salão Comunal onde eles relutantemente começaram a fazer o dever de casa de Snape. Isso se mostrou tão difícil que eles ainda não tinham terminado quando Hermione se juntou a eles para o tempo livre após o almoço (apesar dela ter ajudado a progredir muito mais rapidamente). Eles tinham acabado de terminar quando bateu o sinal para o tempo duplo de Poções e eles começaram o caminho familiar para o calabouço que foi, por tanto tempo, de Snape.

Quando eles chegaram no corredor eles viram que somente uma dúzia de pessoas progrediram para o nível N.I.E.M. Crabbe e Goyle evidentemente falharam em conseguir o N.O.M. necessário, mas quatro da Sonserina conseguiram, incluindo Malfoy. Quatro da Corvinal estavam lá, e um da Lufa-lufa, Ernie Macmillan, de quem Harry gostava apesar de sua maneira pomposa.

- Harry.- Chamou pomposamente Ernie, levantando sua mão enquanto Harry se aproximava. - Não tive a oportunidade de falar com você em Defesa Contra as Artes das Trevas de manhã. Boa aula, pensei, mas Feitiços de Escudo são velhos, claro, para nós da AD. E como vão vocês, Ron e Hermione?

Antes que eles pudessem falar "bem", a porta do calabouço se abriu e a barriga de Slughorn apareceu antes que ele para fora da porta. Enquanto entravam na sala, seu grande bigode se curvou acima de sua boca, e ele saudou Harry e Zabini com entusiasmo. O calabouço estava, muito estranhamente, já cheio de gases e cheiros estranhos. Harry, Ron e Hermione cheiraram interessadamente enquanto passavam por grandes, borbulhantes caldeirões. Os quatro da Sonserina pegaram uma mesa juntos, e assim fizeram os da Corvinal. Isso deixou Harry, Ron e Hermione para dividirem uma mesa com Ernie. Eles escolheram a mais próxima do caldeirão dourado que estava emitindo um dos mais sedutivos aromas que Harry jamais inalou: de alguma maneira lembrava-o ao mesmo tempo de uma torta melada, da madeira de um cabo de vassoura, e algo como uma flor que ele acredita ter cheirado no Burrow. Ele percebeu que estava aspirando muito devagar e profundamente, e que a fumaça parecia estar enchendo-o como uma bebida. Um grande contentamento apareceu sobre ele; ele sorriu para Ron, que sorriu de volta, preguiçoso.

- Agora.- Disse Slughorn, cujas linhas massivas estavam tremendo atrás dos vapores. - Balanças para fora, todo mundo, e seus kits de poções, e não se esqueçam de suas cópias do "Livro Avançado de Poções".

- Senhor?- Chamou Harry, levantando a mão.

- Harry, meu garoto?

- Eu não tenho um livro, nem Balanças nem nada, nem Ron tem, Nós não sabíamos que poderíamos fazer o N.I.E.M., entende?

- Ahh, sim, a Professora McGonagall mencionou... Não se preocupe, meu garoto, não tem por que se preocupar. Você pode usar os ingredientes do armário da sala por hoje, e eu tenho certeza de que podemos lhes emprestar umas balanças, e tenho uma caixa de livros velhos aqui, que servirão até vocês escreverem para Floreios e Borrões...

Slughorn andou para um armário no canto e, depois de um momento, voltou com duas velhas cópias do "Livro Avançado de Poções" por Libatius Borage, os quais ele deu para Harry e Ron com duas balanças.

- Agora.- Disse Slughorn, voltando para frente da sala e inflando seu peito de modo que os botões da sua camisa ameaçavam pular para fora. - Preparei algumas poções para vocês darem uma olhada, só por curiosidade, vocês sabem. São o tipo de coisa que vocês precisam ser capazes de fazer depois de completarem seus N.I.E.M.s. Vocês já devem ter ouvido falar nelas, mesmo que vocês nunca as tenham feito ainda. Alguém pode me dizer o que essa aqui é?- Ele indicou o caldeirão perto da mesa da Sonserina. Harry se levantou um pouco de sua cadeira e viu o que parecia simplesmente água fervendo dentro dele. A mão bem treinada da Hermione atingiu o ar antes que a de qualquer outro; Slughorn apontou para ela.

- É Veritaserum, uma incolor e inodora poção que força quem bebe a falar a verdade.- Disse Hermione.

- Muito bem, muito bem!- Disse Slughorn, feliz.

- Agora...- Continuou, apontando para o caldeirão perto da mesa da Corvinal. - Essa é bem conhecida... Tem aparecido nos folhetos do Ministério ultimamente... Quem poderia...?

A mão de Hermione foi a mais rápida de novo.

- É a poção Polissuco, senhor.- Ela disse.

Harry também reconheceu a substância lentamente borbulhante, parecida com lama no segundo caldeirão, mas não ficou triste por Hermione ter recebido o crédito pela resposta. Foi ela, na verdade, que conseguiu fazê-la, no segundo ano.

- Excelente, excelente! Agora essa aqui... sim querida?- Perguntou Slughorn, agora perplexo, enquanto a mão de Hermione socava o ar mais uma vez.

- É Amortentia!

- Realmente, é. Parece quase uma tolice perguntar.- Disse Slughorn, que parecia muito interessado. - Mas eu acredito que você saiba o que ela faz?

- É a mais poderosa poção do amor no mundo!- Disse Hermione.

- Certo! Você a reconheceu, eu suponho, por seu distinto brilho de pérola?

- E pela fumaça subindo em suas espirais características.- Confirmou Hermione, entusiasmada.

- E ela deve cheirar diferentemente para cada um, dependendo do que nos atrai. Eu posso sentir cheiro de grama recentemente cortada, pergaminho novo e...- Mas ela ficou levemente rosada e não completou a frase.

- Posso perguntar seu nome, minha querida?- Perguntou Slughorne, ignorando a vergonha de Hermione.

- Hermione Granger, senhor.

- Granger? Granger? Por acaso você tem algum parentesco com Hector Dagworth-Granger, que fundou a "Extraordinária Sociedade dos Fazedores de Poções"?

- Não. Eu acredito que não, senhor. Eu nasci Trouxa, você sabe.

Harry viu Malfoy se aproximar de Nott e sussurrar algo; ambos riram, mas Slughorn não se importou; ao contrário, abriu um sorriso e olhou de Hermione para Harry, sentado próximo dela.

- Há! "Uma das minhas melhores amigas é nascida trouxa. E ela é a melhor do nosso ano!" Acredito que esta seja a amiga da qual você me contou, Harry?

- Sim, senhor. Confirmou Harry.

- Bem, bem, você recebeu vinte pontos para a Grifinória, Senhorita Granger.- Disse Slughorn. Malfoy parecia do mesmo jeito que quando Hermione o socou na cara. Hermione se virou para Harry com uma expressão radiante e sussurrou.

- Você realmente lhe falou eu era a melhor do ano? Oh, Harry!

- Bem, o que há de impressionante sobre isso?- Murmurou Ron, que parecia chateado por algum motivo. - Você é a melhor do ano. Eu o diria isso se ele me perguntasse.

Hermione sorriu, mas fez um gesto de "shh", então eles poderiam ouvir o que Slughorn estava dizendo. Ron parecia levemente insatisfeito.

- Amortentia não cria realmente amor, é claro. É impossível manufaturar ou imitar o amor. Não, isso irá simplesmente causar uma forte obsessão ou atração. É provavelmente a mais perigosa e poderosa poção nessa sala. Sim.- Ele disse, afirmando com a cabeça gravemente para Malfoy e Nott, ambos os quais estavam sorrindo descrentes. - Quando vocês tiverem visto tanto da vida quanto eu vi, vocês não subestimarão o poder do amor obsessivo... E agora...- Disse Slughorn. -...é hora de começar a trabalhar.

- Senhor, você não nos disse o que tem nesse.- Disse Ernie Macmillian, apontando para um pequeno caldeirão preto em cima da mesa de Slughorn. A poção dentro estava pulando e caindo; era da cor de ouro derretido, e grandes gotas estavam pulando como peixes dourados sobre a superfície, mas nenhuma gota caiu.

- Hããã.- Fez Slughorn de novo. Harry tinha certeza que Slughorn não tinha esquecido dessa poção, mas estava esperando para ser perguntado sobre ela para ter um efeito mais dramático.

- Sim. Aquilo. Bem, aquela, senhores e senhoras, é uma interessante poção chamada Felix Felicis. Eu acredito.- Ele se virou para Hermione, que se engasgou. -...que você saiba o que Felix Felicis faz, Senhorita Granger?

- É sorte líquida.- Disse Hermione excitada. - Ela te deixa sortudo!

A sala inteira parecia estar sentando melhor, mais reta. Agora, tudo que Harry podia ver de Malfoy era a parte de trás do cabelo liso e louro de sua cabeça porque ele estava finalmente dando toda sua atenção para Slughorn.

- Correto, outros dez pontos para a Grifinória. Sim, é uma poção interessante, a Felix Felicis.- Disse Slughorn. - Incrivelmente traiçoeira de se fazer, e desastrosa se errar. Porém, se feita corretamente, como essa aqui, você vai descobrir que todas suas ações vão tender ao sucesso... pelo menos até o efeito acabar.

- Por que as pessoas não a bebem o tempo todo, senhor?- Terry Boot perguntou, curioso.

- Porque, se tomada em excesso, ela causa estupidez, falta de cuidado e segurança demais.- Disse Slughorn.

- Muito de uma coisa boa, você sabe... Extremamente tóxico em grandes quantidades, mas se tomado em pequenas e muito raramente...

- Você já a tomou, senhor?- Perguntou Michael Córner com grande interesse.

- Duas vezes na minha vida.- Respondeu Slughorn. - Uma quando eu tinha 24 anos, outra quando eu tinha 57. Duas colheres tomadas no café da manha. Dois dias perfeitos.- Ele olhava pensativo para longe. Se ele estava fingindo ou não, Harry pensou, o efeito ficou bom. - É isso.- continuou Slughorn, aparentemente retornando a Terra. - É o que eu estarei oferecendo como prêmio dessa aula.- Havia um silêncio no qual toda bolha e gota das poções ao redor parecia extremamente barulhenta. - Uma pequena garrafa de Felix Felicis.- Continuou, pegando uma minúscula garrafa com uma tampa de seu bolso e mostrando-a para todos. - O suficiente para doze horas de sorte. Do amanhecer até o entardecer, o vencedor será sortudo em tudo que ele tentar. Agora, eu devo lhes avisar que Felix Felicis é um poção proibida em competições organizadas... esportes, por exemplo, provas, ou eleições. Então o vencedor deve usá-la num dia normal somente... E perceberá que esse dia normal se tornará extraordinário! Então.- Continuou, repentinamente. - Quem de vocês receberá esse prêmio fabuloso? Bem, virando para a página dez do livro. Nós temos um pouco mais de uma hora sobrando, o que deveria ser tempo suficiente para vocês tentarem completar a "Poção do Morto Vivo". Eu sei que é mais complexa do que tudo que vocês já tentaram, e eu não espero uma poção perfeita de ninguém. A pessoa que fizer a melhor, porém, ganhará o pequeno Felix aqui. Podem começar!

A sala começou a se mover agora que todos pegavam seus caldeirões e colocavam na sua frente e alguns fortes barulhos enquanto estavam adicionando pesos nas suas balanças, mas ninguém falava nada. A concentração dentro da sala era

inquestionável. Harry viu Malfoy olhando fervorosamente pelo seu livro. Não podia ser mais claro que ele realmente queria esse dia de sorte. Harry se curvou levemente sobre o velho livro que Slughorn lhe emprestou. Para sua infelicidade ele viu que o antigo dono tinha escrito sobre as páginas, de modo que as margens estavam pretas como as letras. Curvando-se mais baixo para decifrar os ingredientes (mesmo ali o antigo dono tinha feito anotações e riscado palavras) Harry correu para o armário de ingredientes para encontrar o que precisava. Enquanto ele corria de volta para seu caldeirão, ele viu Malfoy cortando suas raízes de Valeria tão rápido quanto possível. Todos estavam olhando para ver o que o resto da sala estava fazendo; essa era tanto uma vantagem quanto uma desvantagem de Poções, que era difícil manter seu trabalho privado. Dentro de dez minutos a sala toda estava cheia de uma fumaça azulada. Hermione, é claro, parecia ser a que mais progrediu. Sua poção lembrava o "líquido leve, preto" mencionado como ideal na metade. Tendo terminado de cortar suas raízes, Harry se curvou sobre seu livro de novo. Era realmente irritante, ter que tentar decifrar as instruções sobre todas as inscrições estúpidas do dono anterior, quem, por algum motivo, teve o trabalho de cortar o grão de Sopophorous e escreveu uma informação alternativa: esmagar com parte larga da faca de prata solta mais suco do que cortar.

- Senhor, acho que você conheceu meu avô, Abraxas Malfoy?- Harry olhou para frente; Slughorn estava passando pela mesa da Sonserina.

- Sim.- Disse Slughorn, sem olhar para Malfoy. - Eu fiquei triste ao ouvir que ele tinha morrido, apesar de não ter sido totalmente inesperado, febre de dragão na idade dele...

E ele andou para longe. Harry voltou para seu caldeirão, rindo. Ele sabia que Malfoy esperava ser tratado como Harry ou Zabini; talvez ainda um tratamento preferencial, do tipo que ele aprendeu a receber de Snape. Parecia como Malfoy teria que utilizar somente seu talento para ganhar o Felix Felicis. O grão de Sopophorous estava se mostrando difícil de cortar. Harry se virou para Hermione.

- Posso pegar sua faca de prata emprestada?

Ela lhe entregou a faca, mas sem tirar os olhos da poção, que estava ainda roxo escuro, apesar de que pelo livro deveria estar um lilás claro a essa hora. Harry esmagou seus grãos com a parte larga da faca. Para sua surpresa, imediatamente apareceu tanto líquido que ele ficou espantado que o grão pudesse ter tanto dentro dele. Rapidamente jogando tudo no caldeirão ele viu, para sua surpresa, que a poção se tornou exatamente o tom de lilás descrito no texto. Sua raiva com o dono anterior sumiu, Harry agora olhava as instruções. Pelo livro, ele tinha que misturar no sentido anti-horário até a poção estar clara como água. Pelo que foi escrito à mão, porém, ele tinha que dar um giro no sentido horário a cada 7 no anti-horário. Poderia o dono estar certo duas vezes? Harry girou no sentido anti-horário, segurou sua respiração, e rodou uma vez no sentido horário. O efeito foi imediato. A poção ficou rosa pálido.

- Como você fez isso?- Perguntou Hermione, que estava com o rosto vermelho e cujo cabelo estava ficando cada vez mais desarrumado com a fumaça do caldeirão.

- Dê um giro no sentido horário.

- Não, não, o livro fala anti-horário!.- Ela reclamou.

Harry se virou e continuou a fazer o que estava fazendo. Sete giros no anti-horário, um no horário, sete no anti-horário, um no horário... Do outro lado da mesa, Ron estava amaldiçoando baixo; sua poção estava azul. Harry olhou ao redor. Até onde ele via, ninguém conseguiu fazer uma poção clara como a dele. Ele ficou feliz e satisfeito, o que nunca tinha acontecido antes nesse calabouço.

-E... Acabou!- Chamou Slughorn. - Parem de mexer, por favor!- Slughorn se moveu lentamente pelas mesas, olhando nos caldeirões. Ele não fez nenhum comentário, mas ocasionalmente dava nas poções um giro ou as cheirava.

Finalmente, ele chegou na mesa de Harry, Hermione, Ron e Ernie. Sorriu para a substância escura de Ron. Passou pela poção azul escuro de Ernie. Deu um tom de aprovação ao passar pela de Hermione. Mas então ele viu a de Harry, e uma imensa felicidade apareceu no seu rosto.

- Claramente o vencedor!- Gritou no calabouço. - Excelente, excelente, Harry! Meu Deus, está claro que você herdou o talento da sua mãe. Ela tinha uma mão perfeita em Poções, a Lily! Aqui está, então, uma garrafa de Felix Felices, como prometido, e use-a bem!. Harry colocou a pequena garrafa com o líquido dourado em seu bolso interno, sentindo uma estranha combinação de prazer no olhar furioso nos rostos da Sonserina e culpa no rosto desapontado de Hermione. Ron estava bobo.

- Como você fez aquilo?- Ele sussurrou para Harry quando saíram do calabouço.

- Tive sorte, eu acho!- Disse Harry, porque Malfoy estava perto. Uma vez que estavam seguros na mesa da Grifinória para jantar, porém, ele se sentiu seguro o suficiente para lhes contar. A face de Hermione ficou cada vez mais nervosa para cada palavra que ele pronunciava.

- Eu suponho que vocês pensem que eu trapaceei?- Ele terminou, respondendo à expressão dela.

- Bem, não era exatamente o seu trabalho, era?- Ela perguntou.

- Ele somente seguiu instruções diferentes das nossas.- Disse Ron.

- Poderia ter sido uma catástrofe, não poderia? Mas ele se arriscou e deu certo. Ele deu um suspiro. - Slughorn poderia ter me dado o livro, mas não, eu pego o aquele em que ninguém nunca escreveu, só vomitado, pela aparência da pagina 52, mas...

- Espere aí.- Disse uma voz perto da orelha esquerda de Harry, e ele sentiu uma pequena porção do cheiro que ele notou no calabouço de Slughorn. Ele olhou ao redor e viu que Gina tinha se unido a eles. - Eu ouvi certo? Você está recebendo instruções do que alguém escreveu num livro, Harry?

Ela parecia alarmada e nervosa. Harry sabia o que estava na cabeça dela na hora.

- Não é nada.- Ele tentou acalmá-la. - Não é como, você sabe, o diário de Riddle. É só um velho livro de aulas em que alguém escreveu.

- Mas você está fazendo o que ele manda?

- Eu só tentei algumas das dicas escritas nas margens, honestamente, Gina, não tem nada engraçado...

- Gina tem razão.- Disse Hermione, se levantado. - Nós temos que checar se não tem nada de errado sobre isso. Quero dizer, todas essas instruções estranhas, quem sabe?

- Hey!- Disse Harry indignado, enquanto ela puxava a cópia do "Livro Avançado de Poções" da mochila dele e levantou sua varinha.

- Specialis Revelio!- Ela falou, encostando-o levemente na capa. Nada aconteceu. O livro simplesmente se manteve ali, parecendo velho e sujo e acabado.

- Acabou?- Perguntou Harry irritado. - Ou você gostaria de esperar para ver se ele dá alguns saltos mortais?

- Parece tudo certo.- Disse Hermione, ainda observando o livro com suspeitas. - Quero dizer, ele realmente parece... Somente um livro-texto.

- Bom. Então eu quero ele de volta.- Disse Harry, tirando-o da mesa, mas ele caiu da sua mão e ficou aberto no chão. Ninguém mais estava olhando. Harry se curvou para pegar o livro de volta, mas quando o fez, viu algo escrito perto da parte de baixo da capa de trás do livro, na mesma pequena, apertada letra que as instruções que o fizeram ganhar a garrafa de Felix Felicis, agora seguramente guardada dentro de um par de meias em sua mala no quarto.

*Este livro é propriedade do Príncipe Mestiço.*

= = = =

Dumbledore, Fawkes, de pé em seu poleiro atrás da porta, olhando para Harry com interesse luminoso. Isso o fez nem mesmo perceber que Dumbledore tinha desocupado um espaço para prática de duelos.

- Então, Harry.- Disse Dumbledore, em uma voz eficiente. - Você deseja saber, eu estou certo disso, o que eu tenho planejado para você nessas, numa palavra melhor, lições?

- Sim, senhor.

- Bem, eu decidi que está na hora, agora que você sabe o que levou Lord Voldemort a tentar te matar a quinze anos atrás, de passar para você algumas informações.- Houve uma pausa.

- Você disse, ao fim do último ano, que ia me contar tudo.- Disse Harry. Era difícil manter a nota de acusação em sua voz. "Senhor", ele somou.

- E assim eu fiz.- Disse placidamente de Dumbledore. - Eu lhe contei tudo o que eu sei. A partir deste ponto, nós estaremos deixando a firme fundação dos fatos e viajaremos, juntos, pelos pântanos escuros da memória, em moitas das mais selvagens conjecturas. Daqui em diante, Harry, eu posso estar tão desgraçadamente errado quanto Humphrey Belcher, que acreditava que o tempo estava perfeito para um caldeirão de queijo.

- Mas você acha que tem razão?- Disse Harry.

- Naturalmente sim, mas como eu já provei a você, eu cometo erros próximos aos do homem. Na realidade, sendo, me perdoe, sendo mais hábil que a maioria dos homens, meus enganos tendem a ser correspondentemente maiores.

- Senhor.- Disse Harry numa nova tentativa. - O que você vai me falar tem qualquer coisa que ver com a profecia? Isso irá me ajudar a... sobreviver?

- Tem uma relação muito grande com a profecia.- Disse Dumbledore, tão casualmente quanto se Harry tivesse lhe perguntado pelos próximos dias. - E eu certamente espero que lhe ajude a sobreviver. Dumbledore caminhou ao redor da escrivaninha, passando Harry, que se recolheu ávido ao seu assento, para assistir Dumbledore.

Inclinando-se em cima do gabinete ao lado da porta. Quando Dumbledore desceu, ele estava segurando uma bacia de pedra rasa familiar, grafada ao redor com estranhas marcas na borda. Ele colocou a Penseira na escrivaninha em frente a Harry.

- Você parece preocupado.

Harry realmente olhava a Penseira com alguma apreensão. As experiências prévias dele com o estranho dispositivo que armazenava e revelava pensamentos e recordações, mesmo que altamente instrutivo, tinham sido também incômodas. A última vez que ele perturbara seus conteúdos, tinha visto muito mais que ele teria desejado. Mas Dumbledore estava sorrindo.

- Agora, você entra no Penseira comigo... E, mais ainda extraordinariamente, com permissão.

- Aonde nós vamos, senhor?

- Para uma viagem a memória de Bob Ogden.- Disse Dumbledore, enquanto puxava do seu bolso uma garrafa cristalina que continha uma substância branco prateada rodando.

- Quem era Bob Ogden?

- Ele foi empregado pelo Departamento de Lei Mágica Obrigatória.- Disse Dumbledore. - Ele morreu a um tempo atrás, mas não antes de eu o encalçar e persuadi-lo a confiar estas recordações a mim. Nós estamos a ponto de o acompanhar em uma visita que ele fez, no exercício de seus deveres. Se você estiver pronto, Harry...

Mas Dumbledore estava tendo dificuldade para tirar a rolha da garrafa cristalina: a mão ferida dele parecia endurecida e dolorosa.

- Devo... Devo eu ajudar senhor?

- Não se preocupe, Harry .

Dumbledore apontou a vara dele à garrafa e a cortiça voou fora.

- Senhor, como você machucou sua mão?- Harry perguntou novamente, olhando para os dedos enegrecidos com uma mistura de repulsão e piedade.

- Agora não é o momento para esta história, Harry. Agora nós temos um compromisso com Bob Ogden.

Dumbledore inclinou o conteúdo prateado da garrafa na Penseira onde eles rodaram e cintilaram, nem líquido nem gás.

- Depois de você.- Disse Dumbledore, enquanto gesticulava para a tigela.

Harry curvou-se, puxando uma respiração funda, e mergulhou a face na substância prateada. Ele sentia os pés dele deixarem o chão do escritório; ele estava caindo, girando na escuridão e então, repentinamente, ele estava piscando deslumbrando a luz solar. Antes de os olhos deles se ajustarem, Dumbledore pousou ao lado dele. Eles estavam se levantando em uma pista rural limitada por cercas altas, sob um luminoso céu de verão, azul como um miosótis. Uns dez pés a frente deles estava um homem baixo, rechonchudo que usava óculos enormemente grossos que reduziam os olhos dele a molelike specks. Ele estava lendo um poste itinerário de madeira, que se ressaltava da amoreira preta no lado esquerda da estrada. Harry soube que este deveria ser Ogden; ele era a única pessoa em visão, e ele também estava usando tão freqüentemente o sortimento estranho de roupas escolhido pela inexperiência de bruxos em tentar se parecer Trouxa: neste caso, um casaco de túnica em cima de uma peça de banho listrada. Antes que Harry tivesse tempo para fazer mais qualquer registro do aparecimento estranho dele, Ogden partiu por um caminho abaixo da pista.

Dumbledore e Harry o seguiram. Como eles passaram o sinal de madeira, Harry olhou para seus dois braços. O que apontava o lado de trás, do qual eles tinham vindo, dizia: Great Hangleton, 5 milhas. O braço que aponta a frente de Ogden dizia: Little Hangleton, 1 milha. Eles caminharam por um curto caminho com nada mais para ver do que as cercas, o céu azul largo em cima e assobiando, a figura coberta pela túnica à frente. Então a pista encurvou à esquerda para fora, inclinando abruptamente em uma ladeira, de modo que eles em uma visão súbita e inesperada, um vale inteiro se deitou em frente a eles. Harry poderia ver uma vila, sem duvida Little Hangleton, se aconchegando entre duas colinas íngremes, sua igreja e cemitério claramente visíveis. Alem do vale, fixada na ladeira oposta, estava uma casa de sola bonita cercada por uma expansão larga de gramado verde aveludado.

Ogden iniciou um trote relutante devido ao íngreme declive de descida da ladeira. Dumbledore alongou seu passo largo, e Harry se apressou para manter. Ele pensou que Little Hangleton devia ser o destino final deles e desejava saber, o que acontecerá na noite que eles tinham achado Slughorn, por que eles tiveram que chegar a tal distância. Porém, ele descobriu logo que ele estava enganado pensando que eles iam para a aldeia. A pista encurvou à direita e quando eles dobraram o curva, viram a

extremidade da túnica de Ogden desaparecer por uma abertura na cerca viva. Dumbledore e Harry o seguiram sobre um rastro estreito limitado por cercas vivas mais altas e mais selvagens que as anteriores. O caminho era curvilíneo, rochoso, e molhado, se inclinando abaixo na colina, e parecia estar rumo a um pequeno remendo de árvores escuras pouco abaixo deles. Bastante seguro, o rasto abriu logo ao homem, e Dumbledore e Harry pararam atrás de Ogden que também estava parado e tinha puxado sua varinha.

Apesar do céu sem nuvens, lançaram à frente profundamente entre árvores velhas, sombras escuras, frescas, e em alguns segundos, em frente aos olhos de Harry se discerniu o edifício meio escondido entre a confusão de calções de banho. Parecia a ele um local muito estranho escolher para uma casa, ou então uma decisão estranha para deixar o crescimento de árvores perto, bloqueando toda a luz e a visão do vale abaixo. Ele desejou saber se estava habitado; suas paredes eram azulejos musgosos e tantos tinham caído do telhado que as vigas eram visíveis em vários lugares. Urtigas cresceram ao redor da casa, seus galhos alcançavam as janelas, que eram minúsculas e cobertas com sujeira. Na mesma hora ele tinha concluído que possivelmente ninguém poderia viver lá, uma das janelas foi aberta com um ruído, e uma fina faixa de vapor ou fumaça surgiu, como se alguém estava cozinhando.

Ogden avançou quietamente e, parecia a Harry, bastante cauteloso. Como as sombras escuras das árvores deslizaram em cima dele, ele parou novamente, enquanto encarava a porta da frente na qual, alguém tinha fixado uma cobra morta. Então ouviu-se um sussurro, e um homem em trapos perto da mais próxima árvore, surgiu bem em frente de Ogden que saltou tão rápido para trás, que se atrapalhou com as pontas da túnica e tropeçou.

- Você não é bem-vindo.

O homem que surgia ante deles tinha cabelo grosso tão coberto com sujeira que poderia ter tido qualquer cor. Vários dos dentes dele estavam apodrecendo. Seus olhos eram pequenos e escuros e fitaram em direções opostas. Ele poderia ter parecido cômico, mas não; o efeito era amedrontador, e Harry não pôde culpar Ogden por retroceder vários passos antes de falar.

- Er... Bom dia. Eu sou do Ministério de Magia...

- Você não é bem-vindo.

- Er... Eu sinto muito... Eu não o entendo.- Disse Ogden nervosamente.

Harry pensou que Ogden estava sendo extremamente bobo; o estranho estava se fazendo muito claro na opinião de Harry, particularmente como se ele estivesse brandindo uma vara em uma mão e uma faca curta e bastante sangrenta na outra.

- Você o ouve, certamente, Harry?- Disse Dumbledore quietamente.

- Claro que, sim.- Disse Harry. - Por que Ogden não pode...?

Mas como os olhos dele acharam a cobra morta novamente na porta, ele prontamente entendeu. - Ele está falando Parseltongue

- Muito bom.- Disse Dumbledore, enquanto acenava com a cabeça e sorria.

O homem em trapos estava avançando agora em Ogden, faca curta em uma mão, vara na outra.

- Agora, olha...- Ogden começou, mas muito tarde: houve um estrondo, e Ogden estava no chão, apertando seu nariz, enquanto um pus amarelado sórdido esguichava entre os dedos.

- Morfin!- Disse uma voz alta.

Um homem ancião tinha vindo, se apressando para fora da cabana, batendo a porta atrás dele de forma que a cobra morta balançou pateticamente. Este homem era mais baixo que o primeiro, e tinha proporções esquisitas; os ombros lhe eram muito largos e os braços muito longos, os olhos marrons luminosos, cabelos curtos, e face enrugada, lhe davam o olhar de um macaco poderoso, velho. Ele parou ao lado do homem com a faca que estava cacarejando agora, rindo com a visão de Ogden no chão.

- Ministério, é?- Disse o homem mais velho, enquanto olhava para Ogden.

- Corrija!- Disse Ogden furiosamente, enquanto tocava de leve a face. - E você, eu presumo que seja o Sr. Gaunt?

- Claro.- Disse Gaunt. - Ele fez isso na sua face?

- Sim, ele fez!- Ogden afirmou.

- Deveria ter feito sua presença conhecida, não?- Disse Gaunt agressivamente. - Esta é propriedade privada. Não podes entrar aqui sem esperar que meu filho se defenda.

- O defenda contra o que, homem?- Disse Ogden, enquanto levantava-se.

- Intrometidos. Intrusos. Trouxas e sujos.- Ogden apontou a varinha ao próprio nariz, que ainda estava emitindo grandes quantias do que se parecia pus amarelo e o fluxo parou imediatamente. Sr. Gaunt falou de canto de boca para Morfin.

- Entre em casa. Não discuta.

Assim, Harry reconheceu Parseltongue; até mesmo enquanto ele podia entender o que estava sendo dito, ele distinguia o assobio estranho que era tudo o que Ogden poderia ouvir. Morfin parecia estar no ponto de discordar, mas quando o pai dele lhe lançou um olhar ameaçador, mudou de idéia, e foi entrando na cabana com um andar rolante estranho e batendo a porta da frente atrás dele, a cobra balançou tristemente novamente.

- É seu filho que eu estou aqui para ver, Sr. Gaunt.- Disse Ogden, tirando o último vestígio do pus da frente do casaco. - Morfin, era ele?

- Ah, sim, era Morfin.- Disse o homem velho indiferentemente.

- Você é puro-sangue?- Ele perguntou, repentinamente agressivo.

- Não interessa.- Disse friamente Ogden, e Harry sentia o respeito dele pelas atitudes de Ogden. Aparentemente, Gaunt sentia-se bastante diferente.

Ele olhou Ogden e ate murmurou, o que era suposto claramente um tom ofensivo.

- Agora eu venho a pensar nisto, eu vi narizes como o seu na aldeia.

- Eu não duvido se seus filhos estiverem soltos entre eles.- Disse Ogden. - Talvez nós poderíamos continuar esta discussão ai dentro?

- Aqui dentro?

- Sim, Sr. Gaunt. Eu já lhe falei. Eu estou aqui por Morfin. Nós lhe enviamos uma coruja...

- Eu não uso corujas.- Disse Gaunt. - Eu não abro cartas.

- Então você não pode reclamar que não tenha recebido nenhuma advertência de visita.- Disse rapidamente Ogden. - Eu estou aqui seguindo uma quebra séria de lei de Magia que aconteceu aqui nas primeiras horas desta manhã.

- Certo, certo, certo!- Disse Gaunt. - Entre nesta casa de sangria, então, fará muito bem!

A casa parecia conter três quartos minúsculos. Duas portas começavam o quarto principal que servia como cozinha combinada com sala de estar. Morfin estava sentando em uma poltrona imunda ao lado do fogão de lenha, enquanto girando uma cobra viva entre seus dedos finos e sussurrando suavemente a isto em Parseltongue:

Hissy, hissy, pequena cobrinha,
Escorregue no chão
Você é bom Morfin
Ou ele o pregará à porta.

Havia um barulho saindo do canto ao lado da janela aberta, e Harry percebeu que havia alguém no outro quarto, uma menina com vestimenta cinza, era da cor exata da pedra suja da parede atrás dela. Ela estava se levantando ao lado de uma panela cozinhando em vapor em um fogão preto encardido, e estava arrumando na estante, panelas, potes esquálidos e panos sobre isto. O cabelo dela estava fino e sombrio e ela tinha uma planície (?????), empalidecida na face bastante pesada. Os olhos dela, como o irmão dela, fitaram em direções opostas. Ela olhava um pouco mais suavemente que os dois homens, mas Harry pensou que nunca tinha visto uma pessoa com o aspecto mais derrotado.

- Minha filha, Merope.- Disse rancorosamente Gaunt, quando Ogden olhou de modo inquiridor para ela.

- Bom dia.- Disse Ogden.

Ela não respondeu, mas com um olhar amedrontado ao pai, voltou ao quarto e continuou trocando as panelas na estante atrás dela.

- Bem, Sr. Gaunt.- Disse Ogden, - Indo direto ao ponto, nós temos razão para acreditar que seu filho, Morfin, executou magia em frente a um Trouxa ontem à noite.

Havia um tinido ensurdecedor. Merope tinha derrubado um das panelas.

- Pegue!- Gaunt berrou a ela. - Isso é, fica grudada no chão como se fosse uma desprezível trouxa, pra que serve sua varinha, seu inútil saco de muco??

- Sr. Gaunt, por favor!- Disse Ogden em uma voz chocada, como Merope que já tinha apanhado a panela, visivelmente corada, perdido sua atenção novamente na panela, tirou a varinha do bolso, apontou à panela, e murmurou um feitiço precipitado, inaudível que fez a panela atirar pelo chão longe dela, bater na parede oposta, e rachar em dois. Morfin deixou sair uma risada que parecia um cacarejo furioso. Gaunt gritou.

- Conserte isso, sua insensata, conserte!

Merope tropeçou pelo quarto, mas antes de ela teve tempo para elevar a vara dela, Ogden tinha erguido sua também e disse firmemente, "Reparo". A panela se reparou imediatamente. Gaunt parou um momento como se fosse gritar com Ogden, mas pareceu pensar melhor. Ao invés, ele zombou da filha dele.

- Agradável o afortunado homem do Ministério aqui, não é? Talvez ele a leve embora, talvez ele não ligue para sátiras sujas...

Sem olhar para qualquer pessoa ou agradecer Ogden, Merope apanhou a panela e a devolveu, com as mãos tremendo, para sua estante. Ela ficava parada então, contra a parede entre a janela imunda e o fogão, como se não desejasse nada além de afundar na pedra e desaparecer.

- Sr. Gaunt.- Ogden começou novamente. - Como disse eu: a razão para minha visita...

- Eu o ouvi na primeira vez!- Gritou Gaunt. - E o que tem? Morfin deu ao Trouxa um pouco do que estava vindo a ele o que diz sobre isto, então?

- Morfin quebrou uma lei de magia. Disse severamente Ogden.

- Morfin quebrou lei de magia.- Gaunt imitava Ogden, fazendo isto de um modo pomposo e cantado. Morfin cacarejou novamente. - Ele ensinou para um Trouxa imundo uma lição que é agora ilegal, é?

- Sim.- Disse Ogden. - Receio que sim.

Ele puxou de um bolso interior um rolo de papel pequeno de pergaminho e demonstrou isto.

- O que é isso então, a sentença dele?- Disse Gaunt, subindo sua voz furiosamente.

- É uma convocação ao Ministério para uma audição...

- Convocação! Convocação? Quem você pensa que é, chamando meu filho para convocação em qualquer lugar?

- Eu sou chefe do Esquadrão de Execução de Lei Mágica.- Disse Ogden.

E você pensa que nós somos gente baixa, pensa?- Irritou-se Gaunt, avançando em Ogden, com um dedo amarelo sujo apontado ao tórax dele. - Acha que iremos correndo ao Ministério quando você chama? Você sabe com quem você está falando, seu pequeno sangue-ruim imundo, você sabe?

- Eu tinha a impressão que eu estava falando Sr. Gaunt.- Disse Ogden, parecendo cauteloso, mas mantendo sua postura.

- Isso é certo!- rugiu Gaunt. Por um momento, Harry pensou que Gaunt estava fazendo um gesto de mão obsceno, entretanto percebeu que ele estava mostrando para Ogden o anel feio, enegrecido que usava no dedo mediano, tirando-o ante os olhos de Ogden.

- Vê isto? Vê isto? Sabe o que é? Sabe de onde veio? Há séculos tem estado em nossa família que é em seu ramo mais distante, puro-sangue de todo o modo! Sabe quanto representa isto, o brasão de Peverell gravado na pedra?

- Eu realmente não tenho nenhuma idéia.- Disse Ogden, piscando enquanto o anel passava dentro de uma polegada do nariz dele. Mas é bastante fora do assunto, Sr. Gaunt, seu filho cometeu...

Com um uivo de raiva, Gaunt correu para a filha dele. Durante um segundo, Harry pensou que ele ia a estrangular, a mão dele voou à garganta dela; em um momento, ele a estava arrastando ao redor para Ogden por uma corrente de ouro no pescoço dela.

- Veja isto!- Ele berrou a Ogden, balançando o medalhão de ouro pesado trancado a ela, enquanto Merope sufocada, ofegava.

- Eu vejo, eu vejo!- Disse Ogden apressadamente.

- Slytherins!- Gritou Gaunt. - Salazar Slytherin! Nós somos os últimos descendentes vivos dele, o que isso diz a você, ein???

- Sr. Gaunt, sua filha!- Disse Ogden em alarme, mas Gaunt já tinha libertado Merope; ela cambaleou longe, para o canto dela, massageando o pescoço e tragando ar.

- Assim!- Disse Gaunt triunfalmente, como se tivesse provado há pouco um ponto de vista complicado além de toda possível disputa. - Não venha você falando conosco como se fossemos sujeira em seus sapatos! Gerações de puro sangues, feiticeiros, tudo o mais que você pode dizer, eu não duvido!

E ele cai no chão a pés de Ogden. Morfin cacarejou novamente. Merope, se precipitou ao lado da janela, a cabeça dela se curvou e a face escondida pelo cabelo magro, não disse nada.

- Sr. Gaunt.- Disse bravamente Ogden. - Eu tenho medo de seus antepassados, e os meus não têm qualquer coisa haver com o assunto em discussão. Eu estou aqui por causa de Morfin, Morfin e o Trouxa que ele accosted ontem à noite. Nossa informação...- Ele olhou no seu rolo de papel de pergaminho. -...é aquele Morfin executou uma azaração ou enfeitiçou o Trouxa, fazendo o estourar em urticárias altamente dolorosas.

Morfin deu risada.

- Quieto, menino!- Rosnou Gaunt em Parseltongue, e Morfin fez silencio novamente.

- E então, se ele tivesse feito isso?- Gaunt disse arrogantemente para Ogden. - Eu espero que você tenha limpado a face imunda do Trouxa, e sua memória...

- Esse não é o ponto, Sr. Gaunt!- Disse Ogden. - Este foi um ataque não provocado em um indefeso...

- Ar, eu logo percebi que você é um amante dos Trouxas no momento que eu o vi...- Zombou Gaunt, e ele desova no chão novamente.

- Esta discussão não está nos levando a lugar algum.- Disse Ogden firmemente. - Está claro pela atitude de seu filho que ele não sente nenhum remorso pelas ações dele.- Ele olhou novamente ao rolo de papel de pergaminho. - Morfin terá uma audição no dia 14 de setembro respondendo ao ato de usar magia em frente a um Trouxa e causar dano e afligir o mesmo Trou...

Ogden parou. O som, trote de cavalos e vozes altas, risonhas estava atravessando a janela aberta. Aparentemente a pista sinuosa para a aldeia passava muito perto do lugar onde a casa estava. Gaunt gelou, escutando, com os olhos bem abertos. Morfin assobiou e dirigiu a face em direção aos sons, a expressão faminta. Merope elevou a cabeça. Sua face, Harry viu, era rigidamente branca.

- Meu Deus, isso que um terçol!- Falou a voz de uma menina, claramente audível pela janela aberta como se ela tivesse no quarto ao lado deles. - Seu pai não pode estar naquela choupana, Tom?

- Não é nossa.- Disse a voz de um homem jovem. - Tudo no outro lado do vale pertence a nós, mas aquela cabana pertence a um velho chamado Gaunt, e as crianças dele. O filho é bastante furioso, você deveria ouvir algumas das histórias que eles contam na aldeia...

A menina riu. O som, barulhos do trote iam crescendo mais altos e mais alto. Morfin saiu da poltrona dele.

- Mantenha seu assento.- Disse cuidadosamente o pai dele, em Parseltongue.

- Tom.- Disse a voz da menina novamente, agora tão perto que eles tinham impressão claramente de estar ao lado da casa. - Eu poderia estar errada, mas alguém pregou uma cobra naquela porta?

- Bom, você tem razão!- Disse a voz do homem. - Isso deve ser o filho, eu lhe falei ele não tem razão na cabeça. Não olhe para isto, Cecília, querida.

O barulho e sons de trote eram agora novamente crescentes e lânguidos.

- Querida.- Sussurrou Morfin em Parseltongue, enquanto olhava para a irmã dele. - Querida, ele a chamou. Você não o teria de qualquer maneira.

Merope estava tão branca, que Harry sentia que ela ia desfalecer.

- O que é isso?- disse Gaunt nitidamente, também em Parseltongue, olhando do filho dele à filha. - O que você disse, Morfin?

- Ela gosta de olhar para aquele Trouxa.- Disse Morfin, uma expressão vitoriosa na face, encarou a irmã, que agora parecia apavorada. - Sempre no jardim quando ele passa, ela fica o examinando pela cerca viva. E ontem à noite...

Merope tremeu, sacudindo a cabeça, suplicantemente, mas Morfin foi em irredutível.

- Se pendurando na janela a espera que ele se aproxime da casa, não é?

- Pendurando na janela olhar para um Trouxa?- Disse Gaunt quietamente.

Os três Gaunts pareciam ter esquecido de Ogden que estava parecendo confuso e irritado a esta erupção renovada de assobiar incompreensíveis.

- É verdade?- Disse Gaunt em uma voz mortal, enquanto avançava um passo ou dois para a menina apavorada. - Minha filha descendente do puro sangue de Salazar Slytherin, desejando um Trouxa imundo, sangue sujo?

Merope tremeu balançando a cabeça, enquanto se apertava contra a parede, aparentemente incapaz de falar.

- Mas eu o peguei, Pai.- Cacarejou Morfin. - Eu o enfeiticei ele não parecia tão bonito com urticárias por toda parte, parecia, Merope?

- Você me repugna, você, pequena traidora de sangue imundo!- Rugiu Gaunt, perdendo o controle, as mãos fecharam ao redor do garganta da filha. Harry e Ogden gritaram "Não!" ao mesmo tempo; Ogden elevou a varinha e chorou,"Relaskio!"

Gaunt foi lançado para trás, longe da filha; tropeçou em uma cadeira e caiu duro. Com um rugido de raiva, Morfin saltou da cadeira dele e correu a Ogden, enquanto brandia a faca sangrenta e feitiços incendiavam indiscriminadamente da varinha dele. Ogden correu para salvar sua vida. Dumbledore indicou que eles deveriam seguir e o Harry obedeceu, os gritos de Merope ainda ecoam nas suas orelhas. Ogden correu para cima do caminho e alcançou a pista principal, os braços dele em cima da cabeça, onde colidiu com o cavalo castanho lustroso montada por um homem jovem muito bonito, de cabelo escuro. Ambos, ele e a bonita menina, que montava ao lado dele em um cavalo cinza reagiram com risadas ao ver Ogden que saltou fora o flanco do cavalo e caiu novamente, com o casaco de túnica, cobrindo-lhe a cabeça, fazendo-o correr a esmo para a pista.

- Eu acho que já está bom, Harry.- Disse Dumbledore. Ele levou Harry pelo cotovelo e arrastou. Logo após, ambos estavam planando levemente pela escuridão, até que pousaram em cheio nos pés, no escritório de Dumbledore novamente.

- O que aconteceu à menina na cabana?- Disse Harry imediatamente, assim que Dumbledore acendeu abajures extras com um estalido de sua varinha. - Merope, era o nome dela, não era?

- Oh, ela sobreviveu.- Disse Dumbledore, sentando-se atrás da escrivaninha e indicando que Harry também deveria se sentar.

- Ogden aparatou para o Ministério e voltou com reforços depois de quinze minutos. Morfin e o pai dele tentaram lutar, mas foram dominados, afastado da cabana, e conseqüentemente condenados pelo ministério. Morfin que já teve um registro de ataques a trouxas foi condenado á três anos em Azkaban. Marvolo que tinha prejudicado vários empregados do Ministério, inclusive Ogden recebeu seis meses.

- Marvolo?- Harry repetiu maravilhado.

- Isso é certo.- Disse Dumbledore, enquanto sorria em aprovação. - Eu estou alegre de o ver atento.

- Aquele homem velho era...?

- O avô de Voldemort, sim.- Disse Dumbledore. - Marvolo, o filho dele, Morfin, e a filha dele, Merope, foi o último dos Gaunts, uma família de bruxos muito antiga marcada por uma veia de instabilidade e violência que floresceram pelas gerações devido ao hábito deles se casar com os próprios primos. A falta de senso se uniu a uma grande preferência pela grandeza, pela qual o ouro familiar foi desperdiçado várias gerações antes que Marvolo nascesse. Ele, como você viu, foi criado em esqualidez e pobreza, com um temperamento muito sórdido, uma quantia fantástica de arrogância e orgulho, e um par de heranças familiares que ele entesourou da mesma maneira que o filho dele, e muito mais que a filha.

- Assim Merope.- Disse o Harry, apoiando-se na cadeira e falando a Dumbledore. - Assim Merope era... Senhor, isso significa que ela era... A mãe de Voldemort?

- Sim.- Disse Dumbledore. - Acontece que nós também tivemos uma visão rápida do pai de Voldemort. Eu desejo saber se você notou?

- O trouxa que Morfin atacou? O homem no cavalo?

- Muito bom, realmente.- Disse Dumbledore, irradiando. - Sim, ele era Tom Riddle sênior, o trouxa bonito que ia montar perto da cabana Gaunt e para quem Merope Gaunt confiou um segredo, paixão ardente.

- E eles terminaram casando?- Harry perguntou com descrença, incapaz de imaginar duas pessoas menos prováveis para se apaixonarem.

- Eu penso você está esquecendo...- Disse Dumbledore. - Aquela Merope era uma bruxa. Eu não acredito que os poderes mágicos dela foram mostrados da melhor forma enquanto ela estava sendo aterrorizada pelo pai. Uma vez Marvolo e Morfin estavam seguramente em Azkaban, ela estava só e livre pela primeira vez na vida, então, eu estou certo, ela pôde dar rédea cheia às habilidades dela e delinear a fuga da vida desesperada que ela tinha conduzido durante dezoito anos. Você não pode pensar em qualquer medida que Merope poderia ter tomado para fazer Tom Riddle esquecer da companheira trouxa, e se apaixonar por ela?

- A Maldição de Imperius?- Harry sugeriu. - Ou uma poção do amor?

- Muito bom. Pessoalmente, eu sou inclinado a pensar que ela usou uma poção do amor. Eu acho que teria parecido mais romântico a ela, e eu não penso que teria sido muito difícil, algum dia quente, quando Riddle estava montando só, pode tê-lo persuadido a tomar uma água. Em todo caso, dentro de alguns meses da cena testemunhamos há pouco, a aldeia de Little Hangleton desfrutou de um tremendo escândalo. Você pode imaginar a fofoca que causou quando o filho do escudeiro escapou com a filha do velho Gaunt, Merope? Mas o choque dos aldeões não era nada comparado ao de Marvolo. Ele voltou de Azkaban, esperando achar a filha esperando seu retorno com submissão e uma refeição quente pronta na mesa. Ao invés disso, ele achou uma polegada clara de pó e o bilhete dela de adeus, explicando o que ela tinha feito. De tudo aquilo eu pude descobrir, ele nunca mencionou adiante o nome dela ou a existência daquele tempo. O choque do abandono dela pode ter contribuído à sua morte precoce, ou talvez ele simplesmente nunca tenha aprendido a se alimentar. Azkaban tinha debilitado muito Marvolo, e ele não viveu para ver Morfin voltar à cabana.

- E Merope? Ela... Ela morreu, não foi? Voldemort não foi deixado em um orfanato?

- Realmente, sim.- Disse Dumbledore. - Nós temos que fazer uma certa adivinhação aqui, embora eu não ache que é difícil deduzir o que aconteceu. Você vê, dentro de alguns meses do matrimônio fugitivo deles, Tom Riddle reapareceu na casa de sol em Little Hangleton sem a esposa dele. O rumor correu na vizinhança era que ele tinha sido enganado. O que ele quis dizer, eu estou seguro, é que ele tinha estado sob encantamento que agora tinha acabado, entretanto eu creio que ele não ousou usar essas palavras precisas por medo de ser julgado insano. Quando eles ouviram o que ele estava dizendo, porém, os aldeões julgaram que Merope tinha mentido a Tom Riddle, fingindo que ela ia ter o bebê dele, e que ele tinha se casado por isto.

- Mas ela teve o bebê dele.

- Mas não até um ano depois que eles estivessem casados. Tom Riddle a deixou quando ela ainda estava grávida.

- O que deu errado?- Harry perguntou. - Por que a poção do amor deixou de surtir efeito?

- Novamente, são conjeturas.- Disse Dumbledore. - Mas eu acredito que Merope que estava profundamente apaixonado pelo marido, não conseguia mais agüentar continuar o escravizando através de meios mágicos. Eu acredito que ela fez a escolha para deixar de lhe dar a poção. Talvez, boba como era ela, ela tenha se convencido que ele teria se apaixonado. Talvez ela tenha pensado que ele ficaria por causa do bebê. Nesse caso, ela estava errada em ambas as contas. Ele a deixou, nunca a viu novamente, e nunca se preocupou em descobrir o que restou o filho.

O céu lá fora era preto como tinta e os abajures no escritório de Dumbledore parecia arder mais brilhantemente que antes.

- Eu acho que está bom para esta noite, Harry.- Disse Dumbledore depois de um momento ou dois.

- Sim, senhor.- Disse Harry.

Ele levantou, mas não partiu.

- Senhor... é importante saber tudo isso sobre o passado de Voldemort?

- Muito importante, eu acredito.- Disse Dumbledore.

- E isto... é tem algo relacionado com a profecia?

- Tem tudo a ver com a profecia.

- Certo!- Disse Harry, um pouco confuso, mas ressegurou-se.

Ele virou para ir, então outra pergunta o ocorreu, e ele retrocedeu novamente.

- Senhor, me permite contar para o Ron e para Hermione tudo você me falou?

Dumbledore o considerou por um momento, então disse.

- Sim, eu penso que o Sr. Weasley e a Senhorita Granger provaram ser merecedores de confiança. Mas Harry, eu vou lhe pedir que lhes peça que não repitam nada disto a qualquer outra pessoa. Não seria uma idéia boa saberem por ai de quanto eu sei, ou suspeito, sobre os segredos de Lord Voldemort.

- Não, senhor. Eu terei certeza, só Ron e Hermione. Boa noite.

Ele se virou novamente, e quase estava à porta quando ele viu. Sentado entre as pequenas mesas com pernas de fuso que apoiaram tantos instrumentos prateados delicados, havia um anel de ouro feio, com um grande e rachada pedra preta.

- Senhor.- Disse Harry, enquanto encarava. - Aquele anel...

- Sim?- Perguntou Dumbledore.

- Você estava usando isso quando nós visitamos o Professor Slughorn naquela noite.

- Sim estava.- Dumbledore concordou.

- Mas não é este... Senhor, não é o mesmo anel que Marvolo Gaunt mostrou para Ogden?

Dumbledore dobrou a cabeça.

- O mesmo sim.

- Mas como veio...? Você sempre teve isto?

- Não, eu adquiri isto muito recentemente.- Disse Dumbledore. - Alguns dias antes de eu o ir buscar na casa da sua tia e do seu tio, na realidade.

- Isso estaria mais ou menos próximo a quando você machucou sua mão, então, senhor?

- Próximo a aquele tempo, sim, Harry.

Harry hesitou. Dumbledore estava sorrindo.

- Senhor, como exatamente...?

- Muito tarde, Harry! Você ouvirá a história outra hora. Boa noite.

- Boa noite, senhor.

= = = =

com ele nos últimos dois anos, escapando nas duas vezes. E agora estão te chamando de "O Escolhido". Bem, vamos lá, vai dizer que você não consegue ver porquê as pessoas estão fascinadas por você?

Harry encontrou o Salão Principal subitamente quente, ainda que o teto continuasse parecendo frio e chuvoso.

- E você estava envolvido com aquela perseguição do Ministério quando eles estavam tentando pintá-lo como inseguro e mentiroso. Ainda dá pra ver as marcas nas costas de sua mão de quando aquela mulher diabólica te fez escrever com seu próprio sangue, mas você continuou firme com a sua história...

- Ainda dá pra ver onde aqueles cérebros de apossaram de mim no Ministério, veja.- Disse Rony, agitando suas luvas para trás.

- E você amadureceu muito nesse verão e não doeu nada.- Hermione terminou, ignorando Ron.

- Eu sou alto.- Disse Rony sem motivo aparente.

O correio matinal chegara, escancarando as janelas protegidas da chuva e assim provocando a dispersão de todos devido às gotas de água que caíam. A maioria dos alunos recebeu mais correspondência do que o habitual; parentes ansiosos estavam aflitos para saber de seus filhos e tranqüilizá-los, por sua vez, de que tudo estava bem em casa. Harry não recebera nenhuma carta desde o começo do ano; seu único correspondente fixo estava agora morto e, embora ele esperasse que Lupin pudesse escrevê-lo ocasionalmente, estava bastante desapontado. Harry ficou bastante surpreso, portanto, de ver Edwiges surgir coberta de neve branca por entre todas as corujas cinzas e marrons. Ela aterrissou de frente para Harry, carregando um grande pacote quadrado. Um momento mais tarde, um pacote idêntico pousou em frente a Rony, esmagando sua minúscula e exausta coruja, Pítchi.

- Ha!- Disse Harry, desembrulhando o pacote para revelar um novo exemplar do Livro Avançado de Poções da Floreios & Borrões.

- Oh, ótimo.- Disse Hermione, satisfeita. - Agora você pode devolver aquele outro rabiscado.

- Você está louca?- Falou Harry. - Vou continuar com ele! Veja, eu estive pensando...- O garoto puxou a velha cópia do Livro Avançado de Poções da mochila e deu um tapa com a varinha na sua capa, dizendo, "Dijjindo!". A capa se soltou. Ele fez a mesma coisa com o recém-adquirido livro (Hermione pareceu escandalizada). Trocou, então, as capas, dizendo, "Reparo!". Lá estava o livro do Príncipe, disfarçado como se fosse novo, e lá estava a cópia fresca da Floreios & Borrões, parecendo completamente desgastada. - Devolverei a Slughorn o livro novo (com a capa velha), ele não pode se queixar, isto me custou nove Galeões.

Hermione pressionou os lábios, parecendo zangada e com um olhar de desaprovação, mas foi distraída por uma terceira aterrissagem de coruja, agora lhe trazendo seu exemplar do Profeta Diário. Folheou-o rapidamente e voltou à página principal.

- Algum conhecido morto?- Perguntou Rony com uma voz casual; ele fazia a mesma pergunta toda vez que Hermione abria o papel.

- Não, mas houve mais ataques de Dementadores.- Disse Hermione. - E uma prisão.

- Excelente, de quem?- Perguntou Harry, pensando em Bellatrix Lestrange.

Stan Shunpike.- Respondeu Hermione.

- Quê?- Espantou-se Harry.

- Stanley Shunpike, o popular condutor do transporte para bruxos Nôitibus, foi preso pela suspeita de envolvimento nas atividades de Comensais da Morte. Mr. Shunpike, 21 anos, foi colocado sob custódia na noite passada, depois de uma batida em sua casa em Clapham...

- Stan Shunpike, um Comensal da Morte?- Disse Harry, lembrando-se da primeira vez que se encontraram, há três anos atrás. - Sem chance!

- Ele provavelmente estava sob o feitiço Imperius.- Falou Ron, razoável.

- Nunca haverá como saber.

- Não me parece que foi isto.- Disse Hermione, que continuava lendo. - Aqui diz que ele foi preso depois de uma conversa sobre os planos secretos dos Comensais da Morte num pub.- Ela olhou para cima com uma expressão conturbada no rosto. - Se ele estava sob o feitiço Imperius, mal poderia bisbilhotar ao seu redor, poderia?

- Parece que ele queria dizer mais do que realmente sabia.- Disse Ron. - Não foi ele que disse que estava prestes a se tornar Ministro da Magia enquanto tentava impressionar aquela veela?

- Sim, ele mesmo.- Disse Harry. - Sinceramente, eu não sei o que eles estavam planejando, levando Stan.

- Eles provavelmente queriam demonstrar que eles estão fazendo alguma coisa.- Disse Hermione, franzindo a testa. - As pessoas são impressionantes. Você viu os pais das gêmeas Patil querendo que elas fossem para casa? E Eloise Midgen já se foi. Seu pai veio buscá-la noite passada.

- O quê?!- Exclamou Ron. - Mas Hogwarts é muito mais segura que as casas deles! Nós temos Aurores, e todos os feitiços extras, e nós temos Dumbledore!

- Eu não acho que o tenhamos a todo o momento.- Disse Hermione tranqüilamente, olhando de relance por cima do Profeta para a mesa principal.

- Vocês não observaram? Seu assento está tão vazio quanto o de Hagrid na semana passada.- Harry e Rony olharam para a mesa principal. A cadeira do diretor estava decididamente vazia. Agora Harry começava a pensar naquilo, ele não vira Dumbledore desde a lição particular, uma semana atrás.

- Eu acho que ele deixou a escola para fazer alguma coisa para a Ordem.- Disse Hermione com uma voz baixa. - Quero dizer, todos parecem sérios, não parecem?

Harry e Ron não responderam, mas Harry sabia que estavam pensando a mesma coisa. Havia ocorrido um horrível acidente um dia antes, quando Anna Abbott deixou Herbologia para saber que sua mãe fora encontrada morta. Eles não tornaram a ver Anna depois daquilo. Quando os garotos deixaram a mesa da Grifinória cinco minutos depois para ir até o campo de quadribol, passaram por Lavender Brown e Parvati Patil. Lembrando-se do que Hermione havia dito sobre o desejo dos pais das gêmeas Patil de que as filhas deixassem a escola, Harry não ficou surpreso de ver que as duas melhores amigas sussurravam, parecendo aflitas. O que o surpreendeu foi que, quando Ron emparelhou com elas, Parvati repentinamente cutucou Lavender, que olhou ao redor e sorriu amplamente para Rony. Ron piscou para ela e retribuiu o sorriso, incerto. Seu caminhar instantaneamente se tornou mais

pomposo. Harry resistiu a tentação de rir, lembrado-se de que Ron se conteve da vez em que Malfoy quebrara seu nariz; Hermione, contudo, pareceu fria e distante durante todo o caminho para o estádio; lá partiu para encontrar um lugar nas arquibancadas, sem desejar boa sorte a Rony.

Como Harry já esperava, os testes tomaram a maior parte da manhã. Metade da casa da Grifinória pareceu ter se entusiasmado: de alunos de primeiro ano que apareceram com as velhas e terríveis vassouras da escola, até alunos do sétimo ano, os quais agiam como se fossem bem melhores do que o resto, parecendo até intimidantes. O último incluía um grande e despenteado garoto, o qual Harry reconheceu imediatamente do Expresso de Hogwarts.

- Nós nos conhecemos no trem, na cabine do Slug.- Ele disse, confiante, se separando da multidão para poder apertar a mão de Harry. - Cormac McLaggen, goleiro.

- Você não tentou entrar para o time ano passado, tentou?- Perguntou Harry, notando a largura de McLaggen e pensando que ele provavelmente poderia bloquear todos os três gols sem nem sequer se mover.

- Eu estive no hospital quando os testes aconteceram. Disse McLaggen. - Comi ovos de doxy por causa de uma aposta.

- Certo.- Disse Harry. - Bem... Se você esperar ali...

Ele apontou para a borda do campo, perto de onde Hermione estava sentada. Harry pensou ter visto uma ponta de aborrecimento passar pelo rosto de McLaggen e quis saber se o que ele esperava era um tratamento especial pelo fato de ambos serem os "favoritos do Slug". Harry decidiu começar com um teste básico, pedindo a todos os pretendentes a entrar para o time que se dividissem em grupos de dez e voassem ao redor do campo. Foi uma boa decisão: os primeiros dez foram compostos de alunos do primeiro ano, e não puderam voar sem que caíssem no chão logo depois. Somente um garoto conseguiu permanecer no ar por mais que alguns segundos, e levou um susto ao bater prontamente em um dos aros do gol. O segundo grupo compreendia dez das garotas mais bobas que Harry já tinha visto, as quais, quando ele apitou, caíram na risada e ficaram se cutucando.

Romilda Vance estava entre elas. Quando Harry disse-lhes para que saíssem do campo, elas ficaram alegremente quietas e foram sentar-se nas arquibancadas junto com os outros. O terceiro grupo fez um giro incompleto ao redor do campo. A maioria do quarto grupo chegou sem vassouras. Os do quinto grupo eram da Lufa-lufa.

- Se há mais alguém aqui que não seja da Grifinória...- Harry rugiu, começando a se irritar seriamente. -...vá embora agora, por favor!.

Houve uma pausa, e dois pequenos alunos da Corvinal correram para fora do campo, soltando bufos e gargalhadas.

Após duas horas, muitas queixas e diversas irritações envolvendo uma Comet 260 estragada e diversos dentes quebrados, Harry havia encontrado três artilheiras: Katie Bell, de volta à equipe após um teste excelente; um novo achado que se chamava Demelza Robins, que era particularmente boa em evitar balaços; e Gina Weasley, que manteve a dianteira em toda a competição e marcou dezessete gols. Embora estivesse satisfeito com suas escolhas, Harry teve que gritar asperamente com muitos companheiros, agora estava numa batalha semelhante com os batedores rejeitados.

- Esta é a minha decisão final, e se não saírem do caminho como os goleiros, eu vou azarar vocês!- Ele gritou. Nenhum de seus batedores escolhidos tiveram o brilhantismo de Fred e George, mas ele estava razoavelmente satisfeito com eles: Jimmy Peakes, um menino curto mas de tronco largo do terceiro ano, que agitou o bastão furiosamente acertando um balaço que fez brotar um galo do tamanho de um ovo na parte traseira da cabeça de Harry, e Ritchie Coote, que não era muito forte mas apontava bem. Juntaram-se agora à Katie, Demelza, e Gina nas arquibancada para prestar atenção à seleção do último membro da equipe.

Harry tinha deixado deliberadamente a seleção dos goleiros por último, esperando por um estádio mais vazio e menos pressão da torcida. Infelizmente, todos os jogadores rejeitados e um número de gente que tinha vindo para o campo prestar atenção depois do almoço tinham formado uma multidão agora, de modo que estava maior do que antes. Enquanto cada goleiro voou até os aros para as defesas, a multidão rugia e gritava em igual medida. Harry olhou de relance para Ron, que sempre havia demonstrado problemas com os nervos; Harry tinha esperado que ganhar a final do último ano pudesse tê-lo curado, mas aparentemente não: Ron estava num tom delicado de verde. Nenhuns dos primeiros cinco pretendentes defenderam mais de dois gols cada. Para o grande desapontamento de Harry, Cormac McLaggen defendeu quatro faltas de cinco. No último, entretanto, disparou fora no sentido completamente errado; a multidão riu e vaiou, e McLaggen retornou ao chão rangendo os dentes.

Ron olhou pronto parecendo prestes a desmaiar quando montou sua Cleansweep 11.

- Boa sorte!- Gritou uma voz das arquibancadas.

Harry olhou ao redor, esperando ver Hermione, mas era Lavender. Ele gostaria de ter escondido seu rosto em suas mãos, como fez um momento mais tarde, mas pensou que como capitão ele deveria se mostrar ligeiramente mais confiante, e assim girou para ver o teste de Ron.

Contudo não precisava ter-se preocupado: Ron defendeu um, dois, três, quatro, cinco faltas seguidas. Encantado, e resistindo aos aplausos da multidão com dificuldade, Harry foi até McLaggen para dizer-lhe que infelizmente, Ron o tinha batido, mas encontrou apenas a cara vermelha de McLaggen avançando em sua direção. Deu um passo para trás rapidamente.

- Gina não o testou realmente.- Disse McLaggen de modo ameaçador. Havia uma veia que pulsava em sua têmpora como Harry via freqüentemente no tio Válter. - Ela deu-lhe defesas fáceis.

- Besteira.- Disse Harry friamente. - Aquele foi o que ele quase perdeu...

McLaggen se aproximou de Harry, que agora estava no solo.

- Dê-me outra chance.

- Não.- Disse Harry. - Você teve sua chance. Você defendeu quatro. Ron defendeu cinco. Ron é o goleiro, ele ganhou honestamente.

- Saia de minha frente.

Harry pensou por um momento que McLaggen fosse o esmurrar, mas ele se satisfez com um sorriso feio e tempestuoso e se afastou, rosnando o que soava como ameaças soltas no ar. Harry girou ao redor para encontrar sua nova equipe sorrindo de alegria.

- Muito bem.- Resmungou. - Você voou realmente bem!

- Você foi brilhante, Ron!

Desta vez era realmente Hermione que gritava para eles das arquibancadas; Harry viu Lavender diminuir o ritmo, de braço dado com Parvati, uma expressão levemente irritada. Ron ficou extremamente contente com ele mesmo e mais alto do que o usual enquanto sorriu para a equipe e para Hermione. Após marcar o primeiro treino completo para a próxima quinta-feira, Harry, Ron e Hermione se despediram do resto da equipe e dirigiram-se em direção à cabana de Hagrid. Um sol aquoso agora tentava aparecer através das nuvens e havia parado de chuviscar finalmente. Harry sentiu-se extremamente faminto; esperou que tivesse algo para comer na casa de Hagrid.

- Eu pensei que não iria pegar a quarta falta.- Ron disse feliz. - Arremesso complicado de Demelza, você viu, teve um pouco de curva nela...

- Sim, sim, você foi magnífico.- Disse Hermione, olhando distraidamente.

- Eu era melhor do que esse McLaggen de qualquer maneira.- Disse Ron com uma voz altamente satisfeita. - Você o viu virar a vassoura na direção errada em sua quinta falta? Ele pareceu confuso...

Para a surpresa de Harry, Hermione corou profundamente quando ouviu estas palavras. Ron não observou nada; estava demasiado ocupado descrevendo cada uma de suas outras faltas em detalhes apaixonados. O hipogrifo cinzento grande, Bicuço, estava em frente à cabana de Hagrid. Estalou seu bico afiado como navalha por causa da aproximação e girou sua cabeça enorme para eles.

- Oh meu Deus!- Disse Hermione nervosa. - Ele ainda é um bem assustador, não é?

- Sai dessa! Você montou nele, não montou- Ron disse.

Harry deu um passo à frente e fez uma reverência para o hipogrifo mantendo o contato visual e sem piscar. Após alguns segundos, Bicuço afundou-se em grande reverência.

- Como você está?- Harry perguntou em uma voz baixa, acariciando suas plumas, fazendo-o mover a cabeça levemente. - Senti sua falta. Mas você está bem aqui com Hagrid, não está?

- Olá!- Disse uma voz alta. Hagrid estava vindo da lateral de sua cabana desgastada usando um avental florido grande e carregando um saco de batatas. Seu cão enorme, Canino, estava em seu encalço; Canino deu um latido alto e parou à frente.

- Saiam daqui! Ou ele comerá seus dedos... Oh. Ele é perigoso.

Canino estava pulando em cima de Hermione e Ron, tentando lamber suas orelhas. Hagrid foi até a porta que estava rachada, abriu e entrou com um estrondo em sua cabana, batendo a porta atrás dele.

- Oh Hagrid!- Hermione disse, olhando abatida.

- Não se preocupe com ele.- Disse Harry friamente. Andou até a porta e bateu alto.

- Hagrid! Abra, nós queremos falar com você!

Não havia nenhum som no interior da cabana.

- Se você não abrir a porta, nós a explodiremos!- Harry disse, puxando sua varinha.

- Harry!- Hermione disse, parecendo chocada. - Você não pode fazer isso.

- Sim, eu posso!- Disse Harry. - Saia do caminho...

Mas antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, a porta abriu outra vez como Harry sabia que abriria, e Hagrid olhava bravo para ele, apesar do avental florido, positivamente alarmante.

- Eu sou um professor!- Rugiu para Harry. - Um professor, Potter! Como você ameaça derrubar a porta da minha cabana?

- Me desculpe, senhor.- Disse Harry, enfatizando a última palavra quando guardou sua varinha dentro de suas vestes. Hagrid olhou chocado.

- Desde quando tem o costume de me chamar de "senhor"?

- Desde quando tem o costume de me chamar de "Potter"?

- Oh, muito inteligente.- Resmungou Hagrid. - Muito cômico. Então é mais inteligente do que eu, não é? Está certo, entre então, pequeno mal agradecido...

Resmungando no escuro, afastou-se para trás e deixou-os passar. Hermione entrou logo após Harry, olhando um pouco temerosa.

- Bom?- Hagrid disse irritado, assim que Harry, Ron, e Hermione se sentaram em torno de sua enorme mesa de madeira. Canino colocou sua cabeça imediatamente em cima do joelho de Harry e babou em cima de suas vestes. - O que é isso? Sentiu-se preocupado comigo? Pensou que eu estava solitário ou abandonado?

- Não.- Disse Harry de uma vez. - Nós queríamos vê-lo.

- Nós sentimos sua falta!- Hermione disse tremendo.

- Sentiram minha falta, é?- Bufou Hagrid. - Sim, claro!- Ele parou, preparou um chá em sua chaleira de cobre enorme, murmurando de vez em quando. Finalmente colocou três canecas que mais pareciam baldes cheios de um chá marrom na frente deles e bolachas que pareciam rochas. Harry estava com muita fome, mas conhecia a comida de Hagrid e examinou primeiramente.

- Hagrid.- Disse Hermione tímida, quando ele foi para a pia e começou descascar suas batatas com uma brutalidade que sugeria que cada uma tinha cometido um erro pessoal grande. - Nós queríamos realmente continuar com Trato das Criaturas Mágicas, sabe.

Hagrid deu outra grande bufada. Harry preferivelmente pensou que haveria algumas lágrimas misturadas às batatas, e se ficou intimamente grato por que não permaneceriam para o jantar.

- Nós queríamos!- Hermione disse. - Mas nenhuns de nós poderia colocá-la em nossos horários!

- É. Certo!- Disse Hagrid outra vez. Havia um som engraçado de algo pesado caindo, e olharam todos ao redor: Hermione se esquivou rapidamente, e Ron pulou fora da sua cadeira e apressado em torno da mesa para longe do tambor grande que estava num canto, e que tinham apenas observado. Estava cheio de bichos como larvas com longos pés, limo, brancos, e artificiais.

- O que são eles, Hagrid?- Harry perguntou, tentando soar mais interessado do que revoltado, mas colocando suas bolachas de rocha todas nos bolsos.

- Só larvas gigantes.- Disse Hagrid.

- E crescem aonde...?- Ron perguntou, olhando apreensivo.

- Elas não crescem em nada.- Disse Hagrid. - Eu as consegui dando comida a Aragogue". (Não temos certeza desta parte. Original: They won' grow inter nuthin', "said Hagrid. "I got 'em ter feed ter Aragog.) E sem aviso, desatou a chorar.

- Hagrid!- Hermione gritou, levantando-se, dando rapidamente a volta à mesa, de modo a evitar o tambor das larvas, colocando um braço em volta de seus ombros que balançavam. - O que é isso?

- É... ele...- Hagrid engoliu em seco, seus olhos de besouros-pretos lacrimejaram, enquanto ele esfregava sua cara com o avental. - É... Aragogue... Eu acho que está morrendo... Começou a adoecer este verão, e ele não está melhorando... Eu não sei o que eu farei sem ele... Se... Nós estamos juntos a tanto tempo...

Hermione bateu no ombro de Hagrid, olhando completamente perdida, sem saber o que dizer. Harry sabia como ele se sentia. Ele sabia que Hagrid tinha o vício de confundir um perigoso dragão com um ursinho inofensivo, sem falar nos escorpiões gigantes que queimavam, sugavam e tinham espinhos, e na tentativa de ensinar seu brutal meio-irmão gigante, mas este talvez fosse a mais incompreensível de todas suas fantasias de monstros: a aranha gigantesca que fala, Aragogue, que residia embrenhada na floresta proibida, e da qual ele e Ron tinham escapado há somente quatro anos aproximadamente.

- Há alguma coisa que nós podemos fazer?- Hermione pediu, ignorando as caretas de Ron que sacudia a cabeça freneticamente.

- Eu não acho que há Hermione.- Engasgou Hagrid, tentando conter a enchente de lágrimas. - Veja, o resto de sua raça... A família de Aragogue... Estão aproveitando enquanto há tempo... Só um pouco inquietos...

- Sim, eu penso que nós vimos um pouco desse lado deles.- Disse Ron em um tom baixo.

- Eu não calculo que seja seguro a qualquer um, mas eu estou perto da colônia no momento.- Hagrid terminou, fungando seu nariz duro no avental e olhando para cima. - Mas agradeço a oferta, Hermione... Isso significa muito para mim.

Após isso, a atmosfera se amenizou consideravelmente, porque embora nem Harry nem Ron mostrassem inclinação para ir alimentar uma aranha homicida e gigantesca com as larvas gigantes, Hagrid pareceu concordar que eles só queriam fazer seu usual ego voltar ao normal mais uma vez.

- Er... Eu fiquei sabendo que seria difícil me espremer em seus horários. Ele disse bruscamente, servindo-os de mais chá. - Mesmo se vocês usassem o Vira-Tempo...

- Nós não poderíamos fazer isso.- Disse Hermione. - Nós despedaçamos o estoque inteiro de Vira-Tempos do ministério quando estivemos lá no último verão. Estava no Profeta Diário.

- Bem, então.- Disse Hagrid. - Não havia maneira de vocês resolverem isso... Sinto muito, eu estive... E ainda estou... Eu somente estive preocupado com Aragogue. E eu estive pensando, se a Professora Grubbly-Plank ainda estivesse ensinando...

Neste momento os três mentiram categoricamente sobre a Professora Grubbly-Plank, que havia substituído Hagrid algumas vezes, dizendo que era uma professora terrível, que os resultados do tempo com Hagrid os levava pra longe das premissas de um crepúsculo, e ele olhou totalmente cheio de si.

- Eu estou morrendo de fome.- Disse Harry, uma vez que a porta se tinha fechado atrás deles e estavam se apressando através da escuridão dos jardins desertos; tinha abandonado o bolo de pedra após um ruído ameaçador de uma rachadura em seus dentes molares.

- E eu tenho aquela detenção com Snape hoje à noite, e não tenho muito tempo para o jantar...

Enquanto eles estavam indo para o castelo encontraram Cormac McLaggen entrando no Salão Principal. Ele fez duas tentativas de passar pelas portas; fora ricocheteado do quadro na primeira tentativa. Ron meramente gargalhou e caminhou para dentro do Salão após ele, mas Harry travou o braço de Hermione e prendeu-a para trás.

- Que?- Disse Hermione defensivamente.

- Se você me perguntasse.- Disse Harry quietamente. - McLaggen parecia confuso esta manhã. E ele estava em pé exatamente em frente ao lugar onde você estava sentada.

Hermione corou.

- Oh, tudo bem então, eu fiz aquilo.- Ela sussurrou. - Mas você deveria ter ouvido a maneira que falava sobre Ron e Gina! De qualquer forma, ele tem um temperamento asqueroso, você viu como ele reagiu por não estar dentro... Você não iria querer alguém como ele na equipe.

- Não.- Disse Harry. - Não, eu suponho que é verdade. Mas isso não é desonesto, Hermione? Quero dizer, você é uma monitora, não é?

- Oh, fique quieto.- Ela vociferou, enquanto ele dava um sorriso forçado.

- O que vocês dois estão fazendo?- Reclamou Ron, reaparecendo na entrada do Salão Principal e olhando suspeito.

- Nada.- Disseram Harry e Hermione juntos, e apressaram-se atrás de Ron. O cheiro da carne assada fez o estômago de Harry doer de fome, mas tinham dado apenas três passos em direção à mesa da Grifinória quando o professor Slughorn apareceu na frente deles, obstruindo seu trajeto.

- Harry, Harry, justamente o homem que eu esperava ver!- Ele disse alegremente, girando as extremidades de seu bigode de morsa e estufando sua barriga enorme. - Eu esperava encontrá-lo antes do jantar! Que você diz de jantar hoje à noite em meus aposentos preferivelmente? Nós estamos tendo uma pequena festa, apenas algumas estrelas em ascensão, eu chamei McLaggen e Zabini, a encantadora Melinda Bobbin... Eu não sei se você a conhece! Sua família possui uma grande rede de farmácias... E, naturalmente, eu espero muito que a senhorita Granger viesse também.- Slughorn fez a Hermione uma reverência enquanto terminava de falar. Era como se Ron não estivesse presente; Slughorn não lançou se quer um olhar a ele.

- Eu não posso ir, professor.- Disse Harry de uma vez. - Eu tenho uma detenção com o professor Snape".

- Oh, meu caro!- Slughorn disse, sua cara esmorecendo comicamente. - Meu querido, eu estava contando com você, Harry! Bem, agora, eu terei que apenas ter uma palavra com Severus e explicar a situação. Eu sou certo que eu poderei persuadi-lo a adiar sua detenção. Sim, eu verei ambos mais tarde!- E apressou-se para fora do Salão.

- Não há nenhuma chance de persuadir Snape.- Disse Harry, no momento em que Slughorn ficou fora do alcance da voz. - Esta detenção já foi cancelada uma vez; Dumbledore pediu a Snape, mas não o fará para ninguém mais.

- Oh, eu gostaria que você pudesse vir, eu não quero ir sozinha!- Hermione disse ansiosamente; Harry percebeu que ela estava pensando em McLaggen.

- Eu duvido que você estará sozinha, Gina provavelmente foi convidada.- Completou Ron, que não via com bons olhos o desprezo de Slughorn.

Após o jantar, voltaram rapidamente à torre da Grifinória. O salão comunal estava muito cheio, porque a maioria dos alunos tinha terminado o jantar àquela hora, mas os três conseguiram encontrar uma mesa livre e se sentaram; Ron, que estava de mau humor desde o encontro com Slughorn, balançou os braços e fitou o teto com uma carranca. Hermione alcançou uma cópia do Profeta Noturno, que alguém havia abandonado em uma cadeira.

- Algo novo?- Disse Harry.

- Não, nada.- Hermione tinha aberto o jornal e fazia a leitura das páginas internas.

- Oh, olha, seu pai aqui, Ron, ele está ok!- Acrescentou rapidamente, porque Ron tinha olhado ao redor alarmado.

- Diz apenas que está revistando a casa dos Malfoy.

A segunda busca à casa dos Comensais da Morte parece não ter rendido nenhum resultado. Arthur Weasley, do escritório de Detenção e Apreensão de Contra-feitiços Defensivos e Objetos Protetores diz que sua equipe tem agido em cima de uma denúncia confidencial.

- Sim, a minha!- Harry disse. - Eu lhe disse na estação sobre Malfoy e essa coisa que estava tentando fazer Borgin arrumar! Bem, se não estiver em sua casa, deve ter trazido o que quer que seja a Hogwarts com ele...

- Mas como ele pode ter feito isso, Harry?- Disse Hermione, abaixando o jornal com um olhar surpreendido. - Todos nós fomos revistados quando chegamos, não fomos?

- Vocês foram?- Disse Harry, tentando se lembrar. - Eu não fui!

- Oh não, naturalmente você não foi, me esqueci que você chegou atrasado. Bem, Filch passou sobre todos nós com sensores de segredo quando chegamos ao Saguão de Entrada. Todo o objeto suspeito seria encontrado, Eu soube que Crabbe teve uma cabeça encolhida confiscada. Como você vê, Malfoy não pode ter trazido qualquer coisa perigosa!- Parando momentaneamente, Harry observou Gina Weasley jogando com Arnold o Pygmy Puff por um momento antes de ver uma maneira de argumentar.

- Alguém lhe enviou pelo correio coruja, então.- Disse. - Sua mãe ou alguém.

- Todas as corujas estão sendo verificadas também.- Disse Hermione. - Filch disse-nos que assim que ele terminar com aqueles sensores de segredos, todos os lugares seriam revistados.

Realmente perplexo, Harry não encontrou nada mais para dizer. Não pareceu haver nenhuma maneira pela qual Malfoy poderia ter trazido um objeto perigoso ou suspeito para a escola. Olhou esperançosamente para Ron, que estava sentado com seus braços dobrados, olhando fixamente para Lavender Brown.

- Você pode imaginar uma maneira de Malfoy...?

- Oh, deixe isso pra lá, Harry.- Disse Ron.

- Escute, não é minha culpa que Hermione e eu fomos convidados por Slughorn para seu clube estúpido, nenhum de nós quis ir, você sabe!- Harry disse, explodindo.

- Bem, como eu não fui convidado para nenhum clube...- Disse Ron, se levantando outra vez. -...Acho que vou para a cama.

E saiu porta afora rumo aos dormitórios, deixando Harry e Hermione olhando fixamente suas costas.

- Harry?- Disse a nova artilheira, Demelza Robins, aparecendo de repente em seu ombro. - Eu tenho uma mensagem para você.

- Do Professor Slughorn?- Harry perguntou, se sentando esperançosamente.

- Não... Do professor Snape. Disse Demelza.

O coração de Harry se afundou.

- Diz que você deve vir hoje à noite no seu escritório às oito e meia cumprir sua detenção... Hum... Não importa quantos convites de festas de você tenha recebido. E ele quer que você saiba que estará classificando vermes podres para serem usados em poções e... E ele disse que não há necessidade de trazer luvas protetoras.

- Certo.- Disse Harry rigidamente.

- Muito obrigado, Demelza.

= = = =

poções o que lhe rendia uma ótima reputação com Slughorn, mas também pequenas e imaginativas azarações e feitiços escritos nas margens, os quais Harry tinha certeza, julgando pelas conferências e revisões, foram inventadas pelo próprio Príncipe.

Harry já tinha tentado alguns dos feitiços do Príncipe. Havia uma azaração que causou um crescimento alarmantemente rápido das unhas do pé (ele havia tentado em Crabbe no corredor, com resultados bem atrativos); uma outra que grudava a língua no céu da boca (a qual ele havia experimentado duas vezes, sendo aplaudido por todos, em um inocente Argus Filch); e, talvez a mais útil de todas, Muffliato, um feitiço que preenchia os ouvidos de qualquer um com um zumbido irreconhecível, de forma que conversas prolongadas poderiam ser mantidas na sala sem que ninguém as ouvisse por acaso. A única pessoa que não achava essas coisas atrativas era Hermione, que fazia uma expressão rígida de desaprovação e se recusava a falar enquanto Harry mantivesse o feitiço Muffliato em alguém nas proximidades.

Sentando-se na cama, Harry virou o livro para examinar mais de perto algumas instruções rabiscadas de um feitiço que parecia ter causado alguns problemas para o Príncipe. Havia muitos riscos e alterações, mas finalmente, espremido no canto da página, o seguinte: Levicorpus (nvbl)

Enquanto o vento e a neve golpeavam com crueldade as janelas, e Neville roncava alto, Harry colocou os olhos nas letras entre parênteses. NVBL... O que significava "não verbal". Harry tinha lá suas dúvidas se seria capaz de realizar este feitiço; ele ainda tinha dificuldades com os feitiços não verbais, coisa que o Snape fazia questão de comentar em todas as aulas de Defesa Contra as Artes das Trevas. Por outro lado, o Príncipe tinha se demonstrado um professor mais competente do que Snape até agora. Apontando sua varinha para nada em particular, ele deu um golpe para cima com ela e disse mentalmente "Levicorpus"!

- Aaaaaaargh!- Houve um flash de luz e o quarto estava cheio de vozes: Todos acordaram quando Rony gritou. Harry jogou o Livro Avançado de Preparação de Poções em pânico; Rony balançando de cabeça para baixo no meio do ar como se um gancho estivesse o levantando pelo tornozelo.

- Desculpa!- Gritou Harry, quando Simas e Dino romperam-se em gargalhadas, e Neville acabou no chão ao cair da cama. - Agüenta aí... Eu vou colocar você no chão.

Ele procurou o livro de poções e folheou em pânico, tentando encontrar a página certa; finalmente ele a encontrou e decifrou as palavras espremidas abaixo do feitiço: Rezando para elas fossem o contra-feitiço, Harry pensou "Liberacorpur!" com toda a sua coragem. Houve um outro flash de luz, e Rony caiu em cima de seu colchão.

- Desculpa.- Repetiu Harry de forma envergonhada, enquanto Simas e Dino continuavam a dar gargalhadas.

- Amanhã.- Disse Rony com uma voz abafada. - Eu preferiria que você apontasse sua varinha para o despertador.

Após eles terem se vestido, com muitos suéteres feitos pela Sra. Weasley e levando também, casacos, cachecóis e luvas, Rony já havia se acalmado e decidido que o novo feitiço de Harry era bastante divertido; tão divertido, de fato, que ele não perdeu tempo em contar a Hermione toda a estória assim que eles se sentaram para o café da manha.

-...E então houve um outro flash de luz e eu estava sobre a cama de novo.- Rony deu um riso forçado servindo-se de salsicha.

Hermione não havia dado um sorriso durante toda a estória, e agora descarregava uma expressão de fria desaprovação sobre Harry.

- Tem alguma chance de este feitiço ser outro feitiço daquele seu livro de poções?- Ela perguntou.

Harry respondeu com desdém para ela.

- Você sempre indo para a pior conclusão, não é?

- Era?

- Bom... Sim, ele era, mas e daí?

- Então você apenas decidiu experimentar um feitiço desconhecido, escrito a mão e ver o que aconteceria?

- Qual a importância se ele foi escrito à mão?- Disse Harry, preferindo não responder a outra parte da pergunta.

- Por que é bem provável que esse não é um feitiço aprovado pelo Ministério da Magia.- Disse Hermione. - E também...- Ela acrescentou, quando Harry e Rony levantaram seus olhos. -...Por que eu estou começando a pensar que este Príncipe não era boa coisa.

Tanto Harry como Rony gritaram com ela ao mesmo tempo.

- Era uma piada.- Disse Rony, colocando ketchup em cima de suas salsichas. - Apenas uma piada, Hermione, só isso!

- Pendurar as pessoas de ponta cabeça pelo tornozelo?- Disse Hermione. - Quem põe seu tempo e energia em inventar feitiços como este?

- Fred e Jorge. Disse Rony dando de ombros. -Isto é o tipo de coisas deles. E, é...

- Meu pai.- Disse Harry. Havia vindo à tona de repente em sua mente.

- O que?- Disse Rony e Hermione juntos.

- Meu pai usou este feitiço.- Disse Harry. - Eu... Lupin me contou.

Esta última parte não era verdade; de fato, Harry havia visto seu pai usar o feitiço em Snape, mas ele nunca contou a Rony e Hermione sobre esta particular excursão dentro da Penseira. Agora, de qualquer forma, uma maravilhosa possibilidade lhe ocorreu.

- Será que há a possibilidade do Príncipe Mestiço ser...?

- Talvez tenha apenas usado Harry.- Disse Hermione. - Mas ele não é o único. Nós vimos um grupo de pessoas usando ele, no caso de você ter esquecido. Pendurando pessoas no ar. Fazendo-as flutuar por ai, adormecidas, desprotegidas.

Harry olhou para ela. Com um sentimento de tristeza, ele também lembrou-se do comportamento dos Comensais da Morte, na Copa Mundial de Quadribol. Rony veio para ajudá-lo.

- Aquilo foi diferente.- Ele disse firmemente. - Eles estavam maltratando. Harry e seu pai estavam apenas se divertindo. Você não gosta do Príncipe, Hermione.- Ele acrescentou, apontando uma salsicha para ela com severidade.- Por que ele é melhor que você em Poções.

- Não tem nada haver com isso.- Disse Hermione, suas bochechas ficando vermelhas. - Eu apenas acho que é muita irresponsabilidade começar a lançar feitiços quando você nem mesmo sabe para o que eles servem, e pare de falar no "Príncipe" como se este fosse o título dele, eu aposto que é apenas um apelido ridículo, e não me parece que ele fosse uma boa pessoa!

- Eu não vejo de onde você tirou isso.- Disse Harry raivosamente. - Se ele fosse um Comensal da Morte ele não estaria se gabando sobre ser de sangue mestiço, estaria?

Como ele mesmo havia dito, Harry lembrou-se que seu pai era de sangue puro, mas ele decidiu pensar nisso mais tarde...

- Os Comensais da Morte não podem se todos de puro sangue, não sobraram bruxos de sangue puro o suficiente.- Disse Hermione com teimosia. - Eu suponho que a maior parte deles são mestiços fingindo ser de sangue puro. São apenas os nascidos trouxas que eles odeiam, eles ficariam muito felizes de deixar você e Rony se juntarem a eles.

- Não há nenhuma possibilidade de eles permitirem que eu me torne um Comensal da Morte.- Disse Rony com indignação, um pouco de salsicha voou do seu garfo, que ele estava agora brandindo contra Hermione, atingindo Ernie Macmillan na cabeça. - Minha família inteira são de traidores do sangue. Isto é pior do que um nascido trouxa para os Comensais da Morte!

- E eles adorariam ter a mim.- Disse Harry com sarcasmo. - Nós teríamos sidos melhores amigos se eles não continuassem tentando me matar.- Isto fez Rony rir, até mesmo Hermione deu um sorriso fraco, e a distração do assunto em pauta veio na forma de Gina.

- Ei, Harry. Eu tenho que lhe dar isto.- Era um rolo de pergaminho com o nome de Harry escrito em letras finas, inclinadas e familiares a Harry.

- Obrigado Gina... É a próxima aula de Dumbledore!- Harry contou a Rony e Hermione, abrindo o pergaminho e lendo rapidamente o seu conteúdo. "Segunda à noite!" Ele sentiu-se repentinamente leve e feliz. - Quer ficar com a gente em Hogsmeade, Gina?- Ele perguntou.

- Eu vou junto com o Dino... Talvez eu os veja lá.- Ela respondeu, acenando para eles enquanto ia embora.

Filch estava parado na porta da frente como sempre, checando os nomes das pessoas que tinham permissão para ir a Hogsmeade. O processo levou mais tempo que o normal já que Filch estava checando três vezes todo mundo com o Sensor de segredo.

- O que interessa se nós estamos contrabandeando coisas para fora do castelo?- Exigiu saber Rony, observando o longo e fino Sensor de Segredo com apreensão. - Certamente você vai chegar o que nós estamos trazendo de volta para dentro?- Suas bochechas renderam a ele um pouco de tempo extra com o Sensor, e ele estava recuando à medida que eles saíram em direção vendo e a chuva de neve.

A caminhada para Hogsmeade não foi agradável. Harry cobriu o seu rosto com o cachecol; a parte exposta sentiu dormência. A estrada para a vila estava cheia de estudantes que se dirigiam em duplas contra o vento amargo. Mais de uma vez Harry perguntou-se se eles não teriam aproveitado mais o tempo em uma quentinha e aconchegante sala comunal, e quando eles finalmente chegaram a Hogsmeade e viram a loja de Logros Zonko aparecer, Harry tomou como confirmação de que esta viagem não estava destinada a ser divertida. Rony apontou, com a mão espessa por causa da luva, em direção a Dedos de Mel, a qual estava
misericordiosamente aberta, e Harry e Hermione chocados com sua trilha para dentro da loja lotada.

- Graças a Deus.- Tremeu Rony assim que eles estavam envolvidos pelo calor, e pelo ar adocicado. - Vamos ficar aqui a tarde inteira.

- Harry meu garoto!- Disse uma voz rouca atrás dele.

- Ah não!- Resmungou Harry.

Os três viraram para encontrar o professor Slughorn, que estava vestindo um enorme chapéu peludo e um sobretudo com colarinho de pele, carregando uma mala larga de abacaxis cristalizados, e ocupando pelo menos um quarto da loja.

- Harry, este é o terceiro dos meus pequenos jantares que você tem perdido agora!- Disse Slughorn, batendo alegremente no peito. - Isto não pode acontecer meu garoto, eu faço questão da sua presença! Srta. Granger adora eles, não é mesmo?

- Sim.- Disse Hermione sem jeito. - Eles são realmente...

- Então por que você não se junta a nós Harry?- Pediu Slughorn.

- Bem, eu tenho tido treino de Quadribol professor.- Disse Harry, que tinha procurado sempre agendar treinos de Quadribol toda vez que recebia um convite amarrado com fita violeta enviado por Slughorn. Esta estratégia significava que Rony não estava de fora, e eles geralmente riam com Gina, imaginando Hermione quieta com Maclaggen e Zabini.

- Bem, eu certamente espero que você vença sua primeira partida depois de todo este trabalho duro!- Disse Slughorn. - Mas um pouco de recreação nunca machucou ninguém. Agora, como em uma noite de segunda, você pode supostamente querer praticar com este tempo...

- Eu não posso professor, Eu terei... É... Um compromisso com o professor Dumbledore naquela noite.

- Sem sorte de novo!- Disse Slughorn dramaticamente. - Bom... você não pode se esquivar de mim para sempre Harry!

E com um aceno largo, ele saiu caminhando como um pato para fora da loja, tendo uma pequena percepção da presença de Rony que percebeu, como se ele fosse uma amostra de grupo de barata.

- Eu não acredito que você escapou de outro.- Disse Hermione, balançando suas mãos. - Eles não são tão ruins, sabia... Eles até são divertidos algumas vezes..- Mas então ela percebeu a expressão de Rony. - Oh, veja... Eles receberam penas de luxo açucaradas, essas devem durar horas.

Feliz que Hermione tinha mudado de assunto, Harry mostrou-se muito mais interessado na nova extra larga pena açucarada do que geralmente estaria, mas Rony continuou a olhar mal humorado e apenas encolheu os ombros quando Hermione perguntou onde ele queria ir depois.

- Vamos ao Três Vassouras.- Disse Harry. - Lá estará quente.

Eles protegeram seus rostos com os cachecóis novamente e saíram da loja de doces. O vento amargo era como facas nos seus rostos após o ar quente e adocicado da Dedos de Mel. A rua não estava muito cheia, ninguém estava conversando, apenas correndo em direção aos seus destinos. Exceção feita a dois homens um pouco à frente deles, parados do lado de fora do Três Vassouras. Um era muito alto e magro, olhando através dos seus óculos molhados pela chuva, Harry reconheceu o barman que

trabalhava no outro pub de Hogsmeade, no Cabeça de Javali. Como Harry, Rony e Hermione se aproximaram, o barman apertou sua capa com força ao redor do pescoço e entrou, deixando o homem mais baixo mexendo em algo nos seus braços. Eles estavam a poucos passos dele quando Harry percebeu quem o era o segundo homem.

- Mundungus!

O homem curvado sobre as pernas com um cabelo longo, bagunçado e de cor avermelhada pulou e deixou cair uma mala velha, a qual abriu a força, mostrando o que parecia ser todo o conteúdo de uma vitrine de loja de porcarias.

- Oh, fala ai, Arry.- Disse Mundungus Fletcher, com o mais não convincente ar de animação. - Bem, não me deixe segurar você. E ele começou a pegar do chão todo o conteúdo de sua mala parecendo desesperado para ir embora.

- Você está vendendo estas coisas?- Perguntou Harry, vendo Mundungus agarrar diversos objetos sujos pelo chão.

- Oh, bem, eu preciso sobreviver.- Disse Mundungus. - Me de isso!- Rony tinha parado e pego algo prateado.

- Espera ai.- Rony disse devagar. - Isto parece familiar.

- Obrigado!- Disse Mundungus, agarrando a taça das mãos de Rony e colocando de volta dentro da mala.

- Bem, eu vejo vocês por aí. UI!- Harry prensou Mundungus contra a parede do pub pela garganta. Segurando ele rápido com uma mão, ele puxou sua varinha.

- Harry!- Gritou Hermione.

- Você roubou isso da casa de Sirius.- Disse Harry, que estava quase cara a cara com Mundungus e estava exalava um cheiro desagradável de fumo e bebida. - Isto tem o brasão da família Black gravado.

- Eu... Não... O quê?- Disse Mundungus com dificuldade, que estava se tornado roxo aos poucos.

- O que você fez, voltou na noite em que ele morreu e limpou a casa?- Gritou Harry com fúria.

- Eu... Não...

- Dá isso aqui!

- Harry, você não faça isso!- Implorou Hermione, quando Mundungus começou a ficar azul.

Houve um bang e Harry sentiu suas mãos voarem da garganta de Mundungus. Engasgado e sussurrando, Mundungus agarrou sua mala caída no chão, e CRACK, ele desaparatou. Harry xingou alto, procurando desesperadamente para ver onde Mundungus tinha ido.

- VOLTA AQUI SEU LADRÃO!

- Não há razão para isso Harry.- Tonks tinha aparecido do nada, seu cabelo cor de rato molhado com a nevasca.

- Mundungus já está em Londres a está hora. Não há porque ficar gritando.

- Ele esta roubando as coisas de Sirius! Roubando!

- Sim, mais ainda.- Disse Tonks, que parecia perfeitamente despreocupada com esta informação. - Você deveria sair dessa friagem.

Enquanto ela vigiava, eles passarem pela porta do Três Vassouras. No momento em que ele estava dentro, Harry estourou novamente.

- Ele esta roubando as coisas de Sirius!

- Eu sei, Harry, mas, por favor, não grite, as pessoas estão olhando.- Falou Hermione. - Vá e se sente, eu pegarei uma bebida.

Harry ainda estava bufando quando Hermione voltou à mesa com três garrafas de cerveja amanteigada.

- A Ordem não pode controlar Mundungus?- Harry perguntou a eles em um sussurro furioso. - Eles não podem fazê-lo parar de roubar as coisas que estão na sede?

- Shh!- Disse Hermione desesperadamente, enquanto dava uma olhada para ter certeza que ninguém estava escutando; havia um par de feiticeiros que estavam sentados perto encarando Harry com grande interesse, e Zabini estava sentado contra um pilar não muito longe. - Harry, eu também ficaria chateada, eu sei que são suas coisas que ele está roubando.- Harry bebeu um gole da sua cerveja amanteigada; ele tinha se esquecido momentaneamente que ele era dono do Largo Grimauld 12.

- Sim, são minhas coisas!- Ele disse. - Não me surpreende que ele não gostou de me ver! Bem, eu vou contar para Dumbledore, ele é o único que assusta Mundungo.

- Boa Idéia.- Sussurrou Hermione vendo Harry se acalmar. - Ron, no que você esta pensando?

- Nada.- Disse Ron, enquanto olhava ao redor do bar, mas Harry soube que ele estava observando a atraente atendente do bar, a Senhora Rosmerta, para quem ele tinha uma queda há muito tempo.

- Eu acredito no "nada" na parte de trás do balcão.- Disse rispidamente Hermione. Ron ignorou, tomando um gole da bebida dele em que ele considerou ser um silêncio digno evidentemente. Harry estava pensando em Sirius, e como ele tinha odiado esse cálice prateado de qualquer maneira. Hermione tamborilou seus dedos na mesa, os olhos dela passando entre Ron e o bar. No momento em que Harry deu o ultimo gole na garrafa, ela disse. - Nós chamaremos isto de um dia e voltaremos para escola?

Os outro dois concordaram com a cabeça; não tinha sido uma viagem divertida e o tempo estava ficando pior com o passar das horas. Novamente eles puxaram suas capas ao redor deles, arrumaram os lenços deles, e colocaram suas luvas, Katie Bell seguida por uma amiga do bar seguiram pela Rua Alta. Os pensamentos de Harry foram Gina enquanto eles caminhavam de volta a Hogwarts. Eles não tinham se encontrado lá, provavelmente, pensou Harry, porque ela e Dino estavam dentro da casa de Chá Madame Puddifoot, aquele lugar para casais felizes. Fazendo careta, ele inclinou sua cabeça contra o granizo e continuou andando.

Demorou um pouco até que Harry percebesse que as vozes atrás dele eram de Katie Bell e sua amiga, com o vento as vozes tinham ficado mais estridentes e mais altas. Harry piscou às figuras indistintas delas. As duas meninas estavam tendo uma conversa sobre algo que Katie estava segurando na mão dela.

- Não tem nada a ver com você, Leanne!- Harry ouviu a Katie dizer.

Eles fizeram a curva na estrada, com o granizo caindo mais grosso e rápido, embaçando os óculos de Harry. Da mesma maneira que ele levantou a mão para esfregar, Leanne fez para agarrar o pacote que Katie estava segurando; Katie arrastou isto para trás e o pacote caiu ao chão. Imediatamente, Katie subiu no ar, não como tinha feito o Ron, comicamente suspenso pelo tornozelo, mas graciosamente, os braços dela estendido, como se ela estava a ponto de voar. Ainda havia algo errado, alguma

coisa sinistra... O cabelo foi chicoteado ao redor dela pelo vento feroz, mas os olhos dela estavam fechados e a face dela estava sem expressão. Harry, Ron, Hermione, e Leanne ficaram parados no rosto dela vendo.

Então, a seis pés do chão, Katie deixou sair um grito terrível. Os olhos dela se abriram deixando mostrar que ela estava sentindo ou vendo, estava causando uma angústia terrível. Ela gritou e gritou; Leanne começou a também gritar e agarrou os tornozelos de Katie, tentando puxar ela para o chão. Harry, Ron, e Hermione apressaram-se para ajudar, mas quando eles agarraram as pernas de Katie, ela caiu em cima deles; Harry e Ron conseguiram a segurar, porém ela estava se contorcendo tanto que eles não agüentaria muito. Então eles a colocaram no chão, onde ela gritava e se torcia, incapaz de reconhecer qualquer um deles. Harry olhou em volta; a paisagem parecia deserta.

- Fique lá!- Ele gritou aos outros em cima do vento uivante. - Eu vou chamar ajuda!- Ele começou a correr para a escola; ele nunca tinha visto alguém se comportar como Katie há pouco tinha se comportado e não pôde pensar o que tinha causado isto; ele fez a curva ao redor da estrada e colidiu com o que parecia ser um urso enorme.

- Hagrid!- Ele arquejou, enquanto se desembaraçava da cerca viva na qual ele tinha caído.

- Harry!- Disse Hagrid que tinha granizo até nas sombrancelhas, e estava usando o grande, felpudo casaco de pele de castor dele. - Eu estava indo justamente visitar Group, ele esta aqui por perto.

- Hagrid, tem alguém machucado ou azarado lá...

- Quê?- Disse Hagrid, enquanto abaixava para ouvir o que Harry tentava dizer com o vento.

- Alguém foi azarado.- Harry gritou.

- Azarado? Quem foi azarado? Ron? Hermione?

- Não, não são eles, é Katie Bell. Por aqui...

Juntos eles correram ao longo da pista. Não foi difícil achar o pequeno grupo das pessoas ao redor de Katie que ainda estava se torcendo e estava gritando no chão; Ron, Hermione, e Leanne eram os únicos tentando acalmá-la.

- Saiam dai!- Gritou Harry. - Deixe-me vê-la

- Aconteceu alguma coisa com ela!- Chorou Leanne. - Eu não sei o que...

Hagrid encarou Katie durante um segundo, então sem uma palavra, abaixou, a pegou no colo, e correu para o castelo com ela. Dentro de segundos, os gritos de Katie que perfuravam o vento se extinguiram. Hermione apressou-se sobre a amiga de Katie e pos o braço ao redor dela.

- Você é Leanne, não é?- A menina confirmou com a cabeça. - Isso aconteceu de repente, ou...?

- Foi quando aquele pacote rasgou.- Chorou Leanne, enquanto apontava um pacote de papel marrom encharcado no chão, no qual aberto revelava um resplendor esverdeado. Ron se ajoelhou, esticando a mão, mas Harry agarrou o braço dele e o retirou.

- Não toque!- Ele se agachou. Um colar de opala era visível, ressaltado sobre o papel.

- Eu já o vi antes.- Disse Harry, olhando a coisa. - Estava à mostra em Borgin e Burkes anos atrás. A embalagem foi amaldiçoada. Katie deve ter tocado.- Ele olhou para Leanne que tinha começado a tremer incontrolavelmente. - Como Katie conseguiu isto?

- Bem, isso é por isso que nós estávamos discutindo. Ela saiu do banheiro no Três Vassouras segurando isto, disse que era um prêmio surpresa para alguém em Hogwarts e ela tinha que entregar. Ela parecia toda engraçada quando disse isto... Oh não, oh não, eu aposto que ela sofreu a maldição Imperius e eu não percebi!

- Leanne tremeu com soluços renovados. Hermione bateu levemente o ombro dela suavemente.

- Ela não disse quem deu isto a ela, Leanne?

- Não... Ela não me falaria... E eu disse que ela estava sendo estúpida e em levar isto à escola, mas ela não escutava e... e então eu tentei tirar isto dela... E, e...- Leanne deixou sair uma lagrima de desespero.

- É melhor irmos para escola.- Disse Hermione, o braço dela ainda ao redor de Leanne. - Nós poderemos descobrir como ela esta. Venha...

Harry hesitou para um momento, então puxou o lenço dele ao redor do rosto e, ignorando o suspiro de Ron, cuidadosamente enrolou o colar nisto e o apanhou.

- Nós precisaremos mostrar para Madame Pomfrey.- Ele disse. Como eles seguiram Hermione e Leanne estrada a cima, Harry estava pensando furiosamente. Eles tinham acabado de entrar, quando Harry não segurou seus pensamentos. - Malfoy sabe sobre este colar. Estava em uma mala quatro anos atrás na Borgin e Burkes, eu o vi mantendo o olhar nele enquanto eu me escondia dele e de seu pai. Isto é o que ele estava comprando aquele dia quando nós o seguimos! Ele se lembrou e voltou para isto!

- Eu, eu não sei, Harry.- Disse o Ron indeciso. - Várias pessoas vão a Borgin e Burkes... E aquela menina não disse que Katie adquiriu isto no banheiro das meninas?

- Ela disse que ela voltou do banheiro com isto, ela necessariamente não adquiriu isto no próprio banheiro...

- McGonagall!- Chamou Ron desesperadamente.

Harry observou. Certamente, Professora McGonagall estava indo aos degraus para encontrar com eles.

- Hagrid disse que vocês quatro viram o que aconteceu com Katie Bell! Subam ao meu escritório, por favor! O que é que você está segurando, Potter?

- É a coisa que ela tocou.- Disse Harry.

- Bom Deus!- Disse a Professora McGonagall, parecendo assustada quando viu o colar com Harry. - Não, não, Filch, eles estão comigo!- Ela acrescentou apressadamente, quando Filch veio arrastando avidamente pelo corredor de entrada o Sensor de Segredo dele. - Leve este colar imediatamente ao Professor Snape, mas não toque nisto, mantenha embrulhado no lenço!

Harry e os outros seguiram a Professora McGonagall escada acima até o escritório dela. As janelas estavam respingadas de granizo tagarelando nas armações delas, e o quarto estava frio apesar da crepitação de fogo na lareira. Professora McGonagall fechou a porta e sentou na escrivaninha ao estar de frente a Harry, Ron, Hermione, e a Leanne ainda chorando.

- Bem?- Ela disse nitidamente. - O que aconteceu?

Devagar e com muitas pausas enquanto ela tentava controlar o choro, Leanne contou para Professora McGonagall como Katie tinha entrado no banheiro no Três Vassouras e tinha voltado com o pacote sem marca, como Katie estava estranha, e como

elas tinham discutido sobre concordar em entregar o objeto desconhecido, no momento em que à parte de cima do pacote rasgou e abriu. Neste momento, Leanne suspirou não havia mais nenhuma palavra saindo de sua boca.

- Certo.- Disse a Professora McGonagall, delicadamente. - Suba até a ala hospitalar, por favor, Leanne, e peça para Madame Pomfrey lhe dar algo para o choque.

Quando ela tinha deixado o escritório, a Professor McGonagall voltou a Harry, Ron, e Hermione.

- O que aconteceu quando a Katie tocou o colar?

- Ela subiu ao ar.- Disse Harry, antes de Ron ou Hermione responder - E então começou a gritar, e caiu. Professora, eu posso ver Professor Dumbledore, por favor?

- O diretor está fora até segunda-feira, Potter.- Disse a Professora McGonagall, parecendo surpresa.

- Fora?- Harry repetiu.

- Sim, Potter, fora!- Disse a Professor McGonagall. - Mas qualquer coisa você tem que dizer sobre este acontecimento horrível pode dizer a mim, eu lhe garanto!

Por uma fração de segundo Harry hesitou. A Professora McGonagall não o convidou a fazer confidencias; Dumbledore, entretanto em formas mais intimidadoras, ainda parecia desprezar uma teoria menos provável, porém selvagem. Esta era uma questão de vida ou morte, entretanto, e não tinha de se importar se iria rir dele. Eu acho que Draco Malfoy deu o colar a Katie, Professora.

Em um lado, Ron esfregou o nariz dele em um embaraçamento aparente; no outro, Hermione arrastou os pés dela como se bastante um pouco de distância entre ela e Harry.

- Isso é uma acusação muito séria, Potter.- Disse a Professora McGonagall, depois de uma pausa chocada. - Você tem alguma prova?

- Não.- Disse Harry. - Mas...- E ele lhe falou sobre Malfoy na Borgin e Burkes e a conversa que eles ouviram entre ele e Sr. Borgin Quando ele tinha terminado a frase, a Professora McGonagall olhou ligeiramente confusa.

- Malfoy levou algo a Borgin e Burkes para conserto?

- Não, Professora, ele queria que Borgin lhe contasse como reparar algo, ele não teve como fazer isso. Mas isso não é o ponto, a coisa é que ele comprou algo ao mesmo tempo, e eu acho que era aquele colar.

- Você viu Malfoy deixar a loja com um pacote semelhante?

- Não, Professora, ele disse para Borgin que mantivesse isto na loja para ele.

- Mas Harry.- Hermione interrompeu. - Borgin lhe perguntou se ele queria levar isto, e Malfoy disse não.

- Porque ele não quis tocar nele, obviamente!- Disse Harry furiosamente.

- O que ele disse na verdade foi "Como eu levaria isso rua abaixo?"- Disse Hermione.

- Bem, ele ficaria um pouco estranho levando o colar.- Interrompeu Ron.

- Oh, Ron.- Disse Hermione desesperada. - seria tudo embrulhado, assim ele não teria que tocar isto, e é bastante fácil esconder dentro de uma capa, assim ninguém veria! Eu acho que o objeto que ele reservou na Borgin e Burkes era barulhento ou volumoso, algo que ele soube que chamaria atenção se ele levasse. E em todo caso...- Ela falou alto, antes que Harry pudesse interromper. -...Eu perguntei para Borgin pelo colar, você não se lembra? Quando eu entrei para tentar descobrir o que Malfoy tinha lhe pedido que guardasse, eu vi isto lá. E Borgin me falou o preço, ele não disse que já estava vendido ou qualquer coisa.

- Bem, você estava sendo realmente óbvia, ele percebeu quem você era em cinco segundos, claro que ele não ia lhe falar, de qualquer maneira, Malfoy poderia ter pegado isso depois.

- Isso já é o bastante!- Disse a Professora McGonagall, quando Hermione abriu a boca para replicar, parecendo furiosa. - Potter, eu agradeço por me contar isto, mas nós não podemos acusar o Sr. Malfoy puramente porque ele visitou a loja onde este colar poderia ter sido comprado. Centenas de pessoas poderiam fazer isto!

- Foi o que eu disse.- Murmurou Ron.

- E em todo caso, nós pusemos segurança estrita este ano. Eu não acredito que o colar poderia ter entrado na escola sem nosso conhecimento.

- Mas...

- E mais.- Disse a Professor McGonagall, com um ar de finalidade terrível. - O Sr. Malfoy não estava em Hogsmeade hoje.- Harry ficou boquiaberto.

- Como você sabe, Professora?

Porque ele estava fazendo detenção comigo. Ele deixou de fazer as lições de Transfiguração por duas semanas. Então, obrigado por me contar suas suspeitas, Potter.- Ela disse e marchou além deles. - Preciso subir a ala hospitalar agora para inspecionar Katie Bell. Bom dia para todos vocês.- Ela segurou a porta do escritório aberta. Eles não tiveram escolha à não ser sair sem dizer mais nada.

Harry estava bravo com os dois por apoiar McGonagall; não obstante, ele se sentia compelido por ter que participar de mais uma discussão deles sobre o ocorrido.

- Então, quem você acha que pode ter dado o colar para Katie?- Ron perguntou, enquanto eles subiam os degraus até o salão comunal.

- Só Deus sabe.- Disse Hermione. - Mas quem quer que fosse teve uma fuga estreita. Ninguém poderia ter aberto aquele pacote sem tocar o colar.

- Poderiam ser muitas pessoas.- Disse Harry. - Dumbledore, os Comensais de Morte adorariam se livrar dele, ele deve ser um dos principais alvos deles. Ou Slughorn. Dumbledore realmente acha que Voldemort o quis e eles não gostaram que ele apoiasse Dumbledore. Ou...

- Ou você!- Disse Hermione, parecendo preocupado.

- Não poderia ser.- Disse Harry. - Ou Katie teria se virado no caminho e teria dado isto a mim, não teria? Eu estava atrás dela todo caminho do Três Vassouras. Faria mais sentido me entregar o pacote fora de Hogwarts, com Filch revistando todo mundo que entra e sai. Eu queria saber por que Malfoy lhe disse que levasse isto no castelo?

- Harry, Malfoy não estava em Hogsmeade!- Disse Hermione batendo o pé de frustração.

- Ele deve ter usado um cúmplice, então.- Disse Harry. - Crabbe ou Goyle ou, pensando assim, outro Comensal de Morte, ele terá comparsas melhores que Crabbe e Goyle agora que se uniu a eles...

Ron e Hermione trocaram olhares para não ter que discutir com ele.

- Dilligrout.- Disse Hermione firmemente quando chegaram a Senhora Gorda. O retrato balançou abrindo para o salão comunal. Estava bastante cheio e cheirando roupa úmida; muitas pessoas pareciam ter voltado cedo de Hogsmeade por causa do tempo ruim. Não havia nenhum barulho de medo ou especulação, porém: Claramente, as notícias de Katie não tinham ainda se espalhado.

- Não foi um ataque muito firme, quando você pára e pensa nisto.- Disse Ron, empurrando casualmente um dos alunos do primeiro ano para que pudesse se sentar em frente ao fogo. - A maldição nem mesmo se fez no castelo, não é o que você chamaria de infalível

- Você tem razão!- Disse Hermione, cutucando Ron para fora da poltrona com o pé dela e oferecendo novamente ao aluno do primeiro ano. - Não foi muito bem pensado.

- Mas desde quando Malfoy foi um dos grandes pensadores do mundo?- Harry perguntou.

Nem Ron nem Hermione lhe responderam.

= = = =

- Você lembrará, estou certo, do nosso último encontro sobre o começo de Lord Voldemort, no ponto onde o bonito trouxa, Tom Riddle, tinha abandonado sua esposa bruxa, Merope, e retornou para a casa de sua família em Little Hangleton. Merope foi esquecida em Londres, esperando um bebê que um dia se tornaria, Lord Voldemort.

- Como você sabe que ela estava em Londres, senhor?

- Por causa da evidência de Caractacus Burke.- Disse Dumbledore. - Que, por uma estranha coincidência, ajudou a achar a mesma loja aonde veio o colar sobre o qual nós discutimos há pouco tempo.

Ele remexeu o conteúdo da Penseira como Harry tinha o visto fazer antes, mas como um garimpeiro peneirando por ouro. Por cima da superfície, a massa prateada subindo um pouco, o velho homem revolvendo lentamente na Penseira, prateado como um fantasma, mas muito mais sólido, com uma mecha de cabelo cobrindo completamente os olhos dele.

- Sim, nós adquirimos isto em circunstâncias curiosas. Foi trazido por uma jovem bruxa antes do Natal, oh, há muitos anos atrás. Ela disse que precisava do ouro, bem, mas isso era óbvio. Coberta com trapos e bem longe de ser bonita... Esperando um bebê, veja. Ela disse que o medalhão tinha sido de Slytherin. Bem, nós ouvíamos aquele tipo de história todo o tempo. "Oh, isto era de Merlin, está era a chaleira favorita dele", mas quando eu olhei, a marca dele estava certa, e alguns feitiços simples eram o bastante para eu saber a verdade. Claro que, isso o fez bastante precioso. Ela não parecia ter qualquer idéia quanto ao preço. Feliz por receber dez Galeões por isso. Foi a melhor pechincha que nós fizemos!

Dumbledore deu uma remexida na penseira mais vigorosa e Caractacus Burke desceu através da massa de memória rodante de onde ele tinha vindo.

- Ele só lhe deu dez Galeões?- Disse Harry indignado.

- Caractacus Burke não era afamado pela generosidade dele.- Dumbledore disse. - Assim nós soubemos que, próximo ao fim da gravidez dela, Merope estava só em Londres, passando necessidade e desesperada por ouro, desesperada o bastante para vender seu único e mais valioso bem, o medalhão que era uma herança da família Marvolo.

- Mas ela poderia fazer magia!- Disse Harry impaciente. - Ela poderia ter comida e tudo para ela por magia, não é?

- Ah.- Dumbledore disse. - Talvez ela pudesse. Mas eu acredito, estou chutando novamente, mas estou seguro que tenho razão, que quando o marido dela a abandonou, Merope deixou de usar magia. Eu penso que ela não quis ser mais uma bruxa. Claro que, também é possível que a rejeição do amor dela e o desespero ajudaram a bloquear os poderes dela; isso pode acontecer. Em todo caso, como você pode ver, Merope recusou a usar a varinha dela até mesmo para salvar a própria vida.

- Ela não iria viver nem mesmo pelo filho dela?

Dumbledore ergueu as sobrancelhas.

- Você está sentindo pena de Lord Voldemort?

- Não.- Harry disse depressa. - Mas ela teve uma escolha, ela não fez, não foi como minha mãe.

- Sua mãe teve uma escolha também.- Dumbledore disse com suavidade. - Sim, Merope Riddle escolheu morrer apesar do filho que precisava dela, mas não a julgue muito severamente, Harry. Ela estava muito debilitada por muito tempo de sofrimento e ela nunca teve a coragem de sua mãe. E agora, se você me acompanhar...

- Aonde nós vamos?- Harry perguntou, quando Dumbledore se uniu à frente da escrivaninha.

- Neste momento...- Dumbledore disse. -...nós vamos entrar na minha memória. Eu acho que você encontrará detalhes ricos e satisfatoriamente precisos. Depois de você, Harry...

Harry se agachou para a Penseira; a face dele quebrou a superfície lisa da memória e então ele estava caindo pela escuridão novamente... Segundos depois, os pés dele bateram em solo firme; ele abriu os olhos e achou que ele e Dumbledore estavam numa antiquada e movimentada rua de Londres.

- Lá estou eu.- Disse Dumbledore alegremente apontando à frente deles para uma figura alta que cruzava a rua na frente de uma carrocinha de leiteiro.

Um mais jovem Albus Dumbledore de cabelo longo e barba ruiva. Tendo alcançado o lado deles na rua, ele subiu para a calçada e ganhou muitos olhares curiosos devido ao terno vistoso de corte de veludo cor de ameixa que ele estava usando.

- Terno discreto, senhor.- Harry disse, antes que conseguisse evitar, mas Dumbledore somente riu quando eles seguiram a versão mais jovem dele a uma pequena distância e atravessaram um portão duplo de ferro, finalmente entrando num pátio vazio e quadrado em frente a um edifício muito feio, cercado de grades altas. Ele subiu alguns degraus até à porta dianteira e bateu uma vez. Depois de um momento ou dois, a porta foi aberta por uma menina desprezível usando um avental.

- Boa tarde. Eu tenho um compromisso com a Sra. Cole que, eu acredito, é a encarregada aqui.

- Oh!- Disse a menina com um olhar confuso olhando a aparência excêntrica de Dumbledore. - Um... Só um mo. SRA. COLE!- Ela gritou por cima do ombro dela.

Harry ouviu uma voz distante gritando algo em resposta.- A menina deixou Dumbledore entrar. - Entre, ela virá ao seu encontro.

Dumbledore pisou num corredor ladrilhado preto e branco; o lugar inteiro era velho, mas muito limpo. Harry e o Dumbledore mais velho o seguiram. Antes que a porta dianteira tivesse fechado atrás deles, uma mulher fraca, de olhar hostil veio correndo até eles. Ela tinha um rosto comprido que aparecia mais ansioso que indelicado, estava discutindo sobre o ombro com outro ajudante de avental, ela caminhou de encontro a Dumbledore.

- ...E leve o iodo para Martha, Billy Stubbs está tirando a casca de suas feridas e Eric Whalley estava sujando todo o seu lençol. E além de tudo, ainda tem a catapora.- Ela não falava para ninguém em particular, então ela pôs seus olhos em Dumbledore e parou mortificada com seus passos.

- Boa Noite.- Disse Dumbledore oferecendo-lhe a mão. A Sra. Cole ficou de queixo caído.

- Meu nome é Alvo Dumbledore. Eu lhe mandei uma carta pedindo um encontro e você amavelmente me convidou para vir aqui hoje.

A Sra. Cole piscou. Aparentemente decidindo que Dumbledore não era uma alucinação, ela disse fracamente.

- Ah sim, bem... Bem então... Seria melhor você vir ao meu escritório. Sim.

Ela conduziu Dumbledore a um pequeno escritório que parte parecia uma Sala de Estar, a outra parte um escritório. Era tão miserável quanto o corredor e a mobília era velha e acabada. Ela convidou Dumbledore a se sentar em uma cadeira raquítica, sentando ela mesma atrás de uma escrivaninha atravancada, olhando para ele nervosamente.

- Estou aqui, como eu lhe falei em minha carta, para discutir sobre Tom Riddle e os planos para o seu futuro.- Disse Dumbledore.

- Você é da família?- Perguntou Sra Cole.

- Não, sou um professor.- Disse Dumbledore. - Vim aqui para oferecer a Tom uma vaga em minha escola.

- Que escola é, então?

- Ela se chama Hogwarts.- Disse Dumbledore.

- Então por que o senhor está tão interessado em Tom?

- Nós acreditamos que ele tem qualidades que estamos procurando.

- Você quer dizer que ele ganhou uma bolsa de estudos? O que ele fez pra isso? Ele nunca conseguiu uma.

- Bem, o nome dele foi gravado em nossa escola no momento em que ele nasceu.

- Quem o registrou? Os pais dele?

Não havia nenhuma dúvida que a Sra. Cole era uma inconvenientemente mulher cortante. Aparentemente, Dumbledore também pensou, pois Harry o viu retirar a varinha para fora do bolso do terno aveludado dele, retirando, ao mesmo tempo, um pedaço de papel perfeitamente em branco de cima da escrivaninha da Sra. Cole.

- Aqui.- Disse Dumbledore, que movimentou a varinha dele uma vez quando ele passou o pedaço de papel para ela. - Eu penso que isto deixará tudo claro .

Os olhos da Sra. Cole saíram fora de foco e ela contemplou atentamente ao papel em branco por um momento.

- Isso parece estar perfeitamente em ordem.- Ela disse calmamente e devolvendo o papel. Então, os olhos dela caíram em uma garrafa de gim e dois copos que certamente não estavam ali alguns segundos antes.

- Er... Eu posso lhe oferecer uma dose de gim?- Ela perguntou em uma voz refinada.

- Muito obrigado.- Dumbledore disse radiante.

Ficou logo claro que a Sra. Cole não era nenhuma principiante quando pegou a garrafa para beber. Virando uma dose generosa para ambos eles, ela pegou o próprio copo para um trago. Estalando os lábios dela francamente, ela sorriu pela primeira vez a Dumbledore, e ele não vacilou em tirar vantagem disso.

- Eu gostaria de saber se você poderia me contar qualquer coisa da história de Tom Riddle?

- Eu penso que ele nasceu aqui no orfanato.

- Isso está correto.- Disse a Sra. Cole se servindo de mais gim. - Eu me lembro disto claramente, como qualquer coisa, porque eu havia começado aqui há pouco. Era véspera do ano novo, mais amargamente frio, nevando, você sabe. Noite horrível. E, esta menina, não muito mais velha que eu era na ocasião, veio cambaleando nos degraus dianteiros. Bem, ela não foi à primeira. Nós a alojamos e ela teve o bebê em uma hora. E ela estava morta na outra hora. A Sra. Cole cabeceou e tomou outro trago generoso de gim.

Ela disse qualquer coisa antes de morrer?- Perguntou Dumbledore. - Qualquer coisa sobre o pai do menino, por exemplo?

- Agora, como acontece, ela disse. - Disse a Sra. Cole que parecia estar desfrutando bastante agora do gim na mão dela e uma audiência ansiosa pela história. - Eu me lembro que ela disse para mim, "eu espero que ele se pareça com o pai dele", e eu não mentirei, ela tinha razão em esperar isto, porque ela não tinha nenhuma beleza. E então ela me falou que ele seria chamado Tom, como o pai dele, e Marvolo, como o pai dela... Sim, eu sei, nome engraçado, não é? Nós desejamos saber se ela veio de um circo. E ela disse que o sobrenome do menino devia ser Riddle. E ela morreu em seguida sem outra palavra.

- Bem, nós o nomeamos da maneira que ela nos disse, parecia tão importante para a pobre menina, mas nem Tom, nem Marvolo, muito menos Riddle vieram procurando por ele, nem nenhuma família, então, ele veio para o orfanato e tem estado aqui desde então.

Ela se serviu, quase se preparando, para outra saudável dose de gim. Ela estava corada. Então ela disse. - Ele é um garoto engraçado.

- Sim.- Disse Dumbledore. - Eu achei que ele poderia ser.

- Ele era um bebê engraçado também. Era muito difícil dele chorar, você sabe. Então, quando ele envelheceu ele ficou... Estranho.

- Estranho de que modo?- Perguntou Dumbledore gentilmente.

- Bem, ele...- Mas a Sra. Cole parou de repente, e não havia nada obscuro ou vago sobre o olhar inquisitorial que ela atirou em Dumbledore em cima do copo de gim dele. - Ele definitivamente tem um lugar na sua escola, não é?

- Definitivamente.- Disse Dumbledore.

- E há nada que eu diga que possa reverter essa situação?

- Não,- Disse Dumbledore.

- Você vai levá-lo embora, certo?

- Certo.- Repetiu Dumbledore gravemente.

Ela piscou, olhando pra ele, decidindo se confiaria nele ou não. Aparentemente ela decidiu que confiaria, pois ela disse em uma pressa súbita.

- Ele assusta as outras crianças.

- Você acha que ele está perturbado?- Perguntou Dumbledore.

- Eu acho que ele deva estar.- Disse a Sra. Cole, sendo ligeiramente carrancuda. - Mas é muito difícil pegá-lo no ato. Houveram incidentes... Coisas sórdidas...

Dumbledore não a pressionou, embora Harry pudesse jurar que ele estava interessado. Ela ainda bebeu outro gole de Gim e as bochechas róseas dela ficaram ainda mais róseas.

- O coelho de Billy Stubbs... Bem, o Tom disse que ele não fez isto e eu não vejo como ele pôde fazer, mas mesmo assim, o coelho não se pendurou nas vigas. Mas como ele iria se pendurar?

- Eu não deveria pensar assim, não.- Dumbledore disse baixinho.

- Mas eu não tenho a mínima idéia de como ele conseguiu fazer isso. Tudo que eu sei é que ele e Billy tinham discutido um dia antes. E então...- A Sra. Cole tomou outro gole de gim que espirrou um pouco no queixo dela este momento. -...Na excursão de verão, nós os levamos para sair, você sabe, uma vez por ano, para a zona rural ou para o litoral. Bem, Amy Benson e Dennis Bishop nunca estavam totalmente certos depois e tudo que nós sabemos deles é que eles tinham entrado em uma caverna com Tom Riddle. Ele jurou só ter ido explorar, mas algo aconteceu lá, eu estou segura disto. E, bem, houve muitas coisas, coisas engraçadas...- Ela deu uma olhada novamente a Dumbledore, e embora as bochechas dela estivessem enxaguadas, o olhar dela era fixo. - Eu não acho que muitas pessoas ficarão tristes em vê-lo pelas costas.

- Você entende, eu estou certo, que nós não o estaremos mantendo permanentemente?- Disse Dumbledore. - Ele terá que voltar aqui, pelo menos, todos os verões.

- Oh, bem, isso é melhor que um golpe no nariz com uma soqueira enferrujada.- Disse a Sra. Cole com um soluço. Ela trocou os pés e Harry ficou impressionado por ver que ela estava bastante segura, embora já tivessem sido dois terços da garrafa de gim agora. - Eu suponho que você gostaria de vê-lo?

- Muito.- Disse Dumbledore subindo.

Ela o conduziu para fora do escritório e subindo os degraus de pedra, dando instruções e advertências aos ajudantes e crianças pelos quais ela passou. Os órfãos, Harry viu, estavam todos usando o mesmo tipo de túnica cinzenta. Eles pareciam razoavelmente bem, mas não havia nenhuma dúvida que este era um lugar horrendo no qual crescer.

- Aqui estamos nós.- Disse a Sra. Cole, quando eles viraram e pararam ao lado de fora da primeira porta em um longo corredor. Ela bateu duas vezes e entrou.

- Tom? Você tem uma visita. Este é Sr. Dumberton, ou melhor, Dunderbore. Ele veio lhe falar... Bem, eu o deixarei fazer isto.

Harry e os dois Dumbledores entraram no quarto, e a Sra. Cole fechou a porta atrás deles. Era um quarto vazio e pequeno com nada mais que um guarda roupa velho e uma cama de armar de ferro. Um menino estava sentando em cima das mantas cinzas, as pernas dele esticadas para fora e segurando um livro. Não havia nenhum sinal de 'Gaunts' na face de Tom Riddle. Merope agonizante teve seu desejo realizado: Ele era o bonito como pai mais jovem, alto para onze anos, cabelos escuros e rosto pálido. Os olhos dele estreitaram ligeiramente com o aparecimento excêntrico de Dumbledore. Houve o silêncio por um momento.

- Como você está, Tom?- Perguntou Dumbledore, caminhando para frente e oferecendo a mão a ele.

O garoto hesitou, então se aproximou e eles apertaram as mãos. Dumbledore colocou uma cadeira de madeira dura ao lado de Riddle, então de forma que o olhou bastante como um paciente de hospital e visita.

- Eu sou o Professor Dumbledore.

- Professor?- Repetiu Riddle. Ele parecia cauteloso. - É como Médico? O que está fazendo aqui? Ela o deixou entrar para poder me examinar?- Ele estava apontando à porta pela qual Sra. Cole a pouco tinha partido.

- Não, não.- Disse Dumbledore, sorrindo.

- Eu não acredito em você.- Disse Riddle. - Ela quer que eu seja examinado, não quer? Fale a verdade!

Ele falou as últimas três palavras com uma força tocante, que soaram quase como um trovão. Ele era como um comandante, pois essas últimas três palavras soaram como se ele tinha feito isto muitas vezes antes. Suas pupilas se alargaram e cintilaram na direção de Dumbledore, que não formulou resposta alguma, apenas continuou sorrindo agradavelmente. Depois de alguns segundos, Riddle parou de olhar fixamente, entretanto, ele olhava para tudo muito cauteloso.

- Quem é você?

- Eu já lhe disse. Meu nome é Professor Dumbledore e eu trabalho em uma escola chamada Hogwarts. Eu venho para oferecer-lhe uma vaga na minha escola, sua nova escola, se você quiser vir.

A reação de Riddle foi surpreendente. Saltou da cama, para ficar longe de Dumbledore, parecia furioso.

- Você não conseguirá me enganar. Do Asilo, é de onde você é. "Professor", sim, claro. Bem, eu não vou, viu? Aquele gato velho, ele sim deveria estar no Asilo. Eu nunca fiz qualquer coisa a pequena Amy Benson ou Dennis Bishop, e você pode lhes perguntar, eles lhe falarão!

- Eu não sou do Asilo.- Disse Dumbledore pacientemente. - Eu sou professor e se você se sentar calmamente, eu lhe falarei mais sobre Hogwarts. Claro, se você não decidir ir para a escola, ninguém lhe forçará.

- Eu gostaria de vê-los tentar.- Zombou Riddle.

- Hogwarts...- Dumbledore disse como se não tivesse ouvido as últimas palavras de Riddle. -... É uma escola para pessoas com habilidades especiais.

- Eu não sou louco!

- Eu sei que você não está louco. Hogwarts não é uma escola para pessoas loucas. É uma escola de magia.

Houve silêncio. Riddle ficou gelado, a face inexpressiva, mas os olhos dele estavam indo de um olho para outro de Dumbledore, como se tentasse pegar um deles mentindo.

- Magia?- Ele repetiu em um sussurro.

- É!- Disse Dumbledore.

- É... É magia, o que eu posso fazer?

- O que é que você pode fazer?

- Todo tipo de coisas.- Riddle respirou. Um rubor de excitação estava se subindo pelo pescoço e nas bochechas dele; ele olhou febrilmente. - Eu posso mover arquivos sem os tocar. Eu posso fazer animais fazerem o que eu quero que eles façam, sem os treinar. Eu posso fazer coisas ruins acontecer às pessoas que me aborrecem. Eu posso lhes causar dor se eu quiser. As pernas dele estavam tremendo. Ele tropeçou e se sentou novamente na cama e encarando as mãos dele, a cabeça curvada como se fosse em oração. - Eu soube que eu era diferente.- Ele sussurrou aos próprios dedos que tremiam. - Eu soube que eu era especial. Eu sempre soube que havia algo...

- Bem, você estava bastante certo.- Dumbledore disse, já não estava sorrindo, mas olhando Riddle atentamente. - Você é um mago.

Riddle ergueu a cabeça. A face dele estava transfigurada: Havia uma felicidade selvagem nisto, contudo por alguma razão não melhorou a expressão dele; pelo contrário, as características finamente esculpidas dele pareciam mais ásperas, de alguma maneira, a expressão dele era quase bestial.

- Você também é um mago?

- Sim, eu sou.

- Prove.- Riddle disse imediatamente, no mesmo tom dominante que tinha usado quando ele tinha dito. - Conte a verdade.

Dumbledore ergueu as sobrancelhas.

- Se, eu fizer isto, você estará aceitando seu lugar em Hogwarts.

- Claro que eu vou!

- Então você deve me tratar como "Professor" ou "Senhor".

A expressão de Riddle endureceu por um momento passageiro antes que ele dissesse, em uma irreconhecível voz cortes.

- Eu sinto muito, senhor. Eu quis dizer... Por favor, Professor, você poderia mostrar para mim?

Harry tinha certeza que Dumbledore ia recusar, que ele contaria a Riddle que haveria bastante tempo para demonstrações práticas em Hogwarts, que eles estavam em um edifício cheio de trouxas e deviam ser mais cautelosos. Para a grande surpresa dele, porém, Dumbledore tirou a varinha do bolso interior da jaqueta do terno dele, apontou para o guarda roupa no canto e deu com a varinha um estalido casual. O guarda roupa explodiu em chamas. Riddle saltou; Harry não o poderia culpar por quase uivar em choque e ira; todos seus bens deviam estar lá. Mas quando Riddle se afastou de Dumbledore, as chamas desapareceram e deixaram o guarda roupa completamente intacto. Riddle olhou do guarda roupa para Dumbledore; então, com uma expressão ávida, ele apontou à varinha.

- Onde eu posso adquirir uma dessas?

- Tudo há seu tempo.- Dumbledore disse. - Eu penso que há algo tentando sair de seu guarda roupa.

E, seguramente, uns ruídos baixos poderiam ser ouvidos de dentro dele. Pela primeira vez, Riddle olhou assustado.

- Abra a porta.- Dumbledore disse.

Riddle vacilou, então cruzou o quarto e abriu a porta de guarda roupa. Na prateleira mais alta, sobre um monte de roupas puídas, estava balançando uma caixa de papelão pequena e sacudindo tanto como se houvesse vários ratos frenéticos presos dentro dela.

- Tire.- Dumbledore disse.

Riddle tirou a caixa que tremia. Ele olhou nervoso.

- Há qualquer coisa naquela caixa que você não deveria ter?- Perguntou Dumbledore.

Riddle lançou a Dumbledore um longo, claro e calculista olhar.

- Sim, eu acho que sim, senhor.- Ele disse finalmente, numa voz inexpressiva.

- Abra isto. Dumbledore disse.

Riddle abriu a tampa e virou o conteúdo sobre a cama dele sem os olhar. Harry, que tinha esperado algo muito mais excitante, viu uma bagunça de objetos pequenos, cotidianos: um ioio, um dedal prateado, e uma gaita manchada entre eles. Uma vez livre da caixa, eles deixaram de tremer e ainda se deitaram nas mantas velhas.

- Você os devolverá aos donos deles com suas desculpas.- Dumbledore disse calmamente, repondo a varinha na jaqueta dele. - Eu saberei se foi feito. E advirto: Furto não é tolerado em Hogwarts.

Riddle não parecia nem remotamente envergonhado; ele ainda estava encarando Dumbledore friamente. Afinal ele disse em uma voz inexpressiva.

- Sim, senhor.

- Em Hogwarts.- Dumbledore disse. - Nós não só lhe ensinamos a usar magia, mas a controlar. Você tem inadvertidamente, eu estou seguro, usado seus poderes de certo modo. Isso não é nem ensinado nem tolerado em nossa escola. Você não é o primeiro, nem você será o último, a usar sua magia para ajudar você. Mas você deveria saber que Hogwarts pode expulsar os estudantes, e o Ministério de Magia, sim, há um Ministério, ainda castigará mais severamente os transgressores da lei. Todos os magos menores têm que aceitar que, entrando em nosso mundo, eles cumprem nossas leis.

- Sim, senhor.- Riddle disse novamente.

Era impossível saber o que ele estava pensando; a face dele permanecia bastante inexpressiva quando ele repôs, no pequeno esconderijo, os objetos roubados na caixa de papelão. Quando ele tinha terminado, ele virou a Dumbledore e disse maldoso.

- Eu não tenho dinheiro.

- Isso é corrigido facilmente.- Dumbledore disse, tirando uma bolsa de couro com dinheiro do bolso. Há uma bolsa em Hogwarts para os que precisam de ajuda para comprar livros e uniformes. Você poderia ter que comprar alguns de seus livros de feitiços e os outros de segunda mão, mas...

- Onde você compra livros de feitiços?- Interrompeu Riddle que tinha guardado a bolsa de dinheiro pesada sem agradecer Dumbledore e estava examinando um Galeão de ouro grosso agora.

- No Beco Diagonal.- Dumbledore disse. - Eu tenho sua lista de livros e material escolar comigo. Eu posso lhe ajudar a achar tudo...

- Você vai ir comigo?- Perguntou Riddle observando.

- Certamente, se você...

- Eu não preciso de você.- Disse Riddle. - Eu faço as coisas que eu quero, eu vou para Londres quando eu quiser. Como você chega neste beco Diagonal... Senhor?- Ele adicionou, captando o olhar de Dumbledore.

Harry pensou que Dumbledore insistiria em acompanhar Riddle, mas mais uma vez teve uma surpresa. Dumbledore entregou a Riddle o envelope com sua lista de materias e de depois dizer exatamente como chegar do Orfanato ao Caldeirão Furado, ele disse.

- Você tem possibilidade de ser visto, devido aos trouxas que te rodeiam, as pessoas não-mágicas, mas não será. Peça para o Tom "o barman". É bastante fácil de se lembrar, como ele saberá seu nome...

Riddle deu um estremeção irritável, como se tentando espantar uma mosca.

- Você repugna o nome Tom? Há muito Toms.- Murmurou Tom. Então, como se ele não pôde suprimir a pergunta, como se tivesse estourado de sua boca, ele perguntou: - Meu pai era um bruxo? Ele se chamava Tom Riddle também, me falaram.

- Eu não sei. Disse Dumbledore com sua voz gentil

- Minha mãe não pode ter sido bruxa, ou ela não teria morrido.- Disse Riddle mais para ele mesmo do que pra Dumbledore. - Deveria ter sido ele. Então, quando eu tiver todos meus materiais, quando eu irei para Hogwarts?

- Todos os detalhes estão no segundo pedaço de pergaminho em seu envelope.- Disse Dumbledore. - Você partirá da Estação King's Cross no dia primeiro de setembro. Há uma passagem de trem lá também.

Riddle acenou com a cabeça. Dumbledore pôs-se de pé e estendeu-lhe a mão de novo. Pegando-a Riddle disse-lhe.

Eu posso falar com as cobras. Eu descobri quando nós fomos viajar pelo país, elas me acharam, eles sussurram pra mim. Isso é normal para um bruxo?

Harry poderia jurar que ele tinha guardado a menção deste poder estranho até aquele momento, determinado a impressionar.

- É incomum.- Disse Dumbledore, após um momento de hesitação. - Mas não é impossível.

O tom dele era casual, mas os olhos dele moveram curiosamente sobre a face de Riddle. Eles ficaram durante um momento, homem e menino, encarando um ao outro. Então quando o aperto de mão foi quebrado; Dumbledore estava à porta.

- Adeus, Tom. Nos veremos em Hogwarts.

- Então foi assim que aconteceu.- Disse Dumbledore de cabelos brancos ao lado de Harry e um segundo depois, eles estavam flutuando mais uma vez para a escuridão antes de pousar no escritório atual.

- Sente-se.- Disse Dumbledore pousando ao lado dele.

Harry obedeceu, a mente dele ainda cheia do que ele há pouco tinha visto.

- Ele acreditou nisto muito mais rápido do que eu, eu quero dizer, quando você lhe falou que ele era um bruxo.- Disse Harry. - Eu não acreditei em Hagrid de primeira quando ele me disse.

- Sim, Riddle estava perfeitamente pronto para acreditar que ele era, usando a palavra dele, "especial". - Disse Dumbledore.

- Você soube, então...?- Perguntou para o Harry.

- Se eu soube que eu tinha conhecido o bruxo das trevas mais perigoso de todos os tempos?- Disse Dumbledore. - Não, eu não tive nenhuma idéia que ele ao crescer seria o que ele é. Porém, eu fiquei certamente intrigado por ele. Eu voltei a Hogwarts pretendendo manter um olho nele, algo que eu deveria ter feito em todo caso, determinado que ele estava só e sem amigos, mas já que eu sentia que deveria fazer por causa de outros. Os poderes dele, como você ouviu, foram desenvolvidos surpreendentemente para um bruxo jovem e, de forma interessante e sinistra, ele já tinha descoberto que tinha algum controle sobre eles e começado a usar os conscientemente. Ele já estava pronto para usar magia contra outras pessoas, amedrontar, castigar, controlar. As pequenas histórias do coelho estrangulado e o menino jovem e a menina que ele atraiu em uma caverna eram muito sugestivas... "Eu os posso machucar se eu quiser"...

- E ele era Ofidioglota.- Interviu Harry.

- Sim, realmente; uma habilidade rara e supostamente conectado com as Artes das trevas, embora como nós sabemos, há Ofidioglotas entre as trevas e o bem também. Na realidade, a habilidade dele para falar com serpentes não me fez tão intranqüilo quanto os instintos óbvios dele para crueldade, segredo, e dominação. O tempo está nos fazendo de bobos. - Disse Dumbledore, indicando o céu escuro além das janelas, novamente. - Mas antes de nos despedirmos, eu quero chamar sua atenção a certas características da cena que nós há pouco testemunhamos, porque elas têm um grande porte nos assuntos que nós estaremos discutindo em reuniões futuras. Primeiramente, eu esperei que você notasse a reação de Riddle quando eu mencionei que outro compartilha do primeiro nome dele, "Tom"!

Harry concordou.

- Lá ele mostrou o desprezo dele por qualquer coisa que o prendia a outras pessoas, qualquer coisa que o fazia comum. Até mesmo, então, ele desejou ser diferente, único, notório. Ele infiltrou o nome dele, como você sabe, dentro de alguns poucos anos daquela conversação e criou a máscara de Lord Voldemort, atrás do qual ele ficou muito tempo escondido. Eu acredito que você também notou que aquele Tom Riddle já era altamente independente, reservado, e, aparentemente, sem amigos? Ele não quis ajuda ou companhia na viagem dele para o Beco Diagonal. Ele preferiu ir sozinho. O adulto Voldemort é o mesmo. Você ouvirá muitos dos Comensais da Morte reivindicando que eles são de confiança dele, próximos e que o compreendem. Eles estão iludidos. Lord Voldemort nunca teve um amigo, nem eu acredito que ele alguma vez quis um. E, por último, eu espero que você não tenha muito sono para e prestou atenção a isto, Harry. O Tom Riddle jovem sempre ostou de colecionar troféus. Você viu a caixa de artigos roubados que ele tinha escondido no quarto dele. Estes foram levados de vítimas do comportamento perseguidor dele, recordações, de partes particularmente desagradáveis de magia. Tenha em mente esta tendência, pois isto, particularmente, será importante depois. E agora, realmente é tempo de ir para a cama.

Harry seguiu os passos dele. Como ele caminhou para o outro lado da sala, os olhos dele recaíram na pequena mesa na qual o anel de Marvolo Gaunt tinha estado nos últimos tempos, mas o anel não estava mais lá.

- Sim, Harry?- Disse Dumbledore para Harry que estava vindo e parou.

- Mas eu pensei que você poderia ter a gaita ou algo do tipo.

Dumbledore sorriu para ele, perscrutando no topo no hall os espetáculos da Lua.

- Muito astuto, Harry, mas a gaita era somente a gaita.

E, com aquela nota enigmática, ele acenou, Harry entendeu e se despediu.

= = = =

## ===== CAPÍTULO 14 =====
## *FELIX FELICIS*

A primeira aula de Harry da manhã seguinte era Herbologia. Durante o café da manhã, ele não comentou com Ron e Hermione sobre a aula com Dumbledore, receando ser ouvido por outras pessoas e deixando assim para contar-lhes no caminho para as estufas. O vento brutal do fim de semana finalmente desaparecera; a névoa misteriosa havia voltado, o que acabou levando os garotos a um caminho um pouco mais longo que o habitual, até achar a estufa correta.

- Uau, pensamento assustador, sobre o menino Você-sabe-quem.- Ron disse baixinho, ao tomarem seus lugares ao redor dos tocos nodosos de Snargaluff, os quais formavam um casulo protegido, e a pegar as luvas protetoras. - Mas eu ainda não entendo por que Dumbledore está mostrando a você tudo isso. Eu quero dizer, é realmente interessante, mas qual é o objetivo?

- Bem.- Harry disse, colocando um protetor de gengiva. - Ele diz que isso tudo é importante e me ajudará a sobreviver.

- Eu penso que é fascinante.- Disse Hermione. - Faz total sentido saber tanto quanto possível sobre Voldemort. Como você descobriria as fraquezas dele?

- E então, como foi a última festa do Slughorn?- Harry lhe perguntou.

- Oh, realmente muito divertida.- Hermione disse, enquanto colocava os óculos de proteção. - Quero dizer, ele falou um pouco sobre suas façanhas famosas e bajulou absurdamente McLaggen pelo fato de ser bem relacionado, mas comemos realmente bem e ele nos apresentou a Gwenog Jones.

- Gwenog Jones?- Perguntou Ron, arregalando os olhos por baixo dos óculos de proteção. - A Gwenog Jones? Capitã do Holyhead Harpies?

- Ela própria!- Hermione disse. - Pessoalmente, eu a achei um pouco cheia de si, mas...

- Há muita conversa por aqui!- Interrompeu a Professora Sprout agitada, atarefada e olhando duramente para eles. - Vocês estão ficando para trás, todos já começaram, e Neville já pegou seu primeiro "pod"!- Os garotos olharam ao redor; certamente lá estava Neville, sentado com os lábios sangrando e vários arranhões feios ao longo de um lado do rosto, mas apertando um desagradável objeto verde do tamanho de uma toronja.

- Certo, Professora, nós estamos começando agora!- Disse Ron, que acrescentou baixinho ao ver que a Prof. virara-se novamente: - Devíamos usar o Muffliato, Harry.

- Não, nós não deveríamos!- Disse Hermione imediatamente, olhando, como ela sempre fazia, muito contrariada à simples menção do Príncipe Mestiço e seus feitiços. - Bem, venha... Nós mudaremos isso...- Ela deu outro olhar apreensivo aos dois; eles respiraram fundo e então se concentraram no nodoso toco entre eles. Aquilo imediatamente ganhou vida; longos e espinhosos ramos de "bramblelike" voaram ao topo e se chicotearam no ar. Um deles enroscou no cabelo de Hermione e Ron jogou-os para trás com um par de tesouras de jardinagem; Harry teve sucesso apanhando um par de ramos e amarrando um no outro; um buraco se abriu no meio dos tentáculos e Hermione corajosamente mergulhou seu braço nele, mas o mesmo se fechou como uma armadilha em torno de seu cotovelo; Harry e Ron arrastaram e torceram os galhos para forçar o buraco a se abrir novamente; a garota, usando o braço livre, apertou nos dedos um "pod" igual ao de Neville. Imediatamente os galhos espinhosos recuaram para dentro e o toco nodoso se aquietou, como um inofensivo pedaço de madeira.

- Sabe, acho que não vou querer ter qualquer um destes em meu jardim quando tiver minha própria casa.- Rony disse, empurrando os óculos de proteção até a testa e enxugando o suor do rosto.

- Me alcance uma tigela.- Hermione disse, segurando o pod; Harry entregou-lhe e ela depositou o pod com um olhar de desgosto.

- Não seja enjoada, esprema-o para fora, eles são melhores quando estão frescos!- Disse a Professora Sprout.

- De qualquer modo.- Hermione disse, continuando a conversa interrompida como se aquele pedaço de madeira não os tivesse atacado. - Slughorn dará uma festa de Natal, Harry, e não há como você escapar, pois ele, na verdade, me pediu que conferisse suas noites livres, assim ele estaria seguro de ter uma noite que você possa ir.

Harry gemeu. Enquanto isso, Ron, que tentava estourar o pod na tigela com as duas mãos, espremendo o máximo que podia, disse furiosamente.

- Outra festa só para os favoritos do Slughorn, é?

- Somente para o Clube do Slug, sim.- Hermione respondeu.

O pod escapou por entre dos dedos de Ron e bateu no vidro da estufa, passando por trás da cabeça da Professora Sprout e derrubando seu chapéu velho e remendado. Harry foi recapturar o pod; e quando ele voltou, Hermione dizia.

- Olhe, eu não inventei o nome "Clube do Slug".

- "Clube do Slug".- Repetiu Ron com uma zombaria típica do Malfoy. - É patético. Bem, eu espero que você desfrute sua festa. Por que você não tenta ir com McLaggen, aí Slughorn poderia fazer de vocês o Rei e a Rainha Slug!

- É permitido levar convidados.- Disse Hermione, que por alguma razão ficara vermelha, brilhante e fervente. - E eu ia pedir para que você fosse, mas se é tão patético quanto você pensa não o aborrecerei mais!

Harry, de repente, desejou que o pod tivesse voado um pouco mais longe, de modo que ele não precisasse continuar sentado ali. Querendo ou não, fechou a tigela onde estava guardado o pod e tentou abri-la da forma mais ruidosa e escandalosa que ele pudesse imaginar; mas, infelizmente, ainda era possível ouvir cada palavra da conversa da dupla.

- Você ia me chamar?- Perguntou Ron, com uma voz completamente diferente.

- Sim.- Hermione disse furiosa. - Mas, obviamente, se você acha que eu deveria ir com McLaggen...

Houve uma pausa, enquanto Harry continuava torturando o pod de borracha com uma espátula.

- Não, eu não acho.- Ron disse, em uma voz muito baixa.

Harry perdeu o pod, bateu a tigela e ela se quebrou. "Reparo", ele disse rápido, juntando os pedaços com sua varinha, e a tigela ficou inteira novamente. O estrondo, porém, pareceu ter lembrado Ron e Hermione da presença de Harry. Hermione olhou agitada e imediatamente começou a folhear de modo exagerado a sua cópia de "Árvores Carnívoras do Mundo" para descobrir o modo correto de fazer suco de Snargaluff pods; Rony, por outro lado, parecia embaraçado, mas também bastante satisfeito.

- Veja isso, Harry.- Hermione disse. - Diz que é necessário perfurá-los com algo afiado...

Harry passou a ela o pod na tigela; ele e Ron colocaram sobre os olhos os óculos de proteção e mergulharam, mais uma vez, para o toco.

"Ele realmente se surpreendeu", pensou Harry, enquanto lutava contra um galho espinhoso com a intenção de estrangulá-lo; ele já tivera um pressentimento que isso pudesse acontecer mais cedo ou mais tarde. Mas Harry não estava certo de como se sentia sobre o assunto... Ele e Cho ficavam agora envergonhados quando trocavam olhares ou conversarem sozinhos; o que aconteceria se Ron e Hermione começassem a sair juntos? Será que a amizade do trio sobreviveria a isto? Harry lembrou-se das semanas no terceiro ano em que eles não estavam se falando; ele não gostara nada de tentar vencer a distância entre os dois. E então, o que aconteceria se isso os separasse? E se ambos se tornassem igual Gui e Fleur e ele se sentisse dolorosamente envergonhado por estar na presença deles, de modo que tivesse que se afastar por bem?

- Legal!- Gritou Ron, puxando um segundo pod do toco exatamente como Hermione fizera para pegar o primeiro, de forma que a tigela se enchera de tubérculos com lombrigas verdes pálidas ziguezagueando.

O resto da aula passou sem comentários sobre a festa de Slughorn. Embora Harry observasse os dois amigos mais atentamente durante os próximos dias, Ron e Hermione não pareceram diferentes, a não ser pelo fato de estarem um pouco mais educados um com o outro do que o normal. Harry supôs que teria de esperar para ver o que aconteceria sob influência da cerveja amanteigada no quarto vagamente iluminado de Slughorn na noite da festa. Todavia, enquanto isso, ele tinha preocupações mais urgentes. Katie Bell ainda estava no Hospital St. Mungus sem previsão de alta, o que significava que o promissor time da Grifinória, tão cuidadosamente treinado por Harry, estava desfalcado. Ele continuou sem substituir Katie, na esperança de que ela voltasse, mas a primeira partida deles contra Sonserina estava se aproximando e ele teve de aceitar, finalmente, que ela não regressaria a tempo de jogar. Harry não pensou que poderia estar num outro teste da Taca das Casas. Com um sentimento depressivo de que tinha pouco a fazer com Quadribol, encurralou Dino Thomas após Transfiguração um dia. A maioria da classe já tinha saído, embora diversos pássaros amarelos zumbissem ainda em torno da sala, todos criações de Hermione; ninguém tinha conseguido conjurar mais que uma pena no ar fino.

- Você ainda se interessa em ser artilheiro?

- O quê? Claro, naturalmente!- Dino disse excitado.

Harry viu Simas Finnegan guardar seus livros na mochila, olhando desagradavelmente. Uma das razões porque Harry preferia ter que pedir que Dino jogasse era que conhecia Simas e não gostaria que ele jogasse. Por outro lado, teve que fazer o que era melhor para a equipe, e Dino esteve na dianteira de Simas nos pênaltis.

- Bom então, você está dentro.- Disse Harry. - treino hoje à noite, sete horas.

- Certo.- Disse Dino. - Beleza, Harry! Blimey, eu não posso esperar para dizer a Gina!- Correndo para fora do quarto, deixando Harry e Simas sozinhos, um momento incômodo que não melhorou quando um dos pássaros caiu na cabeça de Simas.

Simas não era a única pessoa que desgostosa com a escolha do substituto de Katie. Havia um murmúrio no salão comunal sobre o fato que Harry tinha escolhido agora dois de seus companheiros de quarto para a equipe. Porque Harry tinha resistido a alguns cochichos muito mais maldosos do que este em sua carreira da escola, não foi incomodado particularmente, mas todo o mesmo, a pressão estava aumentando para fornecer uma vitória no campeonato logo no encontro contra Sonserina. Se Grifinória ganhasse, Harry soube que a casa inteira se esqueceria de que o tinham criticado e iriam jurar que sempre souberam que era uma grande equipe. Se perderem... Bem, Harry pensou vagamente, ele tinha resistido ainda a umas fofocas mais maldosas.

Harry não teve nenhuma razão para lamentar sua escolha uma vez que viu Dino à noite; trabalhou muito bem com Gina e Demelza. Os batedores, Peakes e Coote, começavam a ficar melhor a cada hora. O único problema era Ron. Harry sabia ao longo do ano, que Ron era um jogador inconsistente que sofria dos nervos e de uma falta da confiança, e infelizmente, isso apareceu no jogo da abertura da estação que trouxe para fora todas suas velhas inseguranças. Após deixar passar uma dúzia de gols, a maioria deles marcados por Gina, sua técnica tornou-se mais selvagem e mais selvagem, até que finalmente acertou o nariz de Demelza.

- Foi um acidente, sinto muito, Demelza, realmente sinto!- Ron a seguiu zigue-zagueando atrás dela para a terra, gotejando o sangue em toda parte. - Eu apenas...

- Apavorou-se?- Gina disse irritadamente, pousando ao lado de Demelza e examinando sua boca. - Você é burro, Ron, olha o estado dela!

- Eu posso arrumar isso.- Disse Harry, pousando ao lado das duas meninas, apontando sua varinha na boca de Demelza, e dizendo "Episkey." - E Gina, não chama Ron de burro, você não é o capitão desta equipe!

- Bem, você pareceu um pouco ocupado para chamar Rony de burro e eu pensei quem alguém deveria...

Harry forçou-se a não rir.

- No ar, vamos todos...

No geral, esse foi um dos piores treinos que eles haviam tido no semestre , embora Harry não sentisse que a honestidade era a melhor política quando eles estivessem tão perto do jogo.

- Trabalho bom, todos, eu acho que nós achataremos Sonserina.- Disse incentivando, e os artilheiros e os batedores deixaram o vestiário razoavelmente felizes consigo mesmos.

- Eu joguei como um saco de esterco de dragão.- Disse Ron em uma voz oca quando a porta tinha balançado e fechado atrás de Gina.

- Não., Você não.- Disse Harry firmemente. - você é o melhor goleiro que eu testei, seu único problema é ficar nervoso.

Ele prosseguiu um implacável fluxo de incentivo durante todo o caminho de volta para o castelo, e quando eles alcançaram o segundo andar, Ron estava olhando mais alegre. Quando Harry empurrou a tapeçaria para fazer seu usual caminho mais curto para a Torre da Grifinória, entretanto, encontraram-se olhando para Dino e Gina, que estavam travados em um abraço apertado e se beijando ferozmente como se estivessem colados. Era como se algo grande e escamoso estourasse no estômago de Harry, agarrando em seus intestinos: O sangue quente pareceu inundar seu cérebro, de modo que todo o pensamento fosse extinguido, substituído por um impulso selvagem de transformar Dino em uma geléia. Lutando com esta loucura repentina, ouviu a voz de Ron como se viesse de muito longe.

- Oi!- Dino e Gina se distanciaram e olharam ao redor.

- Que?- Gina disse.

- Eu não gosto de encontrar minha própria irmã beijando em público!

- Este era um corredor deserto até que você chegar!- Gina disse.

Dino estava olhando embaraçado. Deu a Harry um sorriso forçado que Harry não retornou, porque o monstro recém-nascido dentro dele estava rugindo para a demissão imediata de Dino da equipe.

- Vá embora!- Gina disse para Dino. - Eu quero dar uma palavra com meu caro irmão!

Dino saiu, olhando como se não fosse bom sair da cena.

- Certo.- Disse Gina, lançando seu cabelo vermelho e longo fora de sua cara e fitando Ron. - Vamos conversar direito uma vez por todas. Não é da sua conta se eu saio ou o que eu faço com eles, Ron.

- É, sim!- Ron disse, muito irritado. - Você pensa que eu não ouço os outros falando da minha irmã?

- Que?- Gina gritou, tirando sua varinha. - O que, exatamente?

- Não significa nada Gina.- Disse Harry automaticamente, embora o mostro rugisse sua aprovação às palavras de Ron.

- Oh sim!- Disse, indo para cima de Rony. - Apenas porque você nunca beijou qualquer uma em sua vida, apenas porque o melhor beijo que você recebeu foi de nossa Tia Muriel.

- Cale a boca!- Ron gritou, seu rosto mudando do marrom para o vermelho rapidamente.

- Não... Eu não!- Gina gritando, ao lado dele. - Eu o vejo com a Fleur, esperando ela beijá-lo no rosto cada vez que você a vê, você é patético!!! Se você saísse e começasse a namorar um pouco como eu, você não se ocuparia tanto em me vigiar!

Ron tinha retirado sua varinha também; Harry se postou rapidamente entre eles.

- Você não sabe o que está falando!- Ron rugiu, tentando acertar Gina em torno de Harry, que estava agora na frente dela com seus braços abertos. - Apenas porque eu não o faço em público...

Gina deu uma grande gargalhada, tentando empurrar Harry para longe.

- Você tem beijado Pigwidgeon, tem? Ou talvez tenha começado num retrato de Tia Muriel? Você...- Um raio de luz alaranjada voou sob o braço esquerdo de Harry e errou Gina por polegadas; Harry empurrou Ron de encontro à parede.

- Não seja estúpido!

- Harry beijou Cho Chang!- Gina gritou, soando alto agora. - E Hermione beijou Viktor Krum, é somente você que age como se beijar fosse algo que repugna, Ron, e isso é porque você tem tanta experiência quanto uma velha de doze anos!- E com esta, se afastou. Harry olhou rapidamente para Ron; seu olhar era assassino. Ambos permaneceram lá, respirando pesadamente, até a Madame Norrra, gata do Filch, aparecer em um canto, quebrando a tensão.

- Vamos.- Disse Harry, porque o som dos passos de Filch alcançou seus ouvidos.

Apressaram-se escadas acima e ao longo de um corredor do sétimo andar.

- Oi!- Ron grunhiu para que uma aluna pequena saltasse para o lado e deixasse cair um frasco de ovas de sapo. Harry observou distantemente o som de quebrar do vidro; sentiu-se desorientado, atordoado; como se tivesse sido golpeado.

É justo porque é irmã de Ron, ele pensou. Você apenas não gostou de vê-la beijando alguém porque é irmã de Ron... Mas escondida em sua mente veio uma imagem daquele mesmo corredor deserto com ele beijando Gina preferivelmente... O mostro em sua caixa ronronou... Mas então viu que se Ron os visse e apontasse sua varinha para Harry, eles talvez deixassem de ser amigos. Suposto para ser meu amigo.

- Você pensa que Hermione ficou com Krum? Krum?- Ron parou abruptamente, porque se aproximaram da Mulher Gorda.

Harry pensou culpado e trancou sua imaginação de um corredor deserto onde não haveria Ron, em que ele e Gina estavam completamente sozinhos.

- Que?- Disse confuso. - Oh... Er...- A resposta honesta era "sim", mas não quis dá-la. Entretanto, Ron pareceu ler a resposta no olhar de Harry. "Dilligrout," disse escura à senhora gorda, e entraram através do buraco do retrato na sala comunal.

Nenhuns deles mencionou Gina ou Hermione outra vez; se deitaram na cama em silêncio, cada um absorto em seus próprios pensamentos. Harry permaneceu acordado por muito tempo, olhando acima no dossel de sua cama e tentando convencer-se que seus sentimentos com a Gina eram inteiramente de camaradagem. Não tinham vivido como irmão e irmã todo o verão, jogando Quadribol, irritando Ron, e rindo sobre Fleur? Conhecia Gina há anos agora... Era natural se sentir protetor... Natural que queira olhar para ela... Que queira bater o membro do time que a beijava... Não... Teria que controlar esse detalhe que sentia... Ron deu um ronco grande. É irmã de Ron, Harry disse a si mesmo firmemente. Irmã de Ron. Não arriscaria sua amizade com Ron por qualquer coisa. Procurou se deitar de uma forma mais confortável e esperou o sono vir, tentando ao máximo não permitir que seus pensamentos voltassem para Gina.

Harry acordou na manhã seguinte sentindo-se entorpecido e atordoado por uma série de sonhos em que Ron o tinha perseguido com o bastão de um batedor, mas pelo meio-dia trocaria feliz o Ron dos sonhos pelo real, que estaria mau-humorado não somente com Gina e seu namoradinho, mas também indiferente e confuso em relação a Hermione. Além do mais, Ron pareceu ter-se tornado, de noite, tão sensível e pronto para chicotear como um Explosivin (Ou Snap Explosivo?).

Harry gastou o dia tentando manter a paz entre Ron e Hermione sem nenhum sucesso; finalmente, Hermione partiu para a cama no andar de cima, e Ron foi para os dormitórios após se irritar com os diversos alunos do primeiro ano que paravam para olhá-lo. Ao desânimo de Harry, o novo perfil agressivo de Ron não se desgastou. Isso coincidiu com um mergulho mais profundo e uniforme em suas habilidades, que o fizeram ainda mais agressivo, de modo que durante a prática final de Quadribol antes de sábado, ele não pegou um único gol que os artilheiros marcaram, mas gritou para todos assim que reduziu Demelza Robins aos rasgos.

- Você fecha acima e me deixa sozinho!- Peakes gritou, que estava a uma altura de aproximadamente dois terços de Ron, carregando um bastão pesado.

- JÁ É O BASTANTE!- Harry gritou, pois tinha visto Gina girando no sentido de Ron e, recordando sua reputação como um rodador do Bastão-Bogey, correu para intervir antes que as coisas saíssem do controle. - Peakes, vai e cerca acima do Bludgers. Demelza, você jogou realmente bem hoje, Ron...- Harry esperou até que o restante da equipe estivesse fora do alcance antes de dizer. -... É meu melhor goleiro, mas continua a tratar o resto deles mal, e eu estou pensando em tirá-lo da equipe.- Harry

pensou realmente por um momento que Ron pudesse bater nele, mas então algo muito pior aconteceu: Ron pareceu desistir em sua vassoura de toda a luta e disse:

- Eu renuncio. Eu sou patético.

- Você não é patético, e você não está renunciando!- Harry disse ferozmente, segurando Ron pela parte dianteira de suas vestes. - você pode segurar qualquer gol quando está confiante, são os seus nervos que você tem que controlar.

- Você acha que tenho um problema mental? Yeah, talvez eu seja demente!- Se encararam por um momento, então Ron agitou sua cabeça cansadamente. - Eu sei que você não tem tempo para encontrar um outro goleiro, assim eu jogarei amanhã, mas se nós perdemos, e nós vamos perder, eu estarei fora da equipe.

Nada que Harry disse fez alguma diferença. Ele tentou de todas maneiras aumentar a confiança de Ron durante o jantar, mas Ron estava muito ocupado sendo sarcástico e rude com Hermione para notar. Harry persistiu igualmente na sala comunal, mas a afirmação dele que o time inteiro ficaria devastado se Ron saísse foi minada, um pouco, pelo fato, do resto do time estar sentando em um canto distante, murmurando claramente contra Ron e lhe lançando olhares atravessados. Finalmente, Harry tentou ficar bravo novamente na esperança de provocar Ron em um desafio, na esperança que fosse uma atitude salvadora, mas esta estratégia não pareceu funcionar mais que o encorajamento; Ron foi para cama tão abatido e desesperado como sempre.

Harry permaneceu acordado durante um longo tempo na escuridão. Ele não queria perder a partida de estréia; não só por ser a primeira dele como Capitão, mas ele estava determinado a derrotar Draco Malfoy no quadribol, já que ele ainda não pôde provar suas suspeitas sobre ele. Se Ron jogasse como ele tinha feito nos últimos treinos, as chances deles de ganharem eram muito poucas... Se houvesse algo que ele pudesse fazer para Ron se concentrar... Fazer-lhe jogar com o melhor de sua forma... Algo que asseguraria que Ron teria um dia realmente bom... E a resposta chegou a Harry em um golpe súbito e glorioso de inspiração.

O café da manhã estava mais alvoroçado que o habitual na manhã seguinte; os Sonserinos assobiaram e gritaram ruidosamente quando cada membro do time da Grifinória entrou no Salão Principal. Harry olhou para o teto e viu um céu azul claro, pálido: um bom presságio. A mesa de Grifinória, uma massa sólida de vermelho e ouro, se alegrou quando Harry e Ron se aproximaram. Harry sorriu e acenou; Ron deu um sorriso fraco e balançou a cabeça dele.

- Se anime, Ron!- Falou Lilá. - Eu sei que você será brilhante!- Ron a ignorou.

- Chá?- Harry lhe perguntou. - Café? Suco de abóbora?

- Qualquer coisa.- Ron disse taciturno, dando uma mordida mal-humorada na torrada.

Alguns minutos depois, Hermione, que tinha ficado tão cansada do recente comportamento desagradável de Ron que não tinha vindo para o café da manhã com eles, parou ao lado deles na mesa.

- Como vocês estão se sentindo?- Ela perguntou, os olhos fixos na nuca de Ron.

- Bem.- Harry disse enquanto se concentrava em dar a Ron um copo de suco de abóbora. - Aqui está, Ron. Beba.- Ron tinha levado o copo aos lábios dele quando Hermione disse nitidamente.

- Não beba isso, Ron!- Harry e Ron olharam para ela

- Por que não?- Perguntou Ron.

Hermione, agora, estava encarando Harry como se ela não pudesse acreditar nos próprios olhos.

- Você colocou algo naquela bebida.

- Desculpe?- Disse Harry.

- Você me ouviu. Eu o vi. Você colocou algo na bebida de Ron. Você ainda está com a garrafa em sua mão direita!

- Eu não sei sobre o que você está falando.- Harry disse, guardando a pequena garrafa rapidamente no bolso.

- Ron, eu te aconselho, não beba isto!- Hermione disse novamente, alarmada, mas Ron apanhou o copo, tomou um gole e disse.

- Pare de mandar em mim, Hermione.

Ela o olhou escandalizada. Se abaixando de forma que só Harry poderia ouvir, ela disse.

- Você poderia ser expulso por isso. Eu não acredito que você fez isso Harry!

- Olhe quem está falando.- Ele sussurrou de volta. - Confundindo alguém ultimamente?

Ela ruidosamente foi para longe deles na mesa. Harry a viu ir sem pesar. Hermione nunca, realmente, tinha compreendido o quão sério um jogo de quadribol era. Então, ele deu uma olhada para Ron que estava estalando os lábios.

- Quase na hora.- Disse jovialmente.

A grama gelada amassou sob os pés deles quando foram para o campo.

- Que sorte o clima estar bom, né?- Harry perguntou para Ron.

- Sim.- Ron disse, pálido e com aparência doentia.

Gina e Demelza já estavam usando os uniformes de Quadribol e esperando no vestiário.

- Condições ideais.- Disse Gina, ignorando Ron. - E adivinha? Vaisey, aquele artilheiro da Sonserina, ele levou um balaço na cabeça ontem durante o treino e está muito dolorido para jogar! E o melhor é que Malfoy está doente também!

- O que?- Disse Harry, girando para a encarar. - Ele está doente? O que está errado com ele?

- Não faço idéia, mas é ótimo para nós.- Disse Gina alegre. - Harper está jogando no lugar dele; ele está no mesmo ano que eu e é um idiota.

Harry sorriu vagamente, mas quando ele puxou as vestes escarlates dele, a mente estava bem longe do quadribol. Malfoy uma vez disse que não poderia jogar devido a um ferimento, mas naquela ocasião tinha tido certeza que a partida inteira foi marcada para uma data mais conveniente para a Sonserina. Por que agora ele estava satisfeito em ser substituído? Ele estava realmente doente, ou ele estava fingindo?

- Suspeito, não é?- Ele disse a meia voz a Ron. - Malfoy não jogar.

- Sorte, eu chamo isto.- Ron disse, parecendo ligeiramente mais animado. - E com Vaisey fora também, ele é o melhor artilheiro do time deles, eu não imaginei... Eh!- Ele disse, de repente, e parou a meio caminho de colocar as luvas de goleiro e encarar Harry.

- O quê?

- Eu... Você...- Ron tinha perdido a voz, parecia assustado e excitado. - Minha bebida... Meu suco de abóbora... Você não colocou...?

Harry ergueu as sobrancelhas dele, mas não disse nada, exceto. - Nós estaremos começando em, aproximadamente, cinco minutos, é melhor você calçar suas botas.

Eles caminharam para fora sob o barulho de rugidos tumultuosos e vaias. Um lado do estádio era totalmente vermelho e ouro; o outro, um mar de verde e prateado. Muitos Lufa- Lufa e Corvinal tinham tomado partido também: Entre todos gritando e batendo palmas, o rugido do famoso chapéu com leão de Luna Lovegood podia ser ouvido distintamente. Harry alcançou Madame Hooch, a arbitra que estava pronta para lançar as bolas da caixa.

- Capitães dêem um aperto de mão.- Ela disse e Harry teve a mão dele esmagada pelo novo Capitão da Sonserina, Urquhart. - Montem suas vassouras. No apito... Três... Dois... Um...

O apito soou, Harry e os outros se impulsionaram do solo duro e congelado e eles voaram. Harry planou ao redor do perímetro do campo, olhando a procura do pomo e mantendo um olho em Harper que estava ziguezagueando logo abaixo dele. Então, uma voz que era diferente do comentarista habitual, começou.

- Bem, lá vão eles e eu acho que nós todos fomos surpreendidos ao ver o time que Potter reuniu este ano. Muitos pensaram, devido ao desempenho horroroso de Ronald Weasley como goleiro ano passado, que ele seria retirado do time, mas claro que, uma amizade pessoal e íntima com o Capitão ajuda...

Estas palavras foram saudadas com zombarias e aplausos no fim pelos sonserinos. Harry deu uma volta com a vassoura para olhar para o pódio do comentarista. Um visitante, loiro aguado com um nariz virado para cima estava lá, falando no megafone mágico que tinha sido uma vez Lino Jordan; Harry reconheceu Zacharias Smith, um jogador de Lufa-Lufa de quem ele desgostava.

- Oh, e aqui vem à primeira tentativa de Sonserina de gol, é Urquhart que lidera o lance e...- O estômago de Harry revirou. - Weasley defendeu, bem, algumas vezes a pessoa tem sorte, eu suponho...

- Isso é certo, Smith, ele tem.- Harry murmurou, sorrindo, mergulhando entre os artilheiros com os olhos procurando em volta por alguma pista do pomo de ouro.

Com uma hora do jogo, Grifinória estava na frente com sessenta pontos a zero, Ron tinha feito algumas defesas verdadeiramente espetaculares, algumas com a ponta das luvas dele, e Gina tinha marcado quatro dos seis gols da Grifinória. Zacharias efetivamente tinha parado de dizer ruidosamente que o dois Weasleys só estavam lá porque Harry gostava deles, e começou a falar de Peakes e Coote.

- Claro que, Coote realmente não é a escolha habitual para um batedor.- Zacharias disse orgulhoso. - Eles têm, geralmente, um pouco mais de músculos.

- Rebata um balaço nele!- Harry disse para Coote quando ele passou zunindo, mas Coote sorriu amplamente e escolheu apontar o próximo balaço para Harper, que estava passando por Harry na direção oposta.

Harry ficou feliz ao ouvir o barulho que significava que o balaço tinha encontrado seu alvo. Parecia que a Grifinória não poderia fazer nada errado. Eles marcaram de novo e de novo, e de novo e de novo, ao fim de outro lance, Ron defendeu gols com aparente facilidade. Ele estava sorrindo de fato agora, e quando a multidão saudou uma defesa particularmente boa com um velho coro favorito de "Weasley é Nosso Rei", ele pretendeu regê-los do alto.

- Ele pensa que é alguém especial hoje, não é?- Disse uma voz maliciosa, e Harry quase caiu da vassoura quando Harper colidiu dura e deliberadamente com ele. - Seu traidor do próprio sangue...

Madame Hooch estava virada e, embora os torcedores da Grifinória abaixo gritassem de raiva, até que ela desse uma olhada, Harper já estava longe. Com o ombro doendo, Harry voou atrás dele, determinado a acertá-lo por atrás.

- E eu acho que Harper da Sonserina viu o pomo!- Disse Zacharias Smith pelo megafone dele. - Sim, ele viu algo que Potter não viu, certamente!- Smith realmente era um idiota, pensou Harry, ele não os tinha visto colidir? Mas no momento seguinte, o estômago dele despencou, Smith tinha razão e Harry estava errado: Harper não estava voando para cima ao acaso, ele tinha avistado o que Harry não viu: O pomo estava acelerando no alto sobre eles, refletindo contra o céu azul claro. Harry acelerou; o vento assobiando nas orelhas de forma que isto sobrepujou todo o som dos comentários de Smith ou a multidão, mas Harper ainda estava à frente dele, e Grifinória estava só cem pontos na frente; se Harper chegasse lá primeiro Grifinória iria perder... E agora Harper estava próximo disto, a mão dele estendida...

- Oi, Harper!- Gritou Harry em desespero. - Quanto Malfoy pagou para você vir no lugar dele?

Ele não soube o que o fez dizer isso, mas Harper reduziu; ele apalpou o pomo e o deixou deslizar pelos dedos. Harry esticou para a minúscula e trêmula bola e a pegou.

- SIM!- Harry gritou. Dando voltas, ele retornou ao solo, o pomo seguro alto na mão dele. Quando a multidão percebeu o que tinha acontecido, um grande grito subiu que quase sobrepujou o som do apito que sinalizava o fim do jogo.

- Gina, aonde você vai?- Gritou Harry que tinha ousado no meio do campo para encontrar com o resto do time, mas Gina voou para além deles até que, com um estrondo alto, ela colidiu com o pódio de comentaristas. A multidão gritou e riu, o time da Grifinória aterrissou ao lado dos destroços de madeira debaixo do qual Zacharias estava se mexendo, Harry ouviu Gina dizendo a uma Professora McGonagall encolerizada:

- Esqueci de frear, Professora, desculpe.

Rindo, Harry se livrou do resto do time e abraçou Gina, mas a largou bem depressa. Evitando o olhar dela, ele cumprimentou Ron com tapinhas nas costas, toda a inimizade esquecida, o time da Grifinória andando lado a lado e acenando aos torcedores. A atmosfera no vestiário era jubilosa.

- Festa na sala comunal.- Disse Simas!

Dino gritou exuberante.

- Venha, Gina, Demelza!

Ron e Harry foram os últimos a deixar o vestiário. Eles quase partiram quando Hermione entrou. Ela estava torcendo a echarpe da Grifinória nas mãos e parecia chateada, mas determinada.

- Eu quero dar uma palavra com você, Harry.- Ela respirou fundo. - Você não deveria ter feito isto. Você ouviu Slughorn, é ilegal.

- O que vai você fazer, nos entregar?- Exigiu Ron.

- Do é que é você dois estão falando afinal?- Perguntou Harry, se virando para retirar o uniforme de modo que nenhum dos dois o visse sorrindo.

- Você sabe perfeitamente bem sobre o que nós estamos falando!- Disse Hermione estridente. - Você colocou no suco de Ron a poção da sorte no café da manhã! Felix Felicis!

- Não, eu não coloquei.- Harry disse, virando para ficar de frente para eles.

- Sim, você colocou, Harry, e é por isso que tudo deu certo, faltaram jogadores da Sonserina e Ron defendeu tudo!

- Eu não coloquei!- Disse Harry sorrindo amplamente. Ele enfiou a mão dentro do bolso de jaqueta e tirou a garrafa minúscula que Hermione tinha visto na mão dele de manhã. Estava cheia da poção dourada e a cortiça ainda estava lacrada firmemente com cera. - Eu queria que Ron pensasse que eu tinha feito isto, assim eu fingi quando eu soube que você estava olhando.- Ele olhou Ron. - Você defendeu tudo porque você se sentia afortunado. Você fez tudo por você.- Ele guardou a poção novamente.

- Realmente, não havia nada no meu suco de abóbora?- Ron disse surpreendido.

- Mas o bom tempo... E Vaisey não poder jogar... Honestamente, eu não tomei nada da poção da sorte?

Harry balançou a cabeça, negando. Ron abriu a boca por um momento, então virou para Hermione e imitou a voz dela.

- "Você colocou Felix Felicis esta manhã no suco de Ron e é por isso ele defendeu tudo!" Veja! Eu posso defender gols sem ajuda, Hermione!

- Eu nunca disse que você não podia, Ron, você também pensou que tinha sido feito isto!- Mas Ron já tinha aberto e saído porta afora com a vassoura em cima do ombro dele.

- Er...- Harry disse no súbito silêncio; ele não esperava que o plano dele terminasse assim. - Vamos para a festa, então?

- Vai você!- Disse Hermione, pestanejando por entre lágrimas. - Eu estou cansada de Ron, no momento, eu não sei o que é que eu fiz...- E ela também saiu tempestuosamente para fora do vestiário.

Harry caminhou lentamente através dos terrenos do castelo pela multidão, muitos dos quais gritaram parabéns a ele, mas ele sentia uma grande sensação de vazio; ele estava seguro que se Ron ganhasse a partida, ele e Hermione seriam novamente e imediatamente amigos. Ele não viu como ele poderia explicar a Hermione que o que ela tinha feito para ofender Ron, possivelmente, era o beijo a Viktor Krum, não quando a ofensa tinha acontecido há tanto tempo. Harry não viu Hermione na festa de comemoração da Grifinória que estava no auge quando ele chegou.

Alegrias renovadas e palmas saudaram o aparecimento dele e ele foi cercado logo por uma montanha de pessoas que o felicitavam. Apesar de evitar os irmãos Creevey que quiseram uma análise da partida minuto a minuto e um grupo grande de meninas que o cercaram e riam até dos menores comentários dele e batiam as pálpebras delas, passou algum tempo antes que ele pudesse tentar achar Ron. Afinal, ele se desembaraçou de Romilda Vance que estava dando indiretas que gostaria de ir a festa de Natal de Slughorn com ele. Quando ele estava indo para a mesa de bebidas, ele se dirigiu diretamente para Gina que estava com Arnold, o Pygmy Puff, no ombro dela e Bichento que miava esperançosamente aos pés dela.

- Procurando Ron?- Ela perguntou e sorriu maliciosamente. - Ele está ali, o hipócrita imundo.

Harry olhou para um canto no qual ela estava indicando. Lá, para completa visão da sala comunal, Ron estava abraçado tão próximo a Lilá Brown que era difícil saber que mão era de quem.

- Parece que está comendo o rosto dela, não é?- Disse Gina sem emoção. - Mas eu imagino que ele deva conseguir melhorar a técnica de alguma maneira. Bom jogo, Harry.

Ela bateu levemente no braço dele; Harry sentiu o estômago afundando, entretanto ela caminhou para se servir de mais cerveja amanteigada. Bichento trotou atrás dela, os olhos amarelos dele fixos em Arnold. Harry foi para longe de Ron que não viu que ele estava perto, ao mesmo tempo em que o buraco do retrato estava fechando. Com uma sensação de pesar, ele pensou ter visto uma juba de cabelo castanho antes que o quadro se fechasse.

Ele foi para adiante, evitando Romilda Vance novamente e empurrou o retrato da Mulher Gorda. O corredor do lado de fora parecia vazio.

- Hermione?

Ele a achou na primeira sala de aula destrancada que ele tentou. Ela estava sentada na escrivaninha do professor, sozinha com exceção de um círculo pequeno de pássaros amarelos cantando que em volta da cabeça dela que tinha claramente acabado de conjurar. Harry não pôde deixar de admirar o trabalho pelo feitiço dela.

- Oh, oi, Harry. - Ela disse em uma voz frágil. - Eu só estava praticando.

- Sim... Eles são... Er... Realmente muito bons.- Disse Harry. Ele não tinha nenhuma idéia do que dizer a ela. Ele estava desejando saber se havia alguma chance dela não ter notado Ron e ter deixado a sala somente porque a festa estava um pouco desordeira, quando ela disse, em um voz incomum.

- Ron parece estar aproveitando a comemoração.

- Er... Ele esta?- Disse Harry.

- Não finja que você não o viu.- Hermione disse. - Ele não estava se escondendo, não é?

A porta atrás deles se abriu com estrondo. Para o horror de Harry, Ron entrou rindo, puxando Lilá pela mão.

- Oh...- Ele disse e estreitando os olhas à vista de Harry e Hermione.

- Oops!- Disse Lilá e se retirou da sala dando risada. A porta fechando bateu atrás dela. Houve um horrível, denso e constrangedor silêncio. Hermione estava encarando Ron que se recusou a olhar, mas disse com uma mistura estranha de desafio e falta de jeito.

- Oi, Harry! Queria saber onde você estava!

Hermione saiu de trás da escrivaninha. O pequeno rebanho de pássaros dourados continuava cantando em círculos ao redor da cabeça dela de forma que ela se parecia um modelo estranho e plumoso do sistema solar.

- Você não deveria deixar Lilá esperando.- Ela disse baixo. - Ela desejará saber onde você foi.

Ela caminhou lentamente e ereta até a porta. Harry olhou de soslaio para Ron que estava aliviado que nada pior tivesse acontecido.

- Oppugno!- Veio um grito agudo da porta.

Harry girou para ver Hermione que apontava a varinha dela para Ron, a expressão selvagem: O pequeno rebanho de pássaros estava acelerando como balas douradas gordas para Ron que gemeu e cobriu o rosto com as mãos, mas os pássaros atacaram, bicaram e arranharam todo pedaço de carne que eles podiam alcançar.

- Gerremoffme!- Ele gritou, mas com um último olhar de fúria vingativa, Hermione abriu a porta e desapareceu por ela. Harry pensou ter ouvido um soluço antes dela bater.

= = = =

- Espere um momento.- Ele disse lentamente. - Eu pensei que Filch tinha proibido qualquer coisa comprada dos Artigos de Feitiçaria Weasley?

- E quando qualquer um se importou com o que Filch proíbe?- Hermione perguntou, ainda concentrada na composição dela.

- Mas eu pensei que todas as corujas eram rastreadas. Assim como estas garotas puderam trazer poções de amor à escola?

- Fred e George as enviam disfarçados como perfumes e poções para tosse.- Disse Hermione. - Faz parte do serviço de entrega por Corujas deles.

- Você sabe muito sobre isto.

Hermione lhe deu o olhar sórdido que tinha dado há pouco para o livro de Fabricação Avançada de Poções.

- Estava tudo na parte de trás das garrafas que eles e Gina me mostraram no verão.- Ela disse friamente. - Eu não fico colocando poções nas bebidas das pessoas... Ou pretendendo, o que é ruim da mesma maneira...

- Sim, bem, não importa.- Disse o Harry depressa. - O ponto é, Filch está sendo enganado, não? Estas meninas estão trazendo materiais proibidos a escola, disfarçados como qualquer outra coisa! Assim por que Malfoy não poderia ter trazido o colar...?

- Oh, Harry... De novo não...

- Vamos... Por que não?- Harry exigiu.

- Olhe.- Suspirou Hermione. - Sensores de Segredo descobrem amuletos de má sorte, maldições, e encantamentos, não é? Eles são usados para achar magia negra e seus objetos. Eles teriam apanhado uma maldição poderosa, como a do colar, em segundos. Mas algo que é posto em garrafa errada não... De qualquer maneira poções do amor não são nenhuma magia negra perigosa...

- Fácil para você, dizer isso.- Murmurou Harry, enquanto pensava em Romilda Vance.

- ...Estaria fora do alcance de Filch perceber que isto não era uma poção de tosse, ele não é um feiticeiro muito bom, eu duvido que ele possa conhecer uma poção de...

Hermione parou estarrecida; Harry tinha ouvido também. Alguém tinha se movido atrás deles entre as estantes escuras. Eles esperaram, e momentos depois, viram o semblante da Sra. Pince como um vulto aparecendo no canto do corredor, suas bochechas afundadas, a pele como pergaminho, e o nariz curvo longo dela iluminavam-se fracamente pelo abajur que ela estava carregando.

- A biblioteca está agora fechada.- Ela disse. - Você deve devolver qualquer coisa que você pegou emprestada... O que você faz com este livro, menino depravado?

- Não é da biblioteca, é meu!- Disse Harry apressadamente, enquanto arrebatava seu Livro de Poções Avançadas da mesa, ela se apressou e o pegou com uma mão de garras.

- Deteriorado!- Ela assobiou. - Profanado, sujo!

- É apenas um livro que foi rabiscado!- Disse Harry, enquanto arrancava o livro dela.

Ela olhou como se fosse ter um ataque apoplético; Hermione, que tinha empacotado as coisas dela apressadamente, agarrou Harry pelo braço e o fez marchar para fora da biblioteca.

- Ela o proibirá de entrar na biblioteca se você não tiver cuidado. Por que você tinha que trazer aquele livro estúpido?

- Não é minha culpa que ela está latindo furiosa, Hermione. Ou você pensa que ela não escutou que estávamos sendo rudes com Filch? Eu sempre achei que havia algo entre eles...

- Oh, ha ha ha...

Desfrutando o fato que eles pudessem falar normalmente de novo, eles retornaram ao longo dos corredores desertos iluminados pelos abajures para a sala comunal, discutindo se Filch e a Sra. Pince poderiam estar secretamente apaixonados.

- Bugigangas.- Disse Harry à Senhora Gorda. - Isto que é a contra-senha nova, festiva.

- O mesmo para você.- Disse a senhora gorda com um sorriso mau, e ela girou para admitir a entrada.

- Oi, Harry!- Disse Romilda Vance, no momento em que ele apareceu pelo buraco de retrato. - Aceita um gelinho?

Hermione o deu um "O-que-eu-falei-a-você?" Por sobre os ombros.

- Não, obrigado.- Disse Harry depressa. - Não gosto muito.

- Bem, leve estas de qualquer maneira.- Disse Romilda, enquanto empurrava uma caixa nas mãos dele. - Caldeirões de chocolate, têm sabores neles. Meus avós os enviaram a mim, mas eu não gosto.

- Oh, certo, muito obrigado.- Disse Harry que não pôde pensar em mais nada para dizer. - Er... Eu estava vindo pra cá com...

Ele se apressou atrás de Hermione, seguindo a voz dela.

-Eu te disse.- Falou sucintamente a Hermione. - Quanto mais cedo você convidar alguém, mais cedo elas vão deixá-lo em paz e você pode...

Mas de repente a face dela ficou branca; ela tinha visto há pouco Ron e Lilá sentados na mesma poltrona.

- Bem, boa noite, Harry.- Disse Hermione, entretanto eram só sete horas da noite, e ela foi para o dormitório feminino sem nenhuma outra palavra.

Harry foi para cama confortando-se que havia mais um único dia de lições, e após a festa de Slughorn, ele e Ron partiriam juntos para a Toca. Parecia impossível agora que Ron e Hermione fizessem as pazes antes dos feriados, mas talvez, de alguma maneira, o afastamento lhes daria tempo para se tranqüilizar e pensar melhor nos seus comportamentos.

Mas as esperanças dele não eram muitas, e diminuíram ainda mais depois de suportar uma aula de Transfiguração com os dois no dia seguinte. Eles tinham entrado em um tópico extremamente difícil de transfiguração humana; trabalhando em frente aos espelhos, onde tentavam mudar a cor das próprias sobrancelhas. Hermione riu indelicadamente quando Ron desastrado, em sua primeira tentativa, conseguiu se dar um enorme bigode espetacular de alguma maneira; Ron retaliou fazendo uma imitação cruel, mas precisa de Hermione, quando ela mexia-se no assento toda vez que Professora McGonagall fazia uma pergunta. Lilá e Parvati acharam muito divertido, e Hermione reduziu-se a beira de lágrimas novamente. Ela correu para fora da sala de aula ao toque do

sino, deixando para trás suas coisas; Harry, decidindo que a necessidade dela era maior que a de Ron agora, recolheu os pertences dela e a seguiu.

Quando ele a alcançou finalmente, ela entrou no banheiro feminino do andar de baixo. Foi acompanhada por Luna Lovegood que estava batendo levemente em suas costas.

- Oh, oi, Harry.- Disse Luna. - Você sabe que uma de suas sobrancelhas esta amarela?

- Oi, Luna. Hermione, você deixou seus materiais...

Ele ofereceu os livros dela.

- Oh, sim.- Disse Hermione, em uma voz sufocada, carregando suas coisas e se virando depressa para esconder o fato que estava esfregando os olhos com sua lapiseira. - Obrigado, Harry. Bem, melhor eu voltar...

E ela se apressou, sem dar qualquer tempo a Harry para oferecer palavras de conforto, entretanto ele devia admitir que não havia pensado em nada.

- Ela está um pouco transtornada.- Disse Luna. - Eu achava no princípio que era a Murta que Geme, mas encontrei Hermione. Ela disse algo sobre Ron Weasley...

- Sim, eles tiveram um desentendimento.- Disse Harry.

- Ele às vezes diz coisas engraçadas, não é?- Disse Luna quando partiram juntos ao corredor. - Mas ele pode ser um pouco indelicado. Eu notei ano passado.

- Eu suponho.- Disse Harry. Luna estava demonstrando a destreza habitual de falar verdades incômodas; ele nunca tinha conhecido qualquer pessoa como ela. - Você está tendo um bom ano letivo?

- Oh, está tudo certo.- Disse Luna. - Um pouco só sem Gina por perto, entretanto. Ela parou dois meninos em nossa aula de Transfiguração, depois chamando-me de Loony outro dia.

- Você gostaria de vir hoje à noite à festa de Slughorn comigo?

As palavras estavam fora da boca de Harry antes que ele as pudesse parar; ele se ouviu as dizer como se fosse a sua fala mais estranha.

Luna virou os olhos protuberantes a ele, surpresa.

- A festa de Slughorn? Com você?

- Sim.- Disse Harry. - É comum convidar alguém, pensei que você poderia gostar. Eu quero dizer...- Ele não estava conseguindo deixar suas intenções perfeitamente claras. - Eu quero dizer, como amigos, você sabe. Mas se você não quiser...- Como se já esperando que ela não fosse querer.

- Oh não, eu amaria ir com você, como amigos!- Disse Luna, irradiando como nunca ele tinha visto antes. - Ninguém nunca me convidou a uma festa antes, como um amigo! Você tingiu sua sobrancelha, para a festa? Eu deveria tingir a minha também?

- Não.- Harry disse firmemente. - Isso foi um engano. Eu pedirei que Hermione conserte isto para mim. Assim te encontro então no corredor de entrada às oito horas.

- AHA!- Gritou uma voz, e ambos saltaram; aparecia de repente Pirraça, que estava pendurando de cabeça para baixo em um lustre e estava sorrindo maliciosamente para eles.

- Potty convidou Loony para ir a festa! Potty ama Loony! Potty aaaaama Looooony!

E ele zuniu gargalhando corredor afora e gritando,"Potty ama Loony!"

- Obrigada por manter as coisas privadas.- Disse Harry. E certamente, num instante toda a escola parecia saber que o Harry Potter levaria Luna Lovegood à festa de Slughorn.

- Você poderia ter levado qualquer uma!- Disse Ron em descrença no jantar. - Qualquer uma! E você escolheu Loony Lovegood?

- Não chame ela assim, Ron!- Disse Gina, parando atrás de Harry unindo-se aos amigos. - Eu estou realmente alegre por você levá-la Harry, ela esta tão entusiasmada.

E ela mudou de mesa para sentar-se com Dino. Harry tentou se sentir contente em saber que Gina estava alegre por ele estar levando Luna à festa, mas não podia administrar isto totalmente. Longe deles na mesa, Hermione estava sentada só, brincando com seu guisado. Harry notou Ron olhando furtivamente para ela.

- Você poderia dizer que está arrependido.- Sugeriu Harry abruptamente.

- O que, e ser atacado por outro bando de canários?- Ron murmurou.

- Por que você teve que imitá-la?

- Ela riu do meu bigode!

- Assim eu fiz também, era a coisa mais estúpida que já vi.

Mas Ron não parecia ter ouvido; Lilá tinha chegado há pouco com Parvati. Se apertando entre Harry e Ron, Lilá arremessou os braços ao redor do pescoço de Ron.

- Oi, Harry.- Disse Parvati que, como Harry, olhou um pouco envergonhada e enfadou-se com o comportamento dos dois amigos.

- Oi!- Disse Harry. - Como você está? Você vai ficar Hogwarts, então? Eu ouvi que seus pais queriam que você partisse.

- Eu consegui os convencer a ficar.- Disse Parvati. - Aquele caso com a Katie realmente apavorou eles, mas como não ocorreu qualquer coisa desde... Oh, ola, Hermione!

Parvati irradiou positivamente. Harry poderia contar que ela estava se sentindo culpada por ter rido de Hermione em Transfiguração. Ele deu uma olhada e viu que Hermione estava de volta radiante, até mesmo mais brilhante. Meninas às vezes eram muito estranhas.

- Oi, Parvati!- Disse Hermione, enquanto ignorava Ron e Lilá completamente. - Você vai hoje à noite para a festa de Slughorn?

- Nenhum convite.- Disse Parvati tristemente. - Eu amaria ir, no entanto... Parece que vai ser realmente boa... Você vai, não é?

- Sim, eu vou encontrar Cormac as oito, e nós vamos...

Houve um barulho como uma rolha que está sendo retirada de uma pia bloqueada, e Ron apareceu. Hermione agiu como se ela tivesse visto ou ouvido qualquer coisa.

- ...Nós estamos indo a festa juntos.

- Cormac?- Disse Parvati. - Cormac McLaggen, você quer dizer?

- Este mesmo.- Disse Hermione docemente. - O que "quase"...- Ela pôs muita ênfase na palavra. - ...Tornou-se Rebatedor de Grifinória.

- Você está saindo com ele, então?- Parvati perguntou com os olhos arregalados.

- Oh, sim. Você não soube?- Disse Hermione, com uma não-pertencente-a-Hermione risadinha.

- Não!- Disse Parvati, enquanto parecendo impaciente por esta fofoca. - Wow, você gosta jogadores de Quadribol, não? Primeiro Krum, agora McLaggen...

- Eu gosto de jogadores "realmente bons" de Quadribol.- Hermione a corrigiu, enquanto sorria. - Bem, nos vemos... Vou indo me preparar para a festa...

Ela partiu. Imediatamente Lilá e Parvati se consultaram mutuamente para discutir este novo acontecimento, em tudo que elas tinham ouvido falar alguma vez de McLaggen, nunca teriam adivinhado sobre Hermione. Ron parecia estranhamente branco e não disse nada. Harry foi levado a ponderar em silêncio, o que as meninas fariam em resposta.

Quando ele chegou no corredor de entrada às oito horas que noite, ele achou um número extraordinariamente grande de meninas que espreitavam, todos pareciam estar encarando recentidamente quando chegou Luna. Ela estava usando um conjunto de lantejoulas prateadas que estava atraindo uma certa quantia de risadinhas dos espectadores, mas em todo caso ela parecia bastante agradável. Harry estava alegre, ela tinha deixado seus brincos de rabanete, o colar com o copo de cerveja amanteigada, e o espectroscópio dela.

- Oi!- Ele disse. - Vamos?

- Oh sim.- Ela disse feliz. - Onde será a festa?

- No escritório de Slughorn.- Disse Harry, enquanto a conduzia pela escadaria marmórea longe de todos o fitando e murmurando.

- Você ouviu, é provável que um vampiro esteja vindo?

- Rufus Scrimgeour?- Luna perguntou.

- Eu... O que?- Disse Harry, desconcertado. - Você quer dizer o Ministro da Magia?

- Sim, ele é um vampiro.- Disse Luna inteirada do assunto. - Papai escreveu um artigo muito longo sobre isto, quando Scrimgeour assumiu o lugar de Cornelius Fudge, mas ele foi forçado a não publicar por alguém do Ministério. Obviamente, eles não quiseram que a verdade vazasse!

Harry, pensou que fosse improvável Rufus Scrimgeour ser vampiro, mas acostumado com as visões estranhas do pai de Luna acerca dos fatos, não respondeu; eles já estavam se aproximando do escritório de Slughorn, e os sons de risada, música, e conversação alta, estavam crescendo mais a cada passo que eles davam.

Se tinha sido construído assim, ou se ele tivesse usado algum artifício mágico para fazê-lo, o escritório de Slughorn era muito maior que os escritórios de professor habituais. Tinham sido drapejados, o teto e paredes com esmeralda, rubis, e toques de ouro, de forma parecida a uma vasta tenda. O quarto era abarrotado e sufocante, uma luz vermelha fixa a um abajur dourado fazia parte do elenco, ornado, oscilando no centro do teto no qual fadas reais estavam tremulando, como pintas brilhantes de luz. Um som alto, acompanhado pelo que parecia bandolins soando em um canto distante; uma neblina de fumaça, vinda de um tubo pendurado em cima de vários feiticeiros anciãos que conversavam ao fundo, e vários duendes estavam serviam de modo deles pela imensidão de joelhos, obscurecidos pelas travessas prateadas pesadas de comida que eles estavam carregando, de forma que eles se parecia pequenas mesas perambulando.

- Harry, meu garoto!- Slughorn falava, Enquanto Harry e Luna apareceram pela porta. - Entre tantas pessoas eu gostaria de encontrar você!

Slughorn estava usando um chapéu aveludado ornado com bolas para combinar com sua jaqueta. Agarrou o braço de Harry tão firmemente que poderia ter desaparatado com ele, Slughorn o conduziu cheio de intentos na festa; Harry agarrou a mão de Luna e a arrastou junto com ele.

- Harry, eu gostaria que você conhecesse Eldred Worple, um antigo aluno meu, o autor de "Os Irmãos consangüíneos: Minha Vida Entre os Vampiros" e, claro que, o amigo dele Sanguini.

Worple que era um pequeno, robusto, um homem grande, agarrou a mão de Harry e a sacudiu entusiasticamente; o vampiro Sanguini era alto e emagrecia com as sombras escuras debaixo dos olhos, somente acenou com a cabeça. Ele olhou bastante enfadado. Um grupo de meninas estava se levantando perto dele, parecendo curioso e entusiasmado.

- Harry Potter, eu simplesmente estou encantado!- Disse Worple, enquanto investigava discretamente a testa de Harry. - Eu estava dizendo ao Professor Slughorn outro dia, onde a biografia de Harry Potter que todos nós estamos esperando?

- Er...- Disse o Harry. - Você disse?

- Modesto da mesma maneira que Horace descreveu!- Disse Worple.

- Mas serio...— A maneira dele de falar mudou; ficou repentinamente em um tom de negócios. - Seria um prazer escrever ela. As pessoas almejam saber mais sobre você, querido, almejam! Se você estiver preparado para me conceder algumas entrevistas, digo sessões de quatro ou cinco horas, nós poderíamos ter um livro pronto dentro de meses. E tudo com muito pouco esforço de sua parte, eu o asseguro. Pergunte para Sanguini se não for totalmente... Sanguini, fique aqui!- Worple disse, repentinamente duro, para o vampiro que estava se dirigindo para perto do grupo de meninas, com um olhar bastante faminto. - Aqui, distraia-se com isto.- Disse Worple, enquanto agarrava um duende que passava e o deu na mão de Sanguini antes de voltar a dar atenção para Harry. - Meu querido, o ouro que poderíamos ganhar, você não tem idéia...

- Eu definitivamente não estou interessado.- Disse Harry firmemente. - E vi há pouco uma amiga minha, com licença. - E puxou Luna depois dele na multidão; ele realmente tinha só visto uma longa juba de cabelo marrom desaparecer entre o que se parecia dois membros dos Irmãos Estranhos.

- Hermione! Hermione!

- Harry! Ai está você, graças! Oi, Luna!

- O que aconteceu?- Harry perguntou, para Hermione que parecia distintamente desordenada, como se tivesse com uma moita de Armadilha de Diabo.

- Oh, eu há pouco escapei... Eu quero dizer, eu deixei Cormac.- Ela disse. - Debaixo do visco.- Ela somou em explicação, quando Harry continuou olhando para ela questionando-a.

- Você estava vindo com ele.- Ele lhe falou severamente.

- Eu pensei que isso aborreceria Ron.- Disse Hermione desapontada. - Eu pensei durante algum tempo em Zacharias Smith, mas, em geral...

- Você considerou o Smith?- Disse Harry, revogando.

- Sim, considerei, e estou começando a desejar tê-lo escolhido, McLaggen faz Grope parecer um cavalheiro. Estranho, só vim perceber quando estávamos vindo, ele é tão alto...- Os três dirigiram-se para o outro lado do salão, atropelando duendes no caminho, percebendo que Professora Trelawney estava por lá sozinha.

- Oi.- Disse Luna educadamente a Professora Trelawney.

- Boa noite, minha querida.- Disse a Professora Trelawney, enquanto focalizava Luna com alguma dificuldade. Harry podia sentir o cheiro de licor novamente. - Eu não a vi ultimamente em minhas aulas...

- Não, eu estou com Firenze este ano.- Disse Luna.

- Oh, claro.- Disse a Professora Trelawney brava, rindo como bêbado. - Ou Dobbin, prefiro pensar nele. Você poderia ter pensado, ou não, que agora que voltei à escola o Professor Dumbledore liberaria este cavalo? Mas não... Nós compartilhamos aulas... É um insulto, francamente, um insulto. Você sabe...- A professora Trelawney parecia bastante alterada para ter reconhecido Harry.

Debaixo das críticas furiosas dela a Firenze, Harry chamou Hermione a um canto e disse:

- Deixe eu te perguntar. Você está planejando falar para o Ron que você interferiu no teste de Quadribol?

Hermione elevou as sobrancelhas dela.

- Você realmente acha que fiz isso?

Harry olhou seriamente para ela.

- Hermione, você pode perguntar para McLaggen...

- Há diferenças.- Disse Hermione com dignidade. - Eu não tenho nenhum plano para contar para Ron, ou qualquer coisa sobre que possa, ou não ter acontecido no teste para a escolha do time.

- Bom.- Disse o Harry fervorosamente. - Porque se ele falhar novamente, nós perderemos a próxima partida.

- Quadribol!- Disse Hermione furiosamente. - É com isso que todos os meninos se preocupam? Cormac não me perguntou uma única coisa, não, eu há pouco fui tratada como "A Grande Salvação Feita por Cormac McLaggen"...- Interrompendo-se. - Oh não, ai vem ele!- Ela se moveu tão rápido que era como se tivesse desaparatado; em um momento tinha se colocado entre duas bruxas rindo, tinha desaparecido.

- Viu Hermione?- McLaggen perguntou, forçando-se pela multidão.

- Não, desculpe.- Disse Harry, e ele se virou para conversar com Luna depressa, esquecendo durante um segundo a quem ela estava falando.

- Harry Potter!- Disse a Professora Trelawney em tons fundos, vibrantes, notando-o pela primeira vez.

- Oh, oi!- Disse Harry sem entusiasmo.

- Meu querido!- Ela disse em um sussurro. - Os rumores! As histórias! "O Escolhido"! Claro que, eu já sabia há tempo... Os presságios nunca eram bons, Harry... Mas por que você não se inscreveu em Adivinhação? Para você, entre todas as pessoas, o assunto é da extrema importância!

- Ah, Sibila, todos nós pensamos que nosso assunto é mais importante!- Disse uma voz alta, e Slughorn apareceu a Professora Trelawney pelo outro lado, a face dele muito vermelha, o chapéu aveludado um pouco obliquo, um copo de mead em uma mão e um enorme pedaço de torta na outra. - Mas eu não acho que haja algo tão natural quanto Poções!- Disse Slughorn, dirigindo a Harry um aficionado olhar. - Instintivo, você sabe, como a mãe dele! Eu só ensinei alguns tipos de habilidade, e eu já posso lhe falar, Sibila...- Quando apareceu Severus, para o horror de Harry. Slughorn lhe passou o braço e parecia puxar o magro Snape pelo ar para perto deles. - Deixe de se esconder e venha, Severus!- Dizia Slughorn alegremente. - Eu estava falando sobre a capacidade excepcional de Harry em fabricar poções! Algum crédito você tem que ter, claro, você o ensinou durante cinco anos!

Acanhado, com os braços de Slughorn ao redor dos ombros dele, Snape olhou para baixo de seu nariz curvo para Harry, os olhos pretos estreitaram.

- Engraçado, eu sempre tive a impressão que nunca consegui ensinar qualquer coisa para Potter.

- Bem, então, é habilidade natural!- Slughorn gritou. - Você deveria ter visto o que ele fez, primeira lição, Esboço de Morte Viva. Nunca vi um resultado melhor de estudante em uma primeira tentativa, acho que nem de você, Severus.

- Sério?- Disse Snape, os olhos dele ainda grudados em Harry que sentia uma certa inquietação, calado. A última coisa que ele queria era Snape começando a investigar a fonte do brilho recém descoberto dele em Poções.

- Que outras matérias você está cursando, Harry?- Slughorn perguntou.

- Defesa Contra as Artes das Trevas, Feitiços, Transfiguração, Herbologia...

- Em resumo, todos os assuntos requeridos para um Auror.- Disse Snape zombando languidamente.

- Sim, bem, é isso o que eu gostaria de fazer.- Disse Harry desafiadoramente.

- E um grande auror você será!- Slughorn falou.

- Eu não penso que você deveria ser um Auror, Harry.- Disse Luna inesperadamente. Todo mundo olhou para ela. - Os Aurores fazem parte da Conspiração de Rotfang, eu pensei que todo mundo soubesse isso. Eles estão planejando derrubar o Ministério de Magia usando uma combinação de Magia Negra e outras armas.

Harry respirou fundo e baixou a cabeça. Pensou se realmente, tinha valido trazer Luna. Emergiu, tossindo, sem jeito, mas ainda sorrindo, ele viu algo que reanimou seu espírito: Draco Malfoy sendo arrastado pela orelha em direção a eles por Argus Filch.

- Professor Slughorn.- Ofegou Filch, o ar de queixas e a luz maníaca da descoberta nos olhos inchados dele. - Eu peguei este menino espreitando um corredor do andar superior. Ele diz ter sido convidado a sua festa e ter partido atrasado. Você realmente o convidou?

Malfoy se livrou das garras de Filch, parecendo furioso.

- Não, eu não fui convidado!- Ele disse furiosamente. - Eu estava tentando entrar, feliz agora?

- Não, não estou!- Disse Filch, numa declaração de extrema vantagem estampada em sua face. - Você está em apuros, isso sim! As ordens superiores mandam não rondar por ai, a menos que você tenha permissão, não é?

- Certo, Argus esta certo.- Disse Slughorn. - É Natal, e não é um crime querer vir a uma festa. Então, nós esqueceremos qualquer castigo; você pode ficar, Draco.

A expressão de furiosa decepção de Filch era perfeitamente compreensível; mas por que, Harry queria saber, observando Malfoy, ele parecia quase igualmente infeliz? E por que Snape olhava Malfoy como se estivesse bravo e... Seria possível? Levemente amedrontado? Mas antes de Harry registrar o que ele tinha visto, Filch tinha se virado e saído, resmungando ruidosamente; Malfoy recompôs o rosto com um sorriso e estava agradecendo a Slughorn por sua generosidade e o rosto de Snape exibia novamente uma calma inescrutável.

- Não é nada, nada.- Slughorn disse, renunciando ao agradecimentos de Malfoy. - Eu conheci seu avô, afinal de contas...

- Ele sempre falou muito bem sobre você, senhor.- Malfoy disse depressa. - Disse que você era o melhor para fazer poções que ele havia conhecido...

Harry encarou Malfoy. Não era vê-lo puxando saco que o intrigava; ele tinha visto Malfoy fazer isso por muito tempo com Snape. Era o fato de Malfoy ter, afinal de contas, um olhar um pouco doente. Era a primeira vez em que ele tinha visto Malfoy agir como um idoso; agora ele reparou que Malfoy tinha sombras escuras debaixo dos olhos e uma cor distintamente cinzenta de pele.

- Eu gostaria de ter uma palavra com você, Draco.- Snape disse de repente.

- Agora, Severus...- Slughorn disse soluçando novamente. - Por Cristo, não seja muito duro...

- Eu sou o Diretor da Casa dele e eu decidirei quão duro, ou caso contrário, gentil devo ser.- Snape disse. - Siga-me, Draco.

Eles partiram, Snape à frente com Malfoy parecendo ressentido. Harry esperou um momento, irresoluto, então disse.

- Eu voltarei daqui a pouco, Luna. Er... Banheiro.

- Certo.- Ela disse distraída e ele pensou tê-la ouvido, quando se apressou para longe da multidão, retomar o assunto da Conspiração de Rotfang com a Professora Trelawney que parecia genuinamente interessada. Era fácil, uma vez fora da festa, retirar a Capa da Invisibilidade do bolso dele e colocá-la por cima, no corredor completamente vazio. O mais difícil era achar Snape e Malfoy. Harry correu pelo corredor, o ruído dos pés disfarçados pela música e conversa alta que ainda saia do escritório de Slughorn atrás dele. Talvez Snape tivesse levado Malfoy ao escritório dele nos calabouços... Ou talvez ele o estivesse escoltando para a sala comunal da Sonserina. Harry encostava a orelha de porta em porta pelo corredor até que, com um grande sobressalto de excitação, ele se abaixou para o buraco da fechadura da última sala de aula no corredor e ouviu vozes.

- ...Não pode cometer erros, porque se você for expulso...

- Eu não tive nada a ver com isto, certo!

- Eu espero que você esteja contando a verdade, porque isso foi tolo e desajeitado. Você já é suspeito de ter uma mão nisto.

- Quem suspeita de mim?- disse Malfoy furiosamente. - Da última vez, eu não fiz nada, certo? Aquela garota, Bell, deve ter algum inimigo e não sabe. Não me olha como se eu gostasse disso! Eu sei o que você está fazendo, eu não sou estúpido, mas não trabalhará... Eu posso parar você!

Houve uma pausa e, então, Snape disse baixo.

- Ah... Tia Bellatrix tem lhe ensinado Oclumência, eu vejo. Que pensamentos estará você tentando esconder de seu mestre, Draco?

- Eu não estou tentando esconder qualquer coisa dele, eu só não o quero se intrometendo!

Harry ainda apertou mais a orelha contra a fechadura... O que teria acontecido para fazer Malfoy falar a Snape assim? Snape, para quem ele tinha mostrado sempre respeito e tinha até mesmo gostado?

- Então, é por isso que você tem me evitado? Você temeu minha interferência? Você percebeu isso, tendo faltado e não veio a meu escritório quando eu tinha lhe dito repetidamente para ir lá, Draco.

- Então, me ponha em detenção! Informe para Dumbledore!- Zombou Malfoy.

Houve outra pausa. Então Snape disse.

- Você sabe perfeitamente que eu não posso ou desejo fazer qualquer uma dessas coisas.

- Você agiria melhor parando de me dizer para ir ao seu escritório!

- Escute-me.- Snape disse, a voz dele tão baixa agora que Harry teve que encostar a orelha dele bem forte contra a fechadura para ouvir. - Eu estou tentando ajudar. Eu jurei a sua mãe que eu o protegeria. Eu fiz o Voto Inquebrável, Draco...

- Vocês terão que quebrar isto, então, porque eu não preciso de sua proteção! É meu trabalho, ele deu isto para mim e eu estou fazendo, eu tenho um plano e vou cumprir, só está levando um pouco mais de tempo que eu pensei que iria levar.

- Qual é seu plano?

- Não é da sua conta!

- Se você me contar o que você está tentando fazer, eu posso ajudar...

- Eu tenho toda a ajuda de que preciso, obrigado, eu não estou só!

- Você estava sozinho, certamente, esta noite, na qual foi tolo ao extremo, vagando pelos corredores sem vigia ou auxilio, estes são erros elementares...

- Eu teria Crabbe e Goyle comigo se você não os tivesse posto em detenção!

- Controle sua voz!- Brigou Snape, para Malfoy que tinha subido sua voz excitadamente. - Se seus amigos Crabbe e Goyle pretendem passar a coruja pela Defesa Contra as Artes das Trevas, eles precisarão trabalhar melhor do que eles estão fazendo apes...

- O que importa?- Disse Malfoy. - Defesa Contra as Artes das Trevas, parece piada, não é, um ato? Como se algum de nós precisasse dessa Defesa...

- Este passo é crucial para nosso sucesso, Draco!- Disse Snape. - Onde você acha que eu teria chegado todos estes anos, se eu não soubesse agir? Agora me escute! Você está sendo descuidado, vagando à noite, se for pego, e se você está colocando sua confiança em assistentes como Crabbe e Goyle.

- Eles não são os únicos, tenho outras pessoas a meu lado, pessoas melhores!

- Então por que não confia em mim, e eu posso...

- Eu sei como você é! Você quer roubar minha glória!

Houve outra pausa, então Snape disse friamente.

- Você está falando como uma criança. Eu entendo totalmente que a prisão de seu pai o transtornou, mas...

Harry teve um segundo apenas para alertar-se; ele ouviu os passos de Malfoy no outro lado da porta e se arremessou para fora no momento em que a porta estourou abrindo. Malfoy estava descendo o corredor, para além da porta aberta do escritório de Slughorn, e sumiu por um canto distante, longe da vista. Quase não ousando respirar, Harry permaneceu abaixado ate Snape deixar lentamente a sala de aula. Com uma expressão desconcertada, ele voltou à festa. Harry ficou no chão, escondeu-se perto de uma armadura, com a mente em uma grande corrida.

= = = =

- Então, porque Carlinhos não está vindo para casa, que deixa apenas Harry e Rony no sótão, e se as coisas de Fleur ficassem com a Gina e fizessem o natal de Gina.- Murmurou Fred.

- Todos ficariam confortáveis. Bem, elas têm que irem para cama, em todo o caso.- Disse a Sra. Weasley, soando ligeiramente incomodada.

- Percy definitivamente não mostrará a sua cara feia, então?- Fred perguntou.

A Sra. Weasley pensou um pouco antes de responder.

- Não, ele está ocupado, eu espero, no ministério.

- Ou é a maior mentira do mundo.- Disse Fred, e a Sra. Weasley deixou a cozinha. - Um dos dois, bem, vamos indo então Jorge.

O que vocês dois vão fazer?- Disse Rony pedindo. - você podia nos ajudar com esses brotos? Você poderia apenas usar sua varinha e então nós estaremos livres também!

- Não, eu penso que nós não podemos fazer isso.- Disse Fred seriamente. - É um material muito construtivo, aprendendo a descascar brotos sem mágica, faz com que você aprecia como é difícil para os trouxas e para abortos, e se você quiser pessoas que te ajudem, Rony...- Adicionou Jorge, jogando o avião de papel nele. - ...Eu não lançaria facas neles. Apenas uma pequena sugestão. Nós vamos ficar fora da vila, há uma menina muito bonita que trabalha na loja de papel que pensa que meus truques de cartão são algo maravilhoso... Quase como a mágica real...

- Seu Idiota!- Disse Rony sobriamente, prestando atenção a Fred e a Jorge que estavam se sentando através da neve. - Você poderia fazer durante 10 segundos e nós faríamos o resto?

- Eu não poderia.- Disse Harry. - Eu prometi a Dumbledore que eu não faria nada de errado enquanto estivesse aqui.

- Ah, sim.- Disse Rony e descascou mais alguns brotos. - Me diga então, você vai dizer para Dumbledore o que você ouviu entre Snape e Malfoy?

- Aham.- Disse Harry. - Eu vou dizer a qualquer um que pode lhe pôr um batente, e no alto da lista de Dumbledore . Eu posso dar uma palavrinha com seu papai?

- Piedade, você não ouviu o que os Malfoy fazem realmente.

- Eu não poderia ter feito, poderia? Aquele era o exato momento, ele estava se recusando a dizer a Snape.

Se passou um momento ou dois de silêncio, depois Ron disse.

- Claro! Você sabe o que papai e Dumbledore vão dizer? Dirão que Snape não está tentando realmente ajudar a Malfoy, ele estava é tentando encontrar o que Malfoy quer.

- Mas eles não o ouviram dizer.- Disse Harry. - Ninguém é tão bom ator assim, muito menos o Snape.

- É... Eu já estou dizendo, embora...- Disse Rony.

Harry girado para enfrentá-lo.

- Você pensa que eu estou certo, não é?

- Sim, eu acho!- Disse Rony rapidamente. - É serio, eu acho! Mas todos pensam que ele é fiel à ordem e tudo, não é?

Harry não disse nada. Tinha-lhe ocorrido já que seria a objeção mais provável a sua nova evidência ; poderia ouvir Hermione agora. Obviamente, Harry, estava pensando em fingir oferecer ajuda, assim poderia enganar Malfoy que faria com que ele conte o que está acontecendo... Isso era pura imaginação, entretanto, porque não tinha tido nenhuma oportunidade de dizer a Hermione o que ele tinha em mente. Ela desapareceu da festa de Slughorn antes dele retornar, ou algo assim, tinha sido informado por um McLaggen irado, e ela já tinha ido para o quarto aquela hora. Enquanto ele e Rony tiveram que sair, para a Toca, cedo naquele dia, tinha mal tido tempo para desejar-lhe um feliz natal e para dizer que tinha uma notícia muito importante quando eles começaram a voltar do feriado. Não era totalmente certo que o tinha ouvido, embora, Rony e Lilá tiveram um adeus completamente não verbal.

Ainda, até mesmo Hermione não poderia negar uma coisa: Malfoy estava definitivamente fazendo algo, e Snape sabia o que era, então Harry sentiu que estava inteiramente justificado em dizer "eu te disse, então" o qual já tinha feito várias vezes com Rony.

Harry não teve nenhuma chance de falar com o Sr. Weasley, que trabalhava muitas longas horas no ministério, até a noite de natal. Os Weasleys e seus convidados estavam sentados na sala de estar, a qual Gina tinha decorado tão prodigamente que era melhor que se sentar em uma explosão de paper-chain.

Fred, Jorge, Harry e Rony eram os únicos que sabiam que o anjo no alto da árvore era na verdade um gnomo de jardim que mordeu Fred no tornozelo quando ele colheu as cenouras para o jantar de natal. Estupefato, pintado de ouro, apertado em uma sainha de bailarina e com pequenas asas coladas às suas costas, ele envergonhou-se diante de todos, esse era o anjo mais feio que Harry já tinha visto, com uma cabeça careca e grande como uma batata e uns pés particularmente cabeludo.

Todos foram escutar uma transmissão de natal, que era feita pela cantora favorita da Sra. Weasleys, Celestina Warbeck, cuja voz saia muito alta de dentro do radio de madeira. Fleur, que achou Celestina muito maçante, estava falando tão alto no canto da sala que a Sra.Weasley lhe lançou um olhar de fúria e, com a sua varinha apontou, para o volume do radio aumentando-o, de modo que a voz de Celestina crescesse mais ruidosamente.

Sob a tampa de um número particularmente animado chamado "um caldeirão cheio e quente, forte de amor", Fred e Jorge começaram uma partida de Snap Explosivo com Gina. Ron manteve olhares discretos para Gui e Fleur, esperando escolher alguma coisa acima para derrubar. Entrementes, Remo Lupin, que estava mais magro e tinha o olhar agudo de sempre, estava sentado ao lado do fogo, olhando fixamente em suas profundidades, como se não pudesse ouvir a voz de Celestina.

O Oh, vem agitar meu caldeirão, e se você fizer isso direito, eu fervê-lo-ei acima de um amor mais forte e quente para mantê-lo morno hoje à noite.

- Nós dançávamos isso quando nós tínhamos dezoito anos!- Disse a Sra.Weasley, limpando seus olhos no seu tricô. - Você se lembra, Arthur?

- Mphf?- Disse o Sr. Weasley, cuja cabeça estava assentido sobre o satsuma que estava descascando. - Ah sim, que maravilhosa música...- Com um esforço, sentou um pouco mais reto e olhando ao redor para Harry, que estava sentando ao lado dele.

- Me desculpe sobre isso.- Disse, apontando sua cabeça para o radio enquanto Celestina cantava o refrão. - Vai acabar logo.

- Sem problema.- Disse Harry, sorrindo. - Tem tido muito trabalho no Ministério?

- Muito.- Disse o Sr. Weasley. - Eu não me importaria se nós ficássemos em qualquer lugar, mas das três apreensões que nós fizemos nos últimos meses, Eu suspeito que um deles é um genuíno comensal da morte, só não comente isso, Harry.- Ele adicionou rapidamente, parecendo muito mais acordado de repente.

- Ainda não prenderam Stanilaus, não é?- Perguntou Harry.

- Eu temo que sim.- Disse o Sr. Weasley. - Eu sei que Dumbledore foi apelar diretamente a Quim sobre Stan... Quero dizer, qualquer um que realmente o entrevistou concorda que ele é um comensal da morte quanto este satsuma... Mas os superiores querem ver se estão fazendo algum progresso, e três sons das apreensões é melhores do que três apreensões e liberações equivocadas... Mas ainda, isso é segredo dos superiores!

- Eu não direi nada.- Disse Harry.

Ele hesitou por um momento, procurando saber qual era melhor maneira de dizer o que ele queria falar; conforme ele estava organizando seus pensamentos, Celestina Warbeck começou uma canção chamada "Você seduziu diretamente o coração fora de mim".

- Sr. Weasley, você entendeu o que eu lhe disse lá na estação...?

- Eu verifiquei isso, Harry.- Disse o Sr. Weasley. - Eu fui procurar na casa dos Malfoy. Não havia nada, nem quebrado ou inteiro, que não deve ter estado lá.

- Sim, eu sei, vi no Profeta que você olhou... Mas isso é algo diferente... Bem, algo mais...

Ele disse ao Sr. Weasley tudo que ele ouviu por acaso entre Malfoy e Snape, conforme Harry foi contando, ele viu a cabeça de Lupin se virar um pouco mais para ali, captando cada palavra. Quando ele terminou de contar, havia um silêncio, com exceção da canção da Celestina ("Oh, meu coração pobre, aonde foi? Me deixou por um encanto...").

- Isso te ocorreu, Harry...- Disse o Sr. Weasley. - ...Que Snape estava simplesmente fingindo?

- Fingindo oferecer a ajuda, de modo que pudesse encontrar o que Malfoy esta fazendo?- Harry disse rapidamente. - Sim, eu pensei que você diria isso. Mas como nós podemos ter certeza?

- Não é nosso negócio saber.- Disse Lupin inesperadamente. Tinha girado sua parte traseira no fogo e agora e estava enfrentado Harry através do Sr. Weasley. - É negócio de Dumbledore. Dumbledore confia em Severo, e isso deve ser o suficiente para todos nós.

- Mas...- Disse Harry. - Só disse... Eu só disse que Dumbledore pode ter cometido um erro sobre Snape.

- As pessoas vivem dizendo isso, muitas vezes. Isso vale se você confia no julgamento de Dumbledore. Eu confio; conseqüentemente, confio em Severo.

- Mas Dumbledore pode cometer erros.- Harry argumentou. - Ele mesmo disse. E você...- Harry olhou Lupin em linha reta no olho. - ...Você, honestamente, gosta de Snape?

- Eu não gosto nem desgosto de Severo.- Disse Lupin. - Não, Harry, eu estou falando a verdade.- Ele adicionou, enquanto Harry fez uma expressão cética. - Nós nunca seremos amigos do peito, talvez; após tudo que aconteceu entre Thiago e Sirius, há muita amargura. Mas eu não me esqueço de que durante o ano que eu ensinei em Hogwarts, Severo fazia a poção de Mata-cão todo mês para mim, fazendo corretamente, de modo que eu não tinha que sofrer como eu normalmente sofro na lua cheia.

- Mas, acidentalmente...- Disse Harry. - ...Deixou escapar que você é um lobisomem, assim você teve que ir embora!- Disse Harry irritadamente.

Lupin deu de ombros.

- A notícia escaparia de qualquer maneira. Nós sempre soubemos que ele quis meu trabalho, mas poderia ter descarregado sua raiva alterando a poção, o que teria me causado danos maiores. Ele manteve-me saudável. Eu devo ser grato.

Talvez não ousou criar problemas com a poção porque Dumbledore estava de olho nele!- Falou Harry.

- Você está determinado a odiá-lo, Harry.- Disse Lupin com um sorriso fraco. - E eu compreendo; Thiago é seu pai e Sirius é seu padrinho, você herdou um preconceito velho. Apesar de tudo diga a Dumbledore o que disse a Arthur e para mim, mas não espere que ele compartilhe de seu ponto de vista; não espere que ele se surpreenda por você lhe dizer isso. Pode ter sido ordens de Dumbledore que Snape esteja questionando Draco.

- ...E você tem rasgado completamente, separadamente, e eu te agradecerei por me devolver meu coração!- Celestina terminou sua canção em uma nota muito longa, berrante e em um aplauso alto emitido fora do rádio, que a Sra. Weasley se juntou entusiasmadamente.

- Issso terrmino?- Questionou Fleur alto. - Obirrigado meu Deus, que coisa mais horrrivel.

- Vamos tomar mais uma bebida, então?- Perguntou alto o Sr.Weasley, dando um salto. - Quem quer gemada?

- O que tem acontecido ultimamente?- Perguntou Harry para Lupin, enquanto o Sr.Weasley se apressou para buscar a gemada, e todos se esticaram e a conversa começou.

- Oh, eu estive no subterrâneo.- Disse Lupin. - Quase literalmente. É por isso que eu não pude escrever, Harry; te enviar uma carta seria atitude de um traidor.

- O que você quer dizer com isso?

- Eu tenho vivido entre meus companheiros, meus semelhantes.- Disse Lupin. - Lobisomens.- Adicionou,ao ver o olhar de incompreensão. - Quase todos estão no lado de Voldemort. Dumbledore quis um espião e aqui eu estava... Pronto para tudo.

Soou um pouco amargo, e talvez realizou-o, porque sorriu mais calorosamente quando continuou.

- Eu não estou me queixando; é um trabalho necessário e quem melhor fazê-lo do que eu? Entretanto, foi difícil ganhar a confiança deles. Eu carrego os sinais de ter tentado viver entre os bruxos, para você ver, visto que evito a sociedade normal e vivo nas margens, roubando, e matando às vezes para comer.

- Como eles vieram a se aliar com Voldemort?

- Pensam que, sob seu domínio, terão uma vida melhor.- Disse Lupin. - E é duro discutir com o Greyback lá fora.

- Quem é Greyback?

- Você não ouviu falar dele?- As mãos de Lupin fecharam-se compulsivamente em roupa. - Fenrir Greyback é, talvez, o lobisomem mais selvagem vivo hoje. A honra da missão de sua vida é morder e contaminar tantas pessoas quanto for possível; ele quer criar muitos lobisomens para superar os bruxos. Voldemort prometeu-lhe a rapina no retorno para seus serviços. Greyback especializa-se nas crianças... Morder jovens, disse ele, e educando-os afastados de seus pais, levando-os a odiar os bruxos normais. Voldemort tem ameaçado levar os lobisomens a atacaremos filhos e as filhas das pessoas; e essa ameaça geralmente produz bons resultados.- Lupin pausou e então disse: - foi Greyback que me mordeu.

- O que?!- Disse Harry surpreso. - Quando... Quando você era um garoto, você quer dizer?

- Sim. Meu pai tinha ofendido ele. Eu não sabia, por um longo tempo, a identidade do lobisomem que me tinha atacado; Eu senti pena dele, pensando que ele não tinha tido nenhum controle, sabendo ,então por ele, que o fraco se transforma. Mas Greyback não é como aquele. Na lua cheia, posiciona-se perto das vítimas, assegurando-se de que esteja perto o bastantes para golpear. Ele planeja tudo. E este é o homem que Voldemort está usando de marechal para controlar os lobisomens. Eu não posso fingir que meu tipo particular de argumento racional está fazendo muito progresso contra a insistência de Greyback que nós, os lobisomens merecem sangue, que nós devemos nos vingar das pessoas normais.

- Mas você é normal!- Disse Harry ferozmente. - Você apenas tem um, um problema.

Lupin caiu na gargalhada.

- Às vezes você me lembra muito o Thiago. Ele chamou-o de "meu pequeno problema cabeludo de companhia". Muitas pessoas tiveram a impressão que eu possuía um coelho mal comportado.

Aceitou um copo de gemada do Sr. Weasley com uma palavra de agradecimento, olhando ligeiramente mais animado, Harry, entrementes, sentiu-se mais feliz. Esta última menção na lembrança de seu pai fez Harry se lembrar que havia algo que ele estava ansiosa para perguntar para Lupin.

- Você já ouviu falar de alguém chamado de o Príncipe Mestiço?

- Mestiço o que?

- Príncipe.- Disse Harry, prestando atenção nos sinais de reconhecimento dele

- Não há nenhum príncipe entre os bruxos.- Disse o Lupin, sorrindo agora. - É este o título que você pensa em adotar? Eu pensei que " O Escolhido" seria bastante.

- Não é nada a ver comigo!- Disse Harry indignado. - O Príncipe Mestiço é alguém que costumava ir para Hogwarts, eu achei um livro velho de poções. Ele escreveu feitiços em todo o livro, feitiços que ele inventou. E um deles se chama Levicorpos.

- Oh Levicorpus, esse foi uma grande moda durante o meu tempo em Hogwarts.- Disse Lupin. - Houve alguns meses em meu quinto ano em que você não poderia se mover se não seria içado no ar por seu tornozelo.

- Meu pai usou isso.- Disse Harry. - Eu vi ele na Penseira, ele usou em Snape.- Tentou fazer com que soa-se ocasional, como se este era um comentário sem nenhuma importância real, mas ele não tinha certeza se tinha o efeito que ele queria; O sorriso de Lupin era de compreensão.

- Sim.- Disse. - Mas não era o único. Como eu disse, era muito popular... Você sabe estes feitiços indo e vindo.

- Mas soa como ele era quando você estava na escola.- Harry insistiu.

- Não necessariamente.- Disse Lupin. - Feitiços entram e saem de moda como todas as coisas.

Ele olhou para a face de Harry e então disse calmamente.

- Thiago era um puro sangue, Harry, e eu prometo a você, ele nunca pediu a nós para chamá-lo de "Príncipe".

Abandonando a pretensão, Harry disse.

- E não era Sirius? Ou você?

- Definitivamente não.

- Oh.- Harry encarou o fogo. - Eu apenas pensei... Bem, ele me ajudou muito nas aulas de Poções, o Príncipe.

- Quanto anos tem essa livro, Harry?

- Eu não sei, Eu nunca chequei.

- Bem, talvez isto te dê uma dica de quando o Príncipe esteve em Hogwarts. Disse Lupin.

Pouco depois disso, Fleur decidiu imitar Celestina cantando "Um caldeirão cheio de quente, forte amor" o que prendeu a atenção de todos, um vez que eles ficaram vislumbrados. A expressão da Sra. Weasley, dava a pista que era hora de ir para a cama. Harry e Ron escalaram até o sótão-quarto de Ron, quando uma cama de acampamento foi adicionada para Harry.

Ron caiu no sono quase que imediatamente, mas Harry procurou em seu baú e o puxou sua copia de "Fazendo Poções Avançadas" antes de ir para a cama. Onde ele virava as páginas, procurando até que ele finalmente encontrou, na frente do livro a data em que ele foi publicado. Isto foi quase cinqüenta anos atrás. Nenhum de seus pais, ou amigos de seus pai, esteve em Hogwarts cinqüenta anos atrás. Se sentindo desapontando, Harry jogou o livro de volta no baú, desligou a lâmpada e se virou na cama pensando em lobisomens e Snape, Stan Shunpike e o Príncipe Mestiço, e finalmente caiu em um sono preocupado cheio de sombras rastejantes e o choro de crianças mordidas.

- Ela deve estar brincando...

Harry acordou com o começo de achar uma saliente meia comprida saindo de sua cama. Ele colocou seus óculos e olhou em volta. A pequena janela quase completamente obstruída pela neve e na sua frente, Ron estava sentando.

- O que é isso?- Perguntou Harry

- Isto veio de Lilá.- Disse soando revoltado. - Ela comprou pensando honestamente que eu usaria...

Harry olhou mais de perto e soltou muitas risadas. Balançando onde o colar em largas letras douradas tinha as palavras "Meu amor".

- Legal!- Harry disse. - Na moda. Você devia definitivamente usar isto na frente de Fred e Jorge.

- Se você contar a eles...- Ron disse, tirando o colar de vista, colocando embaixo de seu travesseiro. - Eu... Eu... Eu vou...

- Gaguejar para mim?- Disse Harry gargalhando. - Vem cá, você acha...?

- Como ela pode pensar que eu gostaria de algo como isto, de alguma forma?- Ron precisou de um pouco de ar, olhando particularmente chocado.

- Bem, pense.- Disse Harry. - Você já deixou um bilhete dizendo que você gostaria de sair em publico com as palavras "meu amor" em volta do pescoço?

- Bem... Nós realmente não conversamos muito.- Disse Ron. - Principalmente sobre...

- Namoro?- Disse Harry.

- Bem, sim.- Disse Ron. Ele hesitou por um momento, então disse. - Hermione está saindo com o McLaggen?

- Não sei.- Disse Harry. - Eles foram na festa do Slughorn juntos, mas não acho que tenha ido tão bem.

Ron parecia ligeiramente mais alegre enquanto vestia mais profundamente sua meia. Os presentes de Harry incluíam um suéter com um grande Espião Dourado trabalhando na frente, feito a mão pela Sra. Weasley, uma caixa grande do Feiticeiro ofegante dos Weasleys produtos dos gêmeos, e um ligeiramente úmido, cheirando a mofo, pacote que veio com um rótulo para o Mestre, De Kreacher. Harry encarou aquilo.

- Você considera seguro abrir isto?- Ele perguntou.

- Não pode ser nada perigoso, todos nosso correios ainda está sendo examinados pelos Ministério.- Respondeu Ron, entretanto ele estava olhando o pacote suspeitosamente.

- Eu não pensei em dar. Pessoas normalmente dão para aos seus elfos domésticos presentes de Natal?- Perguntou Harry, cutucando o pacote cuidadosamente.

- Hermione vai.- Disse o Ron. - Mas vamos esperar e vê o que é antes de você começar a se sentir culpado.

Um momento depois, Harry deu um grito alto e saltou fora da cama dele; o pacote continha um número grande de larvas de inseto.

- Agradável.- Disse Ron, enquanto rugia com risadas. - Muito interessante.

- Eu os prefiro isso do que aquele colar.- Disse Harry, o que sossegou Ron mais uma vez.

Todo o mundo estava usando suéteres novos quando todos se sentaram para o almoço de Natal, todo o mundo menos Fleur (em quem, se apareceu, Sra. Weasley não tinha querido desperdiçar um) e a própria Sra. Weasley, que estava ostentando um novo chapéu de bruxa azul noite brilhante com que pareciam pequenos brilhantes diamantes e um espetacular colar dourado.

- Fred e Jorge os deram para mim! Eles não estão bonitos?

- Bem, nós achamos que nós gostamos de você cada vez mais, mamãe, agora que nós estamos lavando nossas próprias meias.- Disse Jorge, enquanto acenava com a mão no ar. "Parsnips, Remus".

- Harry , você tem uma larva de inseto em seu cabelo.- Disse Gina alegremente, enquanto se apoiava na mesa para tirar a larva; Harry sentiu arrepios na nuca que não tinham nada a ver com a larva de inseto.

- Ow, horrível.- Disse Fleur, com um pequeno tremor afetado.

- Sim, não é?- Disse Ron. - Molho, Fleur?

Para ajudar, ele jogou a tigela de molho noar; Gui pegou sua varinha e o molho planou no ar e voltou humildemente para dentro da tigela.

- Você é tão ruim quanto Tonks.- Disse Fleur a Ron, quando ela tinha terminado de beijar Gui agradecendo.

- Ela sempre está batendo...

- Eu convidei a querida Tonks pra vim hoje.- Disse a Sra. Weasley, fixando abaixo as cenouras com força desnecessária e luzindo a Fleur. - Mas ela não veio. Você tem falado ultimamente com ela, Remus?

- Não, eu não entrei em contato com qualquer pessoa.- Disse Lupin. - Mas Tonks tem a própria família dela para ir, não tem?

- Hmmm.- Disse Sra. Weasley. - Talvez. Mas eu tive a impressão que ela estava planejando passar o Natal sozinha, de fato.

Ela deu para Lupin um olhar aborrecido, como se fosse sua culpa ela estar ganhando Fleur de nora em vez de Tonks, mas Harry, olhando pela Fleur que agora estava alimentando Gui com pedaços de peru usando o seu próprio garfo, pensou que Sra. Weasley estava lutando uma batalha perdida. Porém, lhe fizeram lembrar de uma pergunta que ele teve com respeito a Tonks, e quem melhor perguntar que Lupin, o homem que conhece tudo sobre Patronos?

- O Patrono da Tonks mudou de forma.- Ele lhe falou. - Snape disse tão de qualquer maneira. Eu não soube que isso pudesse acontecer. Por que seo Patrono mudaria?

Lupin levou um tempo mastigando seu peru e engoliu antes de dizer lentamente.

- Às vezes... Um grande choque... Uma reviravolta emocional...

- Parecia grande, e tinha quatro pernas.- Disse Harry, pego por repentino pensamento e abaixando a voz dele. - Ei... Não pôde ser...?

- Arthur!- Disse a Sra. Weasley de repente. Ela tinha levantado da cadeira dela; a mão dela foi apertada em cima do coração dela e ela estava fitando fora da janela de cozinha. - Arthur, é Percy!

- O que?

O Sr. Weasley deu uma olhada. Todo o mundo olhou depressa para a janela; Gina lutava por um lugar melhor. Lá, seguro bastante, era Percy Weasley, parado próximo do jardim com neve, seus óculos de armação de chifre com suas bordas refletindo na luz solar. Porém, ele não estava só.

- Arthur, ele está... Ele está com o Ministro!

E seguro bastante, o homem que Harry tinha visto no Profeta Diário estava seguindo junto com Percy, mancando ligeiramente, a juba dele de cabelo ficando cinzento e a capa preta manchada com neve. Antes de qualquer coisa, eles poderiam dizer qualquer coisa, antes que Sr. e da Sra. Weasley pudessem fazer qualquer coisa: mais que troca aturdiu olhares, a porta dos fundos abriu e lá estava de pé Percy. Havia um silêncio doloroso de um momento. Então Percy disse com bastante rigor.

- Feliz Natal, Mãe!

- Oh, Percy!- Disse a Sra. Weasley, e ela se lançou nos braços dele.

Rufus Scrimgeour parou na entrada, sorrindo como ele observou esta cena afetando.

- Você tem que perdoar esta intrusão.- Ele disse, quando a Sra. Weasley olhou para ele, enquanto irradiando e esfregando os olhos dela. - Percy e eu estávamos na redondeza trabalhando, você sabe, e ele não pôde resistir de vir até aqui e ver a todos.

Mas Percy não mostrou nenhum sinal de querer cumprimentar qualquer um do resto da família. Ele estava de pé, ereto e olhando desajeitado, e fitou todos por cimas das cabeças. O Sr. Weasley, Fred, e Jorge estavam todos observando-o, olhar duro.

- Por favor, entre, se sente, Ministro!- Falou tremendo a Sra. Weasley, endireitando o chapéu dela. Tenha um pequeno purkey, ou algum tooding... Eu quero dizer.

- Não, não, minha querida Molly.- Disse Scrimgeour.Harry adivinhou que ele tinha conferido o nome dela com Percy antes de eles entrassem na casa. - Eu não quero intrometer, não estaria aqui se Percy não tivesse querido ver você tão insistentemente.

- Oh, Percy!- Disse a Sra. Weasley em pranto, alcançando até o beijar.

- Nós só ficaremos uns cinco minutos, assim eu terei um passeio ao redor da jardim enquanto você fica com Percy. Não, não, eu o asseguro eu não quero me intrometer! Bem, se qualquer pessoa se preocupasse em me mostrar seu charmoso jardim... Ah este jovem terminou, por que ele não dá uma volta comigo?

A atmosfera ao redor da mesa mudou perceptivelmente. Todo mundo olhou de Scrimgeour a Harry. Ninguém parecia achar a pretensão de Scrimgeour que de não saber o nome de Harry convincente, ou acha natural que ele tivesse sido escolhido acompanhar o Ministro ao redor do jardim quando Gina, Fleur, e George também estavam com seus pratos limpos.

- Sim, certo.- Disse Harry no silêncio. Ele não foi enganado; pela conversa de Scrimgeour que eles há pouco tinham estado na área que Percy quis ver a família dele, esta deve ser a real razão que eles tinham vindo, de forma que Scrimgeour poderia falar a sós com Harry.

- Está bem.- Ele disse quietamente, quando ele passou por Lupin que meio levantou de sua cadeira. - Ótimo!- Ele acrescentou, quando o Sr. Weasley abriu a boca para falar. - Maravilhoso!- Disse Scrimgeour, enquanto esperou Harry passar pela porta à frente. - Nós apenas levaremos um tempo no jardim, e Percy e eu iremos. Continue, todo o mundo!

Harry caminhou para o outro lado do jardim enorme, coberto de neve dos Weasleys, Scrimgeour que mancava ligeiramente caminhava ao lado dele. Ele teve, Harry soube, sido Chefe do escritório de Auror; ele parecia duro e marcado com uma cicatriz, muito diferente de Fudge digno no chapéu de bolicheiro dele.

- Encantando.- Disse Scrimgeour, enquanto parava à cerca de jardim e olhando fora em cima do gramado nevado e as plantas indistinguíveis. - Encantando.

Harry não disse nada. Ele sabia que Scrimgeour estava o observando.

- Eu quis conhecê-lo durante um tempo muito longo.- Disse Scrimgeour, depois de alguns momentos. - Você sabia disso?

- Não.- Disse Harry sinceramente.

- Oh sim, durante um tempo muito longo. Mas Dumbledore tem protegido muito você.- Disse Scrimgeour. - Natural, claro que é natural, depois de tudo que você passou ou... Especialmente o que aconteceu no Ministério...

Ele esperou por Harry dizer algo, mas Harry não disse palavra alguma. Assim ele continuou.

- Eu tenho esperado por uma ocasião para falar com você desde que eu me tornei Ministro, mas Dumbledore tem, de forma compreensível, como digo eu, prevendo isto.

Ainda, Harry não disse nada, esperando.

- Os rumores que voaram ao redor!- Disse Scrimgeour. - Bem, claro que, ambos sabemos como estas histórias são torcidas... Todos estes sussurros de uma profecia... De você sendo "O Escolhido"...

Eles estavam chegando perto, agora Harry sabia do motivo de Scrimgeour estar aqui.

- Eu presumo que Dumbledore discutiu estes assuntos com você.

Harry deliberou, enquanto pensava se ele deveria mentir ou não. Ele deu uma olhada às pequenas pegadas de gnomo ao redor dos canteiros de flores, desgaste do remendo que marcou a mancha onde Fred tinha pegado o gnomo que usa o goro agora ao topo da árvore de Natal. Finalmente, ele decidiu contar a verdade... Ou um pedaço dela.

- Sim, nós discutimos.

As pessoas acreditam que você é "O Escolhido", você vê.- Disse Scrimgeour. - Eles pensam que você é um herói, o qual, claro que, de qualquer forma, Harry, escolhido ou não! Quantas vezes você já enfrentou Aquele-que-não-deve-ser-nomeado? De qualquer maneira.- Ele apertou, sem esperar por uma resposta. - O ponto é, você é um símbolo de esperança para muitos, Harry. A idéia que há alguém lá fora que poderia ser capaz, que poderia ser destinado até mesmo, a destruir Aquele-que-não-ser-nomeado, bem, naturalmente, dá um animo para as pessoas. E eu não posso ajudar mas posso sentir que, uma vez que você perceber isto, você poderia considerar isto, bem, quase um dever, se levantar ao lado do Ministério, e dar para todo o mundo um apoio.

O gnomo há pouco tinha conseguido adquirir com a garra uma lombriga. Estava arrastando fortemente, tentando sair com o bicho do chão congelado. Harry estava num silencio tão longo que Scrimgeour disse olhando de Harry para o gnomo.

- Engraçadinhos, eles não são? Mas o que me diz Harry?

- Eu não entendo o que você quer exatamente.- Disse Harry lentamente. - "Se levante ao lado do Ministério", O que significa isso?

- Oh, bem, nada oneroso, eu o asseguro.- Disse Scrimgeour. - Se você fosse visto dentro e fora do Ministério, de vez em quando, isto daria a impressão certa. E claro que, enquanto você estiver lá, você teria a oportunidade para falar com Gawain Robards, meu sucessor como cabeça do escritório de Auror. Dolores Umbridge me falou que prtenede se tornar um Auror. Bem, isso poderia ser organizado muito facilmente...

Harry sentia tanta raiva que seu estomâgo estava se revirando com a idéia de que Dolores Umbridge ainda estava ao Ministério.

- Então...- Ele disse, como se ele há pouco quis clarear alguns pontos. - Você gostaria de dar a impressão que eu estou trabalhando para o Ministério?

- Faria todo mundo pensar que você está mais envolvido, Harry.- Disse Scrimgeour, enquanto soando aliviaram que aquele Harry teve cama harmonizada tão depressa. - "O Escolhido", você sabe... Isso daria as pessoas esperança, o sentimento, o sentimento que coisas emocionantes estão acontecendo...

- Mas se eu continuar correndo dentro e fora do Ministério.- Disse Harry, enquanto ainda pretendia manter sua voz amigável. - Isso não parecerá como se eu aprovasse o que o Ministério é?

- Bem.- Disse Scrimgeour, ficando ligeiramente carrancudo.- Bem, sim, isso é em parte por que nós gostaríamos...

- Não, eu não penso em fazer isso.- Disse Harry agradavelmente. - Você vê, eu não gosto de algumas das coisas que o Ministério está fazendo. Prendendo Stan Shunpike, por exemplo.

Scrimgeour não falou imediatamente mas sua expressão endureceu por um momento.

- Eu não esperaria que você entendesse.- Ele disse, e não obteve sucesso em manter a raiva afastada da voz dele como Harry tinha feito. - Estes são tempos perigosos, e certas atitudes precisam ser tomadas. Você tem dezesseis anos.

- Dumbledore tem muito mais que dezesseis, e não pensa que Stan deveria estar em Azkaban também.- Disse Harry. - Você está fazendo Stan parecer um bode expiatório, como há pouco, igualmente, você desejou me fazer de mascote.

Eles olharam um para ao outro, longamente e duramente. Finalmente Scrimgeour disse, sem pretensão ou entusiasmo.

- Eu entendo. Você prefere, como seu herói, Dumbledore, se desassociar do Ministério?

- Eu não quero ser usado.- Disse Harry.

- Alguns diriam que é seu dever ser usado pelo Ministério!

- Sim, e outros poderiam dizer que é seu dever conferir se pessoas são realmente Comensais da Morte antes de você os atirar na prisão.- Disse Harry, sua têmpora subindo agora. - Você está fazendo o que Barto Crouch fez. Vocês nunca fazem isso certo. você faz? Fingindo ser todo adorável enquanto as pessoas são assassinadas bem debaixo do seu nariz, ou nós o temos, atirando as pessoas erradas na prisão e tentando fingir que têm "O Escolhido" trabalhando para vocês!

- Assim você não é "O Escolhido?- Disse Scrimgeour.

- Eu pensei que você tinha dito que não se importa com isso?- Disse Harry, com um riso amargo. - Não para você de qualquer maneira.

- Eu não deveria ter dito aquilo.- Disse Scrimgeour depressa. - Foi indiscreto.

- Não, era honesto.- Disse Harry. - Uma das únicas coisas honestas que você disse a mim: Você não se preocupa se fico vivo ou morto, mas você se preocupa que eu lhe ajudo a convencer todo o mundo que você está ganhando a guerra contra Voldemort. Eu não esqueci, Ministro...- Ele levantou o punho direito dele. Lá, marcado, brilhando em branco na parte de trás da mão dele, estavam as cicatrizes que Dolores Umbridge tinha o forçado a esculpir na sua própria carne. - Eu não devo contar mentiras. Eu não me lembro de você estar apressando a minha defesa quando eu estava tentando contar para todo o mundo que Voldemort estava de volta. O Ministério não era tão afiado meu amigo o ano passado.

Eles se levantaram num silêncio tão frio quanto o chão em baixo dos pés deles. O gnomo tinha conseguido desembaraçar a lombriga dele e finalmente estava a chupando felizmente, apoiando contra as fileiras de bottommost do arbusto de rododentro

- O que Dumbledore faz?- Disse Scrimgeour bruscamente. - Aonde ele vai quando fica ausente de Hogwarts?

- Não tenho a mínima idéia.- Disse Harry.

- E você não me falaria se soubesse.- Disse Scrimgeour. - Falaria?

- Não, não falaria.- Disse Harry.

- Bem, então, eu terei que ver se eu não posso descobrir através de outros meios.

- Você pode tentar.- Disse Harry indiferentemente. - Mas você parece ser mais esperto do que Fudge, assim eu teria pensado que você teria aprendido algo. Ele tentou interferir em Hogwarts. Você pode ter notado que ele é não é mais ministro, mas Dumbledore ainda é o diretor. Eu deixaria Dumbledore quieto se eu fosse você.

Houve uma pausa longa.

- Bem, está claro para mim que ele fez um trabalho muito bom com você.- Disse Scrimgeour, os olhos dele frio e duro atrás dos óculos dele. - Você é o homem de Dumbledore, não é Potter?

- Sim, eu sou.- Disse o Harry. - Contente nós arrumamos isso fora.

E virando para o Ministro da Magia, ele entrou de volta na casa.

= = = =

- Está bem professora.

Harry ajeitou seus óculos e alisou os cabelos enquanto Rony aparecia rodopiando. Quando Gina chegou, os três se retiraram da sala de McGonagall e foram em direção à torre da Grifinória. Harry olhou pelas janelas do corredor e percebeu que o sol já se escondia por detrás dos terrenos cobertos de neve como a o ele viu na Toca. De longe, pôde observar Hagrid alimentando Bicuço na frente de sua cabana.

- Baubles.- Disse Rony confiante, quando chegaram à Mulher Gorda, que parecia estar mais pálida que o normal.

- Não!- Disse a Dama com sua voz alta.

- O que você quer dizer com "não"?

- Tem uma nova senha.- Disse. - E por favor, não grite.

- Mas nós não estávamos no castelo, como você acha que nós...

- Harry! Gina!

Hermione vinha correndo na direção deles, com o rosto corado e vestindo uma capa, chapéu e luvas.

- Cheguei a algumas horas, estava indo visitar Hagrid e bic... Quer dizer, Witherwings.- Disse ofegante. - Tiveram um bom Natal?

- Sim.- Disse Rony de uma vez. - Cheio de eventos, Rufus Scrim...

- Tenho uma coisa pra você, Harry.- Disse Hermione, sem olhar para Rony e nem mesmo demonstrar ter ouvido o que ele disse. - Oh, esperem, a senha. Abstinência.

- Correto.- Disse a Dama Gorda, e moveu-se revelando a passagem.

- O que houve com ela?- Perguntou Harry.

- Animação do Natal, aparentemente.- Disse Hermione, enquanto liderava o caminho para o salão comunal. - Ela e Violeta beberam todo o vinho naquele quadro dos monges bêbados no corredor de Feitiços. De qualquer forma...

Ela meteu a mão em seu bolso e puxou um pedaço de pergaminho contendo a letra de Dumbledore.

- Ótimo!- Disse Harry, desenrolando o pergaminho e descobrindo que sua próxima aula com Dumbledore estava marcada para a noite seguinte. - Eu tenho muita coisa para contar a ele, e para vocês. Vamos nos sentar...

Mas neste momento, ouviu-se alguém dizer “Won-Won” e Lilá Brown veio correndo e jogou-se nos braços de Rony. As pessoas que estavam por perto deram risinhos; Hermione também deu um risadinha.

- Tem uma mensagem aqui... Vem comigo, Gina?

- Não, obrigado. Marquei de encontrar Dino.- Disse Gina, com pouco entusiasmo, como Harry não pode deixar de notar. Deixando Rony e Lilá numa espécie de luta em pé, Harry levou Hermione para uma mesa quadrada.

- Então, como foi o Natal?

- Ah, bom.- Disse ela. - Nada de especial. Como foi na casa de "Won-Won"?

- Te falo em um minuto.- Disse Harry. - Olha, Hermione, você não poderia...

- Não, não posso.- Disse. - Portanto não precisa nem pedir.

- Pensei que, você sabe, pelo Natal...

- Foi a Dama Gorda que bebeu um galão de vinho de 500 anos, e não eu. Então, quais são as novidades importantes que você tem para me dizer?

Ela pareceu muito firme para discutir no momento, por isso, Harry deixou o assunto sobre Rony de lado e contou tudo o que ele ouviu da conversa entre Malfoy e Snape. Quando terminou, Hermione pensou por um momento e, então, disse.

- Você não acha que...

- ...Ele estava fingindo oferecer ajuda para enganar Malfoy e descobrir o que ele estava armando?

- Bem, isso.- Disse Hermione.

- O Sr. Weasley e Lupin acham iss.- Disse Harry. - E isso prova que ele está tramando alguma coisa, você não pode negar isso.

- Não, não posso.- Respondeu calmamente.

- E ele está a mando de Lord Voldemort, como eu tinha dito.

- Er... Algum dos dois chegou a mencionar o nome de Voldemort?

Harry franziu a testa, tentando lembrar.

- Não tenho certeza... Snape certamente disse "seu mestre", e quem mais poderia ser?

- Eu não sei.- Disse batendo nos lábios. - O pai dele, talvez?

Ela olhava fixamente através da sala, aparentemente perdida em seus pensamentos, nem mesmo percebeu Lilá fazendo cócegas em Rony.

- Como está Lupin?

- Nada bem.- E contou-lhe sobre a missão dele de se infiltrar entre os lobisomens e as dificuldades disso. - Você já ouviu falar em Fenrir Greyback?

- Sim, eu já ouviu.- Respondeu de sobressalto. - E você também, Harry!

- Quando? Em História da Magia? Você sabe muito bem que eu não prestava atenção...

- Não, não, História da Magia não! Malfoy ameaçou Borgin sobre ele!- Disse Hermione. - Lá na Travessa do Tranco, não se lembra? Ele disse para Borgin que Fenrir Greyback era um velho amigo da família e que ele estaria de olho nos progressos de Borgin.

Harry respondeu.

- Eu esqueci! Mas isso prova que Malfoy é um Comensal de Morte, de que outra forma ele entraria em contato com Grayback e diria o que ele teria de fazer?

- É muito suspeito.- Disse Hermione. - A não ser que...

- Ah, qual é?- Disse Harry exasperado. - Você não pode se livrar desta prova!

- Bem, existe a possibilidade de ser um mero blefe.

- Você é inacreditável, é sim!- Disse sacudindo a cabeça.

- Veja quem está certo! Você vai se arrepender assim como o Ministério. Ah é, eu tive um encontro com Rufus Scrimgeor também...

E o restante da noite passou com uma conversa educada sobre o abuso do Ministério; para Hermione assim como para Rony, pensar nisto depois de tudo o que o Ministério fez Harry passar no ano anterior, e ainda ter a cara-de-pau de pedir ajuda agora...

O novo semestre começou na manhã seguinte com uma surpresa agradável aos alunos do sexto ano: um grande aviso foi preso no quadro de avisos durante a noite.

*AULAS DE APARATAÇÃO*

*Se você tem dezessete anos ou vai fazer dezessete antes do próximo dia 31 de agosto, você está habilitado para um curso de doze semanas de Aulas de Aparatação com um Instrutor de aparatação do Ministério. Por favor, assine abaixo para participar.*

*Custo: 12 galeões.*

Harry e Rony juntaram-se ao aglomerado que se formou perto do aviso e revezaram-se para assinar seus nomes. Rony estava se preparando para assinar seu nome quando Lilá veio por trás, passou a mão sobre seus olhos e perguntou "Adivinha quem é, Won-Won?" Harry virou-se para ver Hermione saindo quietamente para não ser vista, ele foi se juntar com ela, sem desejar manter-se perto de Rony e Lilá, mas para sua surpresa Rony se juntou a eles logo depois de terem saído pelo buraco do quadro, com suas orelhas vermelhas e uma expressão de irritação. Sem dar uma palavra, Hermione se apressou para acompanhar Neville.

- Então, aparatação.- Disse Rony, mantendo um tom perfeitamente claro para fingir que nada tinha acontecido. - Deve ser moleza, né?

- Não sei.- Disse Harry. - Talvez seja melhor quando se faz por si mesmo, não gostei muito quando Dumbledore me levou para um passeio.

- Esqueci que você já tinha feito... É melhor eu passar no teste na primeira vez.- Disse Rony, parecendo ansioso. - Fred e Jorge conseguiram.

- Mas Carlinhos repetiu, não foi?

- Sim, mas Carlinhos é maior que eu.- Rony manteve os braços por fora do corpo como se fosse um gorila. - Por isso, Fred e Jorge não brincaram a respeito, pelo menos não na frente de Carlinhos...

- Quando poderemos fazer o teste?

- Assim que completarmos dezessete. Será só em Março para mim!

- Sim, mas você não poderia aparatar aqui, pelo menos não no castelo...

- Não é esse o objetivo, todo mundo saberia que eu posso aparatar se eu quiser.

Rony não era o único animado por causa da Aparatação. Por todo aquele dia, houve conversas sobre o curso que estava por vir, uma grande quantidade de conversas sobre desaparecer e aparecer em outro lugar que quiser.

- Como será legal quando...- Simas estalou o dedo indicando o desaparecimento. - Meu primo Fergus faz isso só para me aborrecer, ele não imagina quando eu puder revidar... Ele não terá um minuto de sossego.

Perdido na visão de sua futura habilidade, ele brandiu sua varinha muito entusiasmadamente e ao invés de produzir uma calma fonte de água pura, que era o assunto da aula de Feitiços do dia, saiu um forte jato de água que ricocheteou no teto e derrubou professor Flitwick de cara no chão.

- Harry já aparatou.- Rony contou ao envergonhado Simas, depois do professor Flitwick ter secado a si mesmo com um brandir da varinha e dizer a Simas: "Sou um bruxo e não um macaco sacudindo um graveto!" - Bem... Er... Alguém o levou de carona por aparatação.

- Uau!- Sussurrou Simas, e ele, Dino e Neville uniram mais um pouco suas cabeças para ouvir como é Aparatar. Todos pareciam mais impressionados do que desacreditados, à medida que Harry contou a sua desconfortável experiência, respondendo detalhadamente as perguntas até as dez para oito, quando ele disse que precisava devolver um livro na biblioteca, e assim pôde escapar e rumar para a aula de Dumbledore.

Havia luz na sala de Dumbledore, os quadros dos antigos diretores roncavam tranqüilamente em suas telas e a Penseira estava posta e preparada em cima da mesa. As mãos de Dumbledore repousavam ao lado do objeto, a mão direita continuava negra e queimada como sempre. Não parecia ter se curado de forma alguma e Harry pensou, pela centésima vez, o que poderia ter causado, mas ele não perguntou; Dumbledore já havia dito que ele saberia em algum momento e havia outro assunto que ele queria perguntar. Mas antes que Harry pudesse falar qualquer coisa sobre Snape e Malfoy, Dumbledore disse:

- Ouvi que você se encontrou com o Ministro da Magia.

- Sim.- Disse Harry. - E ele não ficou nada contente comigo.

- Não.- Concordou Dumbledore. - Ele também não está muito contente comigo. Não devemos ceder às nossas angústias, Harry, mas, sim, continuar a batalha.

Harry sorriu.

- Ele queria que eu falasse à comunidade dos Bruxos que o Ministério está fazendo um trabalho maravilhoso.

Dumbledore deu um sorriso e disse.

- Foi à idéia original de Fudge, sabe. Durante seus últimos dias de Ministro, quando ele estava desesperadamente tentando manter seu posto, ele queria ter um encontro com você, esperando que você pudesse lhe dar apoio...

- Depois de tudo o que Fudge fez ano passado?- Disse Harry com raiva. - Depois de Umbridge?

- Eu disse a Cornelius que ele não tinha nenhuma chance, mas a idéia não morreu quando ele saiu. Depois de horas em um encontro com Scrimgeour ele pediu-me um encontro com você...

- Então foi por isso que vocês discutiram!- Disse de ímpeto Harry. - Estava no Profeta Diário.

- O Profeta consegue publicar verdades de vez em quando.- Disse Dumbledore. - Mas somente por acidente. Sim, foi por isso que discutimos. Bem, parece que Rufus encontrou um jeito de espreitá-lo, no final das contas.

- Ele me acusou de ser um de seus homens.

- Que grosseiro da parte dele.

- Mas eu disse que eu era.

Dumbledore abriu sua boca para falar, mas fechou novamente. Por trás de Harry, Fawkes, a fênix, soltou uma suave nota musical. Para o grande embaraço de Harry, ele percebeu que os olhos azuis e brilhantes de Dumbledore estavam, agora, cheios de água, Harry não pode evitar de olhar para baixo, encarando seus próprios joelhos. Contudo, quando Dumbledore voltou a falar, sua voz estava bastante firme.

- Estou muito emocionado, Harry.

- Scrimgeour queria saber para onde você vai quando você não está em Hogwarts.- Disse Harry ainda olhando para seus próprios joelhos.

- Sim, ele está muito curioso a respeito disto.- Disse Dumbledore, parecendo muito animado e Harry achou que era seguro levantar a cabeça de novo. - Ele até mesmo tentou me seguir. Incrível, mesmo! Ele mandou Dawlish me seguir. Não foi nada legal. Eu fui forçado a enfeitiçar Dawlish uma vez, e eu tive de fazer de novo com um grande pesar.

- Então eles não sabem aonde o senhor foi?- Perguntou Harry, esperançoso por maiores informações sobre este assunto, mas Dumbledore mal sorriu por debaixo de seus óculos de meia-lua.

- Não, eles não sabem, e ainda não é o momento para você saber. Agora eu sugiro que comecemos, a não ser que você tenha algo a dizer?

- Na verdade, tenho sim, senhor!- Disse Harry. - É sobre Malfoy e Snape.

- Professor Snape, Harry.

- Sim, senhor. Eu os ouvi durante a festa do professor Slughorn... Bem, eu os segui, na verdade...

Dumbledore ouviu a historia que Harry contava sem demonstrar nenhum sentimento. Quando Harry terminou, ele ficou alguns minutos em silêncio, e então, disse.

- Obrigado por me contar, Harry, mas sugiro que você esqueça isso, não é importante.

- Não é importante? Professor, o senhor não entendeu...?

- Sim, Harry, abençoado como eu sou com um grande poder cerebral, eu entendi tudo o que você me contou.- Disse Dumbledore um pouco ríspido. - Eu acho que você deveria considerar a possibilidade de eu ter entendido mais que você mesmo. Novamente, fico feliz por ter contado, mas deixe-me assegurar-lhe que você não me contou nada que me deixe inquieto.

Harry manteve seu olhar em Dumbledore, silencioso. O que estava acontecendo? Isto significava que Dumbledore realmente mandou Snape descobrir o que Malfoy está tramando, e neste caso já teria ouvido de Snape o que Harry acabara de contar? Ou será que ele realmente se preocupava com o que acabou de ouvir, mas está fingindo que não?

- Então, senhor.- Disse tentando manter seu tom de voz o mais educado e calmo possível. - Definitivamente você ainda confia em...

- Fui tolerante o suficiente para responder a essa pergunta outras vezes.- Respondeu Dumbledore, apesar de não parecer mais tão tolerante. - Minha resposta não mudou!

- Eu deveria saber que não.- Disse uma voz desagradável; Phineas Nigellus estava claramente fingindo estar dormindo. Dumbledore ignorou-o.

- E agora, Harry, eu insisto que devemos seguir adiante. Tenho coisas mais importantes para debater com você esta noite.

Harry sentou sentindo-se desgostoso. Como seria se ele não permitisse mudar de assunto, se ele insistisse em continuar as acusações contra Malfoy? Como se tivesse lido a mente de Harry, Dumbledore sacudiu a cabeça.

- Ah, Harry. Como isso acontece com freqüência, até mesmo, entre melhores amigos! Cada um de nós acredita que tem a dizer é mais importante do que qualquer coisa que o outro tem a contribuir.

- Eu não digo que o que o senhor tem a dizer é sem importância.- Disse Harry formalmente.

- Bem, você está certo, porque é importante.- Disse Dumbledore. - Tenho mais duas memórias para te mostrar hoje, ambas obtidas com enorme dificuldade, e a segunda delas é, acredito eu, uma das mais importantes que coletei.

Harry não disse nada, ainda sentia-se com raiva pela forma como suas palavras foram recebidas, mas sabia que não conseguiria nada se continuasse discutindo.

- Então.- Disse Dumbledore. - continuamos esta noite com o conto de Tom Riddle, a quem nós deixamos, da última vez, no inicio de seus anos em Hogwarts. Você se lembra o quanto ele ficou animado ao descobrir que era bruxo, e que recusou minha companhia na viagem para o Beco Diagonal, ao mesmo tempo em que eu o avisei sobre continuar roubando dentro da escola. O ano letivo chegou e junto dele veio Tom Riddle, um menino quieto em suas roupas de segunda mão, que entrou na fila para ser sorteado. Ele foi posto na Sonserina quase no momento em que o chapéu tocou sua cabeça.- continuou Dumbledore, sacudindo sua mão branca em direção a prateleira onde estava o Chapéu Seletor, muito antigo e imóvel. - Quando Riddle descobriu que o famoso criador de sua casa podia falar com cobras, eu não sei, talvez naquela mesma noite. Esse conhecimento somente excitou-o e aumentou seu senso de auto-importância.

- No entanto, se ele estava assustando ou impressionando seus colegas sonserinos com sua habilidade de ofidioglota, nenhum dos professores chegou, a saber, sobre isso. Ele não mostrou nenhum sinal de arrogância ou de agressividade. Como era um talentoso e muito bonito órfão, ele chamou a atenção e a simpatia dos professores quase que no momento em que chegou na escola. Ele parecia correto, quieto e sedento por conhecimento. Quase todos tinham uma boa impressão dele.

- O senhor não contou como ele era quando o conheceu no orfanato?- Perguntou Harry.

- Não, não contei. Apesar de que ele não mostrou nenhuma ponta de remorso, era possível que sentisse arrependido pela forma como se comportou antes e resolveu ter um novo começo. Eu escolhi lhe dar esta chance.

Dumbledore fez uma pausa e observou curiosamente Harry, que tinha aberto sua boca para falar. Aqui, de novo, estava a tendência de Dumbledore de confiar nas pessoas que claramente não mereciam! Mas, então, Harry lembrou-se de uma coisa...

- Mas você não confiou nele realmente, senhor? Ele me contou... O Riddle que saiu do diário disse "Dumbledore nunca pareceu gostar de mim como os demais professores".

- Vamos dizer que eu realmente não achei que ele fosse de todo confiável.- Disse Dumbledore. - Eu decidi, como já indiquei, que ficaria de olhos bem atentos sobre ele, e assim eu o fiz. Devo dizer que não obtive muitas informações sobre ele no início. Ele era muito reservado comigo, ele sentia, tenho certeza, que a emoção de ter descoberto sua verdadeira identidade já tinha me contado muito sobre ele. Ele teve cuidado de nunca mais revelar tanto novamente, mas ele não poderia tomar de volta o que ele já tinha deixado aparecer em sua excitação, ou mesmo o que a Sra Cole tinha me confidenciado. No entanto, ele sentia que não deveria tentar me conquistar assim como ele conquistou tanto de meus colegas. Na medida em que ele crescia na escola, ele formou à sua volta um grupo de amigos dedicados a ele; chamo-os de "amigos", por não haver uma palavra melhor do que esta, pois como já indiquei, Riddle não sentia nenhuma afeição por qualquer um deles. Este grupo tinha uma espécie de encanto, um glamour obscuro dentro do castelo. Os integrantes do grupo eram bem diferentes; uma mistura de fracos procurando proteção, ambiciosos procurando uma repartição de glória e uma atração violenta por um líder que mostrava a eles as mais refinadas formas de crueldade. Em outras palavras, eram os futuros Comensais de Morte, e, de fato, alguns deles se tornaram os primeiros Comensais depois que saíram da escola. Rigidamente controlados por Riddle, eles nunca foram pegos fazendo alguma coisa errada, apesar de seus sete anos de Hogwarts terem sido marcados por incidentes suspeitos aos quais eles nunca estavam satisfatoriamente ligado; o mais grave de todos foi, é claro, a abertura da Câmara Secreta, que resultou na morte de uma garota. Como você sabe, Hagrid foi falsamente acusado deste crime. Não fui capaz de encontrar muitas memórias de Riddle em Hogwarts.- Disse Dumbledore, pousando sua mão ferida sobre a Penseira. - Os poucos que o conheciam não estavam preparados para falar sobre ele, eles estavam muito aterrorizados. O que eu sei, descobri depois que ele saiu de Hogwarts, depois de muito esforço, depois de procurar alguns que poderiam ser enganados numa conversa, depois de procurar por velhos registros de questionamentos a Trouxas e Bruxos que testemunharam-no. Aqueles que eu persuadi a falar me contaram que Riddle tinha obsessão por sua linhagem hereditária. Isto era compreensível, é claro; ele cresceu em um orfanato e queria descobrir como foi parar lá. Parece que ele procurou ligação com seu pai Tom Riddle nos escudos da Sala dos Troféus, nas listas de monitores antigos da escola, e até mesmo nos livros de história do mundo dos Bruxos. Finalmente ele percebeu que seu pai nunca colocou os pés em Hogwarts. Acredito que foi neste momento que ele deixou de usar o nome de seu pai, assumindo a identidade de Lord Voldemort, começando a investigar a família de sua mãe, a mulher que, você se lembra, ele achou que não poderia ser bruxa já que sucumbiu à vergonhosa fraqueza humana da morte. Tudo o que ele tinha a procurar era somente o nome Marvolo, que ele descobriu, nos tempos de orfanato, ter sido do pai de sua mãe. Finalmente, depois de trabalhosa pesquisa em livros de famílias de Bruxos, ele descobriu a linhagem sobrevivente de Slyterin. No verão de seu décimo sexto aniversário, ele saiu do orfanato para onde voltava todo ano e foi à procura de seus parentes Gaunt. E agora, Harry, se você se levantar...

Dumbledore se levantou e Harry pôde ver que ele novamente segurava uma pequena garrafa de cristal cheia por um fio prateado de lembrança.

- Tive muita sorte de coletar esta aqui.- Ele disse, colocando a massa brilhante na Penseira. - Você vai entender quando mergulharmos nela. Vamos?

Harry deu um passo em direção a base de pedra e curvou-se até seu rosto afundar na lembrança. Ele sentiu a familiar sensação de cair no nada e aterrissou em um chão sujo quase na escuridão total. Demorou alguns segundos para reconhecer o local. A casa dos Gaunt estava agora mais suja do qualquer lugar onde Harry já esteve. O teto estava repleto de teias de aranha e o chão coberto de lama, comida apodrecida estava em cima da mesa junto às panelas imundas. A única luz vinha de uma vela que estava aos pés de um homem com cabelos e barba enormes, e Harry não conseguia ver os olhos ou a boca dele. O homem estava jogado em uma poltrona perto do fogo e Harry se perguntou, por um momento, se ele estava morto. Porém, alguém bateu na porta e o homem moveu-se, erguendo uma varinha na mão direita enquanto segurava uma faca na esquerda. A porta se abriu com um estalo. Ali, no limiar da porta, segurando uma velha lamparina, encontrava-se um garoto que Harry reconheceu no ato: alto, pálido, cabelos escuros, e muito bonito, Voldemort adolescente. Os olhos de Voldemort olharam por dentro da casa até que viu o homem na poltrona. Por alguns segundos, ambos se olharam, o homem se levantou derrubando garrafas vazias que se encontravam a seus pés.

- VOCÊ!- Gritou. - VOCÊ!

E correu em direção a Riddle, varinha e faca prontas para atacar.

- Pare.

Riddle falou em língua de cobra. O homem escorregou e bateu na mesa, derrubando as panelas. Olhou assustado para Riddle. Houve um grande momento de silêncio enquanto se olhavam. Até que o homem falou:

- Você também fala?

- Sim, eu falo.- Disse Riddle. Ele entrou na casa, batendo a porta por atrás de si. Harry não pode evitar sentir uma admiração à coragem de Voldemort. Seu rosto quase não mostrava nojo ou, até mesmo, decepção.

- Onde está Marvolo?- Perguntou.

- Morto.- Disse o outro. - Morreu há alguns anos atrás.

Riddle franziu a testa.

- Quem é você, então?

- Sou Morfin, não sou?

- Filho de Marvolo?

- Claro que sou, então...

Morfin tirou o cabelo de seu rosto para poder ver Riddle melhor e Harry pode ver que ele usava em sua mão direita o anel contendo a jóia negra que pertencera a Marvolo.

- Pensei que você fosse aquele Trouxa.- Sussurrou Morfin. - Você se parece muito com ele.

- Que trouxa?- Perguntou Riddle asperamente.

- O Trouxa que minha irmã gostava, o Trouxa que morava na mansão do outro lado.- Disse Morfin, e cuspiu inesperadamente no chão. - Você se parece exatamente com ele. Riddle. Mas ele está mais velho agora, não está? Ele é mais velho que você, agora vejo...

Morfin olhava fixamente e chegou pro lado um pouco, ainda se apoiando na quina da mesa.

- Ele voltou, percebe...- Acrescentou.

Voldemort olhava para Morfin, pensando em suas possibilidades. Moveu-se um pouco mais perto de Morfin e disse.

- Riddle voltou?

- Er... Ele a largou, e que isso sirva de lição a ela, casamento imundo.- Disse Morfin, mais uma vês cuspindo no chão. - Nos roubou, antes de fugir. Onde está o colar, o colar de Slyterin?

Voldemort não respondeu. Morfin estava ficando irado novamente, sacudiu a faca e gritou.

- Ela nos desonrou, sim, ela nos desonrou, vadia imunda! E você, vindo aqui e perguntando coisas a respeito disso tudo? Acabou... Acabou...

Ele virou o rosto, e Voldemort andou em sua direção. E quando fez isso uma estranha escuridão surgiu, apagando a lamparina de Voldemort e a vela de Morfin, apagando tudo... Os dedos de Dumbledore seguraram firmemente o braço de Harry e eles voltaram ao presente. A suave luz dourada da sala de Dumbledore cegou os olhos de Harry depois da impenetrável escuridão.

- Isso é tudo?- Disse Harry de uma vez. - Por que tudo ficou tão escuro de repente?

- Porque Morfin não conseguia lembrar de mais nada depois deste ponto.- Disse Dumbledore, apontando para que Harry se assentasse novamente em sua cadeira. - Quando ele acordou na manhã seguinte, estava deitado no chão, sozinho. O anel de Marvolo havia desaparecido. Enquanto isso, na vila de Little Hangleton, uma empregada corria pela rua principal, gritando que havia três corpos estendidos na sala de jantar da mansão; Tom Riddle pai, sua mãe e seu pai. As autoridades Trouxas estavam perplexas. Até onde eu sei, eles não sabiam como os Riddles haviam morrido, já que a maldição Avada Kedavra não deixa nenhum sinal de dano... A exceção está em minha frente.- Dumbledore acrescentou olhando para a cicatriz de Harry. - O Ministério, por outro lado, sabia que isto tinha sido um assassinato cometido por um bruxo. Eles também sabiam que um convicto bruxo que odiava Trouxas morava depois do vale perto da mansão dos Riddle, alguém que odiava Trouxas e que já havia atacado uma das pessoas assassinadas. Assim, o Ministério convocou Morfin. Eles não precisaram perguntá-lo, usando Veritaserum ou Legilimência. Ele admitiu o assassinato, dizendo detalhes que só o assassino poderia saber. Ele estava orgulhoso, ele disse, por ter matado os Trouxas, esteve esperando a chance por muitos anos. Ele entregou sua varinha, e ficou provado que ela foi utilizada no assassinato. E ele se permitiu ser levado sem lutar direto para Azkaban. Só o que incomodava ele era o fato de que o anel de seu pai havia desaparecido. “Ele vai me matar por ter perdido”, ele disse várias vezes às pessoas que o prenderam. “Ele vai me matar por ter perdido!” E isso, aparentemente, foi tudo o que ele disse novamente. Durante o período em que ficou em Azkaban, ele reviveu esta lembrança, lamentando a perda do último artefato da herança de Marvolo, e está enterrado ao lado da prisão, ao lado de muitos outros que morreram lá dentro.

- Então, Voldemort roubou a varinha de Morfin e usou-a?- Disse Harry, sentando com a coluna ereta.

- Isso mesmo.- Disse Dumbledore. - Não temos nenhuma lembrança que possa nos mostrar isso, mas acho que podemos ter toda certeza que foi isto que aconteceu. Voldemort estuporou seu tio, pegou sua varinha e foi em direção a mansão do outro lado do vale. Lá, ele matou o Trouxa que havia abandonado sua mãe, e, também, seus avós Trouxas, exterminando o último dos Riddles e vingando-se do homem que nunca o quis como um filho. Então, retornou a cabana dos Gaunt, fez uma magia complexa que implantaria uma falsa lembrança na mente de seu tio, deixou a varinha de Morfin ao lado de seu dono inconsciente, pegou o velho anel que ele usava e foi embora.

- E Morfin nunca percebeu que ele não fez nada daquilo?

- Nunca.- Disse Dumbledore. - E ele deu uma confissão detalhada.

- Mas ele tinha essa lembrança verdadeira o tempo todo?

- Sim, mas foi preciso um grande esforço da poderosa Legilimência para obter isso dele.- Disse Dumbledore. - E pra que alguém investigaria a fundo a mente de Morfin quando ele já havia confessado o crime? No entanto, eu consegui fazer uma visita a Morfin nas suas últimas semanas de vida, pois naquele momento eu tentava descobrir o máximo possível sobre o passado de Voldemort. Obtive essa lembrança com muita dificuldade. Quando vi o que continha, tentei utilizá-la para retirar Morfin de Azkaban. Mas antes do Ministério chegar a uma decisão, ele já havia morrido.

- Mas como o Ministério não havia percebido que Voldemort tinha feito isso tudo com Morfin?- Harry perguntou com raiva. - Ele era menor de idade naquela época, não era? Achei que era possível detectar magia feita por menores de idade.

- Você tem razão, eles podem detectar magia, mas não quem a fez. Você se lembra que foi acusado de usar magia de Levitação quando na verdade quem utilizou foi...

- Dobby.- Disse Harry; essa injustiça ainda o incomodava. - Então, se você é menor de idade e faz magia dentro da casa de um Bruxo adulto, o Ministério não vai saber?

- O ministério certamente saberá dizer quem praticou a magia.- Disse Dumbledore, sorrindo gentilmente enquanto olhava a indignação de Harry. - Eles cobram aos bruxos adultos que seus filhos obedeçam enquanto estão dentro da casa.

- Isso é muita besteira.- Esbravejou Harry. - Olha o que aconteceu aqui, olha o que aconteceu com Morfin.

- Eu concordo.- Disse Dumbledore. - Mesmo por tudo o que Morfin foi, ele não merecia morrer da forma que morreu, acusado de assassinatos que ele não cometeu. Está ficando tarde, e ainda quero que você olhe mais uma lembrança antes de irmos...

Dumbledore tirou de um bolso outra garrafinha de cristal e Harry ficou em silencio novamente, lembrando que Dumbledore disse que esta fora a mais importante que ele conseguiu coletar. Harry percebeu que o conteúdo foi difícil de ser despejado na Penseira, como se ela tivesse se tornado mais sólida, será que as lembranças se estragam?

- Isto não vai demorar.- Disse Dumbledore, quando ele finalmente esvaziou o vidrinho. - Devemos estar de volta antes de você notar. Bem, vamos entrar mais uma vez na Penseira...

Harry caiu mais uma vez dentro do liquido prateado e aterrissou, desta vez, em frente a um homem que ele logo reconheceu. Era um bem mais jovem Horácio Slughorn. Harry estava tão acostumado com ele careca que vê-lo com cabelo grosso, brilhante e cor de palha era um pouco desconcertante, apesar de já haver uma careca do tamanho de um galeão no topo de sua cabeça. Seu bigode, mas fino do que o atual era de um louro avermelhado. Ele não era tão gordo quanto o Slughorn que Harry conhecia. Seus pequenos pés repousavam em cima de um pufe, ele estava sentado bem confortável em uma poltrona, uma das mãos segurando uma pequena taça de vinho e a outra vasculhando uma caixa de abacaxi cristalizado.

Harry olhou a volta enquanto Dumbledore chegava, e percebeu que estavam na sala de Slughorn. Uma meia dúzia de garotos estava sentada ao redor de Slughorn, todos por volta de 15 anos. Harry reconheceu Voldemort logo de cara. Ele era o mais bonito entre todos e o que parecia mais relaxado. Seu braço direito estava deitado relaxadamente sobre o braço de sua poltrona, com um susto, Harry percebeu que ele usava o anel dourado e preto de Marvolo, ele já havia matado seu pai.

- Senhor, é verdade que o professor Merrythought está se aposentando do cargo?- Ele perguntou.

- Tom, Tom, se eu soubesse não poderia lhe dizer.- Disse Slughorn, sacudindo um dedo açucarado de desaprovação, mas que perdia efeito à medida que seus olhos piscavam. - Devo dizer que gostaria de saber como você consegue ter acesso a certas informações, você sabe mais que alguns de meus colegas.

Riddle sorriu e os demais garotos olharam-no com admiração.

- Com essa incomum habilidade de saber coisas que você não deveria e sua cuidadosa habilidade de agradar pessoas importantes... Obrigado pelo abacaxi, sim, são os meus favoritos.

Depois que alguns garotos riram com um certo nervoso, uma coisa muito estranha aconteceu. Toda a sala encheu-se com uma grossa nevoa branca, e Harry não podia ver nada além do rosto de Dumbledore, que estava ao seu lado. Então a voz de Slughorn ecoou por entre a névoa, estranhamente alta.

- ...Você vai pelo caminho errado, garoto, lembre-se de minhas palavras!

A névoa sumiu tão subitamente quanto surgiu, e ninguém pareceu reparar isto, ou ninguém agiu como se algo diferente tivesse acontecido. Alarmado, Harry olhou à volta e viu um grande relógio dourado acima da cabeça de Slughorn marcando onze horas da noite.

- Bom Deus, já está tão tarde assim?- Disse Slughorn. - É melhor vocês irem garotos ou estaremos todos encrencados. Lestrange, quero seu artigo para amanhã ou estará em detenção. O mesmo para você, Avery!

Slughorn levantou-se da cadeira e levou seu copo vazio até a mesa, enquanto os meninos saíam da sala. Voldemort, no entanto, ficou para trás. Harry sabia que ele se atrasou de propósito para poder fica a sós com Slughorn.

- Tome cuidado, Tom.- Olhando à volta e vendo-o ainda lá. - Você não quer ser pego a essa hora da noite, ainda mais sendo monitor...

- Senhor, quero lhe perguntar uma coisa.

- Pode perguntar, então, garoto, pode perguntar...

- Senhor, queria saber o que você sabe sobre Horcruxes?

E, então, aconteceu tudo de novo: a densa névoa de forma que Harry não conseguia ver nem Slughorn nem Voldemort; somente Dumbledore, que sorria serenamente. Então, a voz de Slughorn ecoou novamente, assim como antes.

- Eu não sei nada sobre Horcruxes e mesmo se soubesse não diria! Agora saia daqui de uma vez e não permita que eu ouça você mencionado isto de novo!

- Bem, é isso.- Disse Dumbledore calmamente ao lado de Harry. - É hora de irmos.

Os pés de Harry saíram do chão da lembrança e voltaram ao chão da sala de Dumbledore.

- Isso é tudo?- Perguntou Harry atônito.

Dumbledore havia dito que esta era a lembrança mais importante de todas, mas ele não conseguia ver o que tinha de tão importante a respeito. Com certeza a névoa e o fato de ninguém haver percebido, foi estranho, mas, além disso, nada pareceu ter acontecido, a não ser o fato de Voldemort ter feito uma pergunta e não ter obtido resposta.

- Como você deve ter percebido...- Disse Dumbledore sentando por detrás da mesa. - ...Esta lembrança foi adulterada.

- Adulterada?- Repetiu Harry, sentando-se também.

- Certamente!- Disse Dumbledore. - Professor Slughorn interferiu em suas próprias lembranças.

- Mas por que ele faria isso?

- Porque, eu acredito, ele está envergonhado do que se lembra.- Disse Dumbledore. - Ele tentou refazer a lembrança para mostrar-se a si mesmo sob uma perspectiva melhor, escondendo as partes que ele não desejava ver. Foi, como você pode perceber, mal feito e isso foi uma coisa boa, pois mostra que a verdadeira memória está lá por baixo das alterações. E também, pela primeira vez, eu estou lhe dando um dever de casa, Harry. Será seu dever convencer o professor Slughorn a divulgar a real lembrança que será, sem dúvida, um pedaço crucial de informação.

Harry olhou fixamente.

- Mas, senhor, é óbvio que você pode usar Legilimência ou Veritaserum...

- Professor Slughorn é um bruxo poderoso que estará pronto para qualquer um dos dois.- Disse Dumbledore. - Ele é muito mais preparado em Oclumência do que o pobre Morfin Gaunt, e eu me surpreenderia se ele não carregasse consigo um antídoto para Veritaserum desde quando eu tentei fazer com que ele me desse esta versão travestida de suas memória. Não, eu acho que seria idiotice tentar obter a verdade do professor Slughorn utilizando a força, seria muito mais prejudicial do que benéfico. Eu não quero que ele saia de Hogwarts. No entanto, ele tem fraquezas como todos nós e eu tenho certeza que você é uma das pessoas que seria capaz de penetrar em suas defesas. É muito importante que obtenhamos a verdadeira lembrança Harry... O quão importante só saberemos quando a tivermos em mãos. Então, boa sorte e boa noite.

Um pouco estupefato pela despedida súbita, Harry levantou-se rapidamente.

- Boa noite, senhor.

Enquanto fechava a porta do escritório, ouviu Phineas dizer.

- Não consigo ver como o garoto se sairia melhor que você, Dumbledore.

- Eu não esperaria que você visse, Phineas.- Respondeu Dumbledore e Fawkes soltou mais uma nota musical.

= = = =

## ===== CAPÍTULO 18 =====
## *SURPRESAS DE ANIVERSÁRIO*

No dia seguinte Harry confiou a Ron e Hermione a tarefa que Dumbledore tinha dado a ele, embora separadamente, pois Hermione ainda se recusava a tolerar a presença de Ron por mais tempo do que o necessário para lhe dar um olhar de desprezo. Ron pensou que era improvável que Harry tivesse problemas com Slughorn afinal.

- Ele ama você!- Ele disse após o café da manhã, assoprando o ar quente de um garfo cheio de ovos fritos. - Não recusará nada a você, não é mesmo? Não ao seu pequeno "Príncipe de Poções". Você só precisa se atrasar após a aula da tarde e perguntá-lo.

Hermione, entretanto, fez uma análise mais desanimadora.

- Ele deve estar determinado a esconder o que realmente aconteceu, se Dumbledore não foi capaz de retirar a informação dele.- Ela disse em voz baixa, enquanto estavam no pátio deserto e cheio de neve durante o intervalo - Horcruxes... Horcruxes... Eu nunca ouvi nada sobre eles, você ouviu?

Harry estava desapontado; ele havia esperado que Hermione pudesse lhe dar uma dica do que eram Horcruxes.

- Devem ser Artes das Trevas realmente avançadas, pois senão porque Voldemort iria querer saber sobre eles? Eu acho que será difícil conseguir a informação, Harry, você terá que agir com muita cautela ao se aproximar de Slughorn, pensar numa estratégia...

- Ron disse que eu deveria simplesmente me atrasar na saída da aula de Poções esta tarde...

- Oh, claro, se "Won-Won" pensa assim, é melhor fazê-lo!- Ela disse, explodindo mais uma vez. - Além do mais, quando foi que a opinião de "Won-Won" foi errada?

- Hermione, você não poderia...

- Não!- Ela disse com raiva, e se afastou violentamente, deixando Harry sozinho e atolado na neve.

As aulas de Poções eram bastante incômodas, pois Harry, Ron e Hermione compartilhavam uma mesa. Hoje, Hermione havia levado seu caldeirão pela mesa de modo que ficasse perto de Ernie, e ignorou Harry e Ron.

- O que você fez?- Ron murmurou para Harry, olhando o perfil arrogante de Hermione.

Mas antes que Harry pudesse responder, Slughorn estava solicitando o silêncio em frente à classe.

- Sentem-se, sentem-se, por favor! Rápido, agora, temos muito trabalho pela frente esta tarde! A terceira lei de Golpalott, alguém pode me dizer qual é? A senhorita Granger pode, com certeza.

Hermione recitou em alta velocidade.

- A terceira Lei de Golpalott diz que o antídoto para um veneno será igual à soma dos antídotos para cada um dos componentes que o compõe.

- Precisamente!- Disse Slughorn radiante. - Dez pontos para Grifinória! Agora, se nós aceitarmos que a terceira Lei de Golpalott é verdade...

Harry estava aceitando que a palavra de Slughorn sobre essa terceira Lei de Golpalott era verdadeira, porque ele não havia entendido nada dela. Ninguém além de Hermione pareceu entender o que Slughorn disse depois, também.

- ...Que significa, claro que assumindo que nós venhamos a conseguir a identificação correta dos ingredientes pela Scarpin Relelaspell (palavra reveladora de Scarpin?), nosso primeiro alvo não é simplesmente selecionar antídotos para os ingredientes da mesma, mas encontrar o componente adicionado que, por um processo quase químico, transforme esses elementos...

Ron estava sentado ao lado de Harry com a boca meio-aberta, olhando fixamente seu novo livro de Poções Avançadas. Ron continuava sem lembrar de que não poderia confiar em Hermione para socorrê-lo quando não entendesse o que estava acontecendo.

- E então.- Finalizou Slughorn. - Eu quero que cada um de vocês venha aqui e pegue um desses frascos em minha mesa. Vocês criarão antídotos para o veneno dentro dele antes do fim da aula. Boa sorte, e não se esqueçam de suas luvas protetoras.

Hermione deixou seu assento e já havia caminhado a metade do caminho em direção à mesa de Slughorn antes que o resto da turma compreendesse que deviam se mover, e quando Harry, Ron e Ernie retornaram à mesa, ela já havia virado o conteúdo de seu frasco no caldeirão, e estava acendendo o fogo embaixo dele.

- É uma pena que o Príncipe não poderá ajudá-lo muito nisto, Harry.- Ela disse de maneira vivaz enquanto se e endireitava. - Você tem que entender os princípios envolvidos desta vez. Nada de atalhos ou fraudes!

Irritado, Harry abriu o veneno que tinha pegado na mesa de Slughorn, que era de uma aparência rosa extravagante, a derrubou em seu caldeirão e acendeu o fogo abaixo dele. Ele não fazia idéia do que deveria fazer a seguir. Olhou de relance para Ron, que o observava de esguelha, copiando tudo o que Harry fazia.

- Você está certo de que o Príncipe não deixou nenhum palpite?- Ron resmungou para Harry.

Harry pegou sua cópia de confiança de Poções Avançadas e abriu no capítulo sobre Antídotos. Lá estava a terceira Lei de Golpalott, explicada com todas as palavras que Hermione havia recitado, mas nenhuma singela dica pela mão do Príncipe explicando o que significava. Aparentemente o Príncipe, como Hermione, não tinha dificuldades em entender aquilo.

- Nada.- Disse Harry melancolicamente.

Hermione estava agora acenando sua varinha entusiasticamente sobre o seu caldeirão. Infelizmente, eles não poderiam copiar o feitiço que esta estava fazendo porque ela agora dominava tão bem os feitiços não verbais que ela não precisou mencionar as palavras em voz alta. Ernie Macmillan, entretanto, murmurava "Specialis Revelio!" sobre seu caldeirão, o que soou impressivo, então Harry e Ron rapidamente o imitaram.

Levou somente cinco minutos para que Harry compreendesse que sua reputação como o melhor aluno de poções da classe se espatifava ao redor de si. Slughorn tinha examinado o seu caldeirão esperançosamente em sua primeira inspeção pela masmorra, preparado para exclamar deliciado como sempre, e havia retirado sua cabeça rapidamente, tossindo, ao sentir o cheiro de ovos podres sobre si.

A expressão de Hermione não poderia estar mais satisfeita; ela havia odiado não se destacar em cada aula de Poções. Ela estava agora decantando os misteriosos ingredientes separados de seu veneno em dez frascos de cristal diferentes. Mais para evitar essa visão irritante do que por qualquer outra coisa, Harry inclinou-se sobre o livro do Príncipe, virando algumas páginas com força desnecessária. E lá estava, rabiscado através de uma longa linha de antídotos. Apenas empurre um bezoar pelas suas gargantas.

Harry fitou as palavras longamente. Ele não havia ouvido, há muito tempo, sobre os bezoars? Snape não havia mencionado eles na primeira aula de Poções?

"Uma pedra tirada do estômago de uma cabra, que o livrará da maioria dos venenos".

Não era uma resposta para o problema de Golpalott, e se Snape ainda fosse o seu professor, Harry não ousaria fazê-lo, mas este era um momento para medidas desesperadas. Ele foi em direção ao armário de estoques e, empurrando para o lado os chifres de unicórnio e um emaranhado de ervas ressecadas, encontrou, bem no fundo, uma pequena caixa onde se lia a palavra "Bezoars". Ele abriu a caixa exatamente quando Slughorn avisou.

- Mais cinco minutos, pessoal!

Dentro dela havia uma dúzia de objetos marrons enrugados, parecendo mais rins secos do que pedras. Harry apanhou um, devolveu a caixa para o armário e voltou apressado ao seu caldeirão.

- O tempo acabou!- Disse Slughorn animadamente. - Bem, vamos ver o que vocês conseguiram fazer! Blaise... O que você tem para mim?

Lentamente, Slughorn se moveu pela sala, examinando os vários antídotos. Ninguém havia conseguido terminar a tarefa, embora Hermione estivesse tentando meter à força alguns poucos ingredientes em sua garrafa antes de Slughorn a alcançar. Ron havia desistido completamente, e estava tentando meramente parar de respirar os aromas pútridos que saíam de seu caldeirão. Harry permaneceu esperando, o bezoar seguro em uma mão ligeiramente suada.

Slughorn alcançou a última mesa. Cheirou a poção de Ernie e passou sobre Ron com uma careta. Ele não se demorou no caldeirão de Ron, mas se afastou rapidamente, ligeiramente nauseado.

- E você, Harry.- Ele disse - O que você tem para me mostrar?

Harry mostrou sua mão, o bezoar repousando em sua palma.

Slughorn olhou para baixo por dez longos segundos. Harry imaginou, por um momento, se ele iria gritar com ele. Então ele jogou sua cabeça para trás e rugiu gargalhadas.

- Você é ousado, garoto! - explodiu ele, pegando o bezoar e mantendo-o no alto para que toda a classe pudesse ver. - Oh, você é como sua mãe... Bem, eu não posso criticá-lo... Um bezoar certamente agiria como antídoto para todas estas poções!

Hermione, com a face suada e fuligem em seu nariz. Ficou lívida. Seu antídoto não terminado, compreendendo cinqüenta e dois ingredientes, incluindo um chumaço do seu próprio cabelo, borbulhou lentamente atrás de Slughorn, que só tinha olhos para Harry.

- E você pensou no bezoar sozinho, não pensou, Harry?- Ela perguntou por entre os dentes.

- Este é o espírito que um verdadeiro fazedor de poções precisa!- Disse Slughorn alegremente, antes que Harry pudesse responder. - Exatamente como sua mãe, ela tinha a mesma compreensão intuitiva fazendo poções, definitivamente você herdou isso de Lílian... Sim, Harry, sim, se você tiver um bezoar à mão, é claro que você fará o truque... Embora eles não funcionem em todos os casos, e sejam muito raros, ainda tem seu valor saber como preparar antídotos.

A única pessoa na sala com um olhar mais bravo do que Hermione era Malfoy, que, Harry ficou encantado em observar, havia derramado algo que parecia como um gato doente sobre si mesmo. Antes que qualquer um deles pudesse expressar sua fúria por Harry ficar em primeiro lugar na classe sem fazer nada, entretanto, o sino bateu.

- Tempo de guardar o material!- Disse Slughorn. - E dez pontos extras para a Grifinoria pela mudança ousada

Ainda rindo, ele voltou gingando para sua mesa à frente da masmorra.

Harry ficou para trás, gastando uma grande quantidade de tempo para fechar sua mochila. Nem Ron e nem Hermione lhe desejaram boa sorte quando saíram; ambos lhe dedicaram olhares irritados. Finalmente só havia Harry e Slughorn na sala.

- Vamos, agora, Harry, você ficará atrasado para sua próxima aula!- Disse Slughorn amavelmente, estalando os ganchos dourados de sua pasta de couro de dragão.

- Senhor.- Disse Harry, lembrando-se irresistivelmente de Voldemort. - Eu queria lhe perguntar algo.

- Pergunte o que quiser, então, meu querido, pergunte o que quiser.

- Senhor, eu queria saber o que você sabe sobre... Sobre Horcruxes?

Slughorn congelou. Sua face redonda pareceu afundar dentro de si. Ele umedeceu os lábios e disse asperamente:

- O que você disse?

- Eu perguntei o que sabe sobre Horcruxes, senhor. O senhor sabe...

- Dumbledore lhe pediu isso!- Sussurrou Slughorn.

Sua voz havia mudado completamente. Não era mais genial, e sim chocado, estarrecido. Ele levou a mão ao bolso e retirou um lenço, e esfregou sua testa suada.

- Dumbledore lhe mostrou aquilo, aquela memória!- Disse Slughorn. - Então? Ele não mostrou?

- Sim!- Disse Harry, decidindo no momento que era melhor não mentir.

- Sim, é claro.- Disse Slughorn quietamente, ainda esfregando sua face pálida. - É claro... Bem, se você viu aquela memória, Harry. Você sabe que eu não sei nada. NADA!- Ele repetiu a palavra com força. - Sobre Horcruxes.

Ele pegou sua pasta de couro de dragão, colocou o lenço no bolso e marchou para a porta da masmorra.

- Senhor.- Disse Harry desesperadamente. - Eu só pensei que poderia haver um pouco mais daquela memória...

- Pensou?- Disse Slughorn. Então pensou errado, está ouvindo? ERRADO!

Ele berrou a última palavra e, antes que Harry pudesse dizer qualquer coisa, bateu a porta da masmorra atrás dele.

Nem Ron nem Hermione ficaram animados quando Harry lhes contou a entrevista desastrosa. Hermione ainda estava chateada por Harry ter triunfado sem fazer o trabalho corretamente. Ron estava ressentido que Harry não tinha capturado para ele nenhum bezoar, também.

- Teria parecido estúpido se nós todos tivéssemos feito isto!- Disse Harry irritado. - Olha, eu tinha que tentar o amolecer para assim lhe perguntar sobre Voldemort, não tinha? Oh, como se eu fosse conseguir!- Ele somou em exasperação, Ron estremeceu ao som do nome.

Enfurecido pelo fracasso dele e pela atitude de Ron e Hermione, Harry pensou em fazer algo logo nos próximos dias para chegar a Slughorn. Por enquanto, ele decidiu que ele deixaria Slughorn pensar que ele tinha esquecido totalmente o Horcruxes; era certamente melhor para o acalmar, causando falso senso de segurança antes de voltar ao ataque.

Quando Harry questionou Slughorn novamente, o mestre de Poções retornou ao tratamento afetuoso habitual dele, e parecia ter tirado o assunto da mente dele. Harry esperou um convite a uma das pequenas festas de inicio de noite de Slughorn, determinado a aceitá-lo desta vez, mesmo se tivesse que replanejar seus treinos de Quadribol. Porém, infelizmente, nenhum convite chegou. Harry conferiu com Hermione e Gina: nenhuma delas tinha recebido convite algum e nem, até onde elas souberam, não houve qualquer pessoa que o tivesse recebido.

Harry não podia negar que Slughorn não tinha esquecido tudo tão rapidamente quanto pareceu, simplesmente ele estava determinado a não dar a Harry nenhuma outra oportunidade para questioná-lo.

Enquanto isso, na biblioteca de Hogwarts, Hermione tinha fracassado pela primeira vez em toda história de vida. Ela estava tão triste, que esqueceu até mesmo seu aborrecimento com Harry pelo bezoar.

- Eu não achei uma única explicação do que Horcruxes são!- Ela falou. - Nem uma única! Eu estive olhando na seção proibida e até mesmo nos livros mais horríveis onde eles lhe contam como fabricar as poções mais horrendas, nada! Tudo que eu pude achar foi isto, no Introdução para Magia Mais Diabólica. Escute. "Do Horcruxe, a mais maligna das invenções mágicas, nós não falaremos nem daremos receita..." Por que menciona isto, então?- Ela disse impacientemente, enquanto fechava o livro velho batendo-o; ele soltou uma lamúria fantasmagórica. - Oh, cale-se!- Ela resmungou, enquanto colocava o livro na bolsa.

A neve derretia ao redor da escola quando fevereiro chegou, o frio foi sendo substituído por uma umidade melancólica. Nuvens cinzentas bem baixas pareciam penduradas em cima do castelo e uma constante chuva fria caindo faziam os gramados escorregadios e barrentos. Iniciava-se também a primeira aula de Aparatar para os sextanistas, que foi agendada para uma manhã de sábado, de forma que nenhuma das matérias normais fosse prejudicada, e aconteceu no Grande Salão.

Quando o Harry e Hermione chegaram ao Salão (Ron tinha ficado com Lilá), eles perceberam que as mesas haviam desaparecido. A chuva chicoteava contra as janelas altas e o teto encantado se erguia escurecido sobre eles, enquanto se ajuntavam em frente aos Professores McGonagall, Snape, Flitwick e Sprout, os Chefes das Casas, e um bruxo pequeno, que Harry imaginou ser o Instrutor de Aparição do Ministério. Ele era esquisitamente pálido, com cílios transparentes, cabelo delgado e um ar insubstancial, como se uma única rajada de vento pudesse levá-lo embora. Harry desejou saber se aparecimentos, e constantes reaparições tinham diminuído a matéria dele de alguma maneira, ou se esta forma delicada era a ideal para qualquer um que desejasse desaparecer.

- Bom dia!- Disse o bruxo de Ministério, quando todos os alunos tinham chegado e os Chefes das Casas pediram silêncio. - Meu nome é Wilkie Twycross e eu serei seu Instrutor de Aparatar do Ministério. Durante as próximas doze semanas. Eu espero poder prepará-los para seu teste de Aparatar neste período.

- Malfoy, fique quieto e preste atenção!- Rosnou a Professora McGonagall.

Todo mundo olhou em volta. Malfoy tinha corado sombriamente; ele parecia tão furioso que afastou-se de Crabbe, com quem ele estava sussurrando alguma coisa. Harry olhou depressa, para Snape, que parecia muito aborrecido, o que Harry suspeitou ser menos pela falta de Malfoy do que pelo fato de McGonagall ter repreendido um aluno da casa dele.

- Em algum tempo, muitos de vocês estarão prontos para fazer sua prova.- Twycross continuou, como se não tivesse havido nenhuma interrupção. - Como vocês sabem, é impossível Aparatar ou Desaparatar dentro de Hogwarts. O Diretor desfez este encanto, somente dentro do Grande Salão, durante uma hora, para possibilitar nossa prática. Eu devo enfatizar que você não será capaz de Aparatar fora das paredes deste Corredor, e espero que você não seja burro de tentar. Eu gostaria que cada um de vocês se posicionasse agora de tal forma que tenha uns cinco passos de espaço em frente a você.

Houve um grande tumulto, na separação das pessoas, elas batiam-se umas nas outras, e organizavam-se erroneamente. Os Chefes das Casas moveram-se entre os estudantes, colocando-os em posição e solucionando problemas.

- Harry aonde você vai?- Hermione perguntou.

Mas Harry não respondeu; ele estava se movendo depressa pela multidão, além do lugar onde o Professor Flitwick estava relutante tentando posicionar alguns Corvinais, todos querendo estar na frente e, passando pela Professora Sprout, que alinhava as Lufa-Lufas que insistiam em aglomerar-se ao redor de Ernie Macmillan, ele conseguiu se posicionar na parte de trás da multidão, exatamente atrás de Malfoy que estava tirando proveito do motim geral para continuar a conversa com Crabbe, posicionando-se a cinco pés de distância, mas parecendo revoltado.

- Eu não sei quanto mais, certo?- Malfoy disse a ele, sem perceber que Harry estava logo atrás. - Está levando muito mais tempo do que eu pensei.- Crabbe abriu a boca, mas Malfoy pareceu adivinhar o que ele ia dizer.

- Olha, não é nenhum segredo o que estou fazendo, Crabbe, você e Goyle mantém uma vigia, é isso que devem fazer!-

- Eu diria a meus amigos o que faria, se eles precisassem manter uma vigilância para mim.- Harry disse, alto bastante para Malfoy o ouvir. Malfoy girou, a mão dele agarrando a varinha, mas, nesse preciso momento os quatro Chefes das Casas gritaram "Quietos!", e o silêncio reinou novamente. Malfoy virou-se para frente lentamente.

- Obrigado!- Disse Twycross. Agora então...

Ele balançou sua varinha. Arcos antiquados de madeira apareceram imediatamente no chão em frente a cada estudante.

- As coisas importantes para se lembrar quando Aparatar são os três D's!- Disse Twycross. - Destino, determinação e Deliberação! Passo um: fixe sua mente firmemente no destino desejado.- Disse Twycross. - Neste caso, o interior de seu arco. Gentilmente, concentre-se agora neste destino.

Todo mundo dava uma olhada furtiva, para conferir se os outros estavam fitando seu arco, então apressadamente fizeram como lhes foi falado. Harry contemplou o remendo circular de chão pardo incluído no seu arco e tentou não pensar em nada mais. Isto era impossível, pois ele não podia deixar de pensar no que Malfoy estava fazendo, a ponto de precisar de vigias.

- Passo dois.- Disse Twycross. - Foque sua determinação em ocupar o espaço visualizado! Deixe este seu anseio inundar sua mente e partir para cada partícula de seu corpo!

Harry olhou sorrateiramente ao redor. Um pouco a sua esquerda, Ernie Macmillan estava contemplando o arco dele tão firme que sua face tinha ficado rosa; olhava como se estivesse tentando botar um ovo do tamanho de uma Goles. Harry mordeu um riso e apressadamente voltou o olhar ao seu próprio arco.

- Passo três.- Chamou Twycross. - E somente quando eu der o comando... Imaginem aquele mesmo lugar, tentem não sentir mais nada, movendo-se com deliberação. Ao meu comando, agora... Um... Dois...

Harry olhou ao redor novamente; muitas pessoas estavam olhando alarmadas, perguntando-se se já iam aparatar tão depressa. Harry tentou fixar os pensamentos dele novamente no arco; ele já tinha esquecido o que três D's representavam.

- TRÊS!

Harry girou naquele mesmo lugar, perdeu o equilíbrio e quase caiu. Ele não foi o único. O Salão inteiro estava, de repente, cheio de pessoas cambaleantes; Neville estava caído atrás dele; Ernie Macmillan, por outro lado, tinha feito um tipo pirueta saltando no arco dele e parecia momentaneamente emocionado, até que viu Dino Thomas que rugindo de tanto rir dele.

- Não se distraiam, não se distraiam.- Disse Twycross secamente, que não parecia estar esperando qualquer coisa melhor. - Ajustem seus arcos, por favor, e para trás em suas posições originais...

A segunda tentativa não foi melhor que a primeira. A terceira foi da mesma maneira ruim. Nada até a quarta trouxe qualquer acontecimento excitante. Houve um guincho horrível de dor e todo mundo olhou, apavorado, vendo Susan Bones da Lufa-Lufa que cambaleava no arco dela com a perna esquerda parada a cinco pés de distância do lugar de onde ela tinha começado.

Os Chefes das Casas foram até a ela; houve um grande estrondo e uma bola de fumaça roxa apareceu, revelando uma Susan que chorava, com a perna no lugar, mas, horrorizada.

- A Fraturação ou separação de corpos.- Disse Twycross desapontado. - Acontece quando a mente está insuficientemente determinada. Você tem que se concentrar continuamente em seu destino, e se mover, sem hesitar, mas com deliberação... Assim.

Twycross pisou adiante, graciosamente girando no mesmo lugar com os braços estendidos e desapareceu em um redemoinho de roupas, enquanto reaparecia na parte de trás do Salão.

- Se lembrem dos três D;s.- Ele disse. - E tentem novamente... Um... Dois... Três!

Mais de uma hora depois, e a Fraturação de Susan ainda era coisa mais interessante que tinha acontecido. Twycross não parecia desanimado. Firmando o capote dele ao pescoço, ele somente disse.

- Até sábado que vem a todos, e não esqueçam: Destino. Determinação. Deliberação.

Com isso, ele balançou a varinha, e enquanto os arcos desapareciam, saiu do Salão acompanhado pela Professora McGonagall. Conversando, as pessoas se dirigiam para o Saguão de Entrada.

- O que você fez?- Perguntou Harry para Ron, enquanto saíam.

- Eu acho que senti algo da última vez que tentei, um tipo de formigar em meus pés.

- Eu achei estes treinos muito fáceis, facinhos.- Disse uma voz atrás deles, e Hermione os olhou, enquanto sorria maliciosamente.

- Eu não sentia nada.- Disse Harry, ignorando a interrupção. - Mas não é isso que me preocupa agora...

- O que você quer dizer, que não se preocupa... Você não quer aprender a Aparatar?- Disse Ron incrédulo.

- Eu não estou interessado, realmente. Eu prefiro voar.- Disse Harry, enquanto olhava por cima do ombro para ver onde Malfoy estava, e acelerou quando eles entraram no Saguão de Entrada. - Olhe, se apresse, vamos, há algo que eu quero fazer...

Perplexo, Ron seguiu Harry para a torre da Grifinória correndo. Eles foram temporariamente detidos por pirraça, que tinha jogado uma porta no quarto andar fechando-o e se recusando a deixar qualquer um passar até que atearam fogo às calças dele, mas Harry e Ron simplesmente retrocederam e foram por atalhos já conhecidos. Dentro de cinco minutos, eles estavam entrando pelo buraco do retrato.

- Você vai me contar o que nós estamos fazendo, então?- Perguntou Ron, arquejando ligeiramente.

- Para cima.- Disse Harry, cruzando a sala comunal e entrando pela porta para a escadaria dos meninos.

O dormitório deles estava, como previsto, vazio. Ele abriu sua mala e começou a procurar algo, enquanto Ron assistia impacientemente.

- Harry...

- Malfoy está usando Crabbe e Goyle como vigias. Ele estava discutindo agora mesmo com Crabbe. Quer saber... aha!. Ele tinha achado, um quadrado dobrado de pergaminho aparentemente em branco que ele abriu e bateu com a varinha.

- Eu juro solenemente que eu não sou bom... Ou Malfoy é!

Imediatamente, o Mapa do Maroto apareceu na superfície do pergaminho. Era um plano detalhado de todo os pisos do castelo e, movendo-se nele, minúsculos, pontos pretos que representavam cada dos ocupantes do castelo.

- Me ajude a achar Malfoy.- Disse Harry apressadamente. Ele pôs o mapa na cama dele, e ele e Ron se apoiaram, enquanto procuravam.

- Lá!- Disse Ron, depois de um minuto. - Ele está na sala comunal de Sonserina, olhe... Com Parkinson, Zabini, Crabbe e Goyle...- Harry olhou para o mapa, desapontado, e o guardou quase que imediatamente.

- Bem, vou manter o olho nele de agora em diante.- Disse firmemente. - E no momento que eu o vir espreitando em algum lugar com Crabbe e Goyle, será com a Capa da Invisibilidade que vou descobrir o que ele quer.

Ele parou quando Neville entrou no dormitório, trazendo com ele um cheiro forte de material chamuscado, e começou a procurar em sua mala um par limpo de roupas. Apesar da determinação de capturar Malfoy, Harry não teve sorte por todo resto da semana. Embora ele consultasse o mapa tão freqüentemente quanto podia, às vezes fazendo visitas desnecessárias ao banheiro entre as aulas para olhar, ele não viu nenhuma vez Malfoy em lugar suspeito.

Realmente, ele notou que Crabbe e Goyle rondavam o castelo mais freqüentemente que o habitual, às vezes permanecendo estacionados em corredores desertos, mas sempre Malfoy não só estava em nenhuma parte perto deles, mas impossível de ser localizado no mapa nada. Isto era muito misterioso. Harry pensou na possibilidade de Malfoy estar realmente

deixando os terrenos escolares, mas não pôde ver como ele poderia estar fazendo isto, devido ao alto nível de segurança que operava agora dentro do castelo. Ele poderia somente supor que pudesse ter perdido Malfoy entre as centenas de pontos pretos minúsculos no mapa. Como Malfoy, Crabbe e Goyle pareciam agir de modo diferente, já que eram normalmente inseparáveis, estas coisas poderiam demonstrar que estavam se afastando. Ron e Hermione, Harry refletiu tristemente, eram prova viva disso.

Março não trouxe mudanças no tempo, a não ser que ficou ventoso, além de úmido. Para indignação geral, uma nota apareceu em todos os quadros de aviso das salas comunais, a próxima viagem a Hogsmeade tinha sido cancelada. Ron estava furioso.

- Era no meu aniversário!- Ele disse. - Estava esperando isso!

- Não é nenhuma grande surpresa, não?- Disse Harry. - Não depois do que aconteceu a Katie.

Ela ainda não tinha voltado do St. Mungus. E ainda mais, tinham sido notificados mais desaparecimentos no Profeta Diário, incluindo vários parentes de estudantes a Hogwarts.

- Mas agora tudo que quero é avançar naquelas estúpidas lições de Aparatar!- Disse Ron emburrado. - Grande presente de aniversário...

Três lições depois, e Aparição estava se mostrando bem difícil já, e mais algumas pessoas tinham se fraturado. A frustração era grande e havia uma certa quantia de piadas sobre Wilkie Twycross e o três D's que tinham inspirado vários apelidos para ele, os mais educados deles eram Respiração de Cachorro e Cabeça de Esterco.

- Feliz aniversário Ron.- Disse Harry, quando eles acordaram no dia primeiro de março enquanto Simas e Dino se levantavam ruidosamente para o café da manhã. - Tenho um presente.

Ele jogou um pacote para a cama de Ron onde apareceu uma pilha pequena deles que, Harry assumiu, foram entregues à noite por elfos.

- Coragem.- Disse Ron. Quando ele arrancava o papel, Harry saiu da cama, abriu a própria mala e começou a procurar o Mapa do Maroto que ele escondeu depois de tanto uso. Ele tirou vários de seus pertences e remexeu suas meias nas quais ele ainda estava mantendo a garrafa de sua poção de sorte, Felix Felicis.

- Certo.- Ele murmurou, levando o mapa de volta para cama com ele, batendo e murmurando. - Eu juro solenemente não fazer nada de bom.- De modo que Neville, que estava passando próximo à cama dele na hora, não ouvisse.

- Legal, Harry!- Disse Ron entusiasmado, mexendo no par novo de luvas de goleiro de quadribol que Harry tinha lhe dado.

- Sem problema.- Disse Harry distraidamente, enquanto ele procurava o dormitório da Sonserina para localizar Malfoy. - É... Eu não acho que ele esteja mesmo na cama dele...

Ron não respondeu; ele estava muito ocupado desembrulhando presentes e soltava uma exclamação de prazer de vez em quando.

- Sério, este foi um bom ano!- Ele anunciou, mostrando um relógio de ouro pesado com símbolos estranhos ao redor e estrelas minúsculas se movendo em vez de ponteiros. - Veja o que mamãe e papai me deram! Eu quero ver o que ganharei quando fizer aniversário ano que vem...

- Calma.- Murmurou Harry, olhando o relógio antes de verificar mais de perto o mapa. Onde Malfoy estava? Ele não parecia estar à mesa da Sonserina no Salão Principal, tomando o café da manhã... Ele não estava em nenhuma parte perto de Snape que estava sentando na sala dele... Ele não estava em quaisquer dos banheiros ou na ala hospitalar...

- Quer um?- Ron disse com voz abafada, oferecendo uma caixa de caldeirão de chocolate.

- Não obrigado.- Disse Harry, observando. - Malfoy saiu novamente!

- Não pode ter feito isso.- Disse Ron, enchendo a boca com o segundo caldeirão, deslizando para fora da cama para se vestir. - Vem. Se você não se apressar terá de aparatar de estômago vazio... Poderia fazer isto mais fácil, eu suponho...

Ron olhou pensativamente a caixa de caldeirões de chocolate, então encolheu os ombros e se serviu de um terceiro. Harry bateu no mapa com a varinha, murmurando. "Mal feito, feito". Entretanto não tinha sido, foi se vestir refletindo. Devia haver uma explicação para os desaparecimentos periódicos de Malfoy, mas ele não podia simplesmente pensar no que poderia ser. O melhor modo de encontrá-lo seria o seguindo, mas mesmo com a capa da invisibilidade esta não era uma boa idéia; ele tinha as aulas, prática de quadribol, deveres e aparatação; ele não podia seguir Malfoy pela escola toda sem sua ausência ser notada.

- Pronto?- Ele disse para Ron.

Ele estava a meio caminho da porta do dormitório quando ele percebeu que Ron não tinha se movido, mas estava apoiado na cama, fitando o lado de fora da janela molhada de chuva com um estranho olhar desfocado no rosto.

- Ron? O café da manhã.

- Eu não tenho fome.

Harry olhou para ele.

- Você não disse...?

- Bem, certo, eu irei com você.- Suspirou Ron. - Mas eu não quero comer.

Harry o olhou, desconfiado.

- Você comeu somente meia caixa de caldeirão de chocolate, não foi?

- Não, é que...- Ron suspirou novamente. - ...Você... Você não entenderia.

- Serei imparcial...- Disse Harry, embora contrariamente, ele se virou para abrir a porta.

- Harry!- Disse Ron de repente.

- O que?

- Harry, eu não posso fazer isto!

- Você não pode fazer isso que?- Perguntou Harry, agora começando, definitivamente, a se sentir alarmado. Ron estava bastante pálido e parecia doente.

- Eu não posso deixar de pensar nela!- Disse Ron asperamente.

O queixo de Harry caiu. Ele não tinha esperado isto e, seguramente, ele não queria ouvir isto. Eles podiam ser amigos, mas se Ron começasse chamando Lilá de "Lili", ele sairia correndo escada abaixo.

- Por que não a procura no café da manhã?- Harry perguntou tentando injetar uma nota de bom senso na conversa.

- Eu não penso que ela saiba que eu exista.- Disse Ron com um gesto desesperado.

- Ela definitivamente sabe que você existe.- Disse Harry, confuso. - Ela tem ficado com você, não tem?

Ron piscou.

- Sobre quem você está falando?

- Sobre quem você está falando?- Disse Harry, com uma sensação crescente de que toda a razão tinha escapado da conversa.

- Romilda Vance.- Disse Ron suavemente e o rosto inteiro pareceu se iluminar quando ele disse isto, como se batesse um raio da mais pura luz solar. Eles se encararam durante quase um minuto inteiro, antes que Harry dissesse.

- Isto é uma piada, certo? Você está brincando. Você está brincando.

- Eu acho, Harry, eu acho que eu a amo.- Disse Ron numa voz estrangulada.

- OK!- Disse Harry e caminhou até Ron que tinha um olhar vítreo e aparência pálida. - OK... diga novamente olhando para mim.

- Eu a amo.- Repetiu Ron. - Tenho visto o cabelo dela, todo negro, brilhante e sedoso... E os olhos dela? Os olhos escuros e grandes dela? E o...

- Isto é realmente muito engraçado.- Disse Harry impacientemente. - Mas é piada, certo?

- Chega.

Ele virou para partir e tinha dado dois passos para a porta quando um soco o acertou na orelha direita. Cambaleando, ele olhou em volta. O punho de Ron preparado, o rosto contorcido de raiva; ele estava a ponto de golpear novamente. Harry reagiu instintivamente; a varinha estava fora do bolso e o encantamento saiu sem um pensamento consciente: Levicorpus! Ron gritou quando foi virado mais uma vez; ele oscilou de cabeça para baixo, as vestes penduradas.

- O que foi isso?- Harry berrou.

- Você a insultou, Harry! Você disse que era uma piada!- Gritou Ron que estava ficando com o rosto púrpura lentamente à medida que o sangue descia para a cabeça dele.

- Isso é loucura!- Disse Harry. - O que aconteceu?

E então ele viu a caixa aberta na cama de Ron e a verdade o atingiu com a força do bastão de um trasgo...

- Onde você conseguiu esses caldeirões de chocolate?

- Eles foram um presente de aniversário!- Gritou Ron, remexendo lentamente no ar lutando para se pôr livre. - Eu lhe ofereci um, não foi?

- Você só os apanhou do chão, não é?

- Eles tinham caído na minha cama, certo? Me deixe ir!

- Eles não caíram na sua cama, você encontrou, você não entende? Eles eram meus, eu os atirei para fora do meu malão quando eu estava procurando o mapa. Eles são os caldeirões de chocolate que Romilda me deu antes de Natal e eles estão cheios de poção do amor!

Mas somente uma palavra disto parecia ter sido registrada por Ron.

- Romilda?- Ele repetiu. - Você disse Romilda? Harry, você a conhece? Você pode me apresentar?

Harry encarou Ron vacilando, o rosto agora parecia tremendamente esperançoso e lutou com uma forte vontade de rir. Uma parte dele, à parte da orelha direita que ainda pulsava, tinha um forte desejo de soltar Ron e assistir até os efeitos da poção passar... Mas por outro lado, eles eram amigos, Ron não tinha sido ele mesmo quando o atacou e Harry, pensou que ele mereceria outro soco se ele permitisse que Ron declarasse amor eterno para Romilda Vance.

- Sim, eu o apresentarei.- Disse Harry, pensando rapidamente. - Eu vou te soltar agora, OK?

Ele deixou Ron se chocar contra o chão (a orelha dele doía ainda), mas Ron simplesmente saltou novamente aos pés dele e sorriu.

- Ela estará no escritório de Slughorn.- Harry disse confiante, abrindo à porta.

- Por que ela estará lá?- Perguntou ansiosamente Ron e se apressando a sair.

- Oh, ela tem lições de Poções extras com ele.- Disse Harry inventando rapidamente.

- Talvez eu possa perguntar se eu posso tê-las com ela.- Disse Ron ansioso.

- Grande idéia!- Disse Harry. Lilá estava esperando ao lado do buraco do retrato, uma complicação que Harry não tinha previsto.

- Você está atrasado, Won Won!- Ela fez beicinho. - Eu devo a você um presente.

- Deixe-me sozinho.- Disse Ron impaciente. - Harry vai me apresentar Romilda Vance.

E sem outra palavra para ela, empurrou o quadro e se foram. Harry tentou fazer uma cara sem entender para Lilá, mas simplesmente poderia ter rido, porque ela olhava mais ofendida que nunca quando a Mulher Gorda se fechou atrás deles. Harry estava preocupada pois Slughorn poderia estar tomando café da manhã, mas ele atendeu a porta de escritório dele à primeira batida, usando um traje aveludado verde e touca.

- Harry.- Ele murmurou. - É muito cedo para uma chamada... Eu geralmente durmo tarde no sábado...

- Professor, eu realmente sinto muito em o perturbar.- Disse Harry tão baixo quanto possível, enquanto Ron estava nas pontas dos pés, tentando ver atrás de Slughorn, dentro do quarto dele. - Mas meu amigo Ron bebeu uma poção de amor por engano. Você não pode lhe fazer um antídoto, pode? Eu o levaria à Madame Pomfrey, mas nós não queremos ter relação com alguma Gemialidade Weasley, você entende... Perguntas indesejadas...

- Você não poderia ter preparado o antídoto, Harry, um preparador de poções especialista como você? - Perguntou Slughorn.

- Er...- Disse Harry, um pouco distraído pelo fato que Ron estava o acotovelando agora nas costelas em uma tentativa para forçar a entrada dele no quarto. - Bem, eu nunca preparei um antídoto para uma poção de amor, senhor, e até que eu aprenda isto, Ron certamente poderia fazer algo sério.

Felizmente, Ron escolheu este momento para gemer.

- Eu não posso vê-la. Harry. Ele está a escondendo?

- Esta poção estava dentro de algo?- Perguntou Slughorn, agora olhando Ron com interesse profissional. - Eles podem a concentrar, você sabe, para os efeitos serem preservados muito tempo.

- Isso explicaria tudo.- Disse Harry, lutando ferozmente, agora, com Ron para impedir de ir para cima de Slughorn. - É o aniversário dele, Professor, ele tomou inadvertidamente.

- Oh, certo, entre, então, entre.- Disse Slughorn cedendo. - Eu tenho o necessário aqui em minha bolsa, não é um antídoto difícil...

Ron correu pela porta adentro da sala abarrotada de Slughorn, tropeçou em uma banqueta, recuperou o equilíbrio se agarrando ao pescoço de Harry e murmurou.

- Ela não viu o que fiz, né?

- Ela não está aqui.- Disse Harry e assistindo Slughorn abrir o kit de poção dele e ir adicionando algumas pitadas disto e daquilo numa garrafa cristalina pequena.

- Isso é bom!- Disse Ron fervorosamente. - Como eu estou?

- Muito bonito.- Disse Slughorn suavemente e deu para Ron um vidro de líquido claro. - Agora beba, é um tônico para os nervos, manterá você calmo quando ela chegar, você sabe.

- Brilhante!- Disse Ron ansioso e ele bebeu o antídoto ruidosamente. Harry e Slughorn o assistiram. Por um momento, Ron sorriu para eles. Então, muito lentamente, o sorriso dele despencou e desapareceu, para ser substituído por uma expressão de horror extremo.

- Voltou ao normal, então?- Disse Harry sorrindo. Slughorn riu. - Muito obrigado Professor.

- Não mencionarei isto, garoto, não mencionarei isto.- Disse Slughorn, quando Ron desmoronou em uma poltrona perto e com o olhar devastado.

Cerveja amanteigada, isso é o que ele precisa.- Slughorn continuou, agora atarefado mexendo em cima de uma mesa carregada com bebidas. - Eu tenho cerveja amanteigada, eu tenho vinho, eu tenho a última garrafa de mel de carvalho maduro... Hmm... Pretendia dar isso a Dumbledore no Natal... Ah bem...- Ele encolheu os ombros... - Ele não pode perder o que ele nunca teve! Por que nós não abrimos isto agora e celebramos o aniversário do Sr. Weasley? Nada como um bom espírito para esquecer as agonias das decepções de amor... '

Ele riu novamente e Harry se uniu a ele. Este era o primeiro momento que ele estava praticamente só com Slughorn desde a desastrosa primeira tentativa de extrair a verdadeira memória dele. Talvez, se ele pudesse manter Slughorn de bom humor... Talvez se eles consumissem bastante do mel de carvalho maduro...

- Há você, então...- Disse Slughorn e deu para Harry e Ron um copo de mel, antes de erguer o próprio. - Bem, um feliz aniversário, Ralph!

- Ron.- Sussurrou Harry.

Mas Ron que não aparecia estar escutando ao brinde e já tinha lançado o mel na boca dele e tinha bebido tudo. Houve um segundo, dificilmente mais que uma batida do coração em qual Harry soube que havia algo terrivelmente errado e Slughorn, parecia não notar.

- ...E que você possa ter muitos outros.

- Ron!

Ron tinha derrubado o copo dele; subido na poltrona e, então, apertado os braços dela incontrolavelmente. Uma espuma estava pingando da boca e os olhos estavam inchando das nas órbitas.

- Professor!- Harry berrou. - Faça algo!

Mas Slughorn parecia paralisado pelo choque. Ron crispou e sufocou: a pele dele estava ficando azul.

- O que... Mas...- Gaguejou Slughorn.

Harry deixou o copo em cima de uma mesa baixa e correu para o kit de poção aberto de Slughorn e tirou jarros e bolsas, enquanto o som terrível de Ron gargarejando sem respiração encheu o quarto. Então ele achou, a pedra extraída do rim de cabra que Slughorn tinha pegado dele na aula de Poções.

Ele voltou para o lado de Ron, abrindo a mandíbula dele e empurrando o bezoar na boca dele. Ron deu um grande tremor, uma sacudidela e o corpo dele ficou flácido e calmo.

= = = =

Ele puxou uma cadeira ao lado de Harry e olhou para o rosto de pálido de Rony.

- Como exatamente aconteceu, Harry?

Harry recontou a história que havia acabado de contar, ele sentiu como se já o tivesse feito umas cem vezes para Dumbledore, para McGonagall, para Madame Pomfrey, para Hermione, e para Gina.

- ...E então eu enfiei o bezoar pela sua garganta abaixo o que facilitou um pouco sua respiração, Slughorn correu para pedir ajuda, McGonagall e Madame Pomfrey foram buscá-lo, e elas trouxeram Rony para cá. Elas acreditam que ele ficará bem. Madame Pomfrey diz que ele terá que ficar aqui uma semana ou mais, tomando essência de arruda.

- Nossa, sorte que você pensou no bezoar.- Disse Jorge em voz baixa.

- Sorte que tinha um na sala.- Disse Harry, ficando frio só de pensar no que teria acontecido se ele não tivesse sido capaz achar a pequena pedra.

Hermione deu uma quase inaudível fungada. Ela esteve excepcionalmente quieta o dia todo. Esbarrando, pálida, com Harry saindo da ala hospitalar e exigindo saber o que havia acontecido, ela não tomou quase nenhuma parte da discussão obsessiva de Harry e Gina sobre como Rony tinha sido envenenado, mas simplesmente permaneceu ao lado deles, calada e assustada até terem permissão de vê-lo.

- Mamãe e Papai sabem?- Fred perguntou a Gina.

- Eles já o viram, chegaram há uma hora atrás. Eles estão no escritório de Dumbledore agora, mas voltarão logo...

Houve uma pausa enquanto todos assistiram Rony murmurar um pouco em seu sono.

- Então o veneno estava na bebida?- Disse Fred quietamente.

- Sim.- Disse Harry imediatamente; ele não conseguia pensar em mais nada e estava contente com a oportunidade de começar a discussão novamente. - Slughorn despejou isto...

- Ele seria capaz de derramar algo no copo do Rony sem você ver?

- Provavelmente.- Disse Harry. - Mas por que Slughorn iria querer envenenar Rony?

- Não tenho idéia.- Disse Fred, franzindo a testa. - Você não acha que ele poderia ter trocado os copos por engano? Querendo envenenar você?

- Por que Slughorn iria querer envenenar Harry?- Gina perguntou.

- Eu não sei.- Disse Fred. - Mas deve haver um monte de pessoas por aí que gostariam de envenenar Harry, Não? "O Escolhido" e tudo mais?

- Então você acha que Slughorn é um Comensal da morte?- Disse Gina.

- Qualquer coisa é possível.- Disse Fred de modo ameaçador. - Ele podia estar sob uma Maldição Imperius.- Disse Jorge.

- Ou ele podia ser inocente.- Disse Gina. - O veneno poderia estar na garrafa, no caso estava provavelmente designado para o próprio Slughorn.

- Quem iria querer matar Slughorn?

- Dumbledore acredita que Voldemort quis Slughorn a seu lado.- Disse Harry. - Slughorn esteve escondido por um ano antes de vir para Hogwarts. E...- Ele pensou sobre a memória que Dumbledore ainda não podia extrair de Slughorn. - E talvez Voldemort o queira fora do caminho, talvez pense ele podia ser valioso para Dumbledore.

- Mas você disse que Slughorn tinha planejado dar para Dumbledore de Natal.- Gina lembrou a ele. - Então ele poderia envenenar Dumbledore facilmente.

- Então o envenenador não conhecia Slughorn muito bem.- Disse Hermione, falando pela primeira vez em horas e soando como se ela tivesse acabado de sair de um resfriado. - Qualquer um que conhecesse Slughorn saberia que existia uma boa chance dele manter algo que lhe interesse para ele mesmo.

- Err... Minha... Canela.- Resmungou Rony inesperadamente entre eles.

Todos se calaram, observando-o preocupadamente, mas depois de murmurar de forma incompreensível por um momento ele meramente começou a roncar. As portas do dormitório se abriram de repente, fazendo todos pularem: Hagrid veio caminhando até eles a passos largos, seu cabelo despenteado, seu casaco de pele de urso batendo por trás dele, um arco-e-flecha em sua mão, deixando uma trilha de barrentas pegadas do tamanho de golfinhos por todo chão.

- Estive na floresta o dia todo!- Ele ofegou. - Péssima situação do Aragogue, eu estive lendo para ele. Não levantou pra jantar até agora e então a Professora Sprout me contou sobre Rony! Como ele está?

- Meio ruim.- Disse Harry. - Eles dizem que ele ficará bem.

- Não mais do que seis visitas de cada vez!- Disse Madame Pomfrey, apressando-se para fora de seu escritório.

- Hagrid é o sexto.- Jorge apontou.

- Oh... Sim...- Disse Madame Pomfrey, que pareceu estar contando Hagrid como várias pessoas devido a sua imensidade. Para cobrir sua confusão, ela apressou-se a limpar suas pisadas barrentas com sua varinha.

- Eu não acredito nisto.- Disse Hagrid roucamente, agitando sua grande cabeça despenteada à medida que ele olhava fixamente para Rony. - Simplesmente eu não acredito nisso... Olhe para ele ali... Quem iria querer feri-lo?

- Isto é justamente o que estávamos discutindo.- Disse Harry. - Nós não sabemos.

- Alguém poderia ter rancor contra o time de Quadribol da Grifinória, não é?- Disse Hagrid ansiosamente. - Primeiro Katie, agora Ron...

- Eu não consigo imaginar ninguém tentando matar um time de Quadribol.- Disse Harry.

- Wood possivelmente teria feito com a Sonserina se ele pudesse escapar sem punição.- Disse Fred claramente.

- Bem, eu não acho que é o Quadribol, mas eu acho que existe uma conexão entre os ataques.- Disse Hermione calmamente.

- Como você imagina que isto seja possível?- Perguntou Fred.

- Bem, vejam uma coisa, ambos deviam ter sido fatais e não foram, embora isso tenha sido pura sorte. E por outro lado, nem o veneno nem o colar parecem ter alcançado a pessoa que supostamente deveria ser morta. Claro.- Ela acrescentou pensativa. - Isso faz da pessoa por detrás deste até mais perigoso de um certo modo, porque eles não parecem se importar com quantas pessoas serão liquidadas até realmente alcançarem sua vítima.

Antes de alguém poder responder a este pronunciamento misterioso, as portas de ferro do dormitório foram abertas novamente e o Sr. e a Sra. Weasley se apressaram a avançar. Eles queriam garantir que Rony teria uma recuperação completa em sua última visita para a ala hospitalar; Agora a Sra. Weasley segurava Harry e o abraçava fortemente. - Dumbledore nos contou como você o salvou com o bezoar.- Ela soluçou. - Oh, Harry, o que nós podemos dizer? Você salvou Gina... Você salvou Arthur... Agora você salvou Rony.

- Não seja que... Eu não fiz...- Murmurou Harry sem jeito.

- Metade de nossa família parece dever a você suas vidas, agora eu paro e penso.- O Sr. Weasley disse em uma voz constrangida. - Bem, tudo que eu posso dizer é que foi uma sorte para os Weasleys quando Rony decidiu se sentar em seu compartimento no Expresso de Hogwarts, Harry.

Harry não podia pensar em qualquer resposta para isso, quando Madame Pomfrey lembrou a eles que só poderiam ser seis os visitantes ao redor da cama de Rony; Ele e Hermione levantaram-se de uma vez para partir e Hagrid decidiu ir com eles, deixando Rony com sua família.

- É terrível.- Rosnou Hagrid por baixo de sua barba, à medida que os três caminhavam através do longo do corredor para a escadaria de mármore. - Mesmo com esta nova segurança, umas crianças ainda estão conseguindo se ferir... Dumbledore anda doente de preocupação... Ele não diz muito, mas eu posso dizer...

- Ele não tem nenhuma idéia, Hagrid?- Perguntou Hermione desesperadamente.

- Eu acredito que ele tem centenas de idéias, num cérebro como o dele.- Disse Hagrid. - Mas ele não sabe quem enviou aquele colar nem quem pôs veneno naquele vinho, ou ele já o teria capturado, não acham? O que me preocupa...- Disse Hagrid, abaixando sua voz e espiando acima de seu ombro (Harry, para garantir, verificou o teto procurando Pirraça). - ...É por quanto tempo Hogwarts pode ficar aberta se crianças estão sendo atacadas. Uma espécie de Câmara Secreta de novo, não é? Existirá pânico, mais pais tirando seus filhos da escola, a próxima chegará ao conhecimento do Ministério...

Hagrid parou de conversar enquanto o fantasma de uma mulher cabeluda movia-se serenamente sobre eles, então retomado em um sussurro rouco.

- ...O Ministério anda falando sobre fechar Hogwarts.

- Certamente não?- Disse Hermione, olhando preocupada.

- Veja isto pelo ponto de vista deles.- Disse Hagrid fortemente. - Eu quero dizer, eles estão sempre alertas quanto ao risco de uma criança enviada à de Hogwarts, não é? Esperam acidentes, não é, com centenas de bruxos menores de idade presos juntos, mas tentativa de assassinato é diferente. Não é de se espantar que Dumbledore esteja bravo com Sna...

Hagrid parou no meio do caminho, uma expressão familiar, culpada, que era visível de seu rosto acima de sua barba preta.

- O que?- Disse Harry depressa. - Dumbledore está bravo com Snape?

- Eu nunca disse iss...- Disse Hagrid, entretanto seu olhar de pânico não podia ter sido de maior denúncia. – Olhe para as horas, é quase meia-noite, eu preciso...

- Hagrid, por que Dumbledore está bravo com Snape?- Harry perguntou ruidosamente.

- Shhhh!- Disse Hagrid, olhando nervoso e bravo ao mesmo tempo. - Não grite isso dessa maneira, Harry, você quer que eu perca meu emprego? Pense, eu não supus que você se importaria, importaria, não agora que abriu mão de Trato de criaturas Má...

- Não tente nem me faça sentir culpado, ele estava se acostumado ao trabalho!- Disse Harry vigorosamente. - O que Snape fez?

- Eu não sei, Harry, eu nem deveria ter ouvido isto mesmo! Eu, bem, eu estava saindo da floresta uma outra noite e eu os escutei conversando... Bem, discutindo. Não tinha chamado a minha atenção, então eu tentei escapar para tentar não ouvir, mas eles estavam numa... Bem, numa discussão tempestuosa e não era fácil não escutá-la

- E então?- Harry o encorajou, já que Hagrid arrastava seus enormes pés de maneira nervosa.

- Bem, eu só ouvi Snape dizendo para Dumbledore segurar com mais eficiência, assim ele talvez, Snape, não desejaria fazer isto mais...

- O que?

- Eu não sei, Harry, parecia que Snape estava se sentindo um pouco escravizado, isso é tudo. De qualquer maneira, Dumbledore disse a ele que ele tinha concordado em fazer isto e era por isso que ele ainda vivia. Foi firme com ele. E então ele disse sobre Snape estar fazendo investigações em sua casa, na Sonserina. Bem, não há nada estranho nisto!- Hagrid apressadamente acrescentou, já que Harry e Hermione trocavam olhares significativos. - Todos os Chefes das Casas estão perguntando, patrulhando aquele negócio do colar...

- Sim, mas Dumbledore não está tendo "trabalho" com o resto deles, não é?- Disse Harry.

- Olhe.- Hagrid girando seu arco e flecha desconfortavelmente em suas mãos; houve um ruidoso som de algo lascando e com um estalo partiu-se em dois. - Eu sei o que vocês estão pensando do Snape, Harry, e eu não quero vocês interpretando isso como se houvesse mais alguma coisa.

- Olhe.- Disse Hermione de forma sintetizada.

Eles viraram no momento exato para ver a sombra de Argo Filch aproximando além da parede atrás deles antes do homem virar a esquina, corcunda, com seu queixo duplo.

- Ahá!- Ele ofegou. - Fora da cama tão tarde, isso significará detenção!

- Não significará, Filch.- Disse Hagrid imediatamente. - Eles estão comigo, não?

- E que diferença que faz?- Perguntou Filch de forma arrogante.

- Eu sou um professor, disse corando, não sou? Você que fica andando furtivamente!- Disse Hagrid, descarregando tudo de uma vez.

Houve um sórdido barulho de assovio à medida que Filch inchava de fúria; Madame. Norrra chegou, despercebida, e estava se torcendo sinuosamente ao redor dos tornozelos fracos de Filch.

- Vão.- Disse Hagrid pelo canto de sua boca.

Harry não precisou ouvir duas vezes; Ele e Hermione saíram apressados; As vozes elevadas de Hagrid e Filch ecoavam atrás deles à medida que corriam. Eles passaram por Pirraça próximo à Torre da Grifinória, mas ele estava correndo feliz gritando, cacarejando e chamando.

- Quando houver discussão e quando houver dificuldade, visite o Pirraça, ele fará o dobro!

A Mulher Gorda estava cochilando e não ficou feliz ao ser despertada, mas girando o quadro raivosamente permitiu que eles entrassem no aconchegante, calmo e vazio Salão Comunal. Não parecia que aquelas pessoas já sabiam sobre Rony; Harry estava muito aliviado: Ele tinha sido interrogado o suficiente naquele dia. Hermione desejou a ele boa noite e partiu para o dormitório das meninas. Harry, porém, permaneceu para trás, sentando-se ao lado do fogo e olhando abaixo na agonizante brasa.

Então Dumbledore havia discutido com Snape. Apesar de tudo que ele dissera a Harry, apesar dele insistir que ele confiava em Snape completamente, ele perdeu a paciência com ele... Ele não achou que Snape tivesse sido duro suficiente para investigar os sonserinos... Ou, talvez, investigar um único sonserino: Malfoy? Será que era porque Dumbledore não queria que Harry fizesse qualquer coisa tola, que agisse por suas próprias mãos, que ele fingiu que não existia nada nas suspeitas de Harry? Parecia provável. Poderia ser que Dumbledore não quisesse que nada distraísse Harry de suas lições, ou de obter aquela memória de Slughorn. Talvez Dumbledore não achava certo confiar suas suspeitas sobre seu pessoal para um garoto de dezesseis anos...

- Você está aí, Potter!

Harry ficou em pé num salto, sua varinha preparada. Ele estava completamente seguro que o Salão Comunal estava vazio; ele não estava de maneira nenhuma preparado para que uma figura grosseira levantasse de repente de uma cadeira distante. Um olhar mais próximo o mostrou que era Cormac McLaggen.

- Eu tava esperado você voltar.- Disse McLaggen, desconsiderando a varinha de Harry. - Devo ter adormecido. Olhe, eu os vi levando o Weasley até a ala hospitalar mais cedo. Não pareceu que ele se recuperaria até a partida da semana que vem.

Harry levou alguns segundos até perceber sobre o que McLaggen estava conversando.

- Oh... Certo... Quadribol.- Ele disse, pondo sua varinha atrás no cinto de sua calça jeans e passando uma mão cansadamente por seu cabelo. - Sim... Ele não poderá jogar.

- Bem, então, eu jogarei de goleiro, não?- Disse McLaggen.

- Sim.- Disse Harry. - Sim, eu suponho...

Ele não podia pensar em nenhum argumento contra isto; afinal, McLaggen apresentou-se certamente como o segundo melhor nos testes.

- Excelente.- Disse McLaggen com uma voz satisfeita. - Então quando é o treino?

- O que? Oh... Haverá um amanhã à noite.

- Bom. Escute Potter, nós deveríamos conversar antes do treino. Eu tenho algumas idéias de estratégias que você poderia achar útil.

- Certo.- Disse Harry sem entusiasmo. - Bem, eu ouvirei elas amanhã, então. Eu estou muito cansado agora... Até mais...

A notícia de que Rony tinha sido envenenado espalhou-se rapidamente no dia seguinte, mas não causou a surpresa que o ataque de Katie causou. As pessoas pareceram pensar que poderia ter sido um acidente, supondo que ele estava na sala do mestre de poções no momento, e que, como ele recebeu o antídoto imediatamente, não houve nenhum dano real. Na realidade, o Grifinórios realmente estavam muito mais interessados na próxima partida de Quadribol contra Lufa-Lufa, muitos deles queriam ver Zacharias Smith, atacante do time da Lufa-Lufa, castigado corretamente pelo seu comentário durante a partida de abertura contra Sonserina.

Harry, porém, nunca esteve tão desinteressado em Quadribol; ele estava rapidamente ficando obcecado com Draco Malfoy. Ainda verificava o Mapa do Maroto sempre que tinha uma chance, às vezes fazia desvios para onde quer que Malfoy fosse, mas ainda não havia descoberto ele fazendo nada fora do comum. E ainda havia aquelas inexplicáveis horas quando Malfoy simplesmente desaparecia do mapa...

Mas Harry não tinha muito tempo para considerar o problema com os treinos de Quadribol, tarefas, e o fato de que ele estava agora sendo perseguido onde quer que fosse por Cormac McLaggen e Lilá Brown. Ele não podia decidir qual deles era mais importuno. McLaggen continuou com constantes sugestões de como ele seria um Goleiro permanente melhor que Rony, e que agora que Harry estava o vendo jogar regularmente ele certamente pensaria desta forma também; ele, além disso, criticava os outros jogadores e fornecia a Harry esquemas detalhados de treinamento, de forma que mais de uma vez Harry era forçado a lembrá-lo que ele, Harry, era o Capitão.

Enquanto isso, Lilá ficava andando ao lado de Harry para discutir sobre Rony, o que Harry achava quase mais cansativo que as palestras sobre Quadribol de McLaggen. A princípio, Lilá tinha ficado muito aborrecida porque ninguém pensou em contar-lhe que Rony estava na ala hospitalar.

- Eu quero dizer, eu sou sua namorada!

Mas infelizmente decidiu perdoar Harry por este lapso de memória e estava ansiosa para ter muitas conversas detalhadas com ele sobre como Rony estava se sentindo, a maioria desconfortáveis experiências que Harry teve a felicidade de abrir mão.

- Olhe, por que você não conversa com Rony sobre tudo isso?- Harry perguntou, depois de um particularmente longo interrogatório de Lilá sobre se o que ela entendeu tudo que certamente Rony disse sobre suas novas vestes indicava que Rony considerou seu relacionamento com Lilá para ser "sério".

- Bem, eu iria, mas ele está sempre adormecido quando eu vou e o vejo!- Disse Lilá chateada.

- Está?- Disse Harry, surpreso, pois ele encontrava Rony perfeitamente acordado toda vez que ia até a ala hospitalar, ambos altamente interessados nas notícias da briga de Dumbledore e Snape e afiado em ofender McLaggen sempre que possível.

- Hermione Granger ainda o está visitando?- Lilá exigiu de repente.

- Sim, eu acho. Bem, eles são amigos, não são?- Disse Harry desconfortavelmente.

- Amigos, não me faça rir.- Disse Lilá com desdém. - Ela não conversou com ele por semanas depois que ele começou a sair comigo! Mas eu suponho que ela queira fazer as pazes com ele agora que ele está todo interessante...

- Você chamaria envenenado de estar interessante?- Perguntou Harry. - De qualquer maneira... Desculpe, preciso ir. McLaggen está me esperando para conversarmos sobre Quadribol.- Disse Harry às pressas, e ele lançou-se lateralmente por uma

porta que fingia ser uma parede sólida e correu pelo atalho que o levaria para longe de Poções onde, com gratidão, nenhuma Lilá nem McLaggen podia segui-lo.

Na manhã da partida de quadribol contra Lufa Lufa, Harry entrou na ala hospitalar antes de ir para o jogo. Ron estava muito agitado; Madame Pomfrey não o deixaria assistir a partida, pois sentia que ia aumentar a agitação dele.

- Então, o quanto McLaggen está preparado?- Ele perguntou nervosamente para Harry, esquecendo aparentemente que já tinha feito duas vezes a mesma pergunta.

- Eu já lhe falei.- Disse Harry pacientemente. - Ele poderia ser o melhor do mundo e eu não o manteria. Ele continua tentando dizer para todo o mundo o que fazer, ele pensa que pode jogar melhor em qualquer posição que todos nós. Eu não vejo a hora de me livrar dele. E falando em evitar pessoas...- Harry falou, levantando e pegando a Firebolt dele. - Você vai parar de fingir estar adormecido quando a Lilá vier visitá-lo? Ela está me deixando louco com isso.

- Oh.- Disse Rony, parecendo embaraçado. - Sim. Certo.

- Se você não quiser sair mais com ela, só lhe fale.- Disse Harry.

- Sim... Bem... Não é fácil, né?- Disse Rony. Ele parou. - Hermione virá me ver antes da partida?- Ele perguntou casualmente.

- Não, ela já foi para o jogo com Gina.

- Oh...- Disse Rony, parecendo bastante mal humorado. - Certo. Bem, sorte. Espero que você acabe com McLag... Eu quero dizer, Smith.

- Eu tentarei.- Disse Harry, apoiando a vassoura nos ombros. - O vejo depois da partida.

Ele se apressou pelos corredores desertos; a escola inteira estava lá fora, sentada no estádio, ou então indo nesta direção. Ele estava olhando para fora das janelas que passavam, tentando calcular quanto vento eles iriam enfrentar, quando um barulho o fez olhar para frente e ele viu Malfoy caminhando para ele, acompanhado por duas meninas, ambas parecendo mal humoradas e ressentidas. Malfoy parou a curta distância de Harry, então deu um riso curto, sem humor, e continuou andando.

- Aonde você vai?- Harry exigiu.

- Sim, eu realmente vou lhe dizer, porque isso é da sua conta, Potter.- Zombou Malfoy. - Você faria melhor se apressando, eles estão esperando para ver "O Capitão Escolhido", "O Menino Que Sobreviveu". Tudo que eles o chamam estes dias.

Uma das meninas deu uma risadinha sem graça. Harry a encarou. Ela se ruborizou. Malfoy empurrou Harry para passar e, sendo seguido a trote pelas amigas, virou a esquerda, desaparecendo de vista. Harry ficou preso no mesmo lugar e os viu desaparecer. Isto estava enfurecendo-o; ele estava em cima da hora para a partida, e Malfoy estava se escondendo aqui dentro enquanto o resto da escola estava ausente. Era, contudo, a melhor chance de Harry descobrir o que Malfoy fazia. Passaram-se alguns segundos silenciosos e Harry permaneceu onde estava, congelado, contemplando o lugar onde Malfoy tinha desaparecido...

- Onde você estava?.- Gina exigiu, quando Harry correu para o vestiário. O time inteiro estava de uniforme e pronto; Coote e Peakes, os batedores, estavam batendo os bastões deles nervosamente contra as pernas.

- Eu encontrei Malfoy.- Harry lhe falou baixo, quando ele puxou o uniforme escarlate por cima da cabeça dele. - Assim eu quis saber por que ele está no castelo com duas namoradas enquanto todo o mundo está aqui em baixo...

- Isso importa agora?

- Bem, não é provável que eu descubra, não é?- Disse Harry, agarrando a Firebolt dele e empurrando os óculos. - Vamos então!

E sem outra palavra, ele marchou para fora sobre uma chuva de vaias e palmas ensurdecedoras. Havia um pouco de vento; céu cheio de nuvens, de vez em quando deslumbrando raios luminosos do sol.

- Condições enganadoras!- McLaggen disse ao time. - Coote, Peakes, quero que vocês voem fora do sol, assim eles não os verão vindo...

- Eu sou o Capitão, McLaggen, eu dou as instruções a eles.- Disse Harry furiosamente. - Somente vá para o gol!

Uma vez que McLaggen tinha saído, Harry virou para Coote e Peakes.

- Tenho certeza que vocês voarão fora do sol.- Ele lhes disse.

Ele deu um aperto de mão no capitão da Lufa Lufa, e então, Madame Hooch apitou, ele impulsionou e ganhou o ar, mais alto que o resto do time, voando ao redor do campo à procura do pomo. Se ele pudesse pegá-lo bem e rápido, poderia ter uma chance de voltar até o castelo, pegar o Mapa do Maroto e descobrir o que Malfoy estava fazendo...

- E lá vai Smith da Lufa Lufa com a goles.- Disse uma voz sonhadora, ecoando acima do campo. - Ele tinha sido o comentarista no jogo passado, claro, e Gina Weasley voou nele, eu acho que provavelmente de propósito, ao que parece. Smith estava sendo bastante rude com a Grifinória, eu espero que ele lamente isso agora que está jogando com eles. Oh, olhe, ele perdeu a goles, Gina o roubou dele, eu gosto dela, ela é muito agradável...

Harry olhou para baixo no pódio do comentarista. Seguramente ninguém em sã consciência teria deixado Luna Lovegood comentar. Mas mesmo de onde estava não poderia se enganar sobre aquele cabelo longo, loiro, nem o colar de rolha de cerveja amanteigada... Ao lado de Luna, a Professora McGonagall estava parecendo ligeiramente incomodada, como se ela estivesse tendo outros pensamentos realmente sobre este evento.

- ...Mas agora aquele jogador grande da Lufa Lufa pegou a goles dela, eu não posso me lembrar do nome dele, é algo como Bibble, não, Buggins.

- É Cadwallader!- Disse a Professora McGonagall ruidosamente ao lado de Luna. A multidão riu.

Harry buscou ao redor pelo pomo; não havia nenhum sinal dele. Momentos depois, Cadwallader marcou. McLaggen tinha gritado críticas para Gina por permitir a perda da posse da goles, tendo como resultado ele não ter notado a bola vermelha grande que passou rente à orelha direita.

- McLaggen, preste atenção ao que você está fazendo e deixe o resto do time em paz!- Harry berrou, girando até ficar de frente para o goleiro deles.

- Você não está dando um grande exemplo!- McLaggen gritou, corado e furioso.

- E Harry Potter está discutindo agora com o goleiro dele.- Disse Luna serenamente, enquanto a multidão de Lufa Lufa e Sonserina ria e zombava. - Eu não penso que isso lhe ajudará a achar o pomo, mas talvez seja um ardil inteligente...

Xingando furiosamente, Harry deu meia volta e partiu novamente ao redor do campo, esquadrinhando os céus por algum sinal da minúscula bola dourada, alada.

Gina e Demelza marcaram um gol cada, dando aos torcedores vermelho e ouro abaixo algo para se alegrar. Então Cadwallader marcou novamente, fazendo o placar empatar, mas Luna não parecia ter notado; ela apareceu singularmente desinteressada em tais coisas mundanas como a contagem, e continuou tentando chamar a atenção da multidão para coisas tais como nuvens de forma interessante e a possibilidade de Zacharias Smith, que não manteve a posse da goles por mais que um minuto, estar sofrendo algo chamado de "eminência de Perdedor".

- Setenta a quarenta para Lufa Lufa!- Gritou a Professora McGonagall no megafone de Luna.

- É, já?- Disse Luna vagamente. - Oh, olhe! O goleiro da Grifinória pegou o bastão de um dos batedores.

Harry girou em pleno ar ao redor dele. Definitivamente, McLaggen, por razões boas o suficiente para ele, tinha pegado o bastão de Peakes e parecia estar demonstrando como rebater um balaço na direção de Cadwallader.

- Vá, devolva o bastão dele e volte para as traves!- Rugiu Harry, jogando pedras para McLaggen da mesma maneira que McLaggen rebateu ferozmente ao balaço e o jogou nele.

Uma cegueira de dor repugnante... Um flash de luz... Gritos distantes... E a sensação de cair por um túnel longo... E a próxima coisa que Harry soube, era que ele estava em uma cama notavelmente morna e confortável e estava olhando para um abajur que lançava um círculo de luz dourada sobre um teto sombrio. Ele elevou a cabeça desajeitadamente. Lá, à esquerda dele havia uma familiar pessoa ruiva.

- Bom você ter aparecido.- Disse Rony, sorrindo.

Harry piscou e deu uma olhada. Claro: ele estava na ala hospitalar. O céu lá fora era anil riscado com vermelho. A partida deveria ter terminado horas atrás... Sem qualquer esperança de encurralar Malfoy. Harry sentia a cabeça estranhamente pesada; ele elevou uma mão e sentia um turbante duro de bandagens.

- O que aconteceu?

- Crânio rachado.- Disse Madame Pomfrey, atarefada, o empurrando para trás contra os travesseiros. - Nada para se preocupar, eu consertei isto imediatamente, mas eu estou o mantendo aqui por esta noite. Você não deve ficar em pé durante algumas horas.

- Eu não quero ficar aqui esta noite.- Disse Harry furiosamente, sentando e atirando as cobertas longe. - Eu quero achar McLaggen e o matar.

- Eu tinha medo que ficasse realmente super agitado.- Disse Madame Pomfrey, empurrando-o firmemente para trás sobre a cama e erguendo a varinha de uma maneira ameaçadora. - Você ficará aqui até que eu o libere, Potter, ou eu chamarei o diretor.

Ela voltou a trabalhar no escritório dela e Harry afundou de volta nos travesseiros dele, bufando.

- Você sabe por quanto nós perdemos?- Ele perguntou para Rony entre dentes.

- Bem, sim eu sei.- Disse Rony. - Placar final: trezentos e vinte a sessenta.

- Brilhante.- Disse Harry selvagemente. - Realmente brilhante! Quando eu colocar as mãos em McLaggen.

- Você não quer colocar as mãos nele, ele é do tamanho de um trasgo.- Disse Rony razoavelmente. - Pessoalmente, eu acho que seria muito bom azarar com aquela coisa da unha de dedo do pé do Príncipe. De qualquer maneira, o resto do time deve ter cuidado dele antes de você sair daqui, eles não estão contentes...

Havia uma nota de alegria mal disfarçada na voz de Rony; Harry poderia contar que ele não estava nada triste por McLaggen ter feito confusão tão grande. Harry se deitou, encarando o facho de luz no teto, o crânio recentemente consertado doendo, certamente, mas o sentindo ligeiramente macio debaixo de toda a atadura.

- Eu pude ouvir os comentários da partida daqui.- Disse Rony, a voz dele tremendo agora com a risada. - Eu espero que Luna sempre comente de agora em diante... O Entusiasmo de perdedor...

Mas Harry ainda estava muito bravo para ver graça na situação, e depois de um tempo, os risos de Rony diminuíram.

- Gina veio te visitar enquanto você estava inconsciente.- Ele disse, depois de uma pausa longa, e a imaginação de Harry voou rápida, reconstruindo uma cena na qual Gina, lamentando em cima da forma inanimada dele, confessou os sentimentos de atração profunda a ele enquanto Ron lhes dava a bênção dele... - Ela disse que você chegou em cima da hora para a partida. O que aconteceu? Você saiu daqui bastante cedo.

- Oh...- Disse Harry, com a cena na mente dele implodindo. - Sim... Bem, eu vi Malfoy se movendo furtivamente com um par de meninas que não pareciam querer estar com ele, e esta é a segunda vez que ele com certeza não estava no jogo de quadribol com o resto da escola; ele faltou à última partida também, se lembra?- Harry suspirou. - Desejaria ter seguido-o agora, a partida foi um fiasco...

- Não seja estúpido.- Disse Rony nitidamente. - Você não poderia faltar a uma partida de Quadribol só para seguir Malfoy, você é o Capitão!

- Eu quero saber o que ele está fazendo.- Disse Harry. - E imaginei tudo na minha cabeça, depois do que eu ouvi entre ele e Snape...

- Eu nunca disse que era tudo da sua cabeça.- Disse Rony, se apoiando no cotovelo e encarando Harry. - Mas não há nenhuma regra que resolva tudo neste lugar! Você está ficando obcecado com Malfoy, Harry. Eu quero dizer, pensando perder uma partida para o seguir...

- Eu quero pegá-lo!.- Disse Harry frustrado. - Eu quero saber, aonde ele vai quando desaparece do mapa?

- Eu não sei... Hogsmeade?- Rony sugeriu, bocejando.

- Eu nunca o vi indo ao longo de qualquer passagem secreta no mapa. De qualquer maneira, eu acho que elas estão sendo vigiadas agora, não?

- Bem então, eu não sei.- Disse Ron.

O silêncio caiu entre eles. Harry encarou o círculo de luz de abajur sobre ele, pensando... Se ele tivesse o poder de Rufus Scrimgeour, ele poderia colocar um espião seguindo Malfoy, mas infelizmente Harry não tinha um escritório cheio de Aurores sob

o comando dele... Ele poderia tentar montar algo como a AD, mas novamente havia o problema que ninguém ia querer perder as aulas; afinal de contas, a maioria deles ainda tinha horários cheios...

Houve um ronco baixo vindo da cama de Ron. Depois de um tempo Madame Pomfrey saiu do escritório dela, usando um roupão grosso. Era mais fácil fingir dormir; Harry rolou do lado dele e escutou toda a movimentação de cortinas em volta deles quando ela usou a varinha dela apagando os abajures, e voltando ao escritório dela; ele ouviu a porta fazer um clique atrás dela e soube que ela havia ido para cama.

Essa era, Harry refletiu na escuridão, a terceira vez que ele tinha sido trazido à ala hospitalar por causa de um ferimento de Quadribol. Uma vez, ele tinha caído da vassoura dele devido à presença de Dementadores ao redor do campo e, antes disso, todos os ossos tinham sido removidos do braço dele pelo erro no conserto pelo Professor Lockhart... Esse tinha sido, sem dúvida, o ferimento mais doloroso dele... Ele se lembrou da agonia de fazer crescer todos os ossos do braço em uma noite, um desconforto não aliviado pela chegada de uma visita inesperada no meio da...

Harry sentou ereto, o coração batendo, balançando o turbante de ataduras dele. Ele teve a solução, afinal: Havia um modo para Malfoy ser seguido... Como ele pôde esquecer, por que não tinha pensado nisto antes?

Mas a pergunta era, como o chamar? O que fazer? Baixinho, numa tentativa, Harry disse na escuridão.

- Monstro.

Houve um estalado muito alto e os sons de luta e ranger encheu o quarto silencioso. Ron despertou com um gemido.

- O que está...?

Harry apontou a varinha apressadamente para a porta do escritório de Madame Pomfrey e murmurou.

- Muffliato!- De forma que ela não viria correndo. Então ele foi para ponta da cama dele para ver melhor. Dois elfos domésticos estavam rolando no chão no meio do dormitório, um que usava um colete marrom pequeno e vários gorros de lã, o outro, um trapo velho imundo amarrado nos quadris dele como uma tanga. Então houve outro estrondo alto, e Pirraça, o poltergeist, apareceu em pleno ar sobre os elfos lutando.

- Eu estava assistindo, Potty!- Ele contou para Harry indignado, apontando à briga abaixo, antes de deixar sair um cacarejo alto. - Olhe para aquelas criaturas imundas brigando, mordendo e mordendo, socando e socando...

- Monstro não insultará Harry Potter na frente do Dobby, ele não vai, ou Dobby fechará a boca de Monstro para ele!- Chiou Dobby em uma voz estridente.

- Chute, idiota!- Chiou Pirraça felizmente, jogando pedaços de giz nos elfos para os enfurecer ainda mais. - Belisca, empurra!

- Monstro dirá que ele gosta do mestre dele, oh sim, também que ele é que um mestre, amigo imundo de Sangue ruim, oh, o que diria a pobre senhora de Monstro?

Exatamente o que a senhora de Monstro teria dito eles não souberam, pois naquele momento Dobby afundou o pequeno punho na boca de Monstro e arrancou fora metade dos dentes dele. Harry e Ron saltaram das camas e separaram os elfos, entretanto eles continuaram tentando dar pontapés e esmurrar um ao outro, incitados por Pirraça, que flutuava ao redor do abajur gritando.

- Enfia os dedos no nariz dele, avança no pescoço e puxa a orelha dele.

Harry apontou a varinha dele para Pirraça e disse.

- Langlock!- Pirraça apertou à garganta dele, tragou, então saiu do quarto fazendo gestos obscenos, mas incapaz de falar, porque a língua dele tinha grudado no céu da boca.

- Bom.- Disse Ron apreciando, já erguendo Dobby no ar, de forma que os membros agitados dele não tivessem contato com Monstro. - Isso era outro feitiço do Príncipe, não era?

- Sim.- Disse Harry, torcendo o braço seco de Monstro em um golpe de luta livre. - Certo, eu os proíbo de lutarem um com o outro! Bem, Monstro, você está proibido de lutar com o Dobby. Dobby, eu sei que não me permitem lhe dar ordens...

- Dobby é um elfo doméstico e ele pode obedecer a qualquer um que ele gostar e Dobby fará qualquer coisa que Harry Potter quer que ele faça!- Disse Dobby, abaixando o rosto para o pequeno colete dele.

- Prove então.- Disse Harry, e ele e Ron libertaram os elfos que caíram no chão, mas não continuaram lutando.

- O Mestre me chamou?- Monstro chiou, fazendo uma mesura enquanto dava a Harry um olhar que claramente lhe desejava uma morte dolorosa.

- Sim, eu chamei.- Disse Harry, olhando para a porta do escritório de Madame Pomfrey para verificar que o feitiço do Muffliato ainda estava funcionando; não havia nenhum sinal que ela tivesse ouvido qualquer coisa da comoção. - Eu tenho um trabalho para você.

- Monstro fará qualquer coisa que o Mestre quer.- Disse Monstro, fazendo uma mesura tão grande que os lábios dele encostaram no chão. - Porque Monstro não tem escolha, mas Monstro está envergonhado de ter tal mestre, sim...

- Dobby fará isto, Harry Potter!- Rangeu Dobby, os olhos do tamanho de bolas de tênis marejados de lágrimas. - Dobby seria honrado em ajudar Harry Potter!

- Pensando nisto, seria bom ter vocês dois.- Disse Harry. - Certo, então... Eu quero que você sigam Draco Malfoy.

Ignorando o olhar de surpresa e exasperação na face de Ron, Harry continuou. - Eu quero saber aonde ele vai, com quem ele está se encontrando e o que ele está fazendo. Eu quero que vocês o siga o tempo todo.

- Sim, Harry Potter!- Disse Dobby, os grandes olhos dele brilhando de excitação, imediatamente. - E se Dobby errar, Dobby se lançará da torre mais alta, Harry Potter!

- Não haverá necessidade disso.- Disse Harry rápido.

- Mestre quer que eu siga o mais jovem dos Malfoys?- Monstro coaxou. - Mestre quer que eu espie o sobrinho puro sangue de minha antiga senhora?

- Isso.- Disse Harry, prevendo um grande perigo e determinado a remediar isso imediatamente. - E o proíbo de dar informações para ele, Monstro, ou se mostrar ou falar com ele alguma coisa ou lhe escrever mensagens ou... Ou o contatar de alguma forma. Entendeu isto?

Ele esperou para ver Monstro lutando para ver uma falha nas instruções que ele há pouco tinha sido recebido e tinha esperado. Depois de um momento ou dois e, para grande satisfação de Harry, Monstro se curvou profundamente novamente e disse, com ressentimento amargo.

- Mestre pensa em tudo e Monstro tem que o obedecer embora Monstro ficaria muito satisfeito em ser o criado do menino de Malfoy, oh sim...

- Isso está resolvido, então.- Disse Harry. - Eu quero relatórios regulares, mas tenham certeza que eu esteja sozinho quando vocês aparecerem. Ron e Hermione, tudo bem. E não contem para ninguém o que vocês estão fazendo. Grudem em Malfoy como um par de verrugas.

= = = =

alguma sorte enquanto escrevia. Sorrindo, Harry saiu pelo buraco do retrato apressado e foi para o escritório do diretor. A Gárgula saltou de lado na menção de balas de leite, e Harry subiu a escadaria em espiral, dois degraus de cada vez, batendo a porta exatamente no momento em que o relógio bateu oito horas.

- Entre!- Chamou Dumbledore, mas quando Harry estendeu uma mão para empurrar a porta, ela foi aberta violentamente... Lá estava a professora Trelawney.

- Aha!- Ela chorou, apontando dramaticamente para Harry piscando para ele através de seus esplendorosos óculos.

- Então esta é a razão de eu ser expulsa sem cerimônia de seu escritório Dumbledore!

- Minha querida Sibila.- Disse Dumbledore levemente exasperado. - Não há motivo para eu tirá-la sem cerimônia de nenhum lugar, mas Harry tem um compromisso e eu realmente não acho que tenhamos nada mais a ser dito.

- Muito bem.- Disse a Professora Trelawney, com uma voz profundamente ferida. - Se você não irá banir aquele cavalo velho, assim seja... - Talvez eu deva achar uma escola onde meus talentos sejam mais bem apreciados...

Ela empurrou Harry e desapareceu, escadaria espiral abaixo; eles ouviram seu tropeção caminho abaixo, Harry achou que seria em um de seus xales.

- Por favor, feche a porta e sente-se, Harry.- Disse Dumbledore, soando bastante cansado.

Harry obedeceu, sentando-se na cadeira habitualmente na frente da mesa de Dumbledore, aquela onde a Penseira se localizava entre eles, mais uma vez com suas minúsculas garrafas de cristal cheias de memórias que rodavam.

- A professora Trelawney não está feliz por Firenze continuar ensinando, não é?- Harry perguntou.

- Não!- Disse Dumbledore. - Adivinhação está apresentando muito mais dificuldades do que eu poderia ter previsto, nunca tendo estudado o assunto. Eu não posso pedir a Firenze para voltar à floresta de onde ele foi banido nem posso pedir para Sibila Trelawney partir. Só entre nós mesmos, ela não tem nenhuma idéia do perigo que corre fora do castelo. Ela não sabe, e eu penso que seria impossível para ela adivinhar, que fez a profecia sobre você e Voldemort, veja você.

Dumbledore deu um suspiro profundo, então disse.

- Mas não importa meus problemas de ordem pessoal. Nós temos assuntos muito mais importantes para discutir. Em primeiro lugar, conseguiu realizar a tarefa que eu determinei ao término de nossa lição anterior?

- Ah...- Disse Harry, pensando rápido. Com lições de Aparatação, Quadribol, Ron sendo envenenado e ele rachando a cabeça na determinação de descobrir o que Draco Malfoy estava fazendo, Harry quase tinha se esquecido da lembrança que Dumbledore tinha lhe pedido que extraísse do Professor Slughorn. - Bem, eu perguntei para o Professor Slughorn por isto ao término da aula de Poções, senhor, mas, er, ele não disse nada para mim.- Houve um certo silêncio.

- Eu sei.- Disse Dumbledore eventualmente, investigando Harry dos seus óculos de meia-lua e Harry tendo a impressão habitual que estava sendo radiografado. - Você sente que tem mostrado seus melhores esforços neste assunto, tem? Que você exercitou tudo de sua ingenuidade considerável? Que você não deixou nenhum traço de esperteza em sua indagação para pegar a memória?

- Bem...- Harry protelou, perdendo logo o que ele ia dizer. A única tentativa para conseguir recuperar a memória, de repente, pareceu embaraçosamente fraca. - Bem... No dia que Ron engoliu a poção do amor por engano, eu o levei ao Professor Slughorn. Eu pensei que talvez eu conseguisse pegar o Professor Slughorn com bastante bom humor...

- E cumpriu o trabalho?- Dumbledore perguntou.

- Bem, não, senhor, porque Ron foi envenenado... E, naturalmente, me fez esquecer qualquer tentativa de conseguir a memória.

- Eu não teria esperado nada mais, já que seu melhor amigo estava em perigo. Porém, uma vez ficou claro que o Sr. Weasley ia ter uma recuperação plena, eu teria esperado que você voltasse à tarefa que eu lhe estabeleci. Eu pensei que tinha deixado claro para você o quão importante aquela memória é. Realmente, eu fiz o melhor para embutir em você que é aquela memória é o mais crucial de tudo e que nós estaremos desperdiçando nosso tempo sem ela.

Um sentimento quente e espinhoso de vergonha se espalhou do topo da cabeça de Harry até os pés. Dumbledore não tinha erguido a voz, ele nem mesmo fez um som bravo, mas Harry teria preferido que ele gritasse; esta decepção fria era pior que qualquer coisa.

- Senhor.- Ele disse, um pouco desesperadamente. - Não é que eu não esteja aborrecido ou outra coisa, é que eu tive outras, outras coisas...

- Outras coisas em sua mente.- Dumbledore terminou a frase por ele. - Eu vejo.

O silêncio caiu novamente entre eles, o silêncio mais incômodo que Harry alguma vez tinha experimentado com Dumbledore; parecia não ter fim, só pontuados pelos pequenos roncos grunhidos do retrato de Armando Dippet sobre a cabeça de Dumbledore. Harry se sentiu estranhamente diminuído, como se ele tivesse encolhido um pouco desde que ele entrou na sala. Ele disse.

- Professor Dumbledore, eu realmente sinto muito. Eu deveria ter feito mais... Eu deveria ter percebido que você não teria me pedido para fazer isto se não fosse realmente importante.

- Obrigado por dizer isso, Harry.- Disse Dumbledore baixo. - Eu posso esperar, então, que você dará, de agora em diante, alta prioridade para este assunto? Interrompemos nossos encontros depois de hoje a noite a menos que nós tenhamos aquela memória.

- Eu farei isto, senhor, eu a conseguirei.- Ele disse sério.

- Então, nós não falaremos mais sobre isso agora.- Disse Dumbledore mais amável. - Mas continuaremos com nossa história de onde nós paramos. Você se lembra onde foi isso?

- Sim, senhor.- Disse Harry depressa. - Voldemort matou o pai dele e os avós e fez parecer como se o Tio Morfin tivesse feito isto. Então ele voltou para Hogwarts e perguntou... Ele perguntou para o Professor Slughorn por Horcruxes.- Ele resmungou envergonhado.

- Muito bem.- Disse Dumbledore. - Agora, você se lembrará, eu espero, que eu lhe disse no início destas nossas reuniões que nós estávamos entrando nos reinos de conjeturas e especulação?

- Sim, senhor.

- Assim, como espero eu que você concorde, eu lhe mostrei fontes, razoavelmente fortes, de fatos para minhas deduções sobre o que Voldemort fez até a idade de dezessete anos?

Harry concordou com a cabeça.

- Mas agora, Harry.- Disse Dumbledore. - Agora as coisas ficam mais obscuras e mais estranhas. Se era difícil de achar evidência sobre Riddle criança, fica quase impossível achar qualquer um preparado para se lembrar sobre o homem Voldemort. Na realidade, eu duvido que haja uma alma viva, fora dele, que poderia nos dar conta completa da vida dele desde que ele deixou Hogwarts. Porém, eu tenho duas últimas recordações que eu gostaria de compartilhar com você.- Dumbledore indicou as duas pequenas garrafas de cristal que vislumbram ao lado da Penseira. - Eu ficarei alegre, então, se sua opinião sobre as conclusões que eu tirei delas parecerem prováveis.

A idéia que Dumbledore tinha a opinião de Harry em alta conta, o fez se sentir tão igualmente envergonhado quanto, quando ele tinha falhado na tarefa de conseguir a memória de Horcruxe, e ele se mexeu culpado no assento quando Dumbledore elevou a primeira das duas garrafas à luz e a examinou.

- Eu espero que você não esteja cansado de mergulhar nas recordações de outras pessoas, porque elas são lembranças curiosas, a destes dois.- Ele disse. - Este primeiro veio de uma elfa doméstica muito velha de nome Hokey. Antes de nós vermos o que Hokey testemunhou, eu tenho que contar depressa como Lord Voldemort deixou Hogwarts.

- Ele alcançou o sétimo ano da instrução dele com, como você poderia ter esperado, graus elevados em todos exames que ele tinha prestado. Ao redor dele, os colegas estavam decidindo quais trabalhos iriam procurar uma vez que eles tinham deixado Hogwarts. Quase todo o mundo esperou coisas espetaculares de Tom Riddle, perfeito, monitor chefe, ganhador do Prêmio por Serviços Especiais Prestados a Escola. Eu sei que vários professores, Professor Slughorn entre eles, sugeriram que ele se unisse com o Ministério de Magia, marcando encontros, colocando o em contato com pessoas importantes. Ele recusou todas as ofertas. A próxima coisa que o pessoal soube, era que Voldemort estava trabalhando na Borgin e Burkes.

- Na Borgin e Burkes?- Harry repetiu, atordoado.

- Na Borgin e Burkes.- Dumbledore repetiu calmamente. - Eu penso que você verá que atrações o segurou naquele lugar quando nós entrarmos na memória de Hokey. Mas esta não foi a primeira escolha de Voldemort de trabalho. Quase ninguém soube disto na ocasião, eu era um dos poucos em quem o diretor confiou, mas Voldemort chegou ao Professor Dippet primeiro e perguntou se ele poderia permanecer em Hogwarts como professor.

- Ele quis ficar aqui? Por que?- Harry perguntou, mais pasmo ainda.

- Eu acredito que ele teve várias razões, entretanto ele não confiou nenhuma deles ao Professor Dippet.- Disse Dumbledore. - Primeira e mais importante, Voldemort era, eu acredito, mais preso a esta escola do que ele alguma vez foi a uma pessoa. Hogwarts era onde ele tinha estado mais contente; o primeiro lugar onde ele tinha se sentido em casa.

Harry se sentiu ligeiramente incomodado por estas palavras, pois isto era exatamente como ele também se sentia sobre Hogwarts.

- Segundo, o castelo é um lugar seguro de magia antiga. Indubitavelmente Voldemort tinha descoberto muitos mais de seus segredos que a maioria dos estudantes que passaram pelo lugar, mas ele pode ter sentido que ainda havia mistérios para desvendar, estoques de magia para encontrar. E em terceiro lugar, como um professor, ele teria tido grande poder e influência sobre as jovens bruxas e bruxos. Talvez ele tenha recebido a idéia do Professor Slughorn, o professor com qual ele estava em melhores condições de perceber quão influente o papel de professor pode ser. Eu não imagino nem por um momento que Voldemort pretendia passar o resto da vida dele em Hogwarts, mas eu penso que ele viu isto como um local de recrutamento útil, um lugar onde ele poderia começar a construir um exército para ele.

- Mas ele não conseguiu o emprego, senhor?

- Não, ele não conseguiu. Professor Dippet lhe falou que ele era muito jovem aos dezoito, mas o convidou a tentar novamente em alguns anos, se ele ainda desejasse ensinar.

- Como você se sentiu sobre isso, senhor?- Harry perguntou indeciso.

- Profundamente intranqüilo.- Disse Dumbledore. - Eu tinha desaconselhado ao Armando a contratação. Eu não dei as mesmas razões que eu lhe dei, pois o Professor Dippet era mesmo apaixonado por Voldemort e convencido da honestidade dele. Mas eu não quis que Lord Voldemort ficasse nesta escola, e, especialmente, em uma posição de poder.

- Qual trabalho ele quis, senhor? Que matéria ele quis ensinar?

De alguma maneira, Harry sabia a resposta antes mesmo de Dumbledore falar.

- Defesa Contra as Artes das Trevas. Estava sendo ensinada na ocasião por uma Professora velha de nome de Galatea Merrythought que tinha estado em Hogwarts durante quase cinqüenta anos. Assim Voldemort foi embora para a Borgin e Burkes e todo o pessoal que tinha o admirado, disse que isso era um desperdício, um jovem bruxo brilhante como ele, trabalhando em uma loja. Porém, Voldemort não era um mero assistente. Cortês, bonito e inteligente, ele logo passou a fazer determinados trabalhos particulares do tipo que só existe em lugares especializados como na Borgin e Burkes como você sabe, Harry, em objetos com propriedades incomuns e poderosas. Voldemort foi enviado a persuadir as pessoas para colocarem à venda os tesouros deles para os sócios, e ele era, por todas as contas, extraordinariamente talentoso nisto.

- Eu aposto que sim!- Disse Harry, incapaz se conter.

- Bem, realmente.- Disse Dumbledore, com um sorriso lânguido. - E agora está na hora de ter notícias de Hokey, a elfa doméstica que trabalhou para uma bruxa muito velha, muito rica de nome Hepzibah Smith.

Dumbledore bateu na garrafa com a varinha dele, a cortiça voou fora e ele derramou a memória rodopiando na Penseira, dizendo depois que ele fez isso.

- Depois de você, Harry.

Harry levantou e se abaixou para conteúdo prateado ondulante da bacia de pedra mais uma vez até que a face dele o tocou. Ele caiu pelo escuro e pousou em um quarto, sentando em frente a uma senhora velha, imensamente gorda que usava uma elaborada peruca cor de gengibre e um jogo rosa brilhante de vestes que flutuavam ao redor dela, dando a ela uma aparência de bolo gelado derretendo. Ela estava olhando em um pequeno espelho enfeitado com jóias e passando ruge de leve sobre as

bochechas já escarlates com um grande pompom de pó, enquanto a elfa doméstica mais minúscula e velha que Harry alguma vez tinha visto estava atada aos pés carnudos com chinelos apertados cetinosos dela.

- Se apresse, Hokey!- Disse Hepzibah imperiosa. - Ele disse que viria às quatro, é só faltam alguns minutos para ele chegar, e ele nunca chega atrasado!

Ela apertou o pompom de pó dela quando a elfa doméstica se endireitou. O topo da cabeça da elfa doméstica alcançava apenas o assento da cadeira de Hepzibah e a pele encaroçada dela estava pendurada desalinhada com o lenço amassado que ela vestia preso como uma toga.

- Como eu estou?- Disse Hepzibah, virando a cabeça dela para admirar os vários ângulos do rosto no espelho.

- Graciosa, senhora. Chiou Hokey.

Harry só poderia assumir que estava no contrato de Hokey que ela tinha que mentir pelos dentes dela quando respondeu esta pergunta, porque Hepzibah Smith olhou em sua direção pela adorável opinião dela. A campainha da porta tocou e a senhora e a elfa saltaram.

- Rápido, rápido, ele está aqui, Hokey!- Choramingou Hepzibah e a elfa correu para fora do quarto que estava cheio com objetos que parecia difícil ver como qualquer pessoa poderia andar por ele de modo a não derrubar pelo menos uma dúzia de coisas: Havia armários cheios de pequenas caixas envernizadas, estojos cheio de livros com relevos em ouro, estantes de orbes e globos celestiais e muitas plantas que floresceram em vasos. Na realidade, o quarto parecia um cruzamento entre uma loja de antiguidades mágica e um conservatório.

A elfa doméstica retornou dentro de alguns minutos, seguido por um homem jovem e alto, Harry não teve nenhuma dificuldade em reconhecer Voldemort. Ele estava vestido com um terno preto; o cabelo dele estava um pouco mais longo que tinha estado na escola e as bochechas dele mais encovadas, mas no conjunto ele estava mais bonito ainda. Ele o modo que ele andou pelo quarto mostrava que ele o tinha visitado muitas vezes antes e se abaixou por cima da gorducha e pequena mão de Hepzibah, tocando-a com os lábios.

- Eu trouxe flores para você.- Ele disse baixo, produzindo um ramalhete de rosas do nada.

- Você é um menino malcriado, você não deveria ter!- Gritou a velha Hepzibah, entretanto Harry notou que ela tinha um vaso vazio pronto na pequena mesa mais próxima. - Você mima esta velha senhora, Tom... Sente- se, sente-se... Onde Hokey está? Ah...

A elfa doméstica tinha voltado enérgica ao quarto trazendo uma bandeja com vários bolos que ela acertou no cotovelo da senhora dela.

- Sirva-se, Tom.- Disse Hepzibah. - Eu sei como você ama meus bolos. Agora, como está você? Você parece pálido. Eles te exploram naquela loja, eu disse isso cem vezes...

Voldemort sorriu mecanicamente e Hepzibah sorriu.

- Bem, qual é sua desculpa visitando neste horário?- Ela perguntou, batendo os cílios dela.

- O Sr. Burke gostaria de fazer uma oferta melhor para a armadura feito por elfos.- Disse Voldemort. - Quinhentos Galeões, ele sente que é o melhor que...

- Agora, agora, não tão rápido, ou eu pensarei que você está aqui só por causa das minhas quinquilharias!- Hepzibah fez beicinho.

- Me ordenam vir aqui por causa dele.- Disse Voldemort baixo. - Eu sou só um assistente pobre senhora que tem que fazer como é mandado. O sr. Burke deseja que eu indague...

- Oh, Sr. Burke!- Disse Hepzibah, balançando a pequena mão. - Eu tenho algo a mostrar para você que eu nunca mostrei ao Sr. Burke! Você pode manter segredo, Tom? Você promete que não contará para o Sr. Burke que eu tenho isto? Ele nunca me deixaria descansar se ele soubesse que eu mostrei isto a você, e eu não estou vendendo, não para Burke, não para qualquer um! Mas você, Tom, você apreciará isto para sua história, nem com muitos galeões você poderia adquirir isto.

- Eu ficaria alegre em ver qualquer coisa que a Senhorita Hepzibah quiser mostrar para mim.- Disse Voldemort baixinho e Hepzibah deu outra risadinha como garota.

- Eu mando Hokey buscar para mim... Hokey onde você está? Eu quero mostrar para o sr. Riddle nosso melhor tesouro... Na realidade, traga ambos, enquanto você faz isto...

- Aqui, senhora!- Chiou a elfa doméstica e Harry viu duas caixas de couro, uma em cima da outra, movendo se pelo quarto como se tivesse vontade própria, mas ele sabia que a elfa minúscula estava os segurando em cima da cabeça dela, passando entre mesas, pufes e bancos.

- Agora.- Disse Hepzibah, pegando as caixas da elfa, colocando as no colo e preparando se para abrir a de cima. - Eu penso felizmente que você gostará disto, Tom... Oh, se minha família soubesse que eu estou mostrando isso para você... Eles não podem esperar para colocarem as mãos deles nisto!

Ela abriu a tampa. Harry se esticou para ter uma visão melhor e viu o que se parecia uma taça dourada pequena com duas asas finamente forjadas.

- Eu gostaria de saber se você sabe o que é isso, Tom? Apanhe, dê uma boa olhada!- Hepzibah sussurrou e Voldemort esticou uma mão longa e fina e ergueu a taça através de uma asa para fora de sua capa sedosa. Harry pensou ter visto um vislumbre vermelho nos olhos escuros dele. A expressão gananciosa dele se refletiu curiosamente na face de Hepzibah, mas os olhos minúsculos dela estavam fixos nas características bonitas de Voldemort.

- Um texugo.- Voldemort murmurou, examinando a gravura na taça. - Então isto era...?

- De Helga Hufflepuff, como você muito bem sabe, você é um menino inteligente!- Disse Hepzibah, indo para frente com um ranger alto das roupas e beliscando a bochecha oca dele. - Eu não lhe falei que eu era uma descendente distinta? Isto foi passado na família durante anos e anos. Graciosa, não é? E todos os tipos de poderes é suposto que também possui, mas eu não os testei completamente, eu só a mantenho agradável e segura bem aqui...

Ela retirou a taça do longo dedo indicador de Voldemort e guardou suavemente na sua caixa, sua intenção era resolver isto cuidadosamente depois de notar a sombra que cruzou a face de Voldemort quando a taça foi tomada.

- Agora então...- Disse Hepzibah felizmente. - Onde Hokey está? Oh sim, lá está você, guarde o objeto agora, Hokey.

A elfa levou a taça encaixotada obedientemente e Hepzibah voltou a atenção dela para a outra caixa mais aplainada no colo dela.

- Eu penso que você gostará deste mesmo muito mais, Tom.- Ela sussurrou. - Se incline um pouco, querido menino, assim você pode ver... Claro que, Burke sabe que eu tenho este aqui, eu comprei isto dele, e eu tenho certeza que ele adoraria voltar a ter quando eu morrer...

Ela deslizou o gancho do filigrana para trás e sacudiu a caixa aberta. Lá, sobre o veludo carmesim liso, havia um medalhão dourado pesado.

Voldemort retirou o medalhão, sem convite para isso, e segurou contra a luz, o encarando.

- A marca de Slytherin.- Ele disse baixo, quando a luz refletiu num S serpentino ornado.

- Está certo!- Disse Hepzibah, aparentemente encantada, aparentemente, à vista de Voldemort que contemplava ao medalhão dela. - Eu tive que pagar um braço e uma perna por isto, mas eu não pude deixar isto passar, não um real tesouro assim, tinha que ter isto na minha coleção. Burke comprou isto, aparentemente, de uma mulher pobre, devia ter roubado isto, mas não tinha nenhuma idéia de seu verdadeiro valor...

Não havia nenhum equívoco nisso: Os olhos de Voldemort brilharam ao ouvir essas palavras, e Harry viu as juntas dele embranquecerem na cadeia do medalhão.

- Eu soube que Burke pagou uma ninharia, mas veja você... Bonito, não é? E novamente, todos os tipos de poderes atribuíram a isto, entretanto, eu só o mantenho guardado bem seguro.

Ela pegou de volta o medalhão. Por um momento, pensou Harry que Voldemort não ia deixar ela fazer isso, entretanto tinha deslizado pelos dedos dele e voltado para sua almofada aveludada vermelha.

- Assim, você está lá, Tom, querido, e eu espero que você desfrutasse isso!

Pela primeira vez, ela olhou ele em cheio no rosto, Harry viu o sorriso tolo dela hesitar.

- Você está bem, querido?

- Oh sim.- Disse Voldemort baixo. - Sim, eu estou muito bem.

- Eu pensei, foi um truque da luz, eu suponho...- Disse Hepzibah, olhando nervosa, e Harry adivinhou que ela tinha visto o vislumbre vermelho momentâneo também nos olhos de Voldemort. - Aqui, Hokey, leve embora estes e os tranque novamente.... Os encantos habituais...

- Hora de partir, Harry.- Disse Dumbledore baixo e quando a elfa doméstica subiu e desceu, pegando as caixas, Dumbledore agarrou Harry uma vez mais pelo cotovelo e juntos, eles se levantaram e voltaram para o escritório de Dumbledore.

- Hepzibah Smith morreu dois dias depois daquela pequena cena.- Disse Dumbledore, enquanto retomava seu assento e indicava que Harry deveria fazer o mesmo. - Hokey, a elfa da casa, foi condenado pelo Ministério por envenenar o chocolate do amante dela sem querer.

- Sem chance!- Disse Harry furiosamente.

- Eu vejo que nós somos de uma só opinião.- Disse Dumbledore. - Certamente, são muitas semelhanças entre esta morte e a dos Riddles. Em ambos os casos, alguém levou a culpa por outro, alguém que teve uma impressão clara de ter causado a morte.

- Hokey confessou?

- Ela se lembrou de pôr algo no chocolate do amante que parecia não ser açúcar, mas um veneno letal e pouco conhecido.- Disse Dumbledore. Foi concluído que ela não tinha pretensão de fazer isto, mas sendo velha e confusa...

- Voldemort modificou a memória dela, assim como fez com Morfin!

- Sim, isso também é minha conclusão.- Disse Dumbledore. - E, da mesma maneira que com Morfin, o Ministério foi predisposto a suspeitar de Hokey...

- ...Porque ela era um elfo domestico.- Disse Harry. Ele raramente tinha sentido mais condolência com esta classe, desde que Hermione tinha lançado o P.A.R.E.

- Precisamente.- Disse Dumbledore. - Ela era velha, ela admitiu ter mexido na bebida, e ninguém do Ministério se preocupou em investigar mais. Como no caso de Morfin, até que eu a localizasse e consegui extrair esta memória, a vida dela quase terminou, mas a memória dela, claro, não prova nada a não ser que Voldemort sabia da existência da taça e do medalhão. Até que Hokey fosse condenada, a família de Hepzibah não tinha percebido que estavam perdendo dois dos seus maiores tesouros. Levou tempo para perceberem, porque ela tinha muitos esconderijos, sempre vigiando sua coleção com ciúmes e cuidados. Mas antes de estarem seguros que a taça e o medalhão haviam sido levados, o assistente que tinha trabalhado para Borgin e Burkes, o homem jovem que tinha visitado Hepzibah tão regularmente e a tinha encantado tão bem, tinha resignado seu posto e desaparecido. Os superiores dele não tiveram nenhuma idéia de onde ele tinha ido; eles estavam tão surpresos quanto qualquer um com o desaparecimento. E isso foi a última coisa que se viu ou ouviu falar de Tom Riddle durante um bom tempo. Agora.- Disse Dumbledore. - Se você não notou, Harry, eu quero chamar sua atenção para certos pontos de nossa história mais uma vez. Voldemort tinha cometido outro assassinato; o primeiro dele desde que ele matou os Riddles, eu não sei, mas acho que era. Agora, como você viu, ele não matou por vingança, mas para ganho. Ele quis os dois troféus fabulosos que, boba, a mulher velha mostrou para ele. Da mesma maneira que ele tinha roubado as outras crianças uma vez no orfanato, da mesma maneira que ele tinha roubado o anel do Tio Morfin, assim ele escapou com a taça de Hepzibah e o medalhão.

- Mas...- Disse Harry, enquanto fechava a cara. - Parece curioso... Arriscando tudo, jogando fora o trabalho, só por esses...

- Curioso a você, talvez, mas não para Voldemort.- Disse Dumbledore. - Eu espero que você entenda, no tempo devido, exatamente o que esses objetos significaram para ele, Harry, você que tem que admitir que não é difícil imaginar que ele viu o medalhão, pelo menos, como legalmente seu.

- O medalhão talvez.- Disse Harry. - Mas por que levar a taça?

- Tinha pertencido a outro dos fundadores de Hogwarts.- Disse Dumbledore. - Eu acho que ele ainda sentia um grande apego à escola e não podia resistir a um objeto que figurasse na história de Hogwarts. Havia outras razões, eu acho... Eu espero poder as mostrar a você no tempo certo. E agora vamos para a última lembrança que eu tenho que mostrar para você, pelo menos até que você conseguir a memória do Professor Slughorn para nós. Dez anos separam a memória de Hokey e esta aqui, dez anos durante os quais nós só podemos imaginar o que Lord Voldemort esteve fazendo...

Harry juntou mais uma vez seus pés, quando Dumbledore esvaziou a última memória na Penseira.

- De quem é essa memória?- Ele perguntou. - Minha.- Disse Dumbledore.

E Harry mergulhou depois de Dumbledore pela massa prateada inconstante, e pousou no mesmo escritório, de onde há pouco tinha partido. Fawkes dormia felizmente no poleiro, e lá atrás da escrivaninha estava Dumbledore, bem parecido ao Dumbledore que se levantava ao lado de Harry, no entanto, as mãos estavam inteiras e não danificadas e a face dele era, talvez, um pouco menos enrugada. Uma diferença entre o escritório atual e este aqui era que estava nevando no passado; manchas azuladas estavam vagueando além da janela na escuridão, e acumulando no lado de fora em sua borda.

O Dumbledore mais jovem parecia estar esperando por algo, e seguro bastante, momentos depois da chegada deles, houve uma batida na porta e ele disse, "Entre". Harry deixou sair um suspiro apressadamente abafado. Voldemort tinha entrado na sala. As características dele não eram essas que Harry tinha visto emergir do grande caldeirão de pedra quase dois anos atrás: Eles não eram como cobra, os olhos não eram escarlates, a face não parecia uma mascara, ainda era o bonito Tom Riddle. Era como se as características dele tivessem sido queimadas e borradas; eram esquisitamente torcidas, e os brancos dos olhos tinham agora, um olhar permanentemente sangrento, entretanto, o aluno não tinha os vestígios do que Harry sabia que ele se tornaria. Ele estava usando uma capa preta longa, e a face dele era tão pálida, quanto a neve que brilhava em seus ombros. O Dumbledore que estava atrás da escrivaninha não mostrou nenhum sinal de surpresa. Evidentemente, esta visita tinha sido feita através de algum compromisso.

- Boa noite, Tom.- Disse Dumbledore docilmente. - Você não se sentará?

- Obrigado.- Disse Voldemort, e ele afastou o assento para o qual Dumbledore tinha gesticulado, o mesmo assento, pelo visto, que Harry há pouco tinha desocupado no presente. - Eu ouvi que você tinha se tornado o diretor.- Ele disse, a voz dele era ligeiramente mais alta e fria. - Uma escolha merecedora.

- Eu estou alegre que você aprova.- Disse Dumbledore, enquanto sorria. - Eu posso lhe oferecer uma bebida?

- Seria ótimo.- Disse Voldemort. - Eu vim de longe.

Dumbledore levantou e dirigiu-se para o gabinete onde mantinha a Penseira agora, mas que então estava cheio de garrafas. Tendo dado para Voldemort uma taça de vinho e serviu um para si, voltou ao assento atrás da escrivaninha...

- Então, Tom... A que devo o prazer?

Voldemort não respondeu imediatamente, mas somente tomou um gole do vinho dele.

- Eles não me chamam de Tom mais.- Ele disse. - Agora, sou conhecido como...

- Eu sei como você é conhecido.- Disse Dumbledore, enquanto sorria, agradavelmente. - Mas para mim, me desculpe, você sempre será Tom Riddle. É um das coisas irritantes de professores velhos. Desculpe se eles não esquecem totalmente de seus jovens no inicio.

Ele elevou copo brindando com Voldemort cuja face permaneceu inexpressiva. Não obstante, Harry sentia a atmosfera da sala sutilmente mudando: a recusa de Dumbledore para usar o nome escolhido de Voldemort era uma recusa para permitir que Voldemort ditasse as condições da reunião, e o Harry poderia contar que Voldemort entendeu também.

Eu estou surpreso por você ainda permanecer aqui.- Disse Voldemort, depois de uma pausa curta. - Eu sempre desejei saber por que um feiticeiro como você nunca desejou deixar esta escola.

- Bem.- Disse Dumbledore, enquanto ainda sorria. - Para um feiticeiro como eu, não pode haver nada mais importante que passar habilidades antigas, enquanto ajuda a afiar as mentes jovens. Se me lembro corretamente, você se atraiu pelo ensino uma vez também.

- E ainda me atrai.- Disse Voldemort. - Eu somente desejei saber por que você, que recebe pedidos freqüentemente do conselho para Ministério, e a quem por duas vezes, eu acho, já foi oferecido o posto de Ministro...

- Três vezes à última conta, de fato.- Disse Dumbledore. - Mas o Ministério nunca me atraiu como uma carreira. Novamente, algo que nós temos em comum, eu penso.

Voldemort inclinou a cabeça, sério, e tomou outro gole de vinho. Dumbledore não rompeu o silêncio que estirava entre eles, mas esperou, com um olhar de expectativa agradável, que Voldemort falasse primeiro.

- Retornei...- Ele disse, depois de um pequeno tempo. - ...Tarde, talvez, mais que Professor Dippet esperava... Mas voltei, e agora, vim pedir o que ele me falou uma vez que eu era muito jovem para ter. Eu vim a você pedir que me permita voltar a este castelo, ensinar. Eu acho que você sabe que tenho visto e feito muito desde que eu deixei este lugar. Eu poderia mostrar e contar a seus estudantes que os tornarão melhores que qualquer outro feiticeiro.

Dumbledore olhou Voldemort durante algum tempo por cima do topo da própria taça antes de falar.

- Sim, eu sei certamente que você viu e fez muito desde que nos deixou.- Ele disse quietamente. - Rumores de suas ações chegam a sua velha escola, Tom. Eu deveria estar arrependido em acreditar na metade deles.

A expressão de Voldemort permaneceu impassível quando ele disse.

- Grandeza inspira inveja, inveja gera despeito, despeito gera mentiras. Você tem que saber isto, Dumbledore.

- Você chama de "grandeza" o que você tem feito?- Dumbledore perguntou delicadamente.

- Certamente.- Disse Voldemort, e os olhos dele pareciam queimar, vermelhos. - Eu tenho experimentado; ampliado os limites da magia, talvez, mais do que nunca foram ampliados.

- De alguns tipos de magia.- Dumbledore o corrigiu quietamente. - De alguns. De outros, você permanece... Me perdoe... Completamente ignorante.

Pela primeira vez, Voldemort sorriu. Era um olhar lascivo, uma coisa má, mais ameaçador que um olhar de raiva.

- O velho argumento.- Ele disse suavemente. - Mas nada que eu vi no mundo apoiou seus pronunciamentos famosos que o amor é mais poderoso que meu tipo de magia, Dumbledore.

- Talvez você tenha olhado nos lugares errados.- Sugeriu Dumbledore.

- Bem, então, que lugar melhor para começar minhas novas pesquisas que aqui, em Hogwarts?- Disse Voldemort. - Você me deixará voltar? Compartilhar meu conhecimento com seus estudantes? Eu coloco meus talentos à sua disposição. Eu sou seu serviçal.

Dumbledore elevou suas sobrancelhas.

- E o que restará desses que você comanda? O que acontecerá a esses que se chamam, ou assim os rumores tem dito, os Comensais da Morte?

Harry poderia contar que Voldemort não esperava que Dumbledore soubesse este nome; ele viu os olhos de Voldemort flamejarem novamente assim como suas narinas, semelhantes a fendas.

- Meus amigos.- Ele disse, depois de pausar um momento. - Continuarão sem mim, seguramente.

- Eu estou alegre em ouvir que você os considera como amigos.- Disse Dumbledore. - Eu tinha a impressão que eles eram pra você, não mais do que criados.

- Você está enganado.- Disse Voldemort.

- Então, se eu fosse esta noite ao Cabeça de Javali, eu não acharia um grupo deles, Nott, Rosier, Muldber, Dolohov, esperando seu retorno? Amigos dedicados realmente, viajar esta distancia com você em uma noite nevada, somente para lhe desejar sorte em sua tentativa de conseguir um posto pedagógico.

Não poderia haver nenhuma dúvida do conhecimento detalhado de Dumbledore acerca da viagem e até mesmo da chegada de Voldemort; no entanto, ele se informara quase imediatamente.

- Como você é onisciente, Dumbledore.

- Oh não, apenas amigo dos donos de botecos locais.- Disse Dumbledore ligeiramente. - Agora, Tom...- Dumbledore deixou o copo vazio dele e ajeitou-se no seu assento, as pontas dos dedos juntas em um gesto muito característico. - Fale abertamente. Por que você veio aqui, cercado por homens, hoje à noite pedir um trabalho que nós dois sabemos que você não quer?

Voldemort olhou friamente surpreso.

- Um trabalho que eu não quero? Pelo contrário, Dumbledore, eu quero muito.

- Oh, você quer voltar a Hogwarts, mas você não quer ensinar mais como quis quando você tinha dezoito anos. É o que vem depois, Tom? Por que não tente um pedido aberto de uma vez?

Voldemort zombou.

- Se você não quer me dar um trabalho...

- Claro que não é isso.- Disse Dumbledore. - E eu não acho que por algum momento você esperou outra coisa. Não obstante, você veio aqui, você pediu, você deve ter tido um propósito.

Voldemort levantou. Ele olhou menos como Tom Riddle que nunca, transformado pela raiva.

- Esta é sua palavra final? É?

- É.- Disse Dumbledore, também de pé.

- Então nós não temos nada mais para dizer um ao outro.

- Não, nada.- Disse Dumbledore, e uma grande tristeza encheu a face dele. - Esta vindo o tempo que você amedrontara ardentemente e poderei o forçar a pagar por seus crimes. Mas eu desejo poder, Tom... Eu desejo que eu possa...

Durante um segundo, Harry estava à beira de gritar uma advertência insensata: Ele estava seguro que a mão de Voldemort tinha se contraído para o bolso dele e a varinha; entretanto o momento tinha passado, Voldemort tinha se virado, a porta estava fechando, e ele devia ter ido. Harry sentia toque da mão de Dumbledore novamente seu braço e momentos depois, eles estavam juntos, parados quase na mesma situação, mas não havia nenhuma neve na borda de janela, e a mão de Dumbledore foi enegrecida e com aspecto necrosado, mais uma vez.

- Por que?- Disse Harry imediatamente, enquanto observava a face de Dumbledore. - Por que ele voltou? Você já descobriu?

- Eu tenho idéias.- Disse Dumbledore. - Mas não mais que isso.

- Que idéias, senhor?

- Eu, Harry, lhe falarei quando você conseguir aquela memória do Professor Slughorn.- Disse Dumbledore. - Quando você tiver esta última peça do quebra-cabeça, tudo vai, eu espero, ser esclarecido... Para nós dois.

Harry ainda estava queimando com curiosidade e embora Dumbledore tivesse caminhado à porta e segurado-a aberto para Harry, ele não se moveu imediatamente.

- Ele queria antes a Defesa Contra a Arte das Trevas, senhor? Ele não disse...

- Oh, ele definitivamente quis a Defesa Contra as Artes das Trevas.- Disse Dumbledore. - O resultado de nossa pequena reunião provou isso. Você vê, nós conseguimos manter um professor por um período mais longo que um ano, desde que eu recusei o pedido de Lord Voldemort.

= = = =

que anunciasse a data do Teste de Aparatação. Aqueles que já tivessem 17 anos ou que completariam antes do primeiro dia de teste, 21 de Abril, tinham a opção de se inscreverem para aulas adicionais, cujo lugar seria (extremamente supervisionado) em Hogsmeade.

Ron havia entrado em pânico ao ler o aviso; ele ainda não havia conseguido aparatar e temia que não estivesse pronto para o teste. Hermione, que agora já havia conseguido aparatar duas vezes, estava mais confiante, mas Harry, que não completaria 17 anos nos próximos quatro meses, não poderia fazer o teste, estando ele pronto ou não.

- Pelo menos você pode aparatar, mesmo assim!- Disse Ron tensamente. - Você não terá problemas até que Julho chegue!

- Eu fiz isso apenas uma vez.- Harry relembrou a ele; ele finalmente havia conseguido desaparecer e se rematerializar dentro de seu arco durante suas aulas.

Tendo perdido muito tempo em se preocupar de mais em Aparatação, Ron estava agora se esforçando para terminar uma redação muito difícil para Snape que Harry e Hermione já tinham terminado. Harry esperava que recebesse uma nota baixa com a sua, porque havia descordado de Snape sobre a melhor maneira de se lidar com dementadores, mas ele não se importava: a memória de Slughorn era a coisa mais importante pra ele agora.

- Eu estou te avisando, o Príncipe estúpido não vai te ajudar nisso, Harry!- Disse Hermione, com a voz mais alta. - Só há uma maneira de forçar alguém a fazer algo que você quer, e é com a Maldição Imperius, que é ilegal.

- Sim, eu sei disso, obrigado.- Harry disse, não tirando os olhos do livro. - É por isso que estou procurando algo diferente. Dumbledore diz que Veritaserum não funcionará, mas deve haver outra coisa, uma poção ou feitiço...

- Você está fazendo isso da maneira errada.- Hermione disse. - Só você pode conseguir a memória, Dumbledore disse. Isso deve significar que você pode persuadir Slughorn quando ninguém mais pode. Não é questão de lhe dar uma poção, qualquer um poderia fazer isso...

- Como se soletra "beligerante"?- Disse Ron, agitando dificilmente sua pena enquanto olhava fixamente seu pergaminho. - Não pode ser B - U - M...

- Não, não é.- Disse Hermione, puxando a redação de Ron até ela. - Nem "presságio" começa com O - R - G também. Qual tipo de pena você está usando?

- Uma das penas "Checar-Soletragem" do Fred e do Jorge, mas eu acho que o feitiço deve estar falhando.

- Sim, deve mesmo.- Disse Hermione, apontando para o título da redação, "porque fomos perguntados como nós lidaríamos com dementadores, e não 'bombas de bosta'", e não me lembro de você ter mudado seu nome para "Roonil Wazlib", também.

- Ah não!- Disse Ron, encarando horrorizado para o pergaminho. - Não diga que eu terei de reescrever tudo isso de novo!

- Tudo bem, a gente pode consertar.- Disse Hermione, puxando a redação para perto dela e pegando sua varinha.

- Eu te amo, Hermione!- Disse Ron afundando em sua cadeira e piscando seus olhos. Hermione ficou fracamente rosada, mas apenas disse.

- Não deixe Lilá escutar você dizer isso.

- Não deixarei.- Disse Ron entre suas mãos. - Ou talvez eu deixe, assim ela termina comigo.

- Porque você não termina com ela já que não quer mais ficar com ela?- Perguntou Harry.

- Você nunca teve de dar um fora em alguém, não é?- Disse Ron. - Você e Cho apenas...

- Nos separamos de alguma maneira, sim.- Disse Harry.

- Gostaria que isso acontecesse com a Lilá e eu.- Disse Ron tristemente, vendo Hermione silenciosamente batendo nas palavras escritas incorretamente na redação de Ron com a ponta de sua varinha, assim elas se auto-corrigiam na página. - Mas quanto mais eu dou a entender que quero terminar, mais ela me abraça. É como estar saindo com a lula gigante.

- Aqui.- Disse Hermione, mais ou menos vinte minutos mais tarde, devolvendo a redação de Ron.

- Muitíssimo obrigado.- Disse Ron. - Posso pegar sua pena emprestada pra escrever a conclusão?- Harry, que não havia encontrado nada de útil nas anotações do Príncipe Mestiço até então, olhou ao redor; eles três eram as únicas pessoas restantes na Sala Comunal, Simas acabara de subir para ir deitar, amaldiçoando Snape e sua redação. Os únicos ruídos eram os estalados do fogo e o arranhar da pena de Hermione, que Ron usava escrevendo no pergaminho o último parágrafo sobre dementadores. Harry havia apenas fechado o livro do Príncipe Mestiço, bocejando, quando... Crack!

Hermione soltou um gritinho; Ron derramou tinta em sua recém terminada redação, e Harry disse.

- Monstro!

O elfo-doméstico fez uma reverência e disse aos seus próprios ásperos dedos do pé.

- Mestre disse que ele queria relatórios regulares sobre o que o menino Malfoy está fazendo, então Mostro veio dar...

Crack!

Dobby apareceu do lado de Monstro, com seu chapéu de abafador de chá torto.

- Dobby têm ajudado também, Harry Potter!- Ele gritou, dando em Monstro um olhar de ressentimento. - E Monstro teve a obrigação de dizer a Dobby quando ele ia ver Harry Potter para que assim os dois pudessem fazer seus relatórios juntos!

- O que é isso?- Perguntou Hermione, ainda olhando socada para as aparições repentinas. - O que está acontecendo, Harry?

Harry hesitou antes de responder, porque ele não havia contado a Hermione que tinha mandado Monstro e Dobby ficarem atrás de Malfoy; elfos-domésticos eram sempre um assunto muito tocante para ela.

- Bem... Eles têm seguido Malfoy pra mim.- Ele disse.

- Dia e noite.- Grasnou Monstro.

- Dobby não têm dormido a uma semana, Harry Potter!- Disse Dobby, balançando onde ele estava. Hermione olhou indignada.

- Você não tem dormido, Dobby? Mas claramente, Harry, você não disse a ele que não...

- Não, claro que não.- Disse Harry rapidamente. - Dobby, você pode dormir, ta legal? Mas nenhum de vocês descobriu nada? Ele se apressou para perguntar antes que Hermione pudesse intervir de novo.

- Mestre Malfoy se movimenta com a nobreza de um próprio sangue-puro.- Guinchou Monstro o quanto antes. - Suas feições recordam as da minha ama e suas maneiras são as de...

- Draco Malfoy é um menino mal!- Gritou Dobby irritadamente. - Um menino mal que, que...- Ele tremeu da borda de seu chapéu aos dedos dos pés em suas meias e então correu até o fogo, prestes a se jogar nele. Harry, atento a essa atitude que não era inteiramente inesperada, agarrou-o pelo meio e segurou-o rápido. Por alguns segundos Dobby relutou, mas depois mancou.

- Obrigado, Harry Potter.- Ele ofegou. - Dobby ainda acha difícil falar mal de seus velhos mestres.- Harry soltou-o; Dobby ajeitou seu chapéu e disse desafiadamente à Monstro. - Mas Monstro deveria saber que Draco Malfoy não é um bom mestre para um elfo-doméstico!

- Sim, nós não precisamos ouvir sobre você estar apaixonado por Malfoy.- Harry disse a Monstro. - Vamos direto sobre onde ele na verdade têm ido.

Monstro fez reverência novamente, olhando furiosamente, e disse:

- Mestre Malfoy come no Salão Principal, ele dorme no dormitório nas masmorras, ele presta atenção em suas aulas numa variedade de...

- Dobby, me diga você.- Disse Harry, interrompendo Monstro. - Ele têm ido a algum lugar que não deveria ir?

- Harry Potter, senhor.- Confessou Dobby, seus grandes e oblíquos olhos estavam brilhando por causa da lareira. - O menino Malfoy não está quebrando nenhuma regra que Dobby possa descobrir, mas ele ainda lamentavelmente tem evitado revelar algo. Ele tem feito visitas regulares ao 7º andar com vários outros alunos, que ficam vigiando para ele enquanto ele entra...

- A Sala de Requisição!- Disse Harry, batendo em sua testa com o livro "Fazendo Poções Avançadas". Hermione e Ron o encararam. - É pra lá que ele têm escapado! É lá que ele tem feito... Seja lá o que está fazendo! E aposto que é por isso que ele tem sumido do mapa. Pensando Bem, eu nunca vi a Sala de Requisição no mapa!

- Talvez os Marotos nunca souberam da existência da sala.- Disse Ron.

- Eu acho que isso faz parte da mágica da Sala.- Disse Hermione. - Se você precisa que seja secreta, ela será.

- Dobby, você pode entrar na Sala e ver o que é que Malfoy está fazendo?- Disse Harry ansiosamente.

- Não Harry Potter, isso é impossível.- Disse Dobby.

- Não, não é.- Disse Harry o quanto antes. - Malfoy entrou na AD no ano passado, então eu serei capaz de entrar e espioná-lo, sem problema.

- Mas eu não acho que você vá conseguir, Harry!- Disse Hermione lentamente. Malfoy já sabia exatamente como nós estávamos usando a sala, sabia por que aquela idiota da Marietta dedurou. Ele precisava que a sala se transformasse no quartel da AD,e ela se transformou. Mas você não sabe no que a sala se transforma quando Malfoy entra nela, então você não sabe no que mandá-la se transformar.

- Haverá um jeito.- Disse Harry dispersamente. - Você foi brilhante, Dobby.

- Monstro foi bem também,.- Disse Hermione gentilmente; mas longe de parecer engrandecido, Monstro desviou seus enormes olhos cor de sangue e coaxou no forro.

- A sangue ruim está falando com Monstro, Monstro fingir que não pode ouvir.

- Pare com isso!- Harry ordenou, e Monstro fez uma última reverência e desaparatou. - Seria melhor você dormir um pouco também, Dobby.

- Obrigado, senhor Harry Potter!- Rangeu Dobby alegremente, e também sumiu.

- Isso não é bom?- Disse Harry entusiasticamente, virando-se para Ron e Hermione no momento em que a sala estava sem elfos de novo. - Nós sabemos onde Malfoy está indo! Nós o cercamos agora!

- Sim, isso é ótimo.- Disse Ron raivosamente, cuja tentativa de limpar a encharcada massa de tinta se tornou quase uma completa experiência. Hermione Puxou a varinha e começou a retirar a tinta.

- Mas o que está acontecendo com ele para ir lá com um monte de alunos?- Disse Hermione. - Quantas pessoas estão nisso? Você não acha que ele confia em todos eles para saber o que ele está fazendo...

- Sim, isso é estranho.- Disse Harry, franzindo a testa. - Eu o ouvi dizendo a Crabbe que não era da conta dele o que ele estava fazendo... Então o que ele quer dizer com isso... Isso...- A voz de Harry sumiu, ele olhava furtivamente para a lareira. - Deus, que idiota eu fui.- Disse ele sussurrante. - É óbvio, não é? Tinha um monte disso no calabouço... Ele poderia ter roubado um pouco durante a lição...

- Roubado o que?- Disse Ron.

- Poção Polissuco. Ele roubou um pouco da poção Polissuco que Slughorn nos mostrou na nossa primeira aula de poções... Não há muitos alunos montando guarda para Malfoy... É só Crabbe e Goyle como de costume... Sim, Tudo se encaixa!- Disse Harry, que levantou de um salto e começou a andar em frente à lareira. - Eles são suficientemente idiotas para fazer o que ele manda mesmo que não saibam o que ele pretende, mas ele não quer que eles sejam vistos rondando a Sala de Requisição, então ele os fez tomar Poção Polissuco para fazê-los parecer com outras pessoas... Aquelas duas garotas que eu vi com ele quando ele perdeu o Quadribol... Eram Crabbe e Goyle!

- Você quer dizer...- Disse Hermione numa voz comedida. - ...Que aquela garotinha cuja balança eu consertei...?

- Sim,claro!- Disse Harry alto, olhando furtivamente para ela. - Claro! Malfoy devia estar dentro da sala naquela hora, então ela, o que eu estou falando? Ele derrubou as balanças para dizer a Malfoy não sair, por que tinha alguém lá! E havia aquela garota que deixou cair à ova de sapo também! Nós passamos por ele esse tempo todo e não percebemos!

- Ele fez Crabbe e Goyle se transformarem em garotas?- Indagou Ron. - Coitados... Por isso eles não pareciam muito alegres esses dias. Estou surpreso por eles não dizerem a Malfoy para não fazer isso.

- Bem, eles não iriam, iriam, se ele tivesse mostrado sua Marca Negra?- Disse Harry

- Humm... A Marca Negra nós não sabemos se existe.- Disse Hermione sensatamente, pegando a redação seca de Ron antes que pudesse causar mais estragos e segurando pra ele.

- Veremos!- Disse Harry secretamente.

- Sim,nós veremos.- Disse Hermione, abaixando e alongando-se. - Mas, Harry, antes que você se empolgue, eu ainda não acho que você consiga entrar na Sala de Requisição sem saber o que há lá antes. E eu acho que você não deveria esquecer disso.-

Ela pôs sua mochila no ombro e olhou para ele seriamente. - Você deveria estar se concentrando em pegar aquela memória de Slughorn. Boa noite!

Harry viu ela sair, sentindo-se mal. Uma vez que a porta do dormitório feminino fechou atrás dela ele virou-se para Ron.

- O que você acha?

- Queria poder desaparatar como um elfo doméstico.- Disse Ron, olhando furtivamente para o lugar de onde Dobby havia sumido. - Aquele teste de aparatação seria moleza.

Harry não dormiu direito àquela noite. Ele ficou acordado pelo que pareceram horas, imaginando como Malfoy estava usando a Sala de Requisição e o que ele, Harry, veria quando entrasse lá no dia seguinte, pelo que Hermione disse, Harry tinha certeza de que se Malfoy pode ver o quartel general da AD, ele poderia ver o de Malfoy. O que poderia ser? Um lugar de encontros? Um esconderijo? Um workshop? A mente de Harry trabalhou fervorosamente e seus sonhos, quando ele finalmente dormiu, eram quebrados e perturbado por imagens de Malfoy, que se transformou em Slughorn, que se transformou em Snape...

Harry estava muito adiantado para o café da manhã no dia seguinte; ele tinha um tempo livre antes da aula de Defesa Contra as Artes das Trevas e estava determinado a passá-lo tentando entrar na Sala de Requisição. Hermione não mostrava nenhum interesse em seus planos de entrar na Sala, o que o irritou, por que ele achou que ela seria de grande ajuda se quisesse.

- Olhe.- Disse ele discretamente, levantando-se e pondo a mão no Profeta Diário, que ela havia acabado de receber pelo correio coruja, para impedi-la de abri-lo e sumir atrás dele. - Eu não esqueci sobre Slughorn, mas eu não tenho idéia de como pegar aquela memória dele, e até eu conseguir uma lavagem cerebral por que eu não deveria descobrir o que Malfoy está fazendo?

- Eu já disse, você tem que persuadir Slughorn.- Disse Hermione. - Isso não é uma questão de pegá-lo ou enfeitiçá-lo, ou Dumbledore poderia ter feito isso em um segundo. Ao invés de rondar a Sala de Requisição.- Ela tirou o Profeta Diário debaixo da mão de Harry e focou a primeira página. - você deveria ir encontrar Slughorn e começar a apelar à sua bondade natural.

- Alguém conhecido...?- Perguntou Ron, quando Hermione olhou rapidamente as manchetes.

- Sim!- Disse Hermione, fazendo que tanto Harry quanto a Ron parassem o café da manhã. - Mas está tudo bem, ele não está morto. É Mundungus, ele foi preso e mandado para Azkaban! Algo a ver com conjurar um inferius durante uma tentativa de assalto, e alguém chamado Octavius Pepper desapareceu. Oh, que horrível, um garoto de nove anos foi preso por tentar matar seus avós, eles acham que o garoto estava sob a maldição Imperius.

Eles terminaram seu café da manhã em silêncio. Hermione foi imediatamente para a aula de Runas antigas; Ron para o salão comunal, onde ele ainda tinha que acabar sua dissertação sobre dementadores para Snape, e Harry para o corredor no sétimo andar na parede oposta a que estava a tapeçaria de Barnabás, o Tolo ensinando trasgos a dançar balé.

Harry saiu de sua capa de invisibilidade uma vez que ele encontrou uma passagem vazia, mas ele não podia ser interrompido. Quando ele alcançou seu destino ele encontrou o lugar vazio. Harry não estava certo se suas chances de entrar na sala eram melhores com Malfoy dentro ou fora dela, mas pelo menos sua primeira tentativa não seria complicada pela presença de Crabbe ou Goyle fingindo ser uma garota de onze anos.

Ele fechou os olhos e se aproximou de onde a porta da Sala precisa estava escondida. Ele sabia o que tinha que fazer; ele aprimorou-se nisso no ano anterior. Concentrando-se com toda sua força ele pensou, "Eu preciso ver o que Malfoy está fazendo aqui... Preciso ver o que Malfoy está fazendo aqui... Preciso ver o que Malfoy está fazendo aqui..."

Três vezes ele passou pela porta; depois, seu coração batendo com excitação, ele abriu os olhos e olhou mas ele ainda estava olhando para uma parede vazia. Ele deu um passo à frente e experimentou empurrar. A rocha permaneceu sólida e imóvel.

- "Tudo bem" disse Harry alto. - Tudo bem... Eu pensei na coisa errada...- Ele refletiu por um momento depois parou de novo, olhos fechados,concentrando-se o mais forte que podia. - Eu preciso ver o lugar que Malfoy freqüenta secretamente... Eu preciso ver o lugar que Malfoy freqüenta secretamente... Eu preciso ver o lugar que Malfoy freqüenta secretamente...- Depois de andar em frente à porta por três vezes, ele abriu os olhos.

Não havia porta.

- Oh, vamos lá!- Ele disse à parede irritadamente. - Aquilo era um pedido claro. Legal.- Ele pensou muito por vários minutos antes de tentar mais uma vez. - Eu preciso que você se torne o lugar que se tornou para Draco Malfoy...

Ele não abriu os olhos imediatamente quando acabou sua patrulha; ele estava prestando atenção, como se ele fosse ouvir a porta aparecer. Ele não ouviu nada, no entanto, exceto o distante piar dos pássaros do lado de fora. Ele abriu os olhos; ainda não havia nenhuma porta.

Harry jurava. Alguém gritou. Ele olhou ao redor para ver um grupo de alunos do primeiro ano correndo de costas pra parede, dando a impressão de que eles haviam encontrado um fantasma aparentemente desbocado.

Harry pensou de todo o jeito "Preciso ver o que Malfoy está fazendo ai dentro" que ele pôde pensar durante uma hora inteira, no fim, ele foi obrigado a admitir que Hermione estava certa: A sala simplesmente não quis se abrir para ele. Frustrado e aborrecido, ele partiu para aula de Defesa Contra as Artes das Trevas, tirando a Capa de Invisibilidade e guardando junto a sua bolsa.

- Atrasado novamente, Potter.- Disse Snape friamente, quando Harry se apressou para entrar na sala. - Dez pontos da Grifinória.- Harry olhou feio para Snape e se arremessou ao assento ao lado de Ron. Metade da classe ainda estava de pé, tirando livros e organizando suas coisas; ele não poderia ter demorado muito mais que eles. - Antes de nós começarmos, eu quero seus ensaios sobre dementadores.- Disse Snape, agitando sua varinha, de forma que vinte e cinco rolos de pergaminho planaram no ar e se empilharam sobre a mesa dele. - E eu espero que eles estejam melhores do que o ensaio que eu pedi sobre a Maldição Imperius. Agora, se vocês abrirem seus livros na pagina... O que foi, Sr Finnigan?

- Senhor.- Disse o Simas. - Eu gostaria de saber, qual é a diferença entre um Inferius e um fantasma? Porque havia algo no jornal sobre um Inferius...

- Não, não havia.- Disse Snape numa voz entediada.

- Mas senhor, eu ouvi as pessoas falarem que...

- Se você tivesse lido o artigo em questão, Sr Finnigan, você saberia que o Inferius nada mais era que um ladrão covarde e fedorento que atende pelo nome de Mundungus Fletcher.

- Eu pensei que Snape e Mundungus estavam do mesmo lado.- Murmurou Harry para Ron e Hermione. - Ele não deve ter ficado chateado por o mesmo ter sido apanhado.

- Mas Potter parece ter muito que dizer sobre o assunto.- Disse Snape, apontando de repente ao fundo da sala, os olhos pretos dele fixos em Harry. - Nos deixe perguntar Potter, como nós saberíamos a diferença entre um Inferius e um Fantasma?

A classe inteira virou-se para Harry que apressadamente tentava se lembrar do que Dumbledore lhe falou na noite em que foram visitar Slughorn. - Er... Bem... Fantasmas são transparentes.- Ele disse.

- Muito bom.- Disse Snape torcendo seu lábio. - É notável que seis anos de educação mágica não foram desperdiçados em você, Potter. "Fantasmas são transparentes".

Pansy Parkinson soltara uma risadinha aguda. Vários outros também sorriam de satisfação. Harry respirou fundo e calmamente continuou, entretanto seu interior estava fervendo.

- Sim, fantasmas são transparentes, mas Inferius são corpos mortos, não são? Então eles são sólidos.

- Uma pessoa de cinco anos poderia ter nos contado o mesmo.- zombou Snape. - O Inferius é um cadáver que foi reanimado por feitiço de um Bruxo das Trevas. Não está vivo, é meramente usado como um fantoche pelo bruxo. Um fantasma, como acredito que vocês agora saibam, é a impressão de uma alma passada na terra, e claro, como Potter tão sabiamente nos falou, transparente.

- Bem, o que Harry disse é mais útil se encontrarmos com um!- Disse Ron. - Quando nós encontrarmos com um cara a cara veremos se ele é sólido, não é, não iremos perguntar "com licença, você é a impressão de uma alma passada?".- Houve um acesso de risadas por toda sala, que foi interrompido pelo olhar lançado por Snape.

- Outros dez pontos da Grifinória.- Disse Snape. - Eu não esperaria nada mais sofisticado de você, Ronald Weasley, tão sólido que não consegue aparatar meia polegada através do aro.

- Não!- Hermione sussurrou agarrando Harry pelo braço quando ele abriu a boca dele furiosamente. - Mais um pouco e você irá cumprir detenção outra vez, deixe.

- Agora abram seus livros na página duzentos e treze".- Disse Snape, com um pequeno sorriso de satisfação. - E leiam os dois primeiros parágrafos da Maldição Cruciatus.

Ron era muito requisitado na classe. Quando o sino soou ao término da aula, Lilá alcançou Ron e Harry (Hermione misteriosamente sumiu como se tivesse aparatado). Ela tentou desviar o assunto de Snape, que abusou calorosamente, zombando da aparatação de Ron, mas isso pareceu irritar Ron, e ele livrou-se dela fazendo um desvio pelo banheiro dos meninos junto a Harry.

- Snape esta certo, não está?- Disse Ron, depois de fitar um espelho rachado por um minuto ou dois. - Eu não sei se deveria fazer o teste. Eu posso cair tentando aparatar.

- Você pode fazer as sessões extras em Hogsmeade e ver por onde eles começam.- Disse Harry razoavelmente. - Será mais interessante que tentar em um arco estúpido de qualquer maneira. Então, se você ainda não for você sabe tão bom quanto você gostaria de ser, você pode adiar o teste, faça comigo durante o verão. Murta, este é o banheiro dos meninos!

O fantasma de uma menina saiu de um boxe atrás deles e agora flutuava pelo ar, encarando-os pelos óculos grossos, brancos e redondos.

- Oh.- Ela disse abatida. - São vocês dois.

- Quem você estava esperando?- Disse Ron, olhando para ela no espelho.

- Ninguém.- Disse Murta, selecionando tristemente uma mancha em seu queixo. - Ele disse que voltaria pra me ver, entretanto você disse que apareceria e me visitaria também.- E lançou um olhar de reprovação a Harry. - E eu não o vi por meses e meses. Eu aprendi a não esperar muito dos meninos.

- Eu pensei que você vivia no banheiro das meninas?- Disse Harry que tinha tido cuidado de dar um espaço entre o box durante alguns anos.

- Eu vivo.- Ela disse mal-humorada encolhendo os ombros. - Mas isso não quer dizer que eu não visito outros lugares. Eu vim e o vi uma vez em seu banho, lembra-se?

- Nitidamente.- Disse Harry.

- Mas eu pensei que ele gostasse de mim.- Disse ela queixosamente. - Talvez se vocês dois deixassem, ele voltaria novamente. Nós tivemos muito em comum. Eu acho que ele também percebeu isso.

E ela olhou esperançosamente para a porta.

- Quando você diz que vocês têm muito em comum...- Disse Ron, soando bastante engraçado agora. - Significa que ele também vive curvado?

- Não.- Disse Murta desafiante, a voz dela ecoava ruidosamente ao redor do ladrilho do velho banheiro. - Eu quero dizer ele é sensível, as pessoas o intimidam também, ele se sente só e tem não tem ninguém para conversar, e ele não tem medo de mostrar seus sentimentos e chorar!

- Havia um menino chorando aqui?- Disse Harry curiosamente. - Um garoto jovem?

- Você não notaria!- Disse Murta, seus pequenos olhos fixaram em Ron que estava sorrindo. - Eu prometi que não contaria para ninguém, e levarei o segredo dele para o...

- ...Não ao tumulo, certamente.- Disse Ron com um bufo. - Os esgotos, talvez.- Murta deu um uivo de raiva e mergulhou de costas no banheiro, fazendo a água espirrar por todos os lados e sobre o chão. Provocar Murta parecia ter dado um coração fresco a Ron. - Você tem razão.- Ele disse balançando a maleta escolar sobre seu ombro. - Eu farei as sessões de prática em Hogsmeade antes que eu decida se irei fazer a prova.

E assim no fim de semana seguinte, Ron uniu-se a Hermione e o resto dos sextanistas que completariam dezessete a tempo para fazer a prova em quinze dias. Harry sentiu-se com ciúmes ao ver todos prontos para ir ao vilarejo; ele sentiu falta das viagens para lá, e era um dia de primavera particularmente bom, um dos primeiros que o céu estava claro como eles não viam há muito tempo. Porém, ele tinha decidido que era hora de tentar outro assalto a Sala de Requisição.

- Você faria melhor... - Disse Hermione, quando ela confiou esta planta a Rony durante sua entrada no saguão. - ...Indo direto ao escritório de Slughorn e tentando tirar essa memória dele.

- Eu tenho tentado!- Disse Harry atravessado, o que era perfeitamente verdadeiro.

Tinha voltado após cada aula de poções durante a semana, em uma tentativa de falar com Slughorn de canto, mas o mestre de poções virava sempre à esquerda em direção às masmorras tão rapidamente que Harry não tinha conseguido pegar. Por duas vezes, Harry tinha ido a seu escritório e batido a porta, mas não recebeu nenhuma resposta. Porém, na segunda ocasião teve certeza que havia ouvido os sons rapidamente sufocados de um gramofone velho.

- Ele não quer falar comigo, Hermione! Pode me dizer pra tentar começar outra vez nos seus próprios, e não está deixando acontecer.

- Bem, você tem apenas começado a manter-se nele, você não tem?- A fila curta das pessoas que esperavam passar por Filch, que fazia seu ato usual com o sensor de segredos, estando mais a frente um pouco depois, Harry não respondeu caso fosse ouvido pelo zelador. Desejou boa sorte a Rony e Hermione, e então virou e subiu a escadaria de mármore, determinado, novamente, mesmo com qualquer coisa que Hermione disse-se, a dedicar uma hora ou duas para a Sala de Requisição.

Uma vez longe da vista do corredor de entrada, Harry puxou o Mapa do Maroto e a Capa da Invisibilidade de sua mochila. Tendo se escondido, ele bateu no mapa, e murmurou com cuidado:

- Juro solenemente não fazer nada de bom.

Como era domingo pela manhã, quase todos os estudantes estavam dentro das várias salas comunais; da Grifinória em uma torre, os da Corvinal em outra, os Sonserinos nos calabouços, e o da Lufa-Lufa no porão perto da cozinha. Aqui e lá uma pessoa perdida vagava ao redor da biblioteca ou num corredor de cima. Tinham poucas pessoas nos andares, e lá, sozinho no corredor do sétimo andar, estava Gregori Goyle. Não havia nenhum sinal da "Sala de Requisição", mas Harry não estava preocupado com isso; se Goyle estava de guarda do lado de fora, o quarto estava aberto, o mapa mostrando isso ou não. Ele correu então para cima, subindo os degraus, só reduzindo a velocidade quando alcançou um canto no corredor, quando ele começou a rastejar, muito lentamente, em direção a uma menininha que segurava suas tão pesadas balanças de latão, aquela que Hermione tinha ajudado há uns 15 dias antes tão amavelmente. Ele esperou até chegar atrás dela antes de se abaixar e muito baixo sussurrar:

- Olá... Você é muito linda, não é?

Goyle deu um grito alto, morrendo de medo, jogou para cima as balanças no ar, e correu pra fora, enquanto desaparecia da visão de Harry antes do som das balanças que caíram no chão ecoar ao redor. Rindo, Harry virou-se para contemplar a parede em branco atrás da qual, ele estava seguro, Draco Malfoy estava gelado agora e de pé, informado que alguém mal vindo está lá fora, mas não ousou fazer um aparecimento. Deu para Harry um sentimento mais agradável de poder, então ele tentou se lembrar que forma de palavras já havia usado e começou a fazer as que ele ainda não havia experimentado.

Mas esta disposição esperançosa não durou muito tempo. Meia hora depois, ele havia tentado muitas variações de pedido para ver Malfoy, e a parede continuava da mesma maneira. Harry sentiu-se inacreditavelmente frustrado. Malfoy poderia estar só há alguns passos longe dele, e ainda não havia um pequeno indício sobre o que ele estava fazendo lá. Perdendo a paciência completamente, Harry correu à parede e a chutou .

- AI!

Ele pensou que poderia ter quebrado o dedo do pé; como ele apertou e pulou em um pé, a cada da Invisibilidade deslizou sobre ele.

- Harry?

Ele girou ao redor, viu um par de pernas, e tombou de lado. Lá, para sua surpresa absoluta, era Tonks, caminhando para ele como se, freqüentemente passa-se neste corredor.

- O que você está fazendo aqui?- Ele disse, subindo novamente e rastejando com seus pés; por que ela sempre o acha escondido no chão?

- Eu vim ver Dumbledore.- Disse Tonks. Harry pensou que ela parecia terrível: mais magra que habitual, o cabelo de rato colorido dela ralo e sem vida.

O escritório dele não é a aqui.- Disse Harry. - É redondo e fica do outro lado do castelo, atrás da gárgula.

- Eu sei.- Disse Tonks. - Ele não está lá. Aparentemente, teve de ir embora novamente.

- Ele teve?- Disse Harry, enquanto recolocava o pé contundido no chão. - Ei, você não sabe aonde ele vai, eu suponho?

- Não.- Disse Tonks.

- O que você quer, para vim vê-lo aqui?

- Nada em particular.- Disse Tonks, enquanto escolhia, aparentemente dissimulada a cor da manga de seu roupão. - Eu há pouco pensei que ele poderia saber onde vai. Eu ouvi rumores... As pessoas ficando loucas.

- Sim, eu sei, tudo está nos jornais.- Disse Harry. - Isso lhe lembrou, aquela criança está tentando matar seu...

- O Profeta às vezes está atrás disso.- Disse Tonks que não parecia estar escutando. - Você não recebeu nenhuma carta recentemente de qualquer membro da Ordem?

- Ninguém da Ordem escreve mais para mim.- Disse Harry. -Não desde Sirius.- Ele viu que os olhos dela tinham enchido de lágrimas. - Eu sinto muito.- Ele murmurou desajeitadamente. - Eu quero dizer... Eu sinto falta dele, foi minha culpa.

- O que?- Disse Tonks inexpressivamente, como se ela não o tivesse ouvido. - Bem. Eu o verei por ai, Harry.

Ela se virou abruptamente e caminhou de volta para o corredor de baixo, deixando Harry sair depois dela. Depois de um minuto ou assim pareceu, ele puxou a capa de Invisibilidade novamente e retomou seus esforços em conseguir entrar na Sala de Requisição, mas o coração dele não estava nisto. Finalmente, o vazio que sentia no estômago e o conhecimento de que Ron e Hermione iriam logo voltar para o almoço o fizeram abandonar a tentativa e deixar o corredor para Malfoy que, esperançosamente, teria demasiado medo de deixar durante algumas horas para que ninguém o visse. Ele achou Ron e Hermione no Salão Principal, já a meio caminho para o almoço.

- Eu fiz isto bem, quase!- Ron falou entusiasmado para Harry quando ele olhou para ele. - Eu deveria aparatar do lado de fora da loja de Chá da Madame Puddifoots e eu excedi isto um pouco, terminei perto de Scrivenshafts, mas pelo menos eu me movi!

- Bom.- Disse Harry. - Como você foi, Hermione?

- Oh, ela estava perfeita, obviamente.- Disse Ron antes de Hermione pudesse responder. - Deliberação perfeita, Destino e Determinação ou qualquer outro inferno que seja. Todos nós entramos para uma bebida rápida nos Três Vassouras depois e você deveria ter ouvido o que Twycross falou sobre ela. Eu ficarei surpreso se ele não estourar a perguntar logo.

- E você?- Hermione perguntou, ignorando Ron. - Você esteve na Sala de Requisição todo esse tempo?

- Sim.- Disse Harry. - E imagina com quem eu esbarrei lá em cima? Tonks!

- Tonks?- Ron e Hermione repetiram juntos, parecendo surpresos.

- Sim, ela disse que vinha visitar Dumbledore.

- Se você me perguntasse.- Disse Ron uma vez que Harry tinha terminado de contar a conversa dele com Tonks. - Ela está um pouco depressiva. Ela perdeu o controle depois do que aconteceu ao Ministério.

- É um pouco estranho.- Disse Hermione que por alguma razão parecia muito preocupada. - Ela está vigiando a escola, por que ela abandonaria seu posto de repente para vir ver Dumbledore quando ele nem está mesmo aqui?

- Eu tive um pensamento.- Disse distraidamente Harry. Ele se sentia estranho sobre expressar isto; este era um território dominado muito mais por Hermione do que por ele. - Você não pensa que ela pode ter sido... Você sabe... Apaixonada por Sirius?

Hermione o encarou.

- O que no mundo o faz dizer isso?

- Eu não sei.- Disse Harry, enquanto encolhia os ombros. - Mas ela quase estava chorando quando eu mencionei o nome dele, e o Patronus dela é agora uma coisa quadrúpede e grande. Eu desejei saber se não tinha se tornado... Você sabe... Ele.

- É um pensamento.- Disse Hermione lentamente. - Mas eu ainda não sei por que ela estaria dentro do castelo para ver Dumbledore, supondo que esse seja o real motivo dela estar aqui.

- Volta para o que eu disse, não é?- Disse Ron que estava colocando mais purê de batata em sua boca. - Ela apaixonada é pouco engraçada. Perdendo o controle... Mulheres...- E disse sabiamente a Harry. - Elas ficam facilmente chateadas.

- E ainda...- Disse Hermione, enquanto saia do seu devaneio. - ...Eu duvido que você encontraria uma mulher que fica de mau humor por meia hora, só porque a Madame Rosmerta não riu da piada dela sobre o Bruxo Curandeiro, e a Mimbulus mimbletonia.

Ron a olhou ferozmente.

= = = =

- Não é só isso.- Disse Hermione. - Ele está nos pedindo para deixar o castelo à noite e ele sabe que a segurança está milhões de vezes mais apertada, e em quanta dificuldade nós estaríamos se fôssemos pegos.

- Nós deveríamos ir antes de anoitecer.- Disse Harry.

- Sim, mas para quê?- Disse Hermione. - Nós nos arriscamos muito para ajudar Hagrid, mas afinal de contas Aragogue está morto. Se fosse uma questão de salvá-lo...

- Eu nem ao menos queria ir.- Disse Ron firmemente. - Você não o conheceu, Hermione. Acredite em mim, estando morto estaremos muito melhor.

Harry pegou o pergaminho de volta e viu, por toda parte, manchas grandes que borraram a tinta. Claramente, lágrimas tinham caído no pergaminho...

- Harry, você não pode estar pensando em ir.- Disse Hermione. - É uma coisa insensata para se ganhar uma detenção.

Harry suspirou.

- Sim, eu sei.- Ele disse. - Eu suponho que Hagrid terá que enterrar Aragogue sem nós.

- Sim, ele vai.- Disse Hermione, olhando-o aliviada. - Olhe, a aula de poções estará quase vazia esta tarde, conosco fazendo nossos testes... Tente e amoleça Slughorn mais um pouco!

- Seria muita sorte, você não acha?- Disse Harry amargamente.

- Sorte.- Disse Ron de repente. - Harry, é isto, fique mais sortudo!

- Que significa isso?

- Use sua poção da sorte!

- Ron o que é... É isto!- Disse Hermione, soando atordoada. - Claro! Por que eu não pensei nisto?

Harry os encarou.

- Felix Felicis?- Ele disse. - Eu não... Eu queria guardá-la...

- Para que?- Ron perguntou incrédulo.

- O que no mundo é mais importante que esta memória, Harry?- Hermione perguntou.

Harry não respondeu. O pensamento daquela pequena garrafa dourada tinha pairado nas margens de sua imaginação durante algum tempo; planos vagos e indefinidos de Gina terminando com Dino, e Ron de algum modo contente de ver ela com um namorado novo, tinha estado adormecido nas profundezas do cérebro dele, desconhecido exceto durante os sonhos ou no tempo entre o dormir e o despertar...

- Harry? Você está nós ouvindo?- Hermione perguntou.

- Que? Sim, claro.- Ele disse, se concentrando. - Bem... Está certo. Se eu não puder conseguir que Slughorn fale esta tarde, eu usarei um pouco da Felix e voltarei hoje à noite.

- Está decidido, então.- Disse Hermione vivamente, ficando em pé e executando uma pirueta graciosa. - Destino... Determinação... Deliberação...- Ela murmurou.

- Oh, pare.- Ron implorou. - Eu fico bastante mal com... Rápido, me esconda!

- Não é a Lilá!- Disse Hermione impaciente, quando outras garotas apareceram no pátio e Ron mergulhou atrás dela.

- Legal!- Disse Ron, investigando por cima de Hermione para conferir. - Elas não parecem felizes, parecem?

- Elas são as irmãs Montgomery e claro que elas não parecem felizes, você não ouviu o que aconteceu ao irmãozinho delas?- Disse Hermione.

- Eu estou perdendo tudo o que está acontecendo aos parentes dos outros, para ser honesto.- Disse Ron.

- Bem, o irmão delas foi atacado por um lobisomem. Há um boato que a mãe deles se recusou a ajudar os Comensais da Morte. De qualquer maneira, o menino só tinha cinco anos e morreu no St. Mungus, eles não o puderam salvar.

- Ele morreu?- Harry repetiu, chocado. - Mas, seguramente, lobisomens não matam, eles não só o transformam em um deles?

- Eles às vezes matam.- Disse Ron com olhar extraordinariamente grave agora. - Eu ouvi falar que isso acontece quando o lobisomem foge.

- Qual o nome do lobisomem?- Disse Harry depressa.

- Bem, o boato é que era Fenrir Greyback.- Disse Hermione.

- Eu o conheço. É um maníaco que gosta de atacar crianças, Lupin me falou sobre ele!- Harry disse furioso. Hermione olhou para ele desolada.

- Harry, você tem que conseguir aquela lembrança.- Ela disse. - Isso é tudo para parar Voldemort, não é? Estas coisas terríveis que estão acontecendo são culpa dele.

O sino tocou no castelo e Hermione e Ron se sobressaltaram, parecendo apavorados.

- Vocês se sairão bem.- Harry lhes disse, quando eles foram em direção à porta de entrada para se juntar ao restante das pessoas que fariam a Prova de Aparatação. - Boa sorte!

- Você também!- Disse Hermione com um olhar significativo, quando Harry foi para os calabouços.

Havia só três deles em Poções naquela tarde: Harry, Ernie e Draco Malfoy.

- Muito jovens para Aparatar?- Disse Slughorn. - Obviamente, vocês não têm dezessete ainda?

Eles negaram com a cabeça.

- Ah, bem.- Disse Slughorn animado. - como nós somos tão poucos, nós faremos algo divertido. Eu quero que vocês todos preparem-me uma poção para diversão!

- Isso soa bem, senhor.- Disse Ernie, esfregando as mãos. Por outro lado, Malfoy não abriu um sorriso.

- O que você quer dizer com, "para diversão"?- Ele disse irritado.

- Oh, surpreenda-me.- Disse Slughorn levianamente.

Malfoy abriu a cópia dele de Poções Avançadas com uma expressão mal humorada. Não poderia estar mais claro que ele pensava que esta lição era um desperdício de tempo. Indubitavelmente, Harry pensou, olhando para ele por cima do próprio livro, Malfoy estava com raiva pelo tempo que ele poderia estar passando na Sala de Requisição.

Era imaginação dele, ou tanto Malfoy quanto Tonks, pareciam mais magros! Certamente, ele parecia mais pálido; a pele dele ainda estava naquela cor acinzentada, provavelmente porque ele tão raramente via luz do dia estes tempos. Mas não havia nenhum ar de presunção, excitação ou superioridade; de quando ele estava se vangloriando no Expresso de Hogwarts, quando ele tinha ostentado abertamente da missão que tinha sido determinado por Voldemort... Poderia haver só uma conclusão, na opinião de Harry: a missão, ao que tudo indicava, ia mal.

Alegre por este pensamento, Harry folheou a cópia dele de Poções Avançadas e achou a versão do Príncipe Mestiço bastante corrigida de "Um Elixir para Induzir Euforia" que não só parecia conhecer as instruções de Slughorn, mas que pode (o coração de Harry saltou ante este pensamento) colocar Slughorn com tanto bom humor que ele estaria preparado para entregar aquela memória se Harry o pudesse persuadir provar um pouco...

- Bem, ora, isto parece absolutamente maravilhoso.- Disse Slughorn uma hora e meia depois, aplaudindo quando ele olhou, sob o sol, o conteúdo amarelo do caldeirão de Harry. - Euforia, eu creio? E o que é que eu cheiro? Mmmm... Você adicionou um galho de hortelã, não foi? Pouco ortodoxo, mas isso é um golpe de inspiração, Harry, claro que isso tenderia a contrabalançar os efeitos colaterais ocasionais de cantoria e nariz formigando... Eu realmente não sei onde você adquire estas inspirações, meu menino... A menos que...- Harry empurrou o livro do Príncipe Mestiço mais para o fundo da bolsa dele com o pé. - ...Que sejam os genes de sua mãe que há em você!

- Oh... Sim, talvez.- Disse Harry, aliviado.

Ernie parecia bastante amuado; determinado a exceder em brilho Harry pelo menos uma vez, ele inventou a maior parte da própria poção e ela tinha coalhado e formado um tipo de bolinho de massa roxo ao fundo do caldeirão dele. Malfoy já estava recolhendo seu material, azedo; Slughorn tinha dito que a Poção de Soluço dele era meramente "passável". O sino tocou e Ernie e Malfoy partiram imediatamente. "Senhor", Harry começou, mas Slughorn olhou imediatamente por cima do ombro dele; quando ele viu que a sala estava vazia somente com ele e Harry, saiu com pressa, tão rápido quanto ele pôde.

- Professor, professor, você não quer experimentar minha po...?- Harry chamou desesperado.

Mas Slughorn tinha ido. Desapontado Harry esvaziou o caldeirão, juntou as coisas dele, deixou o calabouço e caminhou lentamente para escada em direção à sala comunal. Ron e Hermione voltaram no fim da tarde.

- Harry!- Gritou Hermione quando ela entrou pelo buraco do retrato. - Harry, eu passei!

- Ótimo!- Ele disse. - E Ron?

- Ele... Ele falhou.- Hermione sussurrou, quando Ron veio encurvado pelo quarto parecendo muito sombrio. - Realmente uma falta de sorte, uma coisa minúscula, o examinador notou que ele tinha deixado para trás meia sobrancelha... Como foi com Slughorn?

- Nenhuma novidade.- Disse Harry, quando Ron se uniu a eles. - Falta de sorte, companheiro, mas você passará da próxima vez nós podemos fazer isto juntos.

- Sim, eu acho.- Disse Ron amuado. - Mas meia sobrancelha. Como se fosse importante!

- Eu sei.- Disse Hermione ternamente. - Parece realmente severo...

Eles gastaram a maior parte do jantar deles xingando o examinador de Aparatação completamente, e Ron parecia parcialmente mais alegre quando eles voltaram para a sala comunal, agora, continuando a discutir sobre o problema de Slughorn e a memória.

- Então Harry, você vai usar o Felix Felicis ou o quê?- Ron exigiu.

- Sim, eu acho que será melhor.- Disse Harry. - Eu não acho que precisarei de tudo, não vinte e quatro horas de sorte, não devo gastar a noite toda... Eu levarei só um pouco. Duas ou três horas devem dar para fazer isto.

- Será uma grande responsabilidade quando você tomar.- Disse Ron. - Você não fará nada errado.

- Sobre o que você está falando?- Disse Hermione, rindo. - Você nunca tomou!

- Sim, mas eu pensei que tomei, não é?- Disse Ron, pensando o óbvio. - Realmente, tem alguma diferença...

Como eles só veriam Slughorn no Salão Principal e sabiam que ele gostava de se demorar nas refeições, eles ficaram durante algum tempo na sala comunal, planejando como Harry deveria ir mais uma vez ao escritório de Slughorn e quanto tempo o professor levaria para voltar para lá. Quando o sol tinha descido ao nível das copas de árvore da Floresta Proibida, eles decidiram que era o momento, e depois de verificarem cuidadosamente se Neville, Dino e Simas eram os únicos na sala comunal, se moveram furtivamente até o dormitório dos meninos. Harry retirou o par de meias do fundo do malão dele e extraiu a minúscula e cintilante garrafa.

- Bem, aqui está.- Disse Harry e ele elevou a pequena garrafa e deu um trago cuidadosamente medido.

- Como é que se sente?- Hermione perguntou sussurrando.

Harry não respondeu por um momento. Então, lenta, mas seguramente, um senso engraçado de oportunidade infinita tomou conta dele; ele se sentia como se ele pudesse fazer qualquer coisa, qualquer coisa... E obter a memória de Slughorn repentinamente não só pareciam possível, mas positivamente fácil... Ele se ergueu, sorrindo, completamente cheio de confiança.

- Excelente.- Ele disse. - Realmente, excelente. Certo... Eu estou indo ver Hagrid.

- O que?- Disseram Ron e Hermione juntos, parecendo espantados.

- Não, Harry. Você tem que ir e ver Slughorn, se lembra?- Disse Hermione.

- Não!- Disse Harry confiante. - Eu vou ver Hagrid, eu tenho um bom pressentimento sobre ir vê-lo.

- Você tem um sentimento bom sobre enterrar uma aranha gigantesca?- Ron perguntou, parecendo atordoado.

- Sim.- Disse Harry, arrancando a Capa da Invisibilidade da bolsa dele. - Eu sinto como se fosse o lugar certo para ir hoje à noite, você sabe o que eu quero dizer?

- Não.- Disseram Ron e Hermione juntos, ambos olhando claramente alarmados agora.

- Isto é Felix Felicis, certo?- Disse Hermione ansiosa, levando a garrafa à luz. - Você não utilizou outra pequena garrafa cheio de... Sei lá o que.

- Essência de Loucura?- Ron sugeriu, quando Harry balançou a capa por cima de seus ombros. Harry riu e Ron e Hermione o olharam ainda mais alarmados.

- Confiem em mim.- Ele disse. - Eu sei o que eu estou fazendo... Ou pelo menos...- Ele foi confiantemente para porta. - A Felix sabe.

Ele puxou a capa da invisibilidade por cima da cabeça e desceu os degraus, Ron e Hermione se apressaram juntos atrás dele. Aos pés da escada, Harry deslizou pela porta aberta.

- O que você estava fazendo lá em cima com ela?- Lilá Brown gritou, olhando diretamente por Harry, para Ron e Hermione que saíam juntos dos dormitórios dos meninos. Harry ouviu Ron balbuciando atrás dele antes de sair pela sala para longe deles.

Sair pelo buraco de retrato era simples; quando ele foi fazer isso, Gina e Dino passaram por ele e Harry pôde deslizar entre eles. Quando fez ele isso, esbarrou em Gina acidentalmente.

- Por favor, não me empurre, Dino.- Ela disse, soando aborrecida. - Você sempre está fazendo isso, eu posso perfeitamente seguir bem por conta própria...

O retrato fechou atrás de Harry, mas não antes dele ter ouvido Dino fazer uma réplica brava... O sentimento dele de exaltação aumentou, Harry saiu andando pelo castelo. Ele não teve que rastejar porque ele não encontrou ninguém pelo caminho, mas isto não o pegou de surpresa nem de leve. Hoje à noite, ele era a pessoa mais sortuda de Hogwarts.

Por que ele sabia que ir à casa de Hagrid era a coisa certa a fazer, ele não tinha a menor idéia. Era como se a poção iluminasse alguns passos do caminho de cada vez. Ele não podia ver o destino final, ele não podia ver onde Slughorn entrava, mas ele sabia que ele estava no caminho certo para conseguir aquela memória. Quando ele chegou ao corredor de entrada ele viu que Filch tinha esquecido de fechar a porta da frente. Radiante, Harry saiu para espaço aberto e inspirou o cheiro de ar limpo e grama por um momento antes descer em direção ao crepúsculo.

Quando ele alcançou o fundo do vale, lhe ocorreu quão agradável seria entrar naquela vegetação na ida dele a casa de Hagrid. Não estava no caminho estritamente, mas parecia claro a Harry que este era um capricho com o qual ele deveria agir, assim ele redirecionou os pés dele imediatamente para a vegetação onde ele ficou contente, mas não completamente surpreso, em achar o Professor Slughorn em conversação com a Professora Sprout. Harry espreitou por trás de uma parede de pedra, sentindo-se em paz com o mundo e escutando a conversa deles.

- Eu lhe agradeço por ter tomado seu tempo, Pomona.- Slughorn estava dizendo cortesmente. - A maioria das autoridades concorda que eles são mais eficazes se colhidos ao crepúsculo.

- Oh, eu concordo totalmente.- Disse a Professora Sprout calorosamente. - Isto é o bastante para você?

- Bastante, bastante.- Disse Slughorn que, Harry viu, estava levando uma braçada de plantas copadas. - Isto deveria dar algumas folhas para cada de meus terceiranista, e algumas para guardar se qualquer pessoa precisar. Bem, boa noite para você e muito obrigado novamente!

A professor Sprout se dirigiu na escuridão em direção às estufas e Slughorn dirigiu os passos ao lugar onde Harry estava de pé, invisível. Tomado por um desejo súbito de se revelar, Harry saiu debaixo da capa com um floreio.

- Boa noite, Professor.

- Pela barba de Merlin.- Harry, você me assustou.- Disse Slughorn, parando e parecendo cauteloso. - Como você saiu do castelo?

- Eu acho que Filch deve ter esquecido de fechar as portas.- Disse Harry alegremente e encantado ao ver carranca de Slughorn.

- Eu irei informar Dumbledore sobre aquele homem, ele se preocupa mais com lixo que com a própria segurança se você me perguntar... Mas por que você está aqui fora então, Harry?

- Bem, senhor, é Hagrid.- Disse Harry sabendo que a coisa certa para fazer agora, era mesmo falar a verdade. - Ele está bem chateado... Mas você não contará para ninguém, Professor? Eu não quero complicações para ele...

A curiosidade de Slughorn foi evidentemente despertada.

- Bem, eu não posso prometer.- Ele disse grosseiramente. - Mas eu sei que Dumbledore confia muito em Hagrid, assim estou seguro que ele não pode estar com nada muito terrível...

- Bem, era uma aranha gigantesca, ele tem há anos... Morava na floresta. Podia falar e tudo.

- Eu ouvi rumores que havia acromântulas na floresta.- Disse Slughorn suavemente, enquanto examinava a massa de árvores pretas. - É verdade, então?

- Sim.- Disse Harry. - Mas esta aqui, Aragogue, foi a primeira que Hagrid adquiriu, que morreu ontem à noite. Ele está arrasado. Ele quer companhia para enterrá-la e eu disse que iria.

- Tocante, tocante.- Disse Slughorn distraidamente, seus olhos grandes e inclinados se fixaram nas luzes distantes da cabana de Hagrid. - Mas veneno de acromântula é muito valioso... Se a besta só morreu ainda pode não ter secado totalmente... Claro que, eu não iria querer fazer qualquer coisa insensível se Hagrid for ficar chateado... Mas se houvesse um modo de obter algumas amostras... Eu quero dizer, é quase impossível obter veneno de uma acromântula enquanto viva...

Slughorn parecia estar falando mais com ele do que com Harry.

- Parece um desperdício terrível não coletar isto... Poderia adquirir uns mil Galeões... Para ser honesto, meu salário não é grande...

E agora, Harry viu o que devia ser feito claramente.

- Bem.- Ele disse, com uma hesitação mais convincente. - Se você quisesse vir, Professor, Hagrid provavelmente ficaria realmente agradecido... Dar a Aragogue um fim mais digno, você sabe...

- Sim, claro.- Disse Slughorn, os olhos dele vislumbram com entusiasmo. - Eu lhe falo, Harry, te encontrarei lá embaixo com uma garrafa ou duas... Nós encheremos na pobre besta, sem vida, e guardaremos, de qualquer maneira, no enterro. Vou então mudar minha gravata, esta aqui, um modelo exuberante para a ocasião...

Ele estava atarefado no castelo, enquanto Harry correu para a cabana Hagrid, encontrá-lo.

- Vem, entra.- Coaxou Hagrid, quando abriu a porta e viu Harry emergir da Capa de Invisibilidade.

- Sim. Ron e Hermione não puderam vir.- Disse Harry. - Eles realmente sentem muito.

- Não importa... Estou comovido por você estar aqui, Harry...

Hagrid deu um grande soluço. Ele tinha se feito uma braçadeira preta que mais se parecia um trapo imenso de plástico de botas, e os olhos dele estavam vermelhos e inchados. Harry bateu levemente consolando-o, no cotovelo, que era o ponto mais alto de Hagrid que ele poderia alcançar facilmente.

- Onde nós o enterraremos?- Ele perguntou. - Na floresta?

- Melhor não.- Disse Hagrid, enquanto esfregava os olhos no remendo da camisa dele. - As outras aranhas não me deixariam chegar próximo das teias agora que Aragogue se foi. Voltei lá sem as ordens dela e elas ameaçaram me comer! Pode acreditar, Harry?

A resposta honesta era "Sim"; Harry recordou com facilidade a dolorosa cena quando ele e Ron tinham visto face-a-face as acromântulas. Eles tinham tido certeza que Aragogue era a única coisa que não deixava atacarem Hagrid.

- Nunca mais andarei pela floresta como antes!- Disse Hagrid, enquanto balançava a cabeça. - Isto não é fácil, tirar o corpo de Aragogue, eu posso imaginar. Eles normalmente comem seus mortos... Mas eu quis dar a ela um enterro agradável... Um fim digno...

Ele rompeu em soluços novamente e Harry tornou a bater levemente no cotovelo dele, enquanto dizia para não ficar assim (para a situação parecia a coisa certa a fazer).

- Professor Slughorn me viu vindo aqui, Hagrid.

- Você não está em apuros, está?- Disse Hagrid observando alarmado. Você não pode estar fora do castelo há essa hora, eu reconheço, é uma falta minha.

- Não, não, quando ele ouviu o que eu estava fazendo, disse que gostaria de vir e dar seus últimos cumprimentos também a Aragogue.- Disse Harry.

- Ele foi vestir algo melhor, eu acho... E disse que traria algumas garrafas assim nós podemos beber em memória de Aragogue...

- Sim?- Disse Hagrid, enquanto olhava surpreendido. - certo! É muito agradável da parte dele. Eu nunca tive muitas relações com Horace Slughorn antes... Vindo ver a velha Aragogue, no entanto, é? Bem... Se ele gostar, Aragogue também iria...

Harry pensou reservadamente que o que Aragogue teria gostado de Slughorn, era a ampla quantia de carne comestível nele, mas ele somente moveu-se à janela de trás da cabana de Hagrid, onde teve a visão horrível da enorme aranha morta que estava com a parte de trás exposta, suas pernas enroladas e enroscadas.

- Nós vamos enterrá-la aqui, Hagrid, em seu jardim?

- Por trás das abóboras, pensei.- Disse Hagrid em uma voz sufocada. - Eu já cavei, você sabe, a sepultura. Só quero dizer coisas agradáveis sobre isso, recordações felizes, você sabe.

A voz dele tremeu e falhou. Bateram na porta, e ele se virou para atender enquanto assoava o nariz no grande lenço já manchado. Slughorn se apressou pelo batente, com várias garrafas nos braços, usando um paletó preto sombrio.

- Hagrid.- Ele disse, em uma voz funda, séria. - Estou muito sentido, ouvi falar de sua perda.

- Obrigado.- Disse Hagrid. - Muito obrigado. E obrigado por não dar a Harry nenhuma detenção...

- Nem teria pensado isto.- Disse Slughorn. - Noite triste, noite triste... Onde a pobre criatura está?

- Aqui fora.- Disse Hagrid em uma voz trêmula. - Vamos começar, então?

Os três foram para o jardim da parte de trás da cabana. A lua estava brilhando palidamente entre as árvores, e seus raios entrosavam-se com a luz clara da janela de Hagrid, iluminando o corpo de Aragogue que jazia na extremidade de uma cova volumosa, por volta de uns dez pés, e um monte alto de terra recentemente cavada.

- Magnífico!- Disse Slughorn, enquanto aproximava-se da cabeça da aranha, onde oito olhos sem vida encaravam o céu inexpressivamente e dois alicates enormes, curvados, imóveis, brilhavam ao luar. Harry ouviu o tinido de garrafas quando Slughorn se agachou próximo às pinças, examinando a enorme cabeça cabeluda atentamente.

- Não há seres tão bonitos quanto estes.- Disse Hagrid para Slughorn, com lágrimas escoando dos cantos dos olhos marejados. - Eu não sabia que você se interessava por criaturas como Aragogue, Horace.

- Interessado? Meu querido Hagrid, eu os venero.- Disse Slughorn, enquanto levantava. Harry viu o reflexo de uma garrafa desaparecer por baixo do capote de Slug, entretanto Hagrid, esfregando os olhos mais uma vez, não notou nada. - Agora... Podemos iniciar o enterro?

Hagrid acenou com a cabeça e avançou. Ele levantou a aranha gigantesca nos braços e, com um grunhido enorme, colocou-a na cova escura. Ela bateu no fundo com um estrondo horrível, chocante. Hagrid começou a chorar novamente.

- Claro que, é difícil para você, que o conheceu melhor.- Disse Slughorn que como Harry não poderia alcançar nada mais alto que os cotovelos de Hagrid, mas bateu levemente neles assim mesmo. - Por que eu não digo algumas palavras?

Ele deve ter pegado muito veneno de boa qualidade de Aragogue, Harry pensou, porque Slughorn tinha um sorriso satisfeito à beira da cova e dizia, numa voz lenta, impressionante:

- Adeus, Aragogue, rainha dos aracnídeos que lhe ofereceram uma amizade fiel, e que souberam que você não os esquecerá! Embora seu corpo se deteriore, que seu espírito permanece aqui, nos círculos das teias de sua casa na floresta. Que seus muitos descendentes floresçam e seus amigos humanos achem consolo pela perda.

- Tão... Tão... Bonito!- Hagrid uivou, desmoronando sobre o monte de terra, e chorando copiosamente.

- Ora, ora.- Disse Slughorn, enquanto balançava a varinha de forma que a pilha enorme de terra caísse no buraco, produzindo um estrondo amortecido, sobre a aranha morta, formando um monte liso. - Vamos entrar e tomar algo. Segure-o, do outro lado, Harry... Isso, isto... Venha, Hagrid... Bem...

Eles colocaram Hagrid em uma cadeira à mesa. Canino, que estava escondido em sua cesta durante o enterro, veio agora, acolchoando-se suavemente entre eles e pondo a cabeça pesada como sempre no colo de Harry. Slughorn desarrolhou um das garrafas de vinho que ele tinha trazido.

- Eu testei todas contra veneno.- Ele assegurou a Harry, enquanto vertia grande parte da primeira garrafa em um copo, que classificou como balde devido ao tamanho, e deu a Hagrid. - Testei todas as garrafas depois do que aconteceu a seu pobre amigo Rupert.

Harry viu, em sua mente, a expressão na face de Hermione se ela ouvisse falar deste abuso das regras das casas, e decidiu nunca mencionar isto a ela.

- Um para Harry...- Disse Slughorn, enquanto dividia uma segunda garrafa entre dois copos... E um para mim. Bem... - Ele elevou o copo dele ao alto. - ...Para Aragogue.

- Aragogue.- Disseram Harry e Hagrid juntos. Slughorn e Hagrid beberam profundamente. Porém, Harry iluminado pela Felix Felicis, soube que não devia beber, assim ele fingiu tomar um gole e virou o copo atrás de si.

- Eu o criei desde ovo, foi, sabem.- Disse Hagrid sombriamente. - Era uma pequena coisa minúscula quando chocou. Do tamanho de um Pekingese.

- Que doce.- Disse Slughorn.

- Usei um armário na escola para ele até que... Bem...

A face de Hagrid escureceu e Harry soube por que: Tom Riddle tinha, para Hagrid ser expulso da escola, culpado-o por abrir a Câmara Secreta. Porém, Slughorn não parecia estar escutando; ele estava olhando para o teto do qual várias panelas de metal pendiam, e também uma meada longa, sedosa de cabelo branco luminoso.

- Isso é pêlo de unicórnio não é, Hagrid?

- Oh, sim.- Disse Hagrid indiferentemente. É arrancado dos rabos deles, na floresta, sim sabem...

- Mas meu querido parceiro, você sabe quanto isso vale?

- Eu uso isto em bandagens quando alguma criatura se machuca.- Disse Hagrid, enquanto encolhia os ombros. - Está morto, mas útil... Muito forte.

Slughorn tomou outro gole, movendo os olhos cuidadosamente ao redor da cabana, observando, Harry sabia, para achar mais tesouros com os quais poderia suprir suas manipulações, carvalho maduro, abacaxis cristalizados, e jaquetas aveludadas. Ele reencheu o copo de Hagrid e o dele, e o questionou sobre as criaturas que moravam na floresta e como Hagrid pôde cuidar de tudo. Hagrid, vistosamente expansivo sob a influência da bebida e lisonjeado pelo interesse de Slughorn, deixou de esfregar os olhos e entrou alegremente em uma explicação longa de criação de bowtruckle.

O Felix Felicis deu em Harry um pequeno cutucão neste momento, e ele notou que a provisão de bebida que Slughorn tinha trazido acabando rapidamente. Harry não conseguiu, no entanto, realizar o Encanto de Reencher sem dizê-lo em voz alta, mas ele não tinha idéia quando saiu do castelo de como esta noite seria cômica: Realmente, Harry sorriu a ele mesmo, enquanto Hagrid e Slughorn conversavam sobre o comércio ilegal de dragões, apontou a vara debaixo da mesa às garrafas vazias e eles começaram a se reencher imediatamente. Depois de uma hora ou mais, Hagrid e Slughorn começaram a fazer comentários extravagantes: para Hogwarts, para Dumbledore, para vinho feito por duendes, e para...

- Harry Potter!- Hagrid berrou, espirrando um pouco do seu décimo quarto copo de vinho pelo queixo.

- Realmente, sim!- Chorou Slughorn um pouco densamente. - Parry Otter, "O Menino Escolhido" que, bem... Algo desse tipo.- Ele resmungou, e escoou o vinho dele também.

Não muito depois disto, Hagrid ficou choroso novamente e deu o rabo de unicórnio inteiro para Slughorn que embolsou isto gritando.

- Pela amizade! Por generosidade! Por dez Galeões um cabelo!

E durante algum tempo depois disso, Hagrid e Slughorn ficaram sentados lado a lado, abraçados, enquanto cantavam uma canção triste e lenta sobre um feiticeiro agonizante, chamado Odo.

- Aaargh, os bons morrem jovens.- murmurou Hagrid, enquanto caía embaixo da mesa, um pouco estrábico, e Slughorn continuava a soltar o refrão. - Meu pai não tinha idade pra ir... Nem mamãe, nem papai, Harry...- Grandes e gordas lágrimas escoaram novamente pelo canto dos olhos marejados de Hagrid; ele agarrou o braço de Harry e o balançou.

- Grandes bruxos e bruxas de sua era... Como eu nunca soube... Coisa terrível... Coisa terrível...

- E Odo, o herói, voltou para casa. Para o lugar que ele tinha conhecido quando rapaz.- Cantava tristemente Slughorn. - Eles o puseram para descansar com seu chapéu. E a varinha deu dois estalos tristes.

- ...Terrível.- Hagrid grunhiu, e a grande cabeça felpuda dele rolou lateralmente sobre os braços e dormiu, enquanto roncava profundamente.

- Comovente.- Disse Slughorn com um soluço. - Não pode a música salvar minha vida.

- Hagrid não estava falando sobre seu cantar.- Disse Harry quietamente. - Ele estava falando sobre a morte de meus pais.

- Oh.- Disse Slughorn, enquanto reprimia um arroto grande. - Oh querido. Sim, isso é realmente terrível. Terrível... Terrível...

Ele contemplou uma falta do que dizer, e tornou a reencher seus copos.

- Eu não, não suponho que você se lembre disto, Harry?- Ele perguntou desajeitadamente.

- Não. Bem, eu era o único lá quando eles morreram.- Disse Harry, os olhos na chama da vela que iluminava os roncos pesados de Hagrid. - Mas eu descobri quase tudo o que aconteceu desde então. Meu pai morreu primeiro. Você sabe algo?

- Eu... Eu não sei.- Disse Slughorn em uma voz silenciada.

- Sim... Voldemort o assassinou e então pisou em cima do corpo dele para chegar a minha mãe.- Disse Harry. Slughorn deu um grande tremor, mas ele não parecia capaz de tirar o olhar horrorizado da face de Harry. - Ele lhe disse que saísse.- Disse Harry com remorso. - Ele falou a ela que não precisava morrer. Ele só queria a mim. Ela poderia ter corrido.

- Oh querido!- Respirou Slughorn. - Ela poderia ter... Ela não precisava... Isso é terrível!!!

- É, não é?- Disse Harry, em uma voz pouco mais que um sussurro. - Mas ela não se moveu. Meu pai já estava morto, e ela não queria que eu fosse também. Ela tentou negociar com Voldemort... Mas ele só riu...

- Isso é o bastante!- Disse Slughorn de repente, enquanto elevava uma mão tremendo. - Realmente, meu querido menino, bastante... Eu sou um homem velho... Eu não preciso ouvir... Eu não quero ouvir...

- Desculpe.- Mentiu Harry, Felix Felicis o seduzindo. - Você gostava dela, não?

- Gostar dela?- Disse Slughorn, os olhos dele enchendo até a borda mais uma vez com lágrimas. - Eu não imagino qualquer um que a conheceu que não tenha gostado dela... Muito valente... Muito engraçada... Isso é a coisa mais horrível...

- Mas você não ajuda o filho dela.- Disse Harry. - Ela me deu a vida dela, mas você não me dá uma memória. Os roncos estrondosos de Hagrid encheram a cabana. Harry olhava continuamente nos olhos cheios de lágrimas de Slughorn. O professor de Poções parecia impossibilitado olhar para fora.

- Não diga que...- Ele sussurrou. - Não é uma pergunta... Se fosse o ajudar, claro que... Mas há nenhum propósito pode servir.

- Pode.- Harry disse claramente. - Dumbledore precisa da informação. Eu preciso da informação.

Ele sabia que ele estava seguro: Felix estava lhe dizendo que Slughorn não se lembraria de nada disto de manhã. Olhando Slughorn diretamente nos olhos, Harry foi um pouco mais além.

- Eu sou "O Escolhido". Eu tenho que o matar. Eu preciso daquela memória.

Slughorn ficou mais pálido que o normal; a testa brilhante, cintilando com suor.

- Você é "O Escolhido"? Eu...

- Claro que eu sou. Eu sou Harry. Disse calmamente.

- Entretanto... Meu querido menino... Você está tentando um grande negócio... Você está, de fato, pedindo-me para o ajudar em sua tentativa de destruir...

- Você não quer pegar o bruxo que matou Lílian Evans?

- Harry, Harry. É claro que eu quero, mas...

- Você está com medo dele descobrir que me ajudou?

Slughorn não disse nada; o olhar terrificado.

- Seja valente como minha mãe, Professor...

Slughorn ergueu uma mão rechonchuda e apertou a boca com os dedos tremendo; ele pareceu, por um momento, um bebê bastante grande.

- Eu não estou orgulhoso...- Ele sussurrou através dele. - Eu estou envergonhado disso que, disso que está naquela memória... Eu creio que possa ter feito um grande mal naquele dia...

- Você cancelará qualquer coisa que você fez me entregando a memória.- Harry disse. - Seria uma coisa muito valente e nobre de se fazer.

Hagrid encrespou no sono e roncou, Slughorn e Harry encararam um ao outro por cima da vela de tripa. Houve um longo tempo em silêncio, mas Felix Felicis disse para Harry não o quebrar e esperar. Então, muito lentamente, Slughorn pôs a mão no bolso e retirou a varinha. Ele pôs a outra mão dentro da capa e tirou uma garrafa pequena e vazia. Ainda olhando nos olhos de Harry, Slughorn encostou a ponta da varinha na têmpora dele e retirou algo, na forma de uma linha longa e prateada de memória e agarrada a ponta da varinha. Mais e mais tempo de memória se esticou até que quebrou e balançou, prateada e luminosa, da varinha. Slughorn levou até a garrafa onde enfiou e expandiu como gás. Ele arrolhou a garrafa com uma mão trêmula e então passou pela mesa para Harry.

- Muito obrigado, Professor.

- ...Você é um menino bom.- Disse o Professor Slughorn, lágrimas caindo pelas bochechas gordas dele no bigode de morsa. - E você tem os olhos dela... Apenas não pense tão mal sobre mim uma vez que você tenha entendido isso.

E ele deitou a cabeça sobre os braços, deu um suspiro fundo e dormiu.

= = = =

Mas Harry já estava voltando pelo longo corredor e, em poucos minutos, ele dizia "toffee eclairs" para a gárgula de Dumbledore, que pulou para o lado, dando a Harry o acesso à escada espiral.

- Entre!- Disse Dumbledore, quando Harry bateu à porta. Sua voz dava sinais de exaustão. Harry empurrou e abriu a porta. Lá estava o escritório de Dumbledore, com a mesma aparência de sempre, mas com o céu negro pontilhado de estrelas visível através das janelas. - Que bom, Harry!- Disse Dumbledore surpreso. - A que eu devo esta visita a tão tarde da noite?

- Senhor, eu consegui. Eu consegui a memória de Slughorn.- Harry puxou a garrafa de vidro e mostrou-a a Dumbledore. Por um momento ou dois, o diretor olhou atordoado. Então sua face se rasgou num vasto sorriso.

- Harry, estão são notícias espetaculares! Você fez muito bem, de fato! Eu sabia que você conseguiria!- Com o atraso da hora aparentemente esquecido, ele rapidamente rodeou sua escrivaninha, pegou a garrafa com a memória de Slughorn com sua mão ilesa, e foi com passos largos até o armário onde ele mantinha a Penseira.

- E agora.- Disse Dumbledore, colocando a bacia de pedra sobre a escrivaninha e esvaziando o conteúdo da garrafa nela. - Agora, finalmente nós iremos ver. Harry, rápido...- Harry se curvou obedientemente sobre a penseira e cruelmente seus pés deixaram o chão do escritório.

Mais uma vez ele sentiu a escuridão do escritório de Horace Slughorn de anos atrás. Lá estava o muito mais novo Slughorn, com seu abundante e brilhante cabelo sem cor, e seu enérgico bigode loiro, sentado novamente numa confortável poltrona em seu escritório, seus pés descansando sobre um aveludado pufe, um pequeno copo de vinho em uma mão, e a outra remexendo numa caixa de abacaxis cristalizados. E lá estava a meia dúzia de adolescentes sentados em volta de Slughorn, Tom Riddle entre eles, o anel negro e dourado dos Marvolos vislumbrando em seu dedo. Dumbledore apareceu ao redor de Harry quando Riddle perguntou:

- Senhor, é verdade que o Professor Merrythought está se aposentando?

- Tom, Tom, se eu soubesse eu não poderia dizê-lo.- Disse Slughorn, sacudindo seu dedo de modo repreensivo para Riddle, embora pestanejasse ao mesmo tempo. - Eu devo dizer, eu gostaria de saber onde você ouviu isso, garoto, pois tem mais conhecimento do que metade do corpo docente, sabe?- Riddle riu. Os outros garotos gargalharam e olharam admirados para ele. - Com sua habilidade sobrenatural de saber coisas que não devia, e sua bajulação às pessoas importantes, obrigada pelos abacaxis, a propósito; você estava certo, são meus favoritos.- Vários alunos tagarelaram novamente. - Eu espero confiantemente que você chegue a Ministro da Magia em vinte anos. Quinze, se você continuar me mandando abacaxis, eu tenho excelentes contatos com o Ministro.

Tom Riddle meramente sorriu enquanto os outros riram novamente. Harry observou que ele não era o mais velho do grupo de garotos, mas todos os outros olhavam para ele como para seu líder.

- Eu não sei para que a política me serviria, senhor.- Ele disse quando as risadas acabaram. - Eu não tenho o tipo certo para a coisa.- Um par de garotos ao redor dele riram uns dos outros. Harry teve certeza de que eles apreciavam um gracejo confidencial, indubitavelmente sobre o que eles sabiam, ou suspeitavam, a respeito do famoso antecessor de seu líder.

- Absurdo!- Disse Slughorn vivamente. - Não poderia ser mais franco do que você vindo de uma maravilhosa descendência de Magia, habilidades como as suas. Não, você irá longe, Tom, Eu nunca estive errado sobre um estudante até agora.

O pequeno relógio de ouro na escrivaninha de Slughorn marcou onze horas atrás dele, e ele olhou ao redor. - Meu Deus, já é esta hora? É melhor vocês irem, garotos, ou nós todos teremos problemas. Lestrange, eu quero seu dever amanhã ou você receberá uma detenção. O mesmo para você, Avery.

Um por um, os meninos saíram da sala. Slughorn se levantou de sua poltrona e levou o copo vazio até sua escrivaninha. Um movimento atrás dele o fez olhar em volta: Riddle ainda estava ali.

- Fique vigilante, Tom, você não quer ser encontrado fora de sua cama após o horário, e você é monitor...

- Senhor, eu queria lhe perguntar algo...

- Pergunte então, meu garoto, pergunte.

- Senhor, eu queria saber o que você sabe sobre... Sobre Horcruxes?

Slughorn olhou fixamente para ele, seus grossos dedos pressionando sem sentir seu copo de vinho.

- É um projeto para as aulas de Defesa Contra Artes das Trevas?

Mas Harry poderia dizer que Slughorn sabia perfeitamente que isso não tinha nada a ver com escola.

- Não exatamente, senhor.- Disse Riddle. - Eu me deparei com o termo quando lia e não o compreendi totalmente.

- Não... Bem... Você teria um árduo trabalho para encontrar um livro em Hogwarts que lhe desse detalhes sobre Horcruxes, Tom, isso é material muito escuro, muito escuro.- Disse Slughorn.

- Mas você obviamente sabe tudo sobre isso, senhor. Quero dizer, um bruxo como o senhor. Desculpe, digo, se você não puder me dizer, obviamente. Eu só saberia se alguém pudesse me contar, você poderia; então eu apenas pensei que...

Foi muito bem feito, Pensou Harry, a hesitação, o tom casual, a bajulação cuidadosa, nenhum deles exagerado. Ele, Harry, havia tido muita experiência de tentar tirar informações de pessoas relutantes para não reconhecer um mestre no serviço. Ele poderia dizer que Riddle queria muito a informação; talvez viesse trabalhando para este momento há semanas.

- Bem...- Disse Slughorn, sem olhar para Riddle, mas brincando com a fita em cima da sua caixa de abacaxis cristalizados. - Bem, não fará mal lhe dar uma visão geral, naturalmente. Somente para que você entenda o termo. Um Horcrux é a palavra usada para um objeto onde a pessoa escondeu uma parte de sua alma.

- Eu não entendi exatamente como isso funciona senhor.- Disse Riddle. Sua voz estava cuidadosamente controlada, Harry podia sentir sua excitação.

- Bem, você divide sua alma, você entende.- Disse Slughorn. - E oculta parte dela em um objeto fora do corpo. Então, se seu corpo é atacado ou destruído, ele não pode morrer, pois resta uma parte da alma segura e não danificada. Mas, é claro, a existência em tal forma... A face de Slughorn se contraiu e Harry se viu lembrando as palavras que havia ouvido dois anos antes: "Eu fui tirado do meu corpo, era menos que um espírito, menos que um simples fantasma... Mas, ainda assim, eu estava vivo.

- ...Poucos iriam querê-la, Tom, muito poucos. A morte seria preferível. Mas a ansiedade de Riddle era agora aparente; sua expressão era voraz, ele não poderia esconder seu desejo.

- Como você divide sua alma?

- Bem...- Disse Slughorn desconfortável. - Você precisa entender que a alma foi feita para permanecer intacta e inteira. Rachá-la é um ato de violação, é contra a natureza.

- Mas como se faz isso?

- Através de um ato de maldade. O supremo ato da maldade. Cometendo assassinato. Matar rasga a alma. A intenção do bruxo criando um Horcrux usará os prejuízos a seu favor. Ele encaixaria a parte rasgada...

- Encaixaria? Mas como?

- Há um feitiço, mas não me pergunte, eu não sei!- Disse Slughorn balançando sua cabeça como um velho elefante incomodado por mosquitos. - Eu pareço alguém que tentou? Eu pareço um assassino?

- Não, senhor, claro que não. Disse Riddle rapidamente. - Eu sinto muito... Eu não queria ofendê-lo.

- De modo algum, não estou ofendido.- Disse Slughorn rudemente. - É natural sentir curiosidade sobre essas coisas. Bruxos de um certo tipo foram sempre atraídos por esse aspecto da magia...

- Sim, senhor.- Disse Riddle. - O que eu não entendo, contudo, apenas por curiosidade, quero dizer, um Horcrux seria de muito uso? Você poderia dividir sua alma somente uma vez? Não seria melhor, para fazê-lo mais forte, dividir sua alma em mais partes, digo, por exemplo, não é sete o número mágico mais poderoso, não seria?

- Pelas barbas de Merlin, Tom!- Ganiu Slughorn. - Sete! Não é mau o bastante pensar em matar uma pessoa? E em todo caso... Mau o bastante para dividir a alma... Mas dividi-la em sete pedaços...- Slughorn parecia profundamente incomodado agora. Ele estava olhando Riddle como se nunca o tivesse visto claramente antes, e Harry poderia dizer que ele lamentava ter entrado no assunto. - É claro.- Ele resmungou. - Isso tudo é hipotético, o que estamos discutindo, não é mesmo? Tudo acadêmico...

- Sim, é claro!- Disse Riddle rapidamente.

- Mas reafirmo o que disse Tom... Mantenha-se em silêncio, eu havia lhe dito, sobre isso que discutimos. As pessoas não gostariam de pensar que nos estivemos discutindo sobre Horcruxes. É um assunto banido em Hogwarts, você sabe... Dumbledore fica particularmente feroz sobre isso...

- Eu não direi uma palavra, senhor.- Disse Riddle, e ele saiu, mas não antes que Harry observasse sua face, cheia da mesma felicidade extenuada que o tinha atingido quando ele soube que era um bruxo; esta felicidade não realçou suas características boas, mas o fez, de alguma forma, menos humano.

- Obrigado, Harry.- Disse Dumbledore tranqüilamente. - Vamos...

Quando Harry retornou ao escritório, Dumbledore já estava sentado atrás de sua escrivaninha. Harry se sentou também e esperou que Dumbledore falasse.

- Eu tenho esperado por esta peça de evidência por muito tempo.- Disse Dumbledore finalmente. - Isto confirma a teoria na qual eu tenho trabalhado, me diz como eu estou certo, e também o quão longe ainda será necessário ir.

Harry observou de repente que cada diretor e diretora nos retratos da parede estava acordado e ouvindo a conversa. Um bruxo corpulento, e de nariz vermelho, estava tirando uma trombeta de ouvido.

- Bem, Harry, estou certo de que você entendeu o significado do que acabamos de ouvir. Quando tinha a sua idade, com mais ou menos meses, Tom Riddle estava fazendo tudo o que podia para descobrir como se tornar imortal.

- Você acha que ele obteve sucesso, senhor? Ele fez um Horcrux? E este é o motivo dele não ter morrido quando me atacou? Ele tinha um Horcrux escondido em algum lugar? Um pouco da sua alma estava segura?

- Um pouco... Ou mais.- Disse Dumbledore. - Você ouviu Voldemort, ele quis de Horace uma opinião sobre o que aconteceria ao bruxo que criasse mais do que um Horcrux, o que aconteceria ao bruxo determinado a vencer a morte, que ele estaria preparado para matar muitas vezes, dividir sua alma repetidamente, para armazená-la em muitos Horcrux escondidos separadamente. Nenhum livro daria a ele tal informação. Tanto quanto eu sei, como estou certo, Voldemort soube, nenhum bruxo havia tentado mais do que rasgar sua alma em dois.- Dumbledore ficou em silêncio por um momento, organizando seus pensamentos, e então disse: - Quatro anos atrás, eu recebi o que considerei uma prova de que Voldemort havia rachado sua alma.

- Onde?- Perguntou Harry. - Como?

- Você o trouxe até mim, Harry.- Disse Dumbledore. - O diário, o Diário de Riddle, com instruções de como reabrir a Câmara Secreta.

- Eu não entendo, Senhor.- Disse Harry.

- Bem, embora eu não tenha visto o Riddle que saiu do diário, o que você me descreveu foi um fenômeno que nunca vi. Uma mera memória, consumindo a vida da garota em cujas mãos havia caído? Não, algo muito mais sinistro vivia dentro daquele livro. Um fragmento da alma, eu estava quase certo disso. O diário tinha sido um Horcrux. Mas isso trouxe tantas perguntas quanto respondeu. O que me intrigou e alarmou mais foi que aquele diário tinha pretendido ser tanto uma arma quanto uma proteção.

- Eu continuo sem entender.- Disse Harry.

- Bem, funcionou como um Horcrux deveria supostamente funcionar, em outras palavras, o fragmento de alma dentro dele foi mantido seguro e tinha feito sua parte para prevenir a morte do seu proprietário. Mas não poderia haver nenhuma dúvida que Riddle realmente queria que o diário fosse lido, queria que à parte de sua alma habitasse ou possuísse mais alguém, de modo que o monstro de Slyterin atacasse outra vez.

- Bem, ele não quis que seu trabalho duro fosse desperdiçado.- Disse Harry. - Ele quis que as pessoas soubessem que ele era o herdeiro de Slyterin, porque não podia levar o crédito por isso naquela época.

- Completamente correto.- Disse Dumbledore, assentindo. - Mas você não vê, Harry, se ele pretendia que o diário fosse passado, ou plantado em algum futuro estudante de Hogwarts, ele estava sendo notavelmente negligente com o precioso pedaço de sua alma que estava escondida nele. O ponto de um Horcrux deve ser, conforme a explicação do Professor Slughorn, manter parte de si escondido seguramente, e não dar para qualquer pessoa, correndo o risco de destruí-lo, como realmente aconteceu. Aquele fragmento da alma não existe mais, você viu isso. A maneira descuidada com que Voldemort considerou este Horcrux pareceu muito omisso a mim. Isto sugeriu que ele deve ter feito, ou estava planejando fazer, mais Horcruxes, então a perda do seu primeiro não seria tão prejudicial. Eu não desejo acreditar nisso, mas nada mais pareceu fazer sentido. Então você disse a mim, dois anos depois da noite que Voldemort retornou a seu corpo, que ele deu um inquietante e esclarecedor aviso aos seus Comensais da

Morte. "Eu, que cheguei mais longe do que qualquer outro no caminho que leva à imortalidade!" Foi como você me disse que ele falou. "Mais longe do que qualquer outro!" E eu pensei que sabia o que isso significava, entretanto os Comensais não compreendiam. Ele estava se referindo a seus Horcruxes, Horcruxes no plural, Harry, o que não acredito que outro bruxo já havia feito. Todavia era certo: Lord Voldemort pareceu menos humano no passar dos anos, e a transformação a que havia se submetido só poderia ser explicada para mim se sua alma houvesse sido mutilada além dos domínios do que nós chamamos de "mal usual".

- Então ele se tornou impossível de matar assassinando outras pessoas?- Disse Harry. - Por que ele não fez uma Pedra Filosofal, ou roubou uma, se estava tão interessado em ser imortal?

- Bem, nós sabemos que ele tentou fazer isso, há cinco anos. Mas eu creio que há diversas razões pelas quais se explicaria que uma Pedra Filosofal seria menos atrativa do que Horcruxes a Lord Voldemort. Para que o elixir da vida torne alguém imortal, é preciso bebê-lo regularmente, por toda a eternidade. Conseqüentemente, Voldemort seria inteiramente dependente do elixir, e se ele acabasse, ou fosse contaminado, ou se a pedra fosse roubada, ele morreria como qualquer outro homem. Voldemort gosta de trabalhar sozinho, lembre-se. Eu acredito que ele achou a idéia de ser dependente, para sempre, do elixir, intolerável. É claro que ele estava preparado para bebê-lo se fosse para se livrar da semi-vida horrível à qual ele estava condenado após ter atacado você, mas somente para recuperar um corpo. Depois disso, eu estou convencido, ele pretendia continuar confiando em seus Horcruxes. Ele não precisaria de nada mais, se ele pudesse retornar à forma humana. Ele já era imortal, como pode ver... Ou estava mais próximo de ser imortal do que qualquer homem já havia estado. Mas agora, Harry, armado com esta informação, esta importante memória que você obteve para nós, estamos mais perto do segredo de como derrotar Voldemort do que jamais estivemos. Você o ouviu, Harry: "Não seria melhor, para fazê-lo mais forte, dividir sua alma em mais partes, digo, por exemplo, não é sete o número mágico mais poderoso, não seria?"

- Sim, eu acredito que a idéia de dividir a alma em sete partes atrairia Lord Voldemort. Ele fez sete Horcruxes?- Disse Harry, golpeado pelo horror, enquanto vários dos retratos nas paredes fizeram ruídos similares ao choque e ultraje. - As parte da alma dele poderiam estar em qualquer lugar no mundo, escondidos, enterrados ou invisíveis!

Fico feliz em perceber sua avaliação correta do problema.- Disse Dumbledore calmamente. - Mas, primeiramente, Harry, não são sete Horcruxes: são seis. A sétima parte de sua alma, mutilada de qualquer forma, reside no interior do seu corpo regenerado. Esta foi à parte dele que teve uma existência espectral por tantos anos durante seu exílio; sem ela, ele não teria nada de si afinal. A sétima parte de sua alma será a que qualquer um que deseja matar Voldemort deve atacar por último. A parte que vive em seu corpo.

- Mas os seis Horcruxes, então...- Disse Harry, um pouco desesperado. - Como poderemos encontrá-los?

- Você está se esquecendo... Você já destruiu um deles. E eu destruí outro.

- Você destruiu?- disse Harry ansiosamente.

- Sim, certamente.- Disse Dumbledore, e levantou sua mão machucada. - O anel, Harry, o anel de Marvolo. É uma terrível maldição que estava sobre ele também. Se não fosse, desculpe-me pela falta de falsa modéstia, por minha própria habilidade, e pela ação oportuna do Professor Snape quando eu retornei a Hogwarts, desesperadamente ferido, eu poderia não ter sobrevivido para contar a história. Entretanto, uma mão mutilada não parece uma troca injusta por um sétimo da alma de Voldemort. O anel não é mais um Horcrux.

- Mas como você o encontrou?

- Bem, como você sabe, por muitos anos eu me esforcei ao máximo para descobrir tudo quanto foi possível sobre o passado de Voldemort. Viajei extensamente, visitando aqueles lugares onde ele esteve. Eu tropecei no anel escondido nas ruínas da casa de Gaunt. Parece que uma vez que Voldemort tinha resolvido selar uma parte de sua alma ao lado dele, não quis o desgastar mais. Escondeu-o, protegido por encantamentos poderosos, na cabana onde seus ancestrais haviam vivido uma vez (Morfin havia estado preso em Azkaban, é claro), sem supor que chegaria o dia em que eu visitaria a ruína, ou que eu poderia estar mantendo um olho aberto para traços de magia oculta. Entretanto, não devemos nos congratular demais. Você destruiu o diário, e eu o anel, mas se nós estamos certos quanto à teoria das sete partes da alma, restam quatro Horcruxes.

- E eles poderiam ser qualquer coisa?- Disse Harry. - Poderiam ser latas, imagino, ou fracos vazios de poções...

- Você está pensando em coisas portáteis, Harry, que poderiam ser objetos comuns, fáceis de negligenciar. Mas Voldemort usaria latas ou frascos vazios de poções para guardar sua preciosa alma? Você está esquecendo do que mostrei a você. Voldemort gostava de colecionar troféus, e preferia objetos com um poder mágico histórico em si, sua crença em sua própria superioridade, sua determinação em esculpir para si um lugar de destaque na História da Magia,... Estas coisas sugerem a mim que Voldemort escolheu seus Horcruxes com algum cuidado, favorecendo objetos dignos de honra.

- O diário não era tão especial.

- O diário, como você mesmo disse, era a prova de que ele era o herdeiro de Slyterin. Eu tenho certeza que Voldemort considera esse fato como sendo de extrema importância.

- Então, e os outros Horcruxes?- Disse Harry. - Você acha que sabe o que são eles, senhor?

- Eu só posso supor.- Disse Dumbledore. - Pelas razões que já lhe dei, acredito que Lord Voldemort iria preferir objetos que, em si próprios, tivessem certa grandeza. Eu viajei pelo passado de Voldemort para ver se descobria evidências de que tais artefatos desapareceram ao redor dele.

- O medalhão!- Disse Harry. - A taça de Hufflepuff!

- Sim.- Disse Dumbledore, sorrindo. - E poderia apostar, talvez não a minha outra mão, mas um par de dedos, que eles são o terceiro e o quarto Horcruxes. Os dois restantes, supondo que ele criou um total de seis, são mais um problema, mas eu arrisco um palpite que, assegurando-se de pegar objetos de Hufflepuff e Slyterin, ele prosseguiu em busca de objetos de Gryffindor ou Ravenclaw. Quatro objetos dos quatro fundadores teriam, estou certo, exercido uma atração poderosa na imaginação de Voldemort. Eu não posso dizer se ele conseguiu achar algo de Ravenclaw. Estou confiante, contudo, que a única relíquia deixada por Gryffindor permanece segura.

Dumbledore apontou seus dedos enegrecidos para a parede atrás dele, onde uma espada incrustada com rubis repousava numa proteção de vidro.

- Você acha que esta é a razão pela qual ele queria tanto voltar para Hogwarts, senhor? Para tentar achar algo de algum dos outros fundadores?

- Eu penso que sim.- Disse Dumbledore. - Mas, infelizmente, isso não nos leva muito adiante, porque ele não voltou, ou assim acredito eu, a ter a oportunidade de procurar a escola. Sou forçado a concluir que ele nunca alcançou sua ambição de colecionar objetos dos quatro fundadores. Definitivamente ele teve dois, ele pode ter encontrado três, isso é o melhor que podemos fazer agora.

- Mesmo se ele houvesse conseguido algo de Ravenclaw ou de Gryffindor, isso nos leva a seis Horcruxes.- Disse Harry, contando nos dedos. - A menos que ele tenha conseguido ambos?

- Não penso assim.- Disse Dumbledore. - Acredito que sei o que é o sexto Horcrux. Gostaria de saber o que você dirá quando eu confessar que o comportamento da cobra, Nagini, me deixou curioso.

- A cobra?- Disse Harry, estarrecido. - Pode-se usar animais como Horcruxes?

- Bem, é inapropriado fazê-lo, porque confiar uma parte de sua alma a algo que pode pensar e se movimentar seria obviamente muito arriscado. Entretanto, se meus cálculos estão corretos, Voldemort mantinha um último Horcrux em suas metas ao entrar na casa de seus pais para matar você. Parece ter reservado o processo de fazer Horcruxes para mortes particularmente significativas. Sua morte certamente seria uma destas. Ele acreditou que matando você, estaria destruindo o perigo que a profecia havia mencionado. Acreditou que se faria invencível. Estou certo que ele tinha a intenção de fazer o último Horcrux com sua morte. Como sabemos, ele falhou. Depois de um alguns anos, porém, ele usou Nagini para matar um velho trouxa, e pode ter-lhe ocorrido usá-la em seu último Horcrux. Ela destaca a ligação com Slyterin, que realça o mistério de Lord Voldemort. Penso que talvez ele tenha encontrado nela o que poderia encontrar em qualquer coisa; ele certamente gosta de mantê-la por perto, e ele parece ter um controle incomum sobre ela, mesmo para um Ofidiodiglota.

- Então...- Disse Harry. - o diário se foi, o anel também. A taça, o medalhão e a cobra continuam intactos, e você acredita que há um Horcrux de Ravenclaw ou Gryffindor?

- Um admirável e correto resumo, sim.- Disse Dumbledore, curvando a cabeça.

- Então... Você ainda está procurando por ele, senhor? Foi onde o senhor esteve quando não se encontrava na escola?

- Certo! Eu estive procurando por um longo tempo. Penso que... Talvez... Posso estar próximo de encontrar outro. Há esperançosos sinais.

- E se você o encontrar...- Disse Harry rapidamente. - Eu posso ir com o senhor e ajudar a se livrar dele?

Dumbledore fitou Harry intensamente por um momento antes de responder.

- Sim, acredito que sim.

- Eu posso?- Disse Harry completamente aparvalhado.

- Oh, claro.- Disse Dumbledore, sorrindo ligeiramente. - Creio que você ganhou esse direito. Harry sentiu seu coração se elevar. Era muito ouvir palavras diferentes de cuidado e precaução pra variar. Os diretores e diretoras nas paredes pareceram menos impressionados pela decisão de Dumbledore. Harry viu alguns deles balançando suas cabeças, e Phineas Nigellus bufou. - Voldemort sabe quando um Horcrux foi destruído, senhor? Ele pode sentir isso?- Harry perguntou, ignorando os retratos.

- Uma pergunta muito interessante, Harry. Eu acredito que não. Acho que Voldemort está tão inundado de maldade, e estas partes dele estão distantes a tanto tempo, que ele não sente como nós. Talvez, no momento da morte, ele possa estar ciente de sua perda... Mas ele não sabia, por exemplo, que o diário havia sido destruído, até que forçou a verdade de Lúcio Malfoy. Quando Voldemort descobriu que o diário havia sido mutilado e destituído de seus poderes, acredito que sua raiva foi algo terrível de se observar.

- Mas eu pensei que ele havia pedido a Lúcio Malfoy que contrabandeasse o diário para Hogwarts.

- Sim, ele pediu, anos atrás, quando ele estava certo que seria capaz de criar mais Horcruxes, mas ainda que Lúcio estivesse disposto a esperar a ordem de Voldemort, e ele nunca a recebeu, pois Voldemort desapareceu após ter lhe dado o diário. Não há dúvidas de que ele acreditava que Lúcio não ousaria fazer qualquer coisa com o Horcrux além de protegê-lo cuidadosamente, mas ele contava acima de tudo com o medo de Lúcio de um mestre que havia sumido há anos o que Lúcio considerasse morto. Claro, Lúcio não sabia o que o diário realmente era. Eu acredito que Voldemort lhe disse que o diário abriria novamente a Câmera Secreta porque ele tinha um encantamento de inteligência. Se Lúcio soubesse que teve em suas mãos uma porção da alma de seu mestre, certamente a teria tratado com mais reverência. Mas ele foi adiante e continuou o velho plano visando seus próprios objetivos. Passando o diário para a filha de Arthur, ele desejava desacreditar Arthur e se desfazer de um objeto mágico extremamente incriminador de uma vez. Ah, pobre Lúcio... Com a fúria que despertou em Voldemort ao usar um Horcrux para seus fins, somada ao fiasco no Ministério no ano anterior, não me surpreenderia se ele estivesse secretamente feliz por estar seguro em Azkaban no momento.

Harry refletiu por um momento, e então perguntou:

- Então se todos os Horcruxes forem destruídos, Voldemort poderá ser morto?

- Sim, acredito que sim.- Disse Dumbledore. - Sem os Horcruxes, Voldemort será um homem mortal com uma alma mutilada e destruída. Nunca se esqueça, contudo, embora sua alma possa estar danificada além do reparo, seu cérebro e seus poderes mágicos continuam intactos. Será necessário poder e habilidade incomuns para matar um bruxo como Voldemort, mesmo sem os seus Horcruxes.

- Mas eu não tenho poderes e habilidades incomuns.- Disse Harry, antes que pudesse se conter.

- Sim, você tem.- Disse Dumbledore com convicção. - Você tem um poder que Voldemort nunca teve. Você tem...

- Eu sei!- Disse Harry bruscamente. - Eu tenho amor.- Com grande dificuldade Harry se conteve de acrescentar: - Grande coisa!

- Sim, Harry, você pode amar.- Disse Dumbledore, como se soubesse exatamente o que Harry havia pretendido dizer. - E, considerando tudo o que aconteceu com você, é um feito notável. Você é muito jovem para entender o quão incomum você é, Harry.

- Então, quando a profecia disse que eu teria um poder que o Lord das Trevas desconhece, se referia somente a... Amor?- Perguntou Harry, se sentindo um pouco desanimado.

- Sim, somente amor.- Disse Dumbledore. - Mas, Harry, nunca se esqueça que o que a profecia diz tem significado porque Voldemort a fez assim. Eu lhe disso isso no fim do ano passado. Voldemort escolheu você como a pessoa que representava um maior perigo para ele, e fazendo isso, fez de você a pessoa que mais perigosa para ele!

- Mas continua sendo o mesmo...

- Não, não continua!- Dumbledore disse impacientemente agora. Apontando a Harry com sua mão mutilada e enegrecida, ele disse: - Você está dando muito valor à profecia!

- Mas.- Atalhou Harry. - Você disse que a profecia significa...

- Se Voldemort nunca tivesse ouvido a profecia, ela se cumpriria? Significaria qualquer coisa? Claro que não! Você acredita que cada profecia da sala de Profecias se cumpriu?

- Mas...- Disse Harry completamente desnorteado. - No ano passado, você disse que um de nós terá que matar o outro...

- Harry, Harry, isso somente porque Voldemort cometeu um grave erro, e agiu conforme as palavras da Professora Trelawney. Se Voldemort nunca tivesse assassinado o seu pai, você teria em si esse furioso desejo de vingança? É claro que não! Se ele não tivesse forçado a sua mãe a morrer por você, ele teria lhe dado uma proteção mágica que não podia superar? Claro que não, Harry! Você não percebe? Voldemort criou seu próprio inimigo, assim como os tiranos fazem por todo o lado! Você faz idéia do quanto os tiranos temem as pessoas que eles oprimem? Todos eles acreditam que, um dia, dentre suas muitas vítimas, é certo que haverá um que irá se levantar contra ele e enfrentá-lo. Voldemort não é diferente! Sempre foi cuidadoso para com aquele que o desafiaria. Ele ouviu a profecia e entrou em ação, e como resultado não somente escolheu cuidadosamente aquele que poderia derrotá-lo, mas deu a ele armas excepcionalmente mortais!

- Mas...

- É essencial que você entenda isso!- Disse Dumbledore, se levantando e dando passos largos pelo escritório, suas vestes resplandecentes farfalhando em seu rastro; Harry nunca o tinha visto tão agitado. - Tentando matá-lo, Voldemort fez com que a pessoa notável que está sentada diante de mim se revelasse, e lhe deu as armas para o trabalho! É uma falha de Voldemort que você possa ver seus pensamentos, suas ambições, que você compreenda a língua das cobras e até lhes dê ordens, no entanto, Harry, a despeito de sua privilegiada inserção no mundo de Voldemort (que, incidentalmente, é um dom que qualquer Comensal da Morte mataria para ter), você nunca foi seduzido pelas Artes das Trevas, nunca, nem por um segundo, demonstrou o desejo de se tornar um dos seguidores de Voldemort!

- É claro que não!- Harry se sentiu indignado. - Ele matou meus pais!

- Você é protegido, levemente, por sua habilidade de amar!- Disse Dumbledore sonoramente. - A única proteção que tem possibilidade de ir contra a atração pelo poder que Voldemort tem. Apesar de toda a tentação contra a qual você lutou, todo o sofrimento, você permanece puro em seu coração, tão puro quando como você tinha onze anos, quando você olhou fixamente num espelho que mostrava o desejo de seu coração, e ele mostrou a você a única maneira de impedir Lord Voldemort, e não a imortalidade ou riquezas. Harry, você faz idéia de quão poucos bruxos veriam o que você viu no espelho? Voldemort deveria então ter percebido do que se tratava, mas ele não conseguiu! Mas ele sabe disso agora. Você invadiu a mente de Voldemort sem danos a si próprio, mas ele não pode possuí-lo sem sentir uma agonia mortal, como você descobriu no Ministério. Eu não creio que ele entende porquê, Harry, mas naquele tempo, ele tinha tal pressa de mutilar sua própria alma, que ele nunca parou para entender o incomparável poder de uma alma imaculada e inteira.

- Mas senhor.- Disse Harry, se esforçando corajosamente para não soar argumentativo. - Tudo volta para a mesma questão, não é? Eu tenho que tentar matá-lo, ou...

- Morrer?- Disse Dumbledore. - É claro que terá! Mas não por causa da profecia. Mas porque você, você mesmo, nunca descansará até que tenha tentado! Ambos sabemos disso! Imagine, por um breve momento, que você nunca tivesse ouvido aquela profecia! Como você se sentiria em relação a Voldemort agora? Pense!

Harry observou Dumbledore andando de um lado para o outro à sua frente, e pensou. Ele pensou em sua mãe, em seu pai, e em Sirius. Ele pensou em Cedrico Diggory. Ele pensou em todas as terríveis ações que Lord Voldemort cometeu. Uma chama pareceu pular dentro do seu peito, queimando sua garganta.

- Eu queria que ele morresse.- Disse Harry serenamente. - E eu iria matá-lo.

- Naturalmente você iria querer!- Exclamou Dumbledore! - Veja, a existência da profecia não significa que você tem que fazer alguma coisa. Mas a profecia fez com que Voldemort o marcasse como um igual. Em outras palavras, você é livre para escolher seu caminho, igualmente livre para se voltar à profecia! Mas Voldemort continua a escolher seu caminho pela profecia. Ele continuará a caçá-lo... O que se mostra correto, realmente, uma vez que...

- Um de nos acabará matando o outro.- Disse Harry. - Sim.

Mas Harry finalmente entendeu o que Dumbledore vinha tentando lhe explicar. Era, ele pensou, como a diferença entre ser levado para uma arena para enfrentar uma batalha até à morte e andar em direção à arena de cabeça elevada. Algumas pessoas, talvez, diriam que havia pouca diferença entre as duas maneiras, mas Dumbledore sabia, "e eu também", pensou Harry e, com um sentimento feroz de orgulho, "assim como meus pais que fazia toda a diferença do mundo".

= = = =

- Uau!- Disse Rony, quando Harry finalmente terminou de contar tudo. Rony estava movendo sua mão muito vagamente na direção do teto sem prestar a mínima atenção com o que estava fazendo. - Uau! Você junto de Dumbledore... E tentar e destruir... Uau!

- Rony, você está criando neve.- Disse Hermione pacientemente, segurando o seu pulso e afastando-o do teto do qual, antes vazio, grandes flocos brancos estavam começando a cair. Lilá Brown, Harry notou, fuzilava Hermione numa mesa vizinha com os olhos vermelhos, e Hermione imediatamente soltou o braço de Rony.

- Oh, sim!- Disse Rony, olhando para baixo de seu corpo com vaga surpresa. - Desculpem-me... Er... Olhem como estamos com uma caspa terrível agora...

Ele tirou um pouco da neve falsificada dos ombros de Hermione e Lilá explodiu em lágrimas... Rony olhou imensamente culpado e se virou de costas para ela.

- Nós brigamos.- Ele disse a Harry com o canto de sua boca. - Na última noite, quando ela me viu sair do dormitório com Hermione. Logicamente ela não pode te ver, assim pensou que tinha saído apenas nós dois.

- Ah!- Disse Harry. - Bem, pelo menos você não terminou né?

- Não.- Admitiu Rony. - Era ruim enquanto ela estava gritando, mas ao menos eu não tive que terminar.

- Covarde!- Disse Hermione, entretanto, ela olhou feliz. - Bem, hoje não foi uma boa noite para romances. Gina e Dino também terminaram, Harry.

Harry pensou ter visto no olhar de Hermione algo indicativo e malicioso quando ela lhe falou isto, mas Hermione não tinha como saber que dentro dele a "fera" tinha acordado. Manteve sua face imóvel e com uma voz indiferente e fria, ele perguntou.

- E como foi isso?

- Oh! Algo realmente tolo... Ela disse que ele sempre cismava em levá-la até passar pela entrada do retrato, como se ela não pudesse fazer por ela sozinha... Mas eles estavam por um fio há muito tempo.

Harry lançou um olhar sobre Dino no outro lado da classe. Ele certamente estava parecendo infeliz.

- Claro! Isso te coloca em um pequeno dilema, não é mesmo?- Disse Hermione.

- O quê você quer dizer com isso?- Disse Harry rapidamente.

- O time de quadribol.- Disse Hermione. - Se Gina e Dino não estão se falando...

- Oh! Oh! Claro!- Disse Harry.

- Flitwick.- Disse Rony em tom de alarme. O pequeno mestre de Feitiços estava vindo em direção deles, e Hermione era a única que conseguiu transformar o vinagre em vinho; seu frasco de vidro estava cheio de um líquido carmesim profundo, enquanto o de Harry e Rony permanecia marrom vergonhoso.

- Agora, agora, garotos!- Murmurou o Professor Flitwick reprovadamente. - Um pouco menos de conversa, e um pouco mais de ação... Deixem-me ver vocês dois tentarem...

Juntos eles levantaram suas varinhas, concentraram todos os seus poderes, e apontaram para seus frascos. O vinagre de Harry se transformou em gelo; o frasco de Rony explodiu.

- Sim... Lição de casa.- Disse o Professor Flitwick, reaparecendo debaixo da mesa e limpando os cacos do alto de seu chapéu. - Pratiquem!

Eles tiveram um de seus raros períodos livres depois da aula de Feitiços e voltaram para a classe juntos. Rony pareceu positivamente aliviado sobre o fim de seu relacionamento com Lilá, e Hermione pareceu adorável, também, embora quando ele a perguntou o motivo da felicidade, ela simplesmente dizia "Hoje é um bom dia!" Nenhum deles, porém, perceberam a batalha feroz que se passava dentro da cabeça de Harry:

*Ela é irmã do Rony...*
*Mas ela acabou com Dino!*
*Mas ela continua sendo irmã do Rony!*
*Mas eu sou seu melhor amigo!*
*Mas isso só piora!*
*E se eu falar com ele primeiro?*
*Ele vai te socar.*
*E se eu não me importar?*
*Ele é seu melhor amigo!*

Harry já havia entrado no buraco do retrato da sala comunal ensolarada quando percebeu, vagamente, um pequeno grupo de alunos do sétimo ano juntos, enquanto Hermione gritava:

- Katie! Você voltou! Você está bem?

Harry parou: Era certamente a Katie Bell, o olhando completamente recuperada e cercada por seus amigos.

- Estou realmente bem!- Ela disse alegremente. - Eles deixaram-me sair de St. Mungos no domingo, eu fiquei uns dois dias em casa com a minha mãe e com meu pai e então voltei para cá nesta manhã. Leanne estava justamente me contando sobre MacLaggen e o último jogo, Harry...

Sim.- Disse Harry. - Bem, agora que você voltou e Rony melhorou, nós teremos uma chance decente de arrasar a Corvinal, acho que nós ainda podemos estar na corrida para a Taça. Ouça, Katie...

Ele explicou a questão, até então. Sua curiosidade até fez com que Gina saísse de sua cabeça temporariamente. Ele deixou cair sua voz quando os amigos de Katie começaram a apanhar suas coisas; aparentemente eles teriam aulas de Transfiguração mais tarde... O colar... Você pode relembrar quem o entregou agora?

- Não.- Disse Katie, balançando penosamente a cabeça. - Todos tem me perguntado, mas não consegui nenhuma pista. A última coisa que eu me lembro era que estava andando dentro do banheiro das meninas no Três Vassouras.

- Você entrou definitivamente no banheiro das meninas, então?- Disse Hermione.

- Bem, eu sei que abri a porta.- Disse Katie. - E eu suponho que alguém me dominou justamente enquanto eu entrava. Depois disso minha memória está branca até dois meses atrás no St. Mungos. Ouçam, é melhor eu ir, eu não posso me atrasar na aula com McGonagall justamente no meu primeiro dia de volta.

Ela correu para apanhar a sua bolsa e se apressou a alcançar seus amigos, deixando Harry, Rony e Hermione sentados diante da mesa da janela e ponderando no que ela havia dito.

- Só pode ser uma garota ou uma mulher quem deu a Katie o colar.- Disse Hermione. - Dentro do banheiro das meninas...

- Ou alguém que se parecia com uma garota ou uma mulher.- Disse Harry. - Não esqueça, existia um caldeirão cheio de poção polissuco em Hogwarts. Sabemos que alguém conseguiu roubá-la...

E em seu pensamento ele observou uma parada de Crabbes e Goyles passando adiante, todos transformados em garotas.

- Eu acho. Eu vou tomar outra dose de Felix.- Disse Harry. - E eu vou até a Sala de Requisição novamente.

- Que seria uma perda completa da poção.- Disse Hermione logicamente, pegando a copia do livro de Feitiços de Syllabary que acabara de retirar de sua bolsa. - Sorte só se pode conseguir às vezes, Harry. A situação com Slughorn era diferente, você sempre teve habilidade para persuadi-lo, você só precisava de um pouquinho de circunstâncias favoráveis. Sorte não é suficiente se você tem um encantamento poderoso. Não vá desperdiçar o resto da poção. Você vai precisar da maior sorte do mundo se Dumbledore o levar junto com ele...- Ela abaixou sua voz a um sussurro.

- Não podíamos fazer mais alguns?- Rony perguntou a Harry, ignorando Hermione. - Eu acho ótimo ter um estoque dela... Que tal olhar no livro...

Harry puxou sua cópia de Poções Avançadas de sua bolsa, e olhou em cima de Felix Felicis. - Bom, isso é realmente complicado.- Ele disse, correndo os olhos sobre a lista de ingredientes. - E isso levará seis meses... Você tem que deixar cozinhar...

- Típico.- Disse Rony.

Harry estava a ponto de guardar seu livro novamente, quando ele notou um canto de uma pagina dobrada, desdobrando-a ele viu o feitiço Sectumsempra, e em baixo escrito: "para os inimigos" que ele havia marcado algumas semanas antes. Ele ainda não tinha encontrado o que fazer com isso, principalmente porque ele não quis testar próximo a Hermione, mas ele estava considerando usar em McLaggen na próxima vez que ele aparecesse diante deles.

A única pessoa que não estava particularmente agradecida por ver Katie Bell voltar à escola era Dino Thomas, porque ele não seria requerido para a posição de artilheiro. Ele suspirou quando Harry lhe disse isso, meramente soltou um grunhindo, mas Harry teve uma sensação diferente enquanto se distanciava de Dino e Simas...

Na quinzena seguinte, Harry disse que viu o melhor treino de Quadribol desde que virou Capitão. Seu time estava muito satisfeito com a saída de McLaggen, felizes por ter Katie de volta, e eles estavam voando excepcionalmente bem.

Gina não parecia transtornada com o rompimento com Dino, ao contrário, ela era a vida e a alma do time. Suas imitações de Rony se movendo ansiosamente para cima e para baixo diante dos aros como goleiro, ou das ordens frias dadas por Harry a McLaggen antes de ser nocauteado, tornava o treino muito divertido. Harry, sorrindo juntamente com todos, estava contente por ter uma razão inocente para olhar para Gina; e ele tinha recebido mais ferimentos durante os treinos porque não conseguia manter seus olhos nos balaços.

A batalha estava furiosa em sua cabeça: Gina ou Rony? Às vezes ele pensava que após Lilá, Rony não iria se importar se ele convidasse Gina para sair, mas então ele lembrou a expressão de Rony quando ele a viu beijando Dino, e era certo que Rony consideraria uma traição se Harry caminhasse de mãos dadas com Gina. Contudo Harry não podia ajudar-se conversando com Gina, rindo com ela, voltando do treino com ela, entretanto sua consciência doeu demais, ele encontrou-se maravilhado pensando em como poderia conseguí-la para si. Teria sido ideal se Slughorn tivesse dado outra de suas pequenos festas, para Rony não estar por perto, mas sortemente, Slughorn parecia tê-las acabado. Uma ou duas vezes Harry considerou em pedir ajuda a Hermione, mas ele não pensou como conseguiria olhar pra Hermione, vendo um olhar satisfeito e acusador em seu rosto; como varias vezes via quando Hermione o flagrava olhando para Gina ou rindo de suas piadas. E para complicar o assunto, ele teve a irritante preocupação de que se não o fizesse, um outro alguém convidaria Gina para sair em breve: ele e Rony pelo menos concordavam para seu próprio bem, o fato de que Gina era popular demais.

De qualquer forma, a tentação de tomar outro gole de Felix Felicis estava ficando mais forte durante o dia, e certamente era um argumento para, segundo Hermione, "aproveitar as circunstâncias" Os dias monótonos correram gentilmente em Maio, e Rony parecia estar sempre no ombro de Harry quando ele via Gina. Harry descobriu que apenas um golpe de sorte poderia de alguma maneira fazer com que Rony ficasse feliz com o seu melhor amigo e sua irmã saindo, e os deixasse sozinhos, ele junto dela mais do que alguns segundos. Nenhuma oportunidade surgiu enquanto se aproximava o final do período com o Torneio de Quadribol. Rony procurava falar de táticas com Harry todo o tempo e não tinha pensamentos para mais nada.

Rony não era o único a esse respeito; o interesse no jogo Grifinória-Corvinal estava correndo extremamente rápido na escola, para o jogo que decidiria o Campeonato das casas. Se Grifinória batesse a Corvinal por uma margem de trezentos pontos (um número alto, porém Harry nunca tinha visto seu time voando melhor) então eles conseguiriam vencer o Campeonato. Se eles vencessem por menos de trezentos pontos, eles ficariam em segundo após Corvinal, se eles perdessem pela diferença de cem pontos ficariam em terceiro atrás da Lufa-Lufa e se eles perdessem por mais de cem pontos, estariam em quarto lugar e em lugar nenhum, e no pensamento de Harry, se eles perdessem, a casa não iria esquecer que ele foi o Capitão da Grifinória e que a colocaria no fundo da tabela em dois séculos.

O ponto crítico da partida tinha as mesmas características de sempre: membros das casas rivais tentando intimidar os adversários nos corredores; desagradáveis canções sobre um jogador individual, ensaiados com a voz de passarinhos; os próprios membros das equipes circulando ao redor para gozar de toda a atenção ou senão entrando em banheiros e dando tiros para cima. De alguma maneira o jogo havia se ligado inexplicavelmente ao êxito ou fracasso de seus planos com Gina.

Ele conseguia sentir que se eles vencessem por mais de trezentos pontos, nas cenas de euforia e a ótima e calorosa festa de comemoração justamente com um saboroso trago de Felix Felicis talvez houvesse alguma chance. E no meio de tantas preocupações, Harry não havia esquecido sua outra ambição; descobrir o que Malfoy estava fazendo na Sala de Requisição. Ele ficava verificando o Mapa do Maroto, e ele não conseguia localizar o local onde estava Malfoy, deduzindo que o mesmo estava perdendo o seu tempo dentro daquela sala.

Embora Harry perdesse as esperanças de descobrir o que acontecia dentro da Sala de Requisição, e continuando a tentar entrar sempre que estava na vizinhança reformulando sempre seu pedido, a parede permaneceu firmemente fechada. Alguns dias antes da partida contra a Corvinal, Harry encontrou-se andando sozinho próximo a Sala Comunal, Rony estava fora em um banheiro próximo para disparar para cima novamente, e Hermione não saindo do seu normal foi ver o Professor Vector sobre um erro que ela pensou ter cometido em seu último ensaio de Aritmancia. Mais por hábito do que por qualquer coisa, Harry fez a sua usual tentativa no corredor do sétimo andar, checando o Mapa do Maroto. Por um momento ele não conseguiu localizar Malfoy em nenhum lugar e assumiu que ele estivesse dentro da Sala de Requisição novamente, mas então ele viu Malfoy pequenininho, sobre um ponto no banheiro dos meninos no andar abaixo, acompanhado, não por Crabbe ou Goyle, porém por Murta que Geme.

Harry somente parou para olhar essa improvável dupla quando ele virou a direita em um conjunto de armaduras. O alto ruído trouxe-o de volta de seu devaneio; saindo da cena antes que Filch chegasse, dos pontos tracejados na escada de mármore e ao longo da passagem abaixo. Fora do banheiro, ele pressionou sua orelha de encontro à porta. Ele não podia ouvir nada. Ele muito silenciosamente á abriu. Draco Malfoy estava de costas para a porta, suas mãos agarravam os lados da pia, seus cabelos brancos-louros arqueados.

- Não!- Soou a voz da Murta que Geme de um dos cubículos. - Não... Conte-me o que está errado... Eu posso ajudá-lo...

- Ninguém pode me ajudar.- Disse Malfoy. Seu corpo estava todo tremendo. - Não posso fazer isso... Eu não posso... Não quero trabalhar... E a menos que eu faça logo... Ele disse que me matará...

E Harry observava, com um choque tão grande que parecia enraizá-lo àquele ponto, aquele Malfoy chorando, realmente chorando. Lágrimas rolando sobre sua pálida face dentro da pia. Malfoy tossiu e engasgou-se e então, com um grande suspiro, quando olhou para a imagem no espelho rachado viu Harry parado olhando fixamente para ele. Malfoy olhou, puxando sua varinha. Instintivamente, Harry puxou a sua. O feitiço de Malfoy errou Harry por centímetros, quebrando a lâmpada ao lado de Harry na parede. Harry jogou-se de lado no chão, pensando Levicorpus! E apontando sua varinha, mas Malfoy bloqueou o feitiço e levantou sua varinha para outro...

- Não! Não! Parem com isso!- Guinchou Murta-Que-Geme, sua voz ecoando alto no alto de todo o andar. Parem! PAREM!

Houve um estrondo alto e o escaninho atrás de Harry explodiu; Harry tentou um feitiço Prende-Pernas para contra-atacar passando ao lado da orelha de Malfoy e esmagando a cisterna abaixo de Murta-Que-Geme, que gritava escandalosamente alto; água jorrou por todo o lado e Harry deslizou enquanto Malfoy, de face retorcida, gritou "Cruci..."

- SECTUMSEMPRA!- Gritou Harry do assoalho, agitando sua varinha descontroladamente.

O sangue jorrou do rosto e do peito de Malfoy como se ele tivesse sido chicoteado ou cortado por uma espada invisível. Ele balançou para trás e caiu no assoalho com um grande respingo de água, sua varinha caindo brandamente de sua mão direita.

- Não...- Engasgou-se Harry. Deslizando e desconcertado, Harry colocou e mergulhou seus pés em direção a Malfoy, cujo rosto brilhava em vermelho escarlate, suas mãos brancas embebidas em sangue em seu peito. - Não. Eu não queria...- Harry não sabia o que dizer. Ele caiu de joelhos ao lado de Malfoy, que estava se agitando descontroladamente banhado pelo próprio sangue. Murta-Que-Geme soltou um grito alto e descontrolado.

- ASSASSINATO! ASSASSINATO NO BANHEIRO! ASSASSINATO!

A porta bateu atrás de Harry que ergueu os olhos, estarrecido: Snape havia entrado no banheiro, com a face lívida. Empurrando Harry de lado, ajoelhou-se ao lado de Malfoy, pegou sua varinha, e lançou um feitiço sobre as profundas feridas que Harry tinha provocado, sussurrando um feitiço que soou quase como uma canção. O fluxo de sangue pareceu diminuir, Snape limpou o resíduo que tinha sobre a face de Malfoy e repetiu o feitiço. Agora as feridas pareciam que faziam pontos.

Harry permaneceu observando, horrorizado com o que havia feito, pouco ciente de que estava embebido em sangue e água. Murta-Que-Geme permaneceu gemendo e chorando logo acima. Enquanto Snape estava executando um contra-feitiço pela terceira vez, a meia-vida de Malfoy permaneceu na mesma posição.

- Você precisa ir a ala hospitalar. Pode haver certa quantidade de marcas e cicatrizes, mas se você tomar ditany imediatamente pode ser que até isso evitemos... Venha...

Ele apoiou Malfoy através do banheiro, voltando-se para a porta para dizer em uma voz furiosa e fria.

- E você, Potter... E você espera por mim aqui.

Não ocorreu nem por um segundo a Harry em desobedecer. Ele levantou-se lentamente, andou e olhou abaixo o assoalho molhado. Ali havia manchas de sangue flutuando como flores de carmesim sobre a sua superfície. Não poderia nem mesmo contar com a Murta-Que-Geme para ficar quieta, e ela continuava lamentando com prazer cada vez mais evidente. Snape retornou dez minutos depois. Ele parou dentro do banheiro e fechou a porta atrás de si.

- Vá!- Ele disse a Murta, e ela mergulhou dentro de seu vaso de uma vez, deixando um silêncio soando atrás dela.

- Eu não sei o que aconteceu.- Disse Harry por um momento. Sua voz ecoou no vazio, aquoso espaço. - Eu não sabia o que esse feitiço faria.

Mas Snape ignorou isso.

- Aparentemente eu superestimei você, Potter.- Ele disse calmamente. - Quem diria que você conhecia tal feitiço das Artes das Trevas? Quem lhe ensinou esse feitiço?

- Eu... Li sobre ele em algum lugar.

- Onde?

- Eu o li... Em um livro na biblioteca.- Inventou Harry. - Eu não consigo me recordar como ele se chamava...

- Mentiroso!- Disse Snape. A garganta de Harry ficou seca. Ele sabia o que Snape estava fazendo e ele nunca tinha conseguido impedi-lo...

O banheiro pareceu nublar-se diante de seus olhos. Ele tentou bloquear com toda a força de seu pensamento, mas a metade da cópia do livro do Príncipe Mestiço avançava nadando nebulosa do fundo de sua mente. Então estava olhando para Snape novamente, no meio da destruição, no banheiro molhado. Olhou fixamente nos olhos negros de Snape, esperando esperançosamente que Snape não visse o que temia, mas...

- Traga-me sua mala escolar.- Disse Snape suavemente. - E todos os seus livros escolares. Todos eles. Traga-os aqui. Agora!

Não havia nenhum ponto para discutir. Harry girou uma vez e saiu fora no corredor, e foi rapidamente para a Torre da Grifinória; a maioria do povo estava andando por outro caminho, ele todo molhado, encharcado de água e sangue, mas não respondeu sobre nenhuma pergunta que lhe fizeram enquanto ele passava.

Ele se sentia atordoado; era como se um animal de estimação tivesse retornado totalmente selvagem; em que o Príncipe tinha pensado para transcrever tal encanto em seu livro? O que aconteceria quando Snape o visse? O que diria a Slughorn?- Harry tinha seu estômago revirado. Como tinha alcançado tão bons resultados em Poções durante o ano inteiro? Ele confiscaria e destruiria o livro que tinha ensinado tanto a Harry o ano inteiro? O livro havia se tornado uma espécie de guia e amigo? Harry não podia deixar isso acontecer... Não podia...

- Onde você estava? Porquê você está ensopado? E esse sangue?- Rony estava parado no alto das escadarias, olhando fascinado, o aspecto de Harry.

- Eu preciso de seu livro.- Harry arquejou. - Seu livro de Poções. Rápido... Me de ele...

- Mas e o do príncipe?

- Eu explicarei depois!

Ron tirou seu livro de Poções Avançadas da bolsa e entregou; Harry correu para o salão comunal. Aqui, pegou sua mochila ignorando os olhares assustados dos alunos que já tinham terminado o jantar, se atirou pelo buraco do retrato, e correu ao longo do corredor do sétimo andar. Ele deslizou por uma parede ao lado da tapeçaria dos duendes dançantes, e fechando os olhos começou a caminhar.

- Eu preciso de um lugar para esconder meu livro... Eu preciso de um lugar para esconder meu livro... Eu preciso de um lugar para esconder meu livro...

Ele passou três vezes para cima e para baixo da parede branca. Quando abriu seus olhos, estava lá enfim: a porta para a Sala de Requisição. Harry puxou para abrir, e se lançou para dentro, batendo a porta.

Ofegou. Apesar da sua pressa, do seu pânico, do medo do que o esperava quando voltasse ao banheiro, não poderia se intimidar pelo que estava vendo. Ele estava em um quarto do tamanho de uma catedral grande, cujas janelas eram altas e enviavam feixes de luz para baixo, o que parecia uma cidade com paredes imponentes, construídas, pelo que Harry soube, por objetos de gerações antepassadas de Hogwarts.

Haviam becos e estradas limitadas por pilhas de mobílias estragadas e quebradas, guardadas ali, talvez, para esconder magias mal-feitas, ou então por elfos domésticos orgulhosos. Havia milhares e milhares de livros, que sem duvida eram roubados, rabiscados ou proibidos. Havia catapultas aladas e Frisbees Dentados, alguns, com vida o suficiente para pairar sobre as montanhas de outras coisas proibidas; Haviam garrafas de poções congeladas, chapéus, jóias, capas; algo que parecia cascas de ovo de dragão, garrafas arrolhadas cujos conteúdos ainda brilhavam, várias espadas enferrujadas e um machado pesado, manchado de sangue.

Harry se apressou adiante de um dos becos entre todos esses tesouros escondidos. Ele virou a direita após um enorme duende gigante, correu por um curto caminho, tomou a esquerda no armário de Desaparecimento quebrado, no qual Montague perdeu-se no ano anterior, parando finalmente ao lado de um armário grande que parecia ter ácido jogado sobre a superfície embolorada. Ele abriu o armário, rangendo as portas: já tinha sido usado como esconderijo para alguma jaula que morreu há muito tempo; seu esqueleto tinha cinco pernas. Ele colocou o livro do Príncipe Mestiço escondido atrás da gaiola e bateu a porta. Ele parou por um momento, seu coração batendo horrivelmente, contemplando toda desordem ao redor... Ele poderia achar este local novamente entre toda essa tranqueira? Ele prendeu o busto lascado de um feiticeiro velho em cima de um engradado, colocou em pé sobre o armário que o livro estava escondido, empoleirou uma peruca velha e uma tiara manchada na cabeça de estátuas deixando mais distintivo, então voltou pelos becos de tranqueiras escondidas tão rápido quanto ele chegou, voltou para porta, saiu para o corredor e a porta atrás dele voltou-se imediatamente a virar pedra.

Harry correu para o banheiro do andar de baixo, colocando a copia de Poções Avançadas de Ron dentro da mochila. Um minuto depois, ele estava em frente a Snape que esticou a mão em direção a mochila de Harry. Harry lhe entregou, arquejando, uma dor queimava em seu peito e esperou. Um por um, Snape extraiu os livros de Harry e examinou. Finalmente, o único que restava era o livro de Poções, que ele olhou muito cuidadosamente antes de falar.

- Este é seu livro de Poções Avançadas, Potter?

- Sim.- Disse Harry, ainda tomando fôlego.

- Você esta certo disso, está, Potter?

- Sim.- Disse Harry desafiante.

- Este é o livro de Poções Avançadas que você comprou da Floreios e Borrões?

- Sim.- Disse Harry firmemente.

- Então por que...- Perguntou Snape. - ...Tem o nome "Roonil Wazlib" escrito dentro da contra-capa?

O coração de Harry perdeu uma batida.

- É meu apelido.- Ele disse.

- Seu apelido.- Snape repetiu.

- Sim... É assim que meus amigos me chamam.- Disse Harry.

- Eu sei o que é um apelido.- Disse Snape. O frio dos seus olhos pretos eram enfadonhos e marcavam Harry novamente; ele tentou não olhar. Feche sua mente... Feche sua mente... Mas ele nunca tinha aprendido a fazer isto corretamente...

- Sabe o que eu acho, Potter?- Disse Snape, muito calmamente. - Eu acho que você é um mentiroso e fraudulento que merece detenção comigo todos os sábados até o fim do ano. O você acha, Potter?

- Eu, eu não concordo, senhor.- Disse Harry, ainda recusando olhar nos olhos de Snape.

- Bem, nós veremos como você se sente depois de suas detenções.- Disse Snape. - Sábado de manhã às dez horas, Potter. Meu escritório.

- Mas senhor...- Disse Harry, observando desesperadamente. - Quadribol... Última partida...

- Dez horas.- Sussurrou Snape, com um sorriso que mostrou os dentes amarelos dele. - Pobre Grifinória... Quarto lugar este ano, eu temo...

E deixou o banheiro sem mais palavras, deixando Harry fitar o espelho quebrado sentindo-se doente, como ele tinha certeza, que Ron nunca tinha sentido na vida dele.

- Eu não vou falar "eu te disse".- Disse Hermione, uma hora depois no salão comunal.

- Deixe-o, Hermione.- Disse Ron furiosamente.

Harry nunca fez isso no jantar; ele não tinha apetite algum. Ele tinha há pouco contado a Ron, Hermione e Gina, o que tinha acontecido, não que parecia ter necessidade. As noticias correram rápido: Murta-Que-Geme aparentemente tinha visitado todos os banheiros e contando a história; Malfoy já tinha sido visitado na ala hospitalar por Pansy Parkinson que não perdeu tempo em caluniar Harry de longe, e Snape contou precisamente a todos o que havia acontecido. Harry já tinha sido chamado ao salão comunal para suportar quinze minutos altamente desagradáveis na companhia da Professora McGonagall, que lhe dizia como ele tinha sorte em não ter sido expulso e apoiou sinceramente o castigo que Snape lhe deu, de cumprir detenção todos os sábados até o final do período.

- Eu lhe falei que havia algo errado com a pessoa do Príncipe.- Disse Hermione, evidentemente incapaz de parar. - E eu tinha razão, não tinha?

- Não, eu não penso que você tem.- Obstinadamente Harry disse.

Ele estava tendo um tempo o suficiente ruim sem precisar do que Hermione dizia; os olhares nos rostos do jogadores do time da Grifinória quando ele tinha lhes falado que não poderia jogar no sábado, foi o pior castigo de tudo. Ele poderia sentir os olhos de Gina, mas não os encontrou; não queria ver decepção ou raiva. Ele tinha há pouco lhe falado que ela estaria jogando como apanhadora no sábado e aquele Dino Thomas estaria se reunindo ao time como Artilheiro no lugar dela. Talvez, se eles ganhassem, Gina e Dino fariam as pazes durante a euforia das comemorações... O pensamento passou por Harry como uma faca fria.

- Harry.- Disse Hermione. - Como você ainda tolera aquele Príncipe depois que ele escreveu aquele feitiço?

- Para de falar sobre o livro!- Interrompeu Harry. - O Príncipe só copiou isto na margem! Não é como se ele estivesse aconselhando qualquer um para usar o feitiço! Tudo que nós sabemos, é que ele estava fazendo uma nota de algo que tinha sido usado contra ele!

- Eu não acredito nisto.- Disse Hermione. - Você está realmente o defendendo...

- Eu não estou me defendendo do que fiz!- Disse Harry depressa. - Eu queria que não tivesse feito isto, e não é só porque eu tenho uma dúzia de detenções. Você sabe que eu não teria usado um feitiço assim, nem mesmo em Malfoy, mas você não pode culpar o Príncipe, ele não escreveu "experimente isto, é realmente bom". Ele estava fazendo notas para si próprio, ele não estava fazendo para um outro qualquer...

- Você está me falando...- Disse Hermione. - ...Que você vai voltar e...?

- E pegar o livro? Sim, eu vou.- Disse Harry vigorosamente. - Escute, sem o Príncipe eu nunca teria ganhado o Felix Felicis. Eu nunca teria sabido salvar o Ron quando ele estava envenenado, eu nunca teria...

- Adquirido uma reputação brilhante em Poções, ao qual você não merece.- Disse Hermione sordidamente.

- Dá um tempo, Hermione!– Disse Gina, e Harry estava tão maravilhado, tão agradecido, que olhou pra cima. - Pelo som, Malfoy estava tentando usar uma Maldição Imperdoável, você deveria estar feliz por Harry ter tirado algo bom da manga!

- Bem, claro que eu estou feliz de Harry não ter sido amaldiçoado!– Disse Hermione, claramente estarrecida. - Mas você não pode dizer que aquele feitiço “Sectumsempra” seja bom, Gina, olhe onde ele o jogou! E eu tenho pensado, vendo o que isso acabou com suas chances no jogo...

- Oh, não comece como se você entendesse de Quadribol.- Escapou Gina. - Você só se atrapalha.

Harry e Ron se encararam: Hermione e Gina, que sempre havia se dado muito bem uma com a outra, estavam agora sentadas com os braços cruzados, claramente em direções opostas. Ron olhou nervosamente para Harry, e então agarrou um livro por acaso e escondeu-se atrás dele. Harry, de alguma maneira, achou que ele sabia que merecia isso, mas sentiu-se inacreditavelmente alegre, mesmo que nenhum deles tenham se falado pelo resto da tarde.

Sua alegria porém, durou pouco. Eles teriam de aturar a zombaria da Sonserina no dia seguinte, sem mencionar na raiva dos companheiros da Grifinória, que estavam infelizes porque seu capitão havia sido expulso do jogo final da temporada. Na manhã de sábado, o que quer que seja que Harry disse a Hermione, Harry teria trocado alegremente todos os Felix Felicis do mundo para estar se encaminhando para a quadra de Quadribol com Ron, Gina e os outros.

Era praticamente insuportável fugir da massa de alunos que corriam em direção ao sol, todos eles vestindo chapéus e agitando bandeiras e cartazes. Descer os degraus de pedra e entrar dentro das masmorras onde ouvir os sons da multidão era quase impossível, sabendo também que não poderia ouvir um comentário sequer ou um aplauso ou vaia.

- Ah, Potter.- Disse Snape, quando Harry bateu em sua porta e entrou na desagradável e familiar sala na qual Snape, que estaria lecionando em outro andar, ainda não havia liberado; era repugnante ver os mesmos seres mortos submersos em poções coloridas distribuídas em todas as estantes. Obviamente haviam várias caixas empilhadas na mesa onde Harry supostamente deveria sentar-se; pela áurea, Snape daria um tedioso, difícil e obtuso trabalho para ele.

- Sr. Filch estava procurando alguém para limpar estes arquivos antigos.- Disse Snape suavemente. - Eles são as relíquias dos malfeitores de Hogwarts e seus castigos. Onde a tinta borrou, ou onde há pedaços de pergaminhos comidos pelos ratos, nós gostaríamos que você copiasse os crimes e punições e, tendo certeza de que eles estejam em ordem alfabética, colocasse nestas caixas. Você não está autorizado a usar magia.

- Certo, Professor.- Disse Harry, com tanto desprezo quanto ele poderia pôr nas últimas três sílabas.

- Eu pensei que você poderia começar...- Disse Snape, com um sorriso malicioso nos lábios. - ...Nas caixas de numero 1020 a 1056. Você irá encontrar alguns nomes familiares dentro, o que poderá aumentar seu interesse no trabalho... Você verá...

Ele tirou uma carta entre as caixas que estavam no topo e leu: "Tiago Potter e Sirius Black. Apreendidos usando um feitiço ilegal em Bertram Aubrey. Aubreys tinha o dobro do tamanho normal. Dupla detenção." Snape riu.

- Deve ser muito reconfortante, pensar que eles foram, um recorde permanentemente em nosso arquivos.

Harry sentiu a sensação familiar de seu estomago estar borbulhando. Mordendo sua língua para prevenir uma futura retaliação, ele sentou de frente para as caixas e se encostou em outra. Era, como Harry já previra, o mais chato, e inútil trabalho, já feito (como Snape havia planejado). Com a usual pontada no estômago, o que significava que ele acabara de ler o nome de seu pai ou de seu padrinho, usualmente metidos em diversas confusões, ocasionalmente acompanhados por Remus Lupin e Peter Pettigrew. Enquanto ele copiava todas as suas ofensas e punições, ele queria saber o que estava acontecendo lá fora, o jogo já deveria ter começado... Gina como apanhadora contra Cho...

Harry olhava de tempos em tempos para o relógio pendurado na parede. Parecia estar se movendo muito mais devagar que um relógio normal; talvez Snape o tivesse enfeitiçado para que ele fosse mais devagar? Ele não poderia estar ali por apenas meia hora... Uma hora ... Uma hora e meia... O estomago de Harry começou a revirar quando o relógio marcou quinze para o meio dia. Snape, que não falou nada desde que deu a Harry sua tarefa, finalmente se levantou as dez para uma.

- Faremos o seguinte.- Ele disse friamente. - Marque o lugar de onde parou. Você irá continuar às dez horas no próximo sábado.

- Sim, senhor.

Harry colocou uma carta para marcar de onde havia parado e saiu correndo pela porta antes que Snape pudesse mudar de idéia, correndo pelos corredores, apertando os ouvidos para tentar escutar alguma coisa sobre o jogo, mas tudo estava quieto... Já havia terminado. Ele hesitou um momento fora do lotado Salão Principal, depois correu pela escadaria, se Grifinória tivesse ganhado ou perdido, eles usualmente celebravam ou choravam na sua própria sala comunal.

- Quidagis?- Ele disse tendencioso para a Mulher Gorda, pensando no que poderia ter dentro.

Sua expressão era ilegível, ela disse

- Você verá...

E ela virou o quadro.

Um som de celebração eclodiu atrás dela. Harry parou quando as pessoas começaram a gritar atrás dele, ele foi carregado pela multidão.

- Nós vencemos!- Gritou Ron, puxando o para dentro da sala e agitando a Taça de Prata para Harry. - Nós vencemos! Quatrocentos e cinqüenta a cento e quarenta! Nós ganhamos!

Harry olhou a sua volta; Gina estava correndo em sua direção; ela tinha um largo sorriso no rosto quando se jogou em seus braços. E sem pensar, sem planejar, sem se preocupar com o fato de ter 50 pessoas em volta. Harry a beijou.

Depois de um longo momento, que lhe pareceu mais ou menos uma meia hora, ou possivelmente varias manhãs de sol, eles se separaram. A sala estava muito silenciosa. Mas então várias pessoas assobiaram e começaram a dar uma série de risadas nervosas. Harry olhou por cima da cabeça de Gina para ver Dino Thomas segurando um copo quebrado em sua mão, e Romilda Vance olhando como se fosse atirar alguma coisa. Hermione estava radiante, mas Harry estava procurando Rony com os olhos. Finalmente Harry o encontrou, ainda segurando a taça, e com uma expressão apropriada de quem tinha levado uma pancada na cabeça. Durante uma fração de segundo eles se olharam, e Rony deu um pequeno aceno com a cabeça, que Harry entendeu significar: "Bem, se você quer...

A criatura em seu peito rugiu em triunfo, ele sorriu para Gina e indicou, silenciosamente o lado de fora do buraco do retrato. Um longo passeio pela propriedade parecia conveniente, durante o qual, SE eles tivessem tempo, eles poderiam discutir a partida.

= = = =

lago com Gina na hora do almoço, Hermione se largou no assento entre Harry e Rony com uma expressão positivamente desagradável.

- Quero falar com você Harry.

- Sobre o que?- Disse Harry desconfiado. No dia anterior, Hermione tinha lhe dado uma bronca por distrair Gina quando ela deveria estar se preparando para seus exames.

- Sobre o que se auto-denomina Príncipe Mestiço.

- Ah, não isso de novo.- Ele suspirou. - Deixe isso pra lá, por favor!

Ele não tinha se atrevido a voltar à Sala de Requisição para retirar o livro, e sua performance em Poções estava sofrível. (apesar de Slughorn, que aprovava Gina, ter comicamente atribuído isso ao fato de Harry estar doente de amor). Mas Harry estava certo de que Snape ainda não tinha desistido de colocar as mãos no livro, e estava determinado a deixá-lo onde estava enquanto Snape continuasse observando.

- Não deixo pra lá, não.- Disse Hermione firmemente. - Até você me escutar. Agora, eu venho tentado encontrar alguma coisa sobre quem teria como hobby inventar feitiços obscuros.

- Ele não fazia disso um hobby...

- Ele, ele. Quem disse que é "ele"?

- Nós já discutimos isso.- Disse Harry zangado. - Príncipe, Hermione, Príncipe!

- Certo!- Disse Hermione, com as bochechas vermelhas enquanto puxava um pedaço de jornal bem velho de dentro de sua mala e batia na mesa que estava na frente de Harry. - Olhe isso! Olhe esta foto!

Harry pegou o pedaço de papel e encarou a foto em movimento, amarelada pela idade. Rony se inclinou para olhar também. A foto mostrava uma garota magrinha, por volta dos 15 anos. Ela não era bonita, parecia aflita e mau-humorada ao mesmo tempo, com uma forte expressão e uma pele pálida. Embaixo da foto vinha a legenda: Eileen Príncipe, capitã do time de Bexigas de Hogwarts.

- E...?- Disse Harry, lendo a curta notícia à qual a figura pertencia. Era uma história sobre competições intercolegiais.

- O nome dela era Eileen Príncipe. Príncipe, Harry.

Eles se olharam e então Harry percebeu o que Hermione estava tentando dizer. Ele começou a rir.

- Sem chances.

- O quê?

- Você acha que ela era o "Mestiço"...? Ah, fala sério...

- Bom, por que não? Harry, não existem príncipes no mundo dos bruxos. Ou isso é um apelido, um título inventado que alguém deu para si mesmo, ou pode ser seu nome de verdade, não pode? Preste atenção! Se, digamos, o pai dela fosse um bruxo com o sobrenome "Príncipe", e sua mãe fosse trouxa, isso a faria uma Príncipe Mestiço!

- Sim, muito engenhoso, Hermione...

- "Mas faria! Talvez ela tivesse orgulho de ser uma meio Príncipe!

- Ouça, Hermione, eu posso dizer que não é uma garota. Simplesmente posso.

- "A verdade é que você não pensa que uma garota pode ter sido esperta suficiente.- Disse Hermione brava.

- Como eu posso ter andado com você por cinco anos e não pensar que as garotas são espertas?- Disse Harry atormentado. - É o jeito que ele escreve. Eu simplesmente sei que o príncipe era um homem. Essa garota não tem nada a ver com isso. Alias, onde você arranjou isso?

- Na biblioteca.- Disse Hermione, previsivelmente. - Tem toda uma coleção de velhos Profetas lá em cima. Bom, eu vou encontrar mais sobre Eileen Príncipe se eu puder.

- Divirta-se.- Disse Harry irritado.

- Eu vou!- Disse Hermione. - E o primeiro lugar que eu irei olhar...- Disse ela pra Harry, assim que chegou ao buraco do retrato da mulher gorda. - ...É o registro de antigos prêmios de Poções!

Harry olhou zangado para ela por um momento, e então continuou a contemplar o céu que escurecia.

- Ela nunca vai superar o fato de que você se deu melhor que ela em Poções.- Disse Rony, retornando a sua cópia de 1000 Ervas Mágicas e Fungos.

- Você não acha que estou louco, por querer aquele livro de volta, acha?

- Claro que não.- Disse Rony vigorosamente. - Ele era um gênio, o príncipe. De qualquer forma, sem a dica do bezoar...- Ele passou o dedo pela própria garganta de maneira significativa. - ...Eu não estaria aqui pra discutir isso, estaria? Digo, não estou falando que o feitiço que você usou no Malfoy era ótimo...

- Nem eu.- Disse Harry rapidamente.

- Mas ele se curou bem, não? Ficou de pé novamente bem rápido.

- Sim.- Disse Harry; isso era perfeitamente verdade, apesar de que sua consciência dizia aborrecida: "Graças ao Snape..."

- Você ainda tem detenção com o Snape nesse sábado?- Rony continuou.

- Sim, e no sábado depois desse, e no outro.- Disse Harry. - E ele está dizendo agora que se eu não tiver terminado todas as caixas até o fim do período, nos continuaremos no ano que vem.

Ele estava achando essas detenções particularmente cansativas porque diminuía ainda mais o já limitado tempo que ele podia passar com Gina. De fato, ele vinha imaginando ultimamente que Snape sabia disso, porque ele segurava Harry até mais tarde,em cada sábado, enquanto falava sobre Harry estar perdendo o bom tempo e as diversas oportunidades que este oferecia. Harry foi sacudido dessas amargas reflexões pela chegada de Jimmy Peakes, que estava segurando um pedaço de pergaminho.

- Obrigado Jimmy... Hei, é do Dumbledore!- Disse Harry excitado, desenrolando o pergaminho e começando a ler. - Ele quer que eu vá até a sala dele o mais rápido possível!

Eles se encararam.

- Caramba!- Sussurrou Rony. - Você não acha... Ele não encontrou...?

- Melhor eu ir e ver, não?- Disse Harry, levantando.

Ele correu para fora da sala comunal e foi até o sétimo andar o mais rápido que pode, sem passar por ninguém além de Pirraça, que passava indo à direção oposta, jogando pedaços de giz em Harry de forma costumeira e rindo alto quando se esquivava da azaração defensiva de Harry. Assim que Pirraça foi embora, o corredor ficou em silêncio; com apenas 15 minutos para o toque de recolher a maioria das pessoas já tinha retornado para seus salões comunais. E então Harry ouviu um grito e um estampido. Ele parou e escutou.

- Como... Você... Se... Atreve... Aaaaaaargh!

O barulho estava vindo de um corredor próximo. Harry correu em sua direção, com sua varinha pronta, virou mais um canto e viu a Professora Trelawney estirada no chão, sua cabeça coberta por um de seus muitos xales, diversas garrafas de vinho ao lado dela, uma quebrada.

- Professora...

Harry se apressou e ajudou a Professora Trelawney a se levantar. Algumas de suas brilhantes contas tinham emaranhado com seus óculos. Ela soluçou alto, arrumou o cabelo, e se apoiou no braço que Harry ofereceu.

- O que aconteceu, professora?

- Você pode perguntar!- Disse ela numa voz aguda. - Eu estava caminhando por aí, meditando sobre alguns obscuros presságios que eu tive...

Mas Harry não estava prestando muita atenção. Ele tinha acabado de notar onde eles estavam parados. À sua direita tinha a tapeçaria dos trasgos dançantes e a esquerda aquela impenetrável parede de pedra que guardava...

- Professora, você estava tentando entrar na Sala de Requisição?

- ...Anunciavam que eu fui autorizada... O quê?

De repente ela pareceu sagaz.

- A Sala de Requisição.- Repetiu Harry. - Você estava tentando entrar lá?

- Eu... Bem... Eu não sabia que os alunos sabiam sobre...

- Nem todos sabem.- Disse Harry. - Mas o que aconteceu? Você gritou! Soou como se você estivesse machucada...

- Bem... Eu...- Disse Professora Trelawney, tirando seu xale e olhando para ele como seus vastos e magníficos olhos. - Eu queria... Ah... Colocar certos... Hum... Itens pessoais na Sala...- E ela murmurou algo como "desagradáveis acusações".

- Certo.- Disse Harry, olhando para as garrafas de vinho logo abaixo. - Mas você não conseguiu entrar e escondê-las?

Ele achou isso muito estranho. A sala abriu pra ele, quando ele quis esconder o livro do Príncipe Mestiço.

- Oh, eu entrei sim.- Disse Professora Trelawney, encarando a parede. - Mas já havia alguém lá dentro.

- Alguém lá...? Quem?- Perguntou Harry. - Quem estava lá dentro?

- Não tenho nem idéia.- Disse a professora, estranhando a urgência na voz de Harry. - Eu entrei na sala e ouvi vozes, o que nunca tinha acontecido em todos os meus anos de esconder... De usar a sala, digo eu.

- Uma voz? Dizendo o quê?

- Eu não sei, não estava falando nada.- Disse Trelawney. - Estava... Gritando!

- Gritando?

- Alegremente.- Ela disse, balançando a cabeça afirmativamente.

Harry a encarou.

- Era homem ou mulher?

- Eu diria que era um homem.- Disse a professora.

- E parecia feliz?

- Muito feliz.- Disse Trelawney desdenhosamente.

- Como se estivesse celebrando?

- Definitivamente.

- E então...?

- E então eu disse "Quem está aí?"

- Você não poderia ter descoberto quem era sem perguntar?- Perguntou Harry, meio frustrado.

- A visão interior.- Disse a professora com dignidade, esticando seu xale e vários cordões de contas brilhantes. - Está fixada sobre coisas além do mundano campo das alegres vozes.

- Certo.- Disse Harry de forma hostil. Ele ouvira falar da visão interior da professora com muita freqüência antes. - E a voz disse quem estava lá?

- Não, não disse.- Falou a professora. - Tudo escureceu e logo em seguida eu estava sendo arremessada de ponta cabeça para fora da sala!

- E você não previu isso?- Disse Harry, sem conseguir se conter.

- Não, eu não previ, como eu disse, estava escuro.- Ela parou e fixou os olhos nele suspeitamente.

- Eu acho que você deve contar ao Professor Dumbledore.- Disse Harry. - Ele deve saber que Malfoy está celebrando, quer dizer, que alguém jogou você para fora da sala.

Para sua surpresa, a Professora Trelawney o olhou de forma arrogante depois dessa sugestão.

- O diretor disse que ele prefere receber menos visitas minhas.- Disse ela, friamente. - Eu não vou pressionar a minha companhia sobre aqueles que não a valorizam. Se Dumbledore escolhe ignorar os avisos que as cartas mostram...

Sua mão ossuda se fechou de repente em torno do pulso de Harry.

- De novo e mais uma vez, não importa como eu as tire.- E ela puxou uma carta dramaticamente de dentro de seu xale. - A brilhante torre.- Ela sussurrou. - Calamidade. Desastre. Vindo mais perto todo o tempo...

- Certo.- Disse Harry novamente. - Bem... Eu ainda acho que você deve contar ao Dumbledore sobre essa voz e sobre tudo ter escurecido e você ter sido jogada pra fora da sala...

- Você acha?- A professora parecia estar considerando o assunto por um instante, mas Harry podia dizer que ela gostou da idéia de recontar sua pequena aventura.

- Eu estava indo vê-lo agora.- Disse Harry. Eu tenho uma reunião com ele. Nós podemos ir juntos.

- Bom, neste caso.- Disse a professora com um sorriso. Ela se abaixou, pegou suas garrafas de vinho e as jogou sem cerimônia num grande vaso azul e branco que ficava em um vão ali perto.

- Eu sinto falta de lhe ter nas minhas aulas, Harry.- Disse ela de modo nobre, quando eles começaram a andar juntos. - Você não tinha muito talento como vidente... Mas era um maravilhoso Objeto...- Harry não respondeu. Ele tinha odiado ser o objeto de predição de futuro da professora. - Eu acho que...- Ela continuou. - ...Que o cavalo, quer dizer, o centauro, não sabe nada de cartomancia. Eu perguntei pra ele, de um vidente para outro, se ele não estava sentindo a vibração de catástrofes chegando também? Mas ele pareceu me achar quase cômica. Sim, cômica.- Sua voz soou meio histérica e Harry sentiu um poderoso bafo de vinho, mesmo com as garrafas de vinho tendo ficado para trás. - Talvez o cavalo tenha ouvido que eu não herdei o dom da minha tetravó. Esses rumores têm sido espalhados pelos invejosos por muitos anos. Você sabe o que eu digo pra esse tipo de pessoa, Harry? Dumbledore teria me deixado ensinar nessa maravilhosa escola, colocado tanta confiança em mim todos esses anos, se eu não tivesse provado pra ele?

Harry resmungou algo indistinto.

- Eu bem me lembro da minha primeira entrevista com o Dumbledore.- Continuou a Professora Trelawney, em um tom gutural. - Ele estava profundamente impressionado, claro, profundamente impressionado... Eu estava hospedada no Cabeça de Javali, que, aliás, eu não recomendo. Insetos na cama, querido, Mas os fundos estavam baixos. Dumbledore fez a cortesia de me chamar no meu quarto da hospedaria. Ele me perguntou... Eu devo confessar que no começo ele parecia desconfiado com relação à Adivinhação... Eu lembro que eu estava começando a me sentir mal, não tinha comido nada naquele dia... Mas então...

E agora Harry estava prestando atenção, provavelmente pela primeira vez, porque ele sabia o que tinha acontecido então: a professora tinha feito a profecia que alterou todo o curso da vida dele, a profecia sobre ele e Voldemort.

- Mas então nós fomos bruscamente interrompidos por Severo Snape!

- O quê?!

- Sim, havia um barulho lá fora e então a porta abriu, e lá estava aquele estranho barman parado com Snape, que estava dizendo que tinha subido pelo lado errado, apesar de que eu acho que ele estava pretendendo escutar a minha entrevista com Dumbledore. Veja, ele mesmo estava procurando um emprego naquele momento, e sem dúvidas esperava pegar algumas dicas! Bom, depois disso, sabe, Dumbledore pareceu muito mais disposto para me dar o emprego, e eu não consegui evitar de pensar, Harry, que isso aconteceu porque ele apreciou o rígido contraste entre os meus modestos modos e absoluto talento, comparado com o impulsivo jovem que estava pronto para ouvir pelo buraco da fechadura. Harry, querido?

Ela olhou pra trás, só percebendo agora que Harry não estava mais com ela; ele tinha parado de andar e eles estavam agora a 10 passos um do outro.

- Harry?- Ela repetiu, incerta.

Talvez o rosto dele estivesse branco, para fazer com que ela parecesse tão preocupada e assustada. Harry estava parado, chocado, apagando tudo menos a informação que tinha sido escondida dele por tanto tempo... Foi Snape quem ouviu a profecia. Foi Snape quem levou as notícias da profecia para Voldemort. Snape e Pedro Pettigrew mandaram, juntos, Voldemort perseguir Lílian, Tiago e seu filho... Nada mais importava para Harry agora.

- Harry?- Disse a professora mais uma vez. - Harry, eu achei que nós iríamos ver o diretor juntos.

- Você fica aqui.- Disse Harry através de seus lábios paralisados.

- Mas, querido... Eu ia contar a ele como eu fui atacada na Sala...

- Você fica aqui!- Repetiu Harry bravo.

Ela pareceu preocupada quando ele passou por ela, virou o canto rumo ao corredor onde ficava a gárgula que permitia a entrada no escritório de Dumbledore. Harry gritou a senha e subiu correndo a escada espiral, três degraus por vez. Ele espancou a porta, ou invés de bater. E a calma voz respondeu "entre" depois que Harry já tinha se arremessado pra dentro da sala. Fawkes, a fênix olhou em volta, seus brilhantes olhos pretos vislumbrando o pôr do sol pela da janela. Dumbledore estava próximo à janela olhando para os terrenos com uma capa preta de viagem em seus braços.

- Bom, Harry, eu prometi que você poderia vir comigo.

Por um momento, ou dois, Harry não entendeu. A conversa com Trelawney tinha tirado todo o resto de sua cabeça e seu cérebro parecia se mover de forma bem devagar.

- Ir... Com você?

- Claro que somente se você quiser...

- Se eu...

E então Harry lembrou porque tinha sido chamado, a princípio, para ir ao escritório de Dumbledore.

- Você achou um? Você achou um Horcrux?

- Acredito que sim.

Raiva e ressentimento começaram a lutar contra o choque e empolgação. Por alguns momentos, Harry não conseguiu falar.

- É natural sentir medo.- Disse Dumbledore.

- Eu não estou com medo!- Disse Harry de uma vez, e era perfeitamente verdade. Medo era uma emoção que ele não estava sentindo. - Qual Horcrux é? Onde está?

- Eu não tenho certeza de qual é, apesar de que acho que podemos esquecer a cobra, mas eu acredito que está escondido numa caverna a milhares de quilômetros daqui, uma caverna que eu venho tentando localizar por muito tempo: a caverna em que Tom Riddle uma vez aterrorizou duas crianças em uma das viagens anuais de seu orfanato, você se lembra?

- Sim.- Disse Harry. - Como está protegido?

- Eu não sei. Eu tenho algumas suspeitas que podem estar completamente erradas.- Disse Dumbledore hesitante, e então disse. - Harry eu prometi que você poderia vir comigo e eu mantenho essa promessa, mas seria muito errado da minha parte não o alertar para o fato de que será extremamente perigoso.

- Eu vou.- Disse Harry, antes mesmo de Dumbledore terminar de falar. Espumando de raiva de Snape, seu desejo de fazer algo desesperador e arriscado tinha aumentado dez vezes nos últimos minutos. Aparentemente isso tinha transparecido no rosto de

Harry, porque Dumbledore se afastou da janela, e olhou mais de perto para Harry, uma pequena ruga surgindo entre suas sobrancelhas prateadas.

- O que aconteceu com você?

- Nada.- Mentiu Harry prontamente.

- O que te chateou?

- Eu não estou chateado.

- Harry, você nunca foi um bom oclumente.

Essa palavra inflamou a fúria de Harry.

- Snape!- Disse Harry, muito alto, e Fawkes deu um suave grasno atrás deles. - Snape, foi o que aconteceu! Foi ele quem contou para Voldemort sobre a profecia, foi ele, ele ouviu por fora da porta, Trelawney me contou!

A expressão de Dumbledore não mudou, mas Harry percebeu que seu rosto empalideceu, por baixo do reflexo do sol que estava sumindo. Por um longo momento Dumbledore não falou nada.

- Quando você descobriu isso?- Ele perguntou, finalmente.

- Agora!- Disse Harry que estava se impedindo de gritar com grande dificuldade. E então, de repente, ele não conseguiu se conter. - E VOCÊ O DEIXOU ENSINAR AQUI, E ELE DISSE PARA VOLDEMORT IR ATRÁS DE MINHA MÃE E MEU PAI!

Respirando com dificuldade como se tivesse lutado, Harry deu as costas para Dumbledore, que até então não tinha movido um músculo, e passeou pela sala, esfregando os nós de seus dedos e se contendo para não sair quebrando todas as coisas. Ele queria berrar com Dumbledore, mas ao mesmo tempo ele queria ir com ele e tentar destruir o Horcrux; ele queria dizer que Dumbledore era um velho idiota por confiar em Snape, mas estava com medo de que Dumbledore não o levasse se não controlasse sua raiva...

- Harry.- Disse Dumbledore calmamente. - Por favor, me escute.

Foi difícil controlar seus nervos para não começar a gritar. Harry parou, mordeu seus lábios e olhou para o rosto de Dumbledore.

- O professor Snape cometeu um terrível...

- Não me diga que foi um engano, senhor, ele estava ouvindo através da porta!

- Por favor, deixe-me terminar.- Dumbledore esperou que Harry acenasse e então continuou. - Snape cometeu um terrível erro. Ele ainda era um empregado de Lord Voldemort na noite em que ele ouviu metade da profecia da professora. Naturalmente, ele correu para contar ao seu mestre o que tinha ouvido, porque isso muito o interessava. Mas ele não sabia, ele não tinha como saber, qual garoto Voldemort iria perseguir dali em diante, ou que os pais que ele destruiria em sua saga assassina eram pessoas que ele, Snape, conhecia; que eles eram seus pais.

Harry deixou escapar uma risada melancólica.

- Ele odiava meu pai como odiava Sirius! Você não notou, Professor, como as pessoas que Snape odeia tendem a acabar morrendo?

- Você não tem idéia do remorso que Snape sentiu quando ele percebeu como Voldemort tinha interpretado a profecia, Harry. Eu acredito que tenha sido o maior arrependimento da vida dele e razão que fez com que ele voltasse...

- Mas ele é um ótimo oclumente, não é senhor?- Disse Harry, cuja voz estava tremendo com o esforço para mantê-la calma. - E Voldemort não estava convencido de que Snape estava do lado dele, mesmo agora? Professor... Como você pode ter certeza de que Snape está do nosso lado?

Dumbledore não falou nada por um instante. Ele parecia estar tentando organizar sua mente sobre alguma coisa. Enfim ele disse.

- Eu tenho certeza. Eu confio completamente em Severo Snape.

Harry respirou profundamente por alguns instantes enquanto se esforçava para acalmar a si mesmo. Mas não funcionou.

- Bom, mas eu não!- Disse ele tão alto quanto antes. - Ele está tramando algo com Malfoy agora, bem debaixo de seu nariz, e você ainda...

- Nós já discutimos isso, Harry.- Disse Dumbledore e agora ele parecia severo novamente. - Eu já te contei minha visão.

- Você vai deixar a escola hoje à noite e eu aposto que você nem considerou que Snape e Malfoy podem decidir...

- Fazer o quê?- Perguntou Dumbledore, com suas sobrancelhas levantadas. - O que você acha que eles estão fazendo, precisamente?

- Eu... Eles estão aprontando alguma coisa!- Disse Harry e ele cerrou os punhos enquanto falava. - A Professora Trelawney estava na Sala de Requisição, tentando esconder suas garrafas de vinho quando ouviu Malfoy comemorando, celebrando! Ele estava tentando fazer algo perigoso lá dentro, e se você me perguntar, ele conseguiu e você está prestes a sair da escola sem...

- Chega.- Disse Dumbledore. Ele disse isso calmamente, mas mesmo assim Harry finalmente se calou. Ele sabia que tinha cruzado uma linha invisível. - Você acha que alguma vez eu deixei a escola desprotegida durante minhas ausências esse ano? Não deixei. Esta noite, quando eu sair, haverá novamente proteção adicional por aqui. Por favor, não sugira que eu não levo a sério à segurança de meus alunos, Harry.

- Eu não...- Murmurou Harry, um pouco envergonhado, mas Dumbledore o interrompeu.

- Eu não quero mais discutir esse assunto.

Harry reprimiu sua resposta, com medo de ter ido longe demais, e com isso ter arruinado sua chance de acompanhar Dumbledore, mas este continuou.

- Você gostaria de ir comigo hoje?

- Sim.- Disse Harry de uma vez.

- Muito bem, então escute!

Dumbledore se levantou por completo.

- Eu te levo comigo com uma condição: que você obedeça qualquer ordem que eu dê, sem questionar.

- Claro.

- Tenha certeza de que me entendeu, Harry. Eu estou dizendo que você deve obedecer até mesmo ordens como "corra", "se esconda" ou "volte". Eu tenho sua palavra?

- Eu... Sim, claro.

- Se eu falar para você se esconder, você se esconderá?

- Sim.

- Se eu falar pra você se esconder, você irá obedecer?

- Sim.

- Se eu falar para me deixar, e se salvar, você fará o que eu estarei dizendo?

- Eu...

- Harry?

Eles se olharam por um momento.

- Sim senhor.

- Muito bem. Então eu quero que você vá, pegue sua capa e me encontre no Saguão de Entrada em cinco minutos.

Dumbledore se virou e olhou para fora da flamejante janela. O sol agora estava vermelho no horizonte. Harry saiu rapidamente do escritório e desceu a escada espiral. Sua mente estava estranhamente clara. Ele sabia o que fazer. Rony e Hermione estavam sentados juntos na sala comunal quando ele voltou.

- O que Dumbledore queria?– Hermione disse de uma vez. - Harry, você está bem?- Ela acrescentou ansiosa.

- Eu estou bem.- Disse Harry, passando rapidamente por eles. Ele subiu a escada e entrou no dormitório, abriu seu malão e tirou o Mapa do Maroto e um par de meias enroladas. Então ele se apressou a descer as escadas até a sala comunal, derrapando até o lugar onde Rony e Hermione estavam sentados, parecendo atordoados. - Eu não tenho muito tempo.- Ofegou Harry. - Dumbledore pensa que eu estou pegando minha Capa da Invisibilidade. Escutem...

Rapidamente ele contou aos dois onde estava indo e porquê. Não parou nem mesmo quando Hermione pareceu horrorizada ou quando Rony fez algumas perguntas; eles podiam adivinhar os detalhes por conta própria, depois.

- ...Então vocês entendem o que isto significa?- Harry terminou de uma vez. - Dumbledore não estará aqui esta noite, então Malfoy terá campo livre para o que quer que seja que ele está tramando. Não, me escutem!- Ele disse bravo, quando Rony e Hermione deram sinais de que iam interromper. - Eu sei que era Malfoy celebrando na Sala de Requisição. Aqui.- Ele jogou o Mapa do Maroto nas mãos de Hermione. - Vocês tem que vigiar ele e Snape também. Usem qualquer pessoa que vocês conseguirem da AD também. Hermione, aqueles galeões que usávamos para contanto ainda funcionam, certo? Dumbledore disse que ele colocou proteção extra na escola, mas se Snape estiver envolvido, ele saberá que proteção é essa e como evitá-la. Mas ele não estará esperando que vocês o estejam vigiando, estará?

- Harry.- Começou Hermione, seus olhos cheios de medo.

- Não tenho tempo para argumentar.- Disse Harry brevemente. - Peguem isso também.- Ele jogou a meia nas mãos de Rony.

- Obrigado.- Disse Rony. - Hum... Porque eu preciso de meias?

- Você vai precisar do que está dentro delas, é Felix Felicis. Dividam entre vocês e Gina. Digam "tchau" a ela por mim. Eu preciso ir, Dumbledore está me esperando.

- Não!- Disse Hermione enquanto Rony desenrolava a pequena garrafa com a poção, olhando intimidado. - Nós não queremos, leve você, pois você, o que você estará encarando?

- Eu ficarei bem, estarei com Dumbledore.- Disse Harry. - Eu quero saber que vocês estarão bem... Não olhe assim, Hermione. Vejo vocês depois.

E então ele correu para a saída do salão comunal rumo ao Saguão de Entrada. Dumbledore estava esperando ao lado da porta da frente. Ele se virou enquanto Harry vinha deslizando no degrau mais alto, ofegando alto e sentindo pontadas em um dos lados do corpo.

- Eu gostaria que você vestisse sua capa, por favor.- Disse Dumbledore, e esperou que Harry tivesse jogado a capa em si antes de dizer: - Muito bem, vamos, então?

Dumbledore desceu os degraus de pedra, sua capa de viagem balançando no ar de verão. Harry se apressou para ficar ao lado dele, debaixo da capa da invisibilidade, ainda ofegando e suando muito.

- Mas o que as pessoas pensarão quando virem o senhor saindo, Professor?- Harry perguntou, pensando em Malfoy e Snape.

- Que eu fui até Hogsmeade, beber.- Disse Dumbledore. - Algumas vezes eu sou cliente de Rosmerta ou visito o Cabeça de Javali... É uma boa maneira de disfarçar meu verdadeiro destino.

Eles seguiram o caminho na passagem no crescente crepúsculo. O ar estava cheio de cheiro de grama quente, água do lago e fumaça de madeira vinda da cabana de Hagrid. Era difícil acreditar que eles estavam indo para algo perigoso e assustador.

- Professor.- Disse Harry calmamente, enquanto os portões apareciam no final do caminho. - Nós vamos aparatar?

- Sim.- Disse Dumbledore. - Você consegue aparatar agora, não?

- Sim.- Disse Harry. - Mas eu não tenho a licença.

Ele sentiu que era melhor ser honesto. E se ele estragasse tudo aparecendo a 100 metros de onde ele deveria aparecer?

- Não tem problema.- Disse Dumbledore. - Eu posso te ajudar novamente.

Eles saíram e entraram no deserto caminho para Hogsmeade. A escuridão aumentava rápido, e até eles atingirem a estrada à noite já tinha finalmente caído. Luzes brilhavam nas janelas das lojas, e quando se aproximaram do Três Vassouras eles ouviram um berro rouco.

- ...E permaneça aí fora!- Gritou Madame Rosmerta, jogando para fora um bruxo com aparência suja. - Oh, olá, Alvo... Você saindo tão tarde...

- Boa noite, Rosmerta, boa noite... Me perdoe, eu estou indo ao Cabeça de Javali... Não se ofenda, mas eu prefiro uma atmosfera mais quieta hoje...

Um minuto depois eles estavam virando a esquina, para o lado onde ficava o Cabeça de Javali, mas não havia nenhum barulho. Contrastando com o Três Vassouras, o pub parecia estar completamente vazio.

- Não vai ser necessário entrar.- Murmurou Dumbledore, olhando em volta. - Contando que ninguém nos veja... Agora coloque sua mão em cima do meu braço, Harry. Não tem necessidade de se agarrar com muita força, eu estarei simplesmente te guiando. No três. Um... Dois... Três...

Harry girou. De uma vez, veio aquela horrível sensação de que ele estava sendo espremido em um fino tubo. Ele mal podia respirar, todo o corpo dele estava sendo comprimido, quase ultrapassando o tolerável e então, justamente quando ele pensou que estava sufocando, as fitas invisíveis pareceram abrir, e ele estava parado na gelada escuridão, respirando ar fresco e salgado.

= = = =

- Você con-conseguiu!- Disse Harry rangendo os dentes, mas antes que as palavras tivessem saído de sua boca a linha tinha desaparecido, deixando a pedra plana e sólida como antes. Dumbledore olhou ao redor.

- Harry, me desculpe, eu esqueci.- Ele falou; ele apontou a varinha para Harry e imediatamente suas roupas ficaram quentes e secas como se tivessem sido penduradas em frente a chamas de fogo.

- Obrigado.- Disse Harry agradecido, mas Dumbledore tinha voltado sua atenção para a parede sólida da caverna. Ele não tentou fazer mais mágica, mas ficou em pé olhando para ela intensamente, como se algo extremamente interessante estivesse escrito nela. Harry permaneceu quieto; ele não queria quebrar a concentração de Dumbledore. Então, depois de dois sólidos minutos, Dumbledore falou baixo.

- Ah, certamente não. Tão deselegante.

- O que é, Professor?

- Eu penso.- Disse Dumbledore, colocando sua mão normal dentro da roupa e pegando uma curta faca de prata do tipo que Harry usava para cortar os ingredientes de poções. - Que precisamos pagar para passar.

- Pagar?- Disse Harry. - Você tem que dar algo para a porta?

- Sim.- Disse Dumbledore. - Sangue, se não me engano.

- Sangue?

- Falei que era deselegante.- Disse Dumbledore, que soava desdenhoso, até desapontado, como se Voldemort não chegasse mais ao nível que Dumbledore esperava. - A idéia, como tenho certeza de que Voldemort pensava, era que seu inimigo tivesse que se enfraquecer para entrar. De novo, Lord Voldemort falhou em descobrir que há coisas piores que dores físicas.

- Sim, mas ainda, se você pode evitá-las...- Disse Harry, que tinha experimentado dor o suficiente para não querer mais.

- Às vezes, porém, é inevitável...- Disse Dumbledore, puxando a manga da roupa e expondo o antebraço da mão machucada.

- Professor!- Protestou Harry, correndo para ele enquanto Dumbledore levantava a faca. - Eu o faço. Eu sou...– Ele não sabia o que dizer. "Mais jovem", "mais saudável"?

Mas Dumbledore meramente sorriu. Houve um brilho de prata e um jorrar de vermelho; a pedra foi coberta com gotas escuras e brilhantes.

- Você é muito gentil, Harry.- Disse Dumbledore, agora passando a ponta de sua varinha em cima do corte profundo que ele fez no próprio braço, de modo que se fechou imediatamente, assim como Snape fez com Malfoy. - Mas seu sangue vale mais do que o meu. Ah, parece que funcionou, não?- A linha cinza de um arco apareceu na parede de novo, mas dessa vez ela não desapareceu: A rocha molhada de sangue do lado de dentro simplesmente desapareceu, deixando um espaço aberto para o que parecia uma total escuridão. - Depois de mim, eu acho.- Disse Dumbledore, enquanto andava pela passagem com Harry atrás, iluminando sua varinha rapidamente enquanto avançavam.

Uma estranha luz encontrou os olhos deles: Eles estavam no canto de um grande lago preto, tão vasto que Harry não podia enxergar o lado oposto, numa caverna tão alta que o teto também era impossível de se ver. Uma luz verde brilhava longe no que parecia ser o centro do lago; estava refletida na água parada abaixo. O brilho esverdeado e a luz das duas varinhas eram as únicas coisas que quebravam a completa escuridão, apesar de que seus raios não penetravam tão longe como Harry esperara. A escuridão era de alguma maneira mais densa que o normal.

- Vamos indo.- Disse Dumbledore calmamente. - Tenha cuidado para não pisar na água. Fique perto de mim.- Ele começou a andar ao redor do lago, e Harry o seguiu de perto. Seus passos ecoavam, fazendo sons na estreita rocha que rodeava a água. Eles andaram e andaram, mas a visão não mudava: de um lado, a parede da caverna, do outro, a aparentemente infinita escuridão, no meio da qual havia o brilho esverdeado. Harry achou o lugar e o silêncio opressivos, enervantes.

- Professor?- Ele disse finalmente. - Você acha que o Horcrux está aqui?

- Ah, sim.- Disse Dumbledore. - Sim, eu tenho certeza que está. A questão é, como nós o pegaremos?

- Nós não poderíamos... Não poderíamos tentar um feitiço Convocatório?- Harry perguntou, certo de que era uma pergunta estúpida. Mas ele queria sair daquele lugar o mais rápido possível.

- Certamente nós poderíamos.- Disse Dumbledore, parando tão repentinamente que Harry quase bateu nele. - Por que você não tenta?

- Eu? Ah... Tá...- Harry não esperava por isso, mas clareou a garganta e disse em voz alta, varinha para cima. - Accio Horcrux!

Com um barulho de uma explosão, algo muito grande e pálido saiu da água escura a uns 5 metros deles; antes que Harry pudesse ver o que era, tinha desaparecido de novo num grande mergulho que fez grandes ondas na água. Harry andou para trás em choque e bateu na parede; seu coração ainda estava em um ritmo acelerado quando se virou para Dumbledore.

- O que era aquilo?

- Algo, eu acho, que estava programado para responder se tentássemos pegar o Horcrux.

Harry olhou de volta para a água. A superfície do lago estava novamente como um vidro preto e brilhante: as ondas sumiram rapidamente; o coração de Harry, porém, ainda corria.

- Você sabia que aquilo ia acontecer, senhor?

- Eu sabia que alguma coisa ia acontecer se fizéssemos uma tentativa óbvia de por as mãos no Horcrux. Foi uma excelente idéia, Harry; a maneira mais simples de descobrir o que estamos enfrentando.

- Mas nós não sabemos o que era aquela coisa.- Disse Harry, olhando para a água sinistramente calma.

- O que aquelas coisas são, você quer dizer.- Corrigiu Dumbledore. - Eu duvido que tenha apenas uma delas. Vamos continuar?

- Professor?

- Sim, Harry.

- Você acha que vamos ter que entrar no lago?

- Dentro dele? Só se tivermos muito azar.

- Você não acha que o Horcrux está no fundo?

- Ah não... Eu acho que o Horcrux está no meio.- E Dumbledore apontou para a luz verde no centro do lago.

- Então nós teremos que cruzar o lago para pegá-lo?

- Sim, eu acho que sim.- Harry não falou mais nada. Seus pensamentos estavam em monstros marinhos, serpentes gigantes, Kappas, e espíritos... - Ahá.- Fez Dumbledore, e ele parou novamente; dessa vez, Harry realmente bateu nele; por um momento ele quase caiu na água e a mão inteira de Dumbledore se fechou no seu braço puxando-o de volta. - Desculpe-me Harry, eu devia ter avisado. Para trás, por favor; eu acho que encontrei o lugar.

Harry não fazia idéia do que Dumbledore queria dizer; esse pedaço de escuridão era exatamente igual a todos os outros para ele, mas Dumbledore parecia ter detectado algo especial. Dessa vez sua mão não estava na parede, mas levantada para frente, tocando o ar, como se estivesse esperando encontrar algo invisível.

- Oba!- Disse Dumbledore feliz, segundos depois. Sua mão se fechou no ar sobre algo que Harry não podia ver. Dumbledore se moveu para mais próximo da água; Harry olhava nervoso enquanto as pontas dos sapatos de Dumbledore chegavam perto da água. Mantendo sua mão apertando no ar, Dumbledore levantou a varinha com a outra e encostou seu punho com a ponta.

Imediatamente uma grossa corrente verde de cobre apareceu, estendendo-se das profundezas das águas até a mão de Dumbledore. Dumbledore encostou de novo na corrente, que começou a correr pelo seu punho como uma cobra, se amontoando no chão com um barulho metálico que ecoava nas pedras, puxando algo da água escura. Harry se engasgou quando viu a proa do pequeno barco aparecer na superfície, brilhando verde como a corrente, e flutuando levemente para o ponto da margem onde estavam Harry e Dumbledore.

- Como você sabia que estava lá?- Harry perguntou surpreso.

- Mágica sempre deixa traços.- Disse Dumbledore, enquanto o barco atingia a borda com uma leve batida. - Às vezes muito distintos. Eu ensinei Tom Riddle. Eu conheço seu estilo.

- Esse... Esse barco é seguro?

- Ah... Sim, eu acho que sim. Voldemort precisava criar uma maneira de cruzar o lago sem chamar a atenção daquelas criaturas que colocou nele no caso de querer visitar ou remover seu Horcrux.

- Então as coisas na água não vão fazer nada se o cruzarmos no barco de Voldemort?

- Eu acho que precisamos aceitar o fato que elas vão, em algum momento, perceber que não somos Lord Voldemort. Até agora, porém, temos nos saído bem. Elas nos permitiram pegar o barco.

- Mas por que elas deixaram?- Perguntou Harry, que não podia livrar-se da imagem de tentáculos saindo da água negra no momento em que eles se afastassem da margem.

- Voldemort seria razoavelmente confiante de que ninguém, exceto um grande mago, poderia achar o barco.- Disse Dumbledore. - Eu acho que ele estaria preparado para arriscar o que era, na cabeça dele, a improvável possibilidade de que alguém o encontraria, sabendo que ele colocou outros obstáculos à frente que somente ele poderia penetrar. Veremos se ele estava certo.

Harry olhou para o barco. Era realmente pequeno.

- Não parece como se tivesse sido feito para duas pessoas. Será que vai nos agüentar? Será que nós não seremos muito pesados juntos?

Dumbledore riu.

- Voldemort não se importava com o peso, mas com a quantidade de poder mágico que cruzasse o lago. Eu prefiro pensar que um encantamento foi colocado no barco de modo que somente um bruxo por vez poderia navegar nele.

- Mas então...?

- Eu não acho que você conte, Harry: você é menor de idade e desqualificado. Voldemort nunca esperaria que um garoto de dezesseis anos alcançasse esse lugar: eu acho improvável que seus poderes sejam contados se comparados aos meus.- Essas palavras não ajudaram para levantar a moral de Harry; talvez Dumbledore tivesse percebido, pois continuou. - Um erro de Voldemort, Harry, um erro de Voldemort... Idade é tola e ignorável quando se subestima a juventude... Agora, você primeiro e cuidado para não encostar na água.- Dumbledore ficou de lado e Harry entrou com cuidado no barco. Dumbledore entrou também, largando a corrente no chão. Eles se apertaram juntos; Harry não podia se sentar confortavelmente, mas agachou-se, seus joelhos juntos no canto do barco, que começou a se mover imediatamente. Não havia som além do assovio da proa mexendo na água; movia-se sem a ajuda deles, como se uma corda invisível estivesse o puxando para a luz no centro. Logo eles não puderam mais ver as paredes da caverna; eles poderiam estar no meio do oceano, exceto pelo fato de não haver ondas.

Harry olhou para baixo e viu o reflexo dourado da luz de sua varinha na superfície preta da água enquanto passavam. O barco estava fazendo profundas ondas na superfície lisa do lago... E então Harry a viu, branca como mármore, flutuando centímetros abaixo da superfície.

- Professor!- Ele chamou, e sua voz assustada ecoou alta sobre a água silenciosa.

- Harry?

- Eu acho que vi algo na água. Uma mão humana!

- Sim, eu tenho certeza que você viu.- Disse Dumbledore calmamente.

Harry olhou para a água, procurando pela mão que sumiu, e um sentimento doentio apareceu na sua garganta.

- Então aquela coisa que pulou da água...?- Mas Harry sabia a resposta antes que Dumbledore respondesse; a luz da varinha passou por um espaço d'água e o mostrou, dessa vez, um homem morto deitado virado para cima centímetros abaixo da superfície, seus olhos abertos escondidos como que por teias, seus cabelos e roupas se mexendo a seu redor como fumaça. - Tem corpos aqui!- Disse Harry, e sua voz soava muito mais alta que o normal, e diferente da dele.

- Sim.- Disse Dumbledore. - Mas nós não precisamos nos preocupar com eles agora.

- Agora?- Harry repetiu, tirando os olhos da água para olhar Dumbledore.

- Não enquanto estão meramente flutuando pacificamente aí embaixo.- Disse Dumbledore. - Não há nada que se temer de um corpo, Harry, não mais do que se a de temer da escuridão. Lord Voldemort, que obviamente temia os dois, discorda. Mas novamente ele mostra sua falta de sabedoria. É o desconhecido que tememos quando vemos morte e escuridão, nada mais.- Harry

não disse nada; ele não queria discutir, mas achou a idéia de que havia corpos horrível e, pior, ele não acreditou que eles não eram perigosos.

- Mas um deles pulou.- Ele falou, tentando fazer sua voz tão calma e baixa como a de Dumbledore. - Quando eu tentei convocar o Horcrux, um corpo pulou do lago.

- Sim.- Disse Dumbledore. - Eu tenho certeza de que uma vez que peguemos o Horcrux, nós vamos achá-los menos pacíficos. Porém, como várias criaturas que vivem no frio e na escuridão, eles temem a luz e o calor, os quais devemos chamar para nos ajudar se tivermos necessidade. Fogo, Harry.- Dumbledore completou com um sorriso, respondendo à expressão de dúvida de Harry.

Ah... Certo...- Disse Harry rapidamente. Ele virou sua cabeça para olhar o brilho verde no qual o barco continuava a se movimentar. Ele não podia mais fingir que não estava assustado. O grande lago negro, junto com os mortos... Pareciam que fora há horas e horas atrás que ele tinha encontrado a Professora Trelawney, que ele tinha dado o Felix Felicis para Rony e Hermione... Ele de repente queria ter se despedido melhor deles... E ele nem viu Gina...

- Quase lá.- Disse Dumbledore feliz. Certamente a luz verde parecia estar crescendo, finalmente, e em minutos o barco parou, batendo gentilmente no que Harry não podia ver de primeira, mas quando levantou sua varinha iluminada viu que chegaram a uma pequena ilha de pedras no centro do lago. - Cuidado para não tocar na água.- Disse Dumbledore novamente enquanto Harry saía do barco.

A ilha não era maior que o escritório de Dumbledore, um amontoado de pedras pretas lisas nas quais não havia nada, exceto a fonte daquela luz verde, que parecia muito mais clara se vista de perto. Harry piscou para ela; no começo, ele achou que fosse um tipo de lâmpada, mas então ele viu que a luz vinha de uma bacia de pedra como a penseira, que estava no topo de um pedestal. Dumbledore aproximou a bacia e Harry o seguiu. Lado a lado, eles a olharam. A bacia estava cheia de um líquido esmeralda que emitia aquele brilho fosforescente.

- O que é isso?- Harry perguntou, baixo.

- Não tenho certeza.- Disse Dumbledore. - Porém, é algo mais temível que sangue e corpos.- Dumbledore puxou a manga de sua roupa que estava sobre a mão escurecida e levou as pontas de seus dedos queimados na direção na superfície da poção.

- Senhor, não, não toque!

- Eu não posso tocá-la.- Disse Dumbledore, sorrindo vagamente. - Está vendo? Eu não posso me aproximar mais do que isso. Tente!

Observando, Harry pôs sua mão na bacia e tentou tocar na poção. Ele encontrou uma barreira invisível que o prevenia de chegar a dois centímetros dela. Não importando quão forte ele empurrasse, seus dedos só encontravam ar sólido e flexível.

- Fora do caminho, por favor, Harry.- Disse Dumbledore. Ele ergueu a varinha e fez complicados movimentos sobre a superfície da poção, murmurando sem fazer sons. Nada aconteceu, exceto talvez que a poção tenha ficado mais clara. Harry permaneceu silencioso enquanto Dumbledore trabalhava, mas depois de um tempo Dumbledore guardou a varinha, e Harry achou seguro voltar a falar.

- Você acha que o Horcrux está aí, senhor?

- Ah, sim.- Dumbledore olhou mais próximo da bacia. Harry viu seu rosto refletido, de cabeça para baixo, na lisa superfície da poção verde. - Mas como alcançá-la? Essa poção não pode ser tocada por mãos, não pode desaparecer, separar-se, despejar-se ou acabar, nem pode ser transfigurada, encantada ou de alguma forma mudar sua natureza.- Quase que inconscientemente, Dumbledore ergueu a varinha novamente, girou-a no ar, e depois pegou a taça de cristal que conjurou do nada. - Eu só posso concluir que essa poção deve ser bebida.

- O que?- Disse Harry. - Não!

- Sim, eu acho que deve: Somente bebendo-a eu posso esvaziar a bacia para ver o que está no fundo dela.

- Mas e se... E se ela te matar?

- Ah, eu duvido que ela funcione assim.- Disse Dumbledore calmamente. - Lord Voldemort não iria querer matar quem alcançasse essa ilha.- Harry não podia acreditar. Era essa mais uma parte maluca da idéia de Dumbledore de ver o lado bom em todos?

- Senhor.- Disse Harry, tentando manter sua voz normal. - Senhor, é de Voldemort que estamos...

- Me desculpe, Harry; eu devia ter dito, ele não iria querer matar imediatamente a pessoa que chegasse a essa ilha.- Dumbledore se corrigiu. - Ele iria querer mantê-la viva tempo o suficiente para descobrir como ela conseguiu penetrar tão longe em suas defesas e, o mais importante de tudo, por que ela estaria tão interessada em esvaziar a bacia. Não se esqueça de que Voldemort pensa que somente ele sabe sobre seus Horcruxes.

Harry tentou falar novamente, mas dessa vez Dumbledore levantou a mão pedindo silêncio, observando o liquido esmeralda, evidentemente pensando.

- Sem dúvida.- Ele falou, finalmente. - Essa poção deve agir de modo a me prevenir de pegar o Horcrux. Pode me paralisar, me fazer esquecer por que estou aqui, me dar tanta dor que eu me distraia, ou me fazer incapaz de outra maneira. Sendo esse o caso, Harry será o seu dever me manter bebendo, mesmo que você tenha que jogar a poção na minha protestante boca. Você entendeu?

Seus olhos se encontraram acima da bacia, cada rosto pálido iluminado com aquela estranha luz verde. Harry não falou nada. Era por isso que ele tinha sido convidado, para forçar que Dumbledore bebesse a poção que poderia causar grande dor a ele?

- Você se lembra...- Disse Dumbledore. - ...Da condição que eu lhe dei para trazê-lo comigo?

Harry hesitou, olhando nos olhos azuis que se tornaram verdes na luz refletida da bacia.

- Mas e se...?

- Você jurou, ou não, que seguiria qualquer comando que eu lhe passasse?

- Sim, mas...

- Eu te avisei, ou não, que poderia haver perigo?

- Sim.- Disse Harry. - Mas...

- Bem, então.- Disse Dumbledore, sacudindo sua manga mais uma vez e levantando o cálice vazio. - Você tem a minha ordem.

- Por que eu não posso beber a poção no seu lugar?- Pediu Harry desesperado.

- Por que eu sou muito mais velho, mas esperto e menos valioso.- Disse Dumbledore. - De uma vez por todas, Harry, eu tenho ou não a sua palavra de que você vai fazer tudo a seu poder para me manter bebendo?

- Não poderia...?

- Eu a tenho?

- Mas...

- A sua palavra Harry.

- Eu... Tudo bem. Mas...

Antes que Harry pudesse continuar a protestar, Dumbledore baixou o cálice para dentro da poção. Por uma fração de segundo, Harry torceu para que não fosse capaz de tocar a poção com o cálice, mas o cristal afundou na superfície como se nada a impedisse; quando a taça estava cheia, Dumbledore a levou a boca.

- Para sua boa saúde, Harry.

E ele bebeu o copo. Harry assistiu, aterrorizado, suas mãos segurando a base da bacia tão fortemente que seus dedos estavam brancos.

- Professor?- Ele falou ansioso, enquanto Dumbledore abaixava o copo. - Como você se sente?

Dumbledore balançou a cabeça, seus olhos fechados. Harry imaginava se ele estava sofrendo. Dumbledore botou a taça cegamente dentro da bacia, reencheu-a, e bebeu de novo. Em silêncio, Dumbledore bebeu três copos cheios da poção. Então, no meio do quarto, ele parou e caiu em direção a bacia. Seus olhos ainda estavam abertos, sua respiração pesada.

- Professor Dumbledore?- Disse Harry, sua voz estrangulada. - Você pode me ouvir?

Dumbledore não respondeu. Sua face estava se torcendo como se estivesse profundamente adormecido, mas tendo um terrível pesadelo. Sua força para segurar o cálice estava indo embora; a poção estava para se derramar. Harry avançou e conseguiu pegar a taça, segurando-a com firmeza.

- Professor, o senhor pode me ouvir?- Repetiu alto, sua voz ecoando na caverna.

Dumbledore, ofegante, falou numa voz que Harry não reconheceu, pois nunca tinha ouvido Dumbledore tão assustado como nesse momento.

- Eu não quero... Não me faça...

- Você... Você não pode parar, Professor.- Disse Harry. - Você tem que continuar bebendo, lembra? Você me disse que tinha que continuar bebendo. Aqui...- Se odiando e detestando o que estava fazendo, Harry forçou o cálice de volta para a boca de Dumbledore e o virou, para que Dumbledore bebesse o restante da poção.

- Não.- Ele berrou, enquanto Harry abaixava o copo de volta para a bacia e reenchia-o. - Eu não quero... Eu não quero... Me deixe ir...

- Está bem, Professor.- Disse Harry, suas mãos tremendo. - Está tudo bem, estou aqui.

- Faça-o parar, faça-o parar.- Reclamava Dumbledore.

- Sim... Sim, isso vai fazê-lo parar.- Mentiu Harry. Ele derramou o conteúdo do cálice na boca aberta de Dumbledore. Dumbledore gritou; o som ecoou pela câmara, através do lago negro.

- Não, não, não, não, não posso, não me faça, eu não quero...

- Está tudo bem Professor, tudo bem!- Disse Harry em voz alta, suas mãos tremendo tanto que ele quase não conseguia segurar o sexto cálice cheio da poção; a bacia estava na metade agora. - Nada está acontecendo com você, você está a salvo, isso não é real, eu juro que não é real. Tome isso, agora, tome isso...- E obedientemente, Dumbledore bebia, como se o que Harry oferecia fosse um antídoto, mas quando bebia, caia em cima de seus joelhos, tremendo incontrolavelmente.

- É tudo minha culpa, minha culpa.- Ele soluçava. - Faça-o parar, eu sei que eu fiz errado, por favor, faça-o parar e eu nunca, nunca mais...

- Isso vai fazê-lo parar, Professor.- Disse Harry, sua foz falhando enquanto ele derramava o sétimo copo de poção na boca de Dumbledore.

Dumbledore começou a contrair-se como se torturadores invisíveis o rodeassem; sua mão machucada quase derrubou o cálice cheio das mãos de Harry enquanto ele chorava.

- Não machuque-os, não machuque-os, por favor, por favor, é tudo minha culpa, machuque-me ao invés deles...

- Aqui, beba isso, beba isso, você vai ficar bem!- Disse Harry desesperadamente, e mais uma vez Dumbledore o obedeceu, abrindo a boca mesmo enquanto mantinha os olhos fechados e tremia da cabeça aos pés. E agora ele caia para frente, gritando de novo, batendo as mãos contra o chão, enquanto Harry enchia o nono copo.

- Por favor, por favor, por favor, não... Não aquilo, aquilo não, eu farei qualquer coisa...

- Beba, professor, apenas beba...

Dumbledore bebeu como uma criança, mas quando terminou, gritou como se estivesse pegando fogo.

- Nada mais, por favor, não quero mais...

Harry pegou uma taça cheia e sentiu o cristal arrastar no fundo da bacia.

- Estamos quase lá, Professor. Beba isso, beba...

Ele segurou Dumbledore pelos ombros e novamente, Dumbledore bebeu o copo; então Harry estava em pé mais uma vez, enchendo o cálice enquanto Dumbledore voltava a gritar mais desesperadamente que nunca.

- Eu quero morrer! Eu quero morrer! Faça-o parar, faça-o parar, eu quero morrer!

- Beba isso, Professor. Beba isso...

Dumbledore bebeu, e assim que acabou, gritou: - ME MATE!

- Esse, esse irá!- Ofegou Harry. - Beba esse... Vai acabar... Tudo vai acabar!- Dumbledore bebeu o cálice, até a última gota, e então, com um grande soluço, caiu para frente.

- Não!- Gritou Harry, que tinha se levantado para encher novamente o cálice. Porém, ele deixou cair o copo na bacia, foi para o lado de Dumbledore e virou-o sobre suas costas; os óculos de Dumbledore estavam torcidos, sua boca aberta, seus olhos fechados. - Não!- Disse Harry, mexendo Dumbledore. - Não, você não está morto, você disse que não era veneno, acorde, acorde. Rennervate!- Ele gritou, sua varinha apontando para o peito de Dumbledore; houve uma forte luz vermelha, mas nada aconteceu. - Rennervate. Senhor... Por favor.

As pálpebras de Dumbledore tremularam; o coração de Harry deu um salto. - Senhor, você está...?

- Água.- Resmungou Dumbledore.

- Água.- Repetiu Harry. - Sim.- Ele se levantou e pegou a taça que deixara caída na bacia; ele mal percebeu a caixa dourada repousando em baixo dela.

- Aguamenti!- Ele gritou, encostando no cálice com a varinha. O cálice se encheu de água pura; Harry deixou-se cair ao lado de Dumbledore, levantou a cabeça dele, e levou o copo a seus lábios, mas estava vazio. Dumbledore resmungou e começou a ofegar. - Mas eu tinha... Espera. Aguamenti!- Disse Harry de novo, apontando a varinha para o cálice. De novo, por um segundo, água apareceu nele, mas ao se aproximar de Dumbledore a água sumiu novamente. - Senhor, estou tentando, estou tentando!- Disse Harry desesperado, mas ele não acreditava que Dumbledore podia ouvi-lo; ele rolou para seu lado e estava respirando rapidamente como se estivesse agonizando. - Aguamenti! Aguamenti! AGUAMENTI!

O cálice se encheu e se esvaziou mais uma vez. E agora a respiração de Dumbledore estava falhando. Com seu cérebro girando em pânico, Harry sabia, instintivamente, a única maneira de obter água, pois Voldemort tinha planejado isto... Ele foi até o canto da rocha e enfiou o cálice no lago, trazendo-o para cima cheio de água gelada que não sumia. - Senhor, aqui!- Harry gritou, e se jogando para frente, derramou a água sobre o rosto de Dumbledore.

Era o melhor que podia fazer, pois o sentimento gelado no seu braço não era da água fria. Uma mão escorregadia tinha agarrado seu pulso. E a criatura à qual ela pertencia estava puxando-o, devagar, pela rocha. A superfície do lago não era mais lisa; estava se mexendo, e para todo lugar que olhava, cabeças brancas e mãos emergiam da água negra, homens, mulheres e crianças com olhos molhados e sem visão estavam se movendo em direção à rocha; um exército de mortos aparecendo da água negra.

- Petrificus Totalus!- Harry gritou, lutando, para a lisa e úmida superfície da ilha enquanto ele apontava a varinha no Inferius que segurava sua mão. Ele o soltou, caindo para trás na água, mas muitos outros Inferi estavam subindo para a rocha, suas mãos de osso segurando na superfície escorregadia, seus olhos brancos fixos nele, usando trapos encharcados, rostos molhados cheios de malícia.

- Petrificus Totalus!- Harry rugiu novamente, dando passos para trás enquanto balançava a varinha pelo ar; seis ou sete caíram, mas havia mais vindo para ele. - Impedimenta! Incarcerous!- Alguns deles tropeçaram, um ou dois presos em cordas, mas aqueles que estavam vindo simplesmente pisavam sobre os corpos caídos. Ainda mexendo no ar com sua varinha, Harry gritou. - Sectumsempra! SECTUMSEMPRA!- Mas apesar de cortes aparecerem nos trapos e nas peles geladas, eles não tinham sangue para derramar: eles continuavam a andar, sem sentir, suas mãos erguidas diante dele, e enquanto ele se afastava, sentiu braços se fecharem por detrás dele, finos, sem pele, frios como a morte, e seus pés perderam contato com o chão quando eles o levantaram e começaram a carregá-lo, vagarosamente e certamente de volta para a água onde ele sabia que não haveria soltura, onde ele seria afogado e se tornaria mais um guardião de um fragmento da alma de Voldemort...

Mas então, na escuridão, fogo surgiu: vermelho e dourado, um anel de fogo que rodeava a rocha de modo que os Inferi que seguravam tão fortemente Harry tropeçaram e hesitaram; eles não se atreviam a passar pelas chamas para chegar à água. Eles largaram Harry; ele bateu no chão, escorregou pela rocha e caiu, mexendo seus braços, depois voltando a se levantar, erguendo a varinha e olhando ao redor.

Dumbledore estava em pé novamente. Pálido como qualquer um dos Inferi ao redor deles, mas mais alto que qualquer um também, o fogo se refletindo em seus olhos; sua varinha erguida como uma tocha e de sua ponta saíam chamas, como um grande laço, circulando todos com calor. Os Inferi batiam-se, tentando cegamente escapar do fogo no qual estavam presos...

Dumbledore pegou a caixa do fundo da bacia e guardou-a dentro de sua roupa. Sem falar uma palavra, ele chamou Harry para seu lado. Distraído pelas chamas, os Inferi pareciam não perceber que sua presa estava escapando com Dumbledore, que levava Harry de volta ao barco e o anel de fogo movendo junto a eles, fazendo com que os Inferi os acompanhassem para a borda do lago onde eles desceram agradecidos de volta para a água escura.

Harry, que estava tremendo, pensou por um momento que Dumbledore poderia não ser capaz de entrar no barco; ele tropeçou um pouco enquanto tentava; todos os seus esforços pareciam ser em tentar manter o anel de chamas em volta deles. Harry o segurou e o ajudou a subir no barco. Assim que eles ficaram a salvo apertados dentro dele, ele começou a se mover de volta pela água escura, para longe da rocha, ainda envolto pelo anel de fogo, e parecia que os Inferi amontoados na água não ousavam subir.

- Senhor.- Chamou Harry. - Senhor, eu esqueci... Sobre o fogo... Eles estavam vindo para mim e eu entrei em pânico.

- Compreensível.- Murmurou Dumbledore. Harry ficou alarmado ao ouvir quão fraca a voz dele estava.

Eles alcançaram a margem com uma leve batida e Harry saiu, depois se virou rapidamente para ajudar Dumbledore. No momento em que Dumbledore alcançou a margem ele descansou a mão da varinha; o anel de fogo sumiu, mas os Inferi não emergiram da água novamente. O pequeno barco afundou na água de novo; batendo e arrastando-se, a corrente desceu na água também. Dumbledore deu um longo suspiro e se apoiou contra a parede da caverna.

- Eu estou fraco...- Ele falou.

- Não se preocupe, senhor.- Disse Harry imediatamente, ansioso sobre a extrema palidez de Dumbledore e sobre seu ar de exaustão. - Não se preocupe, eu vou nos levar de volta... Apóie-se em mim, senhor...

E puxando o braço inteiro de Dumbledore sobre seus ombros, Harry guiou seu diretor de volta ao redor do lago, carregando a maioria do seu peso.

- A proteção foi... Depois de tudo... Bem feita.- Disse Dumbledore fracamente. - Um sozinho não conseguiria... Você fez bem, muito bem, Harry...

- Não fale agora.- Disse Harry, temendo o quão pesada à voz de Dumbledore havia ficado, o peso que seus pés estavam carregando. - Guarde as suas energias, senhor... Nós logo sairemos daqui...

- A passagem terá se fechado novamente... Minha faca...

- Não precisa, eu me cortei na pedra.- Disse Harry firmemente. - Só me diga onde...

- Aqui...

Harry encostou seu antebraço machucado na pedra: tendo recebido o tributo de sangue, o arco se reabriu instantaneamente. Eles saíram da caverna, e Harry ajudou Dumbledore a voltar pela água gelada do mar que enchia a abertura do penhasco.

- Vai ficar tudo bem, senhor. Harry repetia, mais preocupado pelo silêncio de Dumbledore do que tinha estado pela sua voz enfraquecida. - Estamos quase lá... Eu posso nos Aparatar de volta... Não se preocupe...

- Eu não estou preocupado Harry.- Disse Dumbledore, sua voz um pouco mais forte apesar da água gelada. - Eu estou com você.

= = = =

Um segundo depois eles ouviram um estrondo alto quando a porta da frente do bar se abriu; duas vassouras tinham saído para a rua, estavam correndo lado a lado e pararam imóveis ao lado de Harry, tremendo ligeiramente, na altura da cintura.

- Rosmerta, por favor, envie uma mensagem ao Ministério.- Disse Dumbledore, enquanto ele montava na vassoura mais próxima dele. - Pode ser que ninguém dentro de Hogwarts tenha percebido qualquer coisa de errado... Harry, vista sua capa de Invisibilidade.

Harry tirou a sua Capa do bolso e lançou-a sobre si antes de montar sua vassoura; Madame Rosmerta já estava cambaleando de volta ao bar enquanto Harry e Dumbledore saíam fora do chão e subiam para ar. Quando eles aceleraram em direção ao castelo, Harry olhou lateralmente para Dumbledore, pronto para agarrá-lo se ele caísse, mas a visão da Marca Negra parecia ter agido em Dumbledore como um estimulante: ele tinha se curvado baixo sobre a vassoura, com os olhos fixos na Marca, seus longos cabelos prateados e a barba voavam atrás dele no ar noturno. Harry também olhou à frente para o crânio, e o medo inchou dentro dele como uma bolha venenosa, enquanto comprimia seus pulmões, controlando todo o desconforto de sua mente...

Quanto tempo eles tinham estado fora? Tinha a sorte de Ron, Hermione e Gina se esgotado? Era um deles que tinha feito a Marca Negra ser fixada em cima da escola, ou era Neville, ou Luna, ou algum outro sócio da AD? E se fosse... Ele que tinha lhes dito que patrulhassem os corredores, ele tinha lhes pedido que deixassem a segurança de suas camas... Seria ele responsável, novamente, pela morte de um amigo?

Enquanto eles voavam na escuridão, passavam pelo caminho, abaixo, pelo qual eles tinham caminhado mais cedo. Harry ouviu, por cima do assobio do ar noturno em suas orelhas, que Dumbledore murmura novamente em algum idioma estranho. Ele pensou e entendeu o por que ele sentiu sua vassoura tremer em um momento quando eles voavam por cima dos muros que delimitavam a escola: Dumbledore estava desfazendo os encantos que ele tinha fixado ao redor do castelo, de forma que eles poderiam entrar com velocidade. A Marca Negra estava brilhando diretamente sobre a Torre de Astronomia, a mais alta do castelo. Isso significava que a morte tinha acontecido lá?

Dumbledore já tinha cruzado as plataformas e estava desmontando; Harry pousou próximo há ele segundos depois e deu uma olhada em volta. As plataformas estavam desertas. A porta para a escada em caracol que conduzia de volta até o castelo estava fechada. Não havia sinal de luta, nem briga com morte, nenhum corpo.

- O que isso significa?- Harry perguntou para Dumbledore, enquanto olhava para o crânio verde com o língua de serpente que se refletia malvadamente sobre eles. - É a Marca realmente? Alguém definitivamente foi m... Professor?

No brilho verde escuro da Marca, Harry viu Dumbledore apertar seu tórax com sua mão enegrecida.

- Vá e desperte Severus.- Disse Dumbledore fracamente, mas de maneira clara. Conte a ele o que aconteceu e o traga a mim. Não faça mais nada, não fale com ninguém e não remova sua Capa. Eu esperarei aqui.

- Mas...

- Você jurou me obedecer, Harry. Vá!

Harry se apressou para porta que conduzia à escada espiral, mas sua mão só tinha há pouco fechado sobre anel de ferro da porta quando ele ouviu passos correndo do outro lado. Ele olhou em volta para Dumbledore que gesticulou para ele retroceder. Harry voltou, enquanto puxava sua varinha.

A porta se abriu violentamente, alguém entrou e gritou: "Expelliarmus!"

O corpo de Harry ficou rígido e imóvel imediatamente, e ele se sentiu cair para trás apoiando na parede da Torre, como uma estátua instável, incapaz de se movimentar ou falar. Ele não pôde entender como tinha acontecido. Expelliarmus não era um encantamento para imobilizar.

Então, pela luz da Marca, ele viu a varinha de Dumbledore voando em um arco para cima da extremidade das plataformas e então... Dumbledore imobilizou Harry sem usar palavras, e o segundo que ele tinha levado para executar o feitiço tinha lhe custado à chance de se defender. Levantando-se contra as plataformas, com a face muito pálida, Dumbledore ainda não mostrava nenhum sinal de pânico ou angústia. Ele somente olhou para quem o tinha desarmado e disse:

- Boa noite, Draco.

Malfoy pisou adiante, enquanto olhava depressa ao redor para conferir se ele e Dumbledore estavam sós. Os olhos dele pararam na segunda vassoura.

- Quem mais está aqui?

- Essa pergunta eu deveria lhe fazer. Ou você está agindo só?

Harry viu os olhos pálidos de Malfoy encarando Dumbledore por causa do clarão esverdeado da Marca.

- Não.- Ele disse. - Eu tenho ajuda. Há Comensais da Morte aqui em sua escola esta noite.

- Bem, bem.- Disse Dumbledore, como se Malfoy estivesse mostrando a ele um ambicioso projeto de lição de casa. - Realmente muito bom. Você achou um modo para os deixar entrar, como o fez?

- Sim.- Disse Malfoy, que estava arquejando. - Bem debaixo do seu nariz e você nunca percebeu!

- Engenhoso.- Disse Dumbledore. - Contudo... Perdoe-me... Onde eles estão agora? Você parece sem assistência.

- Eles se encontraram com alguns de seus guardas. Estão tendo uma briga lá em baixo. Eles não vão demorar... Eu vim na frente. Eu... Eu tenho um trabalho para fazer.

- Bem, então, você tem que seguir com o que você tem que fazer, meu querido menino.- Disse Dumbledore suavemente.

Havia silêncio. Harry estava preso dentro de seu próprio invisível e paralisado corpo, enquanto encarava os dois, suas orelhas tentando ouvir os sons da briga distante dos Comensais da Morte, e em frente a ele, Draco Malfoy não fez nada mais que olhar fixo a Alvo Dumbledore que, inacreditavelmente, sorriu.

- Draco, Draco, você não é um assassino.

- Como você sabe?- Disse Malfoy imediatamente.

Ele parecia perceber o quão infantil suas palavras tinham soado; Harry o viu corar sob a luz esverdeada da Marca.

- Você não sabe do que eu sou capaz.- Disse Malfoy vigorosamente. - Você não sabe o que eu fiz!

- Oh, sim, eu sei.- Disse Dumbledore suavemente. - Você quase matou Katie Bell e Ronald Weasley. Você tem tentado, com crescente desespero, me matar todo o ano. Perdoe-me, Draco, mas elas foram tentativas fracas... Tão fracas, para ser honesto, que eu duvido se seu coração realmente esteve empenhado...

- Esteve sim!- Disse Malfoy veementemente. - Eu tenho trabalhado nisso o ano todo, e hoje à noite...

Em algum lugar nas profundidades do castelo, debaixo de Harry houve um grito amortecido. Malfoy endureceu e olhou por cima de seu ombro.

- Alguém está tendo uma briga boa.- Disse Dumbledore convencionalmente. - Mas você estava dizendo... Sim, como você planejou introduzir Comensais da Morte em minha escola que, eu admito, pensei ser impossível... Como você fez isso?

Mas Malfoy não disse nada: ele ainda estava escutando tudo aquilo que estava acontecendo abaixo e parecia quase tão paralisado quanto Harry.

- Talvez você deva seguir com o trabalho sozinho.- Sugeriu Dumbledore. - E se a sua ajuda foi impedida pelos meus guardas? Talvez você não tenha percebido, mas há membros da Ordem da Fênix aqui hoje à noite também. E afinal de contas, você realmente não precisa de ajuda... Estou sem varinha no momento... Eu não posso me defender.

Malfoy somente o encarou.

- Eu vejo.- Disse Dumbledore amavelmente, quando Malfoy nem se moveu nem falou. - Você tem medo de agir até que eles cheguem.

- Eu não tenho medo!- Rosnou Malfoy, entretanto ele ainda não tinha feito nenhum movimento para ferir Dumbledore. - É você que deveria estar assustado!

- Mas por que? Eu não acho que você me matará, Draco. Matar não é tão fácil quanto você inocentemente acredita... Assim enquanto nós esperamos por seus amigos, me fale... Como você os contrabandeou para dentro? Parece ter levado muito tempo para calcular como fazê-lo.

Malfoy olhou como se ele estivesse lutando contra o desejo de gritar, ou vomitar. Ele respirou varias e fundas vezes, enquanto fitava Dumbledore, com sua varinha apontando diretamente ao coração dele. Então, como se ele não pôde se controlar, disse.

- Eu tive que reparar aquele Gabinete que Desaparece quebrado que ninguém tinha usado durante anos. Aquele onde Montague se perdeu no ano passado.

- Aaaah.

O suspiro de Dumbledore era quase um gemido. Ele fechou seus olhos por um momento.

- Isso foi inteligente... Há um par, eu presumo?

- O outro está na Borgin & Burkes.- Disse Malfoy. - E eles têm um tipo de passagem entre eles. Montague me falou que quando ele estava preso no de Hogwarts, ele estava enrolado em limbo, mas às vezes ele podia ouvir o que acontecia na escola, e às vezes o que estava acontecendo na loja, como se o Gabinete estivesse viajando entre eles, mas ele não pôde fazer ninguém ouvi-lo... No fim ele conseguiu Aparatar para fora dele, embora ele não tivesse passado em seu teste. Ele quase morreu, fazendo isto. Todo o mundo pensou que era realmente uma boa história, mas eu fui o único que percebeu o significado. Nem Borgin sabia. Eu fui o único que percebeu que poderia ter um modo de penetrar Hogwarts, pelos Gabinetes se eu consertasse o quebrado.

- Muito bom.- Murmurou Dumbledore. - Assim os Comensais da Morte puderam passar de Borgin e Burkes para a escola e o ajudar... Um plano inteligente, um plano muito inteligente... E, como você disse, bem debaixo do meu nariz...

- Sim.- Disse Malfoy que, grotescamente, parecia criar coragem e confrontar do elogio de Dumbledore. - Sim, era!

- Mas houve tempos...- Dumbledore continuou. - ...Em que teve certeza do sucesso reparando o Gabinete, não é? E você resolveu, julgando mal e cruelmente, me enviar um colar amaldiçoado que acabou por alcançar as mãos erradas... Envenenando, havia só uma pequena chance que eu poderia beber...

- Sim, bem, mas você não descobriu quem estava por atrás daquela matéria-prima, não é?- Zombou Malfoy, Dumbledore deslizou um pouco sobre as plataformas, a força de suas pernas estavam enfraquecendo aparentemente, e Harry lutou sem resultados, contra o encanto que o mantinha.

- De fato, eu sabia.- Disse Dumbledore. - Eu estava seguro que era você.

- Por que você não me impediu, então?

- Eu tentei, Draco. Professor Snape tem mantido os olhos em você sob minhas ordens.

- Ele não tem o feito sob suas ordens, ele prometeu a minha mãe...

- Claro que isso é o que ele lhe contaria, Draco, mas...

- Ele é um agente duplo, seu homem velho e estúpido, ele não está trabalhando para você, você pensa que ele está!

- Nós temos que concordar em diferir nisso, Draco. Acontece que eu confio no Professor Snape...

- Bem, você está perdendo seu controle, então!- Zombou Malfoy. - Ele me ofereceu bastante ajuda, querendo toda a glória para ele, querendo um pouco de ação. "O que você está fazendo? Você que fez o colar, estúpido poderia ter acabado com tudo". Mas eu não lhe contei o que estava fazendo na Sala de Requisição, ele vai acordar amanhã e tudo estará terminado, ele não será mais o favorito do Lord das Trevas, ele não será nada comparado a mim, nada!

- Muito gratificante!- Disse Dumbledore suavemente. - Todos nós gostamos de apreciação pelo nosso trabalho duro, claro que... Mas você deve ter tido um cúmplice, afinal de contas... Alguém em Hogsmeade, alguém que pôde levar o colar a Katie... Aaaah...

Dumbledore fechou os seus olhos novamente e chacoalhou a cabeça como se estivesse a ponto de dormir. - ...Claro que... Rosmerta. Há quanto tempo ela esta debaixo do encantamento Imperius?

- Chegou lá afinal, não é?- Malfoy escarneceu.

Houve outro grito vindo de baixo, muito mais alto que o último. Malfoy olhou nervosamente para trás novamente e de volta a Dumbledore, que continuou.

- Rosmerta, pobrezinha foi forçada a se espreitar no próprio banheiro e passar o colar para qualquer estudante de Hogwarts que entrasse no lugar desacompanhado? E o licor envenenado... Bem, naturalmente, Rosmerta pôde envenená-lo para você antes dela enviar a garrafa a Slughorn, acreditando ser meu presente de Natal... Sim, muito perfeito... Bem feito... Pobre Filch, claro que não pensou em conferir uma garrafa de Rosmerta... Diga-me, como você tem se comunicado com Rosmerta? Eu pensei que nós tínhamos todos os métodos de comunicação dentro e fora da escola monitorados.

- Moedas encantadas.- Disse Malfoy, como se ele tivesse sido compelido a continuar falando, entretanto a mão de sua varinha estava tremendo bastante. - Eu tinha uma e ela tinha a outra eu podia enviar mensagens a ela.

- Não é esse o método secreto de comunicação que o grupo que se chamava a Armanda de Dumbledore usou o ano passado?- Perguntou Dumbledore. A voz dele estava clara e sociável, mas Harry o viu deslizar uma polegada abaixo na parede enquanto ele disse isso.

- Sim, eu usei a idéia deles.- Disse Malfoy, com um sorriso amarelo. - Eu peguei a idéia de envenenar o licor da sangue-ruim Granger, bem, eu a ouvi falando na biblioteca algo sobre Filch não reconhecer poções...

- Por favor, não use essa palavra ofensiva na minha frente.- Disse Dumbledore.

Malfoy deu uma risada malvada.

- Você se preocupa quando eu digo "Sangue-ruim"? Quando estou a ponto de te matar?

- Sim, eu me importo.- Disse Dumbledore e Harry viu os pés dele deslizarem um pouco mais no chão enquanto ele lutava para permanecer em pé. - Mas sobre estar a ponto de me matar, Draco, você teve vários longos minutos. Nós estamos bastante a sós. Eu estou o mais inofensivo que você poderia ter sonhado em me encontrar e você ainda não agiu...

A boca de Malfoy se contorceu involuntariamente, como se ele tivesse provado algo muito amargo.

- Agora, sobre esta noite.- Dumbledore foi em frente. - Eu estou um pouco confuso sobre como aconteceu... Você soube que eu tinha deixado a escola? Mas claro que...- Ele mesmo respondeu sua própria pergunta. - Rosmerta me viu partindo, ela passou a informação usando sua moeda engenhosa, tenho certeza...

- Está certo.- Disse Malfoy. - Mas ela disse que você só estava indo por uma bebida e estaria de volta...

- Bem, certamente eu tomei uma bebida... E voltei... Depois de um longo tempo.- Resmungou Dumbledore. - Então você decidiu preparar uma armadilha para mim?

- Nós decidimos pôr a Marca Negra em cima da Torre para conseguir que você se apressasse para voltar, ver quem tinha sido morto.- Disse Malfoy. - E funcionou!

- Bem... Sim e não...- Disse Dumbledore. - Mas posso concluir, então, que ninguém foi assassinado?

- Alguém está morto.- Disse Malfoy e a voz dele parecia subir uma nota enquanto ele dizia isto. - Um dos seus... Eu não sei quem, estava escuro... Eu pisei em cima de um corpo... Eu tinha que estar esperando aqui quando você voltasse, só seu grupo da Fênix ficou no caminho...

- Sim, eles fazem isso.- Disse Dumbledore.

Houve um estrondo e gritos abaixo, mais alto que nunca; soando como se as pessoas estivessem lutando na escadaria em espiral que conduziam para onde Dumbledore, Malfoy e Harry estavam e o coração de Harry trovejou despercebido no peito invisível dele... Alguém estava morto... Malfoy tinha pisado em cima do corpo... Mas quem seria?

- Há pouco tempo, de uma maneira ou de outra.- Disse Dumbledore. - Assim nos resta discutir suas opções, Draco.

- Minhas opções!- Disse Malfoy ruidosamente. - Eu estou aqui com minha varinha, eu estou a ponto de matá-lo.

- Meu querido menino, você não me permitiu ter mais nenhuma pretensão sobre isso. Se você fosse me matar, você teria feito isto antes, quando você me desarmou, você não teria parado para esta conversa agradável sobre modos e meios.

- Eu não tenho nenhuma opção!- Disse Malfoy e ele estava com rosto tão mortalmente pálido quanto Dumbledore. - Eu tenho que fazer isto! Ele me matará! Ele matará minha família inteira!

- Eu percebo a dificuldade de sua posição.- Disse Dumbledore. - Por que outro motivo você acha que eu não o confrontei antes? Porque eu soube que você seria assassinado por Lord Voldemort se ele percebesse que eu suspeitava.

Malfoy estremeceu ao som do nome.

- Eu não ousei falar com você sobre esta missão quando eu soube que tinha sido confiada a você, no caso dele usar Legilimência contra você.- Continuou Dumbledore. - Mas agora, afinal, nós podemos falar claramente a um ao outro... Nenhum dano foi causado, você não feriu ninguém, entretanto, você tem muita sorte que suas vítimas por engano sobreviveram... Eu o posso ajudar, Draco.

- Não, você não pode.- Disse Malfoy, a mão da varinha muito mal, realmente tremendo. - Ninguém pode. Ele me disse que fizesse isto ou ele me mataria. Eu não tenho nenhuma escolha.

- Venha para o lado certo, Draco, e nós poderemos o esconder o mais completamente que você possa imaginar possível. E mais, eu posso enviar os membros da Ordem, hoje à noite, à sua mãe e escondê-la também. Seu pai está seguro, no momento, em Azkaban... Quando chegar a hora, nós poderemos o proteger também... Venha para o lado certo, Draco... Você não é um assassino...

Malfoy encarou Dumbledore.

- Mas eu fui muito longe, não fui?- Ele disse lentamente. Eles pensaram que eu morreria na tentativa, mas eu estou aqui... E você está em meu poder... Eu sou o único com uma varinha... Você está sob minha clemência...

- Não, Draco.- Disse Dumbledore, baixinho. - É minha clemência, e a não sua o que importa agora.

Malfoy não falou. A boca dele estava aberta, a mão da varinha ainda tremendo. Harry pensou ter visto ele a abaixar por uma fração de segundos.

Mas, de repente, passos estavam ressoando pelos degraus e um segundo após, Malfoy foi empurrado longe quando quatro pessoas vestidas de negro passaram pelo baluarte de entrada. Ainda paralisado, olhando sem pestanejar, Harry contemplou com terror aos quatro estranhos: parecia que os Comensais da Morte tinham ganhado a batalha lá embaixo.

Um homem de aparência lupina com uma estranha virada para o lado, olhou de soslaio e deu uma risadinha ofegante.

- Dumbledore acuado!- Ele disse, e virou para uma pequena mulher que parecia sua irmã e que estava sorrindo ansiosamente. - Dumbledore sem varinha, Dumbledore sozinho! Bem feito, Draco, muito bem feito!

- Boa noite, Amycus.- Disse Dumbledore calmamente, como se dando boas-vindas ao homem para uma reunião para o chá. - E você trouxe Alecto também... Encantando...

A mulher deu um curto riso furioso.

- Pensa que suas piadinhas o ajudarão na sua hora da morte, então?- Ela zombou.

- Piadas? Não, não, de maneira alguma.- Respondeu Dumbledore.

- Faça.- Disse o estranho de pé mais próximo a Harry, um grande e musculoso homem com o cabelo grisalho emaranhado e bigode, cujas vestes pretas de Comensal da Morte pareciam desconfortavelmente apertadas. Ele tinha uma voz como nenhuma outra que Harry alguma vez tivesse ouvido: mais um latido áspero que uma voz. Harry poderia cheirar uma mistura poderosa de sujeira, suor e, estranhamente, de sangue que vinha dele. As mãos imundas tinham unhas amareladas há muito tempo.

- É você, Fenrir?- Perguntou Dumbledore.

- Sim.- Disse o outro, com voz rascante. - Feliz em me ver, Dumbledore?

- Não, eu não posso dizer que eu estou...

Fenrir Greyback arreganhou e mostrou os dentes pontudos. Sangue gotejava pelo queixo dele e ele lambia os lábios, obscena e lentamente.

- Mas você sabe como eu gosto de crianças, Dumbledore.

- Eu devo entender que isso leva você a estar atacando até mesmo agora, sem a lua cheia? Isto é muito incomum... Você desenvolveu um gosto por carne humana que não pode ser satisfeita apenas uma vez no mês?

- Correto.- Disse Greyback. - Está chocado, Dumbledore? Assusta você?

- Bem, eu não posso dizer que não me repugne um pouco.- Disse Dumbledore. - E, sim, eu estou um pouco chocado que Draco aqui tenha convidado você, de todas as pessoas, para a escola onde os amigos dele vivem...

- Eu não fiz.- Respirou Malfoy. Ele não estava olhando Greyback; parecia não querer olhar direto para ele. - Eu não sabia que ele viria.

- Eu não perderia uma viagem para Hogwarts, Dumbledore.- Falou Greyback. - Não quando há gargantas para serem arrancadas... Delicioso, delicioso...

E ele levou uma unha amarela e passou nos dentes da frente olhando de soslaio para Dumbledore.

- Eu o poderia fazer de aperitivo, Dumbledore...

- Não.- Disse o quarto Comensal da Morte nitidamente. Ele tinha um rosto pesado e brutal. - Nós temos ordens. Draco é quem fará isto. Agora, Draco e depressa.

Malfoy estava mostrando menos resolução que o normal. Ele olhou terrificado para o rosto de Dumbledore que estava até mais pálido e baixo que o habitual, tendo deslizado para longe e abaixo do baluarte da entrada.

- Ele não parece de qualquer maneira perigoso, se você me perguntar!- Disse o homem torto, acompanhando a irmã dele que estava rindo ofegante. - Olhe para ele. O que é que aconteceu a você, então, Dumby?

- Oh, resistência mais fraca, reflexos mais lentos, Amycus.- Disse Dumbledore. - Idade avançada, em resumo... Um dia, talvez, acontecerá a você... Se você tiver sorte...

- O que significa, então, o que significa?- Gritou o Comensal da Morte, repentinamente violento. - Sempre o mesmo, não é, Dumby, falando e não fazendo nada, nada, nem mesmo sei por que o Lord das Trevas está se aborrecendo para matar você! Venha, Draco, faça!

Mas naquele momento, houve sons renovados de luta abaixo e uma voz gritou.

- Eles bloquearam os degraus. Reducto! REDUCTO!

O coração de Harry deu uma parada: então estes quatro não tinham eliminado toda a oposição, mas meramente furado a briga para o topo da Torre, e, pelo som disso, criou uma barreira atrás deles.

- Agora, Draco, depressa!- Disse homem brutal furiosamente.

Mas as mãos de Malfoy estavam tremendo tanto, que ele mal poderia apontar.

- Eu farei isto.- Grunhiu Greyback, e se moveu para Dumbledore com as mãos estendidas, os dentes à mostra.

- Eu disse não!- Gritou o brutamontes; houve um flash de luz e o lobisomem foi lançado para trás; ele bateu na parede e cambaleou, parecendo furioso. O coração de Harry estava martelando tão forte que parecia impossível que ninguém pudesse ouvir e saber que estava lá, preso pelo feitiço de Dumbledore. Se ele pudesse se mover, ele poderia lançar uma maldição por baixo da capa.

- Draco, faça ou fique contra nós.- Guinchou a mulher, mas naquele preciso momento à porta para as muralhas foi escancarada mais uma vez e lá estava Snape, a varinha apertada na mão. Com os olhos pretos dele varreu a cena, de Dumbledore que afundou contra a parede aos quatro Comensais da Morte, inclusive o lobisomem enfurecido e Malfoy.

- Nós temos um problema, Snape.- Disse Amycus grosseiro, olhos e varinha apontada para Dumbledore. - O menino não parece capaz.

Mas alguém falou o nome de Snape, bastante suavemente.

- Severus...

O som assustou Harry além de qualquer coisa que ele tivesse experimentado toda à noite. Pela primeira vez, Dumbledore estava suplicando.

Snape não disse nada, mas caminhou adiante e empurrou Malfoy asperamente para fora. Os três comensais da morte se retiraram sem uma palavra. Até mesmo o lobisomem pareceu se acovardar. Snape contemplou por um momento a Dumbledore, e havia resolução e ódio marcadas nas linhas rígidas do rosto dele.

- Severus... por favor...

Snape elevou a varinha e apontou diretamente para Dumbledore.

- Avada Kedavra!

Um jato de luz verde saiu da ponta da varinha de Snape e acertou diretamente Dumbledore no peito. O grito de horror de Harry nunca o deixou; silencioso e preso, ele foi forçado a assistir quando Dumbledore foi lançado no ar: durante um segundo onde ele pareceu ficar suspenso em baixo do crânio brilhante, e então ele caiu lentamente para trás, como uma grande boneca de trapo, em cima das ameias e longe da vista.

= = = =

## ===== CAPÍTULO 28 =====
## *O VÔO DO PRÍNCIPE*

Harry sentiu como se estivesse com uma dor muito forte; isso não podia ter acontecido... Não podia ter acontecido...

- Fora daqui, rápido.- Disse Snape.

Ele agarrou Malfoy pelo pescoço e o empurrou pela porta na frente do resto; Greyback e os irmãos musculosos foram atrás, os dois últimos parecendo muito excitados. Enquanto desapareciam através da porta, Harry percebeu que poderia se mexer novamente. O que o mantinha agora paralisado junto à parede não era mágica, mas horror e choque. Jogou a capa de invisibilidade de lado à medida que o último Comensal da Morte que deixou o alto da torre desaparecia através da porta.

- Petrificus Totalus!

O Comensal da Morte endureceu como se fosse algo maciço quando teve suas costas atingidas e ele caiu no chão, rígido como um boneco de cera, mas nem tinha atingido o chão ainda quando Harry saltou sobre ele descendo a escadaria escura. O terror rasgou o coração de Harry... Tinha que buscar Dumbledore e tinha que pegar Snape... De algum modo as duas coisas estavam ligadas... Ele poderia reverter o que havia acontecido se tivesse os dois juntos... Dumbledore não podia ter morrido...

Harry pulou os últimos dez degraus da escada em espiral e parou onde aterrissou, sua varinha levantada. Iluminou o corredor que estava cheio de poeira; metade do teto parecia ter desabado; e parecia ter havido uma batalha terrível antes dele descer, mas enquanto tentava se perguntar quem lutava com quem, ouviu o grito da voz odiada.

- Está acabado, é hora de ir!

E viu Snape desaparecendo pelo canto no final do corredor; ele e Malfoy pareciam ter forçado caminho através dos destroços da luta. Enquanto Harry ia atrás deles, um dos lutadores levantou-se dos escombros e atacou-o com agressividade: era o lobisomem, Fenrir. Ele foi para cima de Harry antes mesmo que Harry pudesse levantar sua varinha: Harry caiu para trás, com o pêlo opaco e imundo em sua cara, o cheiro de suor e sangue que invadia seu nariz e boca, e a respiração quente e cobiçosa em sua garganta.

- Petrificus Totalus!

Harry sentiu Fenrir desabar sobre ele; com um esforço enorme empurrou o lobisomem para o chão quando um jato de luz verde veio voando em sua direção; ele abaixou-se e correu, a cabeça erguida, em direção à luta. Seus pés pisaram em algo espalhado e escorregadio no chão e ele escorregou: Havia dois corpos lá, os rostos para baixo encontravam-se em uma poça de sangue, mas não havia tempo para investigar. Harry viu agora o esvoaçar de cabelos vermelhos como chamas logo à frente: Gina estava presa em combate com um empolado Comensal da Morte, Amycus, que lançava um feitiço após o outro nela enquanto ela desviava. Amycus estava tendo um ataque de riso, apreciando os movimentos dela.

- Crucio! Crucio! Você não pode dançar para sempre, lindinha.

- Impedimenta!- Gritou Harry.

Sua azaração acertou Amycus no peito: Ele guinchou de dor como um porco, sendo erguido do chão e batendo na parede oposta, deslizando por ela, e sumindo de vista atrás de Rony, da professora McGonagall, e de Lupin, cada um duelando com um Comensal da Morte diferente. Além deles, Harry viu Tonks lutando com um enorme bruxo loiro que lançava azarações que voavam em todos os sentidos, algumas ricocheteavam nas paredes e em torno deles, rachando pedras, e quebrando a janela mais próxima.

- Harry, de onde você está vindo?- Gina gritou, mas não havia nenhum tempo para responder.

Ele abaixou sua cabeça e correu o mais rápido possível adiante, evitando por pouco uma explosão sobre sua cabeça, lançando em todos pedaços da parede. Snape não podia escapar, ele precisava alcançar Snape.

- Peguem eles!- Gritou a professora McGonagall, e Harry vislumbrou um Comensal da Morte, Alecto, indo corredor abaixo com os braços sobre sua cabeça, com seu irmão logo atrás dela. Ele se lançou atrás deles, mas seu pé prendeu em algo, e no momento seguinte ele estava entre as pernas de alguém. Olhando ao redor, viu Neville pálido, seu rosto redondo virado para o chão.

- Neville, é você?

- Eu estou bem.- Murmurou Neville, que apertava seu estômago. - Harry... Snape e Malfoy... Passaram correndo...

- Eu sei, eu estou atrás deles!- Disse Harry, lançando uma azaração no enorme Comensal da Morte loiro que causava a maioria do caos. O homem deu um uivo de dor quando o feitiço acertou em seu rosto: Ele deu meia-volta, desconcertado, e então disparou atrás dos dois irmãos. Harry se levantou do chão e começou a correr ao longo do corredor, ignorando os estrondos emitidos atrás dele, os gritos dos outros para voltar, e o pedido silencioso das pessoas caídas no chão cujo destino ainda não conhecia...

Ele derrapou no canto, seus pés estavam banhados em sangue; Snape tinha uma vantagem imensa. Era possível que ele já houvesse entrado na Sala de Requisição, ou a Ordem tinha feito barreiras de segurança, para impedir que os Comensais da Morte batessem em retirada? Ele não ouvia nada além de seus próprios passos, seu próprio coração disparado enquanto corria ao longo do próximo corredor vazio, mas então notou uma pegada de sangue que mostrou que ao menos um dos Comensais da Morte fugitivos estava indo em direção às portas da frente. Talvez a Sala de Requisição tivesse sido bloqueada completamente.

Ele derrapou em outro canto e uma azaração passou voando por ele; ele mergulhou atrás de uma armadura que explodiu. Viu os dois irmãos descendo as escadas de mármore em frente e lançou feitiços neles, mas eles meramente bateram em vários bruxos que usavam peruca em um retrato no patamar da escada, que correram gritando para pinturas vizinhas. Enquanto pulava os escombros da armadura, Harry ouviu mais gritos; as pessoas dentro do castelo pareciam ter acordado...

Ele pegou um atalho, esperando alcançar os irmãos e chegar perto de Snape e Malfoy, que deviam certamente estar alcançando os terrenos agora. Lembrando de pular o degrau defeituoso que desaparecia na escadaria abaixo, ele irrompeu através de uma tapeçaria no pé da escada e saiu em um corredor onde estava um grupo de alunos desnorteados da Lufa-Lufa ainda vestindo seus pijamas.

- Harry! Nós ouvimos um barulho, e alguém dizendo algo sobre a Marca Negra.- Começou Ernesto Macmillan.

- Saiam do caminho!- Gritou Harry, empurrando dois meninos de lado enquanto corria para os terrenos e descia o restante da escadaria de mármore.

As portas de carvalho da entrada tinham sido abertas com uma explosão, havia manchas de sangue, e diversos estudantes estarrecidos estavam amontoados junto às paredes, um ou dois ainda estavam congelados com seus braços sobre o rosto. A enorme ampulheta da Grifinória tinha sido quebrada por uma azaração, e os rubis de dentro ainda caiam, com um barulho alto. Harry correu através do salão de entrada para fora nos terrenos escuros: Ele só podia perceber que três vultos corriam através do gramado, dirigindo-se para os portões além dos quais poderiam desaparatar. Podia ver, o enorme Comensal da Morte loiro e, de alguma maneira na frente dele, Snape e Malfoy...

O ar frio da noite rasgava os pulmões de Harry; viu um clarão de luz distante que mostrou por um momento a silhueta que ele perseguia. Não sabia o que era, mas continuou a correr, ainda não estava perto o suficiente para ter uma mira boa para lançar um feitiço.

Um outro clarão, gritos, jatos de luz, e Harry compreendeu: Hagrid tinha saído de sua cabana e estava tentando parar os Comensais da Morte que escapavam, e embora cada respirada parecesse destruir seus pulmões e a pontada em seu peito fosse como fogo, Harry apressou-se enquanto uma voz em sua cabeça dizia constantemente: Hagrid não... Hagrid também não...

Alguma coisa acertou as costas de Harry duramente e ele caiu para frente, seu rosto colado na terra, e sangue escorrendo de suas narinas: Soube, mesmo enquanto virava, com sua varinha pronta, que os dois irmãos o tinham alcançado usando seu atalho e estavam vindo atrás dele...

- Impedimenta!- Ele gritou enquanto se virava novamente, agachando perto da terra escura, e milagrosamente seu raio bateu em um deles, que tropeçou e caiu, fazendo o outro tropeçar; Harry então levantou e correu atrás de Snape.

E agora tinha visto o contorno de Hagrid, iluminado pela luz da lua crescente que fora revelada de repente por trás das nuvens; o enorme Comensal da Morte loiro lançava feitiço atrás de feitiço no guarda-caças; mas a grande força de Hagrid e a pele resistente que tinha herdado de sua mãe giganta parecia lhe proteger. Snape e Malfoy, entretanto, estavam correndo ainda; logo estariam além dos portões, capazes de desaparatar.

Harry passou voando por Hagrid e seu oponente, mirou as costas de Snape, e gritou:

- Estupefaça.- Ele falhou; o jato de luz vermelha passou por cima da cabeça de Snape; Snape gritou:

- Corra, Draco!- E se virou. Alguns metros os separavam, ele e Harry se olharam antes de levantarem suas varinhas simultaneamente.

- Cruc...

Mas Snape escapou da maldição, arremessando Harry para trás antes que ele pudesse terminar; Harry caiu e levantou-se outra vez quando um enorme Comensal da Morte atrás dele gritou.

- Incêndio!- Harry ouviu uma explosão e uma luz alaranjada se esparramou sobre todos eles: A casa de Hagrid estava em chamas.

- Canino está lá dentro, seu miserável!- Gritou Hagrid.

- Cruc...- Gritou Harry pela segunda vez, apontando para o vulto a sua frente iluminado pelas labaredas, mas Snape bloqueou o feitiço outra vez. Harry podia vê-lo desdenhando.

- Sem Maldições imperdoáveis para você, Potter!- Ele gritou por cima do barulho das chamas, dos gritos de Hagrid, e do rugido selvagem de Canino preso. - Você não tem nem coragem ou habilidade...

- Incarc...- Harry gritou, mas Snape desviou do feitiço apenas tirando o braço devagar.

- Volte para a luta!- Harry gritou para ele. - Volte para a luta, seu covarde.

- Você me chamou de covarde, Potter?- Snape gritou. - Seu pai nunca me atacou a menos que estivessem em quatro contra um, do que você o chamaria, eu me pergunto?

- Stupe...

- Bloqueado mais uma vez, e o será várias outras vezes até que aprenda a manter sua boca calada e sua mente fechada, Potter!- Snape desdenhou, desviando da azaração mais uma vez. - Agora vamos!- Ele gritou para o enorme Comensal da Morte atrás de Harry. - É hora de ir, antes que o Ministério apareça.

- Impedi...

Mas antes que pudesse terminar este feitiço, uma dor insuportável atingiu Harry; ele desabou sobre a grama. Alguém estava gritando, ele certamente morreria nesta agonia, Snape iria torturá-lo à morte ou à loucura.

- Não!- Soou a voz de Snape e a dor parou de repente como tinham começado; Harry estava curvado sobre a grama escura, apertando sua varinha sem fôlego; em algum lugar acima de sua cabeça Snape gritava. - Você se esqueceu de nossas ordens? O Potter pertence ao Lord das Trevas. Nós devemos deixá-lo! Vamos! Vamos!

E Harry sentiu o chão estremecer embaixo de seu rosto enquanto os irmãos e o enorme Comensal da Morte obedeciam, correndo para os portões. Harry soltou um grito de raiva: Naquele momento, ele não se importava se iria viver ou morrer. Levantando-se outra vez, ele cambaleou cegamente em direção a Snape, o homem que agora odiava tanto quanto odiava Voldemort.

- Sectum...

Snape puxou rapidamente sua varinha e o feitiço foi repelido mais uma vez; mas Harry estava muito próximo agora e podia ver a cara de Snape claramente: Ele não estava mais zombando ou rindo de Harry; as chamas que flamejavam mostraram uma cara completamente tomada de raiva. Reunindo todo seu poder de concentração, Harry pensou, "Levi..."

- Não, Potter!- Gritou Snape. Houve um estrondo muito alto e Harry foi jogado pra trás, caindo na terra dura outra vez; mas desta vez sua varinha escapou de sua mão. Ele podia ouvir Hagrid gritando e Canino uivando enquanto Snape se aproximava olhado pra ele ainda caído, desarmado e indefeso como Dumbledore tinha estado. A cara pálida de Snape, iluminada pela cabana que ardia em chamas, emanando ódio como antes de amaldiçoar Dumbledore. - Você ousa usar meus próprios feitiços contra mim, Potter? Fui eu quem os inventou. Eu, o príncipe mestiço! E você ia usar minhas invenções em mim, como seu pai imundo, não ia? Eu acho que não... Não.

Harry tinha mergulhado em direção à sua varinha; Snape disparou um feitiço e ela voou de seus pés sumindo na escuridão, fora de sua vista.

- Mate me então.- Disse Harry sem fôlego, ele não sentia medo algum, mas somente raiva e desprezo. - Me mate como você o matou, seu covarde.

- NÃO...- Gritou Snape, e seu rosto ficou estranho de repente, não era humano, era como se ele estivesse sofrendo tanto quanto o cão preso na casa em chamas atrás deles. - ...ME CHAME DE COVARDE!

E ele fez um movimento como se cortasse o ar: Harry sentiu um brilho quente, alguma coisa parecida com uma chicotada que bateu em seu rosto jogando ele para trás, no chão. Luzes piscavam na frente de seus olhos e por um momento ele não conseguiu mais respirar, então ele ouviu um barulho de asas acima dele e algo enorme ocultou as estrelas. Bicuço tinha voado em direção a Snape, que cambaleou para trás enquanto as garras afiadas o cortavam. Harry se sentou, sua cabeça ainda rodava por causa da última batida no chão, ele viu Snape correndo o mais rápido que podia, a fera enorme batendo as asas atrás dele guinchando como Harry nunca o tinha ouvido guinchar.

Harry se apoiou sobre seus pés, olhando ao redor e se arrastando até sua varinha, esperando começar outra vez a perseguição, mas enquanto seus dedos tateavam a grama, afastando os galhos, ele soube que estava muito atrasado, e sem dúvida, por causa do tempo que tinha perdido tentando encontrar sua varinha, ele se virou e viu somente o hipogrifo cercando os portões. Snape tinha conseguido desaparatar além dos limites da escola.

- Hagrid.- Murmurou Harry, ainda atordoado, olhando ao redor. - HAGRID?

Ele cambaleou em direção à cabana que queimava quando uma figura enorme surgiu das chamas carregando Canino em seus ombros. Com um choro de agradecimento, Harry afundou-se em seus joelhos; cada membro de seu corpo tremia, seu corpo doía por inteiro, e sua respiração vinha em pontadas dolorosas.

- Está tudo bem com você, Harry? Está tudo bem? Fale comigo, Harry...

Hagrid, com todo seu tamanho e sua cara peluda mergulhou em cima de Harry, tampando as estrelas. Harry podia sentir o cheiro de madeira queimada e de pêlo de cachorro; ele estendeu uma mão e se tranqüilizou sentindo o corpo vivo de Canino ao seu lado, morno e trêmulo.

- Eu estou bem.- Sussurrou Harry. - E você?

- Claro que estou... Levaria muito tempo para conseguirem acabar comigo.

Hagrid passou suas mãos sob os braços de Harry e o levantou com tal força que os pés de Harry saíram do chão por um momento até que Hagrid o colocasse de pé outra vez. Ele podia ver o sangue que escorria pelo rosto de Hagrid que saía de um corte profundo embaixo de seu olho, e que inchava rapidamente.

- Nós devemos salvar sua casa.- Disse Harry. - O feitiço "Aguamenti..."

- Eu sabia que ia acabar assim.- Resmungou Hagrid, e ele levantou um fumegante guarda-chuva cor-de-rosa, e com um floreio disse: - Aguamenti.

Um jato da água jorrou da ponta do guarda-chuva. Harry levantou seu braço da varinha, que veio até sua mão, e murmurou "Aguamenti" também: Juntos, ele e Hagrid derramaram água na casa até que a última chama se apagasse.

- Não está tão mal.- Disse Hagrid esperançosamente poucos minutos depois, olhando os destroços fumegantes. - Nada que Dumbledore não seja capaz de arrumar...

Harry sentiu uma dor queimar em seu estômago ao som desse nome. Em silêncio e cheio de sentimentos confusos, o horror surgiu dentro dele.

- Hagrid...

- Eu estava ocupado com um par de pernas do Bichento quando eu os ouvi vindo.- Disse Hagrid tristemente, ainda olhando fixamente sua cabana destruída. - Vão todas as coisas pro lixo, pobrezinhas...

- Hagrid...

- Mas o que aconteceu, Harry? Eu só vi aqueles Comensais da Morte correndo do castelo, mas que inferno Snape estava fazendo com eles? Onde terá ido? Estava perseguindo eles?

- Ele...- Harry clareou sua garganta; estava seca por causa do pânico e da fumaça. - Hagrid, ele matou...

- Matou?- Falou Hagrid muito alto, olhando fixamente para Harry. - Snape matou? Do que você está falando, Harry?

- Dumbledore.- Disse Harry. - Snape matou... Dumbledore.

Hagrid simplesmente olhou para ele, o pouco de sua cara que estava completamente limpa e que se podia ver parecia não compreender.

- Dumbledore o quê, Harry?

- Está morto. Snape o matou...

- Não diga isso.- disse Hagrid áspero. - Snape matou Dumbledore. Não seja estúpido, Harry. O que fez você dizer isso?

- Eu vi acontecer.

- Você não pode ter visto.

- Eu vi, Hagrid.

Hagrid balançou a cabeça; sua expressão era de descrença, e solidariedade, e Harry soube que Hagrid pensava que ele tinha levado uma pancada na cabeça, que ele estava confuso, talvez pelos efeitos de um feitiço...

- O que deve ter acontecido é que Dumbledore deve ter dito para Snape ir com os Comensais da Morte.- Disse Hagrid com segurança. - Eu suponho que ele foi para manter seu disfarce. Olha, vamos levar você de volta para a escola. Vamos, Harry...

Harry não tentou discutir ou explicar. Ainda estava tremendo incontrolavelmente. Hagrid logo iria descobrir, muito logo... Enquanto seguiam de volta para o castelo, Harry viu que muitas janelas estavam iluminadas agora. Podia imaginar, claramente, as cenas no interior do castelo, as pessoas que deviam estar indo de quarto em quarto, dizendo umas às outras que os Comensais da Morte tinham estado lá, e que a Marca Negra estava brilhando sobre Hogwarts, que alguém devia ter sido morto...

As portas de carvalho permaneciam abertas logo à frente deles, a luz se espalhava pra fora, pelo caminho e pelo gramado. Lentamente, incertas, as pessoas estavam descendo as escadas, olhando ao redor nervosas e atentas a algum sinal dos Comensaisda Morte que tinham fugido noite adentro. Os olhos de Harry, entretanto, estavam fixos na torre mais alta. Ele imaginou que havia

visto uma onda negra se espalhando pela grama, embora estivesse realmente muito afastado para ver qualquer coisa do tipo. Mas enquanto olhava fixamente sem palavras para o lugar onde achava que devia estar o corpo de Dumbledore, ele viu as pessoas começarem a vir em sua direção.

- O que vocês estão olhando?- Disse Hagrid, quando ele e Harry se aproximaram da entrada do castelo. Canino se mantinha o mais perto que poderia de seus tornozelos. - O que está se espalhando pela grama?- Hagrid disse de forma aguda, olhando agora para a alta torre de Astronomia, onde se achava um pequeno grupo de pessoas. - Está vendo, Harry? Bem no pé da torre? Embaixo de onde a marca... Ai meu Deus... Você não acha que alguém foi morto lá?

Hagrid ficou em silêncio, com um pensamento aparentemente muito horrível para dizê-lo alto. Harry andou em volta dele, observando os machucados e a dor em sua face, e também em suas pernas onde os vários feitiços o tinham acertado nessa última meia hora, mas por mais incrível que pudesse parecer ele estava sem expressão alguma, como se ninguém perto dele tivesse sido afetado. A verdade da qual não se podia escapar era o sentimento terrível que pressionava seu peito... Ele e Hagrid andaram, sem pensar, através da multidão que murmurava para os que estavam na frente, onde os estudantes e os professores mudos haviam aberto uma passagem.

Harry ouviu o gemido de dor e de choque de Hagrid, mas não parou; andou lentamente em frente até o lugar onde Dumbledore estava deitado e agachou-se ao lado dele. Ele soube que não havia nenhuma esperança no momento em que o Feitiço do Corpo Preso que Dumbledore lançou o atingiu, sabia que aquilo havia acontecido porque ele estava morto, mas ele ainda não estava preparado para vê-lo ali, jogado no chão, quebrado: o maior de todos os bruxos que Harry já havia visto, ou havia, conhecido.

Os olhos de Dumbledore estavam fechados; mas pelo ângulo que estavam seus braços e pernas, poderia estar dormido. Harry chegou perto, endireitou os óculos de meia-lua em cima do nariz curvado, e limpou o sangue da boca com sua própria manga. Então olhou para aquele sábio rosto velho e tentou absorver aquela verdade enorme e incompreensível: Dumbledore nunca mais iria falar com ele, nunca mais poderia ajudá-lo.

A multidão murmurava atrás de Harry. Após o que lhe pareceu como um longo tempo, ele percebeu que estava ajoelhado em cima de algo duro e olhou para baixo. O colar que haviam tentado roubar algumas horas antes tinha caído do bolso de Dumbledore. Ele estava aberto, talvez devido à força com que havia batido no chão. E embora não pudesse sentir mais choque, horror ou tristeza do que já sentia, Harry soube, enquanto o recolhia, que havia algo errado. Virou o colar em suas mãos. Não era tão grande como o colar que recordava ter visto na Penseira, nem havia nada marcando sua superfície, nenhum sinal do S gravado que supunha ser marca de Salazar Slytherin. Além disso, não havia nada dentro a não ser um pedacinho de pergaminho dobrado em triângulo preso no lugar onde devia haver um retrato. Automaticamente, sem realmente pensar no que fazia, Harry retirou o pedaço de pergaminho, abriu, e leu graças à luz de muitas varinhas que tinham sido acendidas agora atrás dele:

*Ao Lord das Trevas*
*Eu sei que eu já terei sido morto quando você ler isto, mas eu quero que você saiba que fui eu quem descobriu seu segredo. Eu roubei o Horcrux real e pretendo destruí-lo assim que puder.*
*Eu enfrento a morte na esperança de que quando você se encontrar com seu igual você será mortal outra vez.*
*R.A.B.*

Harry não sabia nem se importava com o significado da mensagem. Somente uma coisa importava: Aquilo não era um Horcrux. Dumbledore tinha se enfraquecido bebendo aquela poção terrível para nada. Harry amassou o pergaminho em sua mão, e seus olhos queimaram em lágrimas enquanto atrás dele Canino começava a uivar.

= = = =

- Ele pisou em Gui, mas está tudo bem, ele está vivo.

Mas havia algo em sua voz que Harry sabia que era de mau agouro.

- Você tem certeza?

- Claro que estou certa... Ele só está um pouco mau, e é só. Madame Pomfrey diz que ele não nunca mais vai parecer o mesmo.

A voz de Gina estremeceu um pouco.

- Nós não sabemos quais serão os efeitos colaterais. Quero dizer, Greyback é um lobisomem, mas não estava transformado naquele momento.

- Mas e os outros... Havia outros corpos na terra...

- Neville e Prof Flitwick estão feridos, mas Madame Pomfrey disse que eles ficarão bem. E um Comensal da Morte morreu, ele recebeu um feitiço mortal que um gigante loiro estava soltando para todo lugar. Harry, se nós não tivéssemos tomado a sua poção Felix, acho que agora nós estaríamos mortos, mas tudo parece faltar-nos apenas.

Eles haviam alcançado a ala hospitalar, Harry viu Neville deitado, aparentemente adormecido, em uma cama perto da porta. Ron, Hermione, Luna, Tonks e Lupin estavam juntos em volta de outro leito no final da ala. Como o som das portas abrindo, todos olharam. Hermione correu para Harry e o abraçou; Lupin foi ao seu encontro, olhando ansioso.

- Você está bem Harry?

- Estou bem... Como está Gui?

- Ninguém respondeu.- Harry olhou sobre o ombro de Hermione e viu um rosto irreconhecível deitado no travesseiro de Gui, tão ferido e rasgado que ele olhou estranhamente. Madame Pomfrey tocou sua pele com algum tipo de pomada verde áspera. Harry se lembrou de como Snape tinha curado as feridas de Sectusempra de Malfoy facilmente com sua varinha.

- Você não pode curá-las com feitiços ou algo assim?- Perguntou à enfermeira.

- Nenhuma magia vai resolver isto.- Disse Madame Pomfrey. - Eu tentei de tudo que conheço, mas não há nenhuma cura para mordidas de lobisomem.

- Mas não foi mordido na lua cheia.- Disse Rony, que estava olhando para o rosto do seu irmão como se ele pudesse de algum jeito curá-lo apenas olhando-o fixamente. - Greyback não tinha se transformado, então certamente Gui não vai ser um, um...?

Ele olhou inseguro para Lupin.

- Não, eu não acho que Gui tenha virado um lobisomem.- Disse Lupin. - Mas isso não quer dizer que não houve contaminação. Essas feridas são amaldiçoadas. É improvável que elas sejam totalmente e.... Gui pode ter algumas características de lobo de agora em diante.

- Acho que talvez Dumbledore saiba de alguma coisa que possa resolver.- Disse Rony. - Onde está ele? Gui lutou com aqueles maníacos na Ordem de Dumbledore, Dumbledore deve a ele, ele não pode deixá-lo neste estado!

- Ron... Dumbledore está morto.- Disse Gina.

- Não!- Lupin olhou assustado de Gina para Harry, como se Harry pudesse contradizê-la, mas, quando Harry fez sinal negativo, Lupin desmoronou em uma cadeira ao lado da cama de Gui, com suas mãos sobre seu rosto. Harry nunca tinha visto Lupin perder o controle daquele jeito; ele se sentiu como se tivesse invadindo alguma coisa pessoal. Ele se afastou e olhou pra Rony, trocando, em silêncio, um olhar que confirmava o que Gina havia dito.

- Como ele morreu?- Sussurrou Tonks. - Como isso aconteceu?

- Snape o matou.- Disse Harry. - Eu estava lá, eu o vi. Nós chegamos atrás da Torre de Astronomia porque era lá o lugar em que estava a Marca... - Dumbledore estava ruim, estava fraco, mas eu acho que ele entendeu que aquilo era uma armadilha quando ouviu passos correndo pela escada. Ele me imobilizou, eu não podia fazer nada, estava debaixo da Capa da Invisibilidade. Então Malfoy apareceu na porta e o desarmou.

Hermione levou as mãos à boca e Ron gemeu. A boca de Luna estremeceu.

- Mais Comensais da Morte chegaram, e então Snape... Snape o matou. Com o Avada Kedavra.- Harry não pode mover-se.

Madame Pomfrey desatou a chorar. - Ninguém deu atenção a ela, a não ser Gina, que sussurrou:

- Shh!Escutem!

Engolindo o choro, Madame Pomfrey levou os dedos à sua boca, seus olhos arregalaram. Em algum lugar fora da escuridão, uma Fênix estava cantando de um jeito que Harry nunca havia ouvido antes: um lamento triste de beleza terrível. E Harry sentiu, como se já tivesse sentido o som da Fênix antes, que aquela musica estava dentro dele, não fora: Ela estava, em sua tristeza, transformada magicamente em um som que ecoava através das terras e das janelas do castelo.

Quanto tempo eles todos permaneceriam ali, ouvindo, ele não sabe nem porque aquilo pareceu tranqüilizar sua dor, ouvir o som de seu luto, ele sentiu como se muito tempo tivesse passado quando a Prof. McGonagall entrou na ala hospitalar. Como todo o resto, ela sofreu seqüelas da recente batalha: havia feridas em seu rosto e sua túnica estava rasgada.

- Molly e Arthur estão a caminho.- Ela disse, e o feitiço da musica foi quebrado. Todos despertaram como se tivessem estado em transe, tornando a olhar pra Gui, se não pra fazerem seus olhos mexerem suas cabeças.

- Harry, o que aconteceu? De acordo com Hagrid, você estava com Prof Dumbledore quando ele... Quando aconteceu. Ele disse que Prof. Snape estava envolvido em algo.

- Snape matou Dumbledore!- Disse Harry.

Ela olhou fixamente pra ele nesse momento, então se alarmou; Madame Pomfrey, que pareceu ter desmoronado com ela, correu adiante, conjurando uma cadeira de fino ar que ofereceu para McGonagall.

- Snape.- Repetiu McGonagall fracamente, caindo sobre a cadeira. - Nós todos sabíamos... Mas ele confiou... Sempre... Snape....Eu não posso acreditar...

- Snape era altamente aplicado em Oclumência.- Disse Lupin, sua voz incomparavelmente áspera. - Eu sempre soube disso.

- Mas Dumbledore jurava que ele estava do nosso lado!- Murmurou Tonks. - Eu sempre achei que Dumbledore soubesse qualquer coisa sobre Snape que nós não sabíamos...

- Ele sempre sugeriu que tinha uma séria razão para confiar em Snape.- Murmurou a Prof McGonagall, agora secando seus olhos molhados com um pano. - Eu quero dizer... Com a história de Snape... Claro que era de se espantar... Mas Dumbledore me disse claramente que o arrependimento de Snape era verdadeiro. Não ouviria uma palavra contra ele.

- Eu adoraria saber o que Snape disse para convencê-lo.- Disse Tonks

- Eu sei.- Disse Harry, e todos tornaram a olhar para ele. - Snape passou a Voldemort a informação que o permitiu perseguir os meus pais. Então Snape disse a Dumbledore que não sabia o que estava fazendo, que ele estava realmente arrependido do que tinha feito, arrependido de tê-los matado.

Todos o encararam.

- E Dumbledore acreditou nisso?- Disse Lupin, desconfiado. - Dumbledore acreditou que Snape sentia muito por Tiago estar morto? Snape odiava Tiago...

- E ele não achou que minha mãe valia um maldito tampouco.- Disse Harry. - Porque ela havia nascido trouxa... "Sangue-ruim"... Era como ele a chamava.

Ninguém perguntou como Harry soube disso. Todos eles pareciam estar perdidos em um choque terrível, tentando engolir a monstruosa verdade do que tinha acontecido.

- Isso é tudo culpa minha.- Disse a Prof McGonagall de repente. Ela pareceu desorientada contorcendo seu pano molhado em suas mãos. - Minha culpa. Eu mandei Filius trazer Snape essa noite. Na verdade, pedi para ele vir e ajudar-nos! Se eu não tivesse alertado Snape quanto ao que estava acontecendo ele nunca poderia ter unido forças com os Comensais da Morte. Eu não acho que ele sabia que eles estavam lá antes de Filius ter dito à ele, acho que ele não sabia que eles estavam chegando.

- Não é culpa sua Minerva.- Disse Lupin firmemente. - Nós todos precisávamos de ajuda, estávamos satisfeitos por Snape estar a caminho.

- Então, quando ele chegou para a batalha, passou para o lado dos Comensais da Morte?- perguntaram Harry, que queria saber mais sobre a duplicidade e traição de Snape, coletando com ardor mais razões para odiá-lo, para jurar vingança.

- Eu não sei realmente como isso aconteceu.- Disse a Prof McGonagall distraidamente. - Isso tudo é tão confuso... Dumbledore havia nos dito que ia deixar a escola por poucas horas e que ficássemos patrulhando os corredores só pra garantir... Remus, Gui e Nymphadora iriam se juntar a nós... E então nós patrulhamos.Todos parecíamos calmos.Toda passagem secreta para fora da escola estava coberta. Nós sabíamos que ninguém poderia entrar voando. Há poderosos encantamentos em cada entrada do castelo. Eu não sei como os comensais da Morte podem ter entrado.

- Eu sei.- Disse Harry, e explicou, resumidamente, sobre o par de Armários Invisíveis e a trilha mágica que eles haviam feito. - Então eles entraram através da Sala de Requisição.

Quase contra sua vontade, ele olhou para Ron e Hermione, ambos olhavam abatidos.

- Eu estraguei tudo, Harry.- Disse Ron tristemente. - Nós fizemos como você nos disse: checamos o Mapa do Maroto e não conseguimos ver Malfoy nele, então achamos que ele poderia estar na Sala de Requisição. Então eu, Gina e Neville fomos checá-la... Mas Malfoy tinha fugido.

- Ele saiu da sala uma hora depois que começamos a procurá-lo.- Disse Gina. - Ele estava sozinho, apertando com força aquele braço horrível e enrrugado.

- Sua Mão da Glória.- Disse Rony. - Fornece luz apenas para quem a segura, lembra?

- De qualquer maneira...- Gina continuou. - Ele poderia estar vendo se a barra tava limpa para deixar os Comensais da Morte saírem, porque, no momento em que ele nos viu, jogou alguma coisa no ar e tudo ficou negro como azeviche.

- Poder Peruano de Escuridão Instantânea.- Disse Ron amargamente.

- Nós tentamos de tudo. Lumos, Incêndio.- Disse Gina. - Nada quebrava essa escuridão. Tudo que nós pudemos fazer foi tatear a saída para o corredor de novo e, ao mesmo tampo, nós pudemos ouvir pessoas correndo atrás de nós. Obviamente Malfoy pode ver com aquela coisa na mão e os estava guiando, mas nós não ousamos lançar feitiços ou qualquer coisa no caso de nós colidirmos e, na hora em que chegamos a um corredor iluminado, eles já tinham ido.

- Felizmente...- Disse Lupin, rouco. - Ron, Gina e Neville se encontraram conosco quase que imediatamente e nos disseram o que tinha acontecido. Nós encontramos os Comensais da Morte minutos depois, indo em direção à Torre de Astronomia. Malfoy obviamente não esperava encontrar mais pessoas vigiando; ele pareceu ter esgotado seu suprimento de Poder da Escuridão, de qualquer jeito. Uma luta ocorreu, eles se dispersaram e nós começamos a persegui-los. Um deles, Gibbon, fugiu e correu para as escadarias da torre.

- Para conjurar a Marca?- Perguntou Harry.

- Ele podia ter feito isso, sim, eles podiam ter planejado aquilo antes de deixar a Sala de Requisição.- Disse Lupin. - Mas eu não acho que Gibbon gostou da idéia de ficar esperando por Dumbledore lá sozinho, porque ele voltou correndo e desistiu das escadas para retornar a batalha e lançou um feitiço que apenas me desviou.

- Então se Ron estivesse vigiando a Sala de Requisição com Gina e Neville...- Disse Harry, olhando pra Hermione. - Onde você estava?

- Do lado de fora do escritório de Snape, sim.- Murmurou Hermione, seus olhos brilhavam com as lágrimas. - Com Luna. Nós esperamos por algum tempo e nada aconteceu... Nós não sabíamos o que estava acontecendo lá em cima, Ron tinha levado o mapa... Era quase meia-noite quando o Prof. Flitwick apareceu correndo atrás de nós dentro das masmorras. Ele estava gritando sobre Comensais da Morte no castelo. Eu não acho que ele tenha percebido que eu e Luna estávamos lá de jeito nenhum, apenas explodiu seu caminho no escritório de Snape e nós o ouvimos dizendo que Snape tinha que voltar com ele e ajudá-lo, e então nós ouvimos uma forte pancada e Snape veio empurrando de dentro de sua sala e ele nos disse que... Que...

- O que?- Disse Harry encorajando-a.

- Eu fui tão estúpida, Harry!- Disse Hermione em um berrante sussurro. - Ele disse que o Prof Flitwick havia sofrido um colapso e que nós deveríamos ir e cuidar dele enquanto ele... Enquanto ele ia ajudar na batalha contra os Comensais da Morte.- Ela cobriu o rosto por vergonha e continuou a falar entre seus dedos, sua voz estava abafada. - Nós fomos à sala dele ver se podíamos

ajudar o Prof Flitwick e fazê-lo recuperar a consciência... E, oh, isso é tão óbvio agora, Snape podia ter estuporado Flitwick, mas nós não poderíamos saber, Harry, nós não sabíamos, nós apenas deixamos Snape ir.

- Não é culpa sua Hermione.- Disse Lupin firmemente. - Hermione, se você não tivesse obedecido Snape, tentando tirá-lo do caminho, ele provavelmente teria matado você e Luna.

- Depois, então, ele subiu.- Disse Harry, que estava vendo Snape correndo para a escadaria de mármore no seu pensamento, sua capa preta enfunando atrás dele como sempre, puxando sua varinha de dentro de sua capa enquanto ele subia, e ele encontrou o lugar onde vocês todos estavam lutando...

- Nós estávamos com problemas, estávamos perdendo.- Disse Tonks em voz baixa. - Gibbon havia sido derrotado, mas o resto dos Comensais da morte parecia disposto a lutar até a morte. Neville estava machucado; Gui havia sido ferido por Greyback... Estava escuro... Havia feitiços voando para todos os lados... Malfoy havia desaparecido, ele podia ter parado antes, nos degraus de cima... Então mais deles correram atrás dele, mas um deles bloqueou a escada atrás deles com algum tipo de feitiço... Neville correu até lá e colidiu no ar.

- Nenhum de nós podia continuar prosseguindo.- Disse Ron. -E aquele Comensal da Morte forte estava atirando maldições para todo lugar, ele estava atingindo as paredes e dificilmente nos evitava.

- E então Snape estava lá.- Disse Tonks. - E então não estava...

- Eu o vi correndo em direção a nós, mas aquele Comensal da Morte gigante jogou um feitiço que me atirou pra trás e eu abaixei a cabeça, desmaiei e perdi a noção das coisas.- Disse Gina.

- Eu o vi passar diretamente pela barreira de feitiço, como se ela não estivesse lá.- Disse Lupin. - Eu tentei segui-lo, mas fui jogado para trás, como Neville...

- Ele podia conhecer um feitiço que nós não sabíamos.- Murmurou McGonagall. - Apesar de tudo... Ele era o professor de Defesa Contra as Artes das Trevas... Eu apenas supus que ele estava com pressa pra capturar os Comensais da Morte que haviam fugido para a torre...

- Ele estava.- Disse Harry com selvageria. - Mas para ajudá-los, não para impedi-los... E eu aposto que ele tinha uma Marca Negra para ultrapassar aquela barreira... Então, o que aconteceu quando ele voltou?

- Bem, o grande Comensal da Morte soltou um feitiço que fez desabar metade do teto e, além disso, quebrou o feitiço que bloqueava a passagem.- Disse Lupin. - Nós todos prosseguimos... Aqueles que ainda estavam de pé. E então Snape e o garoto surgiram de dentro da poeira. Obviamente nenhum de nós os atacou.

- Nós os deixamos passar.- Disse Tonks com uma voz vazia. - Nós achamos que eles estavam caçando Comensais da Morte. Depois um outro Comensal e Greyback vieram atrás e nós lutamos de novo. Eu pensei ter ouvido Snape gritar alguma coisa, mas eu não sei o que.

- Ele gritou "Acabou". Disse Harry. - Ele ia fazer o que pretendia.

Todos eles se calaram. O lamento de Fawkes ainda ecoava sobre a escuridão dos terrenos lá fora. Enquanto a musica soava no ar, instantaneamente, pensamentos indesejáveis surgiram na mente de Harry... Eles já haviam tirado o corpo de Dumbledore do pé da torre? O que aconteceria depois? Onde ele jazeria? Ele apertou seu punho em seu bolso. Ele podia sentir o pequeno pedaço de Horcrux frio sobre as pontas de seus dedos da mão direita.

As portas de a ala hospitalar se abriram, fazendo todos se sobressaltarem: o Sr. e a Sra. Weasley estavam caminhado para a ala, Fleur estava atrás deles, seu lindo rosto estava aterrorizado.

- Moly... Arthur...- Disse a Prof. McGonagall levantando-se e apressando-se para cumprimentá-los. - Eu sinto muito.

- Gui.- Sussurrou a Sra. Weasley, deixando a Prof. McGonagall pra trás enquanto mirava o rosto mutilado de Gui. - Oh, Gui.

Lupin e Tonks haviam levantado apressadamente e se afastado para que o Sr e a Sra. Weasley pudessem se aproximar da cama. A Sra. Weasley curvou-se sobre seu filho e levou seus lábios até sua testa sangrenta.

- Você disse que Greyback atacou-o.- Perguntou o Sr. Weasley à Prof.McGonagall distraidamente. - Mas ele não havia se transformado? O que isso significa? O que vai acontecer com Gui?

- Nós ainda não sabemos.- Disse a Prof McGonagall, olhando desamparadamente para Lupin.

- Provavelmente haverá alguma contaminação, Arthur.- Disse Lupin. - É um caso estranho, provavelmente o único.... Nós não sabemos qual será o comportamento dele quando acordar...

A Sra. Weasley pegou a pegajosa pomada de Madame Pomfrey e começou a passar nas feridas de Gui.

- E Dumbledore?- Disse o senhor Weasley. - Minerva, isso é verdade...? Ele realmente está...?

Enquanto a Prof.ª Minerva acenava afirmativamente, Harry sentiu Gina se mover perto dele e olhou para ela. Seus olhos, levemente estreitados, estavam fixos em Fleur, que observava Gui com uma expressão fria no rosto.

- Dumbledore se foi.- Sussurrou o Sr. Weasley, mas a Sra. Weasley só tinha atenções para seu filho mais velho; ela começou a chorar, suas lagrimas caíam no rosto mutilado de Gui.

- Claro que não importa como está sua aparência... Isso não é r-realmente importante... Mas ele era um g-garotinho muito bonito... Sempre muito bonito... E ele ia se casar!

- Então, o que você quer dizer com isso?- Disse Fleur, de repente, e em voz alta. - O que você quis dizer com "ele ia se casar"?

A Sra. Weasley levantou seu rosto coberto de lágrimas, olhando imediatamente.

- Bem... Só que...

- Você acha que Gui não gostaria de se casar comigo de qualquer maneira?- Protestou Fleur. - Você acha que, por causa dessas mordidas, ele não vai me amar?

- Não, não era isso o que eu...

- Porque ele vai!- Disse Fleur, controlando-se e jogando para trás sua cascata de cabelos prateados. - É preciso mais do que um Lobisomem para que Gui deixe de me amar.

- Bem, sim, tenho certeza.- Disse a Sra Weasley. - Mas eu acho que talvez... Dado que ele... Ele...

- Você achou que eu não ia querer me casar com ele? Ou talvez você esperasse isso?- Disse Fleur, suas narinas se dilatando. - O que importa a aparência dele? Eu sou bonita o bastante para nós dois, eu acho! Todas essas feridas mostram que meu noivo é corajoso! Eu faço isso!- Ela acrescentou com firmeza, empurrado a Sra. Weasley pro lado e tirando a pomada das mãos dela.

A Sra. Weasley esbarrou em seu marido e viu Fleur limpando as feridas de Gui com uma expressão muito curiosa em seu rosto.. Ninguém disse nada; Harry não ousou se mexer. Como os outros, ele estava esperando pela explosão.

- Nossa grande titia Muriel.- Disse a Sra. Weasley, depois de uma longa pausa. - Tinha uma bela grinalda, feita por um duende. Eu estou certa que eu posso convencê-la a emprestar pra você para o casamento. Ela gosta muito de Gui, você sabe, e ficaria linda em seu cabelo.

- Obrigada.- Disse Fleur com dignidade. - Eu estou certa de que ficará linda.

Então, Harry não soube como aconteceu, mas ambas estavam chorando e se abraçando. Completamente confuso, fascinado no meio do mundo tinha ficado louco, ele se virou: Ron olhou impressionado e Hermione e Gina trocavam olhares horrorizados.

- Veja!- Disse uma voz tensa. Tonks olhou deslumbrada para Lupin. - Ela ainda quer casar com ele, mesmo ele estando com essas mordidas! Ela não se importa!

- É diferente.- Disse Lupin, mexendo pouco seus lábios e olhando repentinamente tenso. - Gui não vai ser um lobisomem por completo. Os dois casos são completamente...

- Mas eu não me importo com nenhum dos dois, não me importo!- Disse Tonks, agarrando a capa de Lupin e o chacoalhando. - Eu te disse um milhão de vezes...

E o significado do Patrono de Tonks e seu cabelo colorido, a razão dela ter corrido para encontrar Dumbledore quando ouviu rumores de que alguém havia sido atacado por Greyback, tudo pareceu repentinamente claro para Harry: Tonks não havia se apaixonado por Sirius depois de tudo.

- E eu te disse milhões de vezes.- Disse Lupin, procurando evitar os olhos dela, olhando fixamente para o chão. - Que eu sou muito velho pra você, muito pobre... Muito perigoso...

- Eu te disse desde o começo que você está colocando obstáculos ridículos nisso, Remus.- Disse a Sra. Weasley sobre o ombro de Fleur, enquanto dava tapinhas nas costas dela.

- Eu não estou sendo ridículo.- Disse Lupin firmemente. - Tonks merece alguém jovem e inteiro.

- Mas ela quer você.- Disse o Sr. Weasley com um pequeno sorriso. - E apesar de tudo, Remus, homens jovens e inteiros não permanecem, necessariamente, assim.

Ele gesticulou tristemente para seu filho, encostando-se ao lado dele.

- Esse não... É o momento para discutir isso.- Disse Lupin, evitando o olhar de todos enquanto ele olhava em volta distraidamente. - Dumbledore está morto...

- Dumbledore ficaria feliz que alguém soubesse que há algum amor no mundo.- Disse Prof. McGonagall, de forma direta, enquanto as portas do hospital abriam de novo e Hagrid entrava.

À parte de seu rosto que não estava encoberta pelo cabelo ou pela barba que estava grande e molhada; Ele estava tremendo e chorando, um grande, e manchado, pano em suas mãos.

- Eu tive... Eu tive que fazer isso, Professora.- Ele engasgou. - Retirá-lo. A Prof. Sprout está levando as crianças de volta pra a cama. O Prof. Flitwick está repousando, mas ele disse que vai ficar bem em pouco tempo, e Prof. Slughorn disse que os representantes do Ministério foram informados.

- Obrigada, Hagrid.- Disse a Prof. McGonagall, levantando-se de uma vez e voltando a olhar pro grupo em volta da cama de Gui.

- Eu terei que ver os representantes do Ministério, quando eles chegarem aqui. Hagrid, por favor, diga aos diretores das casas, Slughorn pode representar a Sonserina, que eu quero vê-los em minha sala imediatamente. Eu gostaria que você se juntasse a nós também.

Enquanto Hagrid acenava afirmativamente, virou-se, e foi embora, ela olhou pra Harry atrás dela.

- Antes de encontrá-los, gostaria de falar rapidamente com você, Harry. Se você vier comigo...

Harry levantou-se, murmurou:

- Vejo vocês daqui a pouco.- Disse para Ron, Hermione e Gina e seguiu a Prof. McGonagall pra fora da ala.

Os corredores de fora estavam abandonados e o único som que se ouvia era o canto da Fênix. Muito tempo depois, Harry percebeu que eles não estavam indos pra sala da Prof.McGonagall, mas para a sala de Dumbledore e, depois de um tempo, Harry percebeu que, naturalmente, ela era vice-diretora... Aparentemente ela era agora a diretora... Então a sala atrás da gárgula agora era dela.

Em silêncio eles subiram à escada em espiral e entraram na sala circular. Ele não sabia o que o esperava: aquela sala havia sido mudada, quem sabe, ou até o corpo de Dumbledore podia estar descansando lá. De fato, pareceu quase exatamente quando ele e Dumbledore tinham deixado-há poucas horas antes: os instrumentos de prata zumbiam e sopravam nas mesas de pernas finas, a espada de Griffindor na caixa de vidro brilhava ao luar, o Chapéu Seletor em uma prateleira debaixo da escrivaninha, o poleiro de Fawkes estava vazio, ele ainda ressoava seu lamento pelas terras. Um novo retrato havia se juntado à fileira das diretoras e diretores mortos de Hogwarts: Dumbledore estava descansando sobre uma moldura dourada em cima da mesa, os óculos de meia-lua pendurado sobre seu nariz deformado, parecendo tranqüilo e despreocupado. Depois de olhar uma vez o retrato, a Prof. McGonagall fez um estranho movimento enquanto aguçava-a, então se virou contra a mesa pra olhar pra Harry, seu rosto tenso e levemente enrugado.

- Harry.- Ela disse. - Eu gostaria de saber o que você e professor Dumbledore estavam fazendo nessa manhã quando você deixou a escola.

- Eu não posso te dizer, Professora.- Disse Harry. Ele já esperava a pergunta e tinha sua resposta pronta. Tinha sido aqui, nesta sala, que Dumbledore havia dito a ele que não deveria confiar o conteúdo de suas lições para ninguém, a não ser Ron e Hermione.

- Harry, isso talvez seja importante;- Disse a Prof. McGonagall.

- Isso é.- Disse Harry. - Muito, mas ele não quer que eu diga pra ninguém.

A Prof. McGonagall olhou furiosamente para ele.

- Potter.- Harry registrou o novo uso de seu sobrenome. - Devido à necessidade do esclarecimento da morte do Professor Dumbledore, acho que você pode ver que a situação mudou um pouco.

- Eu não acho.- Disse Harry, dando de ombros. - O Professor Dumbledore não me disse para parar de seguir suas ordens caso ele morresse. Mas... Há uma coisa que, de qualquer forma, você deveria saber antes do Ministério chegar: Madame Rosmerta está sob a Maldição Imperius. Ela estava ajudando Malfoy e os Comensais da Morte. Isso está relacionado com o colar e o pasto envenenado.

- Rosmerta?- Disse a Prof. McGonagall, incrédula. Mas, antes que ela pudesse continuar, houve uma batida na porta atrás deles e a Prof. Sprout, Flitwick, e Slughorn entraram na sala, seguidos por Hagrid, que ainda estava chorando muito, seu corpo enorme tremendo com sofrimento.

- Snape!- Bradou Slughorn, que pareceu muito chocado, pálido e suado. - Snape! Eu o ensinei! Pensei que o conhecia!- Mas, antes que alguém pudesse responder, uma voz rígida falou do alto da parede: Um bruxo de rosto pálido, com uma pequena franja negra, tinha aparecido na lona de seu quadro. - Minerva, o ministro vai chegar aqui em alguns segundos, ele vai desaparatar do Ministério.

- Obrigado, Everaldo.- Disse a Prof. McGonagall, e se voltou rapidamente para os professores. - Eu quero contar o que aconteceu em Hogwarts antes que ele chegue.- Disse ela rapidamente. - Pessoalmente, não estou certa de que a escola deveria reabrir no ano que vem. A morte do diretor pelas mãos de um dos nossos colegas é um a mancha terrível na historia de Hogwarts. Isso é terrível.

- Eu estou certa de que Dumbledore gostaria que a escola fosse aberta.- Disse a Prof. Sprout. - Eu acho que se um único aluno queira voltar então a escola devia permanecer aberta por aquele aluno.

- Será que vamos ter algum aluno depois disso?- Disse Slughorn, agora limpando suas sobrancelhas suadas com um pano de seda. - Os pais vão querer proteger seus filhos em casa e eu não os culpo. Pessoalmente, não acho que nós estejamos em maior perigo em Hogwarts do que em qualquer outro lugar. Mas você não pode esperar que as mães pensem a mesma coisa. Elas vão querer manter suas famílias juntas, isso é natural.

- Eu concordo.- Disse a Prof McGonagall. - E, em todo caso, não é correto dizer que Dumbledore nunca encarou uma situação em que Hogwarts poderia fechar. Quando a Câmara Secreta reabriu ele considerou o fechamento da escola, e eu posso dizer que o assassinato do Prof. Dumbledore é mais perturbadora pra mim do que um monstro de Sonserina vivendo nas entranhas do castelo sem ser detectado.

- Nós podemos consultar os responsáveis do Ministério...- Disse o Prof. Flitwick, em sua voz estridente; Ele tinha uma grande escoriação na testa, mas parecia, por outro lado, ileso pelo seu colapso na sala de Snape. - Nós podemos seguir o protocolo estabelecido. A decisão não deve ser feita precipitadamente.

- Hagrid, você não disse nada.- Disse a Prof McGonagall. - Qual a sua opinião: Hogwarts deve permanecer aberta?

Hagrid, que estava chorando em silencio em seu isolamento, limpou seu rosto durante toda a conversa, e agora seus olhos vermelhos, inchados, saltados

- Eu não sei, Professora... Acho que isso tem que ser decidido pelos Chefe das casas e a diretoria...

- Prof Dumbledore sempre considerou suas opiniões.- Disse a Prof McGonagall com gentileza. - Então eu também considero.

- Bem, por mim eu ficaria.- Disse Hagrid, grossas lágrimas ainda escorriam pelos cantos de seus olhos e pingavam em suas barbas embaraçadas. - Essa é minha casa... É minha casa desde que eu tinha treze anos. E se há crianças que querem que eu ensine a elas, é isso que vou fazer. Mas... Eu não sei... Hogwarts sem Dumbledore....- Ele engoliu em seco e desapareceu atrás de seu pano mais uma vez, e ficou em silencio.

- Muito bem!- Disse a Prof. McGonagall, olhando os terrenos pela janela, checando pra ver se o Ministro estava se aproximando. - Então eu posso concordar com Filius que a melhor coisa a fazer é consultar os governantes, que terão a decisão final.

- Agora, enquanto mandamos os estudantes pra casa... Há um argumento a favor de fazer isso particularmente cedo do que mais tarde. Nós podemos fazer com que o Expresso de Hogwarts venha amanhã se necessário.

- O que faremos sobre o funeral de Dumbledore?- Disse Harry, falando finalmente.

- Bem...- Disse a Prof. McGonagall, sua voz ficando lenta enquanto tremia. - Eu... Eu sei que era o desejo de Dumbledore ser enterrado aqui, em Hogwarts.

- Então isso é o que vai acontecer, não é?.- Disse Harry ferozmente.

- Se o Ministro achar isso apropriado.- Disse a Prof. McGonagall. - Nenhum outro diretor ou diretora fez isso.

- Nenhum diretor ou diretora de Hogwarts fez tanto por essa escola.- Rosnou Hagrid.

- Hogwarts deve o lugar de descanso de Dumbledore.- Disse o Prof. Flitwick.

- Certamente.- disse a Prof. Sprout.

- Então, nesse caso.- Disse Harry. - Você não devia escrever para as casas dos estudantes até que o funeral aconteça... Eles vão querer dizer...

A última palavra ficou presa em sua garganta, mas Prof. Sprout completou a sentença com um “Adeus".

- Bem lembrado.- Chiou o Prof. Flitwick. - Bem lembrado, de fato! Nossos estudantes deviam prestar uma homenagem, isso seria adequado. Nós podemos arranjar transporte pra casa mais tarde.

- Apoiado!- gritou a Prof. Sprout.

- Eu suponho... Que sim...- Disse Slughorn, em uma voz particularmente tremida, enquanto Hagrid soltou um choro emocionado de assentimento.

- Ele está chegando.- Disse a Prof. McGonagall repentinamente, observando os terrenos lá em baixo. - O Ministro... Aparentemente. Ele está trazendo uma delegação.

- Eu posso sair Professora?- Disse Harry imediatamente.

Ele não queria ver, nem ser interrogado por Rufus Scrimgeour naquela noite.

- Você pode.- Disse a Prof McGonagall. - E rapidamente.

Ela caminhou em direção à porta e segurou-a para ele. Ele se apressou na descida da escadaria em espiral e se afastou pelo corredor deserto; ele tinha deixado sua Capa da Invisibilidade no alto da Torre de Astronomia, mas isso não importava; não tinha ninguém no corredor pra vê-lo passar, nem mesmo Filch, Madame Norrra, ou Pirraça. Ele não encontrou uma alma viva até o corredor que levava aos dormitórios da Grifinória.

- É verdade?- Disse a Mulher Gorda enquanto ele se aproximava. - É realmente verdade? Dumbledore... Morreu?

- Sim.- Disse Harry.

Ela deixou escapar um lamento, sem esperar pela senha, e abriu passagem para deixá-lo entrar.

Como Harry suspeitava que seria, a sala comunal estava cheia. A sala se silenciou enquanto ele atravessava o buraco do retrato. Viu Dino e Simas sentados em um grupo próximo: isso significava que o dormitório podia estar vazio, ou quase. Sem dizer nada a ninguém, sem qualquer olhar, Harry cruzou a sala e foi direto para o dormitório dos meninos.

Como Harry imaginara, Ron estava esperando por ele, ainda vestido, sentando em sua cama. Harry sentou em sua própria cama e por um momento eles se encararam.

- Eles estavam falando sobre o fechamento da escola.- Disse Harry.

- Lupin disse que eles fechariam.- Disse Ron.

Houve uma pausa.

- Então?- Disse Ron, em uma voz muito baixa, como se achasse que os móveis poderiam escutá-lo. - Você descobriu algo? Você conseguiu??... Um... Um Horcrux?

Harry balançou a cabeça negativamente. Tudo que tinha acontecido em volta do rio negro parecia um velho pesadelo agora; aquilo realmente havia acontecido há algumas horas?

- Você não pegou?- Disse Ron desapontado. - Não estava lá?

- Não.- Disse Harry. - Alguém já o tinha levado e deixado um falso no lugar.

- Já tinha sido levado?

Sem palavras, Harry puxou o Medalhão de seu bolso, abriu-o, e deu para Ron. A história inteira podia esperar... Ela não importava naquela noite... Nada importava, a não ser o fim, o fim da sua aventura sem sentido, o fim da vida de Dumbledore...

- R.A.B.- Murmurou Ron. - Mas o que é isso?

- Não sei.- Disse Harry.- Deitando em sua cama totalmente vestido e esperando e olhando inexpressivamente para o teto. Ele não tinha nenhuma curiosidade sobre R.A.B.: ele duvidou de que teria curiosidade de novo. Enquanto se deitava, percebeu, repentinamente, que as terras haviam silenciado. Fawkes tinha parado de cantar. E ele estava certo, sem certeza de como sabia daquilo, de que a fênix tinha ido, tinha deixado Hogwarts pra sempre, como Dumbledore também tinha deixado a escola, tinha deixado o mundo... Tinha deixado Harry.

= = = =

- Mais alguém que conhecemos morreu?- Rony perguntou a Hermione, que estava folheando o Profeta Vespertino.

Hermione recuou ante a dureza forçada na voz dele.

- Não.- Disse ela, dobrando o jornal. - Ainda estão procurando Snape, mas nem sinal...

- Claro que não.- Disse Harry, que ficava irado cada vez que o assunto surgia. - Não vão encontrar Snape enquanto não encontrarem Voldemort, e se eles não o acharam em 16 anos...

- Eu vou dormir.- Disse Gina. - Não tenho dormido bem desde... Bem... Dormir um pouco me faria bem.

Ela beijou Harry (Rony desviou o olhar), acenou para os outros dois e partiu para o quarto das meninas. Assim que a porta fechou atrás dela, Hermione virou-se para Harry com a maior cara de Hermione que Hermione era capaz de fazer.

- Harry, eu descobri algo hoje de manhã, na biblioteca...

- R.A.B.?- Disse Harry, esticando-se.

Ele não se sentiu da maneira como se sentia normalmente antes, empolgado, curioso, morto de vontade de resolver um mistério; ele simplesmente sabia que a tarefa de descobrir a verdade sobre a Horcrux de verdade tinha que ser completada antes de dar alguns passos a mais no longo e curvo caminho a sua frente, o caminho que ele e Dumbledore tinham arranjado juntos, e no qual ele sabia que teria que caminhar sozinho a partir de então. Havia ainda pelo menos quatro Horcruxes em algum lugar e cada uma deveria ser encontrada e eliminada antes de haver sequer uma possibilidade de Voldemort ser morto. Ele continuava recitando nomes para si mesmo, como se os listando ele pudesse pô-los a seu alcance: "o pingente... A taça... A cobra... Algo sobre Grifinória ou Corvinal... O pingente... A taça... A cobra..."

Esse mantra parecia pulsar na cabeça de Harry quando ele dormiu aquela noite, e seus sonhos estavam cheios de taças, pingentes e objetos misteriosos que ele não conseguia alcançar, embora Dumbledore prestativamente oferecesse a Harry uma escada que virava cobras no instante em que ele começava a subir...

Ele tinha mostrado a Hermione a nota dentro do pingente na manhã após a morte de Dumbledore, e embora ela não tivesse imediatamente reconhecido as iniciais de um bruxo sobre o qual ela tinha lido, ela vinha visitando a biblioteca um pouco demais para alguém que não tinha dever de casa.

- Não.- Ela disse tristemente. - Eu tenho tentado, Harry, mas não achei nada... Há vários bruxos conhecidos com essas iniciais: Rosalind Antigone Bungs... Rupert "Axebanger" Brookstanton... Mas eles não parece se encaixar. Julgando pela nota, a pessoa que roubou a Horcrux conhecia Voldemort, e eu não acho indício algum de qualquer um dos dois ter tido algo a ver com ele... Não, na verdade, é... Bem, Snape.

Ela ficou nervosa mesmo dizendo o nome de novo.

- O que tem ele?- Perguntou Harry, recostando-se em sua cadeira.

- Bem, eu estava certo sobre a história do Príncipe Mestiço.- Ela disse.

- Precisa esfregar, Hermione? Como você acha que estou me sentindo agora?

- Não, não, Harry, eu não quis dizer isso.- Ela acrescentou rapidamente, checando ao redor se não estavam sendo ouvidos. - Eu estava certa sobre Eileen Prince ter tido o livro. Você sabe, ela era a mãe do Snape!

- Eu achava que ela não era lá uma observadora.- Disse Rony. Hermione o ignorou.

- Eu estava olhando o resto do Profeta e havia um anúncio minúsculo sobre Eileen Prince se casando com um homem chamado Tobias Snape, e depois algo dizendo que ela tinha dado à luz um...

- Assassino.- cuspiu Harry.

- Bem... Sim.- Disse Hermione. - Então... Eu estava certa. Snape deve ter tido orgulho de ter sido "meio-príncipe", entende? Tobias Snape era um trouxa pelo que li.

- É, faz sentido.- disse Harry. - Ele interpretava o puro-sangue para se dar bem com Lucio Malfoy e o resto deles... Ele é justamente como Voldemort. Mãe bruxa, pai trouxa... Envergonhado de seus pais, tentando se fazer temido usando as Artes das Trevas, deu a si mesmo um nome forte. Lorde Voldemort, o príncipe mestiço. Como Dumbledore não percebeu?

Ele parou, olhando pela janela. Ele não conseguia evitar pensar sobre a inabalável confiança de Dumbledore em Snape... Mas como Hermione tinha lhe lembrado, ele, Harry, foi levado da mesma maneira... Apesar da crescente estranheza dos feitiços, ele tinha se recusado a acreditar naquilo sobre o garoto que tinha sido tão brilhante, que o tinha ajudado tanto...

Ajudado... Era quase um pensamento insuportável agora...

- Eu ainda não entendi por que ele não te castigou por usar o livro.- Disse Rony. - Ele devia saber de onde você estava tirando aquilo tudo.

- Ele sabia.- Disse Harry amargamente. - Ele sabia quando eu usei Sectumsempra. Ele não precisava de Legilimância... Ele já devia ter sabido até antes, com Slughorn contando como eu era bom e Poções... Não devia ver deixado seu livro velho na parte mais baixa do armário, não é?

- Mas por que não te castigou?

- Eu não acredito que ele quisesse ser associado àquele livro.- Disse Hermione. - Eu não acho que Dumbledore teria gostado de saber. E mesmo que Snape fingisse que não era dele, Slughorn teria reconhecido a letra dele. De qualquer maneira, o livro foi deixado na sala de aula antiga do Snape, e eu aposto que Dumbledore sabia que a mãe dele era chamada "Prince".

- Eu devia ter mostrado o livro a Dumbledore.- Disse Harry. - Todo esse tempo ele vinha me mostrando como Voldemort era maligno quando estava na escola, e eu tinha provas de que Snape era, também.

- Maligno é uma palavra forte.- Hermione disse.

- Você foi quem não parava de me dizer que o livro era perigoso!

- Eu estou dizendo, Harry, que você está se culpando demais. Eu achava que Príncipe tinha um senso de humor um pouco estranho, mas nunca teria imaginado que ele era um assassino em potencial.

- Nenhum de nós teria imaginado que Snape iria... Você sabe.- Disse Rony.

O silêncio caiu entre eles, cada um perdido em seus pensamentos, mas Harry sabia que eles, como ele, estavam pensando sobre a manhã seguinte, quando o corpo de Dumbledore seria velado. Harry nunca tinha ido a um funeral antes; não tinha havido ninguém a enterrar quando Sirius morreu. Ele não sabia o que esperar e estava um pouco preocupado sobre o que veria, como se sentiria. Ele se perguntava se a morte de Dumbledore seria mais real para ele quando o funeral terminasse. Embora ele tivesse

momentos nos quais o horrível fato ameaçava possuí-lo, havia espaços de branco nos quais, apesar do fato de que ninguém estava falando de nada além daquilo, ele ainda achava difícil acreditar que Dumbledore tinha morrido. Na verdade ele não tinha, como tinha com Sirius, procurado por algum tipo de revira-volta, alguma maneira de Dumbledore voltar... Ele sentia em seu bolso a corrente fria da Horcrux falso, que ele carregava consigo a toda parte, não como um talismã, mas um lembrete do que aquilo tinha custado e o que ainda havia a ser feito.

Harry levantou-se cedo para arrumar as malas; o Expresso de Hogwarts sairia uma hora após o funeral. No andar de baixo ele encontrou o clima no hall um pouco para baixo. Todos vestiam seus robes e ninguém parecia ter fome. A Professora McGonagall tinha deixado a cadeira no meio da mesa dos professores vazia. Na cadeira de Hagrid também não havia ninguém: Harry achou que talvez ele não estivesse preparado para encarar o café da manhã; mas o lugar de Snape tinha sido preenchido por Rufus Scrimgeour. Harry evitou seus olhos amarelos que observavam o salão; ele tinha a sensação desconfortável de que era procurado. Ao redor de Scrimgeour, Harry viu os cabelos vermelhos de Percy Weasley. Rony não deu sinal de perceber a presença de Percy.

Na mesa da Sonserina, Crabbe e Goyle estavam cochichando juntos. Eles eram garotos desajeitados e pareciam estranhamente sozinhos sem a pálida e grande presença de Malfoy em volta deles, mandando em tudo à sua volta. Harry não tinha pensado muito em Malfoy. Sua animosidade era toda contra Snape, mas ele não tinha esquecido o medo na voz de Malfoy no topo da torre, ou que ele abaixou sua varinha antes que outros Comensais da Morte chegassem. Harry não acreditava que Malfoy poderia ter matado Dumbledore. Ele ainda desprezava Malfoy pela sua paixão cega às Artes das Trevas, mas agora ele tinha um pingo de dó misturado com seu ódio. Onde, Harry questionava, estaria Malfoy agora, e o que Voldemort estaria fazendo com ele, ameaçando-o e a sua família de morte? Os pensamentos de Harry foram interrompidos por uma de Gina na sua costela. A Professora McGonagall tinha subido e o triste zumbido de luto no Salão morreu completamente.

- Está quase na hora.- Ela disse. - Por favor, sigam os seus Chefes das Casas até os jardins. Grifinória, comigo por favor.

Eles formaram uma fila do lado de seus bancos praticamente em silêncio. Harry vislumbrou Slughorn na frente da coluna da Sonserina, vestindo um manto magnífico de longas esmeraldas verdes bordadas com prata. Ele nunca tinha visto a Professora Sprout, Chefe da Casa Lufa-Lufa, parecer tão pura; não havia um simples remendo no seu chapéu, e quando eles alcançaram o Salão de Entrada, eles encontraram Madame Pince ao lado de Filch, ela em um grosso véu preto que descia até seus joelhos, ele em um antigo terno e de gravata, causando a impressão de um cabide. Eles estavam sendo conduzidos, como Harry conseguiu ver quando ele saiu do caminho de pedras da porta da frente, em direção ao lago. O calor do sol acariciava seu rosto enquanto eles seguiam a Professora McGonagall em silêncio para um local onde centenas de cadeiras haviam sido colocadas em fileiras. Um corredor levava ao centro delas: havia uma mesa de mármore posta na frente, todas as cadeiras direcionadas a ela. Era o dia mais bonito do verão.

Uma extraordinária diversidade de pessoas já estavam acomodadas em metade das cadeiras: pobres e sábios, velhos e novos. Muitos Harry não reconheceu, mas teve alguns que sim, incluindo membros da Ordem da Fênix: Kingsley Shacklebolt, Olho-Tonto Moody, Tonks, seu cabelo miraculosamente havia retornado para um rosa choque, Remo Lupin, com quem ela parecia estar de mãos dadas, o Sr e a Sra Weasley, Gui ajudado por Fleur e seguido por Fred e George, que estavam vestindo jaquetas de pele de dragão preta. Então, lá estava Madame Maxime, que ocupava sozinha duas cadeiras e meia, Tom, o proprietário do Caldeirão Furado, Arabella Figg, a vizinho trouxa de Harry, o baixista cabeludo do grupo bruxo As Esquisitonas, as Esquisitonas, Ernie Frang, motorista do Noitibus Andante, Madame Malkin, da loja de vestimentas do Beco Diagonal, e algumas pessoas que Harry conhecia somente de vista, como o garçom do Hog's Head e a bruxa que puxava o carrinho de chá do Expresso de Hogwarts. Os fantasmas do castelo também estavam lá, pouco visíveis no brilho do sol, discerníveis apenas quando se moviam, insubstanciavelmente resplandecendo cintilantes no ar.

Harry, Ron, Hermione e Gina procuraram lugares no final da fileira ao lado do lago. As pessoas estavam sussurrando umas às outras; parecia o som de um leve movimento na grama, mas a canção de pássaro estava alta mais longe. A audiência continua a crescer; com um grande e precipitado afeto para ambos, Harry viu Neville sendo ajudado a encontrar um lugar por Luna. Eles eram os únicos da AD que haviam respondido à convocação de Hermione na noite em que Dumbledore morreu, e Harry sabia o porquê: eles eram os que mais haviam perdido com o fim da AD... Provavelmente os que checavam suas moedas com frequência na esperança de que houvesse um outro encontro...

Cornelius Fudge passou por eles indo em direção às fileiras da frente, sua expressão miserável, girando seu chapéu coco verde como de costume; Harry depois reconheceu Rita Skeeter, que ficou furioso em ver, com uma pena-de-escrita-rápida agarrada na sua mão rubra; e depois, com um perverso golpe de fúria, Dolores Umbridge, com uma expressão não convincente de pesar sob sua face de cogumelo, um laço de veludo preto colocado acima de seus cinzentos cabelos enrolados sob a visão do centauro Firenze, que permanecia como um sentinela próximo à margem d'água, e assim ela logo começou apressadamente a procurar lugar a uma boa distância.

A equipe de apoio estava sentada ao fundo. Harry podia ver Scrimgeour olhando seriamente e digno na primeira fila com a Professora McGonagall. Ele confabulava se Scrimgeour ou qualquer uma dessas pessoas importantes estava realmente lamentando que Dumbledore se foi e ele esqueceu o seu ódio ao Ministro olhando ao redor. Ele não era o único: muitas cabeças estavam virando, procurando, um pouco alarmadas.

- Ali!- Disse Gina cochichando no ouvido de Harry.

E ele os viu claramente iluminados na água verde pelo sol, movendo-se abaixo da superfície, lembrando-o horrivelmente do Inferi; um coro de sereianos cantando em uma língua estranha que ele não entendeu, suas pálidas faces onduladas, seus cabelos purpúreos transbordando em todas as direções. A música fez o cabelo na nuca de Harry se arrepiar e isso ainda não era desagradável. Ela falou muito claramente da perda e do desespero. Conforme ele olhava para as faces selvagens dos cantores, ele tinha o sentimento de que, no final das contas, estavam pesarosos da morte de Dumbledore. Então Gina acotovelou-o novamente e ele olhou em volta.

Hagrid estava caminhando vagorosamente no corredor entre as cadeiras. Ele estava chorando silenciosamente, sua face cintilando com as lágrimas, e em seus braços, escondido em um veludo decorado com lantejoulas e estrelas douradas, aquilo que Harry saiba que era o corpo de Dumbledore. Uma cortante dor cresceu na garganta de Harry com essa visão: por um momento, a

música estranha e o conhecimento de que o corpo de Dumbledore estava tão perto pareceram tirar todo o calor do dia. Rony olhou pálido e chocado. As lágrimas estavam caindo densamente e rapidamente nas bainhas de Gina e Hermione.

Eles não podiam ver com clareza o que estava acontecendo na frente. Hagrid parecia ter posicionado o corpo cuidadosamente em cima da mesa. Agora, ele recuou no corredor, assoando o seu nariz com proclamados e barulhentos sons que extraíram olhares escandalizados de alguns, incluindo, Harry viu, Dolores Umbridge... Mas Harry sabia que Dumbledore não teria ligado. Ele tentou fazer um sinal amigável para Hagrid enquanto ele passava, mas os olhos dele estavam tão inchados que era um mistério ele poder ver onde estava indo. Harry deu uma espiada atrás da fileira que Hagrid estava alcançando e percebeu que, guiando-o para lá, vestindo uma jaqueta de calças cada uma do tamanho de uma pequena tenda, era o gigante Grope, seu grande e feio irmão com a cabeça arqueada, que docilmente parecia quase humano. Hagrid sentou-se próximo ao seu meio irmão Grope, que duramente saciou Hagrid na cabeça, então as pernas das suas cadeiras afundaram no chão. Harry teve uma compulsão momentânea para sorrir. Mas então, a música parou novamente e ele prestou atenção à frente novamente.

Um pequeno homem com chapéu de pelos e em vestimentas pretas lisas chegou à frente e ficou parado na frente do corpo de Dumbledore. Harry não conseguia ouvir o que ele estava dizendo. Palavras estranham fluíam de volta para eles em milhares de bolhas. "Nobreza de espírito"... "Contribuição intelectual"... "Gratidão de coração"... Isto não tinha muito significado. Pelo que Harry conhecia de Dumbledore, tinha pouco a ver com ele. De repente, ele lembrou das idéias de Dumbledore de algumas palavras: "pessoa estúpida", "feijãozinho de pimenta", "gordura de baleia" e "besliquei", e de novo, teve que suprimir um gracejo... Qual era o problema com eles?

Havia um barulho leve de respingos atrás dele e ele viu que os sereianos tinham rompido a superfície para escutar também. Ele lembrou de Dumbledore encolhendo-se na margem d'água dois anos atrás, próximo de onde Harry estava sentado agora, e conversando em sereiês com o Chefe dos Sereianos. Harry pensou onde Dumbledore tinha aprendido sereiês. Havia tanto que ele nunca tinha perguntado a ele, tanto que ele deveria ter perguntado...

E então, sem aviso, isto o tomou conta, uma terrível e completa verdade, mais completa e de modo inegável do que até agora. Dumbledore estava morto, tinha ido embora... Ele agarrou com tanta força o gelado medalhão em sua mão que machucou-o, mas ele não pode prevenir as lágrimas quentes de caírem de seus olhos: ele olhou além de Gina e os outros olhavam além do lago, direcionando-se à Floresta, como o pequeno homem de preto falava monotonamente... Havia movimento entre as árvores. Os centauros vinham trazer para a situação todo o seu respeito. Eles não moverem-se para o espaço aberto, mas Harry os viu permanecerem tranqüilamente, meio escondidos nas sombras, vendo os bruxos e com seus arcos ao lado. E Harry lembrou da sua primeira e atemorizante viagem pela Floresta, a primeira vez que ele encontrou a coisa que era Voldemort, e como ele o enfrentou e como ele e Dumbledore haviam discutido lutar uma batalha perdida desde então. Era importante, Dumbledore disse, lutar e lutar e continuar lutando, somente com isso o mau poderia ser mantido sob controle, entretanto quase nunca erradicado...

E Harry viu muito claramente sob o sol quente, as pessoas que se preocupavam com ele saudando-o, e estavam na frente dele o tempo todo, um por um, sua mãe, seu pai, seu padrinho, e finalmente Dumbledore, todos determinados a protegê-lo; mas agora isto estava acabado. Ele não poderia deixar mais ninguém ficar entre ele e Voldemort; ele tinha que abandonar para sempre a ilusão que ele tinha desde pequeno: que a proteção dos seus pais significava que nada poderia machucá-lo. Não havia despertar deste pesadelo, o sussurro confortante na escuridão de que eles estava realmente seguro, que tudo estava na sua imaginação; o último e o maior dos seus protetores tinham morrido e ele estava mais sozinho do que nunca.

O pequeno homem de preto havia acabado finalmente o discurso e reassumido seu assento. Harry esperava que alguém fosse pegar no seu pé; ele contava com discursos, provavelmente do Ministro, mas ninguém se moveu.

Então várias pessoas gritaram. Chamas brilhantes e brancas surgiram e envolveram o corpo de Dumbledore e a mesa sobre a qual ele estava: cada vez mais altas e altas elas se levantaram obscurecendo a visão do corpo. A branca fumaça espiralada compôs formas estranhas no ar. Harry teve a impressão de que a fumaça formava uma fênix a voar alegre no céu azul, mas o fogo desapareceu em um segundo. Em seu lugar estava uma tumba de mármore branco encerrando o corpo de Dumbledore e a mesa onde ele repousara.

Depois de mais alguns segundos outro grito de choque houveram devido à chuva de flechas que rasgaram os ares, e caíram distantes da multidão. Harry sabia, o tributo dos centauros: viu-os virar as caudas e desaparecerem atrás das frescas árvores. Da mesma forma os sereianos, que mergulharam nas verdes águas do lago e desapareceram de vista.

Harry olhou para Gina, Rony e Hermione: a expressão de Rony era confusa, como se a luz do dia o ofuscasse. A face de Hermione parecia um espelho de lágrimas, mas Gina não mais chorava. Ela encontrou o olhar de Harry com aquele mesmo olhar endurecido, da mesma forma que ela o tinha olhado quando o tinha abraçado, após vencer o torneio de quadribol na sua ausência, e soube, nesse momento, que cada um se compreendia perfeitamente, e que quando contasse o que iria fazer a partir de então ela não diria "tenha cuidado" ou "não faça isso", mas aceitaria a sua decisão, porquê não esperaria outra coisa, nem mais nem menos, dele. E assim estava preparado para dizer o que sabia que sempre deveria dizer desde que Dumbledore morreu.

- Gina, ouça...- falou muito silenciosamente, enquanto a conversa ao redor deles se tornava mais alta. - Eu não posso mais namorar contigo. Nós temos que parar de nos ver. Nós não podemos ficar juntos.

Ela disse, com um estranho sorriso:

- Isto é por alguma estúpida, nobre razão, não é isso?

- Isto é como... Como se alguma coisa da vida de outra pessoa, e essas últimas semanas com você.- Disse Harry. - Mas eu não posso... Não podemos... Eu tenho coisas pra fazer sozinho agora.

Ela não chorou, apenas olhava para ele.

- Voldemort usa as pessoas mais próximas aos seus inimigos. Ele já te usou uma vez, e justamente porquê você era a irmã de meu melhor amigo. Pense no perigo a que você estará exposta se continuarmos juntos. Ele saberá, ela a encontrará. Ele tentará me pegar através de você.

- E se eu não me importar?- Disse ferozmente Gina.

- Eu me importo...- Disse Harry. - ...Contigo. Pense no que eu sentiria se eu fosse ao seu funeral... E por minha culpa...

Ela olhou longe, para o lago, e disse:

- Eu nunca realmente desisti de você. Não realmente. Sempre esperei... Hermione me disse para seguir com minha vida, talvez sair com outras pessoas, relaxar quando você estava perto, porque eu nunca era capaz de falar contigo no quarto, lembra-se? E ela pensou que talvez você iria me notar um pouco mais se eu fosse eu mesma.

- Menina esperta essa Hermione.- Harry disse tentando sorrir. - Eu somente queria ter perguntado para você antes. Nós poderíamos ter feito isso há tempos... Meses... Anos talvez...

- Mas, você estava muito ocupado salvando o mundo mágico.- Disse Gina, meio rindo. - Bem... Eu não posso dizer que eu estou surpresa. Eu sabia que isso poderia acontecer no fim. Eu sei que você não será feliz até vencer Voldemort. Talvez por isso que eu goste muito de você.

Harry não poderia ouvir aquelas coisas, ou sua decisão seria continuar sentado ao lado dela. Harry viu que Rony estava agora segurando Hermione e acariciando seus cabelos enquanto ela chorava em seu ombro, lágrimas escorrendo ao longo de seu nariz. Com um gesto desalentado, Harry se levantou, deu suas costas para Gina e a tumba de Dumbledore e caminhou para perto do lago. Andando a tristeza é muito mais suportável que permanecendo sentado: somente encontrando as Horcruxes e eliminando Voldemort ele se sentiria melhor do que aguardar por isso...

- Harry!

Girou. Rufus Scrimgeour estava limpando rapidamente ao redor do banco, andando inclinado em sua vara .

- Eu tenho esperado por uma palavra... Você se importa se eu andar abaixado como você?

- Não.- Disse Harry indiferentemente e novamente concluindo.

- Harry, isso foi uma tragédia terrível.- Disse Scrimgeour pesarosamente. Eu não posso contar-lhe como estou ouvindo isso. Dumbledore era um grande bruxo. Nós tivemos nossos desentendimentos, e você sabe, mas ninguém o conhecia melhor que eu.

- O que você quer?- Perguntou aereamente Harry.

Scrimgeour olhou-o irritado mas, como antes, modificou rapidamente sua expressão para uma de pesarosa compreensão.

- Você está, certamente, desanimado.- Ele disse. - Eu sei que você era muito íntimo de Dumbledore. Eu acho que você sempre foi seu aluno favorito. A ligação entre vocês...

- O que você quer?- Repetiu Harry, voltando a parar.

Scrimgeour também parou, inclinou-se em sua vara e olhou fixamente para Harry, com expressão irritada agora.

- A palavra era você quem estava com ele quando ele deixou a escola na noite em que ele morreu?

- Que palavra?- Perguntou Harry.

- Alguém estuporou um Comensal da Morte na torre depois que Dumbledore morreu. Havia também duas varinhas no local. O Ministro pode juntar dois e dois, Harry.

- Fico feliz em ouvir isso.- Disse Harry. - Bem, onde eu e Dumbledore estivemos e que fizemos são meus negócios. Eu não quero que todos saibam.

- A lealdade é admirável, realmente.- Disse Scrimgeour, que pareceu conter sua irritação com dificuldade. - Mas Dumbledore partiu, Harry. Ele partiu.

- Somente terá partido quando não restar na escola mais ninguém leal a ele.- Disse Harry, sorrindo consigo mesmo.

- Meu caro garoto ... Dumbledore não poderá retornar do...

- Eu não estou dizendo que ele possa. Você não compreenderia. Mas não tenho mais nada a lhe contar.

Scrimgeour hesitou, então disse, e que foi evidentemente um tom supostamente delicado:

- O Ministério pode oferecer toda a sorte de proteção, você sabe, Harry. Eu ficaria muito contente se colocasse um par de Aurores ao seu serviço...

Harry riu.

- Voldemort que me matar pessoalmente e seus Aurores não irão pará-lo. Muito obrigado pela oferta, mas não, obrigado.

- Então.- Disse Scrimgeour, com sua voz fria. - O pedido que eu fiz para você no Natal...

- Que pedido? Oh, sim... Aquele em que eu conto para o mundo o grande trabalho que você está realizando em troca de...

- ... Para levantar a moral de todos!- Sibilou Scrimgeour.

Harry considerou-o por um momento.

- Libere Stan Shunpike então?

Scrimgeour ficou perigosamente roxo parecendo-se com seu tio Válter.

- Eu vejo você é...

- Completa e completamente um homem de Dumbledore.- Disse Harry. - É isso.

Scrimgeour fitou-o por outro momento, então girou e seguiu seu caminho sem outra palavra. Harry pode ver Percy e o restante da delegação do Ministério esperando por ele, agrupando-se nervosamente sobre a sombra de Hagrid e Grope, que ainda permaneciam nos mesmos lugares onde estavam sentados. Rony e Hermione, deixaram Scrimgeour passar na direção oposta. Harry girou e voltou a andar lentamente, esperando que eles o alcançassem, o quê aconteceu justamente à sombra de uma árvore na qual haviam passados tempos felizes.

- O que Scrimgeour queria?- Perguntou Hermione.

- O mesmo que ele queria no Natal.- Resmungou Harry. - Ele me procurou para obter informações sobre Dumbledore e para ser o novo garoto propaganda do Ministério.

Rony pareceu esforçar-se consigo mesmo por um momento, então ele disse alto para Hermione:

- Olha, deixe ir e novamente acertarei Percy!

- Não!- Ela disse firmemente, segurando seu braço.

- Isso me faria sentir melhor!

Harry sorriu. Mesmo Hermione deu um pequeno sorriso, mas que se esvaneceu quando olhou para o castelo.

- Eu não posso aceitar a idéia de que nunca mais retornarei...- Ela disse tristemente. - Como podem fechar Hogwarts?

- Talvez não queiram.- Disse Rony. - Nós não estaremos em perigo menor aqui tanto quanto em nossas casas, estaremos? Todos os lugares são iguais agora. Eu diria até que Hogwarts é mais segura que dentro da casa que qualquer bruxo possa defender. O quê você acha, Harry?

- Eu não retornarei mesmo se reabrir.- Disse Harry.

Rony se engasgou, mas Hermione disse tristemente:

- Eu sabia que você ia dizer isso. Mas então o que você fará?

- Eu vou retornar a casa dos Dursleys por enquanto, porque Dumbledore assim desejou.- Disse Harry. - Mas vai ser uma visita curta, e então terei ido para o bem.

- Então você partirá e não retornará para a escola?

- Eu pensei que eu voltaria novamente para a Toca.- Murmurou Harry. Mas ele tinha uma idéia fixa em sua cabeça desde a noite da morte de Dumbledore. - Para mim, isto começou aqui, tudo isto. E justamente tenho a sensação de que devo partir. E preciso visitar as sepulturas de meus pais, ele desejava isso. E então...

- E então o quê?- Perguntou Rony.

- Então eu tenho que encontrar os Horcruxes restantes, não tenho?- Disse Harry, seus olhos postos sobre a branca tumba de Dumbledore, que refletiam as águas do outro lado do lago. Isso porque ele me procurou, isso porque ele me falou tudo sobre isso. Se Dumbledore estava certo, e eu tenho certeza que estava, existem ainda quatro deles lá fora. Eu preciso encontrá-los e destruí-los e então depois eu devo ir de encontro ao sétimo pedaço da alma de Voldemort, o pedaço que ainda permanece em seu corpo, e sou eu que deverá encontrá-lo para matar. E se eu encontrar Severus Snape ao longo do caminho...- Acrescentou. - ...Tanto melhor para mim, quanto pior para ele.

O silêncio pesava.

A multidão estava quase dispersa agora, davam os pêsames com um largo abraço na figura monumental de Hagrid, cujos suspiros ainda ecoavam através das águas.

- Temos que voltar, Harry.- Disse Rony.

- O quê?

- Para a casa de seu tio e sua tia.- Disse Rony. - E então iremos contigo, onde quer que você vá.

- Não.- Disse rapidamente Harry, ele não contava com isso, e ele pensava que eles deviam entender que ele deveria fazer só uma longa e perigosa jornada.

- Você já nos disse isso.- Disse Hermione calmamente. - Que tinha tempo para nós voltarmos atrás enquanto você também procura. Nós temos tempo, ou não temos?

- Estaremos contigo pro que der e vier.- Disse Rony. - Mas, amigo, você deve retornar à minha casa antes que a gente faça outra coisa, juntamente a papai e mamãe na Toca.

- Porquê?

- Gui e Fleur vão se casar, lembra?

Harry olhou para ele, paralisado. A idéia de qualquer coisa tão normal como um casamento parecera incrível e, entretanto, bela.

- Sim. Não devemos faltar!- Ele disse finalmente.

Sua mão se fechou automaticamente sobre o Horcruxe falso, mas apesar de tudo, apesar da obscuridade e da trajetória que se apresentava diante de si, apesar do encontro final com Voldemort que sabia que poderia estar dali a um mês, há um ano, ou em dez, sentiu seu coração elevar o pensamento de que havia, junto a Rony e Hermione, ainda um dia dourado de paz para apreciar.

= = = =